

Théo de Borba Moosburger

BRENNU-NJÁLS SAGA:
PROJETO TRADUTÓRIO E TRADUÇÃO PARA O
PORTUGUÊS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos da Tradução.
Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moosburger, Théo de Borba

Brennu-Njáls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português / Théo de Borba Moosburger ; orientador, Walter Carlos Costa - Florianópolis, SC, 2014.

442 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da Tradução. 3. Tradução literária. 4. Literatura medieval. 5. Sagas islandesas. I. Costa, Walter Carlos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Theo de Borba Moosburger

***BRENNU-NJÁLS SAGA: PROJETO TRADUTÓRIO E
TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS***

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Estudos da Tradução” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 11 de setembro de 2014.

Prof^a. Dr^a. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof., Dr. Walter Carlos Costa
Orientador e Presidente
(UFSC),

Prof^a. Dr^a. Karine Simoni (UFSC),

Prof., Dr. Robert de Brose Pires
(UFC),

Prof., Dr. Lawrence Flores Pereira
(UFSM),

Prof^a. Dr^a. Evelyn Schuler Zea
(UFSC),

Prof^a., Dr^a. Andréia Guerini
(UFSC).

AGRADECIMENTOS

De várias maneiras, várias pessoas contribuíram para que este trabalho chegasse ao fim. A todas elas, meus agradecimentos –

Agradeço a meu orientador Walter Carlos Costa, pela leitura cirúrgica dos rascunhos e sugestões fundamentais; aos membros das bancas de qualificação e defesa, por comentários e sugestões muito importantes.

Gissele Chapanski e Sérgio Augusto Kalil, por conversas instigantes, sugestões e por permitirem acesso à sua rica biblioteca. Renan Marques Birro, pelo diálogo, sugestões e por trocas de ideias frutíferas. Rodrigo Gonçalves, por sugestões valiosas de bibliografia.

Pela abertura ao diálogo, incentivo e por ser um modelo de escandinavista, agradeço à professora Patricia Pires Boulhosa. A Johnni Langer, pioneiro pesquisador de Escandinávia Medieval no Brasil, pelo interesse em meu trabalho, diálogo e generosa disponibilidade.

Ég þakka líka vinum frá Íslandi: A Marvín Dupree, pelo diálogo sobre “vikings” e por ter permitido gentilmente acesso à sua dissertação antes da publicação oficial. Também a Elísabet Kristjánsdóttir, por ajudas com a língua islandesa, e Ann-Sofie Nielsen Gremaud, por indicações de textos. Também ao islandês brasileiro (ou brasileiro islandês) Luciano Dutra, pelo diálogo, disponibilidade e interesse.

Alguns colegas professores e pesquisadores merecem meus agradecimentos, pois contribuíram, em conversas informais, em algum momento, com sugestões de bibliografia, comentários despreziosos ou observações que me levaram a reflexões importantes: Márcio Renato Guimarães, Clarissa Menezes Jordão, Otávio Luiz Vieira Pinto, José Maria Gomes de Souza Neto.

Sou grato também aos alunos das turmas de Língua e Cultura Nórdica Antiga, no CELIN-UFPR, pelo ambiente sempre maravilhoso nas aulas, interesse e conversas sobre cultura nórdica que, certamente, muito enriqueceram a experiência pessoal e acadêmica deste pesquisador. Citar todos pelo nome seria descabido, e citar uns e não outros seria indelicado.

Por fim, agradeço à minha família, em especial meu pai, Ingo, minha mãe, Lígia e meu tio Udo: sem o apoio dessas três pessoas, provavelmente esta tese não existiria.

Devo também os agradecimentos à CAPES pela bolsa durante parte do curso de doutorado.

Mythology, *n.* The body of a primitive people's beliefs concerning its origin, early history, heroes, deities and so forth, as distinguished from the true accounts which it invents later.

Ambrose Bierce, *The Devil's Dictionary*

RESUMO

A tese contém a tradução completa para o português da *Brennu-Njáls saga* (*Saga de Njáll*), obra islandesa anônima da segunda metade do séc. XIII, considerada a mais importante das sagas de islandeses (*Íslendingasögur*) e um dos expoentes da literatura escandinava medieval. Inicia-se com uma apresentação geral sobre a obra e seu contexto literário, salientando alguns aspectos relevantes de sua recepção moderna, e então, servindo-se de ideias de Lawrence Venuti e Antoine Berman, faz uma proposta de tradução estrangeirizante que almeja, por meio da escolha do texto-fonte e de estratégias tradutórias, desviar-se de algumas tendências constatáveis no contexto de recepção da tradução. Para tal, serve-se o tradutor da noção de horizonte de expectativa formulada por Hans Robert Jauss e da concepção de que o tradutor, além de mediador entre línguas e culturas, é também um autor cujo trabalho envolve elementos intuitivos e criativos. A exposição do projeto tradutório busca manifestar a posição tradutiva e o horizonte do tradutor, salientando a responsabilidade crítica envolvida no ato tradutório. A tradução estrangeirizante é aqui definida como tradução desviante de preconceções correntes acerca da cultura-fonte e da literatura-fonte no contexto de recepção, de modo que a tática de tradução estrangeirizante coloca-se como uma estratégia de ação crítica na recepção de uma literatura estrangeira.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução estrangeirizante; Sagas islandesas.

ABSTRACT

The thesis contains the complete translation into Portuguese of *Brennu-Njáls saga* (*Njal's saga*), an anonymous Icelandic work from the second half of the 13th century and considered to be the most important of the sagas of Icelanders (*Íslendingasögur*) and one of the landmarks of Medieval Scandinavian Literature. It begins with a general presentation of the work and its literary context, pointing out some relevant aspects of its modern reception, and then proposes a foreignizing translation, making use of Lawrence Venuti's and Antoine Berman's ideas. This translation aims, through the choice of the source-text and translation strategies, to deviate from some observable tendencies in the reception context for the translation. Thus, the translation employs the notion of "horizon of expectation" formulated by Hans Robert Jauss. It also suggests that a translator, besides being a mediator between languages and cultures, is also an author whose work involves creative and intuitive elements. The exposition of the translation project aims to manifest the translator's position and the translator's horizon, pointing out the critical responsibility involved in the act of translating. Foreignizing translation is here defined as a translation that deviates from current preconceptions about the source-culture and the source-literature within the reception context, so that the tactics of the foreignizing translation may be seen as a critical action in the reception of a foreign literature.

Key-words: Translation Studies; Foreignizing Translation; Icelandic sagas.

Sumário

NOTA SOBRE A PRONÚNCIA DO ISLANDÊS	15
INTRODUÇÃO	17
1. SAGA DE NJÁLL: DE ONDE ELA VEM E COMO PODEMOS VÊ-LA?.....	37
1.1. Literatura islandesa medieval ou nórdica antiga	37
1.1.1. A importância da literatura islandesa medieval	40
1.1.2. Vikings.....	45
1.1.3. A era viking	54
1.1.4. A língua nórdica antiga.....	60
1.1.5. A Islândia medieval	64
1.2. Os expoentes literários dos séculos XII e XIII.....	65
1.3. As sagas de islandeses (<i>Íslendingasögur</i>)	74
1.4. <i>Saga de Njáll</i> : uma leitura.....	81
2. A OBRA TRADUZIDA: SAGA DE NJÁLL.....	95
3. PROJETO TRADUTÓRIO E COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO	361
3.1. Por que a <i>Saga de Njáll</i> e por que estrangeirizar a tradução? 361	
3.1.1. O tradutor e a recepção	362
3.1.2. O tradutor como crítico e criador na recepção da obra 365	
3.1.3. Da escolha do texto a ser traduzido	367
3.1.4. Estrangeirização como ampliação de horizontes na recepção da obra	371
3.2. A tradução como manifestação do original.....	375
3.3. A letra medieval da <i>Saga de Njáll</i>	392
3.4. Os versos da <i>Saga de Njáll</i>	409
CONSIDERAÇÕES FINAIS	419
REFERÊNCIAS.....	425

NOTA SOBRE A PRONÚNCIA DO ISLANDÊS

Existem algumas convenções ortográficas para o islandês medieval; nenhuma delas corresponde à ortografia dos manuscritos medievais. A maioria das edições modernas de textos islandeses medievais utiliza uma ortografia antiga padronizada, mas também é comum encontrar edições em que a ortografia é modernizada segundo a norma do islandês atual. Como, nesta tese, faço constante menção à bibliografia islandesa, citando nomes de autores islandeses, mas também utilizo edições de obras medievais com a grafia antiga padronizada, forneço aqui uma indicação de pronúncia em ambos os sistemas.¹

Em ambos os sistemas, existem letras não encontradas em português. O símbolo **þ** (maiúsculo: **Þ**) tem o valor de *th* como em inglês *think*; o símbolo **ð** (maiúsculo: **Ð**) tem o valor de *th* como em inglês *mother*. As letras **þ** e **ð** são pronunciadas do mesmo modo no islandês medieval e no atual.

A letra **j** tem o valor sempre de semivogal (como o *i* em *ensaiar*), e nunca como no português ou no espanhol, em que tem sons fricativos. A letra **h** sempre marca uma aspiração. Um dígrafo como **th** ou **ph** não deve ser lido como em inglês. Assim, *Skarphedinn* deve ser pronunciado *Skarp-heðinn*.

Escrita e pronúncia medieval: No sistema ortográfico convencional para textos islandeses medievais (como as edições da série Íslenzk Fornrit, que utilizo nesta tese), as vogais **a**, **e**, **i**, **o**, **u** podem ser pronunciadas como em português, sendo sempre breves; quando acentuadas (**á**, **é**, **í**, **ó**, **ú**) são longas. A letra **y** representava um som semelhante ao *u* francês e, do mesmo modo, quando acentuada (**ý**) era longa. Os acentos agudos não devem ser lidos como indicativos de sílaba tônica. Além dessas vogais, havia também **ø** (pronunciava-se como um *o* aberto e breve), **æ** (como *e* aberto e longo), **œ** (como *ö* do alemão, sempre longo), **ø** (como *ö* do alemão, sempre breve).

Escrita e pronúncia moderna: Na pronúncia moderna, as vogais acentuadas não representam os respectivos sons alongados das

¹ Estas indicações de pronúncia não têm absolutamente qualquer pretensão de fornecer uma descrição exata dos sistemas fonológicos do islandês medieval e do islandês moderno. O único objetivo é fornecer um guia para o falante de português desconhecedor do idioma islandês que deseje pronunciar de modo minimamente apropriado os nomes encontrados ao longo da tese. Para uma introdução ao islandês medieval, ver Barnes (1999), Byock (2013), Cathey & Valfells (1981); para uma introdução ao islandês moderno, ver Einarsson (1945), Nejmman (2001).

vogais não-acentuadas. Tem-se **a** (como em português), **e** (aproximadamente como em português), **i** (semelhante ao *i* que se tem no inglês em *to live*), **o** (aproximadamente como em português), **u** (aproximadamente como em francês), **y** (igual à letra **i**, aproximadamente como o *i* que se tem em inglês em *to live*). As vogais acentuadas são **á** (como *au* em português), **é** (como *ié* em português), **í** (como *ee* em inglês), **ó** (como *ou* em português), **ú** (como *u* em português) e **ý** (como *ee* em inglês). Os símbolos **ϕ** e **ø** foram substituídos por **ö**, que se pronuncia como em alemão. Os símbolos **æ** e **œ** convergiram na pronúncia como *ai* em português, e assim **œ** deixou de ser escrito, sendo sempre grafado **æ**.

INTRODUÇÃO

O objeto central desta tese é a experiência de tradução no Brasil em c. 2010-2014 de um texto anônimo escrito na Islândia em c. 1280-1285².

Mas esse texto não surgiu do nada em 1280-1285; tampouco nos chega puro, como se transportado numa cápsula do tempo. A obra narra eventos supostamente ocorridos entre a segunda metade do séc. X e o início do XI, eventos que, de alguma forma não completamente conhecida hoje, chegaram transmutados em narrativa a um provável autor da segunda metade do séc. XIII. Esse texto (e em grande medida também o *corpus* literário a que ele pertence) ganhou enorme destaque em alguns ambientes culturais do norte da Europa no séc. XIX, e, desde então, ele passou a ser tido como um clássico da literatura universal. Essa obra é trazida a nós envolta em conceitos e valores que pairam dispersos e difusos no ambiente contemporâneo de leitura, fazendo com que sua recepção seja algo complexo e surpreendente em alguns aspectos.

O texto-fonte é, portanto, uma obra literária importante. Ela é provavelmente desconhecida do grande público brasileiro, sendo inédita em português: a *Brennu-Njáls saga* – ou, conforme traduzo o título, a *Saga de Njáll*³.

As considerações sobre a saga nesta tese são feitas com o propósito de mostrar aos estudiosos da tradução o trajeto seguido pelo tradutor, justificando os objetivos da tradução e explicitando o modo como diversas escolhas foram feitas em função da postura tradutória adotada. Trata-se da manifestação da *posição tradutória*, do delineamento do *projeto de tradução* e de seu enquadramento no *horizonte do tradutor*. Evoco aqui esses três conceitos elaborados por Antoine Berman (1995: 74-83) para a crítica da tradução. Essas três noções serviram como um norteamento no sentido de estabelecer critérios quanto ao que é relevante expor sobre a tradução posta em questão.

Embora o objetivo central seja embasar teoricamente e descrever o projeto tradutório, a obra contemplada merece destaque: a

² Adoto a datação mais consensual (cf. Sveinsson, 1954; Lönnroth, 1976; Pálsson, 1984; Cook, 2001 [1997]).

³ Ao longo da tese, a obra será referida pelo título por mim traduzido. O título em islandês mais usado é *Brennu-Njáls saga*, mas se encontra também *Njáls saga*, e é comum a designação *Njála*. Sobre o título, algumas considerações abrem o item 1.4.

despeito de críticas a aspectos ideológicos que farei, acredito que o texto possui grande valor e é digno de atenção enquanto obra de arte.

Comecemos, então, pela saga.

A *Saga de Njáll* é quase unanimemente⁴ considerada a melhor das sagas de islandeses (*Íslendingasögur*)⁵. É um exemplo apical da tradição de prosa narrativa islandesa medieval. Hermann Pálsson, em seu estudo sobre as origens e as ideias da *Saga de Njáll*, diz sobre a dimensão desta obra para a tradição literária islandesa⁶:

A criação da *Saga de Njáll* divide a história da nação [islandesa] em dois períodos; o primeiro compreende os quatro primeiros séculos e termina por volta de 1280-85, conforme se acabou de sugerir. Uma das características peculiares desse período é que a nação vive então com uma completa ausência da *Saga de Njáll*, e qualquer um que empreenda pesquisas sobre ela não deve se esquecer de que o seu autor cresceu num país desprovido da *Saga de Njáll*.⁷ (1984: 15)

Pode-se dizer, de certo modo, que a *Saga de Njáll* está para a literatura islandesa mais ou menos como o *Don Quixote* está para a literatura espanhola e a *Divina Comédia* para a italiana. Se não é a obra fundadora, é, seguramente, o maior exemplo do gênero fundador: as sagas.

Em seu clássico *Um íslenzkar fornsögur* [Sobre as antigas sagas islandesas], Sigurður Nordal assinala, a propósito da *Saga de Njáll* (que considera o ápice da arte narrativa islandesa):

O autor dessa obra é, como Stephan G. Stephanson chamou Shakespeare, um “ladrão”, que toma para si assuntos de todos os lados, utiliza escritos mais antigos como lhe

⁴ Cf. Clover & Lindow, 1985: 288; Andersson, 2006: 183; Ólason, 2006: 134.

⁵ As “sagas de islandeses” (*Íslendingasögur*) são uma categoria específica (ou gênero) de sagas, e o termo não deve ser tomado como sinônimo de “sagas islandesas”. Há inúmeras sagas islandesas (sagas escritas na Islândia), entre as quais um grupo específico de textos denominado *Íslendingasögur*. Sobre as sagas em geral, ver. 1.2; sobre as sagas de islandeses, ver 1.3.

⁶ Todas as citações de bibliografia em língua estrangeira são feitas em traduções minhas no corpo da tese, com os respectivos trechos originais fornecidos em notas de rodapé.

⁷ Sköpun *Njála* skiptir sögu þjóðarinnar í tvö tímabil; hið fyrra tekur yfir svo sem fjórar fyrstu aldirnar og lýkur í námunda við árin 1280-85, eins og þegar hefur gefið í skyn. Eitt af sérkennum þessa tímabils er að þjóðin býr þá við algert Njálu-leysi, og ætti enginn sem fæst við rannsóknir á henni að láta sér úr minni liða, að höfundur hennar ólst upp í Njálu-lausu landi.

convém, grande em suas virtudes e em seus defeitos, em sua força e sua fraqueza, frequentemente não observa moderação em sua compaixão e antipatia, convencional em algumas descrições (a viagem viking de Gunnarr, entre outras), falível ao dar argumentos para a causa de grandes eventos (homicídio de Hǫskuldr), ávido pelo impactante e sensacional, e, por vezes, no modo de expressão contagiado por sua contemporaneidade, logo antes de ter início a súbita decadência, – e, apesar de tudo isso, um dos maiores estilistas, mestres da narrativa e conhecedor do humano de todos os tempos. (Nordal, 1968: 152)⁸

A simples tradução desta obra importante e volumosa, precedida de estudo crítico e acompanhada de comentários históricos, literários e textuais, preencheria os requisitos de uma tese em estudos escandinavos ou literatura islandesa. Para tal, a tese deveria apresentar um estudo da obra e de seu contexto histórico-literário, e a tradução se circunscreveria aos horizontes de um trabalho de crítica textual, em que todas as edições relevantes do texto islandês fossem levadas em consideração. No entanto, como dito de partida, esta tese insere-se no âmbito das discussões sobre tradução literária, sendo fruto de um estudo desenvolvido num programa de Estudos da Tradução. Assim, sobrepondo-se à elaboração da tradução como parte de um estudo da obra, impõe-se o objetivo de embasar teoricamente e descrever o projeto tradutório e de justificar algumas questões centrais que permearam a escrita da tradução, de modo a contribuir para as discussões teóricas na área dos Estudos da Tradução.

Não obstante, a saga islandesa e a riqueza das discussões históricas e literárias que a circundam obrigam-me a ampliar o foco da teorização e da metodologia tradutórias, adotando algo da abordagem filológica tradicional. Isso não se deu, inicialmente, sem o risco de transformar o trabalho em algo que ultrapassasse em muito as medidas de uma tese: trata-se de uma tese de dupla natureza, filológica e tradutológica. Por esse motivo, ainda que tenha buscado munir-me de considerável aparato crítico sobre a *Saga de Njáll* e o universo

⁸ Höfundur þessa verks er eins og Stephan G. Stephansson hefur kallað Shakespeare, „ræningi“, sem sækir sér efni úr öllum áttum, nýtir eldri sagnarit eins og honum hentar, mikill í kostum sínum sem göllum, mætti sínum og veikleika, gætir stundum ekki hófs í samúð sinni og andúð, vanabundinn í sumum lýsingum (víkingaferð Gunnars o. fl.), skeikull við að rökstyðja tildrög stórvíðburða (víg Höskulds), fikinn í hið áhrifamikla og æsilega, og að þessu leyti og einstaka sinnum í orðalagi smitaður af samtíð sinni, rétt áður en bráð hnignun hefst, – en þrátt fyrir allt þetta einhver mesti stílsnillingur, frásögumeistari og mannþekkjari allra tíma.

histórico-literário islandês e nórdico antigo, não levei isso às últimas consequências, e não executei um trabalho exaustivo nessa direção. Basicamente, a bibliografia sobre a *Saga de Njáll* e seu contexto que consultei é de língua inglesa e islandesa.

Do mesmo modo, a problematização central aqui diz respeito a questões literárias, isto é, privilegia uma apreciação estética do texto e a elaboração de um projeto tradutório capaz de colocar em evidência elementos relacionados à língua e ao estilo (à *letra*) em função de considerações sobre aspectos culturais e ideológicos que envolvem o contexto de recepção. Assim, optei por não me embrenhar no problema complexo da preservação da saga, seus manuscritos e edições, pois isso alongaria desmesuradamente a pesquisa⁹. Para elaborar a tradução, optei pela consagrada edição de Einar Ólafur Sveinsson (1954), publicada na série *Íslenzk Fornrit*. Ainda que passível de críticas devido à aplicação de conceitos filológicos hoje questionados (o texto impresso no livro não corresponde a um manuscrito específico, mas é resultado de meticulosa comparação de variantes manuscritas emendadas e coladas), as edições da série *Íslenzk Fornrit* permanecem referências obrigatórias e, no caso de várias sagas, são consideradas pelos especialistas como as melhores edições existentes. É este o caso da *Saga de Njáll*¹⁰. Elas oferecem, além disso, um valiosíssimo aparato de notas explicativas, índices, mapas, e longas introduções. Além da edição de Sveinsson, consultei também a edição escolar de Örnólfur Thorsson (1996), que conta com uma introdução de Svanhildur Óskarsdóttir e uma didática e útil introdução ao mundo das sagas de islandeses, redigida por Sverrir Tómasson e Örnólfur Thorsson.

A *Saga de Njáll* possui algumas traduções para o inglês, e já foi traduzida para diversos outros idiomas também, entre os quais o latim, o alemão, o francês, o italiano, o espanhol e as demais línguas escandinavas modernas. Das traduções para o inglês, consultei principalmente duas, a recente versão de Robert Cook (que, como eu, traduziu a partir da edição de Sveinsson) e a tradução de Bayerschmidt

⁹ Informações introdutórias sobre essas questões podem ser encontradas no *site* do projeto “The Variance of Njáls saga”: <http://njalssaga.wordpress.com/> (acesso em setembro de 2014). Ver também: Sveinsson, 1954: CXLIX-CLXII. A *Saga de Njáll* é preservada em muitos manuscritos (o que demonstra a popularidade da obra na Idade Média) e há considerável variação entre eles. A primeira edição da saga (*Sagan af Níáli Þorgeirssyni ok sonum hans*) foi feita por Olaus Olavius e dada a lume em Copenhague (1772).

¹⁰ Como observa Svanhildur Óskarsdóttir (1991: vii), a edição de Einar Ólafur Sveinsson é “confiável e cuidada”, “mas ainda carecemos de uma edição científica da *Saga de Njáll* que satisfaça os requisitos atuais para uma obra como ela” (... er sú útgáfa traust og vönduð. Enn skortir þó vísindalega útgáfa á Njálu sem stenst þær kröfur sem nú eru gerðar til slíkra verka).

& Hollander. A tradução latina de Jón Johnsonius foi-me útil, sobretudo na escolha de alguns vocábulos.

As traduções para o inglês serviram para iluminar minha leitura e interpretação de alguns pontos mais difíceis da saga, especialmente alguns trechos com discursos na assembleia, em que há terminologia jurídica, e algumas outras passagens mais obscuras (como versos).

Além desses livros, dois contatos com a *Saga de Njáll* foram importantes para moldarem minha leitura do texto: um deles foi ter visitado, em 2012 (enquanto traduzia a saga), vários dos lugares onde a saga é ambientada. Caminhar por Hlíðarendi, por Bergþórshváll (em islandês moderno: Bergþórshvoll) e pelas planícies do Alþing fez com que eu percebesse coisas na saga que não havia percebido antes. O segundo contato foi a fruição puramente auditiva da *Saga de Njáll*, com que pude perceber melhor a dinâmica da dicção e do estilo da narrativa. Se não pude jamais escutar alguém lendo a saga numa noite de inverno numa fazenda na Islândia, como fizeram os islandeses por séculos desde a Idade Média¹¹, a tecnologia digital me possibilitou comprar a *Saga de Njáll* em audiolivro e escutá-la repetidas vezes, lida por Hallmar Sigurðsson. Essa fruição do texto, essa sensibilização para a saga vocalizada, é um dado importante na metodologia deste projeto tradutório, em vista principalmente da apreciação estética que proponho, na qual levo em consideração aspectos de oralidade da literatura medieval.

Esta tese é, sob vários aspectos, uma continuação de minha dissertação de mestrado (2008)¹². Com a tradução do poema bizantino *Digenis Akritis*, intentei levantar questionamentos que pudessem servir para iluminar a tradução de textos vernáculos europeus medievais para o português contemporâneo. Levando em consideração alguns traços característicos que se constataem em diversos textos, relativamente coevos e redigidos em idiomas diversos, defendi que o português atual, a despeito da dificuldade para acolher muito do estilo medieval, pode reproduzir algo da *letra* (nos termos definidos por Antoine Berman)

¹¹ Cf. Hermann Pálsson, 1962.

¹² Faço menção a alguns trabalhos meus, pois há uma dialogia entre esta tese e meu trabalho precedente com o *Digenis Akritis* e minhas traduções de sagas publicadas em 2007 e 2009: saliento um percurso, sem o qual algumas questões teóricas aqui abordadas poderão ficar obscurecidas. Sigo aqui o exemplo de Antoine Berman: “Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da experiência e da reflexão” (2007: 17). O enfoque que proponho nesta tese é a descrição e a análise de uma experiência multifacetada que envolve: leitura; observação de um contexto cultural receptor; análise crítica; criação retexualizadora.

daquelas obras representativas do despertar das modernas literaturas europeias.

A literatura vernácula medieval constitui um rico e pouco explorado material para investigação e experimentação dentro do campo dos Estudos da Tradução, devido, ao menos, a dois aspectos: 1) é constituída por textos com características formais bastante distintas dos padrões modernos e clássicos de escrita, o que, dentro de um processo de tradução bermaniano, ou em que, na visão proposta por Schleiermacher, o tradutor “deixa o autor em paz e leva o leitor até ele” (Schleiermacher: 43), força os limites da aceitabilidade estilística na língua-alvo e, 2) tratando-se muitas vezes de obras de importância capital para a identidade nacional e ocupando posições de destaque dentro dos *corpora* literários das línguas em que foram elaboradas, sua presença ou ausência em cânones literários estrangeiros e o modo como são manipuladas em traduções manifestam com clareza a problemática da representação de culturas estrangeiras abordada por Lawrence Venuti:

A tradução exerce enorme poder na construção de representações de culturas estrangeiras. A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones peculiarmente domésticos de literaturas estrangeiras, cânones que se conformam a valores estéticos domésticos e, portanto, revelam exclusões e admissões, centros e periferias que se desviam daqueles correntes na língua estrangeira. (Venuti, 1998: 67)¹³

Além de dar sequência ao empreendimento iniciado na dissertação de mestrado, esta tese é também um desenvolvimento e, em alguns pontos, a reelaboração de um trabalho com literatura islandesa medieval que comecei a desenvolver há cerca de sete anos, quando publiquei a tradução de três breves sagas islandesas (2007).

A literatura islandesa antiga, especialmente as diversas sagas e as duas *Eddas*, ainda que pertencentes a um contexto cultural visto por muitos como marginal e exótico, goza de grande prestígio e atrai mais

¹³ Translation wields enormous power in constructing representations of foreign cultures. The selection of foreign texts and the development of translation strategies can establish peculiarly domestic canons for foreign literatures, canons that conform to domestic aesthetic values and therefore reveal exclusions and admissions, centers and peripheries that deviate from those current in the foreign language.

leitores do que se poderia esperar. Com base em minha experiência¹⁴, arrisco afirmar que, no Brasil, o interesse pela literatura islandesa medieval muitas vezes está relacionado ao interesse pela história dos vikings e, sobretudo, por representações deles e de seu universo na cultura popular, ou pelo contato com a literatura infanto-juvenil de Tolkien. Além disso, um entusiasmo pela mitologia nórdica, ou pelo ocultismo germânico e neopaganismo escandinavo, costuma motivar o interesse pela cultura da Escandinávia medieval. Um desses fatores, ou a conjunção de alguns deles, talvez explique a popularidade de obras islandesas medievais no mundo anglófono e germânico; explica também o interesse que elas têm despertado no Brasil.

Não desejo criticar a recepção popular desse universo cultural pelo simples fato de ser ela popular, muito menos adotar uma postura elitista com relação ao conhecimento histórico e a apreciação literária. Considero as releituras modernas um fator vivificante para as tradições antigas, pois abrem portas para acessá-las e geram interesse por obras pertencentes a outras épocas. Entretanto, no caso do universo cultural nórdico antigo, tenho algumas ressalvas que pretendo salientar nas linhas que se seguem, pois elas contribuem ativamente para o enfoque de tradução aqui adotado. Meu questionamento é este: o tradutor é uma espécie de observador neutro, que deve apenas compreender o contexto de recepção para satisfazê-lo, ou é responsável e *agente* na recepção? É reescritor “a serviço do poder”, como diz Lefevere (2007 [1992]: 11), ou pode assumir seu poder de crítico e criador, até mesmo rebelando-se contra o poder¹⁵? A estratégia de estrangeirização que proponho passa, necessariamente, por esta indagação¹⁶.

¹⁴ Esta experiência diz respeito a alguns anos em que ministrei um curso de introdução ao nórdico antigo no CELIN-UFPR, contatos com colegas da área de História, críticas e comentários recebidos por leitores de minhas traduções de sagas e pesquisas em páginas da internet. Em 3.1 retomarei esses dados, que constituem o que podemos chamar *horizonte de expectativa* do contexto de recepção doméstico. Saliento essas questões pois elas agem diretamente sobre a *posição tradutória*.

¹⁵ Conforme tentarei mostrar, o “poder” no caso da literatura islandesa medieval está antes em culturas mediadoras do que no contexto de produção original. Refiro-me aqui ao poder da massa de textos e de um conhecimento crítico gerado na Modernidade.

¹⁶ A noção de estrangeirização adotada, na concepção geral, é aquela formulada por Venuti, mas com a necessária transposição: Venuti reflete sobre estrangeirização em função de uma língua-alvo cultural e economicamente dominante com relação às línguas-fonte, e propõe que a tradução seja um exercício de descentralização. No caso de uma saga islandesa, utilizo a ideia de estrangeirização como estratégia de desvio de concepções gerais prevalentes no contexto doméstico sobre a cultura-fonte (Islândia medieval), concepções essas que se devem grandemente ao papel de culturas mediadoras (aquelas que se apropriaram da literatura islandesa medieval e que detêm a produção de bens culturais consumíveis): pensando que o

Dentro disso, abordarei dois aspectos importantes que certamente influenciam a recepção de um texto literário islandês medieval, os quais considero os dois grandes mitemas existentes no horizonte de expectativa de um potencial público receptor de textos islandeses medievais no Brasil¹⁷: o “mundo viking” e o “mundo pagão”¹⁸. Há um conjunto enorme de representações e fenômenos culturais associados a essas duas ideias que predisõem o modo como se pode ler um texto islandês medieval¹⁹. Vikings estão na moda (vide bandas de rock, *games*, jogos de RPG, filmes comerciais, seriados de televisão, literatura ocultista etc.), o que se constata facilmente em comunidades on-line²⁰.

Como observa Venuti,

a recepção de um texto é formada menos decisivamente por suas qualidades intrínsecas do que pelas identidades culturais e sociais de seus leitores, as diversas suposições e

ambiente de recepção doméstico está vibrando numa frequência, desejo dessintonizar o texto-alvo de concepções estereotipadas sobre a cultura-fonte.

¹⁷ A popularidade do universo “viking” pode ser facilmente constatada com buscas simples em sites de livrarias internacionais com palavras como: “vikings”, “norse”, “sagas”, “runes”. A produção acadêmica, popularizadora relacionada a tudo que diz respeito a vikings e Escandinávia é marcante em língua inglesa. Mais recentemente, a moda chegou a nosso país, e é visível a proliferação de publicações sobre o assunto.

¹⁸ Não estou colocando em questão a realidade histórica “vikings” e “mundo pagão”, mas sim o modo como isso é recebido sob a forma de representações modernas preenchendo o imaginário de grande parte do contexto receptor. Sobre vikings, era viking, religião pré-cristã etc. enquanto realidades históricas, existem estudos acadêmicos. Mas, paralelamente, existe um acúmulo de conceitos gerados em décadas e séculos passados sobre o assunto que se manifestam de diversas formas (ficção popular, artes visuais, ocultismo, cinema etc.).

¹⁹ Assumindo a posição de autor do texto-alvo, tenho em mente aqui o que nos diz Jauss sobre o horizonte de expectativa que um autor contempla ao engendrar sua obra: “(...) a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. Esse terceiro fator inclui ainda a possibilidade de o leitor perceber uma nova obra tanto a partir do horizonte mais restrito de sua expectativa literária, quanto do horizonte mais amplo de sua experiência de vida.” (Jauss, 1994 [1967]: 29-30) Esse horizonte mais amplo, no caso de um contexto receptor que provavelmente nunca leu a *Saga de Njáll*, é, naturalmente, o tipo de vinculações imagéticas e conceituais que se faz *a priori* com base na experiência prévia com representações do suposto contexto original da obra.

²⁰ Pesquisas simples por palavras como “odinismo”, “vikings”, “paganismo”, “Ásatrú”, “viking metal” Týr”, “runas” etc., revelarão um mundo de conhecimentos alternativos sobre a Escandinávia medieval que opera paralelamente ao contexto acadêmico.

expectativas, interesses e habilidades que eles trazem à sua interação com o texto. (Venuti, 2008: 28)²¹

Pensar que esse imaginário de grande apelo não torna o momento propício para traduzir sagas islandesas seria ingenuidade. Mas, por outro lado, essa mitologia moderna acaba estereotipando o período histórico em que se ambientam as sagas e pode, também, dificultar a percepção de características literárias dessas obras, na medida em que essas características podem ser rejeitadas na recepção. Pensa-se numa saga e é provável que a maioria dos potenciais leitores brasileiros traga à mente as ideias: “mundo viking”, “mundo pagão”. Note-se que essas perífrases, atualmente, possuem uma conotação positiva para a maioria, o que deixa uma análise literária de uma saga islandesa, produzida num contexto letrado cristão, por si só algo que esbarra em predisposições de um potencial público receptor. Em resumo: uma saga islandesa é muito mais do que “vikings pagãos”. Seus autores, assim como grande parte de seus personagens, não foram nem vikings nem pagãos.

Além desse ambiente geral, há indivíduos que encaram a literatura islandesa medieval como uma espécie de “literatura religiosa”. Tal uso dessa literatura é uma prática arbitrária moderna, e não condiz com o seu contexto de recepção original na Islândia do séc. XIII. Há algumas décadas, o neopaganismo ressurgiu na Europa, e teve ecos nos EUA²². Heather O’Donoghue faz uma análise crítica da recepção

²¹ the reception of a text is shaped less decisively by its intrinsic qualities than by the cultural and social identities of its readers, the varying assumptions and expectations, interests and abilities they bring to their interaction with the text.

²² Como salienta Schnurbein (2003; 2013), há grupos neopagãos que têm se esforçado por afastar-se do rótulo de nacionalismo e racismo, enquanto outros são deliberadamente identificados com tais conceitos. O estudo de Mattias Gardell (*Gods of the Blood: Pagan Revival and White Separatism*, 2003) é uma introdução aprofundada aos grupos neopagãos e suas ideologias de extrema-direita; o estudo de Gregorius (2006) apresenta o grupo neopagão *Algermanische Heidinische Front* (Frente Pangermânico Pagão), liderado pelo popular cantor norueguês Varg Vikernes, que incendiou igrejas e cometeu assassinato. O estudo de Karla Poewe (*New Religions and the Nazis*, 2006) apresenta uma série de movimentos religiosos (cristãos e neopagãos) que fizeram parte do pensamento *völkisch* e existiram durante o regime nazista. Para Poewe, o anticristianismo e o racismo no contexto neopagão no contexto romântico e nacional socialista foi uma manifestação extrema do antijudaísmo: “European neo-paganism sees itself as the restorer of all that it claims Christianity removed from European life and thought, that is, human godliness, the seamless unity of religion and science, and the harmony of human beings with the environment. To neopagans, human beings are the measure of all things. There is no single God, any more than there is one truth, nor one humanity (...). The unnatural things (Unnatur) that burn in the soul of the Hurrer (Jews), the valley of suffering (Jammertal) from which they emerged and into which they turned the world, is rejected (...).” (Poewe, 2006: 152). Os trabalhos de Heather O’Donoghue (2007a; 2007b) fazem uma

moderna da mitologia nórdica, abordando questões consideradas tabu, como nazismo e racismo (conceitos, infelizmente, associados com frequência à mitologia nórdica na Modernidade). Sobre o neopaganismo e sua relação com ideologias e a literatura islandesa medieval, a autora diz:

Pode-se dizer que apenas os grupos de mais extrema direita promovem inalterados os objetivos e as crenças do Nacional Socialismo, mas aspectos de ariosofia, notadamente suas ideias anticristãs, ocultistas, de supremacia racial e *völkische* podem ser traçadas muito amplamente. Grupos como *Wotansvolk*, *Odinic Rite*, *Ásatrú* e *Forn Sed*, conquanto sejam muito diferentes em suas crenças e apresentação, são todos baseados em algum tipo de nacionalismo nórdico ou germânico. O núcleo de sua convicção nacionalista é que seus membros pertencem a uma comunidade que uma vez teve uma verdadeira coesão – uma “idade de ouro”, quando ideais e práticas não haviam sido degeneradas e que devem, de algum modo, ser recuperados. **Para todos eles, a literatura nórdica antiga é a expressão antiga dessa comunidade imaginada, donde sua importância.** Retornar ao “costume antigo” (tradução literal do nome sueco *Forn Sed*) ou venerar os *Æsir* (*Ásatrú* significa “a fé dos *Æsir*”) é reconectar-se com suas supostas origens ancestrais – ou raça. (O’Donoghue, 2007a: 176 – grifo meu)²³

apresentação das questões ideológicas associadas a neopaganismo e ocultismo nórdico. É digno de menção um recente texto de Alaric Hall, da Universidade de Leeds, sobre manifestações neopagãs no *Facebook* (Hall, 2014), disponível em <http://www.publicmedievalist.com/bestiary-facebook/> (acesso em agosto de 2014). O texto de Reid & Rabinovitch (2009) aborda pouco os aspectos ideológicos que a bibliografia supracitada enfatiza. É óbvio que rótulos de “ultra-nacionalismo” e “racismo” podem se aplicar a indivíduos e grupos não associados ao revivalismo pagão: existem grupos de extrema direita com discurso cristão, ou sem vinculação religiosa. Como apontam Junginger & Åkerlund (2013), os recentes extremismos racistas e nacionalistas na Europa muitas vezes estão associados a uma ideia de guerra santa, principalmente em vista do aumento de comunidades islâmicas em países europeus. Trata-se de um fenômeno social complexo que não deve ser projetado de maneira simplista para a realidade social brasileira. Cabe assinalar que as manifestações de extrema-direita no Brasil imbuídas de concepções cristãs não parecem ter relação com a recepção do imaginário nórdico antigo no nosso contexto.

²³ Only the most extreme far-right groups can be said to promote unchanged the beliefs and aims of National Socialism, but aspects of ariosophy, notably its anti-Christian, occult, racial supremacist and *völkische* ideas, can be traced very widely. Groups such as *Wotansvolk*, *Odinic Rite*, *Ásatrú* and *Forn Sed*, while being very different in their beliefs and presentation, are all based on some sort of Nordic or Germanic nationalism. The core of their nationalist conviction is that their members belong to a community which once had true cohesion – a ‘golden age’, when ideals and practices had not degenerated, which has been lost and must

Sobre a ideologia *völkisch*²⁴ e suas relações com estudos de cultura nórdica antiga, Bernard Mees (2000) conclui que

o modo como o pensamento *völkisch* invadiu disciplinas como os estudos nórdicos antigos na Alemanha nos anos 1920 e 30 é bem o que se pode esperar de uma ideologia coerente; e a continuidade desse pensamento no comparativismo do academicismo pós-guerra de De Vries, Dumézil, Trier e Höfler sublinha novamente a consistência que se pode encontrar no pensamento fascista e palingenético e sua busca por continuidades enraizadas e utopia ancestral. (Mees, 2000: 326)²⁵

Uma vez que, no Brasil, esse fascínio pela mitologia nórdica é perceptível, coloca-se por si só a pergunta: que ideologias estão associadas direta ou indiretamente ao fenômeno em nosso país?²⁶ Responder à pergunta está absolutamente fora do escopo desta tese, mas cabe mencioná-la.

A questão aqui é parte das problematizações sobre recepção do universo cultural escandinavo, mitologia nórdica e literatura islandesa medieval, mais especificamente. Dos fatores mencionados por O'Donoghue, problematizo um, que, para muitos, não é tabu: o anticristianismo²⁷. Este dado está relacionado à recepção da literatura islandesa medieval, conforme será exposto em 1.1. Como se verá, isso é de importância para o modo como se pode avaliar esteticamente uma

somehow be recovered. For all of them, Old Norse literature is the ancient expression of this imagined community, hence its importance. To go back to 'the old ways' (a literal translation of the Swedish name Forn Sed) or to worship the Æsir (Ásatrú means 'the faith of the Æsir') is to reconnect with one's supposed ancestral origins – or race.

²⁴ Para uma introdução à noção *völkisch*, ver Puschner, 2013.

²⁵ the manner in which *völkisch* thought intruded into disciplines such as Old Norse studies in Germany in the 1920s and 30s is very much what is expected of a coherent ideology; and the continuity of this thought in the comparativism of the post-war scholarship of De Vries, Dumézil, Trier and Höfler underlines again the intellectual consistency to be found in fascist, palingenetic thought and its search for rooted continuities and ancestral utopia.

²⁶ Deve-se ter em mente que questionar as ideologias implícitas num movimento ou num ambiente cultural mais amplo não significa acusar indivíduos que, por razões pessoais variadas, podem engajar-se em grupos ou aderir a sistemas de crença. Como observa Stefanie v. Schnurbein (2013: 240), em seu estudo sobre Ásatrú contemporânea, “devemos distinguir entre convicções políticas de indivíduos e o potencial ideológico de certas ideias ou padrões de pensamento” (we thus need to distinguish between political convictions of individuals and the ideological potential of certain ideas or thought patterns).

²⁷ Deve-se salientar que anticristianismo não é sinônimo de antirreligiosidade nem de ateísmo, nem de posicionamento contrário a usos ideológicos e extremismos cristãos.

saga: dizer que uma saga é cristã tem relação com o papel do letramento na constituição dela como obra, e não se trata de sugerir que ela seja superior por conter uma doutrina cristã. O cristianismo, nesta tese, tem uma dimensão fundamental: ele constitui um dado muito importante do *horizonte de expectativa* original da saga na Islândia do séc. XIII.

O que me interessa nesta tese é a maneira como um ambiente cultural em que a mitologia nórdica é exaltada (e assim o cristianismo tende a ser rejeitado) opera enquanto contexto receptor de um imaginário cultural escandinavo medieval. Acredito que este imaginário pode condicionar ou predispor o modo como textos islandeses medievais são recebidos em comunidades específicas do contexto cultural brasileiro.

A atitude do pesquisador com relação ao fenômeno religioso *per se* (sistemas de crenças, construções identitárias de indivíduos e grupos, etc.) é de total desinteresse, sendo esse fator absolutamente irrelevante para a problematização aqui proposta. Procurei identificar aspectos axiológicos envolvidos na crítica, recepção e tradução literárias, fenômenos que são melhor entendidos em um contexto social e cultural mais amplo²⁸.

Por outro lado, o surgimento visível de um interesse por vikings e pela mitologia nórdica no Brasil pode indicar outros aspectos de nosso contexto cultural. Se a recepção de um universo imagético (textual e audiovisual, ou mesmo conceitual) é uma construção de significados projetada sobre esse universo, então essa construção se dá, naturalmente, em função de um preenchimento de expectativas e de necessidades do contexto receptor.

Horst Junginger e Andreas Åkerlund apontam algo que talvez não seja evidente: nossa era está sendo marcada por uma espécie de

²⁸ A dimensão sociológica da tradução é uma questão que merece ser considerada. Como observa Michaela Wolf (2007: 1), “Any translation, as both an enactment and a product, is necessarily embedded within social contexts. On the one hand, the act of translating, in all its various stages, is undeniably carried out by individuals who belong to a social system; on the other, the translation phenomenon is inevitably implicated in social institutions, which greatly determine the selection, production and distribution of translation and, as a result, the strategies adopted in the translation itself. (...) The social function and the socio-communicative value of a translation can best be located within the contact zone where the translated text and the various socially driven agencies meet. These characteristics of a translation can be revealed through a complex description of the relations that exist between the author of the text, the transfer agencies, the text, and the public in their societal interlacements.”

obsessão pela Escandinávia²⁹. Os organizadores do livro sobre “ideologia nórdica” observam:

Num nível menos dramático e muito longe de violência com base religiosa, mitos do Norte também predominam na cultura de nossos dias, onde normalmente aparecem sob a forma de idealizações românticas do Norte. A limpeza e naturalidade da paisagem e do povo escandinavos não são apenas citados por folhetos de agências de turismo, mas ganharam aceitação ampla, quase global. O sistema de saúde escandinavo continua sendo apreciado como um símbolo da solidariedade nórdica e como um modelo de como uma comunidade de povo saudável (wholesome folk community) poderia e deveria funcionar. Outros exemplos podem ser adicionados a gosto. Não há nada errado com uma predileção particular por literatura nórdica, jazz nórdico ou filmes policiais nórdicos, mesmo se essas preferências são acompanhadas de um elemento de ressentimento por outras formas de filme, música e literatura. Se formos honestos conosco, teremos de admitir que nossa própria mentalidade não é sempre tão livre de preconceções quanto gostamos de imaginar. Preferências individuais pelo que as pessoas gostam de rotular “nórdico” deveriam, assim, ser aceitas como não-problemáticas, mas não sem questionamento, já que é difícil discernir uma linha clara onde a inclinação tolerável termina e os questionáveis preconceitos começam. Muito antes do advento do fascismo, inúmeros mitos e ilusões conectados ao Norte floresceram por toda a Europa em vários ramos das artes, bem como no turismo e em promoções de venda, sem grandes efeitos adversos. (Junginger & Åkerlund, 2013: 3)³⁰

²⁹ Essa obsessão pela Escandinávia pode ser vista em vários âmbitos. Recentemente o *British Museum* organizou uma exposição sobre vikings, que teve um grande apelo popular. Conforme notícia veiculada na *Gazeta do Povo* de Curitiba (14 de abril de 2014), “a exposição ocorre num momento em que as Ilhas Britânicas são varridas pela ‘escandinomania’” (Bennhold, 2014: 8).

³⁰ On a less dramatic level and far away from religious-based violence, Northern myths also prevail in our present day culture, where they normally appear in the form of romantic idealisations of the North. The clearness and naturalness of the Scandinavian landscape and people are not only cited by the leaflets of tourist agencies but have found widespread, almost global, acceptance. Scandinavia’s welfare system continues to be appreciated as a symbol of Nordic solidarity and as a model of how a wholesome folk community could and should function. Other examples may be added to the one’s liking. Nothing is wrong with a particular predilection for Nordic literature, Nordic jazz or Nordic crime movies even if those preferences come along with an element of resentment toward other forms of film, music and literature. If we are honest to ourselves, we have to concede that our own mindset is not

É notável (o que me parece confirmar a crítica de Junginger e Åkerlund) o modo como se encontram referências à Islândia como um local especial, puro (cultural e racialmente)³¹. A essa espécie de *Zeitgeist* pode-se, talvez, atribuir parte da popularidade da mitologia nórdica no Brasil. Esses aspectos, num trabalho com literatura islandesa medieval, parecem-me dignos de atenção.

Esta tese não tem como objeto um estudo de ideologias, mas o tradutor de uma obra islandesa medieval pode ser também um crítico dessa obra e de sua história de recepção. Uma obra islandesa medieval tem uma história de recepção moderna carregada de ideologia. A massa de produção textual e audiovisual sobre essa literatura e seu universo cultural, se acessada de maneira acrítica, pode ocultar armadilhas. Quando me refiro a vikings e paganismo questionando aspectos ideológicos, o foco de minha indagação recai apenas sobre a recepção desses dois conceitos *em função* da recepção da literatura islandesa medieval na Modernidade.

Não pretendo aqui tratar diretamente de mitologia e religião, mas isso concerne ao meu projeto de tradução, e convém declarar a minha posição com relação ao objeto de estudo, que é a obra literária e seu universo: como será exposto no capítulo 3, na medida em que este

always as free of bias as we like to imagine. Individual preferences for what people like to label “Nordic” should therefore be accepted as unproblematic, but not without question, as it is difficult to differentiate a clear line where the tolerable inclination ends and the questionable preconceptions start. Well before the advent of fascism, plenty of myths and illusions connected with the North flourished all over Europe in various branches of the arts as well as in tourism and sales promotion without exceedingly adverse effects.

³¹ Com relação à “pureza” da Islândia, é nítido como esse conceito é vivo. O dicionário de Zoega (1910) vem sendo constantemente reimpresso pela Dover, e, na contracapa da brochura (edições do século XXI), temos este texto: “Because of its geographical isolation, Iceland remains, culturally, the purest of Scandinavian nations.” O texto da contracapa, naturalmente, é política editorial, e serve para exemplificar o que potenciais consumidores de um dicionário de islandês podem considerar atrativo nessa língua. Podemos observar também o popular guia turístico *Rough Guide to Iceland*, de 2013, que exemplifica alguns aspectos apontados por Junginger & Åkerlund. Os autores do guia, Leffman & Proctor (sic), fazem algumas observações sobre pureza. “Historically, the **Icelanders** have a mix of Nordic and Celtic blood, a heritage often held responsible for their characteristically laid-back approach to life.” (Leffman & Proctor, 2013: 4 – destaque dos autores) Percebe-se aqui a vinculação entre raça e características morais. Num outro ponto, o termo “puro”, contraposto a “imigração”, salta aos olhos: “Thanks to the existence of countless medieval documents, many Icelanders can trace their ancestors back to the time of the **Viking settlement**, around 800 AD. Low **immigration** over the centuries means that today’s Icelanders have one of the purest gene pools in the world, providing an invaluable research opportunity for scientists.” (Leffman & Proctor, 2013: 8 – destaques dos autores) São apenas alguns exemplos, que podem ser ampliados com observações atentas em redes sociais e pesquisas em blogs.

projeto tradutório assume que a tradução costuma propor uma imagem da cultura-fonte e intervir na constituição do cânone de uma literatura estrangeira, tanto pela seleção de textos como pela manipulação textual e paratextual deles, o discurso metatradutório envolve a manifestação e a explicitação de um olhar sobre o universo em que se inserem esses textos. Esse universo é multifacetado: por isso, algumas observações pontuais sobre mitologia e religião serão necessárias em 1.1, onde também discuto alguns aspectos relevantes da noção de vikings.

A nossa recepção da cultura escandinava medieval é muito mediada pelo contexto cultural anglófono, e pode-se observar, como dito acima, que o público doméstico receptor de sagas islandesas, muitas vezes, tem seu interesse associado a aspectos da cultura escandinava medieval apresentados tanto pela produção midiática (principalmente anglófona) quanto por revivalismos da religião nórdica antiga e ocultismo nórdico.

Mais concretamente, dentro deste projeto de tradução estrangeirizante, proponho deslocar a tão explorada imagem de um “mundo viking”, “mundo pagão” salientando algo central da *Brennu-Njáls saga*: um questionamento social, legal, espiritual e filosófico – um questionamento humano. O contexto de produção e recepção original dessa obra é cristão, a despeito de, pelo caráter historicizante pressuposto pelo gênero das sagas, elementos pré-cristãos preencherem diversas passagens dela. Esses aspectos são analisados em 1.4; no capítulo 3, será explanado o modo como isso se manifesta no processo de retextualização.

Pode-se perguntar: de onde surgiu meu interesse pelo universo literário islandês medieval? Pelo fato de este trabalho com as sagas islandesas ter sido desenvolvido por mim de maneira independente na qualidade de pesquisador autônomo (meus estudos e minhas atividades acadêmicas oficiais sempre foram na área de grego), e numa área de conhecimento ainda não institucionalizada nas universidades brasileiras (não existe um curso de Literatura Islandesa no Brasil), não é descabido fornecer aqui um breve histórico desta minha ocupação.

Aproximei-me da cultura nórdica antiga como pesquisador, pois, pessoalmente, nunca tive atração particular pela mitologia nórdica (não mais do que por qualquer outra mitologia, como a clássica) e nunca fui fã de vikings. Com isso não estou dizendo que a mitologia nórdica seja desinteressante. Muito pelo contrário: tanto a mitologia nórdica é riquíssima (como qualquer mitologia o é) enquanto fenômeno cultural e já foi material para inúmeras criações artísticas, quanto o

contexto em que ela surgiu – o mundo escandinavo do período viking – apresenta um grande interesse para a história da cultura. O que saliento aqui é antes isto: não é a representação popular deste universo cultural que me aproximou das sagas; creio que as sagas possam e mereçam ser lidas e apreciadas sem esse rótulo de “vikings pagãos”. Elas foram escritas ao menos duzentos anos após a cristianização da Islândia (a *Saga de Njáll* foi escrita quase trezentos anos após a cristianização), e esse dado nem sempre tem o destaque que merece.

A partir de meus estudos de épica grega antiga e medieval, fui movido a buscar conhecer outros exemplos de literatura heroica mediante os quais pudesse ampliar meus conhecimentos sobre a natureza dessa literatura. Talvez aqui a leitura de Bowra tenha me influenciado. As sagas sempre ecoaram por meus ouvidos, mas permaneciam uma referência distante. Em 2001, quando tive a oportunidade de visitar a Inglaterra, deparei-me, por acaso, com uma tradução inglesa da *Saga de Njáll* (justamente a tradução de Bayerschmidt & Hollander, à qual faço constante menção ao longo desta tese). Fui movido por uma súbita curiosidade, e comprei o volume, junto com uma breve introdução à língua islandesa. A obra me encantou, e essa leitura foi uma das razões por que me dediquei ao estudo da língua islandesa a partir de então.

Nos anos 2005 e 2006, enquanto ministrava aulas de língua e literatura grega na UFPR, dei início a meu trabalho com o poema grego medieval de *Digenis Akritis*. Paralelamente, traduzia as três sagas que foram publicadas em 2007. Àquela época, sentia-me completamente isolado nesse contato com as sagas. Meu acesso a uma bibliografia especializada era bastante restrito, e, assim, meu primeiro contato com as sagas deu-se por meio de leituras de obras críticas gerais. Percebendo a lacuna em língua portuguesa (não havia então disponível qualquer tradução de sagas direta do islandês), decidi publicar aquelas primeiras traduções, que foram recebidas com entusiasmo pela Editora da UFPR e que despertaram relativo interesse (maior do que eu esperava).

Enquanto tradutor que se servia de uma bibliografia de apoio, eu estava repetindo conceitos que são consenso nas obras de referência que me eram acessíveis. Por exemplo, um tom encomiástico que utilizei no posfácio às *Três Sagas Islandesas* e o uso comedido mas não criticamente engajado do termo “vikings” (ver 1.1.2) tanto nesta quanto na *Saga dos Volsungos* são aspectos daqueles trabalhos que hoje considero ultrapassados.

Na busca por uma brecha para inserir a literatura islandesa medieval no contexto brasileiro, servi-me de noções preexistentes no potencial público: a celebridade da chegada dos nórdicos à América e um interesse geral pela mitologia nórdica. Excetuando alguns aspectos técnicos das traduções de 2007, que considero hoje necessitarem de revisão em passagens pontuais, a concepção geral delas enquanto textos é bastante similar ao que proponho nesta tradução da *Saga de Njáll*.

Em 2013, fui convidado a adaptar para um público infanto-juvenil uma saga de minha escolha, que não fosse muito longa. Optei pela *Saga de Gunnlaug Língua-de-Serpente* (editada em 2014), e, mais consciente de algumas questões envolvidas na popularização dessa literatura, limitei o uso do termo “viking” à perífrase “Era Viking”. É o que proponho nesta tese.

Meu percurso de tradutor partiu de um contato inicial com as sagas por meio de uma produção crítica principalmente anglófona, na qual é costumeiro um tom encomiástico nas alusões ao universo cultural escandinavo medieval, e assim importei alguns conceitos de modo irrefletido. Ao longo dos últimos anos, durante os quais adquiri um domínio maior da língua islandesa, visitei a Islândia e acumulei certa experiência ministrando aulas de nórdico antigo, tomei consciência de que esses conceitos importados trazem consigo valores que pouco ou nada têm a ver com a cultura islandesa medieval propriamente dita, sendo eles o resultado, em última análise, de uma leitura romântica feita daquele universo principalmente no contexto da Inglaterra vitoriana³², e que o fascínio que a mitologia nórdica exerce, mesmo em nosso país, não é completamente desprovido de concepções que podemos questionar³³.

Desafiar essas concepções é ir contra valores muitas vezes arraigados no inconsciente de indivíduos e grupos ou promulgadas por instituições de poder (como a indústria cultural). Por alguns anos, não me senti autorizado a levantar essas questões, estando submetido, enquanto não-escandinavista e não-historiador, ao consenso da bibliografia especializada. Mas a pesquisa de doutorado me obrigou a

³² “De muitas maneiras, os vitorianos inventaram os vikings” (“In many ways, the Victorians invented the Vikings.”) (Wawn, 2000: 3)

³³ “Although our modern understanding of the world seems to oppose timeworn stereotypes such as the “North” and proscribed ideologies such as Nordic or *völkisch* ones, the Nordic myth is perhaps only hibernating and may be reinvigorated if time and circumstances allow.” (Junginger & Åkerlund, 2013: 1). Por “mito nórdico” entenda-se o mito cultural moderno calcado numa ideia de cultura/raça nórdica, e não a mitologia nórdica (o conjunto de narrativas mitológicas escandinavas pré-cristãs).

avançar e mergulhar em algumas questões talvez de não muito fácil percepção: levantarei essas questões em vista dos problemas de tradução, representação e recepção da literatura islandesa medieval.

Proponho uma reflexão autocrítica de nosso contexto receptor, levando em conta que recepção é projeção de valores, apropriação de formas e construção de significados. Afinal, como assinala William Batstone:

Todo significado é constituído ou realizado no ponto da recepção. Isto, a reivindicação fundadora do estudo de recepção, parece dificilmente contestável. Afinal, que significado existe que não seja um significado já recebido? (Batstone, 2006: 14)³⁴

Criticar valores de supremacia cultural e ideias colonialistas, no âmbito das problematizações sobre tradução e recepção de um universo textual, significa dar atenção a elementos domésticos que sustentam os valores postos em questão.

Quando afirmei (2007: 137) que as sagas que narram o descobrimento da América são “inocentes e singelos textos”, meu juízo sobre esses textos se formulara com base na ideia de que os viajantes nórdicos que chegaram à América não eram praticantes de um colonialismo nos moldes que alguns países europeus, na história mais recente, praticaram, e que os supostos autores e redatores tampouco elogiavam um movimento colonialista assim. Via nessas sagas uma expressão quase *naïf*. Mas a inocência não está livre de perigos, muitas vezes. Do ponto de vista histórico, o movimento de expansão dos escandinavos tinha outras características, e não deve ser compreendido como o colonialismo europeu moderno. No entanto, o modo como esses textos vêm sendo recebidos muitas vezes reforça, de maneira subliminar, ideologias colonialistas³⁵. Estou propondo uma reflexão que partiu, em primeiro lugar, de uma autocrítica. Criticar recepção é criticar-se, é olhar para o contexto receptor, contexto em que o tradutor age, sendo parte dele, estando a ele submetido, mas tendo também um poder de ação. Com meu trabalho de tradução de sagas, percebi-me agente na recepção e considero necessário articular a importância do

³⁴ All meaning is constituted or actualized at the point of reception. This, the founding claim of reception study, seems hardly contestable. After all, what meaning is there that is not already a received meaning?

³⁵ Que dizer de um título como “First white child born in America”, de Ernest Edwin B. Weller (1955)?

papel crítico do tradutor literário enquanto espécie de receptor potencializado, de receptáculo de uma complexa história de recepção e (sendo *criador* do texto-alvo e paratextos) responsável parcial pelo futuro de incerta recepção.

Encaro, aqui, a ideia de *tradução* em sua dimensão *ética, poética e pensante*, como aconselha Berman (2007: 26): a tese está estruturada de modo a fornecer 1) um olhar crítico sobre o texto-fonte e o contexto de recepção do texto-alvo; 2) a descrição do processo de elaboração do texto-alvo em função de uma apreciação estética do texto-fonte; 3) a tradução enquanto proposta de ação crítica na recepção doméstica da cultura-fonte por meio de estratégias tradutórias textuais e paratextuais.

Naturalmente, os efeitos dessa tradução sobre os horizontes de expectativa do contexto receptor só poderão ser avaliados *a posteriori*. As perguntas e respostas que constituem esta pesquisa centram-se na reflexão e na ideia de responsabilidade do tradutor enquanto disseminador de valores por meio da elaboração de textos-alvo e paratextos³⁶. Quando sugiro que a tradução possa intervir na recepção, não me refiro, de forma alguma, ao ato de leitura e à construção de significados que cada leitor fará em seu contato com o texto; refiro-me à ideia de que é possível, pela tradução, 1) intervir na constituição do conjunto de representações (textuais, conceituais) da cultura-fonte por meio da oferta de um texto selecionado em vista do horizonte existente e, 2) através de estratégias textuais meditadas, colocar em evidência alguns aspectos desse texto (e, por conseguinte, do universo cultural de sua origem) que podem ser desviantes do conjunto predominante de representações da cultura-fonte no contexto doméstico.

O primeiro capítulo é uma apresentação geral da obra e seu contexto histórico e literário, enquanto o terceiro compreende o projeto tradutório, com as justificativas teóricas e a descrição do processo de tradução da obra. O primeiro é ponto de partida para o terceiro, que, por sua vez, representa seu cerne argumentativo, uma vez que nele descreve-se e comenta-se o projeto tradutório. O terceiro capítulo consiste no núcleo teórico da tese, aquele que, sem negligenciar algumas questões filológicas centrais, mas longe de esgotá-las, consiste na *thesis* propriamente dita: aqui se encontram as justificativas, a descrição do “problema” (a obra original e seus desafios) e a metodologia adotada para sua “solução” (a textualização em língua

³⁶ Como exemplifica Esther Allen (2013), as anotações acadêmicas vinculadas à tradução são, muitas vezes, uma parte quase indissociável dela.

portuguesa), com a teorização sobre tradução e análise do processo tradutório. Ao início de cada um dos capítulos teóricos da tese, forneço uma síntese e uma visão sinótica de sua articulação interna.

O segundo capítulo da tese, entreposto em caráter de interlúdio, não é mais do que a exposição do resultado mesmo: a *Saga de Njáll* em língua portuguesa, acompanhada de algumas notas elucidativas. É o coração deste trabalho e pode ser lido, espero, pelo que tem a oferecer enquanto *literatura*.

1. SAGA DE NJÁLL: DE ONDE ELA VEM E COMO PODEMOS VÊ-LA?

Este primeiro capítulo serve de introdução geral à *Saga de Njáll*. Adota-se aqui o procedimento de sumarizar aspectos históricos e formais que possam contribuir para uma melhor compreensão do texto, em vista de seu contexto de produção e recepção original, sem negligenciar sua recepção moderna.

Este capítulo serve, basicamente, a dois propósitos:

Em primeiro lugar, fornecer algumas informações necessárias para uma apreciação literária da *Saga de Njáll* em vista de seu contexto literário, linguístico, histórico e cultural.

Em segundo lugar, este capítulo estabelece um diálogo com questões especificamente relacionadas ao projeto tradutório (algumas delas lançadas na Introdução, outras desenvolvidas no Capítulo 3), na medida em que almejo, nas páginas que se seguem, deixar manifestas minhas opções referentes a aspectos ideológicos e estéticos direta e indiretamente relacionados à obra traduzida.

Dessa maneira, este primeiro capítulo serve, por um lado, como esboço para um estudo crítico da *Saga de Njáll* e, por outro lado, como manifestação da posição tradutória e dos horizontes do tradutor.

1.1. Literatura islandesa medieval ou nórdica antiga

A *Saga de Njál* pertence a um grande *corpus* de textos em prosa escritos na Islândia na Idade Média, mas que era grandemente desconhecido fora do país até os séculos dezessete e dezoito, e não era disponível em geral em edições e traduções até o século dezenove e início do vinte. Significativamente, o interesse geral crescente por essa literatura foi influenciado pelo desenvolvimento do nacionalismo na Europa durante esse período. Em alguns aspectos, a investigação acadêmica e semi-acadêmica sobre a Idade Média islandesa foi parte de uma busca mais ampla do povo de origem germânica para descobrir suas raízes raciais e culturais. Uma ancestralidade gloriosa, representada por heróis individuais de sagas, foi um dos meios apropriados para unir uma nação e mesmo justificar sua existência como entidade social separada. Nesse contexto, o viking islandês tornou-se um emblema do colonizador britânico e um protótipo de arianos do Terceiro Reich. A língua dos vikings

também serviu como um modelo para o desenvolvimento de uma língua norueguesa moderna no séc. dezenove. Nesses casos, e em muitos outros, as sagas foram usadas como canais para ideologias contemporâneas, desde racismo até ideais de soberania nacional. (Helgason, 1999: 6)³⁷

Quando falamos da tradição literária em que se insere a *Saga de Njáll*, é preciso definir alguns termos de base. Ela é referida, geralmente de maneira indiscriminada, com alguns termos: *literatura islandesa antiga* (em inglês: *Old Icelandic literature*; em islandês: *forníslenskar bókmenntir*), *literatura nórdica antiga* (em inglês: *Old Norse literature*)³⁸, *literatura islandesa medieval*, *literatura escandinava medieval*.

O termo que adoto é *literatura islandesa medieval*, conforme justificarei ao final deste item, mas a qualificação *nórdica antiga* também é útil em alguns casos (especialmente no caso da *Edda poética* e da poesia escáldica, conforme se verá em 1.2). Na essência, todas essas expressões são modos de designar a mesma coisa: um conjunto grande de obras literárias redigidas, em sua quase totalidade, na Islândia entre os séculos XII e XV, sendo o séc. XIII o chamado “século de ouro”, quando a *Edda poética* foi compilada, Snorri Sturluson escreveu sua *Edda* e sua *Heimskringla* e várias das principais sagas de islandeses foram redigidas, como a *Saga de Njáll*.

Com relação à questão levantada no cap. 3 acerca da posição ocupada pela *Saga de Njáll* no cânone literário, *em vista da abordagem tradutória*, é de suma relevância responder a este questionamento: a *Saga de Njáll* é aqui vista como pertencente a uma literatura “antiga” ou “medieval”? A uma literatura “nórdica” ou “islandesa”?

³⁷ *Njáls saga* belongs to a large corpus of prose texts written in Iceland in the Middle Ages, but which was for the most part unknown outside the country until the seventeenth and the eighteenth centuries, and not generally available in editions and translations until the nineteenth and early twentieth century. Significantly, the growing general interest in this literature was influenced by the development of nationalism in Europe during this period. In some respects, the scholarly and semischolarly inquiry into the Icelandic Middle Ages was a part of a wider quest of people of Germanic origin to discover their racial and cultural roots. A glorious ancestry, represented by individual saga heroes, was one of the means suitable to unite a nation and even to justify its existence as a separate social entity. In this context, the Icelandic Viking became an emblem of the British coloniser and a prototype for Aryans of the Third Reich. The language of the Vikings also served as a model for the nineteenth century development of a modern Norwegian language. In these cases and many others, the sagas were used as channels for contemporary ideologies, ranging from racism to ideals of national sovereignty.

³⁸ Em português traduzimos normalmente “old” por “antigo”. Na crítica islandesa, a designação “literatura islandesa antiga” é preferida.

No caso de várias obras, as prováveis origens orais podem remeter a um passado cultural não estritamente islandês. Indiretamente, dizer que uma saga é “nórdica” ou “islandesa” dá a entender que o papel de uma tradição oral é mais ou menos proeminente. O passado oral dessa literatura é incerto, mas a datação dos textos e sua realização material em pergaminhos é datada a partir do séc. XII.

Por “literatura islandesa medieval” entendo uma literatura produzida num contexto cultural cristão letrado medieval; por “literatura nórdica antiga” entendo uma literatura de origens orais pré-cristãs que teria sobrevivido em transmissão oral e teria sido registrada por escrito por redatores cristãos que, assim, pouco teriam contribuído para a sua natureza literária. No caso de várias obras, é provável que esses dois contextos tenham contribuído, donde o composto preferido em inglês hoje: Old Norse-Icelandic literature, que poderia ser traduzido em português “literatura islandesa-nórdica antiga”. No entanto, o problema de usar essa designação em português é o termo “antigo”, que sugere algo pré-medieval.

Com relação à literatura produzida na Islândia nos séculos XII-XV, a qualificação “literatura nórdica antiga” sugere a vinculação com uma tradição anterior ao desenvolvimento de uma consciência cultural islandesa diferenciada do mundo escandinavo e salienta seu aspecto pré-cristão. Em alguns gêneros, tal caracterização pode ser apropriada: vários poemas mitológicos e heroicos e boa parte da poesia escáldica são produto de uma cultura escandinava oral, sem influência do letramento, ou com pouca influência dele. Essa parte da literatura islandesa foi, acredita-se, redigida na Islândia após alguns séculos de preservação oral. Já no caso das sagas, atribuir-lhes ora uma “antiguidade”, ora uma “medievalidade” tem implicações mais profundas.

Com o termo “antigo” entende-se um universo arcaico ainda livre da influência cultural da latinidade medieval e do cristianismo. Mas, seja como for, todos os textos dessa literatura foram redigidos e adquiriram a forma em que os conhecemos já depois de estabelecido o cristianismo na Islândia³⁹.

Na literatura islandesa medieval, cujos primeiros textos são do século XII, os gêneros e as formas literárias são variados: textos de historiografia, literatura enciclopédica, hagiografia, poesia heroica e mitológica, poesia de corte, sagas.

³⁹ Para um panorama crítico sobre o modo como o conceito de medievalidade ou antiguidade aparece na historiografia islandesa, ver Karlsson, 2007: 43-63.

1.1.1. A importância da literatura islandesa medieval

O adjetivo “marginal” não é o mais apropriado para qualificar a literatura islandesa medieval, que tem sua importância frequentemente salientada em obras sobre o Medievo⁴⁰. Trata-se de uma literatura famosa e frequentemente citada como exemplo de um dos grandes *corpora* literários mundiais. Mesmo não-especialistas em Escandinávia apreçoam o valor das sagas, a exemplo de Le Goff:

É no fim do século XII que começa na Islândia a redação das sagas, essas epopeias tão originais que serão um dos florões da literatura cristã medieval. (Le Goff, 2007:134)

O que pretendo, por meio desta tradução comentada da *Saga de Njáll*, é sugerir a necessidade de levarmos em consideração a posição do nosso contexto cultural receptor com relação ao contexto cultural que valorou, na Modernidade, a literatura islandesa medieval.

Num certo sentido, meu trabalho pode ser visto como um projeto inserido num contexto histórico pós-colonial⁴¹, e por isso seu objetivo último é propor um “processo autoconsciente de contestação” que visa a “resistência, transformação, antagonismo, desobediência” num questionamento de “formas de dominação intercultural” (McLeod, 2007: 9)⁴².

A literatura islandesa medieval não é um conjunto de textos que podemos acessar de forma imediata, embarcando numa máquina do tempo. A literatura islandesa medieval nos chega por meio de uma massa de escritos críticos, acadêmicos, popularizadores, traduções, adaptações, releituras, apropriações, citações. Boa parte dessa massa de

⁴⁰ Alguns exemplos: Loyn (1990 [1989]); Colish (1997); Spina (1997); Ruud (2006). Cabe observar que Harold Bloom (1994) inclui a *Edda poética* e a *Edda* de Snorri Sturluson em seu cânone, mas não inclui nenhuma saga.

⁴¹ Inserir-se num contexto pós-colonial não significa seguir os preceitos dos “estudos pós-coloniais”, mas propor questionamentos críticos e desafiar ideologias de dominação. Nesse sentido, considero a teoria de Venuti bastante desafiadora, e utilizo muitos de seus conceitos, transpondo-os para o contexto brasileiro e para meu projeto tradutório.

⁴² (...) resistance, transformation, antagonism, disobedience and, ultimately, the end to all forms of intercultural domination. To enter into postcolonial studies is to engage in a self-conscious process of contestation; it is to contend often with both the form and content of prevailing knowledge. It involves learning how to look critically at the world, and the knowledge and representations that have been made about it. (McLeod, 2007: 9)

escritos tem qualidade e pode nos ensinar muito, já que nossa tradição de Estudos Escandinavos apenas começa a se formar⁴³.

O valor da literatura islandesa medieval é, em grande medida, o resultado da recepção que essas obras tiveram fora da Islândia, em ambientes culturais econômica e politicamente influentes. Pode-se perguntar: uma obra como a *Demanda do Santo Graal* é tão inferior literariamente à *Saga dos Volsungos*, a ponto de esta ser amplamente difundida em traduções pelo mundo e aquela ser praticamente ignorada? Não se trata apenas de uma diferença de qualidade textual, pois o prestígio de uma obra é, em grande medida, construído pela história de sua recepção e sacramentado por instituições de poder. Nesse sentido, cabe o comentário de André Lefevre:

Insisto, de minha parte, que o processo que resulta na aceitação ou rejeição, canonização ou não-canonização de trabalhos literários não é dominado pela moda, mas por fatores bastante concretos que são relativamente fáceis de discernir assim que se decide procurar por eles, isto é, assim que se evita a interpretação como o fundamento dos estudos literários e se começa a enfrentar questões como o poder, a ideologia, a instituição e a manipulação. (Lefevre, 2007 [1992]: 14).

Em minha opinião, porém, a moda não deve ser excluída, pois está ela, muitas vezes, submetida ao poder, sendo mesmo um reflexo dele.

Se a literatura islandesa medieval gerou grandes traduções e inspirou grandes criações artísticas, isso indica que ela tem valor, isto é, tem *um potencial de ser valorada*. É uma literatura peculiar e rica em formas e ideias. Mas sob que condições essa literatura foi modernamente recebida? Que significados vêm sendo agregados a ela?

A recepção da literatura islandesa e nórdica antiga, tanto dentro quanto fora da Islândia e da Escandinávia, sempre esteve atrelada a políticas nacionalistas, especialmente a mitos de origem nacional – e frequentemente racial. A literatura da Islândia medieval foi redescoberta por acadêmicos escandinavos do séc. dezessete pesquisando as origens de suas próprias nações. Fora da Escandinávia, a

⁴³ Johnni Langer (2009) dá uma ideia de como esse assunto vem enriquecendo as discussões acadêmicas no Brasil. Os trabalhos de Patricia Bουλhosa merecem destaque, especialmente seu estudo sobre os islandeses e os reis da Noruega (2005a).

literatura correspondeu a uma moda crescente de poesia antiga, que se acreditava que abria uma janela para as vidas e sensibilidades de ancestrais havia muito perdidos. Na Inglaterra do séc. dezenove, um espírito de indústria e império parecia ver seu próprio reflexo nos ideais vikings. Mas demandas de ascendência viking eram frequentemente ligadas a um desejo de pureza racial e crença em superioridade racial. (O'Donoghue, 2004: 106)⁴⁴

As obras islandesas medievais não são “grandes clássicos” ou “textos monumentais” canônicos desde a Idade Média. Elas ganharam esse valor há relativamente pouco tempo, após séculos de uma recepção relativamente restrita a alguns países europeus, notadamente à Escandinávia⁴⁵. Na Islândia, as sagas de islandeses gozaram de uma recepção mais contínua⁴⁶.

Mais especificamente, foi durante o Romantismo na Grã-Bretanha, na Alemanha e nos países escandinavos que esses textos começaram a ser sistematicamente traduzidos, gerando adaptações, releituras e influenciando o ambiente cultural num sentido mais amplo.

As concepções que estão por trás desses ambientes culturais são conhecidas: elas envolvem um forte espírito nacionalista, em que elementos de supremacia nacional, cultural e até racial norte-europeia são marcantes. No caso da Inglaterra vitoriana, trata-se de um império, que viu nos “vikings” uma espécie de símbolo. No caso dos países

⁴⁴ The reception of Old Norse-Icelandic literature, both inside and outside Iceland and Scandinavia, has always been bound up with nationalist politics, especially with national – and often racial – myths of origin. The literature of medieval Iceland was rediscovered by seventeenth-century Scandinavian scholars researching the origins of their own nations. Outside Scandinavia, the literature answered a growing fashion for ancient poetry, which was believed to open a window on the lives and sensibilities of long-lost ancestors. In nineteenth-century Britain, a spirit of industry and empire seemed to see its own reflection in viking ideals. But claims of viking ancestry were often linked to a desire for racial purity and belief in racial superiority.

⁴⁵ Andrew Wawn (2005) apresenta um panorama sobre a recepção pós-medieval da literatura islandesa medieval. Aqui, porém, diferentemente de seu perturbador trabalho de 2000, aspectos ideológicos não são abordados, sendo o panorama uma valiosa fonte sobre a história das edições e traduções dessa literatura. Clunies Ross (2010) também tem um capítulo final sobre a recepção pós-medieval. Cabe distinguir a continuidade da recepção de sua súbita canonização durante o romantismo. Para um estudo crítico em que aspectos ideológicos são problematizados, o livro de Heather O'Donoghue (2004) é uma referência fundamental. Estudos em que esse aspecto é colocado em foco são raros.

⁴⁶ Para um panorama da recepção pós-medieval das sagas na Islândia, ver: Jón Karl Helgason, 2005. Seus estudos sobre a recepção da *Saga de Njáll* (1998; 1999; 2001) me inspiraram grandemente.

escandinavos e da Alemanha, houve a construção de uma identidade clássica germânica.

Mas e a literatura islandesa medieval, que tem ela com isso? Essa literatura, pode-se dizer, está imantada. Ela suscita imagens que foram construídas *sobre ela* e que permeiam um contexto mais amplo de recepção, trazendo consigo representações. O discurso acadêmico, apesar de não conter, nas últimas décadas, declarações explicitamente nacionalistas, deriva de uma tradição acadêmica cujos primórdios estão em idealizações e na busca das origens nacionais. Em publicações mais antigas, encontramos afirmações como:

Na literatura nórdica antiga os gostos e ideais da raça germânica encontraram sua expressão mais vital, e se quisermos compreender nossa própria cultura devemos conhecer essa literatura; os gostos e ideais incorporados nela são ainda parte de nossa herança racial. (Gordon, 1956 [1927]: vii)⁴⁷

Note-se que o manual de Gordon é um clássico, e foi escrito originalmente em 1927, teve reedição revista em 1956 e foi reimpresso inúmeras vezes desde então, continuando até hoje no catálogo da Oxford University Press. Este manual, antes da publicação do *New Introduction to Old Norse*, de Barnes (1999), era a referência padrão em inglês.

Outro aspecto digno de nota pode ser visto em *Medieval foundations of western intellectual tradition*, de Marcia Colish, livro de 1997 publicado pela Yale University Press. Nele, a autora apresenta as *Eddas* e as sagas reproduzindo alguns conceitos românticos sobre a natureza e a datação dessas obras (salientando o aspecto pré-cristão). Em sua bibliografia, consta apenas uma obra sobre literatura islandesa medieval, publicada nos anos 30.

Por mais que os estudos de literatura islandesa medieval *stricto sensu* estejam hoje mais conscientes desses aspectos (a tendência predominante na academia tem sido rejeitar expressões nacionalistas), obras não-especializadas continuam a reproduzir conceitos e valores aparentemente ultrapassados. Além disso, obras popularizadoras exploram o imaginário presente no contexto receptor.

⁴⁷ In Old Norse literature the tastes and ideals of the Germanic race found their most vital expression, and if we would understand our own culture we ought to know this literature; the tastes and ideals embodied in it are still part of our racial heritage.

Com relação à originalidade das sagas islandesas (em especial as sagas de islandeses), a constatação de que elas diferem muito da norma medieval é óbvia: trata-se de um *corpus* volumoso de textos em prosa redigidos em idioma vernáculo, que não encontra similar em praticamente nenhuma outra tradição literária coeva. Nos séculos XII e XIII, a norma era escrever grandes narrativas de fundo histórico-lendário em versos, e a prosa historiográfica costumava ser redigida em língua clássica (latim na Europa românica e germânica, grego clássico em Bizâncio). Isso não nos obriga a concluir, no entanto, que as sagas tenham sido uma antecipação ou uma criação do romance europeu. Parece-me mais adequado considerá-las um fenômeno *sui generis*. Com relação a isso, Carol J. Clover assinala:

Nem todo leitor concordaria com W. P. Ker que as sagas de famílias islandesas [i. e. sagas de islandeses] estão à frente do seu tempo ou com Robert Scholes e Robert Kellogg que elas são “milagrosamente precoces”, mas poucos negariam que as sagas são diferentes, até mesmo enfaticamente diferentes, dos “modos comuns” da literatura medieval. Como fusões de história e lenda numa forma de prosa vernácula, as sagas constituem – dependendo do ponto de referência – ou os primeiros romances da Europa ou seus únicos épicos em prosa. Essa estranha categoria é compartilhada apenas pelas mais ou menos contemporâneas sagas irlandesas, uma coincidência frequentemente notada mas nunca satisfatoriamente explicada. (in: Clover & Lindow, 1985: 239)⁴⁸

Não concordo com a concepção de que as sagas sejam a injustamente ignorada invenção do romance moderno, tal qual, por vezes, é sugerido (é o que fez Jorge Luis Borges em seu manual). Com relação a isso, temos um irrefutável contra-argumento, uma breve e não-exaustiva lista de autores: Xenofonte de Éfeso; Heliodoro; Petrónio; e outros.

⁴⁸ Not every reader would agree with W. P. Ker that the Icelandic family sagas are “in advance” or with Robert Scholes and Robert Kellogg that they are “miraculously precocious”, but few would deny that the sagas are different, even emphatically so, from the “common modes” of medieval literature. As fusions of history and legend in a vernacular prose form, the sagas constitute – depending on one’s point of reference – either Europe’s first novels or her only prose epics. This odd category is shared only by the roughly contemporary Irish sagas, a coincidence often noted but never satisfactorily explained.

Encarar a literatura islandesa medieval como um fenômeno peculiar pode ser a melhor maneira de lhe fazer justiça e ganhar leitores. Que ela agrada a um público já iniciado (muitas vezes um público aficionado) é constatável; mas para apresentá-la a um público não aficionado, alguns exageros e estereótipos podem atrapalhar, pois podem gerar sectarismo, a ponto de estigmatizar obras que têm muito a oferecer literariamente.

Acredito que algumas obras literárias islandesas medievais, como esta *Saga de Njáll*, possam ser apreciadas pelo grande público brasileiro, independente de seu interesse prévio pelo popular “mundo viking”. E até melhor sem ele. Essa literatura possui grande interesse; é composta por algumas obras de qualidade; foi o produto de um contexto cultural particular. E é sobre esse contexto que nos voltaremos nos itens subsequentes.

1.1.2. Vikings

Os escandinavos medievais são costumeiramente associados aos vikings. Suas representações na ficção popular variam, e as mais recentes são pretensamente realistas. A imagem desse ser icônico preenche na consciência moderna o espaço de um típico habitante dos países nórdicos nos tempos de antanho. Como observa Julian D. Richards,

“Viking” é um conceito nebuloso – em contextos diferentes, vikings foram saqueadores, mercadores, manufatureiros, poetas, exploradores, democratas, estadistas ou guerreiros. É também um conceito relativamente recente – originalmente usado para fazer referência apenas a atividade pirata, passou a ser usado como um termo étnico para fazer referência a um povo inteiro, e então como um rótulo cronológico, dando seu nome à era viking. Com essa fluidez, o termo não significava a mesma coisa na Escandinávia do séc. X, Islândia do séc. XV e Inglaterra do séc. XIX. De fato, nosso uso moderno de “Viking” deve mais a reinvenções posteriores do que a qualquer realidade original. (Richards, 2005: 2)⁴⁹

⁴⁹ ‘Viking’ is a nebulous concept – in different contexts Vikings have been marauders, merchants, manufacturers, poets, explorers, democrats, statesmen, or warriors. It is also a relatively recent concept – originally used to refer only to pirate activity, it came to be used as an ethnic term to refer to a whole people, and then as a chronological label, giving its name to the Viking Age. With this fluidity it did not mean the same in 10th-century Scandinavia, 15th-

Quando se faz menção à Escandinávia medieval, fala-se comumente de cultura viking, mundo viking etc. Essa denominação, como já mencionado na introdução, provém do romantismo inglês. Esse termo designaria assim, no uso moderno, a coletividade (no sentido étnico) dos nórdicos que surgem na história europeia no final do séc. VIII, nas descrições que temos em crônicas medievais sobre temíveis saqueadores pagãos vindos do norte, e cuja fúria arrefece aos poucos ao longo do século XI, após a cristianização (e em parte como consequência dela). Nas fontes medievais anglo-saxônicas o uso do termo é raro, e nas sagas islandesas (escritas após o término do período viking), o termo *vikingr* significa algumas coisas (“pirata, saqueador inimigo”), mas não é um designativo étnico. Nas inscrições rúnicas da era viking e em versos escáldicos, o vocábulo é raro e seu significado varia⁵⁰, e tampouco designa “nórdicos” ou qualquer coletividade etnicamente identificada. O termo foi canonizado no contexto imperial da Inglaterra vitoriana⁵¹.

Historicamente falando, os vikings são apenas um fenômeno cultural (de não tão fácil definição) de uma sociedade (ou sociedades) muito mais complexa e variegada de um determinado período.

O uso desse termo como rótulo histórico e designativo étnico é reforçado na cultura midiática, em textos popularizadores e mesmo em textos acadêmicos. O resultado é que predomina uma distorção terminológica estabelecida pelo uso, segundo a qual a palavra *viking* é tomada como sinônimo de “escandinavo da era viking”. Sobre isso, algumas vozes têm se erguido. O livro de Eric Christiansen, de 2002, adota o título *Norsemen in the Viking Age*, com o propósito declarado de não designar a coletividade dos nórdicos da era viking com o termo “vikings”. O autor faz um questionamento da utilização ideológica do vocábulo “vikings”, e assim conclui:

Escandinavos são uma ficção geopolítica sem sangue. Não existe qualquer palavra satisfatória para este povo nessa época [i. e. era Viking], (...). Eles eram todos falantes de línguas com parentesco próximo que são agora classificadas como a família de línguas nórdica antiga, e assim se qualificam, em teoria, como uma “comunidade de

century Iceland, and 19th-century England. In fact, our modern usage of Viking owes more to later reinventions than any original reality.

⁵⁰ Sobre isso, ver Jesch, 2001: 44-56.

⁵¹ Sobre a construção da imagem dos vikings na Inglaterra vitoriana, ver Wawn (2000).

fala”]; eles podiam lutar sem intérpretes. Pelo séc. X, a versificação num dialeto islandês-nórdico ocidental era uma habilidade digna de audiências de Dublin a Novgorod, se não mais distantes, mas tratava-se de cortejos recrutados de locais distantes, receptivos a novas palavras e sotaques estranhos, menos conectados por língua materna do que outros. A versão mais tardia de islandês antigo tornou-se o meio para uma grande literatura na qual todos os povos nórdicos são, de fato, unidos por uma tradição, mitologia, religião e ética comuns; mas isso era uma convenção literária, mais eloquente da Islândia do séc. XIII que da era Viking. Assim o problema permanece, e a palavra Norse será usada para o povo e Nordic para a cultura, na falta de algo melhor.

Em todo caso, o plano é desvincular essas populações dos princípios organizacionais que são frequentemente aplicados a elas: o continuum germânico, a mitologia do Norte, a formação de estados/identidade étnica/urbanização, civilização Viking e assim por diante, com o rangente zeppelin da europeização pairando sobre as cabeças. Uma terminologia étnica confusa será fiel a esse propósito. (Christiansen, 2002: 4)⁵²

Julian D Richards propõe uma reflexão sobre o termo. No entanto, o título de seu livro é “vikings”, referindo-se à coletividade dos nórdicos da era viking, e o autor não parece disposto a questionar as implicações ideológicas do conceito:

⁵² Scandinavians are a bloodless geopolitical fiction. There is no one satisfactory word for these people at this time [i.e.: viking age], (...). They were all speakers of closely related languages which are now classified as the Old Norse family of tongues, and thus qualify, in theory, as a ‘speech community’; they could fight without interpreters. By the tenth century, verse-making in an Icelandic – West Norse dialect was a skill which commanded audiences from Dublin to Novgorod, if no further, but these were retinues recruited from far and wide, receptive to new words and odd accents, less bound by mother tongues than others. The later version of Old Icelandic became the medium for a great literature in which all the Nordic peoples are indeed linked by a common tradition, mythology, and religion or ethic; but that was a literary convention, more eloquent of thirteenth-century Iceland than of the viking age. So the problem remains, and the words Norse will be used for the people, and Nordic for the culture, for want of anything better.

In any case, the plan is to detach these populations from the organizing principles which are often applied to them: the Germanic continuum, the mythology of the North, the formation of states/ethnic identity/urbanization, Viking civilization and so on, with the creaking zeppelin of Europeanization moored overhead. A confused ethnic terminology will be true to this purpose.

Qualquer que seja a derivação, está claro que a maioria dos escandinavos não eram Vikings; apenas aqueles que partiam em expedições Vikings deveriam, efetivamente, receber a descrição. Seria perverso, porém, abandonar o termo neste ponto, não obstante o fato de que o livro tentará, em geral, restringir seu uso para descrever aqueles envolvidos em saques ou outras atividades guerreiras, e àqueles casos em que o estereótipo Viking foi reutilizado num contexto mais recente, seja como adjetivo ou substantivo. (Richards, 2005: 4)⁵³

O argumento de Julian Richards é pouco convincente: seria perverso abandonar algo apenas por estar estabelecido pelo uso? Se pensarmos em diversos exemplos da história mais recente, poderemos constatar que a perversidade muitas vezes está na resistência à reformulação de conceitos estabelecidos. O título do manual de nórdico antigo de Jesse Byock, *Viking language* (2013), sugere que as reflexões críticas parecem ainda muito distantes de ter atingido um consenso. Chamar o nórdico antigo de “viking language” é bastante questionável⁵⁴.

Em pesquisas historiográficas brasileiras, também se questionou recentemente o uso de “vikings”. André Szczawlińska Muceniecks (2008: 19-23) prefere restringir o uso do termo, rejeitando a corrente aplicação étnica. Renan Marques Birro (2013) faz uma apreciação crítica do termo e sugere a importância de uma reflexão sobre a noção de “vikings” e, inclusive, da periodização “era viking”. O artigo de Birro pode ser consultado para uma compreensão do termo na historiografia romântica e para uma análise mais detida sobre as origens do conceito “viking”.

Ao longo desta pesquisa de doutorado, percebi a necessidade de problematizar o uso desse termo, e esta tese segue os dois supracitados⁵⁵. No entanto, cabe notar que meu trabalho não se insere

⁵³ Whatever the derivation, it is clear that the majority of Scandinavians were not Vikings; only those who went ‘a viking’ should really qualify for the description. It would be perverse, however, to abandon the term at this point, although this book will generally try to restrict its usage to describe those involved in raiding or other warlike activities, and to those instances where the Viking stereotype has been reused in a more recent context, either as an adjective or as a noun.

⁵⁴ Devo salientar que a crítica que faço ao título não se aplica ao livro em questão, tampouco à obra do autor.

⁵⁵ Inúmeros historiadores, por hábito ou outro motivo, preferem o termo *viking*. Considero o uso do termo *viking* como designativo étnico uma opção ideologicamente comprometida, e prefiro, assim, utilizar “nórdico” ou “escandinavo medieval”.

na historiografia. Meu interesse recai sobre outro aspecto, que pode ser iluminado por alguns trabalhos historiográficos: os valores atrelados ao mito moderno “vikings”. Esse mito está presente no *imaginário de um contexto receptor de literatura islandesa medieval*, podendo, direta ou indiretamente, influir no modo como essa recepção *produz significados*.

Vejam agora a recepção popular das sagas no Brasil e a relação dos vikings com ela. Apresentarei dois exemplos que servem para ilustrar como o imaginário viking traz consigo algumas representações e valores. A crítica que se segue não se volta absolutamente aos trabalhos aqui citados, mas sim a alguns valores que os acompanham.

No capítulo XI da Saga de Eiríkr, temos o embate entre os nórdicos e os nativos americanos em Vínland. A narrativa da saga é lacônica. O motivo da fuga dos *Skrælingar* não é explicitado. Freydis está grávida e parece indicar aos *Skrælingar* com seu seio à mostra que é uma mulher que aqueles perseguem. Por algum motivo obscuro, os *Skrælingar* temem e desistem de atacá-la:

Então os *Skrælingar* a alcançam; ela põe um dos seios para fora do casaco e dá-lhe um tapa com a espada. Eles se assustam com isso e retiram-se correndo até seus barcos, e vão para longe. (in: Moosburger, 2007: 117)

Numa recente versão romanceada dessa saga (“Vikings na América”), é o aspecto físico (cor da pele e dos cabelos) que impõe o medo nos nativos, que se acovardam. Naturalmente, não há problema em descrever um *viking* atentando para sua pele branca, mas o motivo inserido na narrativa (que não se encontra na saga) se trata de um *topos* da narrativa colonialista⁵⁶ (a superioridade do branco diante dos povos servis):

Freydis não pestanejou. Alvorçou a cabeleira ruiva, despiu-se da cintura para cima e exibiu os seios e o ventre volumoso. Seu brado de guerra ecoou pela floresta, soando sobrenatural. Os nativos hesitaram. Aquela figura de pele alva, cabelos de fogo e olhos assassinos amedrontou-os.

⁵⁶ The dehumanisation of the natives, recurrent in colonial literature and politics, served to legitimise their economic exploitation and political marginalisation. On a symbolic level, the reduction of the colonised to beasts entailed denying them existential substance and moral significance. (Acheraiou, 2008: 7)

Bastou Freydis bater em um deles com a espada que todos
 correram para longe.
 – Covardes! – xingou ela.
 (Gomes, 2014: 242)

Há inúmeras questões a analisar nesse tipo de releitura, e nenhum dos aspectos que aponto deve ser lido como crítica ao trabalho de Gomes⁵⁷. O que observo é que, na medida em que uma criação ficcional moderna popularizadora opera como espécie de antena parabólica de *topoi* do contexto receptor, uma releitura desse tipo permite entrever algumas vinculações imagéticas que são historicamente construídas sobre o viking: o conquistador temido. Mas é o conquistador europeu. Isso não deve ser visto como peculiaridade do livro em questão, mas sim como a captação de um mito moderno.

E se a vinculação da chegada dos vikings a Vinland com uma colonização europeia da América é uma construção moderna, cabe a pergunta: a sociedade escolarizada no Brasil enxerga-se nos vikings ou nos nativos? Uma análise da recepção popular do imaginário pode dizer muitas coisas sobre o que é central no universo imagético europeu *quando* importado em nosso contexto cultural.

O livro de Seganfredo & Franchini (2011), intitulado *Fúria Nórdica: Sagas Vikings*, merece atenção. Aqui é claro um outro aspecto central na recepção popular do universo viking: a exaltação (e também exacerbação) do paganismo. No prefácio dos autores (pp. 8-9), a quantidade de informações imprecisas é grande, mas o aspecto que mais me interessa é a insistência com que os autores apresentam tanto os personagens quanto as narrativas como produto de “vikings pagãos”. É nítido o tom apologético ao aspecto bárbaro dos vikings, e fala-se das sagas como textos influenciados e deturpados por uma ótica cristã. Após comentarem uma letra da banda *Led Zeppelin* em que se faz referência a Leifr Eiríksson, os autores assim colocam sobre a literatura islandesa do séc. XIII:

A saga de Eirik, o Vermelho, ao contrário da composição de Plant [da banda Led Zeppelin], chegou até nós como um relato escrito sob a ótica cristã, que estava sendo forçosamente transmitida na época (sic) – o que acaba criando um estranho impasse (sic) na história, uma vez que começa narrando os feitos dos heróis pagãos. Em vez de

⁵⁷ Trata-se de um trabalho elogiável de Helena Gomes: uma obra de ficção popular que traz ao leitor brasileiro o universo das sagas medievais.

“des cristianizá-lo” ou “repaganizá-lo”, exorcizando (sic) partes fervorosamente (sic) cristianizadas, decidimos apenas realçar o fogo viril (sic) dos trechos pagãos, mantendo o restante do texto intacto quanto às referências cristãs. (Em algumas partes, a saga fala sobre o descontentamento dos nórdicos em relação ao cristianismo, bem como a defesa de sua cultura (sic). Como sabemos, historicamente o cristianismo acabou “vencendo” o paganismo nos países escandinavos, convencendo a esmagadora maioria da população à nova fé.) (Seganfredo & Franchini, 2011: 9)

Seganfredo e Franchini aparentemente consideram a letra da música da banda Led Zeppelin mais fiel ao “espírito viking” do que a saga islandesa escrita no século XIII. Provavelmente isso está correto, em vista do que procurei expor sobre o conceito moderno “viking”. Na mesma página, os autores concluem seu prefácio dizendo:

Transplantamos para estas páginas algo deste clima feroz e irreverente, em muitos pontos assemelhado ao do espírito viking, ao mesmo tempo em que aproveitamos as lacunas históricas e textuais dos relatos originais (sic), escritos em nórdico antigo, para exercitarmos a adivinhação e a interpretação criativa, sempre em nome da boa e velha diversão. (Seganfredo & Franchini, 2011: 9)

Entende-se assim que os textos originais são falhos. Note-se que os autores não explicitam se tiveram acesso ao texto em nórdico antigo. Se me for permitido aqui exercitar “a adivinhação e a interpretação criativa, sempre em nome da boa e velha diversão”, arrisco dizer que não tiveram.

A obsessão por uma nordicidade ancestral primordial tem suas bases, como se sabe, em concepções nacionalistas e mitos de origem norte-europeia. Considerar “um estranho impasse” o fato de a saga ser escrita por cristãos sobre heróis pagãos é equivocado. Não é um “impasse” e tampouco faz jus ao conteúdo narrado: os autores cristãos guardaram as narrativas pagãs (vide *Völsunga saga*, *Eddas*) e as sagas de islandeses transcorrem *durante a cristianização*. O herói Leifr Eiríksson foi missionário na Groenlândia – logo, não podemos vê-lo como um “viking pagão”. A maioria dos personagens da saga aceita o cristianismo. As afirmações imprecisas do livro supracitado não estão

muito distantes do que encontramos em sites de neopaganismo⁵⁸. Aqui o mesmo *topos* é visível (“o valor da literatura islandesa medieval reside em seu aspecto pagão, ancestral”). As distorções históricas, nos sites neopagãos, são por vezes maiores, mas a atitude proposicional diante dos textos é a mesma: o cristianismo é uma “influência”, uma “deturpação”.

Pode-se indagar sobre os usos ideológicos da imagem modernamente construída dos vikings e o tipo de associações que ela suscita. O trabalho de Andrew Wawn (2000) pode dar algumas pistas; análises críticas de representações de vikings no cinema (Dupree, 2014) podem indicar o modo como o imaginário é atualizado e serve a novos propósitos⁵⁹ – e também o modo como um acúmulo de recepções

⁵⁸ Um exemplo bastará. Este texto contém de maneira bem clara o *topos* a que me refiro: “Acredita-se que o Odinismo original tenha sido praticado até meados dos anos 1000, na Islândia. A Escandinávia pagã durante muitos séculos tentou medir forças com o cristianismo, mas a Noruega não resistiu à força da cruz na Idade Média. Com a brecha, a nova crença cristã se espalhou para os demais países. A c Noruega, Olavo I. Fugindo das ameaças dos cristãos, muitos pagãos migraram para a Islândia e lá mantiveram seu culto até meados dos anos 1000. Por ter preservado a cultura nórdica, foi justamente nesse país que, na década de 1960, a religião foi instituída (ou re-instituída, como dizem seus seguidores) por Sveinbjörn Beinteinsson. Hoje a Islândia, Dinamarca e Noruega o reconhecem como religião. Não há uma organização que detenha o conhecimento e controle sobre os cultos como ocorre na Wicca ou no Druidismo; para os odinistas, a pesquisa histórica é todo o aval necessário para se praticar o “velho costume”, sendo assim não existem Ordens ou Tradições como um norte para o movimento. Todos os clãs são iguais.” Nota-se aqui uma série de distorções históricas usadas ideologicamente, principalmente no sentido de vitimizar o paganismo, colocando o cristianismo como uma doutrina opressora. Sabe-se, historicamente, que a cristianização dos nórdicos foi um movimento político interno. Gera-se a noção de que houve uma guerra santa entre pagãos e cristãos conquistadores, o que, historicamente, não é correto. Tampouco é correta a informação sobre a emigração para a Islândia como fuga do cristianismo. Mais abaixo, na mesma página, temos: “O Odinismo é uma religião anti-proselitista, pois além dos séculos de perseguição que sofreu, ele vem da tradição cultural de um povo, e diferenças culturais sempre existiram e sempre vão existir. “O Troth não é para todos” e não é preciso trazer toda a humanidade para o mesmo caminho, pois cada um tem o seu.” Aqui novamente a vitimização do paganismo é nítida, e parece subentendida a vinculação do odinismo com o “povo” específico que o praticou ancestralmente (cada povo tem o seu caminho). Não cabe aqui analisar outros aspectos desses textos, como veracidade histórica, noção de proselitismo etc. (Trechos retirados de: <http://redutobrainstorm.blogspot.com.br/2012/11/odinismo-olgado-dos-vikings.html#U9v5XPldXe7> – acessado em 01/08/14)

⁵⁹ Para Dupree, as representações de vikings mais recentes sugerem espaço para identificação com “heróis pagãos”: “In conclusion, depictions of Vikings can function within alterity rubrics while also being appropriated. In earlier depictions paganism and other medievalisms helped mark alterity, whereas in more modern renditions the accuracy is used as an anthropological/historical tool to accurately depict Vikings. Nonetheless, this dyadic relationship has been maintained but I conclude that the reimagining of Vikings makes them noble action hero pagans and casts paganism in a more neutral light; even allowing for an ideological space where Viking alterity is considered desirable, thus this new reimagining is appropriated.” (Dupree, 2014: 129)

permanece como um repositório de ideias e valores latentes no mito. Isso, à luz de reflexões críticas já clássicas como Ferro (1983), que nos mostra com inúmeros exemplos como as narrativas históricas foram e são manipuladas a serviço de ideologias, e Said (2003 [1978]), que nos mostra como o ocidente foi capaz de inventar uma ficção cultural de maneira altamente requintada, pode ser um ponto de partida para investigações que fugiriam do escopo desta tese.

Pensemos em como a atividade bélica e expansionista dos vikings é histórica e contemporaneamente glamurizada tanto na ficção popular quanto na literatura acadêmica popularizadora. Destaca-se o aspecto livre e independente desses navegantes intrépidos, mas se aceita como componente perfeitamente acomodado no mito o fato de que eles subjugavam, conquistavam, escravizavam. Outro tratamento é dado aos piratas islâmicos que levaram a cabo o famoso *Tyrkjarán* na Islândia em 1627, quando raptaram centenas de pessoas como escravas⁶⁰. Aqui o saque e a escravidão praticada por conquistadores não costuma render narrativas em que o agressor é glamurizado – antes, gerou romances históricos dramatizando as vítimas⁶¹.

Do ponto de vista norte-europeu é fácil explicar, historicamente, a glamurização dos vikings. Mas e do ponto de vista brasileiro? “Vikings” trazem consigo muitos conceitos. Narrar vikings, na contemporaneidade, pode ser uma oportunidade para rever alguns mitos de supremacia e colocar em análise discursos que, em certo sentido, legitimam valores políticos e sociais problematizados na atualidade. Traduzir vikings não é algo desvinculado de ideologias.

Poderíamos pensar em desviquinguizar as sagas no Brasil? É o que tento fazer⁶². Este trabalho pode sugerir reflexões que venham a ser desenvolvidas em novas pesquisas. Trabalhos interdisciplinares, que envolvam literatura, análise do discurso, sociologia e história, poderiam dar mais respostas a um problema que apenas tangencio enquanto tradutor literário. Há aspectos a serem avaliados de maneira crítica na recepção do imaginário viking no Brasil. O momento parece oportuno, pois vikings estão por toda parte: desde *games* e jogos de RPG, passando por filmes, séries de TV, literatura popular, até bandas de rock

⁶⁰ Cf. Karlsson, 2000: 143-145.

⁶¹ *Reisubók Guðríðar Símonardóttur* (2001), de Steinunn Jóhannesdóttir.

⁶² Note-se que esse imaginário está amplamente difundido, sendo parte de um estereótipo turisticamente explorado na Escandinávia e que serve a agendas nacionais específicas (Gremaud, 2010). Mas é possível reduzi-lo a um estereótipo, evitando-o ou limitando-o ao significado restritivo, conforme sugeriram alguns historiadores em tempos mais recentes.

e entusiasmos por mitologia nórdica e neopaganismo. E uma tradução de saga não pode ser isolada desse contexto.

Feita essa ressalva com relação ao conceito *viking*, e ressaltada minha posição frente a ele, utilizo a perífrase *Era Viking* para referir-me ao período entre os séculos VIII e XI e designações mais neutras como *antigos escandinavos* e *escandinavos da Era Viking*.

1.1.3. A era viking

Os escandinavos surgem na história europeia de modo marcante no séc. VIII. Entre o final do séc. VIII e meados do séc. XI, temos o que se denomina Era Viking⁶³. Foi o período em que os escandinavos, ainda politeístas, realizaram sua expansão territorial, povoando novas terras, empreendendo saques e desenvolvendo intensa atividade comercial, e fizeram-se perceber, desse modo, por grande parte da Europa, chegando a colonizar a Groenlândia e a atingir a costa americana, numa tentativa fracassada de colonização da terra que chamaram Vínland, que deve ser alguma parte entre o extremo sudeste do Canadá e o extremo nordeste dos EUA⁶⁴. Durante a Era Viking, os escandinavos adotaram o cristianismo, inserindo-se assim no contexto cultural da Europa medieval. Foi nesse período que os reinos da Noruega, Suécia e Dinamarca tomaram forma.

Os escandinavos do oeste, os noruegueses, abriram rotas marítimas pelo Atlântico norte e colonizaram as Ilhas Faroe, a Islândia e a Groenlândia⁶⁵. Tanto as Ilhas Faroe quanto a Islândia eram conhecidas, e fontes medievais como o *Íslendingabók* nos dizem que monges celtas ermavam-se nelas. Eram, aparentemente, indivíduos isolados, e não se costuma considerar sua presença como um princípio de colonização. Os colonizadores noruegueses instalaram-se nessas

⁶³ Estes breves comentários sobre a Era Viking servem unicamente para contextualizar a Islândia e sua literatura e para embasar o Capítulo 3, onde o projeto de tradução é apresentado. Existem diversas introduções à história e à cultura escandinava da Era Viking, às quais remeto: a obra de Roesdahl (1998) é bastante informativa; sobre a posição da mulher na sociedade nórdica antiga (tema que vem sendo bastante pesquisado em tempos mais recentes), ver Jochens (1995). A recente *Cambridge History of Scandinavia* vol. 1 (Helle, 2003), bem como o compêndio de McTurk (2005) e a volumosa obra organizada por Brink & Price (2008) além de sintetizarem as principais questões relevantes para os estudos acerca da Era Viking, apresentam bibliografia atualizada.

⁶⁴ Sobre a descoberta nórdica da América, existem inúmeros estudos. Além de obras mais gerais sobre história e cultura da Escandinávia medieval (cf. nota anterior), ver Seaver, 2010.

⁶⁵ Sobre a presença nórdica na Groenlândia na Idade Média, ver Guðmundsson, 2005.

terras a partir do século IX, levando consigo sua cultura, tradições, religião e idioma. Levaram também um modo de vida, técnicas de cultivo da terra, arquitetura, criação de animais, e também escravos, na maioria celtas, obtidos em expedições de saque, principalmente nas ilhas britânicas. Com o passar de alguns séculos, já finda a Era Viking, a escravatura deixou de ser praticada, e esses escravos e descendentes amalgamaram-se à população de origem escandinava (Karlsson, 2010: 13).

Estabelecer marcos temporais na história é sempre uma medida bastante arbitrária e passível de discussões e frequentes reformulações. Atenho-me aqui à periodização tradicional. No caso da Era Viking, é talvez mais fácil encontrar um marco inicial do que um marco final. Tradicionalmente, toma-se o primeiro saque viking registrado por um cronista medieval, o ataque a Lindisfarne, na Nortúmbria, no ano de 793, como signo do início da era; todavia, conforme observa Roesdahl:

Com o atual influxo de novas informações e pesquisas, nossa percepção do período encontra-se constantemente sob revisão. O início da Era Viking não pode mais ser categoricamente fixado em 793 d. C (...) porque existem evidências indiretas de ataques de Vikings ocorridos um pouco antes no ocidente. Ademais, o povo da atual Suécia já havia empreendido uma expansão para leste e, o mais importante, muitas características essenciais da estrutura social e economia da Era Viking vêm de um período bem anterior dentro do século VIII. Entretanto, parece razoável datar o início da Era Viking no “final do século VIII” ou “em torno de 800 d. C.”. Pois é, então, que as violentas expedições vikings e a expansão de grande alcance ganharam ímpeto – e são elas que, em primeiro lugar, caracterizam o período⁶⁶. (Roesdahl, 1998: 9-10)

Já o final da Era Viking, frequentemente vinculado à morte do último rei escandinavo na Inglaterra (1042), parece mais difícil de ser

⁶⁶ With the current influx of new information and research, our perception of the period is under constant revision. The start of the Viking Age can no longer be fixed categorically at AD 793, (...) because there is indirect evidence of slightly earlier Viking attacks in the west. Also, the people from present-day Sweden had already engaged in an eastward expansion, and most importantly, many essential characteristics of the social structure and economy of the Viking Age go far back into the eighth century. However it seems reasonable to date the beginning of the Viking Age to the ‘late eighth century’ or ‘around AD 800’. For that was when the violent Viking expeditions and the far reaching expansion gathered momentum – and these are first and foremost what characterize the period.

delimitado por um evento específico. A diminuição das atividades militares, para Roesdahl (1998: 10), coloca o final da Era Viking na segunda metade do séc. XI. Ou seja, a Era Viking termina com o fim do modo de vida expansionista e das atividades guerreiras dos povos escandinavos contra outros povos europeus, notadamente contra os habitantes da Grã-Bretanha. Isso se dá concomitantemente à consolidação do cristianismo entre os nórdicos.

Os escandinavos no início da Era Viking tinham sido pouco influenciados pela cultura europeia cristã, sendo ainda politeístas. Não temos hoje condições de saber ao certo o quanto a cultura europeia cristã pode ter influenciado os nórdicos politeístas, mas sabe-se que contatos comerciais e atividades missionárias ocorriam havia muito. A antiga religião escandinava consistia de cultos a diversas divindades e sacrifícios de animais e pessoas. Não temos um conhecimento completo e totalmente claro dessa religião: deve-se entender que uma coisa é o *corpus* de narrativas mitológicas que foi preservado numa literatura produzida séculos após a conversão dos escandinavos, e outra coisa é a religião enquanto prática que regrava as atividades individuais e sociais, enquanto *relação* de indivíduos e sociedade com essas narrativas mitológicas. Conforme observa Roesdahl,

Muitos nomes de locais dão evidência de locais de culto pré-cristão, mas não se sabe muito sobre como os deuses e outros seres eram efetivamente adorados.⁶⁷ (Roesdahl, 1998: 152)

Muito do nosso conhecimento moderno sobre esses cultos é fruto de interpretações de fontes escritas já dentro de uma Escandinávia cristã, fontes essas escritas por cristãos para cristãos (*Eddas*; *Ynglinga saga*; *Gesta Danorum*); relatos contemporâneos de povos estrangeiros, sempre muito parciais (pois esses povos estrangeiros eram praticantes de outras religiões: temos relatos de cristãos e islâmicos); e dados arqueológicos, que permitem a elaboração de hipóteses, mas, enquanto hipóteses, são acompanhadas de um elemento de incerteza muito grande. Até mesmo Régis Boyer (1992), autor ousado em algumas afirmações⁶⁸, ao apresentar a religião escandinava da era viking, inicia seu ensaio com esta ressalva:

⁶⁷ Many place-names give evidence of pre-Christian cult places but not much is known about how the gods and other beings were actually worshipped.

⁶⁸ Em seu ensaio sobre a “grande deusa do norte”, Boyer acusa os indo-europeus de terem sido responsáveis por intervenções no curso da nossa história. (Et j'accuse les Indo-Européens, à l'existence et au rôle déterminant desquels je crois, d'avoir été responsables, entre autres

Existem, de fato, mil maneiras de apresentar a religião dos antigos escandinavos, e nenhuma é asseguradamente correspondente à realidade.⁶⁹ (Boyer, 1992 : 334)

Temos várias informações sobre o caráter de vários deuses do panteão nórdico e algumas informações sobre a prática religiosa que diz respeito a alguns contextos específicos, algumas classes sociais específicas, algumas regiões específicas e determinados momentos⁷⁰. Não possuímos a imagem completa de algo que se pudesse considerar em termos abrangentes como uma religião escandinava antiga una. É provável que algo do gênero não tenha existido: classes sociais, regiões e períodos, e também fatores individuais, significavam cultos a divindades diferentes ou formas diferentes de se relacionar com determinadas divindades.

Em seu estudo sobre as divindades femininas Frigg e Freyja, Ingunn Ásdísardóttir observa:

Por muito tempo, a tendência entre os acadêmicos foi de considerar essas ideias religiosas como um sistema uno, até mesmo como uma espécie de “instituição eclesiástica”. Nas últimas décadas, porém, essa visão mudou bastante, e tem-se adotado cada vez mais a opinião de que, ainda que os aspectos centrais do universo religioso sejam parecidos, não é aceitável falar de tal sistema uno. É mais provável que diferentes grupos sociais, até mesmo bem pequenos em alguns casos, grandes em outros, tenham adotado suas próprias concepções religiosas. Assim, a adoração de um deus que parece ter sido recorrente com o

interventions dans le cours de notre Histoire, de l'émergence de l'Homme en tant que divinité. – 1995 : 11)

⁶⁹ Il existe, en effet, mille façons de présenter la religion des anciens Scandinaves et nulle n'est assurée de correspondre à la réalité.

⁷⁰ Para uma introdução geral à mitologia nórdica, ver Lindow (2001). A tese de doutorado de Philip Andrew Shaw (2002) investiga a imagem do deus Óðinn em representações literárias cristãs; este trabalho evidencia a problemática de reconstrução de uma figura divina pré-cristã germânica. Sua conclusão final merece destaque (p. 236): “The ways in which these two cult figures [i.e. Wodan / Óðinn] are adopted, re-used and re-imagined by christian writers and artists is, ultimately, not only better-evidenced than their cults, but also, I would suggest, of greater interest.” Sobre o modo como os escritores islandeses medievais “usaram e abusaram” da mitologia nórdica, ver Simek (2006). Para uma crítica à reconstrução dumeziliana da mitologia nórdica, ver Boulhosa (2006). Sobre a história da recepção da mitologia nórdica, ver Clunies Ross (2006) e O'Donoghue (2007a).

mesmo nome em grandes áreas pode ter sido diferente de acordo com territórios ou tipo de sociedade.

Nas fontes que foram conservadas aparecem nomes de muitas e diferentes divindades e deuses de ambos os gêneros, junto com narrativas incompletas e fragmentos de narrativas deles e de seu mundo divino. A partir disso, pode-se interpretar que o universo de concepções religiosas foi complexo e múltiplo, e que sofreu mudanças tanto no tempo quanto no espaço.⁷¹ (Ásdísardóttir, 2007: 14)

Ao longo do século IX tem início o processo de conversão dos escandinavos, mas a cristianização, aparentemente, só se completou no século XI; em algumas regiões mais remotas da Escandinávia, especialmente na Suécia, o paganismo pode ter tido uma sobrevida maior, adentro do séc. XII. Durante o período inicial do cristianismo houve certo sincretismo; cabe supor que alguns indivíduos adotaram o cristianismo mas não abandonaram totalmente seus antigos deuses. A *Saga de Njáll* tem parte de sua narrativa dedicada ao processo de conversão da Islândia (Capítulos C a CV), sendo, inclusive, uma valiosa fonte sobre esse evento histórico⁷². A cristianização escandinava foi um evento de importância política com a centralização dos reinos, e foi um movimento interno, promovido por reis escandinavos, e não por cruzadas estrangeiras.⁷³

Essas questões foram aqui salientadas por dois motivos.

Um deles é o fato de, nas sagas de islandeses – e notadamente na *Saga de Njáll* – o processo de conversão constituir um dado fundamental, tanto no enredo quanto na ética expressa pela obra. A

⁷¹ Um langa hríð hefur tilhneiging fræðimanna verið sú að líta á þessar trúarhugmyndir sem eitt heildarkerfi, allt að því eins konar „kirkjustofnun“. Á síðustu áratugum hafa þessi viðhorf þó breytist allnokkuð og sú skoðun unnið sér æ meira fylgi að þó að meginþráðum trúarmynddaheimsins svipi saman í aðalatriðum sé ekki viðunandi að tala um slíkt heildarkerfi. Mun sennilegra er að mismunandi samfélagshópar, jafnvel mjög litlir í sumum tilfellum, stærri í öðrum, hafi tileinkað sér eigin trúarhugmyndir. Þannig geti dýrkun goðs sem virðist hafa gengið undir sama nafninu á stórum svæðum verið mismunandi eftir landsvæðum og samfélagsgerð.

Í þeim heimildum sem varðveist hafa koma fyrir nöfn margra og mismunandi goðvera og guða af báðum kynjum ásamt misjafnlega heilum sögnum og sagnabrotum af þeim og goðheimi þeirra. Af þessu má ráða að hinn trúarlegi hugmyndaheimur hefur verið margbrotinn og fjölbreytilegur og tekið breytingum bæði í tíma og rúmi.

⁷² Johnni Langer (2011) faz uma análise da conversão da Escandinávia com base na narrativa encontrada na *Saga de Njáll*.

⁷³ Sobre a cristianização da Islândia, ver Strömbäck (1975); também Karlsson (2000: 33-37). Sobre a cristianização da Escandinávia, ver Sawyer & Sawyer (2003), Brink & Price (2008: 621-628).

postura do narrador de uma saga diante da religiosidade de seus personagens pode ser complexa, e, naturalmente, mostra o advento da cristandade como algo positivo.

Como exemplo, ver o capítulo VIII da *Saga de Eiríkr Vermelho* (Moosburger, 2007: 111-112), com o divertido episódio da baleia imprópria para o consumo. Ou, então, a intervenção do narrador no Capítulo V da *Gunnlaugs saga ormstungu* (obra da segunda metade do séc. XIII, como a *Saga de Njáll*):

E, em seguida a isso, aconteceu o evento que de melhor já se deu cá na Islândia, que a terra foi toda feita cristã e toda a gente abandonou as antigas crenças. (In: Foote & Quirk, 1957: 8)⁷⁴

É nítido que a *Saga de Njáll* é uma obra cristã, e essa cristandade não parece ser fruto apenas de declarações moralizantes pontuais do narrador; de fato, ela está no cerne do universo de valores expresso pela obra e na construção de seus personagens e do enredo. Sobre isso, ver, adiante, 1.4.

O outro motivo diz respeito a valores presentes no contexto receptor e, mais especificamente, uma visão popular acerca do universo cultural “viking” e o tipo de idealizações, referências e concepções normalmente ligadas a ele. Para o tradutor, a cristianização daquela longínqua cultura é um fenômeno histórico que, antes de ser louvado ou lamentado, deve ser compreendido. E, no caso de uma obra literária complexa, deve ser compreendido *em função* de sua significação dentro da narrativa e seu universo de valores.

Valorar uma obra cristã como cristã não significa recebê-la como texto doutrinário; significa reconhecer que ela, textual e conceitualmente, foi concebida com valores cristãos. Do mesmo modo, ao analisar a poesia de Jalal Al-Din Rumi, enriquecemos nossa compreensão ao entendê-la à luz do misticismo sufi; ao analisar um conto de Aléxandros Papadiamántis ganhamos ao fazê-lo à luz da ortodoxia grega; ao ler uma obra de Albert Camus, como *O Estrangeiro*, ampliamos sua compreensão ao entendê-la à luz do ateísmo.

⁷⁴ Ok þessu nær urðu þau tíðendi, er bezt hafa orðit hér á Íslandi, at landit varð allt kristit ok allt fólk hafnaði fornum átrúnaði.

1.1.4. A língua nórdica antiga

Os registros linguísticos de que dispomos para acessar o idioma nórdico da Era Viking, além de topônimos e antropônimos e empréstimos lexicais para outros idiomas (o inglês, por exemplo), são principalmente as inscrições rúnicas.

A forma mais antiga documentada do idioma germânico do norte é o nórdico arcaico (ou proto-nórdico), preservado em inscrições rúnicas datadas de cerca de 150 d. C. a 800 d. C., quando o nórdico fragmentou-se em dois dialetos distintos, o nórdico oriental (antigo sueco e antigo dinamarquês) e o nórdico ocidental (antigo norueguês, que logo dividiu-se em antigo norueguês e antigo islandês)⁷⁵.

Anthony Faulkes (2007 [2011]: 211) salienta que as runas “não constituem uma linguagem por si só. Sequer devem ser associadas a poemas místicos ou com previsão da sorte, poderes supernaturais ou baboseiras similares”⁷⁶. As runas são letras (de uma escrita alfabética),⁷⁷ e existem inscrições diversas em línguas germânicas, sendo a grande maioria em escandinavo antigo (protonórdico) e variantes dialetais do nórdico da Era Viking.

O alfabeto rúnico consistia, originalmente, de vinte e quatro caracteres (o chamado *futhork* antigo). Suas origens são objeto de discussão, mas é consenso que as letras rúnicas foram inspiradas por ou adaptadas de escritas mediterrâneas (cf. Ólason, 2006 [1992]: 22)⁷⁸. Segundo Jesse Byock (2013: 74), “as runas mais antigas datam do primeiro séc. d. C.” e “quase certamente as runas foram adaptadas de

⁷⁵ Cf. Eythorsson, 2009: 779.

⁷⁶ “Runes do *not* constitute a language in themselves. Neither are they to be associated with mystical poems or with fortune-telling, supernatural powers or similar mumbo-jumbo.”

⁷⁷ O popular método divinatório com runas é uma invenção moderna. Sua utilização na Idade Média entre os escandinavos e na Antiguidade entre os germanos não é atestada. O ocultismo rúnico, em algumas de suas manifestações, teve grande apelo na Alemanha nazista (Page, 1987: 12). Luitgard Löw (2013) apresenta um estudo sobre o alemão Herman Wirth (1885-1981): a ideia de Herman Wirth baseava-se na teoria de que a raça germânica se originara na região polar (Löw, 2013: 108). Wirth desenvolveu teorias rúnicas durante o regime nazista. Suas ideias são mantidas vivas em pequenos círculos e associações como “Ur-Europa” (Löw, 2013: 128). Para um estudo crítico sobre o ocultismo de runas, em especial sua presença no romantismo germânico e no nazismo, ver O’Donoghue, 2007b.

⁷⁸ Cf. Faulkes (2007 [2011]: 211-212) e Page (1987: 9). Haugen (1990: 158) não aborda a origem das runas em sua breve apresentação, limitando-se a sugerir que o local de sua origem pode ser a Jutlândia (Dinamarca). Segundo Page (1987: 9), a teoria de que as runas são invenção de tribos da Jutlândia, foi proposta de maneira patriótica pelo acadêmico dinamarquês Erik Moltke.

sistemas de escrita em uso no Império Romano”⁷⁹. A semelhança de diversas runas com letras latinas e gregas é óbvia⁸⁰.

No século VIII os escandinavos passam a utilizar uma versão simplificada desse alfabeto, composto de dezesseis letras (o chamado *fupark* novo), e é nesse alfabeto que encontramos as inscrições rúnicas dos antigos noruegueses, suecos e dinamarqueses na Era Viking, com variantes significativas nas formas das letras.

R. I. Page salienta que o conhecimento moderno sobre as runas é repleto de aporias e lacunas:

Sobre os mestres de runas sabemos pouco ou nada. Não sabemos quão geral era o conhecimento da escrita entre as pessoas nem qual era a posição daqueles que a dominavam. Não sabemos como o mestre de runas era treinado nem em que circunstâncias ele era empregado. Qual era a sua relação com o texto? Ele próprio o compunha ou apenas convertia em runas o texto que lhe era dado pelo homem que encomendava seu trabalho? Não sabemos quão ocupado ele era com as runas, quantas inscrições ele gravaria ao longo de sua vida.⁸¹ (Page, 1987: 12)

A escrita rúnica foi empregada em breves inscrições em madeira, osso, pedra e, menos comumente, metal, mas (ao que tudo indica) não na produção de longos textos. As runas eram usadas em marcos de pedra, talhadas em objetos pessoais e eram usadas também em inscrições de caráter mágico (o que não significa dizer que as letras *per se* sejam símbolos mágicos).⁸²

Com a escrita rúnica, ao que tudo indica, não havia uma tradição de produção de textos literários (cf. Ólason, 2006 [1992]: 24-

⁷⁹ “The earliest runes date to the first century A. D. Almost surely, the runes were adapted from writing systems in use in the Roman Empire.”

⁸⁰ Algumas das mais nítidas para o não-especialista: R (r), H (h), I (i), T (t), B (b).

⁸¹ Of the rune-masters themselves we know little or nothing. We do not know how general was an acquaintance with the script among the people, nor what was the standing of those who were expert in it. We do not know how the rune-master was trained, or in what circumstances he was employed. What was his relation to his text? Did he compose it himself, or simply convert into runes the text given to him by the man who commissioned the work? We do not know how busy he was with runes, how many inscriptions he would cut in his lifetime.

⁸² Os manuais de Gordon (1956: 181-193) e Faulkes (2007 [2001]: 211-238) dedicam, cada um, um capítulo às inscrições rúnicas; Page (1987) fornece uma introdução sucinta, acessível e abrangente às runas, não se limitando apenas às inscrições escandinavas da Era Viking. O método de Jesse Byock (2013) incorpora sistematicamente ao longo das lições uma introdução a inscrições rúnicas da era viking. Com relação ao uso das runas em inscrições de caráter mágico, ver McLeod & Mees (2006).

25). O que existiu entre os escandinavos foi provavelmente uma *oralidade primária*, tal qual define Zumthor (1985: 5; 1993: 18); existia, entre os escandinavos da Era Viking, uma tradição de poesia oral e de narrativas orais. Sobre isso ver a seguir 1.2.

Já na Era Viking, como dito, o antigo idioma escandinavo apresentava dois grupos dialetais: o escandinavo do leste (antigo sueco e antigo dinamarquês) e o escandinavo do oeste (antigo norueguês), que foi levado à Islândia pelos colonizadores. Na parte final da Idade Média, as diferenças dialetais dentro do antigo escandinavo se acentuaram muito, e logo se tornaram um impedimento à comunicação. O sueco, o norueguês e o dinamarquês sofreram muitas alterações nessa fase e distanciaram-se bastante da antiga língua da Era Viking, perdendo muito da morfologia complexa (flexões nominais e verbais. Por outro lado, o islandês e, em menor grau, o faroês (também dito feroês ou feroico), permaneceram isolados em comunidades pequenas e mudaram bem menos. O islandês, na verdade, não sofreu grandes alterações gramaticais entre o séc. XII e os nossos dias, de modo que os textos em prosa medievais são ainda facilmente legíveis pelos islandeses modernos.⁸³

O que chamamos de nórdico antigo (em inglês *Old Norse*) é a língua escandinava preservada nas inscrições rúnicas da Era Viking e nos manuscritos medievais dos séculos XII a XV. Nessa aplicação genérica, o termo “nórdico antigo” refere-se a uma língua com um espectro de variação temporal de cerca de sete séculos, e que apresenta, além das naturais modificações que acumulou no curso desse longo período, uma diferenciação dialetal, diferenciação esta que se faz cada vez mais sensível até a clara ruptura em línguas distintas, no final da Idade Média.⁸⁴

Antes do século XII praticamente só existem registros em inscrições rúnicas; a partir do século XII, a utilização do alfabeto latino e do pergaminho propicia o desenvolvimento de uma tradição literária e a produção de um volumoso *corpus* em vernáculo. Na prática, quando falamos em “nórdico antigo” referimo-nos basicamente à língua que encontramos nos textos redigidos na Islândia dos séculos XII-XV, sendo o século XIII aquele em que as principais obras foram manuscritas. No caso das sagas e da poesia éddica e escáldica, portanto,

⁸³ Stefán Einarsson (1945: xii), em sua clássica introdução ao idioma islandês moderno, apresenta um sumário das principais diferenças ortográficas e morfológicas entre o islandês antigo e o islandês moderno.

⁸⁴ Para informações introdutórias sobre história da língua nórdica antiga, ver Byock, 2013: 21-23.

“nórdico antigo” e “islandês antigo” são sinônimos. Prefiro utilizar o termo *islandês medieval* para referir-me à língua encontrada na prosa das sagas; o termo *nórdico antigo* parece-me mais apropriado para designar a língua dos poemas escáldicos e éddicos. Todavia, é difícil estabelecer um critério absoluto, e, desse modo, os termos *nórdico antigo*, *islandês antigo* e *islandês medieval* podem ser aplicados para designar textos escritos na Islândia durante a Idade Média.

Segundo as fontes medievais (entre as quais nossa *Saga de Njáll*), a Islândia adotou o cristianismo numa decisão na assembleia no ano 1000. Como consequência da cristianização, desenvolveu-se, passadas algumas gerações, uma tradição letrada nos moldes da Europa meridional, com epicentro nos mosteiros. Foi a igreja que levou à Islândia a cultura do letramento e o alfabeto latino, com o qual, a partir do séc. XII, produziu-se o *corpus* literário islandês:

Os bispos missionários que aqui viveram na primeira metade do séc. XI foram, muito provavelmente, os primeiros a ensinarem os islandeses a escrever. O rei da Noruega Olavo, o santo, deve ter enviado a maioria deles para cá, mas muitos deles também tinham vindo da Inglaterra, pois é perceptível a influência anglo-saxônica no nosso alfabeto e na nossa cultura livresca. A letra þ, por exemplo, foi trazida a nós do alfabeto dos Anglo-Saxões, a palavra *bókfell* (“pergaminho”) e a expressão *að rita* (“escrever”) consideram-se vindas daquela língua. Um desses bispos missionários recebeu o epíteto *hinn bókvísi* (“o sábio em livros”). O bispo Hróðólfur foi, desses homens, o que mais tempo morou aqui, habitando em Bær, em Borgarfjörðr. Lá pode ter havido a mais antiga escola na Islândia.⁸⁵ (Jónsson et. al, 1997: 39)

O primeiro uso que provavelmente foi feito do idioma islandês com o alfabeto latino foi a tradução de textos religiosos cristãos. Esse dado é inferível a partir de uma observação encontrada no famoso *Primeiro Tratado de Gramática*, obra anônima de c. 1140.⁸⁶ Nota-se aqui, como em outros casos de formação de uma identidade literária ou

⁸⁵ Trúboðsbiskupar þeir, er hér dvöldu á fyrri hluta 11. aldar, hafa vafalítið orðið fyrstir til að kenna Íslendingum að draga til stafs. Ólafur helgi Noregskonungur mun hafa sent þá hingað flesta en þeir voru margir komnir af Englandi, enda má kenna engilsaxnesk áhrif í stafrófi okkar og bókmenningu. Stafurinn þ er t.d. til okkar kominn úr stafrófi Engilsaxa, orðið *bókfell* og sögning *að rita* (rita) eru og talin úr því máli komin. Einn þessara trúboðsbiskupa hlaut viðurnefnið hinn bókvísi. Hróðólfur biskup dvaldist hér lengst þessara manna og sat að Bæ í Borgarfirði. Mun þar elsta skóla setur á Íslandi.

⁸⁶ Cf. Jónsson et. al., 1997: 40

de fixação de uma língua vernácula, a importância de um movimento tradutório⁸⁷.

O idioma islandês encontrado no corpo narrativo da *Saga de Njáll* difere da língua poética. A poesia é provavelmente mais antiga do que sua fixação por escrito, pois suas origens estão numa tradição oral. Já as sagas, ainda que tenham elementos de uma tradição oral, aparentam ser textos elaborados por escrito. Sobre esses aspectos, ver 1.2 e 1.3.

1.1.5. A Islândia medieval

De acordo com as fontes islandesas medievais, foi o norueguês Ingólfr Arnarson quem deu início à colonização escandinava da Islândia. No primeiro texto historiográfico islandês, o *Libellus Islandorum* (também referido pelo título em islandês: *Íslendingabók*), Ari Þorgilsson diz que, quando o rei norueguês Haraldr Belos-Cabelos (c. 850 - c. 932) tinha dezesseis anos de idade, um norueguês chamado Ingólfr foi o primeiro a viajar da Noruega à Islândia, chegando ao local que denominou Reykjavík (baía onde hoje fica a capital da Islândia, Reykjavík)⁸⁸.

O início da colonização escandinava da Islândia, portanto, remeteria à década de 870. Esta datação tem sido questionada por historiadores modernos, mas, não obstante, é consenso situar o início da colonização da Islândia na segunda metade do séc. IX. Entre os anos 870 e 930, deu-se a chamada *Landnám*, “a tomada de terras”: nesta época a Islândia foi povoada por colonos e sua sociedade tomou forma⁸⁹. Em meados do séc. X a Islândia estava, portanto, habitada e seu sistema legal e político definido. A população islandesa era constituída por indivíduos de origem nórdica (predominantemente noruegueses ou escandinavos das colônias nórdicas das ilhas britânicas) e também indivíduos de origem celta, estes, na maioria, escravos trazidos pelos primeiros.

A Islândia permaneceu independente dos reinos escandinavos estabelecidos no continente, ainda que mantendo fortes vínculos culturais com a Noruega, até 1262, quando foi anexada pela coroa

⁸⁷ Sobre a importância do papel dos tradutores na história cultural, ver Delisle & Woodsworth (2003 [1995]). Especialmente sobre o papel do movimento tradutório na constituição de línguas nacionais, ver pp. 37-75.

⁸⁸ *Libellus Islandorum*, I.

⁸⁹ Cf. Karlsson, 2010: 4.

norueguesa. Esse período é denominado, em islandês moderno, *Pjóðveldisöld* (algo como: “era do poder da nação/povo”). Em inglês, utilizam-se os termos “free state” e “commonwealth” para fazer referência a esse período. Utilizo aqui o termo “Estado Livre”, sem com isso querer dar a entender que aquela sociedade apresentava a feição de um estado como entendemos o termo modernamente⁹⁰.

Durante o período do Estado Livre, a Islândia não era governada por um rei e não havia nela um poder central. Para fins administrativos, o país era dividido em quartos, e cada quarto era subdividido em distritos. Realizavam-se assembleias (*þing*) tanto nos distritos, em que se deliberavam questões legais e políticas locais, quanto a Assembleia Geral (*Alþing*), realizada anualmente em Þingvöllr (modernamente chamado Þingvellir)⁹¹, na primavera. A Assembleia Geral reunia chefes da Islândia toda, e nela eram discutidos casos legais e deliberava-se sobre questões de interesse geral. Como se pode ler na *Saga de Njáll*, foi numa Assembleia Geral que o Cristianismo foi adotado como religião oficial.

Os chefes distritais eram chamados *goðar* (plural de *goði*). Um *goði* tinha seguidores dentro de seu distrito e desempenhava funções seculares e, ao que tudo indica, religiosas, até a adoção do cristianismo. Com a cristianização, os *goðar* foram destituídos de suas funções sacerdotais. A cristianização, assim, pode ter servido como forma de controle central sobre autoridades locais. A *Saga de Njáll* nos fornece detalhes sobre a organização política e legal da Islândia do período do Estado Livre.

As sagas de islandeses são ambientadas todas no período do Estado Livre. Algumas foram escritas ainda dentro do Estado Livre, outras (como é o caso da *Saga de Njáll*), após a anexação da Islândia pela coroa norueguesa. Mais será dito sobre as sagas de islandeses em 1.3.

1.2. Os expoentes literários dos séculos XII e XIII

Quando se fala da literatura islandesa medieval, faz-se referência a um conjunto grande e variegado de textos que foram

⁹⁰ Karlsson (2007: 62) apresenta um quadro sinótico com a periodização da história islandesa medieval.

⁹¹ *Þingvellir* (“planícies do þing”) é plural de *Þingvöllr* (a forma moderna do singular é *Þingvöllur*); a forma moderna de *Alþing* é *Alþingi*.

redigidos na Islândia a partir do séc. XII. Muitos desses textos têm origem em tradições orais. Em alguns casos, essa literatura tem elementos formais, linguísticos e axiológicos que nos permitem conjecturar sobre formas de expressão poética, conhecimentos de mundo e eventos históricos do período anterior à cristianização. Contudo, enquanto literatura, há um dado que deve ser sempre lembrado:

Por volta do ano 1000, por pressão do rei norueguês, os islandeses concordaram na sua assembleia a abandonar suas crenças pagãs e aceitar o cristianismo. (...) Nas décadas subsequentes, seguindo a educação do clero e a formação de escolas e monastérios locais, a influência da igreja transformou a sociedade radicalmente. Num período relativamente curto, ela se desenvolveu de uma cultura primariamente oral para um dos centros de literatura vernácula escrita na Europa da alta idade média. Nas primeiras décadas do séc. doze, os islandeses começaram a traduzir obras canonizadas da igreja e a redigir suas próprias leis, genealogias e registros da história antiga da Islândia. (Helgason, 1999: 14)⁹²

Quando encaramos a literatura islandesa medieval buscando nela ver criações literárias de valor artístico, não podemos deixar em segundo plano o fato de que ela foi produzida por cristãos para cristãos. Dentro disso, os elementos pré-cristãos dessa literatura surgem de maneira surpreendente. Outro dado que se deve levar em consideração é que, a despeito de escrita por cristãos e para cristãos, as obras islandesas medievais que mais atraem o público moderno estão muito longe de poderem ser caracterizadas como textos doutrinários cristãos.

A tendência dominante na tradição acadêmica romântica foi enfatizar os aspectos pré-cristãos da literatura islandesa medieval; tal

⁹²Around the year 1000, under pressure from the Norwegian king, the Icelanders agreed at their assembly to give up their heathen beliefs and to accept Christianity. This event is referred to and described in several preserved early texts, including *Njáls saga*. Over the next decades, following the education of the clergy and the forming of local monasteries and schools, the influence of the church transformed the society radically. In a relatively short period, it developed from being primary an oral culture to becoming one of the centres of written vernacular literature in high medieval Europe. In the first decades of the twelfth century, the Icelanders began by translating canonised works of the church and writing down their own law, genealogies and records of Iceland's early history.

abordagem ainda tem adeptos⁹³. Na medida em que se busca nessa literatura apenas um retrato do universo nórdico pré-cristão, deixa-se de ver o papel do contexto cultural que a gerou. Essa literatura certamente tem fascinado muitos leitores modernos por sua relação com uma “tradição nórdica ancestral”; esse elemento tradicional é provavelmente o que mais atrai historiadores ocupados em pesquisar a Era Viking. Mas é importante enxergar esses textos em função de seu contexto cristão. Margaret Clunies Ross assim sugere:

É possível estender o tipo de abordagem advogada por acadêmicos com interesses antropológicos ou histórico-legais a outros campos culturais relevantes para a compreensão historicamente consciente das sagas islandesas medievais. Um campo importantíssimo nesse sentido diz respeito a atitudes cristãs medievais e crenças religiosas e sua presença informante na literatura das sagas de todos os subgêneros, algo que tanto acadêmicos quanto leitores em geral do passado frequentemente ignoraram.⁹⁴ (Clunies Ross, 2010: 162)

Essa literatura produzida na Islândia entre os séculos XII e XV é hoje por muitos considerada grandiosa. As razões dessa fama são justas: um país à margem da civilização europeia medieval encarregou-se de preservar a tradição literária escandinava, por meio do registro e da elaboração de textos em verso e prosa. Trata-se de um *corpus* volumoso em língua vernácula, algo notável no contexto europeu medieval, que compreende algumas obras modernamente consideradas canônicas dentro da literatura universal. Essa literatura não se limita às sagas: no *corpus* islandês medieval há, entre outras coisas, tratados de gramática, geografia, obras historiográficas (destacam-se aqui o já

⁹³ Jörn Staecker, ao analisar arte visual da era viking, coloca o problema de maneira incisiva: “Besides trying to understand a complex and sometimes very complicated language from the Viking Age, we have to struggle with our own perception of the Viking past. The myth of a pagan revival in late 10th century Scandinavian society is still alive and sometimes makes it very difficult to discuss phenomena of a cultural and religious phase of transition. Instead of trying to understand how people one thousand years ago formed their own imagination and symbolic language, some researchers still want to make the Vikings more pagan than they had ever been”. (Staecker, 2007: 301)

⁹⁴ It is possible to extend the sort of approach advocated by scholars with anthropological or legal-historical interests to other cultural fields relevant to the historically aware understanding of medieval Icelandic sagas. A most important field in this regard concerns medieval Christian attitudes and religious beliefs and their informing presence in saga literature of all sub-genres, something that both scholars and general readers of the past have often ignored.

citado *Libellus Islandorum* de Ari Þorgilsson e o anônimo *Landnámabók*)⁹⁵.

Os dois principais gêneros poéticos da literatura islandesa medieval são a *poesia éddica* e a *poesia escáldica*. Ambos foram cultivados desde os tempos pagãos e remetem a uma tradição escandinava anterior à literatura islandesa propriamente dita.⁹⁶

A poesia éddica está preservada principalmente no manuscrito chamado *Codex Regius*, de c. 1275. Modernamente, os poemas desse manuscrito, junto com alguns outros poemas encontrados em outros manuscritos, são chamados *Edda poética*⁹⁷ (em islandês usa-se o termo *Eddukvæði*)⁹⁸. A *Edda poética* é uma coletânea de poemas mitológicos e heroicos anônimos (que não foi concebida como obra unitária) organizados segundo critérios cronológicos em vista do tempo mítico. Esses poemas, na maioria, remetem a uma tradição oral escandinava pré-cristã. Contudo, a datação desses poemas e sua origem é matéria de conjecturas⁹⁹: são efetivamente remanescentes de uma tradição poética pagã que sobreviveu memorizada até sua redação? Quanto dessa tradição eles representam?¹⁰⁰ Trazem em si marcas de uma influência cristã? Foram elaborados, na forma como os conhecemos, já num

⁹⁵ O *Libellus Islandorum* e o *Landnámabók* podem ser encontrados no vol. 1 da série *Íslensk Fornrit* (Benediktsson, 1986).

⁹⁶ Uma introdução sucinta mas abrangente à poesia islandesa medieval pode ser encontrada no capítulo 1 da *History of Icelandic Literature* (Nejmann, 2006), redigido por Vésteinn Ólason (2006). Ólason apresenta, aqui, um didático panorama dos principais gêneros poéticos cultivados na tradição islandesa até o final da Idade Média. Para uma introdução abrangente sobre a poesia islandesa e nórdica antiga, a bastante citada obra de Margaret Clunies Ross (2005) é uma referência indispensável. O volume 1 da *Íslensk Bókmenntasaga*, editado por Vésteinn Ólason (2006 [1992]), é uma referência completa e atual em islandês sobre poesia islandesa medieval.

⁹⁷ Para uma edição dos poemas em islandês antigo, ver Neckel (1983); a edição de Sigurðsson (1998) apresenta os poemas com a ortografia islandesa modernizada, uma introdução que trata de questões referentes à poesia oral e inúmeras notas (sua edição é em islandês); a elogiada tradução de Larrington (1996) é recomendável ao leitor que não tem conhecimento de islandês.

⁹⁸ A *Edda poética* é também chamada de *Edda antiga* e *Edda maior* (em inglês: Poetic Edda, Elder Edda). Em islandês, o termo estabelecido é *Eddukvæði*. A denominação *Sæmundar Edda* (Edda de Sæmundur) já não é mais utilizada.

⁹⁹ The discussion of age and origin may well go on for ever. As already noted, the only certainty is that the extant poems were recorded in Iceland in c.1270. Everything concerning their history before that date is a matter of speculation. (Gunnell, 2005: 95)

¹⁰⁰ Helga Kress nota: “Quando os poemas éddicos foram escritos, eles eram os últimos remanescentes de uma poesia oral que havia vivido por séculos” (Þegar eddukvæðin voru skrifuð niður voru þau síðustu leifir munnlegs skáldskapar sem hafði lifað um aldir. – Kress, 1993: 61).

contexto cristão?¹⁰¹ Como sugere Gísli Sigurðsson (1998: xv-xxiii), a forma desses poemas, redigidos no séc. XIII, não deve ser a mesma que eles tinham nos tempos pagãos: séculos de transmissão oral podem ter tido um impacto em sua forma e, possivelmente, conteúdo. Carolyne Larrington (1996: xi) adverte que “ainda não foi encontrado um método satisfatório para datar os poemas um em relação ao outro, e não se provou possível identificar a origem deles na Noruega ou na Islândia.” Eles foram redigidos na Islândia, mas é provável que alguns não tenham sido criados oralmente na Islândia, e sim trazidos a ela por colonizadores. Os poemas éddicos, de toda a produção literária islandesa medieval, são aqueles que mais justamente merecem a denominação de *poesia nórdica antiga*. São um testemunho fascinante do que pode ter sido uma tradição oral na era viking¹⁰².

A *Edda poética* não deve ser confundida com a *Edda em prosa*¹⁰³, um tratado de versificação atribuído a Snorri Sturluson e datado em c. 1220. A *Edda* de Snorri apresenta o arcabouço imagético necessário à poesia escáldica, além de aspectos técnicos dessa poesia. O texto é dividido em quatro partes: Prólogo, *Gylfaginning* (em que se tem a maior parte das narrativas mitológicas), *Skáldskaparmál* e *Háttatal*. O *Gylfaginning* é uma valiosa fonte sobre a mitologia nórdica. Como observa Anthony Faulkes na introdução à sua edição da *Edda* (in: Sturluson, 2005: xxvi), “não há razões para crer que tudo no *Gylfaginning* derive de uma tradição antiga, seja oral ou escrita. Snorri era um cristão e tinha apenas um interesse de erudito e de artista pela mitologia; ele a estava preservando por razões antiquárias, não religiosas.¹⁰⁴” A *Edda em prosa* é uma obra original tanto pelos méritos

¹⁰¹ Como observa Vésteinn Ólason, podemos supor que “o paganismo não foi completamente extinto subitamente no ano 1000” e que indivíduos pagãos ou pouco cristãos tenham continuado a compor poesia sobre deuses no séc. XI. Essa poesia preservou-se na memória até que eruditos a considerassem inofensiva e a redigissem em pergaminho (Ólason, 2006 [1992]: 78).

¹⁰² Vésteinn Ólason (2006: 8) posiciona-se assim: “the narrative structure and verbal expression of an individual poem must in principle be dated to the thirteenth century, when it was written down, although the myths and legends on which it is based are clearly much older. It must, however, be considered very likely that some Eddic poems have been preserved so well from the time of composition, which happened long before they were written down, that the thirteenth-century texts give a tolerably good impression of the conceptions and style of composition of poets of the Viking Age.

¹⁰³ A *Edda em prosa* é também chamada de *Edda nova* e *Edda menor* (em inglês *Prose Edda*, *Younger Edda*). Em islandês, é chamada de *Snorra-Edda* (*Edda de Snorri*). Ver: Sturluson 1982 (1988); 1987; 1991.

¹⁰⁴ There is no reason to believe, however, that everything in *Gylfaginning* is derived from ancient tradition, whether oral or written. Snorri was a Christian and had only a scholar’s and an artist’s interest in mythology; he was preserving it for antiquarian, not religious, reasons.

estéticos de suas passagens narrativas quanto pela quantidade de informações sobre a mitologia nórdica e a poesia tradicional que ela fornece.¹⁰⁵

Da produção poética islandesa medieval, é de interesse para esta tese a *poesia escáldica* (em inglês *skaldic poetry*). Em islandês, a poesia escáldica é modernamente chamada de *dróttkvæði*, “poesia de corte”: o gênero foi cultivado por poetas de corte, que celebravam feitos de reis e chefes. Testemunho disso são inúmeros poetas que se tornaram personagens de sagas de reis e sagas de islandeses. Na *Gunnlaugs saga*¹⁰⁶, por exemplo, tanto o herói Gunnlaugr Língua-de-Serpente quanto seu oponente Hrafn Qnundarson são poetas que celebram feitos de nobres na Escandinávia. Essa poesia de corte foi comum na Era Viking e continuou sendo praticada nos primeiros séculos após a cristianização.

Com o termo *poesia escáldica* designamos a poesia dos *skáld*, ou, em simples tradução: “poetas”. Por redundante que possa parecer, falar de “poesia de poetas” no contexto da literatura islandesa e nórdica antiga serve para traçar uma fronteira entre a poesia produzida por e atribuída a indivíduos (muitos dos quais figuras históricas) e a poesia tradicional, anônima (basicamente a *poesia éddica*, mencionada anteriormente).

Isso não significa que todo verso escáldico preservado seja de autoria comprovada e possa ser atribuído com segurança a algum indivíduo histórico. A distinção entre poesia escáldica e poesia éddica diz respeito, também, a critérios formais e temáticos. A poesia éddica é mais simples e direta nas construções sintáticas. É uma poesia narrativa, que em muito se assemelha à dicção épica tradicional (a exemplo do *Beowulf*, no contexto anglo-saxônico, da *Chanson de Roland*, no contexto francês, do *Cantar de Mio Cid*, no contexto ibérico, do *Digenis Akritis*, no contexto grego). A poesia escáldica, por outro lado, é muito mais complexa, tanto no repertório métrico quanto nas construções sintáticas e, principalmente, no uso de imagens poéticas. Enquanto a poesia éddica era basicamente narrativa, a poesia escáldica era, muitas vezes, descritiva. Enquanto a poesia éddica era mais simples e direta e mais facilmente compreendida numa recitação, a poesia

¹⁰⁵ Sobre a Edda de Snorri Sturluson ver Boughosa (2004). Para o texto islandês da Edda de Snorri, ver a edição de Anthony Faulkes em 4 volumes (Sturluson, 2005; 2007a; 2007b; 2007c); ver também a tradução para o inglês de Faulkes (Sturluson, 1987). A Edda de Snorri hoje em dia é lida por interessados em retirar dela narrativas mitológicas; para um estudo sobre a arte poética da Edda, ver Clunies Ross (1987).

¹⁰⁶ Para edição bilingue (islandês-inglês) da *Gunnlaugs saga*, ver Foote & Quirk, 1957.

escáldica muitas vezes era impenetrável e obscura para o não-iniciado. Além de inversões sintáticas complexas, há o uso recorrente de circunlóquios e imagens poéticas tipificadas (as *kenningar*) e de designações poéticas (os *heiti*). Sobre as *kenningar* e os *heiti*, ver 3.4.

No que diz respeito à temática, a poesia escáldica costuma celebrar feitos heroicos, seja do próprio autor dos versos ou de um rei ou nobre. Há versos escáldicos que expressam sentimentos, assemelhando-se assim à poesia lírica.

A poesia escáldica é importante aqui, pois é citada nas sagas de islandeses. Algumas sagas são dedicadas a poetas, e contêm uma grande quantidade de versos escáldicos citados. Tal é o caso da *Gunnlaugs saga*, e também da *Egils saga*, cujo personagem central, Egill Skalla-Grímsson, foi um célebre *skáld*. Em discurso direto, seus versos são incluídos nas narrativas. A *saga de Njáll*, apesar de não ser uma obra recheada com citações de poesia, contém alguns versos escáldicos, além do extenso poema *Darraðarljóð* (citado em seu cap. 157), o qual, na forma, se aparenta mais com a poesia éddica do que com a poesia escáldica. Sobre o *Darraðarljóð*, ver 3.4.

Grande parte da poesia escáldica foi preservada nas sagas, especialmente nas sagas de reis e nas sagas de islandeses. Sua função literária dentro das sagas é complexa, e sobre essa questão existe um estudo de Heather O'Donoghue (2005). A autora analisa algumas sagas, atentando especificamente para a função dos versos citados dentro das obras. O foco da investigação não é sobre a autenticidade histórica dos versos citados, mas sobre o papel desempenhado pelos versos dentro da construção do enredo. Seu estudo não contempla a *Saga de Njáll*, mas a abordagem da autora neste livro foi decisiva para algumas opções tomadas no curso da tradução dos versos da *Saga de Njáll*.

Como a *Saga de Njáll* contém alguns versos citados, dedico um item para a análise de sua tradução: em 3.3.4, alguns aspectos formais da poesia nórdica antiga serão abordados, em vista dos versos existentes dentro da *Saga de Njáll* e do modo como foram tratados na tradução.

O termo islandês *saga* pode ser traduzido por “história”, com a amplitude semântica que a palavra portuguesa apresenta, condensando em um vocábulo o que em inglês se diz com *history* e *story*. O substantivo *saga* tem a mesma raiz do verbo *segja* (dizer, contar, relatar). Uma *saga* é, portanto, um “relato”, uma “narrativa”. O termo *saga* adquiriu em diversas línguas ocidentais o significado de “grande narrativa de teor épico”. Em certo sentido, o termo *saga* em sua

utilização medieval é similar ao grego antigo *ἔπος* (*epos*: “palavra”, “algo dito”).

As sagas islandesas¹⁰⁷ são textos em prosa redigidos na Islândia, em islandês, normalmente anônimos, de extensões bastante variadas. As mais breves não ocupam mais do que poucas páginas numa edição moderna, ao passo que as mais longas (como a *Saga de Njáll*) preenchem facilmente um volumoso livro. Em diversas sagas encontramos citações de poesia escáldica: em alguns casos, os versos citados são mais antigos do que o texto em prosa em que estão inseridos; em outros casos podem ser criações do autor da saga.

Algumas das sagas são verdadeiras crônicas historiográficas; outras são obras de ficção, repletas de episódios maravilhosos. Muitas se encontram entre esses dois extremos. Conforme ocorre com as epopeias tradicionais, a exemplo da *Ilíada*, do *Digenis Akritis*, do *Cantar de Mio Cid*, do *Beowulf* ou da *Chanson de Roland*, muitas das sagas islandesas contêm um amálgama de fatos históricos relatados por um criador literário.

A denominação “sagas islandesas”, apesar de vaga, é útil na medida em que a utilizemos como uma espécie de designativo de gênero literário¹⁰⁸. Apesar de toda a variedade de textos do *corpus* das sagas islandesas, há aspectos textuais fundamentais comuns a todas elas. Do ponto de vista do uso linguístico, elas apresentam similaridades; encontramos nelas técnicas narrativas comuns e um narrador quase neutro. As orações costumam ser breves. Predomina o discurso direto, sendo bem menos frequente o discurso indireto. A narrativa segue um fluxo temporal contínuo, com raras digressões ou interrupções. O texto é dinâmico e há, em primeiro lugar, ação.

No entanto, não obstante os traços comuns, convém observar as claras diferenças que há entre as sagas. Em alguns aspectos, pode-se falar de grupos, ou gêneros, em termos formais; em geral, porém, é mais útil traçar fronteiras entre esses grupos com base na matéria narrada.

Desse modo, é comum a divisão das sagas islandesas nas seguintes categorias temáticas¹⁰⁹: *konungasögur* ou sagas de reis; *Íslendingasögur* ou sagas de islandeses; *fornaldarsögur norðurlanda* (“sagas dos tempos antigos das terras do norte”), as sagas lendárias ou

¹⁰⁷ Para uma introdução geral às sagas, ver Clunies Ross (2010).

¹⁰⁸ Clunies Ross (2010) refere-se às diversas categorias de sagas como subgêneros, e às sagas em geral como um gênero.

¹⁰⁹ Cf. Jónsson et al., 1997: 50; Heimir Pálsson, 1998: 12-13.

míticas (antigas tradições germânicas e romances ambientados na era mítica escandinava); *riddarasögur* ou sagas de cavaleiros (romances, muitos deles traduções de romances estrangeiros); sagas de história contemporânea; sagas de santos. Pode-se inferir que essa multiplicidade de narrativas não têm uma origem comum, mas, na tradição literária islandesa medieval, convergiram para o que chamamos *sagas*.

Esta não é a única classificação possível. Sigurður Nordal (1968: 14-15), por exemplo, propôs uma divisão em três grupos principais, em função da relação entre o suposto tempo da ação e o tempo da escrita: sagas de contemporaneidade (*samtíðarsögur*), sagas de passado (*fortíðarsögur*) e sagas de antiguidade (*forneskjusögur*). Nessa classificação, tanto as sagas de islandeses (Íslendingasögur) quanto a maior parte das sagas de reis se enquadrariam na mesma categoria, as *sagas de passado*. Elas, de fato, costumam compartilhar o mesmo fundo histórico. Há também a possibilidade de classificação em dois grupos principais: escritos historiográficos (*sagnfræðirit*) e escritos novelescos (*skáldrit*)¹¹⁰. Entre os escritos historiográficos estão as sagas de reis, as sagas de bispos, o *Libellus Islandorum* e o *Landnámabók* e traduções de histórias estrangeiras. Entre os escritos novelescos, estão as sagas de islandeses, os *þættir* de islandeses (pequenos contos), e as sagas lendárias e de cavaleiros.

De fato, é difícil estabelecer um critério absoluto para classificar o grande *corpus* das sagas¹¹¹. Todas podem ser entendidas como *narrativas em prosa sobre eventos passados em relação ao momento de escrita, mais ou menos históricas, mais ou menos fantasiosas, mais ou menos lendárias, mais ou menos elaboradas segundo critérios estéticos*.

Darei mais atenção às *sagas de islandeses* (*Íslendingasögur*), às quais pertence a *Saga de Njáll*. Com o panorama esboçado neste item, busquei apenas salientar que as *sagas de islandeses* não são um fenômeno isolado de um contexto literário maior: a Islândia Medieval pode ser vista como um espaço em que tradições orais escandinavas pré-cristãs e cristãs convivem com o letramento latino clerical e secular. Em última análise, somente o contexto letrado, submetido a uma

¹¹⁰ Cf. Heimir Pálsson, 1998: 13.

¹¹¹ Heather O'Donoghue (2004: 23) sintetiza: "There is one common denominator: sagas, fictional or historical, fantastical or naturalistic, native or translated, religious or secular, are all continuous prose narratives about the past."

tradição clerical e monástica, pôde gerar uma tradição literária (escrita) na Islândia.¹¹²

1.3. As sagas de islandeses (*Íslendingasögur*)

O termo “sagas de islandeses” não deve ser confundido com “sagas islandesas” (em geral as sagas escritas em islandês). As sagas de islandeses (em islandês *Íslendingasögur*), também chamadas em inglês de *family sagas*, são um grupo distinto de sagas, especificamente quarenta textos (ou mais, se levarmos em conta a existência de algumas sagas redigidas em versões diferentes e ainda dos *þættir*, pequenos contos) que se caracterizam claramente por algumas peculiaridades, tanto no que se refere a aspectos narrativos quanto, principalmente, temáticos.

Basicamente, as sagas de islandeses podem ser definidas como narrativas em prosa (que contêm, em algumas passagens, citações de versos), redigidas na Islândia principalmente durante o século XIII e que tratam de personagens e eventos dos séculos IX, X e XI (com ênfase na passagem do séc. X para o XI) marcantes para a formação da sociedade islandesa. São, ao mesmo tempo, uma memória de pessoas e

¹¹² Sobre a literatura islandesa e nórdica antiga em geral há diversas introduções e guias acessíveis em língua inglesa. O guia de Clover & Lindow permanece uma referência útil, apresentando um panorama das discussões acadêmicas do séc. XX. A obra introdutória de Heather O’Donoghue (2004) é a referência mais indicada para o pesquisador que deseje tomar um primeiro contato com a literatura islandesa medieval: aqui, a autora faz um sucinto panorama da produção medieval, incluindo a tradução completa de uma breve e importante saga (Hrafnkels saga) e um capítulo inteiro dedicado a questões ideológicas concernentes à recepção moderna daquela literatura, o que nem sempre é enfatizado em manuais introdutórios do gênero. Em islandês, os volumes 1 e 2 da *Íslensk Bókmenntasaga* (História da Literatura Islandesa) editados por Vésteinn Ólason (2006 [1992]; 2006 [1993]) são o manual de referência *standard* sobre literatura islandesa medieval. O volumoso *Companion* organizado por Rory McTurk (2005) contém textos introdutórios sobre os principais assuntos referentes à literatura e história da Islândia e Escandinávia medievais. A *History of Icelandic Literature* editada por Daisy L. Nejmman (2006) é uma referência abrangente sobre a literatura islandesa em geral, não limitada à Idade Média. Manuais e obras introdutórias mais antigas ou não especializadas em estudos escandinavos podem, muitas vezes, conter reflexos de interpretações defasadas (por vezes contendo conceitos nacionalistas ou românticos) sobre alguns aspectos desse universo literário: recomendo que o pesquisador inexperiente no assunto atenha-se a uma bibliografia mais atual e especializada antes de utilizar, de maneira cautelosa, obras críticas mais antigas, as quais, a despeito de problemas, algumas vezes têm *insights* e ideias valiosas a oferecer.

feitos que se preservou por tradição oral¹¹³ e por registros escritos, e obras literárias em maior ou menor medida ficcionais. As sagas de islandeses são, em seu conjunto, o registro da fundação da sociedade islandesa, tal qual vista pelos islandeses do século XIII.

A maior parte das sagas de islandeses foi escrita no séc. XIII. As mais antigas poderiam ter sido primeiramente redigidas no final do séc. XII, e as mais tardias no séc. XIV ou até mesmo no XV¹¹⁴. A transmissão manuscrita das sagas é um assunto complexo, pois nenhuma saga foi preservada na redação (supostamente) original, mas sim em cópias feitas um ou mais séculos depois. Entre várias cópias manuscritas da mesma saga, muitas vezes há variantes grandes não apenas de palavras isoladas, mas de frases inteiras. Algumas sagas geram problemas grandes para os editores. Como já salientei na Introdução, tratar disso não é o escopo desta tese, pois o assunto é complexo demais para ser abordado superficialmente, e um panorama da questão alongaria desmesuradamente esta tese.

Como observa Robert Cook em sua introdução à tradução inglesa da *Saga de Njáll*, as sagas de islandeses são irmanadas tanto por apresentarem um fundo histórico e mítico comum (retratam o mesmo passado mitificado), exibindo uma surpreendente coerência nesse sentido, com personagens comuns a mais de uma saga e referências a eventos de uma em outra, quanto pela recorrência nelas de motivos literários, lugares comuns e traços estruturais característicos; segundo Cook, o fato de elas apresentarem

motivos comuns, somado ao tempo e local (Islândia na passagem do séc. 10 para o 11), o assunto (primariamente disputas de sangue e sua resolução), tipos de personagens, descrições padronizadas de batalhas e festas, a atenção voltada a temas comuns e a ambientação social geral fazem das sagas de islandeses um gênero literário homogêneo.¹¹⁵ (Cook, 2001: x)

¹¹³ Sobre as relações entre escrita das sagas de islandeses e tradição oral, ver o influente e já clássico estudo de Gísli Sigurðsson (2004 [2002]). Para uma síntese das principais questões, ver Sigurðsson (2005). Ver também Ólason, 1998: 38-62.

¹¹⁴ Adota-se, modernamente, a visão de que as sagas de islandeses mais antigas datam de c. 1200 e as mais tardias são da metade do séc. XV, sendo as clássicas do séc. XIII. Cf. Ólason, 2006 [1993]: 42; Ólason, 2005: 114-116; Heimir Pálsson, 1998: 68-69.

¹¹⁵ Such common motifs, together with the time and place (Iceland in the tenth to eleventh centuries), the subject matter (primarily feuds and their resolution), character types, standardized descriptions of battles and feasts, common thematic concerns and the general social setting, make the Sagas of Icelanders a homogenous literary genre.

A ideia de que as sagas de islandeses constituem um gênero literário é o que se pode concluir a partir da apresentação de Vésteinn Ólason (1998). Ólason faz aqui ao mesmo tempo uma abrangente introdução às sagas de islandeses e uma proposta de apreciação e valoração delas enquanto gênero à parte, distinto de outros gêneros contemporâneos ou não. Partindo de uma apresentação panorâmica e aprofundada das principais questões de ordem mais filológica, como preservação, datação, questões referentes à gênese oral e literária das sagas, o autor fornece então uma introdução geral ao contexto histórico, social e literário das sagas de islandeses, e parte para uma análise detida de aspectos formais e temáticos (pp. 63-131). Neste ponto, Ólason fornece uma apreciação literária das sagas de islandeses, atentando para características de enredo, técnicas narrativas, padrões de ação, tempo narrativo, ritmo, narrador, vocabulário e estilo. Na terceira parte de seu estudo (*Saga Worlds*, pp. 133-207), suas atenções se voltam para questões mais axiológicas, sobre o olhar dos autores das sagas para o passado retratado nelas. As sagas são, como o título do estudo sugere, diálogos entre a Islândia do séc. XIII e a era viking.

As sagas são, percebe-se, uma recepção cristã medieval de um passado pré-cristão e do período da conversão.

O estudo de Ólason é fundamental para uma valoração literária das sagas. Não obstante, se relativizássemos a importância da temática no agrupamento das sagas de islandeses num gênero homogêneo e observarmos critérios puramente formais (estilísticos e estruturais), seríamos forçados a incluir nesse gênero outras sagas, não pertencentes ao grupo das “sagas de islandeses”. Um ponto pouco abordado quando se fala das sagas é a noção de gênero. Estamos pensando na teoria clássica de gêneros? Um gênero é uma categoria de classificação moderna? Havia, no contexto de produção, a noção de gênero implícita como conjunto de normas? Falar em gêneros no contexto da literatura vernácula medieval é algo poucas vezes problematizado em vista disso, pois nossa mentalidade receptora moderna está imersa em noções sobre gêneros literários que diferem radicalmente do que criadores e receptores medievais tinham em mente. Paul Zumthor, sem levar em consideração a produção escandinava, trata do problema dos gêneros em seu ensaio de poética medieval (1972: 160-169), e pode-se aqui ver a complexidade da questão. Definir noções de gênero para a literatura islandesa medieval foge do escopo desta tese.

É importante, para este projeto tradutório, ter em mente o que significa rotular com um gênero um texto a ser recebido no contexto literário brasileiro. Sugerir que uma saga pertence a um gênero à parte significa alertar seu potencial leitor para que ative, no processo de leitura, expectativas que influirão no modo como se produzirão significados nessa leitura. Jonathan Culler resume a importância de termos em mente um gênero ao iniciarmos uma leitura fruidora:

Para os leitores, gêneros são conjuntos de convenções e expectativas: ao saber se estamos lendo uma história de detetive ou um romance, um poema lírico ou uma tragédia ficamos atentos para coisas diferentes e fazemos inferências sobre o que será significativo.¹¹⁶ (Culler, 1997: 72)

Nesse sentido, pode-se inserir aqui o que nos diz Stanley Fish:

Densidade linguística e semântica não é algo que poemas anunciam, mas algo que leitores realizam ao prestar um tipo de atenção a textos rotulados poéticos que eles não prestariam a textos que não são assim rotulados.¹¹⁷ (Fish, 2001: 36)

Em minha opinião, as sagas em geral constituem um *corpus* que bem poderíamos considerar um gênero literário, com toda a heterogeneidade que qualquer gênero possa comportar. Desse modo, a *Saga de Njáll*, a *Saga dos Volsungos* e a *Heimskringla*, por exemplo, certamente diferem entre si em vários quesitos, principalmente temáticos e retóricos, mas, na forma, apresentam uma série de similaridades que as distinguem de uma obra como o *Digenis Akritis* ou de um livro de linhagem português. Mais especificamente, as *sagas de islandeses* podem ser vistas como um gênero, pois compartilham não apenas de uma série de técnicas narrativas, de um estilo (uso linguístico), *mas também de uma temática específica e de uma relação específica entre o contexto de produção e recepção original com o universo narrado.*

¹¹⁶ For readers, genres are sets of conventions and expectations: knowing whether we are reading a detective story or a romance, a lyric poem or a tragedy, we are on the lookout for different things and make assumptions about what will be significant.

¹¹⁷ Linguistic and semantic density is not something poems announce, but something that readers actualize by paying to texts labelled poetic a kind of attention they would not pay to texts not so labelled.

As sagas de islandeses narram eventos ocorridos durante o período de colonização (landnám) e especialmente as décadas em torno do ano 1000, quando se deu a cristianização. Os eventos e os personagens que preenchem as sagas de islandeses têm, muito provavelmente, um fundo histórico. Todavia, entre os anos em que os personagens históricos viveram e seus feitos e vidas transcorreram e o período de escrita das sagas em que eles surgem retratados, decorreram dois, três ou até quatro séculos.

A saga de Njáll, por exemplo, narra eventos que se deram entre c. 963, quando Hrútr vai à Noruega, e c. 1015 (cf. Sveinsson, 1954: lxi-lxii), quando se dá a batalha de Brjáll. Mas a saga foi escrita em c. 1280-1285. O lapso entre o tempo de ação e o tempo de escrita obriga-nos a considerar o modo de transmissão das narrativas. O suposto autor da saga de Njáll redigiu sua narrativa com base em quê? Encontramos aqui diante de uma questão complexa. As sagas de islandeses são o desembocar de uma transmissão contínua da memória de eventos verídicos ou são, em primeiro lugar, criações literárias, produtos de imaginações literárias do séc. XIII? Ou então são ambos ao mesmo tempo?

A advertência de Gísli Sigurðsson é fundamental como ponto de partida:

As sagas de islandeses são uma literatura escrita, grandemente preservada em manuscritos de séc. XIV ao XV, e que narra eventos que supostamente se deram nos séculos IX, X e XI. Para além disso, não há certeza nenhuma. Mas essa não é toda a história, uma vez que as sagas escritas que nós temos exibem sinais de basearem-se em uma tradição oral mais antiga de histórias e conhecimento histórico, ainda que ninguém tenha ideia alguma sobre que papel essa tradição desempenhou no processo de escrita das sagas propriamente dito.¹¹⁸ (Sigurðsson, 2004 [2002]: 328)

Houve por muito tempo uma disputa entre adeptos da tese de que as sagas de islandeses são em primeiro lugar o resultado de uma tradição oral (os defensores da teoria da prosa livre) e defensores da

¹¹⁸ The sagas of Icelanders are written literature, mostly preserved in manuscripts from the 14th to the 15th centuries and telling events that are supposed to have taken place in the 9th, 10th, and 11th centuries. Beyond this there is no certainty. But this is not the whole story, since the written sagas that we have show signs of drawing on an older oral tradition of stories and historical lore, though without anyone having any idea what part this tradition played in the actual writing of the sagas.

ideia de que os redatores das sagas foram, em primeiro lugar, criadores literários, sendo as sagas, desse modo, obras produzidas por indivíduos (os defensores da teoria da prosa literária)¹¹⁹.

A tese dos defensores de que as sagas foram elaboradas numa tradição oral é basicamente esta: de eventos importantes surgiram narrativas que foram sendo contadas e recontadas, seguindo padrões tradicionais de narrativa oral, até que, a partir do final do séc. XII, essas narrativas, já em sua forma mais ou menos definida, lograram ser redigidas por redatores anônimos. Já os defensores da tese da criação literária consideraram que os autores individuais de cada saga apenas serviram-se das fontes orais (bem como de fontes escritas) para retirarem informações e dados e, com isso, elaborarem suas narrativas por escrito, fundando assim uma escola literária letrada. As edições da série *Íslensk Fornrit*, entre as quais a edição da *Saga de Njáll* de Einar Ólafur Sveinsson, estão fundamentadas nessa teoria da prosa literária.

Essa disputa hoje em dia não é tão acalorada: é mais aceito hoje que tanto uma quanto outra dessas teorias seja meia verdade. O elogiado trabalho de Gísli Sigurðsson (2004) deixa claro que a existência de uma tradição oral de sagas (de “sagas orais”) não exclui o papel autoral dos escritores das sagas de islandeses. Uma visão comedida, que não defenda uma tese em detrimento da outra, parece-me mais profícua tanto para a avaliação das sagas enquanto fonte para o estudo da história do período que retratam¹²⁰ quanto para uma valoração literária do gênero: permite-nos compreender a relação entre os textos do século XIII e os eventos supostamente ocorridos nos séculos X e XI e fornece-nos meios para encontrar méritos literários no desigual e heterogêneo (do ponto de vista estético) *corpus* das sagas.

Tenho-me utilizado extensivamente nesta tese dos trabalhos de Hermann Pálsson (1984), Stefán Einarsson (1961) e Einar Ólafur Sveinsson (1954), os quais defendem a ideia de que a *Saga de Njáll* é, em primeiro lugar, obra de um autor, de um mestre da narrativa. Compartilho dessa opinião (sobre isso, ver item 1.4). Isso é visível e dificilmente pode ser negado se analisarmos a estruturação do enredo e a consistência da obra, que é certamente um construto arquitetado. Não obstante isso, do ponto de vista de técnicas narrativas, uso linguístico e estilo, a *Saga de Njáll* afigura-se similar às sagas de islandeses em

¹¹⁹ Gísli Sigurðsson (2005) fornece um panorama crítico das principais teorias sobre oralidade nas sagas.

¹²⁰ Sobre isso, ver Boulhosa, 2005.

geral: ela contém, certamente, traços de oralidade. A questão é definir “que” oralidade, e de onde vem essa oralidade.

Se a *Saga de Njáll* não é produto de uma *elaboração* oral (e ela não o é, como já enfatizei), ela ainda assim deve muito a uma tradição oral, e sua narrativa se constrói com uma dicção que apresenta fórmulas narrativas e uma série de características que apontam para um gênero narrativo oral, quiçá precursor das sagas escritas. Conforme colocam Tómasson & Thorsson (1996: 505), “a dicção das sagas de islandeses é formulaica, personagens e eventos são descritos de modos bastante similares¹²¹”. Para os autores, isso é ao mesmo tempo testemunho de uma forte tradição literária, com padrões e regras de escrita rígidos, quanto de uma tradição oral, em que fórmulas narrativas são comuns. Os autores mostram como 146 homens nas sagas de islandeses recebem, em sua apresentação e descrição, a caracterização “grande e forte”, com algumas variações de colocação (pp. 505-506).

Outros traços formulaicos visíveis nas narrativas das sagas de islandeses são frases tipificadas como “nú er frá því at segja” (“agora há para se contar”). O predomínio do uso de discurso direto e a linearidade cronológica da narrativa, com raras suspensões ou digressões, podem ser comparadas com o que se encontra nas narrativas épicas de gênese oral, sobre o que estudos comparativos célebres, como o de Bowra e o de Lord, já demonstraram com clareza.

Gísli Sigurðsson (2002) considera que não existem meios para definir a oralidade das sagas com base em características textuais, podendo elas existir em função de uma tradição literária. Sigurðsson compreende a oralidade como um dado pressuposto pelas narrativas: há referências e lapsos que deixam entrever a existência de narrativas orais pressupostas por um receptor original da saga. Nesse sentido, podemos imaginar a concorrência entre relatos orais e sagas escritas.

Para além da oralidade, é nítido também o fato de que, ao longo do século XIII, as sagas de islandeses demonstram uma experiência literária acumulada, uma *tradição narrativa*. Nesse ponto é nítido o papel de autores, indivíduos letrados. Sagas tornam-se fonte de outras sagas; há uma rede intertextual entre as sagas de islandeses. O autor da *Saga de Njáll* parece que foi um erudito e serviu-se de uma experiência literária, o que Hermann Pálsson (1984) tão bem comprova. Entre as principais fontes de que se serviu o autor da *Saga de Njáll*, está a *Laxdæla saga*, obra redigida algumas décadas antes.

¹²¹ Orðfæri Íslendinga sagna er formúlukennt, mönnum og atburðum er lýst með svipuðum hætti.

As sagas de islandeses são, certamente, obras literárias elaboradas por autores. Mas são, também, o resultado de uma tradição oral. O papel dessa tradição oral não deve ser negligenciado, e salientar a oralidade presente nas sagas de islandeses não significa minimizar seu caráter literário e primariamente letrado. Tal postura aqui declarada reflete-se no projeto tradutório. Sobre isso, mais é dito no capítulo 3, especialmente no item 3.2.¹²²

1.4. *Saga de Njáll: uma leitura*

A *Brennu-Njáls saga*, também *Njáls saga* ou *Njála*, tem seu título muitas vezes traduzido como “Saga de Njáll, o Queimado” (*The Saga of Burnt Njáll*¹²³, *La Saga de Njáll le Brûlé*¹²⁴).

Caracterizar Njáll no título como “queimado” ou “o queimado”, sugerindo a aplicação do termo como epíteto do herói¹²⁵, parece ser um equívoco: não se trata de uma tradução precisa de *Brennu-Njáll* (*brennu* é genitivo de *brenna*, substantivo feminino que significa “incêndio”, portanto: Njáll *do incêndio*)¹²⁶; constitui também uma clarificação promovida sem atenção a um dado crucial da narrativa. O leitor (ou audiente) original da saga provavelmente já sabia, desde o início da história, que Njáll morreria no incêndio: como na tragédia grega, o conhecimento do destino do herói aumenta a tensão¹²⁷. Apesar de haver suspense no enredo em diversas passagens, é muito costumeiro que os eventos principais sejam conhecidos ou inferíveis¹²⁸. Mas Njáll não morre *queimado*, o que é de suma

¹²² Uma boa introdução sobre o universo narrado nas sagas de islandeses pode ser encontrada nos dois livros de Jesse Byock: *Medieval Iceland* (1998) e *Viking Age Iceland* (2001). Merece destaque a obra de Vésteinn Ólason, publicada em islandês e inglês (e aqui citada em inglês), *Dialogues with the Viking Age* (1998). Merece menção também o recente livro de Margaret Clunies Ross (2010).

¹²³ Dasent.

¹²⁴ Boyer.

¹²⁵ Essa sugestão é implícita e a associação é natural, pois inúmeras sagas têm títulos com nome de herói seguido de epíteto: *Saga de Eiríkr Vermelho* (Eiríks saga rauða); *Saga de Gunnlaugr Língua-de-Serpente* (Gunnlaugs saga ormstungu); *Saga de Hrafnkell Freysgoði* (Hrafnkels saga freysgoða).

¹²⁶ Cf. Bayerschmidt & Hollander, 1998: xxxii – nota de rodapé.

¹²⁷ Thorstein Gylfáson (1998) apresenta uma leitura crítica atentando para o elemento trágico da saga.

¹²⁸ Cf. Heimir Pálsson, 1998: 138

importância para sua caracterização e simbólica santificação¹²⁹ na saga (cf. *Saga de Njáll*, cap. CXXXII).

A *Saga de Njáll* é a mais longa das sagas de islandesas. É também, em vários aspectos, a mais elaborada literariamente. Mesmo sendo um texto extenso, apresenta uma narrativa mais coesa e unitária do que diversas sagas mais breves. Basta compará-la, por exemplo, com as sagas que narram a colonização da Groenlândia e a descoberta de Vinland (a *Saga de Eiríkr Vermelho* e a *Saga dos Groenlandeses*), ou com a *Saga de Kormákr*. Muitas das sagas de islandeses compõem-se de uma sucessão de eventos e conflitos concatenados, seu tempo de ação abarcando mais de uma geração (a narrativa na *Saga de Egill*, por exemplo, transcorre por mais de um século). Não é em todas as sagas que o volume da matéria narrada forma um todo artificialmente elaborado. Nas palavras de Stefán Einarsson,

A saga de Njáll (saga de Njáll do incêndio ou Njála) vem há bastante tempo sendo considerada a maior de todas as sagas de islandeses, e não sem motivo. Ela é obra de um autor, o qual parece ter tido em mente a última linha da saga quando escrevia a primeira. Não é uma biografia nem uma história de linhagem, mas sim uma trama emaranhada de eventos dramáticos, que o autor organiza numa grande peça de três atos sob o poder do destino inescapável.¹³⁰ (Einarsson, 1961: 181)

Trata-se de uma espécie de coroamento da tradição das sagas que se desenvolveu ao longo do século XIII na Islândia. É como se ela fosse o resultado consciente dessa grande experiência literária. Analisando-a sob essa ótica, é possível imaginar um autor que tenha tido uma vivência literária, um conhecimento profundo da tradição das sagas e de outras literaturas, o qual, a despeito de, na *Saga de Njáll*, fazer jus a memórias de eventos mais ou menos históricos e inseri-los numa narrativa tradicional, criou algo próximo de um romance ou de uma grande epopeia em prosa. Hermann Pálsson afirma:

¹²⁹ Sobre isso, cf. Jón Karl Helgason, 1999: 18.

¹³⁰ *Njáls saga* (...) hefur um langan aldur verið talin mest allra Íslendingasagna og eigi að ástæðulausu. Hún er verk höfundar, sem sýnist hafa haft síðustu línu sögunnar í huga, er hann reit hina fyrstu. Hún er ekki æfisauga og ekki ættarsaga, en flókin atburðarás dramatískra atburða, sem höfundur hennar setur upp í þrileik mikinn undir valdi örlaga, sem ekki verða umflúin.

A *saga de Njál* é uma obra extremamente complexa; ela não é apenas rica em eventos e repleta de uma multidão de personagens, mas também, sobretudo, é rica em ideias. Essa grande multiplicidade não é um milagre, antes é fácil de se explicar esta peculiaridade da *saga de Njáll* pelo senso de realismo e ironia. Aqui, como em outras vezes, a multiplicidade da obra resulta da erudição variada do artesão. Não há razões para atribuir mal a paternidade da *saga de Njáll*. Ela não se gerou só como rebento de narrativas orais, mas antes surgiu dos contatos próximos que o autor havia tido com muitas letras, tanto antigas quanto novas.¹³¹ (Pálsson, 1984: 27)

Para Theodore M. Andersson (2006), mais do que uma culminação dessa tradição numa grande síntese, a *Saga de Njáll* seria uma espécie de sátira do gênero, na qual seu autor “conscientemente subverte as posições narrativas construídas nas sagas anteriores” (p. 183)¹³². A leitura de Andersson confirma a tese de que a obra foi criada por um autor literato. Não sou da opinião de que a *Saga de Njáll* seja uma sátira das sagas, mas concordo com a crítica de que ela representa o ápice das sagas de islandeses e que, ao mesmo tempo, subverte alguns valores heroicos encontrados de maneira mais brutal em obras anteriores¹³³. A *saga de Njáll*, apesar de conter elementos satíricos, é, em primeira instância, uma obra séria sobre questões sérias, e que, a despeito do humor, tem um tom grave e trágico. Vésteinn Ólason nota:

A maioria dos amantes das sagas de islandeses considerará que a *saga de Njáll* é o ponto alto. Ela é a mais longa e a mais repleta de personagens de todas as sagas, e é como se

¹³¹ *Njála* er geysiflókið verk; hún er ekki einungis viðburðarík og skipuð miklum sæg af fólki, heldur er hún einnig auðug að hugmyndum. Þessi mikli fjölbreytileiki er ekkert kraftaverk, heldur er ofurauðvelt að skýra þetta einkenni *Njálu* af raunsæi og blákaldri skynsemi. Hér eins og endranær stafar fjölbreytni verks af fjölmenntun smíðs. Engin ástæða er til að rangfeðra *Njálu*. Hún er ekki eingetíð afkvæmi munnlegra arfsagna, heldur æxlaðist hún af þeim nánu kynnum, sem höfundur hafði haft af mörgum leturum, bæði fornum og nýjum.

¹³² (...) consciously subverts the narrative positions constructed in the earlier sagas.

¹³³ Não precisamos, necessariamente, enxergar esse percurso de maneira linear: obras mais antigas que a *Saga de Njáll*, como a *Saga de Egill*, são um retrato talvez mais cru da sociedade heroica pagã, em que a violência não é tão questionada, mas, por outro lado, uma obra tardia como a *Saga de Grettir* mostra-se quase nostálgica com relação à brutalidade do universo heroico. Se levarmos em conta que a *Saga dos Volsungos* pode perfeitamente ter sido criada depois da *Saga de Njáll*, é possível que o lado subversivo da *Saga de Njáll* não signifique um abandono do gosto pela brutalidade heroica no contexto literário islandês medieval. Além disso, na *Saga de Njáll* há muito espaço para heroísmo nobre – vide os episódios em torno de Gunnarr.

ela guardasse em si tudo que a tradição narrativa islandesa tinha para exibir quando atingiu seu ápice, tanto a tradição de relatos quanto a que se desenvolvera em livros. A saga é, assim, um bom representante da tradição, mas, sobretudo, ela é única e diferente das demais sagas.¹³⁴ (Ólason, 2006: 134)

Pode-se interpretar a *Saga de Njáll* de diversas formas, atentando para inúmeros aspectos. Nesta tese, estou preocupado em salientar sua unidade conceitual e narrativa. Julgo fundamental fazê-lo, em vista de que as sagas costumam ser encaradas mais como fontes históricas do período retratado, em detrimento de uma apreciação estética. Seguindo a máxima aristotélica, comecemos pelas coisas primeiras: farei uma breve apreciação da unidade do texto a partir de minha experiência com literatura clássica. Na medida em que noções de enredo clássico permeiam o ideal de narrativa ocidental¹³⁵, creio que uma perspectiva clássica pode propiciar uma apreciação estética da *Saga de Njáll*.

Desde o primeiro capítulo, com a apresentação da personagem Hallgerðr, até o final, com a sorte de Kári, temos uma história que se desenrola seguindo um fio central e que não ultrapassa o período de uma geração. Contudo, o leitor desavisado, sem conhecer uma série de convenções textuais das sagas, poderá facilmente perder-se no extenso curso desse fio e em seus emaranhados. Ao longo dos 159 capítulos, deparamo-nos com centenas de personagens, muitos dos quais não passam de nomes mencionados em longas genealogias¹³⁶. A saga inicia-se com a apresentação de Mǫrðr, um personagem secundário, e os primeiros capítulos nos narram uma história à primeira vista independente do resto da obra, com as viagens e o casamento infeliz de Hrútr. Njáll, o herói que dá título à saga e é um dos protagonistas da maior parte da narrativa, só nos é apresentado no capítulo XX. Após o capítulo CXXX, ocorrido o incêndio anunciado no título (Brennu-Njáls

¹³⁴ Flestir unnendur Íslendingasagna munu telja að *Njáls saga* sé hátindurinn. Hún er lengst og mannflest allra sagna, og það er eins og hún feli í sér allt sem íslensk frásagnarhefð hafði fram að færa þegar hún reis hæst, bæði hefð arfsagna og sú sem þróast hafði á bókum. Sagan er því góður fulltrúi hefðar, en jafnframt er hún einstök og ólík öðrum.

¹³⁵ Sobre a noção de “trama clássica”, ver o estudo de N. J. Lowe (2000). Aqui se tem uma apresentação do ideal de enredo clássico (proporcionado, unitário) e de formas alternativas de enredo que coexistiam com esse ideal desde a literatura clássica. Leituras comparativas comedidas podem trazer muito das sagas à luz de nossa experiência literária mais familiar. Basta termos em mente o que dizem Brunel et al. (1990: XVIII): “a literatura comparada permanece literatura, e não lhe é proibido comparar”.

¹³⁶ O leitor iniciado nas sagas não se assusta com as genealogias: a grande maioria dos nomes é apenas citada, não sendo personagens do enredo.

saga: saga de Njáll *do incêndio*), a narrativa se estende por complexos procedimentos legais e disputas. Se a expectativa do leitor é a de encontrar uma espécie de biografia de Njáll nos moldes narrativos de um romance histórico, ela será frustrada; se a expectativa é ler uma obra épica nos moldes clássicos, com início *in medias res* e estrita unidade e proporção de tempo e ação na narrativa, ela também será frustrada.

Enxergar a saga em episódios quase independentes é possível e até auxilia a sua compreensão num primeiro contato: Temos um prelúdio (história de Hrútr) entre os Capítulos I e VIII que pode ser lido como narrativa independente. Então temos o que podemos chamar de saga de Gunnarr, entre os Capítulos IX e LXXXI: essa unidade começa com os casamentos de Hallgerðr, apresenta-nos Gunnarr e Njáll, temos a viagem de Gunnarr à Escandinávia, seus feitos no continente e depois na Islândia, seu casamento com Hallgerðr, a inimizade entre as esposas de Gunnarr e Njáll e a amizade entre os dois, a morte de Gunnarr e a ida de seu irmão Kolskeggr a Constantinopla¹³⁷, deixando na saga apenas os parentes de Gunnarr que serão inimigos da família de Njáll. Entre os Capítulos LXXXII e CV temos um longo interlúdio, em que Grímr e Helgi, filhos de Njáll, viajam para o exterior e ganham um amigo: Kári Sölmundarson. Kári será o personagem principal da parte final da saga. Þráinn Sigfússon, da família de Gunnarr, é colocado pelo narrador agora como inimigo da família de Njáll. A antiga inimizade de Hallgerðr pela família de Njáll enceta nova querela, que termina com a morte de Þráinn e muitos de seus homens. Por fim, dá-se a cristianização da Islândia. Após a cristianização tem início a segunda grande unidade narrativa, com o plano doloso de Valgarðr e Mjorðr para levar os filhos de Njáll a cometerem o homicídio de Hǫskuldr Þráinsson, gerando, assim, a grande sequência de disputas que culmina no incêndio. Após o incêndio, Kári Sölmundarson, sobrevivente, persegue os incendiários e mata a maioria, mas, por fim, concilia-se com o líder deles: Flosi.

A despeito da subdivisão em episódios, a *Saga de Njáll* apresenta uma unidade conceitual, e a sucessão de episódios se desenvolve organicamente do início ao fim. Essas unidades narrativas menores podem provir de narrativas preexistentes, mas a *Saga de Njáll* é uma narrativa com começo, meio e fim. Entre os episódios, há articulações fundamentais.

¹³⁷ Há referências a Constantinopla nas sagas de islandeses e nas sagas de reis. No final do séc. X e início do XI, mercenários de origem escandinava serviam como espécie de guarda de elite do imperador bizantino. Sobre esse assunto, ver Blöndal & Benediktz, 1978.

Antes da cristianização, Njáll antevê a chegada de uma fé que ele considera que será muito melhor: “Eu tenho a impressão de que a nova religião será muito melhor, e que será bem-aventurado quem a preferir. E se vierem até esta terra homens pregando esta religião, eu me pronunciarei bem sobre ela.” (Cap. C). A caracterização de Njáll como sábio e vidente confere ao evento importância e valor. No extremo oposto do universo ético da narrativa, Valgarðr recusa-se a aceitar o cristianismo quando retorna à Islândia e seu filho Mǫrðr lhe fala das mudanças ocorridas. Seu diálogo é crucial na saga:

“Eu gostaria, pai, que tu recebesses a fé,” diz Mǫrðr; “és um homem velho.” “Não desejo fazê-lo,” diz Valgarðr, “mas gostaria, antes, que tu abandonasses a fé para ver então no que dá.” Mǫrðr declarou que não o faria. Valgarðr quebrou as cruzes e todos os amuletos santos de Mǫrðr. Então Valgarðr adoeceu e morreu, e foi sepultado. (Cap. CVII)

Esse mesmo Valgarðr é quem desencadeia a discórdia que culminará no incêndio de Bergþórshváll. No Cap. CXXII Njáll dirá que o assunto “brotou de raízes ruins”. Quais são essas raízes? Valgarðr encetara toda a discórdia, no Cap. CVII, quando desdenhara a nova fé. A morte de Hǫskuldr e, conseqüentemente, o incêndio, brotaram do plano doloso de Valgarðr. A posição de Flosi como arquiteto do incêndio pode ser compreendida num trecho de suma importância. Ele parte para o incêndio exortado por Hildigunnr, que lhe diz: “Este casaco, Flosi, tu que o deste a Hǫskuldr, e eu agora to devolvo. E vestindo-o ele foi morto. Invoco assim Deus e os bons homens como testemunhas de que te conjuro por todo o poder de teu Cristo e por tua hombridade e coragem, para que vingues cada chaga que ele recebeu ao morrer, ou, do contrário, que sejas motivo de escárnio para todos os homens.” Não vem ao caso se Hildigunnr é cristã ou não: no momento em que ela exorta Flosi, ela se afasta de Cristo, dizendo-lhe: “teu Cristo”. Será fortuito? É como se o autor da saga estivesse atenuando Flosi e jogando o peso sobre Hildigunnr. Flosi, ao mesmo tempo, tem um dever ancestral a cumprir, e deve fazê-lo em nome de Cristo¹³⁸. A

¹³⁸ Thorsteinn Gylfason (1998) considera que o autor cristão da saga “indica de muitas maneiras que o cristianismo é tão impotente quanto a sabedoria de Njáll para deter os horrores de seu conto” (p. xv) e que a exortação de Hildigunnr pode ser lida como uma sugestão de que o cristianismo é responsável pela ação violenta de Flosi. O que devemos considerar na interpretação das sagas é que, em primeiro lugar, o autor manipula uma tradição e não está criando uma trama fantasiosa. Seus valores aparecem em pontos-chave, não nos eventos narrados.

importância do dever ancestral fora antecipada artificialmente na narrativa no Cap. CVI, quando Ámundi, favorecido por um milagre efêmero, recobra a visão para vingar a morte de seu pai; após esse episódio, Njáll percebe os desígnios divinos: “Não se pode culpar-te por isso,” diz Njáll, “pois algo assim é muito predestinado, e é um alerta, se acontecimentos assim se dão, para não se furtar aos deveres dos laços de sangue estreitos.”

Flosi vai à igreja antes de cometer o crime do incêndio, mas, diferentemente dos demais incendiários, Flosi porta-se de maneira honrada.

A legitimação do ato de Flosi é mais clara no final da saga: Flosi é absolvido pelo próprio Papa (Cap. CLVIII), redimindo-se, aos olhos de um cristão, de seus pecados. A saga se encerra com a conciliação entre Kári e Flosi, conciliação plena e sem indenização paga, sem mais mortes.

Além da visível importância do cristianismo para o enredo e a caracterização dos personagens e suas ações, pode-se compreender a arquitetura da obra em algumas estratégias narrativas. O desenvolvimento de um tema específico é notável. O incêndio de Bergþórshváll não é antecipado apenas no título, mas surge em três momentos-chave da saga, num nítido *crescendo*. Primeiro, no ataque contra Gunnarr (Cap. LXXVII), Mǫrðr diz: “Ateemos fogo à casa e queimemo-lo dentro.” Mas Gizurr objeta, pois a ação seria obviamente torpe. Estamos ainda num universo heroico em que alguns códigos de conduta são respeitados. Parece não haver uma cisão clara entre bons e maus. A morte de Gunnarr é narrada como um evento pesado e trágico, mas ela se dá num combate, e parte dela se deve ao próprio heroísmo de Gunnarr (que poderia ter deixado a Islândia, mas não o fez à revelia de todos os conselhos) e à atitude vingativa de Hallgerðr, que lhe nega a madeixa com que o herói poderia consertar seu arco. A chama que não se acendera no lar de Gunnarr será acesa no lar de Njáll. Ela brotou da mente de Mǫrðr. É acesa por Hrappr no templo e como que chamasca os filhos de Njáll: Hrappr, fugindo do jarl Hákon, torna-se inimigo de Grímr e Helgi e aliado de Þráinn. Retornando à Islândia, a discórdia entre Þráinn e Hrappr, de um lado, e os filhos de Njáll, de outro, terminará com a morte violenta de Þráinn, Hrappr e outros homens. Mas Høskuldr Þráinsson, a despeito de todos os esforços de Njáll, que o toma para criar, será morto pelos filhos de Njáll após a trama pérfida de Mǫrðr e Valgarðr: aquela chama imaginada por Mǫrðr contra Gunnarr, depois de acesa por Hrappr, será a conflagração do lar de Njáll. A

menção à conflagração, em três pontos estratégicos do texto, permite que apreciemos a arquitetura da narrativa. Se no cerco a Gunnarr o incêndio covarde fora apenas sugerido por um indivíduo de índole mais baixa, no cerco a Bergþórshváll, após uma reformulação radical do universo humano narrado, os incendiários são uma turba sanguinária. O fogo assume características quase simbólicas, e diante da conflagração Njáll exclama: “Portai-vos bem e não pronuncieis palavras de pavor, pois será só uma tormenta, porém tardará muito até outra assim. Tende fé que Deus é misericordioso e não nos deixará queimar tanto neste mundo quanto no outro.”

Esse *crescendo* é visível na guerra pessoal entre Hallgerðr e Bergþóra. No Cap. XXXV, em uma das costumeiras visitas que Njáll e Gunnarr faziam um ao outro como bons amigos, suas respectivas esposas, Bergþóra e Hallgerðr, desentendem-se. Bergþóra manda Hallgerðr dar lugar a Þórhalla, e Hallgerðr ridiculariza Bergþóra e Njáll por seus traços físicos (unhas retorcidas de Bergþóra e ausência de barba em Njáll); tem início a primeira grande crise da saga. Entre os capítulos XXXVI e XL, Bergþóra e Hallgerðr mandam, alternadamente, domésticos matarem uns aos outros. Hallgerðr manda seu servo Kolr matar Svartr, doméstico de Bergþóra. Njáll e Gunnarr acertam uma conciliação, mas Bergþóra não se dá por satisfeita e envia seu criado Atli para matar Kolr, vingando Svartr. Após novo acerto entre Gunnarr e Njáll, Hallgerðr envia seu parente Brynjólftr para matar Atli. Após novo acerto entre Gunnarr e Njáll, Bergþóra envia Þórðr, que fora preceptor dos filhos de Njáll, para matar Brynjólftr. As mortes alternadas dos lares de Bergþóra e Hallgerðr, assim, à revelia de seus respectivos maridos Njáll e Gunnarr, iniciaram-se com indivíduos de pouca importância social até chegarem a membros da família: Brynjólftr, morto por Þórðr, o qual, tudo indica, será o próximo. Toda essa discórdia acaba gerando, posteriormente, uma inimizade irremediável entre os filhos de Njáll e os filhos de Sigfúss, que terão na batalha às margens congeladas do rio Markarfljót (Cap. XCII) e no incêndio (Capítulos CXXIX e CXXX) os ápices do conflito. Da profecia sobre Hallgerðr no capítulo I, chegamos às chamas que consomem Bergþórshváll.

Entendo esse *crescendo* como ondas circulares que se formam sobre um lago após atirar nele um pequeno seixo: no ponto onde o seixo submerge, formam-se ondas pequenas, que se alastram, se alargam, se amplificam e atingem a margem sem que se possa mais pensar que um ínfimo seixo as provocara, caindo num ponto perdido em sua superfície

tomada por ondulações. O seixo já se encontra no fundo do lago, pouco nos importa: restam as ondas. A necessidade irradia-se, gerando conflitos que se amplificam na narrativa.

A *Saga de Njáll* tem quase o aspecto de um construto literário megalítico. Trata-se de um relato de fluxo contínuo de eventos em ordem cronológica, que abarca décadas e em que aparecem e desaparecem inúmeros personagens. Mas é, basicamente, o mesmo conflito, artisticamente elaborado por seu autor anônimo, que se afigura na saga: para além da aparente profusão de ações e agentes, há uma unidade conceitual, que nos permite entrever um sentido maior talhado por meio de figuras aparentemente independentes e até, por vezes, desconexas. De fato, não há ações nem agentes supérfluos. Lembremos do que diz Aristóteles acerca da unidade de ação da narrativa épica:

Uno é o mito, mas não por se referir a uma só pessoa, como creem alguns, pois há muitos acontecimentos e infinitamente vários, respeitantes a um só indivíduo, entre os quais não é possível estabelecer unidade alguma. Muitas são as ações que uma só pessoa pode praticar, mas nem por isso elas constituem uma ação una. (Poética VIII, 46)

E, a seguir:

(...) tal como é necessário que nas demais artes miméticas uma seja a imitação, quando o seja de um objeto uno, assim também o mito, porque é imitação de ações, deve imitar as que sejam unas e completas, e todos os acontecimentos se devem suceder em conexão tal que, uma vez suprimido ou deslocado um deles, também se confunda ou mude a ordem do todo. Pois não faz parte de um todo o que, quer seja quer não seja, não altera esse todo. (Poética, VIII, 49)

Apesar de a narrativa, caso pensemos nela como centrada na existência de personagens individuais e suas ações (objeto da *mimesis*), dar-nos a impressão de ter uma dimensão desproporcional (em termos aristotélicos) o mito aqui transcende as ações de personagens individualizados: se identificarmos o objeto da *mimesis* como sendo a mecânica de ação e reação no plano social sofrida pelos indivíduos que não passam de frações indissolúveis do todo humano maior (núcleos familiares e ordem coletiva geral da Islândia), o que temos é uma tragédia não de indivíduos, mas de uma sociedade toda. E se alargarmos nossa mirada e enxergarmos nessa tragédia uma necessidade gerada,

padecimentos de indivíduos (os dois clímax são a morte de Gunnarr e o incêndio que mata Njáll e sua família), intercalada pela transformação social e legal (alteração da estrutura legal com a instituição da Quinta Corte; cristianização) e culminada numa separação entre agentes positivos e negativos que termina numa escatologia e numa conciliação final, temos um enredo definido. Esse enredo uno dissimula-se em episódios, em realizações particulares de uma mesma ideia.

No início da saga, lendo sobre Hrútr e seu insucesso matrimonial, temos o início de um fio que, apesar de traçar aqui os contornos de um conflito particular, findo esse conflito não tem fim o traço, que apenas segue formando um novo desenho, o conflito de Gunnarr e Hallgerðr, e este fio então se emaranha, formando figuras ao mesmo tempo realistas e simbólicas – a realidade una e completa despojada de tudo que não sirva à composição do mito: a realidade em sua essência paradigmática.

Talvez esta análise pareça excessivamente abstrata, mas a questão pode ser enxergada à luz de um exemplar de arte visual escandinava medieval. Penso aqui em um entalhe em madeira que retrata cenas da lenda de Sigurðr. Trata-se da decoração do portal de uma igreja de Hylestad, na Noruega, em relevo, datada do final do séc. XII ou início do XIII¹³⁹. Do lado direito, veem-se três cenas, de baixo para cima: Reginn forja a espada de Sigurðr; Sigurðr testa a espada; Sigurðr crava a espada no coração do dragão Fáfnir. As três cenas são contidas em círculos, e isoladas, assim, do quadro maior, repleto de meandros. Tudo é contido num emaranhado de formas sinuosas, como ramos da árvore da vida, como que mescladas às curvas que o corpo serpentino do dragão Fáfnir descreve. Se os quadros estão isolados numa narrativa que apresenta três eventos míticos em sequência cronológica, o conjunto é unido por uma unidade de traços que confere aos três uma assustadora simultaneidade. Do lado esquerdo, de baixo para cima, vemos o espiralado mítico mais complexo ainda, com a árvore plantada e sua copa confundindo-se totalmente com os meandros do fundo do entalhe; as cenas, agora, estão imersas nessa profusão de traços: Sigurðr e Reginn sentados, Sigurðr provando o sangue de Fáfnir, seu cavalo atrelado, os picancilhos que falam com ele, e, por fim, mais acima, Sigurðr matando Reginn. A unidade visual desse entalhe é espantosa, o mito nos é relatado em poucas cenas paradigmáticas: temos um emaranhado de eventos que se condensa formando um *mito*

¹³⁹ Fotografias desse portal podem ser vistas, entre outros, no endereço: <http://www.pitt.edu/~dash/sigurddoor.html> (acesso em 13/07/14).

exemplar, em que a forma e a matéria se identificam de tal maneira, a ponto de vermos certo movimento.

A *Saga de Njáll*, como a *Odisseia* quando contraposta à *Ilíada*, parece menos unitária devido à profusão de eventos e ao maior espectro temporal, mas, não obstante, se observada atentamente, nos desvela padrões que, repetindo-se, compõem um quadro como a colcha de Penélope¹⁴⁰; também a estrutura dramática da *Saga de Njáll* parece um denso emaranhado, em que padrões surgem e, aos poucos, se agigantam: a história nos fornece um primeiro sábio jurisprudente (Mǫrðr), um primeiro guerreiro de consciência nobre e força física (Hrútr) que vai praticar feitos na Escandinávia e se sabe infeliz e fadado ao fracasso; a profecia, aparentemente ínfima, sobre a índole má de Hallgerðr (olhos de ladra) e os prenúncios de que dela decorrerão mortes de heróis; e então Gunnarr surge na história, e sua contrapartida, o sábio – mas pouco talhado para o mundo das ações – Njáll; o traço que se iniciara contornando Hallgerðr funde-se a Gunnarr em espiralado trágico. Paulatinamente, a teia do destino assume proporções catastróficas, até culminar no covarde incêndio. A tragédia que culmina no incêndio terminará com o autor do incêndio, Flosi, conciliando-se com Kári, sobrevivente desse incêndio. Os incendiários sucumbem numa batalha apocalíptica¹⁴¹. Flosi, após peregrinar a Roma e receber absolvição do Papa, recebe Kári em sua residência. A saga se inicia no fatídico círculo vicioso da vingança de sangue que gera novas vinganças; as leis não bastam; a sociedade perde seus melhores homens; surge o cristianismo, dá-se uma reformulação no universo humano narrado e, por fim, o conflito se resolve numa conciliação plena e pacífica. Isso se vê na estruturação do enredo e em pontos-chave¹⁴².

A saga tem também elementos pagãos: desde versos escáldicos com suas *kenningar* até a presença de *fylgjur* (quando Svanr as vê no Cap. XII; quando Hǫskuldr as vê no Cap. XXIII; quando Þórðr vê sua própria, no Cap. XLI e Njáll interpreta sua visão; quando Njáll as vê no Cap. LXIX) e de valquírias (Cap. CLVII) que entoam um cântico macabro. As *fylgjur* surgem como prenúncios e as valquírias

¹⁴⁰ Evoco aqui a leitura crítica da *Odisseia* feita por Kirk (1985).

¹⁴¹ Theodore Andersson (2006: 200) observa a respeito: “The battle of Clontarf seems to have so little to do with the saga that it has sometimes been viewed as an interpolation, but it does serve to reinforce and universalize the apocalyptic tone of Njáll’s burning.”

¹⁴² Rory McTurk (1995) sublinha a função desempenhada na narrativa por referências ao sobrenatural na saga. Ele conclui (pp. 121-122): “in *Njálls saga*, where the supernatural is concerned, objectivist statements are for the most part reserved for accounts of supernatural events of specifically Christian significance.”

representam quase que uma consolidação do clima escatológico da batalha final. Para Lars Lönnroth (1976: 133), não há uma cosmovisão pagã embebida no ideário da obra:

Mas seria um equívoco pensar no autor como dividido entre uma interpretação cristã e pagã da história. *Fylgjur* e valquírias pertenciam à mitologia pagã “inferior”, que sobreviveu à conversão e podia ser aceita por cristãos como elementos tradicionais do mundo da saga. (...) eles podiam, além disso, ser interpretados como agentes de Deus ou do diabo. O autor da *Saga de Njáll* parece ter feito essa interpretação, enquanto acomodava os velhos motivos pagãos na sua visão de mundo augustiniana.¹⁴³ (Lönnroth, 1976: 133)

Além dessas referências a seres menores do imaginário pré-cristão, temos a descrição de um templo pagão na Noruega (Capítulos LXXXVII e LXXXLVIII), que o vilão Hrappr incendeia. Como observa Hermann Pálsson (1984: 10-14), ainda que essa sequência superficialmente tenha elementos que sugerem uma ambientação num universo pagão, a fala do *jarl* Hákon ao ver seu templo incendiado e dizer que “os deuses não se vingam na mesma hora, e o homem que fez isso será expulso de Valhøll e jamais irá lá.” (Cap. LXXXVIII) pode remeter a cosmovisões e colocações que não são propriamente remanescentes de uma tradição pagã: parece que o autor da saga aqui reproduz concepções que se encontram na tradição literária latina. Há um templo pagão, mas o *jarl* não reage como um pagão reagiria; sua imprecação parece traduzir uma noção clássica. Teríamos, assim, a descrição de um templo como um cristão letrado do séc. XIII imaginava que um pagão do séc. X reagiria, e não o depoimento direto de um pagão do séc. X.

O elemento religioso não tem grande destaque nas descrições da *Saga de Njáll*. É verdade que há o episódio da conversão, em que o tema religioso é bastante explorado, com referências explícitas tanto a práticas de magia quanto ao poder da cruz trazida pelo missionário. Mas a cristianização assume quase as dimensões de uma querela legal e se

¹⁴³ But it would be wrong to think of the author as somehow torn between a pagan and a Christian interpretation of history. Fetches and Valkyries belonged to the “lower” pagan mythology which survived the conversion and could be accepted by Christians as traditional elements of the saga world. (...) they could furthermore be interpreted as agents of God or the devil. The author of *Njála* appears to have made this interpretation as he worked the old pagan motifs into his Augustinian world picture.

resolve, mais do que qualquer outra disputa legal na saga, com uma resolução na Assembleia Geral. Ao longo da saga, são poucas as referências a práticas religiosas, sejam elas pagãs ou cristãs. Mesmo após a conversão, as referências a igrejas, missas e questões religiosas ficam em segundo plano e aparecem em momentos estratégicos. A obra parece muito mais centrada em questões legais e éticas mais amplas. É justamente nessa ética, que perpassa o enredo, que podemos ver uma cosmovisão cristã.

A *Saga de Njáll* apresenta um profundo questionamento da noção de justiça e uma visão surpreendente sobre a agonia de uma sociedade que busca organizar-se com leis, apesar do insucesso dessas leis frente à execução ancestral do direito e do dever da vingança de sangue: “é com a lei que nossa terra será composta, e com a ilegalidade será desfeita” diz Njáll (Cap. LXX). Temos, em meio a isso, a cristianização da Islândia e como que o estabelecimento simbólico de uma nova ordem social. Talvez não seja descabido pensarmos na *Oréstia* de Ésquilo.

Se, por um lado, o *mythos* é tratado na narrativa sob uma ótica historicizante, por outro lado, o *modo como o narrador organiza o mito* é cristão. Seu foco recai sobre aspectos éticos; a sucessão de eventos é retratada dentro de uma unidade conceitual que passa pela separação de bons e maus até uma escatologia que aniquila os maus e, por fim, os bons se conciliam.

2. A OBRA TRADUZIDA: SAGA DE NJÁLL

SAGA DE NJÁLL

CAPÍTULO I

Um homem chamava-se Mǫrðr, e era apelidado Rabeca; ele era filho de Sighvatr, o Vermelho; morava em Vǫllr, em Rangárvellir. Era um chefe poderoso e um grande advogado em processos legais, e tamanho jurisconsulto que nenhum caso era considerado julgado se ele não tomasse parte. Tinha uma filha, de nome Unnr; ela era uma mulher bela e cortesa e muito ensinada, e tida como o melhor partido de Rangárvellir.

Agora a história volta-se para os Vales de Breiðafjörðr, a oeste. Um homem chamava-se Hǫskuldr; ele era filho de Dala-Kolr. Sua mãe chamava-se Þorgerðr e era filha de Þorsteinn, o Vermelho, filho de Ingjaldr, filho de Helgi; a mãe de Ingjaldr foi Þóra, filha de Sigurðr Serpente-no-Olho, filho de Ragnarr *Loðbrók*. A mãe de Þorsteinn, o Vermelho, foi Uðr Mente-Profunda, filha de Ketill Nariz-Chato, filho de Björn *Buna*. Hǫskuldr morava em Hǫskuldsstaðir, em Laxárdalr. O nome de seu irmão era Hrótr; este morava em Hrótsstaðir. Ele era irmão de Hǫskuldr por parte de mãe; seu pai era Herjólftr. Hrótr era um homem belo, grande e forte, bom lidador e de temperamento brando, o mais sábio dos homens, duro com seus inimigos, mas um bom conselheiro nas grandes questões.

Aconteceu, certa vez, que Hǫskuldr oferecia uma festa a amigos, e seu irmão Hrótr estava presente, e ocupava o assento ao seu lado. Hǫskuldr tinha uma filha chamada Hallgerðr. Ela brincava no chão com outras meninas; era bela e alta, e seu cabelo era tão bonito quanto seda e tão longo que lhe atingia o cinto. Hǫskuldr a chama: “Vem aqui até mim,” disse ele. Ela se aproximou imediatamente. Ele a segurou pelo queixo e a beijou; em seguida ela se afastou. Então Hǫskuldr falou para Hrótr: “Que achas desta menina? Não te parece bela?” Hrótr permaneceu calado. Hǫskuldr insistiu mais uma vez. Hrótr respondeu então: “É bastante bela essa menina, e muitos ainda hão de pagar por isso; mas isto eu não sei: de onde surgiram olhos de ladra em nossa família.” Então Hǫskuldr se irritou, e durante algum tempo os dois irmãos ficaram aborrecidos um com o outro.

Os irmãos de Hallgerðr eram Þorleikr (o pai de Bolli), Óláfr (o pai de Kjartan) e Bárðr.

CAPÍTULO II

Aconteceu, certa vez, que os dois irmãos, Høskuldr e Hrútr, cavalgaram para a assembleia geral; havia lá grande multidão. Então Høskuldr falou para Hrútr: “Eu gostaria, irmão, que tu melhorasses tuas condições e pedisses uma mulher em casamento.” Hrútr diz: “Já venho considerando isso há bastante tempo, mas sempre acabo por pensar duas vezes. Mas agora desejo seguir teu conselho; e então, onde havemos de procurar?” Høskuldr respondeu: “Encontram-se aqui na assembleia muitos chefes, e está bom de escolher; porém, já arranjei as coisas para ti num lugar. A mulher se chama Unnr, e é filha de Mǫrðr Rabeca, o mais sábio dos homens, e ele está aqui na assembleia, junto com sua filha, e tu podes vê-la agora, se desejas.”

E, no dia seguinte, quando os homens caminhavam ao tribunal, viram mulheres postadas diante da tenda onde se alojava a gente de Rangárvellir, as quais estavam bem vestidas. Então Høskuldr falou para Hrútr: “Lá está ela agora, Unnr, de quem te falei; e então, qual tua impressão sobre ela?” “A impressão é boa,” ele diz, “mas não estou certo de que teremos um convívio venturoso.” Em seguida, caminham para o tribunal. Mǫrðr Rabeca pronunciou os procedimentos legais como sempre fazia e retornou à sua tenda. Høskuldr se levantou, seguido de Hrútr, e os dois foram até a tenda de Mǫrðr, e entraram na tenda; Mǫrðr estava sentado no fundo da tenda; eles o cumprimentaram. Este se pôs de pé diante deles e tomou a mão de Høskuldr, e ele sentou-se ao seu lado. Em seguida conversaram muito, até que Høskuldr chegou ao ponto – “que vim tratar de negócios contigo. Hrútr deseja tornar-se teu genro e fazer um acordo para ter tua filha, e eu não desistirei facilmente disso.” Mǫrðr respondeu: “Eu sei que tu és um grande chefe, mas teu irmão me é desconhecido.” Høskuldr falou: “Ele é mais distinto do que eu.” Mǫrðr falou: “Deves ter muito a oferecer com ele, porque ela receberá toda a minha herança.” “Não é preciso esperar muito para ouvir minha proposta,” disse Høskuldr; “ele possuirá Kambsnes e Hrútsstaðir e tudo até Þrándargil. Ele também possui um navio mercante em navegações de comércio.” Então Hrútr falou para Mǫrðr: “Considera, fazendeiro, que meu irmão há de ter-me superestimado por amor. Mas se desejardes averiguar a questão, eu desejo que façais a oferta.” Mǫrðr respondeu: “Já pensei na oferta. Ela terá sessenta centenas¹⁴⁴, que aumentarão em um terço em tua morada,

¹⁴⁴ Por “centena” (hundrað) pode-se entender 100 ou 120. No caso, trata-se de sessenta vezes 120 varas de tecido cru.

mas, se tiveres com ela herdeiros, as posses serão repartidas entre vós dois com igualdade.” Hrútr falou: “Eu aceito essa oferta, e designemos agora testemunhas.” Em seguida, puseram-se de pé e apertaram as mãos, e Mǫrðr prometeu sua filha Unnr a Hrútr, e a festa de núpcias dar-se-ia meio mês depois do meio do verão, no lar de Mǫrðr.

Agora ambas as partes cavalgam da assembleia de volta para casa, e eles cavalgam para o oeste, passando por Hallbjarnarvǫrður. Então Þjóstólfr, filho de Björn Porta-Ouro de Reykjardalr, veio cavalgando ao encontro deles, e contou-lhes que um navio aportara no Rio Hvítá e nele chegara Qzurr, irmão do pai de Hrútr, e desejava que Hrútr fosse ao seu encontro o mais rápido possível. E quando Hrútr ouviu isso, ele pediu que Hǫskuldr o acompanhasse até o navio. Hǫskuldr foi, e assim foram-se os dois; e, quando chegaram ao navio, Hrútr cumprimenta bem e afetuosamente seu tio Qzurr. Qzurr convidou-os para entrar na tenda e beber; em seguida seus cavalos foram levados e os dois entraram e beberam. Hrútr falou para Qzurr: “Agora tu cavalgarás para o oeste comigo, tio, e passarás o inverno em minha companhia.” “Não será assim,” ele disse, “porque venho trazer-te a notícia da morte de teu irmão Eyvindr, e ele te assinalou como herdeiro na assembleia de Gula, e teus inimigos se apropriarão de tudo, caso não venhas receber o que é teu.” “Que fazer agora, irmão?” disse Hrútr; “a situação parece-me complicada, que acabei de arranjar meu casamento.” Hǫskuldr falou: “Deves cavalgar para o sul, ao encontro de Mǫrðr, e pede-lhe então que faça novo acordo, e que ela assim permaneça prometida a ti por três invernos. Entrementes, eu cavalgarei para casa e transportarei tuas cargas a bordo do navio.” Hrútr falou: “Agora quero que tu pegues para ti farinha e madeira e o que mais te aprouver do carregamento.” Hrútr mandou apanhar seus cavalos e cavalgou para o sul, enquanto Hǫskuldr cavalgava para casa, para oeste.

Hrútr chegou a Rangárvellir, no leste, ao lar de Mǫrðr, e foi lá bem recebido. Hrútr conta todo o seu caso a Mǫrðr, e pede-lhe que dê seu conselho. Mǫrðr disse: “De quanto dinheiro se trata?” Hrútr disse que eram duzentos marcos, se obtivesse tudo. Mǫrðr falou: “Isso é bastante diante de minha herança, e certamente deves ir, se desejas.” Em seguida alteraram o acordo, e ela permaneceria prometida por três invernos.

Agora Hrútr cavalga até o navio, e permanece junto ao navio durante o verão, até que ele estava pronto. Hǫskuldr levou ao navio todos os bens que Hrútr possuía. Hrútr, por sua vez, concedeu a Hǫskuldr os cuidados de suas propriedades lá no oeste pelo tempo em

que estivesse fora. Høskuldr cavalgou até sua fazenda. Pouco tempo depois, sopra vento favorável e eles se fazem ao largo. Navegaram em mar aberto por três semanas, até que deram com as ilhas Hernar, e então navegaram para leste, em direção a Vík.

CAPÍTULO III

Quem governava a Noruega era Haraldr Casaco-Cinza; ele era filho de Eiríkr Machado-Sangrento, filho de Haraldr Belos-Cabelos. Sua mãe chamava-se Gunnhildr, e era filha de Qzurr *Toti*¹⁴⁵. Tinham morada no leste, em Konungarhella.

Agora se espalharam as notícias da atracagem do navio lá no leste, em Vík. Tão logo tomou conhecimento disso, Gunnhildr procurou informar-se sobre que homens islandeses estariam a bordo; foi-lhe dito que um dos homens chamava-se Hrótr, e que era filho do irmão de Qzurr. Gunnhildr falou: “Eu bem sei, ele demandará sua herança, mas ela já está nas mãos de um homem chamado Sóti.” Em seguida ela chama seu servo, de nome Qgmundr: “Desejo enviar-te até Vík, ao encontro de Qzurr e Hrótr; dize-lhes que convido ambos a virem passar o inverno comigo, e que desejo ser amiga deles. E, se Hrótr agir conforme eu mandar, hei de respaldá-lo na querela por seus bens e no que mais ele tiver por resolver. Tratarei de apresentá-lo com bons termos ao rei.” Em seguida ele se foi, e chegou ao encontro daqueles. E, quando eles souberam que era o criado de Gunnhildr, receberam-no bem. Ele lhes transmitiu discretamente o recado. Em seguida eles discutiram em segredo seus planos, e Qzurr falou para Hrótr: “Parece-me, sobrinho, que já teremos nossa decisão pronta, que eu conheço o temperamento de Gunnhildr: tão logo não desejarmos ir até ela, ela nos expulsará do país e tomará nossos bens à força; mas, se formos até ela, prestar-nos-á tantas honrarias quantas nos prometeu.” Qgmundr retornou, e, quando encontrou Gunnhildr, contou-lhe do desfecho de sua missão, e que aqueles viriam. Gunnhildr falou: “Assim era esperado, pois Hrótr é um homem inteligente e, como dizem, muito instruído. Mas agora queda-te atento, e, quando eles chegarem à vila, vem comunicar-me.”

Hrótr e Qzurr foram para leste, até Konungarhella; e, quando lá chegaram, parentes e amigos foram ao encontro dos dois e os cumprimentaram bem. Eles perguntaram se o rei estava na vila; foi-lhes dito que ele estava lá. Pouco depois, encontraram Qgmundr; este lhes transmitiu os cumprimentos de Gunnhildr, junto com o recado de que

¹⁴⁵ Trata-se, evidentemente, de outro Qzurr, que nada tem a ver com o tio de Hrótr.

ela não os receberia antes que eles tivessem encontrado o rei, por causa dos boatos – “... ‘pois, do contrário, parecerá que eu estou ávida por trocar favores com eles; mas direi o que me parecer melhor para intervir em favor deles; e que Hrútr se pronuncie com firmeza diante do rei e peça-lhe para tornar-se um cortesão.’ Aqui estão as vestes cerimoniais que ela te enviou, Hrútr, e é com elas que te deverás apresentar diante do rei.” Em seguida ele retornou.

No dia seguinte, Hrútr falou: “Apresentemo-nos diante do rei.” “Assim façamos,” disse Qzurr. Eles foram, doze ao todo, e eram todos amigos e parentes seus; chegaram ao salão onde o rei se encontrava bebendo. Hrútr avançou à dianteira e saudou o rei; o rei observou atentamente o homem, que estava bem vestido, e perguntou-lhe o nome; ele se nomeou. “És um homem islandês?” disse o rei. Ele disse que era. “Que te trouxe aqui ao nosso encontro?” “O desejo de ver vossa alteza, senhor, e também uma grande herança que tenho para pleitear nesta terra, e pode ser que eu necessite de vós para receber o que me é de direito.” O rei diz: “Sempre garanti as leis a todos nesta terra, mas acaso desejas mais alguma coisa, vindo ao nosso encontro?” “Senhor,” disse Hrútr, “desejo pedir-vos estada na corte e tornar-me um de vossos cortesãos.” O rei se queda em silêncio. Gunnhildr fala: “Parece-me que este homem te oferece a maior honra, pois me parece que, se na corte houvesse muitos como ele, ela estaria bem guarnecida.” “Ele é um homem sábio?” disse o rei. “Ele é tão sábio quanto diligente,” diz ela. “Penso que se deve dar conforme deseja minha mãe, e que tu recebas o posto que solicitas. Mas, por conta da nossa honra e dos costumes do país, retorna a mim no prazo de meio mês; então serás aceito como homem de minha corte, e que minha mãe te hospede até então, e em seguida vem ao meu encontro.”

Gunnhildr falou com Qgmundr: “Acompanha-os até minha casa e prepara-lhes um bom banquete.” Qgmundr caminhou para fora, seguido pelos dois, e acompanhou-os até um paço de pedra¹⁴⁶. Ele era forrado com as mais belas tapeçarias; lá também ficava o assento de honra de Gunnhildr. Então Qgmundr falou: “Agora se há de provar verdadeiro o que eu te disse sobre Gunnhildr; aqui está o assento de honra dela, e nele tu te sentarás; e conservarás este posto, mesmo enquanto ela própria aqui estiver.” Em seguida, ofereceu-lhes um banquete. Eles permaneceram sentados por pouco tempo, antes que lá

¹⁴⁶ Trata-se de um anacronismo: ao tempo da escrita da saga, havia mais comumente construções de alvenaria na Escandinávia, mas não é o caso nos séculos X e XI, durante os quais transcorre a ação.

chegasse Gunnhildr. Hrútr quis pôr-se de pé e cumprimentá-la. “Sentate,” diz ela, “e sempre hás de ocupar este assento, enquanto fores meu hóspede.” Em seguida, sentou-se ela ao lado de Hrútr, e eles beberam. E à noite ela falou: “Tu te deitarás ao meu lado no quarto superior durante a noite – e nós dois sós.” “Será conforme ordenais,” ele disse. Então foram dormir, e ela imediatamente trancou o quarto por dentro; e eles dormiram lá pela noite. E, no dia seguinte, foram para o banquete, e durante todo aquele meio mês os dois dormiam juntos, sós, no quarto superior. Então Gunnhildr falou para os homens que lá estavam: “Não perdereis nada mais que a própria vida caso disserdes a alguém sobre este ocorrido entre mim e Hrútr.” Hrútr a presenteia com cem varas de tecido e doze velos. Gunnhildr lhe agradece o presente. Hrútr partiu, e beijou-a antes e agradeceu-lhe; ela lhe desejou bom êxito.

E, no dia seguinte, ele se apresentou diante do rei, junto com trinta homens, e saudou o rei. O rei falou: “Agora desejarás, Hrútr, que eu cumpra aquilo que te havia prometido.” Então ele se tornou um cortesão. Hrútr falou: “Onde devo sentar-me?” “Minha mãe decidirá isso,” disse o rei. Então ela lhe concedeu o assento mais honorífico, e ele permaneceu com o rei durante o inverno, bem estimado.

CAPÍTULO IV

Na primavera, ele tomou notícia de que Sóti viajara para o sul, para a Dinamarca, com a herança. Então Hrútr vai ao encontro de Gunnhildr e lhe fala da viagem daquele. Gunnhildr falou: “Hei de fornecer-te dois navios longos¹⁴⁷, tripulados com homens, e junto o mais valente dos homens, Úlfr, o Imundo, nosso líder dos hóspedes¹⁴⁸. Contudo, vai ao encontro do rei antes de partires.” Assim fez Hrútr; e, quando chegou diante do rei, contou ao rei das andanças de Sóti e também de que desejava seguir no encalço dele. O rei falou: “Que força minha mãe colocou à tua disposição?” “Dois navios longos e, à frente da tropa, Úlfr, o Imundo,” diz Hrútr. “Muito bem provido,” diz o rei; “agora desejo conceder-te mais dois navios; e, não obstante, terás necessidade de toda essa tropa.” Ele então acompanhou Hrútr até o navio e falou: “Que tenhas bom êxito.” Então Hrútr navegou com sua tropa para o sul.

CAPÍTULO V

¹⁴⁷ Navio longo (langskip): navio de guerra, movido a velas e remos.

¹⁴⁸ Os hóspedes eram uma divisão da guarda real, espécie de polícia do rei.

Um homem chamava-se Atli; era filho de Arnviðr, *jarl* de Gautland do leste. Era um grande guerreiro e tinha sua frota ancorada na parte leste do lago Løgr; ele possuía oito navios. Seu pai não pagara os tributos a Hákon, o filho de criação de Aðalsteinn, e, assim, pai e filho debandaram de Jamtaland para Gautland. Atli conduziu seu bando desde o lago Løgr até Eyrasund. Ele fora declarado proscrito tanto pelo rei da Dinamarca quanto pelo rei da Suécia, por conta de saques e homicídios que cometera nos reinos de ambos.

Hrútr seguia para o sul em direção a Eyrasund, e, quando se aproximava do estreito, viu uma aglomeração de navios no estreito. Então Úlfr falou: “Como agiremos agora, islandês?” “Seguiremos em frente,” diz Hrútr, “porque sem provações não adianta. O navio meu e de Qzurr irá à frente, e tu seguirás como te aprouver.” “Poucas vezes tive outros como escudo,” diz Úlfr, e ultrapassa o navio de Hrútr com seu navio de guerra e avança assim até o estreito. E agora aqueles que se encontram no estreito veem um navio se aproximando; contam-no para Atli. Ele respondeu: “Então está bom de ganhar riquezas, e que os homens saiam de suas tendas e se apromptem o mais depressa em cada navio, e o meu navio deverá estar no meio da frota,” diz Atli. Então os navios avançaram. E, quando cada um dos lados podia ouvir o outro, Atli se pôs de pé e falou: “Vós viajais descuidados; não vistes que havia navios guerreiros no estreito? Qual é o nome do vosso líder?” Hrútr pronunciou-se. “Homem de quem tu és?” “Sou um homem da corte do rei Haraldr Casaco-Cinza,” diz Hrútr. Atli falou: “Há muito tempo que eu e meu pai não somos caros ao vosso rei da Noruega.” “Isso se dá para vosso infortúnio,” diz Hrútr. “Assim sucedeu de nos encontrarmos,” diz Atli, “que tu não poderás relatar os ocorridos” – e apanhou uma lança e atirou-a no navio de Hrútr, e o homem que estava à frente recebeu a morte.

Em seguida travou-se uma batalha entre eles, e aqueles abordavam com dificuldade os navios de Hrútr. Úlfr avançava bem e ora cortava, ora furava. O homem do castelo de proa de Atli chamava-se Ásólf; ele saltou a bordo do navio de Hrútr e causou a morte de quatro homens, antes que Hrútr se desse conta dele, e então se voltou contra ele. E, quando se encontraram, Ásólfr golpeou contra o escudo de Hrútr, e através dele, mas Hrútr desferiu um golpe contra Ásólf, e foi o golpe de morte. Úlfr, o Imundo, vendo isso, falou: “Tu desferes grandes golpes, Hrútr, mas debes também muito a Gunnhildr.” “Eu temo,” diz Hrútr, “que estejas falando com a boca fadada.” Agora Atli vê um flanco desguarnecido em Úlfr e atira uma lança que o trespassa.

E a batalha se torna mais renhida. Atli salta a bordo do navio de Hrútr e ceifa violentamente ao seu redor; e agora Qzurr se volta contra ele e golpeia em sua direção e cai para trás também, porque um outro homem o golpeou. Hrútr então se volta contra Atli; este imediatamente atingiu o escudo de Hrútr, e quebrou-o. Então Atli recebeu uma pedrada no braço, e sua espada caiu. Hrútr apanhou a espada e decepou-lhe a perna; em seguida desfechou-lhe a chaga mortal. Eles obtiveram lá muitas riquezas e apoderaram-se de dois navios – os que eram melhores – e ficaram-se lá ainda por um tempo.

Sóti, com seus homens, passou ao largo deles e seguiu de volta para a Noruega, e chegou a Limgarðssíða e lá desembarcou. Lá se deparou com Qgmundr, o criado de Gunnhildr; este o reconheceu de imediato, e pergunta-lhe: “Quanto tempo pretendes permanecer aqui?” “Três noites,” diz Sóti. “E aonde almejas ir em seguida?” disse Qgmundr. “Para oeste, para a Inglaterra,” diz Sóti, “e nunca mais pretendo retornar para a Noruega, enquanto o reino for de Gunnhildr.” Qgmundr se foi ao encontro de Gunnhildr, pois ela se encontrava a uma curta distância dali num banquete com Guðrøðr, filho seu. Qgmundr contou para Gunnhildr sobre as intenções de Sóti; ela ordenou que Guðrøðr lhe tirasse a vida. Guðrøðr se foi imediatamente e apanhou Sóti desprevenido, e ordenou que o levassem a terra e o enforcassem, e tomou-lhe os bens e levou-os para sua mãe. Providenciou homens para levarem toda a riqueza até Konungarhella. Em seguida ela foi para lá.

Hrútr retornou quase no outono, depois de obter muitas riquezas, e foi imediatamente ao encontro do rei, e ganhou dele boa recepção. O rei ofereceu-lhes terem o quanto quisessem, e guardou para si um terço. Gunnhildr conta para Hrútr que apanhara sua herança e mandara matar Sóti; ele lhe agradeceu e lhe deu a metade de tudo.

CAPÍTULO VI

Hrútr permaneceu com o rei durante o inverno, em boa estima. Mas, quando chegou a primavera, mostrou-se muito taciturno. Gunnhildr deu-se conta disso e, quando estavam os dois a sós, disse-lhe: “Estás aborrecido, Hrútr?” ela falou. “Ocorre conforme falam,” diz Hrútr, “está mal quem no estrangeiro nasceu.” “Desejas voltar para a Islândia?” ela diz. “Desejo,” ele disse. “Tens alguma mulher lá?” diz ela. “Não é isso,” disse ele. “Eu, contudo, estou certa disso,” diz ela. Em seguida encerraram a conversa.

Hrútr apresentou-se diante do rei e o saudou. O rei falou: “Que desejas agora, Hrútr?” “Desejo pedir, senhor,” disse Hrútr, “que me deis

permissão para eu retornar à Islândia.” “Há lá para ti mais honra que aqui?” diz o rei. “Não,” disse Hrútr, “mas cada um deve fazer o que lhe é destinado.” “É como puxar uma corda de um homem forte,” diz Gunnhildr, “e permiti que ele vá aonde mais lhe convier.” Aquele foi um ano de colheita escassa no país, e, contudo, o rei ofereceu abastecê-lo de tanta farinha quanto ele quisesse.

Agora ele se apronta para zarpar rumo à Islândia, e Qzurr o acompanha. E, quando estavam já prontos para a partida, Hrútr foi ao encontro do rei e de Gunnhildr. Ela o chamou para uma conversa particular e lhe falou: “Isto é um bracelete de ouro que eu te quero dar” – e cingiu com ele o braço de Hrútr. “Muitos bons presentes já ganhei de ti,” diz Hrútr. Ela lhe envolveu o pescoço com o braço e o beijou e falou: “Se eu tenho tanto poder sobre ti quanto julgo, condeno-te a nunca poderes obter prazer com a mulher que vais encontrar na Islândia, mas poderás realizar teu desejo com outras mulheres. E assim nenhum de nós ficará bem: tu não me confiaste a questão.” Hrútr riu e foi embora.

Em seguida, foi ao encontro do rei e agradeceu-lhe. O rei lhe disse boas palavras e desejou-lhe uma boa viagem e declarou que Hrútr era o mais bravo dos homens e que sabia bem conviver com homens nobres. Hrútr subiu logo a bordo do navio e fez-se ao largo, e soprou vento favorável e eles aportaram em Borgarfjörðr. E, assim que o navio estava assegurado em terra, Hrútr cavalgou para o oeste, rumo à sua casa, enquanto Qzurr cuidava de descarregar o navio. Hrútr cavalgou até Høskuldsstaðir; Høskuldr o recebe bem, e Hrútr lhe conta tudo que se dera em suas viagens. Em seguida, enviaram um homem até Mjörðr Rabeca, a leste, para dizer-lhe que aprontasse a festa de núpcias; os dois irmãos, por sua vez, cavalgaram até o navio, e Høskuldr contou a Hrútr como andavam suas finanças, e elas haviam prosperado muito enquanto ele estivera ausente. Hrútr falou: “As recompensas serão menores do que o merecimento, mas desejo prover teu lar de tanta farinha quanta te for necessária para o inverno.” Depois disso, levaram o navio ao estaleiro e o abrigaram para invernar, mas transportaram toda a carga para os Vales, a oeste.

Hrútr permaneceu em casa, em Hrótsstaðir, até seis semanas antes do inverno¹⁴⁹; então os dois irmãos se aprontaram, junto com Qzurr, para cavalgarem para o casamento de Hrútr no leste, e cavalgaram acompanhados por sessenta homens. Cavalgaram até que chegaram a Rangárvellir, a leste. Estava lá uma multidão de

¹⁴⁹ Meados de setembro.

convidados¹⁵⁰. Os homens ocuparam seus assentos, enquanto as mulheres ocuparam o banco lateral, e a noiva se mostrava bastante triste. Brindam, e a festa segue bem. Mǫrðr paga o dote de sua filha, e ela cavalga com eles para o oeste. Cavalgaram até que chegaram ao lar. Hrútr concedeu a ela total autoridade no interior da casa, o que agradou muito a todos. Mas não houve muito contato matrimonial entre ela e Hrútr, e assim continuaram as coisas até a primavera.

E, quando se fez a primavera, Hrútr teve de ir até os Fiordes do Oeste, para cobrar por sua carga, mas antes que ele partisse, sua mulher lhe fala: “Acaso pretendes estar de volta antes que os homens cavalguem para a assembleia?” “Por que perguntas?” diz Hrútr. “Eu quero cavalgar para a assembleia,” ela diz, “e encontrar meu pai.” “Assim será então,” disse ele, “e eu cavalgarei para a assembleia junto contigo.” “Está bem assim também,” diz ela. Em seguida ele partiu de casa cavalgando em direção aos Fiordes do Oeste, e pôs todo o seu dinheiro em investimento e então cavalgou de volta para casa.

E, depois que tinha retornado do oeste, preparou-se para ir à assembleia geral, e chamou para cavalgarem até lá junto consigo todos os seus vizinhos. Seu irmão Hǫskuldr foi também. Hrútr falou para sua mulher: “Se estás tão disposta a ir à assembleia quanto disseste, apronta-te e vem então cavalgar comigo para a assembleia.” Ela se aprontou rapidamente, e em seguida eles cavalgam até que chegam à assembleia.

Unnr caminhou até a tenda de seu pai; ele a recebeu bem, mas ela estava um tanto entristecida. E, percebendo isso, ele lhe falou: “Já te vi com aspecto melhor; mas que é que te molesta?” Ela se pôs a chorar e nada respondeu. Ele lhe falou então: “Para que vieste à assembleia, se não queres confiar a mim teus problemas? Acaso não te sentes bem lá no oeste?” Ela respondeu: “Eu daria todas as minhas posses para nunca ter ido lá.” Mǫrðr falou: “Tratarei de averiguar imediatamente essa situação.” Em seguida, enviou um homem em busca de Hǫskuldr e Hrútr; eles lhe atenderam o chamado imediatamente. E, quando estes chegaram ao seu encontro, Mǫrðr se pôs de pé diante deles e cumprimentou-os bem e pediu-lhes que se sentassem. Conversaram por bastante tempo, e sua conversa transcorreu amigavelmente. Então Mǫrðr falou para Hrútr: “Por que minha filha desgosta-se tanto da vida lá no oeste?” Hrútr falou: “Que ela se pronuncie, caso tenha alguma queixa contra mim.” Mas nenhuma queixa foi levantada contra Hrútr. Então Hrútr mandou que perguntassem aos seus vizinhos e aos

¹⁵⁰ Trata-se aqui dos convidados do pai da noiva, moradores das redondezas.

habitantes de seu lar como ele se portava com ela. Todos deram bons testemunhos em seu favor, e disseram que ela tinha autoridade no lar e que sua vontade era sempre respeitada. Mǫrðr falou: “Deves voltar para casa e contentar-te com teu quinhão, porque todos os testemunhos estão mais de acordo com ele do que contigo.” Em seguida, Hrútr deixou a assembleia cavalgando, acompanhado de sua mulher, e os dois estiveram bem durante o verão. Mas, quando chegou o inverno, ocorreu o mesmo de sempre entre eles, e a situação piorava à medida que a primavera se aproximava.¹⁵¹ Hrútr teve de ir mais uma vez aos Fiordes do Oeste, e anunciou que não cavalgaria para a assembleia geral. Sua mulher, Unnr, falou pouco sobre o caso. Hrútr partiu, tão logo havia feito os preparativos para a jornada.

CAPÍTULO VII

Chega agora o tempo da assembleia. Unnr foi conversar com Sigmundr, filho de Qzurr, e perguntou se ele desejaria cavalgar junto consigo para a assembleia. Ele disse que não cavalgaria se isso fosse contra a vontade de Hrútr. “Eu te fiz esse pedido, porque és a pessoa com quem mais posso contar,” diz ela. Ele respondeu: “Irei contigo com uma condição: tu cavalgarás comigo de volta para o oeste e não guardarás nenhum segredo de Hrútr nem de mim.” Ela prometeu que sim; em seguida, cavalgaram para a assembleia.

Seu pai, Mǫrðr, encontrava-se na assembleia. Ele a recebeu calorosamente e convidou-a a permanecer em sua tenda enquanto se desse a assembleia; assim ela fez. Mǫrðr falou: “Que tens para contar-me de Hrútr, teu companheiro?” Ela responde: “Só posso bendizê-lo em tudo quanto é de sua responsabilidade.” Mǫrðr quedou-se calado. “Que te habita a mente, filha?” diz ele, “pois vejo que queres que ninguém mais o saiba além de mim, e podes crer que te darei a melhor ajuda nessa tua questão.” Eles então foram discutir onde nenhuma pessoa ouviria a sua conversa. Mǫrðr então falou para a filha: “Dize-me agora tudo que há entre vós dois, e não deixes que nada se agigante diante dos

¹⁵¹ Ursula Dronke observa, com relação ao modo como a mudança das estações intensifica a maldição lançada por Gunnhildr sobre Hrútr: “The warmth of their marriage fluctuates strangely with the temperature of the seasons: the coldness is worst in winter. (Is it the haunting of two winters in Norway *beside Gunnhildr?*)” (Dronke, 1981: 9). Essa interpretação não me parece fundamentada. Parece mais coerente que durante o verão, quando todos trabalham mais durante o dia, que é mais longo, o casal passe menos tempo junto dentro de casa e assim, na hora de dormir, estejam ambos mais cansados para realmente dormir, ao passo que no inverno, período de vida mais parada no interior da casa, as oportunidades para o ato sexual sejam mais numerosas e, conseqüentemente, a incapacidade de realizá-lo cause mais insatisfação e afastamento entre os dois.

olhos.” “Assim farei,” ela diz. “Eu gostaria de me declarar separada de Hrútr, e posso dizer-te qual a maior queixa que lhe tenho. Ele não é capaz de realizar comigo a união matrimonial de modo que eu possa ter com ele satisfação, mas sua natureza é em tudo mais como a dos homens mais viris.” “Como isso pode ser?” diz Mǫrðr, “conta mais.” Ela responde: “Quando ele se deita comigo, sua carne é tamanha que ele não pode satisfazer-se comigo, e, contudo, nós já tentamos de todos os modos desfrutar um do outro, mas é impossível. Mas, antes de nos separarmos, ele demonstra que sua natureza é normal, como dos outros homens.” Mǫrðr falou: “Fizeste bem de mo contares; dar-te-ei um conselho que te será de valia, caso possas levá-lo a cabo sem desvios. Deves agora primeiramente cavalgar da assembleia de volta para casa, e teu marido lá estará e há de receber-te bem. Deverás portar-te com ele com ternura e diligência, e ele julgará que haverá ocorrido uma boa mudança; não deverás demonstrar nenhum sinal de abatimento. Mas, quando chegar a primavera, debes dissimular uma doença e deitar no leito. Hrútr não há de querer adivinhar qual a tua enfermidade, e em nada haverá de reprovar-te, antes pedirá que todos te guardem da melhor maneira. Em seguida, ele irá aos Fiordes do Oeste, e Sigmundr haverá de acompanhá-lo, e ele transportará todo o seu dinheiro dos Fiordes do Oeste e haverá de permanecer longe por bastante tempo durante o verão. Mas, quando os homens cavalgarem para a assembleia, e quando todos quantos tenham intenção de cavalgar tiverem cavalgado embora dos Vales, então deverás erguer-te do leito e convocar homens para te acompanharem numa jornada. E, quando estiveres completamente pronta, deverás caminhar até tua cama, acompanhada daqueles homens que te acompanharão na jornada; tu deverás nomear testemunhas ao lado do leito de teu marido e declarar-te assim separada dele por separação legal, conforme se pode proceder dentro das regras da assembleia geral e das leis comuns. Essa nomeação de testemunhas tu debes fazer diante das portas dos homens¹⁵². Em seguida, vai-te embora, e segue cavalgando sobre a Charneca de Laxárdalr e então em direção à Charneca de Holtavarða, – pois não te procurarão ao longo de Hrútsfjórðr, – e continua cavalgando até chegares a mim, e então havei eu de tratar do caso, e tu nunca mais voltarás para as mãos dele.”

Agora ela deixou a assembleia e cavalgou de volta para casa, e Hrútr já havia retornado e recebeu-a bem. Ela lhe retribuiu bem os cumprimentos e portou-se com ele de modo terno; naquela estação seu

¹⁵² Portas dos homens (*karldyrr*): provavelmente as portas principais da casa.

convívio foi bom. Mas, quando chegou a primavera, ela adoeceu e ficou deitada em seu leito. Hrútr foi aos Fiordes do Oeste, e, antes de partir, mandou que cuidassem dela. E agora, quando chega o tempo da assembleia, ela faz os preparativos para partir, e faz tudo conforme lhe foi dito antes, e em seguida cavalga para a assembleia. Os homens do distrito a procuraram e não a encontraram. Mǫrðr recebeu bem sua filha e perguntou-lhe como ela havia executado seu plano. “Não descumpri nada,” ela diz. Ele caminhou até a rocha da lei e declarou-a separada por separação legal na rocha da lei. Isso pareceu a todos uma grande notícia. Unnr foi para casa com seu pai e nunca mais retornou lá para o oeste.

CAPÍTULO VIII

Hrútr voltou para casa e ficou muito aturdido com a partida de sua mulher, porém permaneceu calmo em casa por toda aquela estação e não buscou conselho de ninguém sobre seu caso. No verão seguinte, cavalgou para a assembleia geral, acompanhado de seu irmão Hǫskuldr e um grande séquito. E, quando chegou à assembleia, perguntou se Mǫrðr Rabeca estava na assembleia. Foi-lhe dito que ele lá estava, e todos acreditavam que os dois discutiriam sobre seu caso, mas isso não se deu.

Certo dia, quando os homens caminhavam até a rocha da lei, Mǫrðr convocou testemunhas e anunciou uma demanda de bens contra Hrútr referente às posses de sua filha, e exigiu novecentos em bens: ele declarou uma solicitação de pagamento e quitação, e estipulou mora de três marcos; anunciou o caso na corte do Quarto em que a acusação teria validade legal; anunciou o caso de modo que todos escutassem na rocha da lei. E, depois que ele se havia pronunciado, Hrútr respondeu: “É mais por ganância e avidez que tu levantas esta contenda referente à tua filha do que por benevolência ou hombridade, mas farei agora alguma oposição, posto que os bens, os quais se encontram em meu poder, tu ainda não tens em tuas mãos. Anuncio, portanto – e que todos que ouvirem aqui na rocha da lei sejam testemunhas – que te desafio a um duelo em ilhota; estará em jogo todo o valor, e eu ainda adicionarei igual quantia de bens de minha parte, e aquele que ao outro derrotar que ganhe as posses. Mas, se não desejares lutar comigo, deverás renunciar a qualquer demanda de bens.” Então Mǫrðr fez silêncio e buscou conselho junto a seus amigos sobre o duelo na ilhota. Respondeu-lhe o *goði* Jǫrundr: “Tu não precisas buscar conselhos entre nós sobre esse assunto, que sabes que, se lutares com Hrútr, perderás tanto a vida

quanto os bens. Ele se portou bem; ele é imponente e o mais valente dos homens.” E assim Mǫrðr anunciou que não lutaria com Hrútr; fez-se então grande alarido e murmúrio na rocha da lei, e Mǫrðr acabou por receber do caso a maior desonra. E depois os homens partiram da assembleia e cavalgaram de volta para casa.

Os dois irmãos, Hǫskuldr e Hrútr, cavalgaram para oeste, rumo a Reykjardalr, e se hospedaram em Lundr; lá morava Þjóstólfr, filho de Björn Porta-Ouro. Chovera muito durante aquele dia, e os homens estavam molhados, e acenderam-se fogueiras longas. O fazendeiro Þjóstólfr estava sentado entre Hǫskuldr e Hrútr, e dois garotos brincavam no chão (eram dois garotos pobres que frequentavam os banquetes de Þjóstólfr) e uma menina também brincava com eles; eles eram muito falantes, pois eram tolos. Um dos dois falou: “Eu serei Mǫrðr e te tomarei a mulher, sob a alegação de que tu não foste capaz de foder com ela.” O outro respondeu: “Eu serei Hrútr; declaro que deves abdicar de qualquer demanda de bens, se não ousares lutar comigo.” E disseram isso algumas vezes; as pessoas da casa riram muito. Então Hǫskuldr se enfureceu e deu uma varada no garoto que se nomeara Mǫrðr, e a vara acertou-lhe a face, abrindo-lhe a pele. Hǫskuldr falou para o menino: “Vai para fora e não zombes mais de nós.” Hrútr falou: “Vem aqui.” O garoto assim fez. Hrútr tirou uma pulseira de ouro de seu braço e deu-lha e falou: “Vai-te embora e não atormentes mais ninguém.” O garoto foi embora e disse: “Hei de louvar tua magnanimidade sempre doravante.” Hrútr recebeu boa fama disso. Em seguida, eles voltaram para casa, no oeste, e aqui se encerra o episódio de Hrútr e Mǫrðr.

CAPÍTULO IX

Agora há para se contar que Hallgerðr, filha de Hǫskuldr, cresce e torna-se uma mulher de formosíssimo semblante e alta, e por isso ganhou o epíteto Manto-Longo. Tinha a cabeleira tão bela e opulenta que podia envolver-se com ela. Era impetuosa e de temperamento duro. Seu pai de criação chamava-se Þjóstólfr; a linhagem deste era das Ilhas do Sul¹⁵³. Era um homem forte, bom lidador, e já matara muitos homens, sem nunca pagar compensações pelos homicídios. Dizia-se que ele não contribuiu em nada para melhorar o temperamento de Hallgerðr.

Havia um homem de nome Þorvaldr; ele era filho de Ósvífr. Morava em Meðalfellströnd, em Fell; era um homem bem abastado.

¹⁵³ Ilhas do Sul (Suðreyjar): Ilhas Hébridas, na Escócia.

Possuía as ilhas que se chamam Bjarneyjar; elas ficam dentro de Breiðafjörðr; lá ele mantinha reservas de farinha e peixes secos. Þorvaldr era um homem bem forte e cortês, de temperamento um tanto explosivo.

Certa vez, quando pai e filho discutiam sobre onde Þorvaldr poderia procurar por uma esposa, ficou claro que ele julgava existirem poucos partidos compatíveis com ele. Então Ósvífr falou: “Desejas pedir Hallgerðr Manto-Longo, a filha de Høskuldr?” “É ela que eu desejo,” diz ele. “Não combinareis muito,” disse Ósvífr; “ela é uma mulher orgulhosa, ao passo que tu és temperamental e teimoso.” “Mas é lá que eu quero procurar,” ele diz, “e não adianta tentar dissuadir-me.” “Quem corre mais risco és tu,” diz Ósvífr.

Depois disso, eles partiram para fazer o pedido de casamento, e chegaram a Høskuldsstaðir e foram lá bem recebidos. Imediatamente expuseram os motivos de sua jornada a Høskuldr, e anunciaram o pedido de casamento. Høskuldr respondeu: “Conheço bem vossas condições, mas não tenho nenhuma intenção de vos ocultar que minha filha possui um temperamento duro. Já quanto à sua aparência e cortesia, podeis ver e julgar por vós mesmos.” Þorvaldr respondeu: “Faze uma oferta, pois não deixarei que o temperamento difícil dela seja um obstáculo para nosso acordo.” Em seguida discutem o acordo, e Høskuldr não consulta sua filha sobre o assunto, pois está determinado a casá-la, e eles chegam a um acordo sobre todo o negócio. Depois Høskuldr estendeu a mão e Þorvaldr apertou-a, e ele noivou com Hallgerðr, e cavalgou de volta para casa com isso feito.

CAPÍTULO X

Høskuldr contou do acordo a Hallgerðr; ela falou: “Agora finalmente certifiquei-me do que há tempos venho suspeitando, de que tu não me amas tanto quanto sempre disseste, uma vez que não julgaste digno que este assunto fosse discutido comigo; e este arranjo não me parece tão notável como me havias prometido;” – e estava nítido que ela se sentia mal casada. Høskuldr falou: “Eu não anuo aprovo tanto a este teu orgulho a ponto de deixar que ele se torne um obstáculo para meus negócios, e eu decidirei, e não tu, se nós discardarmos.” “É grande a arrogância dos meus parentes,” diz ela, “e não é de se espantar que eu tenha um pouco dela” – e afastou-se em seguida.

Ela vai ao encontro de seu pai de criação, Þjóðólfr, e lhe conta o que se decidira, e ela estava abatida. Þjóðólfr falou: “Sê de bom ânimo: serás dada em casamento uma segunda vez, e então serás

consultada sobre o acordo; pois em toda parte farei tua vontade, exceto onde teu pai ou Hrútr estiver.” E depois disso não falam mais no assunto.

Høskuldr preparou a festa e cavalgou para convidar gente, e chega a Hrútsstaðir e chama Hrútr para fora para conversarem; ele saiu, e os dois se puseram a falar, e Høskuldr contou-lhe sobre todo o acordo e convidou-o para a festa de casamento, – “e eu gostaria, irmão, que tu não te chateasses por eu não ter falado contigo quando o acordo foi discutido.” “Eu teria preferido não estar presente,” diz Hrútr, “pois esse acordo não trará ventura a nenhum dos dois, nem a ele nem a ela. Contudo, poderei comparecer à festa, se julgares honroso que eu assim faça.” “É claro que assim julgo,” disse Høskuldr, e cavalgou para casa em seguida. Ósvífr e Þorvaldr também convidaram gente, e os convidados não foram menos do que cem pessoas.

Um homem chamava-se Svanr; ele morava em Bjarnarfjorðr, na fazenda chamada Svanshól; ela fica a norte de Steingrímsfjorðr. Svanr era muito versado em magia; era tio materno de Hallgerðr; era um homem briguento e de trato difícil. Hallgerðr o convidou para a festa de casamento, e enviou Þjóstólfr para buscá-lo; este partiu, e os dois se entenderam bem de imediato.

Agora as pessoas chegam para a festa, e Hallgerðr permanece sentada no banco lateral. A noiva estava muitíssimo alegre, e Þjóstólfr ia frequentemente falar com ela, e às vezes ele falava com Svanr, e as pessoas lá estranharam muito essa sua conversa. A festa transcorreu bem. Høskuldr pagou o dote de Hallgerðr com a melhor prontidão. Em seguida falou para Hrútr: “Devo incluir alguns presentes também?” Hrútr respondeu: “Em breve poderás dissipar teus bens ao bel-prazer por conta de Hallgerðr, por ora deixa que pare por aqui.”

CAPÍTULO XI

Þorvaldr cavalgou para casa na companhia de sua mulher e de Þjóstólfr; ele seguia junto ao cavalo dela, e os dois falavam constantemente. Ósvífr virou-se para seu filho e falou: “Estás contente com teu quinhão? Como foi a conversa entre vós dois?” “Bem,” ele diz, “ela só me disse ternuras; e podes ver, como sinal disso, o modo como ela ri a cada palavra.” “Não creio ser o riso dela tão bom quanto tu julgas;” diz Ósvífr, “isso, porém, será averiguado em breve.” Seguem cavalgando até que chegam a casa. De noite, ela se sentou ao lado do marido, e acomodou Þjóstólfr no assento ao seu lado. Þjóstólfr e

Þorvaldr tinham pouco a tratar um com o outro, e trocavam poucas palavras, e assim seguiram as coisas durante o inverno.

Hallgerðr fez grandes provisões para o inverno e foi magnânima, e, não bastasse isso, demandava tudo que os outros tinham na vizinhança, e era pródiga com tudo; e, quando chegou a primavera, as provisões da dispensa escassearam, e faltou tanto farinha quanto peixes secos. Hallgerðr foi ter com Þorvaldr e falou: “Não haverás de quedar-te sentado para sempre, posto que o lar precisa tanto de farinha quanto de peixes secos.” Þorvaldr falou: “Eu não abasteci a casa com menos do que de costume, e as provisões sempre duravam até o verão.” Hallgerðr falou: “Não me importa que tu e teu pai tenhais passado fome para acumular bens.” Então Þorvaldr se enfureceu e acertou-lhe o rosto, de modo que ela sangrou, e em seguida se foi e reuniu os homens do lar, e eles deitaram um esquife à água, e oito homens embarcaram nele e remaram até as ilhas Bjarneyjar; foram lá apanhar sua farinha e peixes secos.

Agora conta-se de Hallgerðr que ela estava sentada fora de casa com semblante abatido. Þjóóstólfr se lhe achegou e viu que seu rosto estava machucado, e falou: “Por que estás assim maltratada?” “Þorvaldr é o responsável por isso, o meu marido,” disse ela, “e tu não estavas ao meu lado, se é que dás alguma importância a mim.” “Eu não sabia,” diz ele, “contudo hei de vingar isso.” Em seguida afastou-se e foi em direção à praia e lançou no mar um barco de seis remos, e tinha na mão um grande machado, de sua posse, com o cabo enfaixado. Pula a bordo e rema até as ilhas Bjarneyjar. E, quando lá chega, todos os homens estão pescando no mar, exceto Þorvaldr e seus companheiros; ele está a carregar o esquife, enquanto seus homens transportam até ele os mantimentos. Þjóóstólfr se aproximou e pulou a bordo do esquife e se pôs a carregá-lo junto com aquele, e falou: “Tu és fraco e inapto para este trabalho.” Þorvaldr falou: “Tu te julgas mais apto para isso?” “Em uma coisa havemos de nos contentar que eu sou melhor do que tu,” diz Þjóóstólfr, “e essa tua mulher está mal casada, e vosso convívio será breve.”

Þorvaldr apanhou um espadim que havia ao seu lado e golpeou contra Þjóóstólfr. Þjóóstólfr tinha o machado apoiado no ombro e retribuiu o golpe, e acertou o braço de Þorvaldr, quebrando-lhe o pulso, e o espadim caiu. Em seguida Þjóóstólfr brandiu o machado uma segunda vez e com ele feriu a cabeça de Þorvaldr, que teve sua morte no ato.

CAPÍTULO XII

Então os homens de Þorvaldr desceram carregando os fardos. Þjóstólfr age rápido: segurando o machado com ambas as mãos, golpeou o flanco do esquife e abriu-lhe um talho ao longo de dois assentos de remadores, e pulou a bordo de seu barco; o esquife se inundou com águas negras como carvão e afundou com toda a carga. Dentro dele afundou também o corpo de Þorvaldr, e seus homens não puderam ver o que lhe sucedera, mas uma coisa eles sabiam: ele estava morto.

Þjóstólfr remou de volta para o interior do fiorde, enquanto aqueles lhe lançavam imprecações de que encontrasse males e jamais prosperasse; ele nada disse em resposta, e remou até chegar de volta à costa, e varou o barco e retornou para casa empunhando o machado, que estava muito ensanguentado. Hallgerðr encontrava-se do lado de fora e falou: “Teu machado está ensanguentado; que praticaste?” “Agora acabei de fazer,” diz ele, “com que te possas casar uma segunda vez.” “Estás a dizer que Þorvaldr está morto,” ela diz. “Assim é,” disse ele, “e pensa agora num plano para mim.” “Assim será,” disse ela; “desejo enviar-te a Bjarnarfjörðr, ao norte, para Svanshól, e Svanr te acolherá de braços abertos; e ele é tão poderoso que lá ninguém há de apanhar-te.” Ele selou um cavalo de sua posse, montou e cavalgou para o norte, até Svanshól, em Bjarnarfjörðr, e Svanr recebeu-o de braços abertos e perguntou-lhe quais eram as novas, e Þjóstólfr lhe conta da morte de Þorvaldr, com todos os pormenores que se deram. Svanr falou: “Isso é o que eu chamo de homem valente que não deixa as coisas se agigantarem diante dos olhos, e assim hei de prometer-te que, se vierem aqui atrás de ti, eles obterão em troca a maior humilhação.”

Agora há para se contar acerca de Hallgerðr, lá onde ela está, que ela convocou para uma jornada Ljótr o Negro, um parente seu, e pediu-lhe que selasse seus cavalos; – “e desejo cavalgar de volta para a casa de meu pai.” Ele preparou a jornada. Ela caminhou até seus baús e os abriu e mandou que viessem até ela todas as pessoas da casa e deu presentes a todas elas, e toda a gente lamentou por ela. Agora ela cavalga até que chega a Høskuldsstaðir, e seu pai a recebe bem, pois ainda não tomou notícia dos fatos. Høskuldr falou para Hallgerðr: “Por que não veio Þorvaldr contigo?” Ela respondeu: “Ele está morto.” Høskuldr falou: “Þjóstólfr deve ser o autor.” Ela disse que assim era. Høskuldr falou: “Não é de se espantar que Hrútr estava certo quando me disse que esse casamento traria grande infortúnio, mas não adianta lamentar por algo que já se consumou.”

Agora há para se contar que os companheiros de Þorvaldr aguardaram até que barcos acostassem à ilha. Eles contaram sobre o homicídio de Þorvaldr e pediram um barco para voltarem a terra; isso lhes foi concedido imediatamente, e remaram para o interior do fiorde até Reykjanes e encontraram Ósvífr e lhe relataram as notícias. Ele falou: “Escolhas más trazem resultados maus; e agora eu vejo como tudo aconteceu. Hallgerðr deve ter enviado Þjóstólfr até Bjarnarfjörðr, enquanto ela própria se foi cavalgando de volta para a casa do pai. Nós agora reuniremos homens para apanhá-lo lá no norte.” Assim fizeram, e percorreram a região convocando homens para a expedição, e conseguiram reunir uma boa tropa e cavalgaram até Steinsgrímsfjörðr e até Ljótardalr, e de lá seguiram até Selárdalr e então até Bassastaðir e de lá passaram pelo desfiladeiro até Bjarnarfjörðr.

Agora Svanr tomou a palavra, e deu um grande bocejo: “Agora as *companhias*¹⁵⁴ de Ósvífr vêm nos visitar.” Então Þjóstólfr se pôs de pé num sobressalto e apanhou seu machado. Svanr falou: “Vem comigo até lá fora; não será preciso muito.” Em seguida saíram ambos. Svanr pegou uma pele de bode e envolveu-a em sua cabeça e pronunciou:

1. *Faça-se névoa,
faça-se assombro,
e perdição a todos
que vêm no teu encalço.*

Agora há para se contar que Ósvífr cavalgava através do desfiladeiro junto com seus homens; então uma densa neblina os envolveu. Ósvífr falou: “Deve ser Svanr quem causou isso, e seria bom que a isso não se seguisse nenhum outro mal.” E, pouco depois, uma densa caligem lhes cobriu as vistas, de modo que não enxergavam nada, e tombaram então das cavalgaduras e perderam seus cavalos, enquanto eles próprios caminhavam no pântano, e alguns acabaram na floresta, e assim seguiram até se machucarem; eles perderam suas armas. Então Ósvífr falou: “Se eu encontrasse meus cavalos e minhas armas, tomaria o caminho de volta.” E, tendo ele dito isso, puderam enxergar um pouco e encontraram seus cavalos e suas armas. Então muitos fizeram exortações para que se retomasse a investida, e isso foi feito, e

¹⁵⁴ Companhia (*fylgja*): espíritos em forma de animais que, segundo a crença pré-cristã escandinava, acompanhavam cada pessoa. Svanr, sendo um mago, possui o dom da clarividência, por isso pode ver as companhias de Ósvífr chegando e assim prevê sua aproximação.

imediatamente acometeu-lhes o mesmo assombro. E isso se deu três vezes. Então Ósvífr falou: “Ainda que a jornada não tenha sido boa, retornaremos agora. Devemos ora buscar uma alternativa alhures, e o que me parece agora mais razoável a fazer é ir ter com Høskuldr e pedir-lhe compensação pela morte de meu filho, pois lá, onde há pessoas honrosas, pode-se esperar encontrar tratamento honroso.”

De lá cavalgaram até os Vales de Breiðafjörðr, e não há nada para se contar antes de eles chegarem a Høskuldsstaðir. Hrútr acabara de chegar lá de Hrútsstaðir. Ósvífr chamou Høskuldr e Hrútr para fora; ambos saíram de casa e cumprimentaram Ósvífr, e em seguida puseram-se a conversar. Ele disse que partira em busca de Þjóstólfr, mas não o encontrara. Høskuldr disse que ele teria ido a Svanshól, no norte; – “e não é dado a qualquer um poder ir apanhá-lo lá.” “Por isso vim para cá,” disse Ósvífr, “pois desejo pedir-te compensação por meu filho.” Høskuldr respondeu: “Eu não matei teu filho, nem mandei matá-lo, contudo, tens uma justificativa por buscares em alguma parte.” Hrútr falou: “É próximo, irmão, o nariz do olho, e é necessário acabar com boatos ruins e pagar-lhe a compensação pelo filho e assim reparar as condições da tua filha, porque a única escolha é acabar com isso, pois quanto menos for dito sobre o assunto, melhor.” Høskuldr falou: “Desejas tu, então, tratar do caso?” “Sim, desejo,” diz Hrútr, “e não hei de escudar-te na contenda, porque, para falar a verdade, foi a tua filha quem mandou matá-lo.” Então Høskuldr sentou-se, vermelho como sangue, e permaneceu quieto por um tempo. Em seguida, pôs-se de pé e falou para Ósvífr: “Aperta a minha mão então e com isso confirma que renuncias à contenda.” Ósvífr se pôs de pé e falou: “Não se trata de um acordo em termos iguais quando é teu irmão quem advoga; não obstante, tu, Hrútr, falaste tão bem, que tenho boa fé em ti nesta questão.” Em seguida, ele apertou a mão de Høskuldr, e concordaram que Hrútr seria responsável por tratar do caso e encerrá-lo antes que Ósvífr partisse. Em seguida, Hrútr arbitrou a compensação e anunciou-a: “Pelo homicídio de Þorvaldr decreto que sejam pagas duas centenas de prata,” – isso era considerado então um bom preço por um homem – “e deves pagar-lhe imediatamente e com presteza, irmão.” Assim fez Høskuldr. Então Hrútr falou para Ósvífr: “Eu desejo dar-te um bom manto que adquiri no exterior.” Ele lhe agradeceu o presente e satisfizesse bem com o desfecho do caso, e foi para casa.

Hrútr e Høskuldr foram até Ósvífr, pouco depois, para a partilha dos bens, e entraram num acordo com ele, e voltaram para casa com as posses, e Ósvífr está fora da história. Hallgerðr pediu a

Höskuldr que Þjóstólfr os acompanhasse de volta para casa; isto lhe foi concedido, e a morte de Þorvaldr comentou-se por um longo tempo. As posses de Hallgerðr prosperaram e multiplicaram-se.

CAPÍTULO XIII

Três irmãos surgem na história; o primeiro deles se chamava Þórarinn, o segundo Ragi, o terceiro Glúmr. Eles eram filhos de Óleifr zetlandês e eram homens de grande valor e muito abastados. Þórarinn tinha também o epíteto Ragabróðir¹⁵⁵. Ele assumiu o posto de recitador da lei após Hrafn Hæingsson; era um homem muito sábio. Morava em Varmalækur e dividia a posse da fazenda com Glúmr. Glúmr estivera por muito tempo fazendo viagens de comércio; ele era um homem grande e forte e de belo aspecto. Seu irmão Ragi era um grande lidador. Os irmãos possuíam, ao sul, a ilha Engey e o cabo Laugarnes.

Os irmãos Glúmr e Þórarinn conversavam, e Þórarinn perguntou se Glúmr pretendia viajar para o exterior, conforme tinha por hábito. Ele respondeu: “Eu preferiria agora parar com as viagens de comércio.” “O que então tens em mente?” diz Þórarinn; “queres pedir uma mulher em casamento?” “É isso que eu gostaria de fazer,” ele disse, “se pudesse encontrar um bom partido para mim.” Então Þórarinn enumerou as mulheres ainda não casadas que havia em Borgarfjörðr, e perguntou se ele gostaria de possuir alguma delas – “e posso cavalgar contigo para fazer o pedido.” Ele respondeu: “Não desejo nenhuma dessas.” “Dize então qual é que queres ter,” diz Þórarinn. Glúmr respondeu: “Se queres saber, ela se chama Hallgerðr e é filha de Höskuldr dos Vales a oeste.” “Não fazes agora como manda o ditado,” diz Þórarinn, “segundo o qual se deve aprender com as desgraças alheias, porque ela já foi casada com um homem e tramou-lhe a morte.” Glúmr falou: “É possível que tal desdita não a acometa uma segunda vez; e eu estou certo de que ela não mandará matar-me. Mas, se desejas prestar-me alguma honraria, então cavalga comigo para pedi-la.” Þórarinn falou: “Não se poderá evitar; há de realizar-se aquilo que está destinado.”

Por várias vezes, Glúmr trouxe essa questão à conversa com Þórarinn, mas este sempre desviava o assunto; mas, finalmente, chegou o momento em que reuniram homens e partiram a cavalo, vinte ao todo, rumo aos Vales, a oeste, e chegaram a Höskuldsstaðir, e Höskuldr os recebeu bem, e eles lá pernoitaram. E, de manhã cedo, Höskuldr

¹⁵⁵ Isto é, além de ser chamado Þórarinn Óleifsson, era chamado Þórarinn Ragabróðir (“irmão de Ragi”).

mandou chamar Hrútr, e ele veio imediatamente, e Høskuldr estava fora de casa quando ele cavalgou para dentro do quintal. Høskuldr conta a Hrútr da chegada dos homens. “Que desejarão eles?” disse Hrútr. “Ainda não me anunciaram o motivo de sua vinda,” disse Høskuldr. “É contigo, porém, que devem ter a tratar,” diz Hrútr; “eles pedirão tua filha Hallgerðr, mas como lhes responderás?” “Que te parece melhor fazer?” disse Høskuldr. “Deves responder bem, e conta-lhes das virtudes e dos defeitos da mulher,” diz Hrútr. E, enquanto os dois irmãos têm esta conversa, os hóspedes caminham para fora da casa. Høskuldr e Hrútr andaram ao seu encontro, e Hrútr cumprimenta bem Þórarinn e seus dois irmãos. Em seguida, todos eles se puseram a conversar, e Þórarinn falou: “Vim aqui, acompanhado de meu irmão Glúmr, com o propósito de pedir Hallgerðr, tua filha, Høskuldr, para Glúmr, meu irmão. Deves saber que ele é um homem feito e educado.” “É de meu conhecimento,” disse Høskuldr, “que vós ambos sois homens bem distintos, mas quero dizer-vos também, de minha parte, que já decidi casá-la anteriormente, e isso se deu para nosso grande infortúnio.” Þórarinn respondeu: “Não havemos de deixar que isso impeça nosso acordo, pois uma falha isolada não precisa necessariamente se repetir, e, além do mais, foi principalmente Þjóstólfr quem arruinou tudo lá.” Então Hrútr falou: “Eu vos poderia dar um conselho, caso não desejeis que o ocorrido no casamento anterior de Hallgerðr impeça o acordo de agora: que Þjóstólfr não a acompanhe ao sul, caso o casamento se dê, e que nunca permaneça lá mais do que três noites, a não ser que Glúmr permita, e que ele possa ser morto impunemente por Glúmr, se permanecer lá por mais tempo, mas Glúmr pode permitir que ele fique mais, o que, no entanto, não aconselho. E isso não deve ser realizado como outrora, com Hallgerðr alheia ao caso; ela deve saber de todo este acordo e ver Glúmr e decidir por si própria se o quer ou não, e que ela não venha a culpar outrem, se as coisas não se saírem bem; isso tudo deve ser realizado sem artimanhas.” Þórarinn disse: “E agora, como de costume, o melhor a fazer é seguir o teu conselho.”

Então Hallgerðr foi chamada, e lá chegou acompanhada de duas mulheres; ela estava coberta com um manto azul tecido e, por baixo dele, trajava uma túnica escarlate e estava cingida com um cinto de prata, e a cabeleira lhe escorria sobre o peito, de ambos os lados, atingindo-lhe a cintura. Sentou-se entre Hrútr e seu pai; saudou a todos com boas palavras e pronunciou-se bem e de modo notável, e perguntou quais eram as novas; então parou de falar. Glúmr disse: “Eu e meu

irmão Þórarinn estávamos conversando com teu pai sobre um acordo, a fim de que eu te recebesse, Hallgerðr, como mulher, caso seja a tua vontade conforme é a deles. Tu podes ora dizer, pois és notável, se a ideia te agrada de algum modo; mas, se não estás nem um pouco disposta a fazer conosco este acordo, então nós também não queremos discutir nada.” Hallgerðr falou: “Eu sei que vós irmãos sois homens muito valorosos, e também sei que estarei agora muito mais bem casada do que antes; mas quero saber sobre o que já conversastes e quanto já avançastes no negócio. Mas me dás a impressão de que poderei amar-te muito, caso selemos o acordo.” Glúmr lhe disse sobre todo o acordo e nada lhe ocultou nem mudou, e então perguntou a Høskuldr e Hrútr se fizera corretamente o relato. Høskuldr disse que sim. Hallgerðr falou então: “Já que agistes tão bem comigo, pai e Hrútr, nesta questão, eu desejo fazer a vossa vontade, e esse acordo de casamento há de concretizar-se nos termos que estipulastes.” Então falou Hrútr: “Então me parece aconselhável que eu e Høskuldr nomeemos testemunhas, e que Hallgerðr se prometa ela própria, caso isso pareça correto ao jurisconsulto¹⁵⁶.” “Está correto,” disse Þórarinn. Em seguida, os bens de Hallgerðr foram avaliados, e Glúmr haveria de dispor de igual quantia, e o casamento seria uma sociedade com divisão igual de bens. Depois disso, Glúmr se prometeu a Hallgerðr, e os hóspedes se foram cavalgando de volta para o sul, e Høskuldr faria a festa de núpcias em seu lar. E as coisas permanecem quietas até que as pessoas cavalgam para a festa.

CAPÍTULO XIV

Os irmãos reúnem muita gente, e compõem um séquito seleta. Eles cavalgaram para oeste, rumo aos Vales, e chegaram a Høskuldsstaðir, e lá já havia muita gente reunida. Høskuldr e Hrútr com seus homens ocupavam um banco, e o noivo outro. Hallgerðr estava sentada no banco lateral, bem composta. Þjóstólfr andava com o machado apoiado no ombro e agia do modo mais provocativo, e ninguém demonstrava tomar conhecimento disso. E, depois de encerrada a festa, Hallgerðr partiu com eles para o sul. Quando chegaram a Varmalækur, Þórarinn perguntou se Hallgerðr desejaria

¹⁵⁶ *Logmaðr*: Literalmente, “homem da lei”; como observa Einar Ólafur Sveinsson (1954: 44), o termo aqui poderia tanto significar “homem conhecedor de leis” quanto um título de “representante legal”, algo próximo de “advogado”.

tomar conta da casa¹⁵⁷. “Não desejo fazê-lo,” diz ela. Hallgerðr controlou-se bastante durante o inverno, e não causou desgostos.

Mas, na primavera, os irmãos discutiam sobre suas finanças, e Þórarinn falou: “Quero renunciar à casa de Varmalœkr, para que ela seja vossa, pois convém mais a vós dois; eu, por minha parte, irei para Laugarnes, ao sul, e passarei a morar lá. Mas Engey nós dois possuiremos juntos.” Foi do agrado de Glúmr que assim se desse; Þórarinn mudou-se para o sul, e o casal permaneceu morando ali. Hallgerðr tinha criados e servos; ela fazia grandes despensas e era pródiga. E, no verão, deu à luz uma menina. Glúmr perguntou a Hallgerðr como ela haveria de ser chamada. “Ela será chamada Þorgerðr, em homenagem à mãe de meu pai, que descendia, na linhagem paterna, de Sigurðr¹⁵⁸, o matador de Fáfnir.” Aspergiu-se água na menina e foi-lhe dado esse nome; ela cresceu lá e tornou-se igual à sua mãe na aparência. Glúmr e Hallgerðr entendiam-se bem; e assim continuaram as coisas por um tempo.

Correram notícias de Bjarnarfjorðr, ao norte, que na primavera Svanr saíra para pescar num barco a remo junto com seus homens, quando uma forte tormenta do leste os arrebatou e os arrastou até a ilha Veðílausa¹⁵⁹, e que eles tiveram seu fim lá. Mas os pescadores que estavam em Kaldbak julgaram ver Svanr caminhar para o interior da montanha, em Kaldbakshorn, e ali foi feita para ele uma grande recepção; mas outros contradisseram isso e falaram que não ocorrera nada. Mas uma coisa todos sabiam: que ele não foi achado em parte alguma, nem com vida nem morto. E, quando tomou notícia disso, Hallgerðr sentiu muito a perda de seu tio materno.

Glúmr pediu a Þórarinn para trocarem suas terras; este declarou que não queria – “mas, se eu viver por mais tempo que tu, é a minha intenção ficar com Varmalœkr.” Glúmr diz isso a Hallgerðr. “É razoável que Þórarinn espere isso de nós¹⁶⁰,” ela diz.

CAPÍTULO XV

¹⁵⁷ Era função da esposa do dono da casa administrar o lar. A dona de casa carregava as chaves das despensas, controlava os gastos de provisões etc. No seu casamento anterior, a prodigalidade de Hallgerðr havia causado a briga com Þorvaldr, que culminou no assassinio deste, perpetrado por Þjóstólfr.

¹⁵⁸ Célebre herói, retratado em poemas éddicos e na *Saga dos Volsungos*, da qual é o herói central.

¹⁵⁹ “Sem-Pesca”, “Sem-Apanha”.

¹⁶⁰ A ambiguidade nesta fala de Hallgerðr é notável. É razoável que ele espere ter a terra caso viva mais do que o marido de Hallgerðr, ou é provável que ele viva mais (pois Hallgerðr já antevê o fim de seu segundo esposo)?

Þjóstólfr surrara um dos homens do lar de Høskuldr; este expulsa Þjóstólfr da fazenda. Ele apanhou seu cavalo e suas armas e falou para Høskuldr: “Agora irei embora e nunca mais retornarei.” “Todos ficarão alegres com isso.” Þjóstólfr cavalgou até que chegou a Varmalækur; lá encontrou boa recepção de Hallgerðr, e não má de Glúmr. Disse a Hallgerðr que seu pai o expulsara, e pediu-lhe proteção. Ela lhe respondeu dizendo que não poderia prometer-lhe abrigo lá antes que fosse ao encontro de Glúmr. “As coisas vão bem entre vós dois?” ele diz. “Estamos bem enamorados,” diz ela.

Depois disso, foi ela ter com Glúmr, e envolveu-lhe o pescoço com o braço e falou: “Tu me concederás um pedido que tenho para fazer-te?” “Conceder-to-ei, se te for honroso,” diz ele, “mas qual é o pedido?” Ela falou: “Þjóstólfr foi expulso de casa lá do oeste, e eu gostaria que tu lhe permitisses permanecer aqui. Mas não desejo opor-me, caso a ideia não te agrade.” “Agora que te portas tão bem, conceder-te-ei o pedido, mas te digo que, se ele vier a portar-se mal, será mandado embora imediatamente.” Ela vai até Þjóstólfr e lhe conta isso. Ele respondeu: “Tu ages bem como sempre, conforme era esperado.” Em seguida ele se alojou por lá, e permaneceu quieto por um tempo, até que se pôs a estragar tudo. Não poupava ninguém, tão somente Hallgerðr, mas ela nunca o defendia quando ele se envolvia com outros. Þórarinn censurou o irmão Glúmr por haver permitido que ele ficasse lá, e disse que isso acabaria mal e que ocorreria como outrora, caso ele permanecesse por lá. Glúmr concordou, porém deixou que tudo continuasse conforme havia já antes decidido.

CAPÍTULO XVI

Num outono em que os homens tiveram dificuldade para trazer de volta às fazendas seus rebanhos, Glúmr deu por falta de muitos carneiros machos. Então Glúmr falou para Þjóstólfr: “Vai à montanha junto com os homens de casa, e averigui todos se há lá cabeças de meus rebanhos.” “Não sou talhado para procurar por carneiros,” disse Þjóstólfr, “e digo mais, não desejo seguir os passos dos teus escravos; e vai tu próprio, que então irei contigo.” Isso foi causa de grande discussão entre os dois.

Hallgerðr estava sentada fora de casa, e o tempo estava bom. Glúmr se lhe achegou e falou: “Eu e Þjóstólfr tivemos uma discussão ruim, e continuaremos morando juntos por pouco tempo,” – e contou tudo que se dera entre eles. Hallgerðr então se pronuncia em favor de Þjóstólfr, e os dois têm uma grande discussão. Glúmr lhe dá um tapa e

fala: “Não alterco mais contigo;” – e se vai. Ela o amava muito e não conseguiu conter-se, e chorou copiosamente. Þjóstólfr se lhe achegou e falou: “Foste machucada, e isso não devia ocorrer mais vezes.” “Tu não tens de vingar isso,” ela diz, “e não te intrometerás no que ocorre entre nós dois.” Ele se afastou, e sorriu.

CAPÍTULO XVII

Glúmr reuniu homens para partirem junto consigo, e Þjóstólfr se aprontou e acompanhou Glúmr. Eles subiram o vale Reykjardalr do sul e então seguiram ao longo de Baugagil e subiram o monte Þverfell, e lá dividiram o bando, e uns seguiram para fazer buscas em Skorradalr, já aos outros ele enviou para Súlur, ao sul, e todos eles encontraram muitos carneiros. E sucedeu então de estarem os dois sós, Glúmr e Þjóstólfr. Eles caminharam para o sul do monte Þverfell e encontraram lá carneiros xucros e os perseguiram do sul até a montanha; os carneiros subiram a montanha e escaparam-lhes. Então um culpou o outro, e Þjóstólfr falou que Glúmr que não tinha força para nada além de cair nos braços de Hallgerðr. Glúmr falou: “Não há mau companheiro de viagem, senão quando ele vem junto de casa: deveria eu agora aguentar provocações de ti, um escravo de pés agrilhoados?” “Terás para contar que eu não sou um escravo, porque não hei de dobrar-me diante de ti.” Então Glúmr se enfureceu e golpeou-o com um espadim, mas ele brandiu seu machado, e o golpe tirou uma lasca de dois dedos da lâmina do machado. Þjóstólfr devolveu o golpe imediatamente, e seu machado atingiu-lhe o ombro, e separou o osso do ombro do osso do colo, e sangrou dentro da chaga. Glúmr agarrou Þjóstólfr tão tenazmente com a outra mão, que fê-lo tombar junto; Glúmr não pôde segurá-lo, porque a morte o arrebatou. Þjóstólfr ocultou o cadáver sob pedras e lhe tomou uma pulseira de ouro.

Ele caminhou até chegar a Varmalcekr. Hallgerðr estava fora de casa e viu que o machado estava ensanguentado. Ele lhe atirou a pulseira de ouro. Ela falou: “Que notícias vens contar-me? Por que teu machado está ensanguentado?” Ele respondeu: “Não sei como te parecerá: anuncio-te o homicídio de Glúmr.” “E tu deves ser o responsável.” “Assim é,” diz ele. Ela riu e falou: “Tu não és um qualquer nesse jogo.” “Que plano tens para mim agora?” ele disse. “Vai até Hrútr, irmão de meu pai,” ela diz, “e possa ele tomar conta de ti.” “Eu não sei,” disse Þjóstólfr, “se isso é um bom plano, contudo farei conforme me aconselhas neste caso.” Ele então apanhou seu cavalo e partiu cavalgando, e sua jornada não terminou antes que chegasse a

Hrútsstaðir, à noite. Amarra seu cavalo nos fundos da casa, em seguida caminha até a porta e bate com violência; depois disso, caminha para o norte ao longo da casa. Hrútr já despertara; ele se pôs de pé rapidamente e vestiu um casaco e calçou suas botas; apanhou sua espada; enrolou um manto na mão esquerda e no antebraço. As pessoas acordaram quando ele caminhou para fora. Ele caminhou em direção ao norte, ao longo da parede, e viu lá um grande homem e reconheceu-o como sendo Þjóstólfr. Hrútr perguntou-lhe das novas. “Eu te anuncio o homicídio de Glúmr,” diz Þjóstólfr. “Quem é o responsável?” diz Hrútr. “Eu o matei,” diz Þjóstólfr. “Por que cavalgaste até aqui?” diz Hrútr. “Hallgerðr enviou-me para ti,” diz Þjóstólfr. “Então ela não é responsável por isso,” diz Hrútr, e brandiu a espada. Þjóstólfr percebe isso e não perde tempo, e no ato golpeia contra Hrútr. Hrútr esquivou-se do golpe rapidamente e acertou com a mão esquerda na face do machado com tanta velocidade que o machado caiu da mão de Þjóstólfr. Hrútr golpeou com a espada, que tinha na mão direita, a perna de Þjóstólfr, acima do joelho, de modo que ela não foi decepada por pouco, e pulou sobre ele no mesmo instante e derrubou-o com força. Hrútr então golpeou Þjóstólfr na cabeça, e desfechou-lhe assim a chaga mortal. Þjóstólfr tombou para trás. Então saíram de casa os homens do lar de Hrútr e viram os sinais da façanha. Hrútr mandou levarem Þjóstólfr para longe e ocultarem seu cadáver. Em seguida Hrútr se foi ao encontro de Høskuldr e anunciou-lhe o homicídio de Glúmr e então de Þjóstólfr. Ele considerou uma grande perda a morte de Glúmr, mas agradeceu-lhe pela morte de Þjóstólfr.

Pouco mais tarde, Þórarinn Ragabróðir toma notícia do homicídio de seu irmão Glúmr. Ele cavalga com doze homens para o oeste em direção aos Vales e chega a Høskuldsstaðir. Høskuldr recebeu-o de braços abertos, e ele passou lá a noite. Høskuldr mandou imediatamente chamarem Hrútr até lá; ele foi também imediatamente. E, no dia seguinte, conversaram muito sobre a morte de Glúmr. Þórarinn falou: “Desejas pagar-me alguma compensação pelo meu irmão, pois que é muito grande a minha perda?” Høskuldr respondeu: “Não fui eu quem matou teu irmão, e não foi minha filha que mandou matá-lo, e Hrútr, tão logo tomou notícia, matou Þjóstólfr.” Então Þórarinn se calou e o caso pareceu complicado. Hrútr falou: “Façamos com que sua vinda até aqui acabe bem; ele certamente sofreu grande perda; e isso será bem comentado, e demos presentes a ele, e que se torne nosso amigo para sempre.” E assim foi feito: eles lhe deram presentes, os dois irmãos; e ele cavalgou de volta para o sul.

Ele e Hallgerðr trocaram as fazendas na primavera, e ela se mudou para Laugarnes, ao sul, enquanto ele foi para Varmalækur. E Þórarinn está fora da história.

CAPÍTULO XVIII

Agora há para se mencionar que Mjörðr Rabeca adoeceu e morreu, e isso foi tido como uma grande perda. Sua filha Unnr herdou todas as suas posses; ela estava, então, sem marido pela segunda vez. Era muito pródiga e inconsequente com suas finanças, e pôs-se a dissipar todos os seus bens, até que não lhe restaram senão terras e posses pessoais.

CAPÍTULO XIX

Um homem chamava-se Gunnarr; ele era parente de Unnr¹⁶¹. Sua mãe se chamava Rannveig, e era filha de Sigfúss, filho de Sighvatr o Vermelho; este fora morto em Sandhólaferja. O pai de Gunnarr se chamava Hámundr e era filho de Gunnarr, filho de Baugr; o nome Gunnarsholt está relacionado com esse Gunnarr. A mãe de Hámundr se chamou Hrafnhildr; ela foi filha de Stórolfr, filho de Hœingr. Stórolfr foi irmão do recitador da lei Hrafn; filho de Stórolfr foi Ormr, o Forte. Gunnarr Hámundarson morava em Hlíðarendi, em Fljótshlíð. Era um homem de alta estatura e forte, o melhor lidador; golpeava com ambas as mãos e atirava, se quisesse, e manejava a espada com tanta velocidade que parecia brandir três ao mesmo tempo. Era o melhor atirador de arco, e acertava tudo em que mirasse; pulava mais do que sua própria altura, com armadura completa, e não menos para trás do que para frente; podia nadar como uma foca, e não havia certame em que alguém pudesse competir com ele, e já foi dito que não houve seu igual. Era belo na aparência e de cor clara, de nariz reto e um pouco empinado na ponta, tinha olhos azuis e penetrantes e bochechas rosadas; sua cabeleira era loira e farta, e lhe caía bem. Ele era o mais cortês dos homens, valente em todos os aspectos, generoso e muito sereno, um amigo fiel, mas não afeito às muitas amizades; era um homem de muitas posses. Seu irmão se chamava Kolskeggr; era um homem grande e forte, valente e destemido em todos os aspectos. Seu outro irmão se chamava Hjörtr; este era ainda infante. Ormr Nariz-da-Floresta era o irmão bastardo de Gunnarr, e não participa em nada desta história. A

¹⁶¹ Unnr era prima de Rannveig, mãe de Gunnarr; o pai de Rannveig, Sigfúss, era irmão de Mjörðr Rabeca (cf. genealogia de Unnr no cap. I). Unnr é prima de segundo grau de Gunnarr Hámundarson.

irmã de Gunnarr chamava-se Arnguðr; ela foi mulher de Hróarr, o *goði* de Tunga, filho de Uni o Não-Parido, filho de Garðarr; este descobrira a Islândia. Filho de Arnguðr fora Hámundr, o Manco, que morava em Hámundarstaðir.

CAPÍTULO XX

Um homem chamava-se Njáll; ele era filho de Þorgeirr *Gollnir*, filho de Þórólfr. A mãe de Njáll se chamava Ásgerðr e era filha do *hersir*¹⁶² Áskell *Ómálgi*; ela havia vindo à Islândia e tomara terras a leste de Markarfljót, entre Qldusteinn e Seljalandsmúli. Filho dela foi Þórir das Colinas, pai de Þorleifr Corvo, do qual descende a gente de Skógar, e de Þorgrímur o Grande e de Skorar-Geirr. Njáll morava em Bergþórshváll, em Landeyjar; tinha uma outra casa, em Þórólfsfell. Era bem abastado e de aparência bela, mas tinha uma peculiaridade: não lhe crescia barba. Ele era tamanho jurista que seu igual não havia, era sábio e via o futuro, um ótimo conselheiro e bondoso, e tudo que aconselhava as pessoas a fazerem sucedia bem, e era gentil e benevolente, de visão e memória aguçadas; resolvia os problemas de qualquer um que fosse ao seu encontro. Sua mulher chamava-se Bergþóra; era filha de Skarphéðinn, uma mulher de muitas habilidades e muito prendada e de temperamento um pouco duro. Njáll e Bergþóra tinham três filhas e três filhos, e todos eles virão a tomar parte desta história em seguida.

CAPÍTULO XXI

Agora há para se mencionar que Unnr acabou por gastar toda a sua fortuna. Ela partiu de casa rumo a Hlíðarendi, e Gunnarr recebeu bem sua parenta; ela pernoitou lá. No dia seguinte, sentaram-se os dois fora de casa e conversaram; ela, por fim, contou-lhe quão penosa estava a sua situação financeira. “Isso é ruim,” disse ele. “Que auxílio desejas oferecer-me?” ela disse. Ele respondeu: “Quero que tenhas tantos bens quantos te forem necessários, dos que possuo em investimento.” “Não desejo dissipar os teus bens,” ela diz. “O que desejas então?” ele diz. “Desejo que tu reivindiques os meus bens junto a Hrútr,” ela diz. “Isso não me parece exequível,” ele diz, “uma vez que o teu pai não conseguiu recuperar teus bens, e ele era um grande conhecedor das leis, ao passo que eu as conheço pouco.” “Hrútr contendeu muito mais com valentia do que com jurisprudência,” ela diz, “e meu pai estava velho, e os homens julgaram aconselhável que os dois não pelejassem. E não há

¹⁶² *Hersir*: rei guerreiro.

mais ninguém na minha família que possa assumir este caso, se tu não tens coragem para fazê-lo.” “Eu ousarei,” ele diz, “reivindicar esses bens, mas não sei como se deve reabrir o caso.” Ela respondeu: “Vai até Bergþórshváll ao encontro de Njáll; ele terá conselhos sobre isso. Outrossim, ele é um grande amigo teu.” “Posso esperar que ele me dará bons conselhos, conforme dá aos demais,” ele diz. E encerrou-se a conversa entre eles com Gunnarr assumindo o caso e dando bens para ela levar para casa consigo, de acordo com a sua necessidade, e ela voltou para casa em seguida.

Gunnarr cavalga agora para encontrar Njáll, e ele o recebeu bem, e eles se põem a conversar. Gunnarr falou: “Vim atrás de teus sábios conselhos.” Njáll respondeu: “São muitos os meus amigos dignos de ganharem de mim bons conselhos; contudo, vou fazer o meu melhor contigo.” Gunnarr falou: “Desejo dar-te a conhecer que assumi a reivindicação de bens da parte de Unnr contra Hrútr.” “Esse é um caso muito complicado,” diz Njáll, “e envolve grande risco, seja como for seu desenrolar; contudo, hei de aconselhar-te a fazer o que me parece mais exequível, e o plano só dará certo se tu não te desviares dele, e tua vida estará em perigo se não fizeres como direi.” “Em nada descumprirei teu conselho,” diz Gunnarr. Então Njáll ficou calado por alguns instantes e falou em seguida: “Acabo de considerar o caso, e isto irá funcionar...”

CAPÍTULO XXII

“Deves agora partir de casa a cavalo com mais dois homens; deves colocar sobre a roupa um manto com capuz, e por baixo dele deves vestir uma camisa marrom listrada; por baixo disso deves trajar tuas boas vestes e carregar na mão tua machadinha. Cada um de vós deve levar dois cavalos, um gordo e um magro. Tu deves levar contigo mercadorias fabricadas¹⁶³. Deveis partir amanhã, tão logo amanhecer, e, quando cruzardes o Rio Hvítá, a oeste, deves deixar teu capuz cair bem sobre o rosto. Então se perguntará ‘quem é este grande homem?’. Teus companheiros deverão dizer que se trata de Heðinn-Mercante, o Grande, homem de Eyjafjörðr, transportando mercadorias; ele é um homem de temperamento ruim e caluniador, que julga tudo saber melhor que os outros; com frequência desfaz suas barganhas e ataca os homens, quando não se dá tudo conforme deseja. Deves cavalgar para o oeste, até Borgarfjörðr, e põe tuas mercadorias à venda aonde fores e

¹⁶³ *Smíði*: o termo é genérico e pode designar itens manufaturados diversos, provavelmente de madeira.

desfaz muito os negócios; correrá então o rumor de que Heðinn-Mercante é o homem mais intratável e que sua fama não é exagerada. Deverás cavalgar até Norðrárdalr e então até Hrutafjorðr e até Laxárdalr, e deverás seguir em frente até chegares a Hrutstaðir; lá deverás passar a noite, sentado próximo à entrada da casa, e mantendo a cabeça baixa. Høskuldr recomendará que ninguém vá ter com Heðinn-Mercante, e dirá que ele não é nada amistoso. Depois, pela manhã, partirás de lá rumo à fazenda mais próxima de Hrutstaðir; lá deverás pôr à venda as mercadorias, mostrando as piores delas e disfarçando seus defeitos. O senhor da fazenda perceberá isso, e descobrirá os defeitos; tu deverás arrancar dele a mercadoria e insultá-lo. Ele dirá que é de se esperar que tu não te portes bem com ele, – ‘uma vez que ages mal com todos os demais’. Tu deverás atacá-lo, apesar de não seres habituado a fazer assim, porém controla a tua força, para que não sejas reconhecido e que de nada se suspeite. Então será enviado um homem para Hrutstaðir para contar a Hrútr que será melhor separar-vos; ele mandará buscar-te imediatamente, e tu deverás, também imediatamente, ir. Serás acomodado no banco mais baixo, oposto ao assento de honra de Hrútr; deverás saudá-lo, e ele te responderá bem. Ele perguntará se és do norte do país; deverás dizer que és de Eyjafjorðr. Ele perguntará se existem lá muitos homens distintos. ‘Não lhes falta covardia,’ deverás dizer. ‘Conheces Reykjardalr?’ ele dirá. ‘Conheço a Islândia inteira,’ deverás dizer. ‘Há grandes heróis em Reykjardalr?’ ele dirá. ‘Há lá malfeitores e ladrões,’ deverás dizer. Então Hrútr rirá e achará graça nisso. Vós dois conversareis sobre homens do Quarto dos Fiordes Orientais, e tu deverás dizer algo ruim de cada um deles. Vossa conversa chegará aos homens de Rangárvellir. Então deverás dizer que há menos homens distintos lá desde que morreu Mjorðr rabeca. Hrútr perguntará qual tu julgas ser o motivo pelo qual outro homem não possa assumir o posto daquele; e tu deverás responder que ele foi um homem tão sábio e tão hábil com processos legais que jamais cometeu uma falha que maculasse a sua posição de chefe. Hrútr perguntará se tu tens algum conhecimento do que se passara entre ele e Mjorðr. ‘Tenho conhecimento,’ deverás dizer, ‘de que ele tirou de ti a mulher, e tu nada fizeste.’ Então Hrútr responderá: ‘Não te pareceu que ele cometeu uma falha quando não obteve os bens, uma vez que havia já preparado o caso?’ ‘Nesse ponto tenho uma boa resposta para ti,’ deverás dizer; ‘tu o desafiaste para um duelo, sendo que ele era um homem velho, e seus amigos o aconselharam a não lutar contigo, e assim tu derrubaste o caso.’ ‘Eu o desafiei,’ dirá Hrútr, ‘e os homens tolos tomaram isso por

lei; contudo, o caso poderia ter sido reaberto em nova assembleia, caso ele tivesse mostrado ousadia para isso.’ ‘Eu sei disso,’ deverás dizer. Ele te perguntará então se conheces algo das leis. ‘Julgava-se que eu sabia um pouco lá no norte,’ deverás dizer, ‘porém tu terás de me contar como se deve reabrir o caso.’ Hrútr replicará perguntando a que caso tu te referes. ‘O caso,’ deverás dizer, ‘que não me diz nenhum respeito: como se deve reabrir o caso referente à reivindicação dos bens de Unnr.’ ‘Deve-se fazer a intimação de modo que eu possa escutá-la, ou no meu domicílio legal,’ Hrútr dirá. ‘Pronuncia então a intimação,’ deverás dizer, ‘e eu repetirei depois de ti.’ Então Hrútr pronunciará a intimação, e deves prestar muita atenção nos termos que ele usar. Então Hrútr dirá que tu deves intimá-lo; tu deverás então intimá-lo, mas intima-o erradamente, de modo que não esteja correta mais do que uma a cada duas palavras. Então Hrútr rirá, e assim não há de suspeitar de ti, mas dirá que repetiste com poucos acertos; tu deverás culpar teus companheiros de viagem, por te terem confundido. Então deverás pedir que Hrútr pronuncie a intimação para ti, e pede-lhe permissão para repetires depois dele; ele te dará a permissão e pronunciará a intimação ele próprio; tu deverás imediatamente repetir, pronunciando tudo corretamente, e então pergunta a Hrútr se tu intimaste corretamente. Ele responderá que assim não estaria sem validade; então deverás pronunciar baixo, de modo que teus companheiros escutem¹⁶⁴: ‘Intimote para a disputa legal referente aos bens de Unnr, filha de Mǫrðr.’ Mas, depois que os homens tiverem adormecido, tu e teus companheiros deveis levantar-vos e caminhar para fora da casa silenciosamente, selar vossos cavalos gordos no campo e cavalgá-los, deixando os outros para trás. Deveis cavalgar para fora dos pastos, subindo a encosta, e permanecer lá em cima por três noites; por tanto tempo hão de procurar-vos. Deverás então cavalgar de volta ao sul para casa, e cavalga sempre à noite e descansa de dia. E eu cavalgarei para a assembleia e ajudarei no caso.” Gunnarr agradeceu-lhe e cavalgou primeiro para casa.

CAPÍTULO XXIII

¹⁶⁴ Esta passagem é um pouco obscura. O termo “baixo” (lágt) encontra-se numa versão do texto, que o editor Einar Ólafur Sveinsson adota, mas há a variante “alto” (hátt), em outros manuscritos, que outras edições adotam. Não fica claro, pois, e nem devia ser claro para um copista, se Hrútr devia ou não ouvir: pode-se interpretar a passagem, 1) com “alto”, indicando que, no momento crucial da intimação, Gunnarr deve pronunciar de modo que as testemunhas ouçam, além de Hrútr, ou 2) que apenas os companheiros ouçam, passando a sua fala despercebida de Hrútr (por isso fala “baixo”).

Gunnarr partiu de casa duas noites mais tarde, e dois homens o acompanhavam; eles cavalgaram até chegarem a Bláskógaheiðr. Lá vieram ao seu encontro homens a cavalo e perguntaram quem era aquele grande homem, que tão mal se podia ver, e seus companheiros disseram que era Heðinn-Mercante. Eles disseram que não havia ninguém pior para esperar depois desse que ali vinha. Heðinn logo fez menção de atacá-los, mas os dois grupos seguiram cada um seu caminho. Gunnarr agiu em tudo conforme lhe fora aconselhado, e pernitoiu em Høskuldsstaðir e de lá desceu o vale e chegou à fazenda mais próxima de Hrútsstaðir; lá colocou suas mercadorias à venda e negociou três objetos. O fazendeiro percebeu que a mercadoria tinha defeito, e reclamou da compra; Heðinn imediatamente atacou o fazendeiro. Hrútr foi avisado disso; mandou buscarem Heðinn; este foi imediatamente ao encontro de Hrútr e encontrou lá boa recepção; Hrútr acomodou-o no assento oposto a si. A conversa entre os dois correu bem, como antecipa Njáll. Então Hrútr lhe disse como se deveria retomar o caso, e pronunciou a intimação, e ele repetiu, pronunciando erradamente a intimação; Hrútr então sorriu e de nada suspeitou. Então ele falou que Hrútr pronunciasse a intimação uma segunda vez; assim fez Hrútr. Heðinn então repetiu a intimação uma segunda vez, e repetiu-a corretamente e evocou seus companheiros de viagem como testemunhas de que assumia o caso pela disputa de bens da parte de Unnr Marðardóttir. Ele foi dormir, conforme os demais homens, à noite, mas, depois que Hrútr adormecera, eles apanharam suas roupas e armas e caminharam para fora, e foram até onde estavam seus cavalos e cavalgaram até a outra margem do rio e seguiram adiante pelo lado de Hjarðarholt até o fim do vale, e permanecem lá entre as montanhas e o Vale Haukadalr, e chegaram aonde não se os poderia encontrar antes que se chegasse cavalgando bem ao local onde eles estavam.

Høskuldr despertou no meio dessa noite, em Høskuldsstaðir, e acordou todos os homens do seu lar. “Desejo contar-vos meu sonho,” ele diz; “sonhei que um enorme urso saía de casa, e eu sabia que esse urso não tinha seu páreo, e o seguiam dois filhotes, e eles queriam bem ao urso. Ele se dirigiu a Hrútsstaðir e entrou na casa lá. Depois disso eu acordei. Agora desejo perguntar-vos o que observastes naquele grande homem.” Um homem respondeu: “Eu vi que saía uma fita de ouro de sua manga e vestes vermelhas; em seu pulso direito ele tinha uma pulseira de ouro.” Høskuldr falou: “O que vi não é a *companhia* de ninguém senão de Gunnarr de Hlíðarendi. Agora creio que percebo tudo; devemos agora cavalgar até Hrútsstaðir.”

Eles todos saíram e foram a Hrútsstaðir e bateram lá na porta, e um homem saiu para lhes abrir; eles entraram imediatamente. Hrútr estava deitado em sua cabine e perguntou quem chegava; Høskuldr se apresentou e perguntou que hóspedes havia lá. Ele diz: “Aqui se encontra Heðinn-Mercante.” Høskuldr diz: “Creio que se trata de costas mais largas: penso que deve ter sido Gunnarr de Hlíðarendi.” “Então houve aqui uma diferença de astúcia,” diz Hrútr. “Que se passou?” diz Høskuldr. “Eu disse para ele como se deve proceder para retomar o caso de Unnr, e eu próprio me intimei, e ele repetiu depois de mim; e ele usará isso como abertura do caso, e a intimação foi correta.” “Foi grande a diferença de esperteza,” diz Høskuldr, “e Gunnarr não deve ter planejado isso sozinho. Njáll deve ter dado a ele esse conselho, pois em esperteza não há ninguém como ele.” Eles agora procuram por Heðinn, e ele já está longe de lá. Em seguida reúnem um bando e procuram por aqueles durante três dias, e não os encontram.

Gunnarr cavalgou para o sul da montanha em direção a Haukadalsr, a leste do desfiladeiro, e para o norte em direção a Holtavörðuhéiðr, e não estacou antes que chegasse à sua casa. Foi ao encontro de Njáll e contou-lhe que o plano funcionara bem.

CAPÍTULO XXIV

Gunnarr cavalgou para a assembleia geral. Hrútr e Høskuldr também cavalgaram para a assembleia, com um grande séquito. Gunnarr apresenta esse caso na assembleia; ele convocou seus vizinhos como testemunhas, e Hrútr e seus homens haviam pensado em investir contra ele, mas não ousaram fazê-lo. Depois Gunnarr caminhou até o tribunal dos homens de Breiðafjörðr e solicitou que Hrútr escutasse seu juramento e o pronunciamento do caso e de todas as provas referentes à contenda; depois disso fez o juramento e pronunciou o caso; em seguida convocou as testemunhas da intimação e então as da tomada do caso. Njáll não estava presente no tribunal.

E Gunnarr, assim, apresentou o caso, até que fez a convocação para a defesa. Hrútr nomeou testemunhas e declarou o caso sem validade, e disse que ele havia descuidado dos três testemunhos que deveriam ser apresentados na corte: o primeiro que deveria ser nomeado diante do tronco do leito, o segundo diante da porta principal, e o terceiro na rocha da lei. Njáll estava já presente então na corte, e declarou que seria possível ainda salvar o caso e a acusação, se desajassem contender com ímpeto. “Não é o que desejo,” disse Gunnarr; “hei de fazer com Hrútr o mesmo que ele fez com Mjörðr, meu

tio. Acaso estão próximos os irmãos Hrútr e Høskuldr, de modo que possam escutar meu discurso?” “Podemos ouvir,” diz Hrútr, “que desejas?” Gunnarr falou: “Que aqueles que aqui se encontram e ouvem sejam testemunhas de que te desafio, Hrútr, para um duelo na ilha, e que lutaremos hoje na ilha que há aqui no Rio Øxará. Mas se não quiseres lutar comigo, então que pagues todos aqueles bens hoje.” Em seguida Gunnarr se afastou do tribunal com todos os seus companheiros. Høskuldr e Hrútr também retornaram para sua tenda, e o caso não teve mais prosseguimento, nem da acusação nem da defesa, a partir dali.

Hrútr falou, depois que entrara na tenda: “Nunca me aconteceu antes de algum homem ter-me desafiado para um duelo e eu ter recuado.” “E assim desejarás lutar,” diz Høskuldr, “porém não deverás fazê-lo, se me couber a decisão, porque tu não és páreo para Gunnarr, assim como Mōrðr não era páreo para ti, e será melhor que nós dois paguemos juntos os bens para Gunnarr.” Depois disso, os dois irmãos perguntaram aos senhores de terras o que eles aconselhavam; todos responderam que aconselhariam o que Hrútr desejasse. “Vamos então,” diz Høskuldr, “até a tenda de Gunnarr e paguemos prontamente a ele os bens.” Caminharam até a tenda de Gunnarr e o chamaram para fora; este caminhou até a entrada, acompanhado de homens. Høskuldr falou: “Agora tens para receber os bens.” Gunnarr falou: “Dá-mos, que estou pronto para recebê-los.”

Eles pagaram prontamente os bens. Então Høskuldr falou: “Desfruta bem do que obtiveste.” “Desfrutaremos bem, pois é legítima a demanda de bens,” diz Gunnarr. Hrútr respondeu: “Serás repagado com mal.” “Seja como for,” diz Gunnarr. Høskuldr e os demais retornaram para sua tenda, e ele estava bastante perturbado e falou para Hrútr: “Será que Gunnarr nunca pagará por essa iniquidade?” “Não será assim,” diz Hrútr, “certamente que ele pagará, e nisso não haverá para nós nenhuma vingança nem glória. Todavia, é mais provável que ele venha para a nossa estirpe atrás de amizade.” Eles encerraram então a conversa.

Gunnarr mostrou os bens a Njáll. Ele falou: “As coisas acabaram bem,” ele disse. “E tudo se deve a ti,” diz Gunnarr. Os homens agora partiram da assembleia cavalgando de volta para suas casas, e Gunnarr obtivera a maior honra com o caso.

Gunnarr levou os bens todos para Unnr, e não quis ficar com nada, mas disse que julgava, depois disso, poder contar mais com ela ou com os parentes dela do que com outras pessoas. Ela disse que assim era.

CAPÍTULO XXV

Um homem chamava-se Valgarðr; ele morava em Hof, à margem do rio Rangá. Era filho do *goði* Jorundr, filho de Hrafn, o Tolo, filho de Valgarðr, filho de Ævarr, filho de Vémundr o Loquaz, filho de Þórólfr Nariz-Purulento, filho de Þrándr, o Velho, filho de Haraldr Dente-de-Batalha, filho de Hrærekr Lançador-de-Anéis. A mãe de Haraldr Dente-de-Batalha foi Auðr, filha de Ívarr Envergadura-Larga, filho de Hálfðanr, o Valente. Irmão de Valgarðr, o Cinza, era Úlfr *Aurgoði*, do qual vem a linhagem da gente de Oddi. Úlfr *Aurgoði* foi o pai de Svartr, pai de Loðmundr, pai de Sigfúss, pai de Sæmundr, o Douto, e de Valgarðr descende Kolbeinn, o Novo. Os irmãos Úlfr *Aurgoði* e Valgarðr, o Cinza, foram pedir Unnr, e ela se casou com Valgarðr sem a nução de todos os seus parentes, e isso desagradou a Gunnarr e a Njáll e a muitos outros, pois o homem era rabugento e de poucos amigos. Unnr e Valgarðr tiveram um filho, que se chamou Mqrðr, e ele estará presente por bastante tempo nesta história. Quando atingiu a idade adulta, portou-se mal diante de seus parentes, e, sobretudo, de Gunnarr; era um homem de índole maldosa e de conselhos malevolentes.

Agora se devem nomear os filhos de Njáll: Skarpheðinn chamava-se o mais velho; ele era um homem grande em estatura e forte, bom lidador, nadava como uma foca, tinha as pernas mais velozes, decidia-se com rapidez e firmeza, falava pouco e era ágil com as palavras, mas costumeiramente transparecia calma. Tinha cabelos castanhos e crespos, olhos belos, coloração pálida e traços agudos, nariz torto, e a fileira de dentes era visível para fora da boca, que era algo feia, mas ele era, contudo, o mais imponente dos homens. Grímr era o nome do segundo filho de Njáll; ele tinha cabelos escuros e aparência mais bela do que Skarpheðinn, era grande e forte. Helgi chamava-se o terceiro filho de Njáll; ele era um homem de aspecto belo e tinha boa cabeleira; era um homem forte e bom lidador; era um homem sábio e bem calmo. Todos os filhos de Njáll estavam ainda solteiros. Høskuldr chamava-se o quarto filho de Njáll; ele era ilegítimo; sua mãe chamava-se Hroðný e era filha de Høskuldr, irmã de Ingjaldr de Keldur.

Njáll perguntou a Skarpheðinn se ele desejaria casar-se; ele pediu que seu pai decidisse. Njáll, então, pediu para ele em casamento Þórhildir, filha de Hrafn de Þórólfsfell; e ele passou a ter assim uma segunda fazenda lá. Skarpheðinn tomou Þórhildir, porém continuou

morando com seu pai. Para Grímr, ele pediu Ástriðr de Djúpárbakki; ela era viúva e bastante rica. Grímr tomou-a, porém permaneceu com Njáll.

CAPÍTULO XXVI

Um homem chamava-se Ásgrímr; ele era filho de Elliða-Grímr, filho de Ásgrímr, filho de Qndótr Corvo. Sua mãe se chamava Jórunn e era filha de Teitr, filho de Ketilbjörn, o Velho, de Mosfell. A mãe de Teitr era Helga, filha de Þórðr Barba, filho de Hrappr, filho de Björn *Buna*. A mãe de Jórunn era Álof, filha do *hersir* Þoðvarr, filho de Víkinga-Kári. O irmão de Ásgrímr Elliða-Grímsson se chamava Sigfúss; sua filha era Þórgerðr, mãe de Sigfúss, pai de Sæmundr, o Douto. Gaukr Trandilsson, era irmão de criação de Ásgrímr, e foi o mais valente homem e o mais completo. Fez-se discórdia entre Ásgrímr e seu irmão, e Ásgrímr acabou por matar Gaukr. Ásgrímr teve dois filhos, e ambos tinham o nome Þórhallr; eram ambos homens promissores. Grímr era o nome do outro filho de Ásgrímr, e Þórhalla de sua filha; ela era a mulher mais bela e cortesa, e completa em todos os aspectos.

Njáll dirigiu a palavra a seu filho Helgi: “Arranjei para ti uma esposa, filho, se desejas seguir meu conselho.” “Desejo fazê-lo, certamente,” diz ele, “porque sei que tanto saberás bem quanto desejarás bem, mas onde tu arranjaste o partido?” Njáll respondeu: “Iremos ambos pedir a filha de Ásgrímr Elliða-Grímsson, pois ela é o melhor partido.”

CAPÍTULO XXVII

Pouco depois, eles partem para pedir a mulher, e cavalgam a oeste e cruzam o Rio Þjórsá, e seguem até que chegam a Tunga. Ásgrímr estava em casa e recebeu-os bem, e eles lá pernoitaram. No dia seguinte, puseram-se a conversar; então Njáll fez o pedido de casamento, e pediu Þórhalla para Helgi, seu filho. Ásgrímr respondeu bem ao pedido e disse que não havia outros homens com quem estivesse mais ávido por tratar de negócios do que com estes dois. Em seguida, discutiram a questão, e tudo acabou com Ásgrímr prometendo a mulher a Helgi, e foi estipulado o dia das núpcias. Gunnarr esteve presente na festa desse casamento, e muitos outros dentre os melhores homens. Mas, depois da festa, Njáll pediu para criar Þórhallr Ásgrímsson, e ele o acompanhou e com ele permaneceu por muito tempo. Ele amou Njáll mais do que a seu pai. Njáll ensinou-lhe as leis, de modo que ele veio a se tornar o maior jurisprudente da Islândia.

CAPÍTULO XXVIII

Um navio aportou em Arnarbælisós, e governava este navio Hallvarðr, o Branco, um homem de Vík¹⁶⁵. Ele foi ter abrigo em Hlíðarendi e passou o inverno junto com Gunnarr, e disse-lhe muitas vezes que viajasse para o exterior. Gunnarr respondia de modo reticente sobre o assunto, e não excluiu a possibilidade. E, na primavera, foi a Bergþórshváll e perguntou a Njáll se lhe parecia aconselhável que viajasse ao exterior. “Parece-me aconselhável que o faças,” diz Njáll; “hás de sair-te bem, sendo tu como és.” “Tu gostarias de assumir os cuidados de minhas finanças,” diz Gunnarr, “enquanto eu estiver ausente? Pois desejo levar comigo meu irmão Kolskeggr, e gostaria que tu tomasses conta de minha fazenda e de minha mãe.” “Isso não será problema,” diz Njáll; “cuidarei de tudo que desejares.” “Dar-se-á tudo bem contigo,” diz Gunnarr. Então ele cavalejou de volta para casa.

O homem do leste foi novamente ter com Gunnarr, e disse-lhe que viajasse para o exterior. Gunnarr perguntou se ele já havia antes velejado a outras terras. Ele disse ter já velejado para todas as terras que havia entre a Noruega e Garðaríki¹⁶⁶ – “e já velejei, assim, até Bjarmaland¹⁶⁷.” “Desejas viajar comigo pela Rota Leste¹⁶⁸?” diz Gunnarr. “Desejo fazê-lo, certamente,” diz ele. Em seguida Gunnarr decidiu-se por viajar para o exterior junto com ele. Njáll assumiu os cuidados das finanças de Gunnarr.

CAPÍTULO XXIX

Gunnarr deixou a Islândia, junto com seu irmão Kolskeggr, em companhia dele. Eles velejaram até Túnsberg e lá passaram o inverno. Havia ocorrido mudanças no poder na Noruega; Haraldr Casaco-Cinza e Gunnhildr haviam morrido. Governava o reino o *jarl* Hákon Sigurðarson; seu pai Sigurðr era filho de Hákon, filho de Grjótgarðr. A mãe de Hákon se chamava Bergljót e era filha do *jarl* Þórir; a mãe dela se chamava Álof Árbót e era filha de Haraldr Belos-Cabelos.

Hallvarðr perguntou se Gunnarr se desejava ingressar na guarda da corte do *jarl* Hákon. “Não desejo fazê-lo,” diz Gunnarr. “Acaso tens algum navio longo?” diz Gunnarr. “Tenho dois,” diz ele. “Então eu gostaria que partíssemos para guerrear em busca de espólios,” diz

¹⁶⁵ Na Noruega.

¹⁶⁶ Império Russo.

¹⁶⁷ Região provavelmente correspondente às margens do Mar Branco, na atual Rússia.

¹⁶⁸ Rota Leste (Austrvegr): Báltico.

Gunnarr, “e reunamos homens para nos acompanharem.” “Isso é de meu agrado,” diz Hallvarðr. Em seguida eles foram até Vík e apanharam lá os dois navios e prepararam-se para a partida; conseguiram boa tripulação, porque muito bem se falava acerca de Gunnarr. “Aonde desejas seguir agora?” diz Gunnarr. “A leste, rumo a Hísing,” diz Hallvarðr, “ao encontro de Qlvir, parente meu.” “Que queres com ele?” diz Gunnarr. “Ele é um bom camarada,” diz ele, “e nos proverá de algum reforço para a jornada.” “Vamos até lá então,” diz Gunnarr. Quando estavam prontos, partiram rumo a Hísing e encontraram lá boa recepção.

Não fazia muito tempo que Gunnarr lá chegara, e Qlvir já se impressionara muito com ele. Qlvir perguntou-lhe de sua jornada. Hallvarðr diz que Gunnarr deseja partir para pilhar e obter riquezas. “Isso não é nenhum plano,” diz Qlvir, “uma vez que não tendes sequer tropa.” “Tu podes agora contribuir para aumentá-la,” diz Hallvarðr. “Estou de acordo em prover Gunnarr de reforços,” diz Qlvir; “e, apesar de tu seres da minha família, considero que nele haja mais valor.” “Que desejas oferecer agora?” diz Hallvarðr. “Dois navios longos, um de vinte assentos, outro de trinta assentos,” diz Qlvir. “Quem há de tripulá-los?” diz Hallvarðr. “Um deles tripularei com os homens de casa; o outro, com fazendeiros. Mas ouvi dizer que se fazem desordens no rio; e não sei se conseguireis partir para longe.” “Quem veio lá?” diz Hallvarðr. “Dois irmãos,” diz Qlvir; “um se chama Vandill, o outro Karl, filhos de Snæúlfir, o velho, de Gautland do leste.” Hallvarðr contou a Gunnarr que Qlvir concedera os navios; Gunnarr alegrou-se com isso. Eles se prepararam para a partida e ficaram de prontidão até que estava tudo pronto para zarparem. Foram até diante de Qlvir e lhe agradeceram, e este os recomendou que passassem com cautela diante daqueles dois irmãos.

CAPÍTULO XXX

Gunnarr segue descendo o rio, e ele e Kolskeggr estão ambos a bordo do mesmo navio, ao passo que Hallvarðr está em outro navio. Eles veem agora navios à sua frente. Então fala Gunnarr: “Estejamos de prontidão, para o caso de eles nos assaltarem, mas não tenhamos nada com eles do contrário.” Assim fizeram, e se prepararam em seus navios. Os outros espaçaram a frota, deixando intervalos entre os navios. Gunnarr avançou por entre os navios. Vandill apanhou um arpéu e lançou-o entre os navios no navio de Gunnarr e puxou-o imediatamente para si. Qlvir havia dado uma boa espada a Gunnarr. Gunnarr agora

brandiu a espada, e não pusera o elmo na cabeça; ele saltou imediatamente sobre o tombadilho do navio de Vandill e imediatamente golpeia contra um homem, matando-o. Karl acostou seu navio ao outro bordo e arremessou uma lança através do navio, e ela se dirigia bem ao meio de Gunnarr. Gunnarr viu a lança vindo contra si, e virou-se tão rápido que não se o poderia captar com o olho, e segurou com a mão esquerda a lança e atirou-a de volta em direção ao navio de Karl, e o primeiro que estava em seu caminho recebeu a morte. Kolskeggr apanhou a âncora e atirou-a no navio de Karl, e a pata da âncora atingiu o bordo, atravessando-o, e o casco foi inundado por mar anegado, e todos os homens saltaram daquela nau sobre outros navios. Gunnarr agora saltou de volta a bordo de seu navio.

Então chegou lá Hallvarðr, e fez-se uma grande batalha entre eles. Eles viram agora que o seu líder era intrépido, e cada um se esforçava como podia. Gunnarr ora golpeava com a espada, ora atirava, e muitos homens caíram diante dele. Kolskeggr o acompanhou bem. Karl saltou a bordo do navio de seu irmão Vandill, e ambos lutaram lá durante aquele dia. Kolskeggr foi descansar a bordo do navio de Gunnarr, e Gunnarr, vê isso, e falou-lhe: “Fizeste mais bem para os outros hoje do que para ti próprio, posto que os deixaste sem sede.” Em seguida, Kolskeggr pegou um copo de hidromel e bebeu, e, depois disso, retornou à batalha. E então os dois irmãos saltaram a bordo do navio de Vandill, e Kolskeggr percorreu um bordo, enquanto Gunnarr percorria o outro. Vandill foi ao encontro de Gunnarr e imediatamente golpeou contra ele, acertando-lhe o escudo. Gunnarr girou bruscamente o escudo onde se cravara a espada, e a espada se quebrou na junção com a guarda. Gunnarr devolveu-lhe o golpe, e parecia que brandia no ar três espadas ao mesmo tempo, e aquele não viu onde poderia escudar-se; Gunnarr decepou-lhe ambas as pernas. Kolskeggr trespassou Karl com uma lança. Depois disso, eles apanharam um grande espólio.

De lá seguiram para o sul, em direção à Dinamarca, e então rumaram para leste, até Smálönd, e saíram-se vitoriosos em todos os embates. Não retornaram no outono.

No verão seguinte, seguiram rumo a Rafala, e lá se depararam com viquingues¹⁶⁹, e imediatamente lutaram e os venceram. Depois

¹⁶⁹ O termo *vikingr*, na saga, designa especificamente os guerreiros saqueadores inimigos, sem distinção étnica. Num certo sentido, parte das atividades de Gunnarr e seus companheiros podem perfeitamente ser consideradas *viquingues*: eles travam batalhas por mar, com objetivo de saquear. Na acepção moderna mais restritiva do termo (não étnica), Gunnarr e Kolskeggr encontram-se aqui exercendo atividade *viquingue*. Percebe-se, porém, que o termo, para o autor da saga, não pode ser aplicado irrestritamente a guerreiros nórdicos.

seguíram rumo ao leste, até Eysýsla, e permaneceram por lá fundeados durante algum tempo, junto a um cabo. Viram um homem caminhando do alto do promontório. Gunnarr desembarcou e andou ao encontro do homem, e eles conversaram. Gunnarr perguntou-lhe o nome, e ele disse chamar-se Tófi. Gunnarr perguntou-lhe o que desejava. “Encontrar-te é o que desejo,” diz ele; “do outro lado do cabo há navios de guerra, e eu te direi quem comanda essa frota. Comandam-na dois irmãos; um se chama Hallgrímr e o outro Kolskeggr. É de meu conhecimento que eles são os maiores guerreiros, e, além disso, que eles têm armas tão boas que ninguém poderia obter outras iguais. Hallgrímr possui uma alabarda que mandou enfeitiçar, de modo que nenhuma outra arma poderá causar-lhe a morte, exceto aquela; é próprio dessa alabarda que sempre que alguém por ela é morto, pode-se saber disso, pois ela soa alto antes; ela é, assim, muito formidável. Kolskeggr possui um espadim; ele é também a melhor das armas. Eles possuem uma tropa três vezes maior do que a vossa. Têm também muitas riquezas, e as esconderam em terra, e estão totalmente cientes de vós; fazem agora grandes preparativos e pretendem atacar-vos assim que estiverem prontos. Tendes ora duas alternativas: ou partir imediatamente para longe, ou então preparar-vos o mais depressa. E, caso obtenhais a vitória, eu te conduzirei até onde está todo o tesouro.” Ele lhe deu um anel de ouro e em seguida retornou para junto de seus homens, e contou-lhes que havia navios de guerra do outro lado do cabo, – “e eles estão totalmente cientes de nós. Apanhemos nossas armas e aprontemo-nos bem e rapidamente, pois agora há uma grande riqueza para ganharmos.”

Em seguida, fizeram os preparativos e, quando estavam prontos, viram os navios aproximando-se de onde estavam. Faz-se agora uma batalha, e eles lutam por um longo tempo, e ocorre uma grande matança. Gunnarr matou muitos homens. Hallgrímr e seus homens saltaram a bordo do navio de Gunnarr; Gunnarr voltou-se contra ele. Hallgrímr golpeou na direção dele com a alabarda. Havia uma viga ao longo do navio, e Gunnarr pulou para trás, sobre ela; Gunnarr segurou o escudo à frente da viga, e Hallgrímr acertou-o, atravessando-o e atingindo a viga. Gunnarr desferiu um golpe no braço de Hallgrímr, ferindo-lhe o antebraço, mas a espada não mordida; a alabarda então caiu. Gunnarr apanhou a alabarda e trespassou Hallgrímr. A partir de então Gunnarr sempre portou essa alabarda. Os dois homônimos lutavam, e era difícil distinguir quem se sobressaía. Então surgiu Gunnarr e desferiu em Kolskeggr¹⁷⁰ o golpe de morte.

¹⁷⁰ Obviamente Gunnarr mata Kolskeggr, o viquingue.

Depois disso os viquingues pediram clemência; Gunnarr lhes concedeu essa alternativa. Mandou então que fizessem o reconhecimento de quantos tombaram na batalha e tomassem os bens de valor que foram de posse dos mortos, ao passo que aos demais, aos quais dera clemência, permitiu que ficassem com suas armas e vestes, e ordenou que fossem às suas terras de origem; eles se foram embora, e Gunnarr tomou todos os bens de valor que restaram.

Tófi foi até Gunnarr após a batalha e pediu-lhe que o seguisse até o local onde os viquingues haviam ocultado o tesouro, dizendo-lhe que se tratava de mais e melhores tesouros do que haviam já obtido. Gunnarr declarou desejar fazê-lo. Desembarcou então com Tófi; Tófi andava à frente em direção à floresta, e Gunnarr o seguia. Chegaram a um local onde havia grandes troncos empilhados juntos. Tófi diz que ali embaixo se encontra todo o tesouro. Então abriram uma clareira e encontraram lá tanto ouro como prata, vestes e boas armas; transportaram todos esses bens a bordo. Gunnarr perguntou a Tófi de que modo gostaria que o recompensasse. Tófi respondeu: “Eu sou um homem de origem dinamarquesa, e gostaria que me conduzisses até meus parentes.” Gunnarr perguntou por que estava ele na Rota Leste. “Eu fui aprisionado pelos viquingues,” diz Tófi, “e fui atirado aqui em terra em Eysýsla, e desde então aqui me encontro.”

CAPÍTULO XXXI

Gunnarr acolheu-o e falou para Kolskeggr e Hallvarðr: “Agora seguiremos para as Terras do Norte¹⁷¹.” Eles se manifestaram favoráveis a isso e disseram-lhe que decidisse como quisesse. Gunnarr veleja embora da Rota Leste levando muitas riquezas; ele tinha dez navios; seguiu rumo a Heiðabœr, na Dinamarca. Haraldr Gormsson estava nesta terra. Foi-lhe dito acerca da chegada de Gunnarr, e também que não havia ninguém que fosse seu páreo na Islândia. O rei enviou seus homens para convidá-lo a ter estada consigo. Gunnarr foi imediatamente ao encontro do rei. O rei acolheu-o bem e acomodou-o no assento mais próximo a si. Lá permaneceu Gunnarr por meio mês. O rei se entretinha solicitando que Gunnarr competisse em diversos certames com seus homens, e nenhum deles era capaz de se lhe igualar. O rei falou para Gunnarr: “Parece-me que dificilmente se achará alguém páreo para ti, onde quer que seja.” O rei ofereceu arrumar-lhe uma esposa e conceder-lhe grande poder, caso ele desejasse se estabelecer por lá. Gunnarr agradeceu ao rei e disse que precisava antes ir à Islândia

¹⁷¹ Por “terras do norte” entenda-se países escandinavos.

ao encontro de seus parentes e amigos. “Então nunca mais retornarás para junto de nós,” diz o rei. “A fortuna há de decidi-lo, senhor,” diz Gunnarr. Gunnarr deu ao rei um bom navio longo e outras muitas riquezas mais. O rei lhe deu suas vestes de cerimônia e luvas tecidas a ouro e uma faixa para o cabelo, com nós de ouro, e um chapéu de Garðaríki.

De lá Gunnarr viajou para o norte, até Hísing. Qlvir recebeu-o de braços abertos. Ele levou seus navios para Qlvir e disse-lhe que esse era o seu devido quinhão. Qlvir aceitou os bens e disse que ele era um moço bravo, e convidou-o a quedar-se lá por um tempo. Hallvarðr pergunta a Gunnarr se ele deseja encontrar o *jarl* Hákon. Gunnarr diz que a ideia lhe agrada, – “pois agora já fui testado o bastante, ao passo que antes, quando mo perguntaste da última vez, eu não estava nada testado.” Em seguida aprontaram-se para a jornada e viajaram para o norte, rumo a Þrándheimr, ao encontro do *jarl* Hákon, e este recebeu bem Gunnarr e convidou-o a permanecer consigo pelo inverno; ele aceitou o convite. Gunnarr agradou a todos os homens lá. Na celebração de *jól*¹⁷² o *jarl* deu-lhe uma pulseira de ouro. Gunnarr se apaixonou por Bergljót, parenta do *jarl*, e ficou claro muitas vezes que o *jarl* tê-la-ia casado com Gunnarr, caso ele a tivesse pedido em algum momento.

CAPÍTULO XXXII

Na primavera, o *jarl* perguntou a Gunnarr quais eram seus planos; ele disse que desejava voltar para a Islândia. O *jarl* disse que se fizera um ano ruim para a colheita, – “e haverá poucos navios velejando rumo à Islândia; contudo, terás farinha e lenha a bordo, conforme desejares.” Gunnarr lhe agradeceu e preparou seu navio brevemente. Hallvarðr partiu junto com Gunnarr e Kolskeggr. Chegaram no início do verão, e aportaram em Arnarboelísós, e isso se deu antes da assembleia. Gunnarr imediatamente cavalgou do navio para casa, depois que arranjava homens para descarregarem o navio, e Kolskeggr o acompanhou. E, quando chegaram a casa, as pessoas se alegraram; eles se portaram afetosamente com as pessoas de casa, e não se haviam tornado mais arrogantes.

Gunnarr perguntou se Njáll estava em casa; foi-lhe dito que ele estava em casa. Ele então mandou que apanhassem seu cavalo e cavalgou até a Bergþórshváll, e Kolskeggr o acompanhou. Njáll ficou contente com a chegada destes e convidou-os a permanecerem lá aquela

¹⁷² *Jól* era uma festa invernal nos tempos pagãos, e, após a cristianização, o termo passou a designar Natal.

noite; assim eles fizeram, e Gunnarr contou de suas viagens. Njáll disse que ele era o mais façanhoso dos homens – “e estás muito testado, e, porém, serás ainda mais no futuro, pois muitos hão de invejar-te.” “Eu gostaria de estar em bons termos com todos,” diz Gunnarr. “Muitas coisas surgirão,” diz Njáll, “e muitas vezes terás de defender-te.”

“Espero que nisso, então,” diz Gunnarr, “eu possa ter boa razão.” “Será também o caso,” diz Njáll, “se tu não pagares por outros.”

Njáll pergunta se Gunnarr cavalgará para a assembleia. Gunnarr diz que cavalgará, e pergunta se Njáll cavalgará, mas este diz que não pretende cavalgar – “e assim eu gostaria que tu agisses também.” Gunnarr cavalgou então de volta para casa e deu a Njáll bons presente e agradeceu-lhe por ter cuidado de suas posses.

Kolskeggr incitou-o a cavalgar até a assembleia; – “tua honra crescerá lá, pois muitos se voltarão para ti.” “Eu tenho pouca disposição,” diz Gunnarr, “para gabar-me, mas me parece bom encontrar bons homens.” Hallvarðr lá chegara e se ofereceu para cavalgar à assembleia com eles.

CAPÍTULO XXXIII

Gunnarr cavalgou, acompanhado por todos os demais, à assembleia. E, quando chegaram à assembleia, estavam tão bem vestidos que não havia lá ninguém que estivesse tão bem vestido, e as pessoas vinham para fora de todas as tendas para admirá-los. Gunnarr cavalgou até a tenda da gente de Rangárvellir e permaneceu lá com seus parentes. Muitos homens foram encontrar Gunnarr para perguntar-lhe das novas; ele se portou de modo brando e alegre com todas as pessoas e disse a todos tudo que desejavam saber.

Certo dia, quando caminhava da rocha da lei, Gunnarr desceu até diante da tenda da gente de Mosfell; lá viu mulheres caminhando em sua direção, e estavam bem vestidas. A mulher que andava à frente era a mais bem arrumada. E, quando se encontraram, ela de imediato cumprimentou Gunnarr. Ele respondeu bem ao seu cumprimento e perguntou que mulher era ela; ela disse chamar-se Hallgerðr, e declarou ser filha de Hǫskuldr Dala-Kollsson. Falava com ele de modo ousado e lhe pediu que contasse acerca de suas viagens, e ele lhe disse que não lhe omitiria nada do assunto; sentaram-se então no chão e puseram-se a conversar. Ela estava vestida com uma túnica vermelha, muito decorada com bordados; trazia sobre si também um manto escarlate, e era acabado com laços na borda, embaixo; seus cabelos escorriam sobre o peito e eram opulentos e belos. Gunnarr trajava as vestes de honra que o

rei Haraldr Gormsson lhe dera; ele tinha também uma pulseira no braço, presente de Hákon. Os dois conversaram por bastante tempo em tom alto. Até que, por fim, ele perguntou-lhe se ela era solteira. Ela disse que assim era, – “e não são muitos que se arriscariam a isso,” diz ela. “Julgas que não há um partido para ti em lugar nenhum?” diz ele. “Não é isso,” diz ela, “mas devo ser exigente com relação a marido.” “Como responderás se eu te pedir?” diz Gunnarr. “Não estarás disposto a isso,” diz ela. “Não é assim,” diz ele. “Se estás de algum modo disposto a isso,” diz ela, “vai encontrar meu pai.” Depois disso, encerraram a conversa.

Gunnarr caminhou imediatamente até a tenda dos homens dos Vales, e encontrou homens diante da tenda e lhes perguntou se Høskuldr estava dentro da tenda, e eles lhe responderam que ele lá estava; Gunnarr então caminhou para dentro. Høskuldr e Hrútr receberam bem Gunnarr; ele se pôs sentado entre os dois, e não se percebia pela conversa que alguma discórdia ocorrera entre eles. Gunnarr, por fim, chegou ao ponto e perguntou como os irmãos responderiam caso ele pedisse Hallgerðr em casamento. “Bem,” diz Høskuldr, “se estás totalmente disposto a isso.” Gunnarr diz que encara o assunto com seriedade, – “mas pelo modo como nos despedimos na última vez, muitos julgariam provável que jamais viríamos a firmar laços.” “Qual a tua opinião sobre o caso, irmão Hrútr?” diz Høskuldr. Hrútr respondeu: “Não me parece um casamento parelho.” “O que te faz pensar assim?” diz Gunnarr. Hrútr falou: “Responder-te-ei com sinceridade: és um homem valente e valoroso, ao passo que ela é muito maculada, e não desejo enganar-te em nada.” “Tua intenção deve ser boa,” diz Gunnarr, “porém considerarei certo que levas em conta nossa antiga inimizade se não desejares conceder-me o pedido.” “Não é isso,” diz Hrútr, “é mais que eu vejo que tu não podes resistir. E, ainda que não selemos o acordo de casamento, desejamos ser teus amigos.” “Eu já conversei com ela, e isso não lhe contraria a vontade,” diz Gunnarr. “Eu sei que será para vós ambos um casamento desejado, e sois vós dois que mais se arriscais com o que pode suceder.” Hrútr conta espontaneamente a Gunnarr tudo que diz respeito ao temperamento de Hallgerðr, e num primeiro momento Gunnarr julgou que eram muitas as falhas, mas, no fim, acabaram por selar o acordo de casamento. Hallgerðr foi então chamada, e tudo foi discutido na sua presença. Eles agora agiram como outrora, e ela própria se prometeu. A festa de núpcias seria realizada em Hlíðarendi, e, a princípio, tudo se realizaria

secretamente, mas, por fim, todos acabaram por tomar conhecimento do caso.

Gunnarr partiu da assembleia cavalcando e seguiu rumo a Bergþórhváll, e contou a Njáll sobre seu acordo de casamento. Njáll demonstrou preocupação com relação ao acordo. Gunnarr perguntou-lhe o que o fazia considerar tão desaconselhável o negócio. “Dela partirá todo o mal, quando vier aqui para o leste,” diz Njáll. “Ela jamais estragará a nossa amizade,” diz Gunnarr. “Não, mas será por pouco,” diz Njáll, “contudo, terás sempre que pagar compensações por ela.” Gunnarr convidou Njáll para a festa, junto com quem ele desejasse que o acompanhasse de casa; Njáll prometeu que iria. Em seguida, Gunnarr cavalcou para casa e então cavalcou pelo distrito para convidar homens.

CAPÍTULO XXXIV

Um homem chamava-se Þráinn; ele era filho de Sigfúss, filho de Sighvatr, o Vermelho. Morava em Grjótá, em Fljótshlíð; era tio de Gunnarr e um homem de grande honra. Tinha como esposa Þórhildir, a Poetisa; ela era uma mulher de língua afiada e fazia versos de escárnio; Þráinn tinha-lhe pouco amor. Ele foi convidado para a festa em Hlíðarendi, e sua mulher deveria servir os hóspedes, junto com Bergþóra Skarphéðinsdóttir, a mulher de Njáll. Ketill era o nome do segundo filho de Sigfúss; ele morava em Mørk, a leste de Markarfljót; tinha como esposa Þorgerðr Njálsdóttir. O terceiro filho de Sigfúss se chamava Þorkell, o quarto Mørðr, o quinto Lambi, o sexto Sigmundr, o sétimo Sigurðr; todos estes eram tios de Gunnarr, e eram grandes heróis; todos eles Gunnarr convidara para a festa. Gunnarr convidara também Valgarðr, o Cinza, e Úlfr *Aurgoði*, com seus filhos, Runólfr e Mørðr.

Hrútr e Høskuldr chegaram à festa acompanhados por um grande séquito; com eles vinham Þorleikr e Óláfr, os filhos de Høskuldr. Vinha também, na companhia destes, a noiva, e mais sua filha Þorgerðr, e ela era a mais bela das mulheres; tinha então quatorze invernos de idade; muitas outras mulheres vinham junto com ela. Estava lá também Þórhalla, filha de Ásgrímr Elliða-Grímsson, e ambas as filhas de Njáll, Þorgerðr e Helga. Gunnarr tinha muitos convidados, e acomodou assim seus homens: Ele se sentou no meio do banco, e mais para o interior da casa estava Þráinn Sigfússon, então Úlfr *Aurgoði*, então Valgarðr, o Cinza, então Mørðr e Runólfr, então os filhos de Sigfúss; Lambi estava sentado na parte mais interna. Logo ao lado de Gunnarr, mais para fora, estava sentado Njáll, então Skarphéðinn, então

Helgi, então Grímr, então Høskuldr, então Hafr, o Sábio, então Ingjaldr de Keldur, então os filhos de Þórir, de Holt, do leste. Þórir quis ocupar o assento mais externo dentre os postos de honra, pois então todos julgariam estar bem acomodados onde estavam. Høskuldr estava sentado no meio do banco, e seus filhos mais para dentro; Hrútr estava sentado do lado mais externo de Høskuldr. Mas não é dito como os demais estavam acomodados. A noiva estava sentada no meio do banco lateral, e de um de seus lados estava sentada sua filha Þorgerðr, e do outro estava Þórhalla, filha de Ásgrímr Elliða-Grímsson.

Þórhildr serve os convidados, e ela e Bergþóra levaram comida à mesa. Þráinn Sigfússon não tirava seus olhares de Þorgerðr; sua mulher Þórhildr apercebe-se disso; ela se enraivece e recita para ele uma cançoneta:

2. *“Não são bons esses olhares
com as pálpebras molengas,*

Þráinn,” diz ela. Ele imediatamente pulou sobre a mesa e nomeou testemunhas para si e declarou-se separado dela; – “não desejo receber versos de escárnio dela nem palavras sujas sobre mim.” E ele foi tão veemente com isso, que não quis mais permanecer na festa, a não ser que ela fosse levada embora; e sucedeu que ela se foi embora. E agora se sentaram todos os homens em seus respectivos assentos e beberam e alegraram-se. Então Þráinn tomou a palavra: “Não falarei em segredo sobre o que tenho na mente; desejo perguntar-te, Høskuldr Dala-Kollsson: desejas dar-me em casamento tua neta Þorgerðr?” “Eu não sei,” diz ele; “parece-me que te separaste mal desta esposa que tinhas antes. Gunnarr, que homem é ele?” Gunnarr responde: “Não quero falar sobre o homem, pois é parente meu, e fala tu sobre ele, Njáll,” diz Gunnarr, “que assim todos hão de acreditar.” Njáll falou: “Há para se contar sobre o homem, que ele é abastado e respeitável em todos os aspectos e um grande homem, e podeis, assim, conceder-lha.” Então falou Høskuldr: “O que te parece aconselhável, irmão Hrútr?” Hrútr respondeu: “Tu podes conceder o pedido, que é para ela um partido à altura.” Então eles discutem o negócio e entram em acordo com relação a tudo. Então se põem de pé Gunnarr e Þráinn e caminham até o banco das mulheres; Gunnarr perguntou a mãe e filha se estavam desejosas de anuir ao acordo; elas disseram que não se oporiam. Hallgerðr prometeu sua filha. Então as mulheres foram acomodadas pela segunda vez; então Þórhalla se sentou entre as noivas. E agora a festa transcorre bem. E,

depois que se encerrara, Høskuldr e os seus cavalgam para o oeste, e as pessoas do rio Rangá retornam para seus lares. Gunnarr deu presentes a muitos homens, e isso causou uma boa impressão. Hallgerðr assumiu a administração do lar e foi pródiga e enérgica. Þorgerðr assumiu a administração do lar em Grjótá e foi uma boa senhora do lar.

CAPÍTULO XXXV

Gunnarr e Njáll tinham o hábito de, nos invernos, um receber o outro alternadamente em casa e hospedá-lo nas tréguas hibernais, por conta de sua amizade. Agora era a vez de Gunnarr receber tréguas hibernais na casa de Njáll, e partiu, junto com Hallgerðr, para Bergþórhváll. Helgi e sua esposa não estavam em casa então. Njáll acolheu bem Gunnarr e Hallgerðr, e, quando lá haviam permanecido por algum tempo, chegou a casa Helgi e Þórhalla, sua esposa. Então Bergþóra andou até o banco das mulheres, e Þórhalla com ela, e Bergþóra falou para Hallgerðr: “Darás lugar para esta mulher.” Hallgerðr falou: “Não darei nenhum lugar, pois não desejo ser uma velha de canto.” “Eu decidirei aqui,” disse Bergþóra. Em seguida Þórhalla se sentou.

Bergþóra levou à mesa a água para lavar as mãos. Hallgerðr segurou a mão de Bergþóra e falou: “Sois um belo casal, tu e Njáll: tu tens unhas retorcidas em todos os dedos¹⁷³, e ele é imberbe.” “Isso é verdade,” disse Bergþóra, “mas nenhum de nós dois culpa o outro por isso; mas teu marido Þorvaldr não era imberbe, e, não obstante, mandaste matá-lo.” “De pouco me serve,” diz Hallgerðr, “ser casada com o mais valente homem da Islândia, se tu não vingares isso, Gunnarr.” Ele sobressaltou e subiu na mesa e falou: “Irei para casa, e é mais cabido altercares com as pessoas de tua casa, e não no lar de outros homens, e, além disso, eu devo muitas honrarias a Njáll, e não cairei como um tolo em tuas incitações.” Depois disso, Gunnarr e Hallgerðr retornaram para casa. “Lembra-te, Bergþóra,” disse Hallgerðr, “que nós não encerramos isso ainda.” Bergþóra disse a ela que isso não lhe seria para o bem. Gunnarr não adicionou nada e retornou para Hlíðarendi, e passou o restante do inverno em casa. Chega agora o verão e faz-se, enfim, o tempo da assembleia.

CAPÍTULO XXXVI

Gunnarr cavalga para a assembleia, mas, antes de partir de casa, disse para Hallgerðr: “Queda-te comportada enquanto eu estiver

¹⁷³ Possivelmente tido como indício de depravação sexual.

ausente, e não dê mostras de teu destempero em nada que diga respeito a meus amigos.” “Que os trols¹⁷⁴ tenham teus amigos,” diz ela. Gunnarr cavalga para a assembleia, vendo que não era bom conversar com ela. Njáll cavalgou para a assembleia, junto com todos os seus filhos.

Agora há para se contar sobre o que se sucede em casa. Gunnarr e Njáll compartilham a posse de uma floresta em Rauðaskriður; eles não haviam dividido a floresta, e ambos costumavam cortar lenha de acordo com sua necessidade, e um não repreendia o outro por isso. O supervisor de trabalho de Hallgerðr chamava-se Kolr; ele já a acompanhava havia tempo, e era o maior malfeitor. Um homem chamava-se Svartr; ele era um servo doméstico de Njáll e Bergþóra, e eles lhe queriam bem. Bergþóra disse-lhe que deveria ir a Rauðaskriður cortar lenha, – “e eu arranjaré homens para trazerem a lenha para casa.” Ele declarou que faria conforme ela desejava. Foi-se até Rauðaskriður; pôe-se lá a cortar lenha, e lá deveria permanecer por uma semana.

Pedintes viandantes chegaram a Hliðarendi, vindos de Markarfljót, a leste, e contaram que Svartr estava em Rauðaskriður cortando lenha, e que fazia um grande estrago. “Assim Bergþóra estará desejando,” diz Hallgerðr, “roubar-me muito, mas tratarei de fazer com que ele não corte mais lenha.” Rannveig, a mãe de Gunnarr, ouviu-a e falou: “Contudo, as senhoras do lar sempre foram boas por aqui, apesar de não terem maquinado homicídios.”

E assim transcorre a noite, e pela manhã Hallgerðr vai ter com Kolr e lhe fala: “Pensei num trabalho para ti,” diz ela. E lhe concedeu uma arma e falou: “Vai-te até Rauðaskriður; lá encontrarás Svartr.” “Que terei eu com ele?” diz ele. “Tu mo perguntas,” diz ela, “sendo tu o maior malfeitor? Matá-lo é o que deves fazer.” “Serei capaz de fazê-lo,” diz ele, “mas é muito provável que eu termine junto com ele.” “Tudo se agiganta diante de teus olhos,” diz ela, “e ages mal, uma vez que eu sempre me pronunciei em teu favor. Hei de arranjar um outro homem para fazer isto, se tu não ousas.” Ele apanhou o machado, e estava muito furioso, e apanha um cavalo da posse de Gunnarr, e cavalga assim até que chega a Markarfljót, a leste; ele se apeia da montaria e aguarda na floresta até que eles carregam embora a lenha e Svartr permanece só para trás. Kolr então corre até ele e fala: “Tu não és o único capaz de dar grandes machadadas,” – e nisso lhe desfere uma

¹⁷⁴ Trols (troll): no folclore islandês moderno, um *tröll* é uma criatura gigante normalmente hostil, mas, na Idade Média, o termo designava, como mostra Ármann Jakobsson (2008), qualquer criatura sobrenatural antissocial, sem uma caracterização física precisa. A expressão de Hallgerðr poderia ser vertida, idiomáticamente, com algo como “que os diabos carreguem teus amigos”.

machadada na cabeça e lhe faz a chaga mortal e, em seguida, cavalga de volta para casa e relata o homicídio a Hallgerðr. Ela falou: “Tomarei todas as providências para que não sofras nada por isso.” “Pode ser que assim se dê,” diz ele, “mas de outro modo eu sonhei que aconteceria, antes que cometi o homicídio.” E agora eles retornam à floresta e encontram Svartr morto e o transportam para casa.

Hallgerðr enviou um homem à assembleia para contar a Gunnarr sobre o homicídio. Gunnarr não censurou Hallgerðr diante do mensageiro, e num primeiro momento ninguém sabia se a notícia lhe agradara ou não. Pouco depois, ele se pôs de pé e pediu a seus homens que o acompanhassem; eles assim fizeram, e foram até a tenda de Njáll, e ele enviou um homem atrás de Njáll solicitando-lhe que viesse para fora. Njáll saiu imediatamente, e Gunnar e Njáll puseram-se a conversar. Gunnar falou: “Tenho para te contar de um homicídio, e os responsáveis por ele são minha mulher e o meu supervisor de trabalho, Kolr, e quem foi morto é Svartr, teu servo doméstico.” Njáll permaneceu calado, enquanto ele lhe contava toda a história. Então Njáll falou: “Precisarás evitar que ela faça tudo como bem entender.” Gunnarr falou: “Tu próprio arbitrarás.” Njáll falou: “Será difícil para ti pagar compensações por todas as faltas de Hallgerðr, e isso acabará tendo uma ação mais ampla do que aqui, onde diz respeito a nós dois, que, não obstante, está longe de estar bem, e precisaremos lembrar que sempre estivemos em bons termos; e eu espero que te saias bem, mas serás muito testado com isso.” Njáll tomou o arbítrio próprio de Gunnarr e falou: “Não levarei este caso adiante com firmeza: deverás pagar-me doze onças de prata. Mas desejo determinar que, se algo ocorrer de nossa parte que tenhas de arbitrar, que não estipules uma pena pior.” Gunnarr pagou o dinheiro prontamente e depois cavalgou de volta.

Njáll chegou a casa acompanhado por seus filhos, depois da assembleia. Bergþóra viu o dinheiro e falou: “Foi uma compensação bem razoável, mas o mesmo valor deverá ser pago por Kolr, em breve.”

Gunnarr retornou da assembleia à sua casa e admoestou Hallgerðr. Ela disse que homens melhores jaziam mortos em muitos lugares sem que por eles se tivesse pagado compensação. Gunnarr disse que ela decidia quanto às suas próprias ações, – “mas eu decido como os casos são encerrados.” Hallgerðr gabava-se com frequência do homicídio de Svartr, mas Bergþóra ficou descontente dele. Njáll subiu até o monte Þórólfsfell, acompanhado por seus filhos, para cuidar de sua fazenda lá. Mas, no mesmo dia, aconteceu de Bergþóra ver, quando

estava fora de casa, um homem cavalgando para dentro do cercado montado num cavalo negro; ela parou e não entrou em casa. Não conhecia o homem. Este homem empunhava uma lança e tinha um espadim à cintura. Ela perguntou ao homem o nome. “Chamo-me Atli,” disse ele. Ela pergunta de onde ele é. “Sou um homem dos Fiordes do Leste,” diz ele. “Aonde vais?” diz ela. “Sou um viandante sem lar,” diz ele, “e pretendia encontrar Njáll e Skarpheðinn e saber se eles desejariam acolher-me.” “Para que tipo de trabalho és mais apto?” diz ela. “Sou um trabalhador do campo,” diz ele, “e sou apto para muitas coisas, mas não desejo ocultar que sou um homem de temperamento duro, e que muitos já tiveram de atar ferimentos por minha causa.” “Não te condeno,” diz ela, “por não seres um frouxo.” Atli falou: “Tu estás no comando de algo por aqui?” “Sou a esposa de Njáll,” diz ela, “e não mando menos do que ele quando o assunto é contratar serviços.” “Desejas acolher-me?” diz ele. “Dar-te-ei essa alternativa,” diz ela, “se tu estiveres disposto a executar a tarefa que eu te designar, ainda que seja enviar-te para matar um homem.” “Estás tão bem provida de homens no lar,” diz ele, “que não terás necessidade de mim para isso.” “Eu estipulo conforme desejo,” diz ela. “Temos um acordo aqui nesses termos,” diz ele. Então ela o acolheu.

Njáll retornou para casa junto com seus filhos e perguntou a Bergþóra quem era aquele homem. “É teu servo doméstico,” diz ela, “e eu o acolhi, e ele disse ser um homem que não hesita em usar os braços.” “Ele deve ser bastante trabalhador,” diz Njáll, “mas não sei quão bons são seus trabalhos.” Skarpheðinn simpatizou com Atli.

Njáll cavalga para a assembleia no verão, acompanhado por seus filhos. Gunnarr também foi à assembleia. Njáll apanhou o saco de dinheiro. Skarpheðinn perguntou: “Que dinheiro é esse, pai?” “Este é o dinheiro,” diz Njáll, “que Gunnarr me pagou por nosso doméstico no verão passado.” “Esse dinheiro terá algum uso,” diz Skarpheðinn, e sorri mostrando os dentes.¹⁷⁵

CAPÍTULO XXXVII

Agora há para se dizer que, em casa, Atli perguntou a Bergþóra o que deveria realizar pelo dia. “Pensei numa tarefa para ti,” diz ela; “deverás ir à procura de Kolr até que o encontres, pois deverás matá-lo hoje, se desejas fazer a minha vontade.” “É uma boa tarefa,” diz ele, “pois tanto eu quanto ele somos malfeitores; e, não obstante, hei de

¹⁷⁵ Njáll leva o dinheiro para pagar pelo homicídio de Kolr, que sabe que se dará por conta da presença de Atli.

atacá-lo de modo que um de nós dois morrerá.” “Tu te sairás bem,” diz ela, “e não é em troca de nada que realizarás isso.”

Ele foi e apanhou suas armas e cavalo e partiu cavalgando. Cavalgou até Fljótshlíð e lá se deparou com homens que vinham de Hlíðarendi; eles tinham morada em Mörk, a leste. Perguntaram aonde Atli pretendia ir; ele disse que cavalgava procurando por um garanhão. Eles disseram que essa era uma missão simples para um trabalhador como ele, – “contudo, é melhor perguntares àqueles que estiveram em trânsito nessa noite.” “Quem são eles?” diz ele. “Kolr, o Matador, doméstico de Hallgerðr,” disseram eles, “partiu do abrigo mais cedo e passou a noite em vigília.” “Não sei se ousou encontrá-lo,” diz Atli, “ele tem temperamento ruim, e é melhor eu tomar como alerta o padecimento dos outros.” “Mas tu não tens nos olhos,” dizem eles, “o aspecto de seres um covarde” – e indicaram-lhe o caminho que levava ao local onde estava Kolr. Ele esporeou seu cavalo e partiu a todo galope.

E, quando encontra Kolr, Atli lhe fala: “Vai bem o carregamento de fardos?” diz ele. “Isso não é da tua conta,” diz Kolr, “velhaco, nem de ninguém mais que venha de lá.” Atli falou: “Ainda falta o teu fardo mais pesado.” – e, em seguida, Atli golpeou com sua lança contra ele e acertou-lhe a cintura. Kolr brandiu na direção dele o machado e errou o golpe e caiu da montaria e morreu imediatamente. Atli cavalgou até encontrar os trabalhadores de Hallgerðr. “Ide até o cavalo dele,” diz ele, “e guardai-o; Kolr caiu da montaria e está morto.” “Tu o mataste?” disseram eles. Ele responde: “Hallgerðr não julgará que ele tenha matado a si próprio.” Em seguida, Atli cavalga de volta para casa e conta o ocorrido a Bergþóra; ela lhe agradece este trabalho e as palavras que ele disse. “Eu não sei,” diz ele, “como isso parecerá a Njáll.” “Ele manejará bem isso,” diz ela, “e, como sinal disso, dir-te-ei que ele levou consigo para a assembleia o valor de um escravo que recebemos no verão passado, e esse dinheiro agora servirá para pagar por Kolr. Mas, ainda que tenhamos uma conciliação, deves permanecer alerta, pois Hallgerðr não respeitará nenhuma conciliação.” “Pretendes enviar alguém para contar a Njáll sobre o homicídio?” diz ele. “Não desejo fazê-lo,” diz ela; “eu preferiria que nenhuma compensação fosse paga por Kolr.” E encerraram a conversa então.

Foi relatado o homicídio de Kolr a Hallgerðr, e também o que Atli pronunciara; ela declarou que Atli pagaria. Enviou um homem à assembleia para contar a Gunnarr do homicídio de Kolr. Ele diz pouco em resposta, e envia um homem até Njáll para lhe comunicar o fato; ele

nada disse em resposta. Skarpheðinn falou: “Os escravos andam muito mais enérgicos do que tinham por hábito: antes eles brigavam, e isso não parecia causar nenhum mal, mas agora eles querem matar uns aos outros;” – e abriu um largo sorriso. Njáll apanhou o saco de dinheiro que estava pendurado na tenda, e saiu; seus filhos caminharam com ele. Chegaram à tenda de Gunnarr. Skarpheðinn falou para o homem que estava na entrada da tenda: “Dize a Gunnarr que meu pai deseja encontrá-lo.” Ele o comunica a Gunnarr. Gunnarr caminhou para fora imediatamente e cumprimentou bem Njáll; em seguida, puseram-se a conversar. “Sucedeu mal,” diz Njáll, “que minha esposa quebrou a paz e mandou matar teu doméstico.” “Ela não há de ser admoestada por isso,” diz Gunnarr. “Arbitra tu agora o caso,” diz Njáll. “Assim farei,” diz Gunnarr, “sentencio que os dois homens, Svartr e Kolr, são de igual valor: deves pagar-me doze onças de prata.” Njáll apanhou o saco de dinheiro e concedeu-o a Gunnarr. Gunnarr reconheceu o dinheiro como sendo o mesmo que ele próprio lhe havia pagado. Njáll foi para sua tenda, e as coisas entre eles continuaram como sempre foram antes.

Quando Njáll chegou à sua casa, censurou Bergþóra, mas ela declarou que jamais se dobraria diante de Hallgerðr. Hallgerðr repreendeu muito Gunnarr por ter aceitado conciliação pelo homicídio. Gunnarr disse que jamais haveria de decepcionar Njáll nem os filhos dele; ela se enfureceu muito. Gunnarr não deu importância nenhuma a isso. Então Gunnarr e Njáll cuidaram para que nada mais sucedesse naquele ano.

CAPÍTULO XXXVIII

Na primavera, Njáll falou para Atli: “Eu gostaria que tu arranjasses trabalho nos Fiordes do Leste, para que Hallgerðr não pusesse termo em teus anos.” “Não temo isso,” diz Atli, “e é minha vontade permanecer nesta casa, se eu tiver essa alternativa.” “Mas isso é desaconselhável,” diz Njáll. “Parece-me preferível morrer em vossa casa,” diz Atli, “a trocar de patrão; mas desejo pedir-te uma coisa: se eu for morto, que não se pague uma compensação de escravo por mim.” “Sendo assim, por ti será pago o valor de um homem livre,” diz Njáll, “mas Bergþóra te prometerá, e cumpri-lo-á, que por ti seja executada vingança de sangue.” E então ele foi tomado como doméstico lá.

Agora há para se contar acerca de Hallgerðr que ela enviou um homem para Bjarnarfjörðr, a oeste, atrás de seu parente Brynjólfr Encrenca, e ele era um grande malffeito. Mas Gunnarr não tomou notícia disso. Hallgerðr disse que ele era bem talhado para ser

supervisor de trabalhos. Brynjólfur veio do oeste e Gunnarr perguntou o que ele fazia ali. Ele disse que moraria ali. “Não tens nada para acrescentar à nossa morada,” diz Gunnarr, “conforme o que me foi dito a teu respeito, mas não hei de mandar embora os parentes de Hallgerðr que ela deseje que permaneçam consigo.” Gunnarr tratou-o de modo reservado, mas não ruim. E chega agora o tempo da assembleia.

Gunnarr cavalga para a assembleia, e também Kolskeggr. E quando chegaram à assembleia, foram encontrar-se com Njáll; ele estava na assembleia, junto com seus filhos; ficavam bastante juntos e em bons termos.

Bergþóra falou para Atli: “Sobe até Þórólfsfell e trabalha lá por uma semana.” Ele subiu até lá e permaneceu lá escondido queimando carvão na floresta.

Hallgerðr falou para Brynjólfur: “Fui informada de que Atli não está em casa, e ele deve estar fazendo algum trabalho em Þórólfsfell.” “Que julgas mais provável que ele esteja fazendo lá?” diz ele. “Algo na floresta,” diz ela. “O que deverei fazer com ele?” disse ele. “Matá-lo é o que deverás fazer,” diz ela. Ele foi reticente. “Isso não teria parecido tanto aos olhos de Þjóstólfr,” diz ela, “se ele estivesse vivo.” “Não precisarás mais incitar-me assim aqui,” diz ele. Ele então apanhou suas armas e seu cavalo, e pôe-se montado e cavalga até Þórólfsfell; ele viu lá a leste da fazenda muita fumaça de carvão. Cavalga até lá, apeia-se e amarra o cavalo, e caminha ao local onde mais havia fumaça. Ele vê então o buraco do carvão, e do lado há um homem; ele estava absorto em seu trabalho e não o viu. Brynjólfur golpeou-o na cabeça com um machado. Ele se virou tão abruptamente, que Brynjólfur deixou escapar o machado, e Atli apanhou sua lança e atirou-a contra o outro. Brynjólfur se jogou ao solo, e a lança passou voando acima dele. “Tu te aproveitaste,” diz Atli, “de que eu não estava preparado; mas agora Hallgerðr se alegrará, pois tu poderás relatar a minha morte. Mas, em compensação, em breve terás o mesmo; e agora apanha teu machado aqui.” Ele não lhe respondeu e não apanhou o machado antes que Atli estivesse morto, cavalgou de volta para Þórólfsfell e anunciou o homicídio, e então retornou para casa e contou para Hallgerðr o que se dera. Ela enviou um homem até Bergþórshváll para dizer a Bergþóra que agora a morte de Kolr estava paga.

Em seguida, Hallgerðr enviou um homem até a assembleia para contar a Gunnarr acerca do homicídio de Atli. Gunnarr se levantou, e Kolskeggr com ele. Kolskeggr falou: “Os parentes de Hallgerðr serão de pouca valia para ti.” Eles caminharam ao encontro de Njáll. Gunnarr

falou: “Tenho para relatar a ti o homicídio de Atli;” – e lhe diz quem cometeu o homicídio; – “e desejo agora oferecer-te compensação por ele, e quero que tu próprio estipules o valor.” Njáll falou: “Nós tínhamos a intenção de não entrarmos em discórdia, mas não tratarei do caso como se ele fosse um escravo.” Gunnarr declarou que assim estaria bem e estendeu a mão. Njáll tomou-lhe a mão e nomeou testemunhas, e eles se conciliaram nisso. Skarpheðinn falou: “Hallgerðr não deixa nossos domésticos morrerem de idade.” Gunnarr responde: “Tua mãe fará com que esses golpes se alternem entre os lares.” “Haverá bastante disso,” diz Njáll. Em seguida Njáll estipulou o valor de cem onças de prata, e Gunnarr pagou imediatamente. Muitos dos circunstantes falaram que pareceu uma compensação alta. Gunnarr se irritou e disse que uma multa plena já havia sido paga por homens não mais valentes do que Atli. E com isso eles partiram cavalgando da assembleia.

Ao ver o dinheiro, Bergþóra falou para Njáll: “Tu julgas ter cumprido a tua promessa, mas agora resta a minha promessa.” “Não há necessidade de que tu a cumpras,” diz Njáll. “Tu adivinhaste o contrário,” disse ela, “e assim há de ser.”

Hallgerðr falou para Gunnarr: “Tu pagaste cem onças de prata pela morte de Atli e o avaliaste como um homem livre?” “Ele era livre antes,” diz Gunnarr, “e eu não hei de avaliar os domésticos de Njáll como homens sem direito a compensação.” “Vós dois bem que vos mereceis,” diz Hallgerðr, “que sois ambos frouxos.” “É o que se verá,” diz ele. Então Gunnarr ficou-se taciturno com ela por um longo tempo, até que ela se lhe abrandou.

E assim as coisas permanecem quietas por aquele ano. Na primavera, Njáll não tomou novos criados. Agora os homens cavalgam rumo à assembleia no verão.

CAPÍTULO XXXIX

Um homem chamava-se Þórðr e era alcunhado Filho-do-Alforriado. Seu pai se chamava Sigtryggr; ele fora um escravo alforriado de Ásgerðr e se afogara em Markarfljót; Þórðr permaneceu assim com Njáll desde então. Ele era grande e forte; havia criado todos os filhos de Njáll. Ele se apaixonara por Guðfinna Þórólfsdóttir, parenta de Njáll; ela trabalhava no lar lá e estava então grávida.

Bergþóra foi ter com Þórðr Filho-do-Alforriado: “Tu deverás ir,” diz ela, “e matar Brynjólfr.” “Eu não sou um matador,” diz ele, “contudo hei de fazer isso, se tu queres.” “É isso que quero,” diz ela. Em seguida ele apanhou seu cavalo e cavalgou até Hlíðarendi e chamou

Hallgerðr para fora e perguntou onde estava Brynjólfur. “Que queres com ele?” diz ela. Ele falou: “Eu quero que ele me diga onde escondeu o corpo de Atli; foi-me dito que ele o tratou mal.” Ela lhe indicou o caminho e lhe disse que ele estava mais embaixo, em Akratunga. “Cuida,” diz Þórðr, “que não aconteça com ele o mesmo que com Atli.” “Não és um matador,” diz ela, “e pouco importa onde vos encontreis.” “Eu nunca vi o sangue de um homem,” diz ele, “e não sei como reagirei;” – e correu para fora do cercado em direção a Akratunga. Rannveig, a mãe de Gunnarr, escutara a conversa e falou: “Tu lhe insuflas muito a coragem, Hallgerðr, e creio que ele seja um homem firme, e teu parente há de prová-lo.”

Brynjólfur e Þórðr se encontraram numa trilha de chão batido. Þórðr falou: “Defende-te, Brynjólfur, pois não desejo agir de modo covarde contigo.” Brynjólfur cavalgou de encontro a Þórðr e golpeou-o. Þórðr golpeou-o de volta com o machado e partiu o cabo da espada de Brynjólfur diante da mão dele, e imediatamente golpeou uma segunda vez contra ele, e o machado acertou-lhe o peito e penetrou na carne; ele caiu da montaria e morreu imediatamente. Þórðr encontrou um pastor de Hallgerðr e anunciou o homicídio por si perpetrado e disse onde ele estava, e mandou que ele contasse a Hallgerðr sobre a morte. Em seguida cavalgou de volta a Bergþórshváll e contou a Bergþóra sobre o homicídio, e também a outros homens. “Benditas as tuas mãos,” disse ela.

O pastor contou sobre o homicídio a Hallgerðr; ela ficou furiosa com isso e declarou que isso teria muitas más consequências, no que dependesse dela própria.

CAPÍTULO XL

Agora as notícias chegam à assembleia, e Njáll ouviu o caso três vezes e só então pronunciou: “Mais homens do que eu esperava tornam-se agora matadores.” Skarpheðinn falou: “Mas este homem devia estar fadado a uma morte temporã, que morreu pelas mãos de nosso pai de criação, o qual jamais vira o sangue de um homem antes, e muitos hão de julgar que eu e meus irmãos tenhamos feito isso, por conta do temperamento que temos.” “Não precisarás esperar muito,” diz Njáll, “até que chegue a tua vez de agir, mas tu serás levado pela necessidade.” Eles caminharam então ao encontro de Gunnarr e lhe anunciaram o homicídio. Gunnarr disse que o homem faria pouca falta, – “não obstante, ele era um homem livre.” Njáll lhe ofereceu imediatamente a conciliação, Gunnarr aceitou, sendo que ele próprio

haveria de julgar, e decidiu que a compensação seria de cem onças de prata. Njáll pagou a quantia no ato, e eles entraram em termos.

CAPÍTULO XLI

Um homem chamava-se Sigmundr; ele era filho de Lambi, filho de Sighvatr, o Vermelho. Era um grande mercador e marujo, um homem cortês e belo, grande e forte. Era muito ambicioso e um bom poeta e bem afeito à maioria dos esportes e outras habilidades, muito orgulhoso, zombeteiro e arrogante. Ele aportou no leste, em Hornafjörðr. Seu companheiro de viagem chamava-se Skjöldr; era um homem sueco e de trato difícil. Eles arrumaram cavalos e cavalgaram para oeste de Hornafjörðr, e não encerraram sua jornada antes de chegarem a Hlíðarendi, em Fljótshlíð. Gunnarr recebeu-os bem; havia grande amizade entre ele e Sigmundr. Gunnarr convidou Sigmundr a passar lá o inverno; Sigmundr disse que aceitaria, caso seu companheiro, Skjöldr, também permanecesse lá. “Foi-me dito acerca dele,” disse Gunnarr, “que ele não é uma boa influência para ti; e, na verdade, tu precisas de boas influências para melhorares o temperamento. Além disso, a estadia aqui é complicada. Eu gostaria de aconselhar-te – a ti e a meus demais parentes – que não caias nas incitações de Hallgerðr, minha mulher, pois ela toma muitas iniciativas que muito se afastam de minha vontade.” “Não é culpável aquele que avisa,” diz Sigmundr. “Então há de se observar o conselho,” diz Gunnarr, “mas tu serás muito provado, mas queda-te sempre comigo e segue meus conselhos.” Depois disso, eles permaneceram na companhia de Gunnarr. Hallgerðr agia bem com Sigmundr, e, por fim, isso se deu de modo tão intenso que ela lhe deu dinheiro e o servia não menos que a seu marido; e muitos se puseram a comentar isso, e não conseguiam entender o que haveria por trás disso.

Hallgerðr falou com Gunnarr: “Não está bem contentar-se com as cem onças de prata que recebeste pela morte de Brynjólfr, meu parente, e eu hei de vingá-lo, se puder,” diz ela. Gunnarr disse que não desejava discutir com ela, e caminhou para longe. Ele encontrou Kolskeggr e lhe falou: “Vai ao encontro de Njáll e dize-lhe que Þórðr deve estar alerta, a despeito de havermos entrado em termos, pois me parece que não se possa confiar neste acordo.” Ele se foi cavalgando e contou a Njáll, e Njáll contou a Þórðr. Kolskeggr cavalgou de volta para casa, e Njáll agradeceu-lhes a fidelidade.

Certa vez estavam Njáll e Þórðr sentados fora de casa. Um bode tinha o hábito de caminhar pelo cercado, e ninguém deveria

espantá-lo de lá. Þórðr falou: “Mas isso agora é espantoso,” diz ele. “Que é que tu vês que te parece ser espantoso?” diz Njáll. “Parece-me que o bode está deitado ali na baixada, e ele está todo ensanguentado.” Njáll declarou que lá não estava nenhum bode nem nada mais. “Que é aquilo então?” diz Þórðr. “Tu deves ser um homem fadado,” diz Njáll, “e deves ter visto a tua *fylgja*, e permanece alerta.” “Não será suficiente permanecer alerta,” diz Þórðr, “se isso me é destinado.”

Hallgerðr foi ter com Þráinn Sigfússon e falou-lhe: “Tu me serias um genro,” diz ela, “se matasses Þórðr Filho-do-Alforriado.” “Não o farei,” diz ele, “pois assim eu ganharia a fúria de Gunnarr, meu parente. Além disso, estará muito em jogo, porque esse homicídio seria rapidamente vingado.” “Quem haveria de vingá-lo,” diz ela, “acaso aquele velho imberbe?” “Não,” diz ele, “mas seus filhos o vingariam.” Em seguida, os dois falaram por um longo tempo em voz baixa, e ninguém soube o que planejavam.

Certa vez aconteceu que Gunnarr não estava em casa; Sigmundr estava então em casa, e também seus companheiros; Þráinn recém chegara de Grjótá. Eles todos e Hallgerðr estavam sentados fora de casa e conversavam. Então Hallgerðr falou: “Os companheiros Sigmundr e Skjöldr prometeram matar Þórðr Filho-do-Alforriado, o pai de criação dos filhos de Njáll, e tu, Þráinn, prometeste-me estar presente junto com eles.” Todos confirmaram que assim lhe haviam prometido. “Agora darei o plano para isso,” disse ela; “deveis cavalgar para leste até Hornafjörðr atrás de vossos rebanhos e retornar para casa no início da assembleia, mas se estiverdes em casa, Gunnarr desejará que cavalgueis junto dele à assembleia. Njáll estará na assembleia com seus filhos e também Gunnarr. Mas então deveis matar Þórðr.” Eles concordaram que esse plano deveria ser levado a cabo. Depois disso, prepararam-se para partir para leste, ao fiorde, e Gunnarr não se deu conta de nada disso. E foi-se Gunnarr cavalgando rumo à assembleia.

Njáll enviou Þórðr Filho-do-Alforriado a leste até Eyjafjöll, e ordenou-lhe que permanecesse longe de casa por uma noite; ele se foi para leste, e não lhe era dado retornar a oeste, pois o rio estava tão caudaloso que era impassável por um longo trecho. Njáll esperou por ele uma noite, pois desejava que ele o acompanhasse cavalgando à assembleia. Njáll disse a Bergþóra que enviasse Þórðr à assembleia assim que ele retornasse a casa. Duas noites mais tarde veio Þórðr do leste; Bergþóra lhe disse que ele deveria cavalgar à assembleia, – “mas agora deverás cavalgar sobre Þórólfsfell e cuida lá da fazenda e não permaneças lá mais do que uma ou duas noites.”

CAPÍTULO XLII

Sigmundr chegou do leste seguido de seus companheiros. Hallgerðr lhes diz que Þórðr estava em casa, mas que imediatamente partiria cavalgando rumo à assembleia, dentro de poucas noites; – “agora podereis pegá-lo,” diz ela, “mas não se esta chance escapar.”

Homens vindos de Þórólfsfell chegaram a Hlíðarendi e disseram a Hallgerðr que Þórðr estava lá. Hallgerðr foi aonde estavam Þráinn Sigfússon e os demais e lhes falou: “Agora Þórðr se encontra em Þórólfsfell, e tendes uma oportunidade para matá-lo quando ele estiver retornando para casa.” “Assim havemos de fazer agora,” diz Sigmundr. Caminharam para fora de casa então e apanharam suas armas e seus cavalos e cavalgaram para ir encontrá-lo. Sigmundr falou para Þráinn: “Agora tu não deverás fazer nada, pois não seremos todos nós necessários para isso.” “Assim será,” diz ele. Pouco depois, então, veio Þórðr cavalgando na direção deles. Sigmundr lhe falou: “Entrega-te,” diz ele, “pois agora tu morrerás.” “Não há de ser assim,” diz Þórðr; “vem tu sozinho duelar comigo.” “Não há de ser assim,” diz Sigmundr; “nós nos valeremos de estarmos em maior número. Mas não é de se espantar que Skarpheðinn seja valoroso, pois é dito que um quarto vem da criação¹⁷⁶.” “Tu confirmarás isso,” diz Þórðr, “pois Skarpheðinn me vingará.” Em seguida o atacam, e ele partiu as lanças de ambos, tão bem se defendia. Então Skjöldr decepou-lhe uma das mãos, e ele seguiu defendendo-se com a outra por um tempo, até que Sigmundr trespassou-o; ele então caiu na terra morto. Eles empilharam sobre ele pedras e turfa. Þráinn falou: “Nós acabamos de cometer um ato mau, e os filhos de Njáll muito sentirão esta morte, quando tomarem notícia dela.” Eles cavalgaram de volta para casa e contaram o que se dera a Hallgerðr; ela se alegrou com a morte. Rannveig falou, a mãe de Gunnarr: “É dito que por pouco tempo a mão permanece alegre com o golpe, e assim será aqui; contudo, Gunnarr te livrará deste caso. Mas se Hallgerðr te colocar em nova briga, ela então será para ti a morte.” Hallgerðr enviou um homem a Bergþórshváll para anunciar o homicídio; enviou um outro à assembleia, para contar do homicídio a Gunnarr. Bergþóra declarou que não haveria de maldizer Hallgerðr por aquilo, disse que isso não seria nenhuma vingança por tamanho ocorrido.

¹⁷⁶ Expressão lacônica; a ideia é que um quarto do caráter, ou da personalidade do indivíduo provenha da criação (e não do pai natural): Þórðr havia criado os filhos de Njáll. Com isso Sigmundr atribui a coragem de Skarpheðinn ao caráter de Þórðr, que enaltece ao mesmo tempo em que provoca a suposta covardia de Njáll.

CAPÍTULO XLIII

E, quando o mensageiro chegou à assembleia para contar a Gunnarr sobre o homicídio, Gunnarr falou: “O que se deu é péssimo, e não haveria notícias piores do que essa para meus ouvidos. Mas devemos ir imediatamente ao encontro de Njáll, e eu espero que ele reaja mais uma vez bem, ainda que esteja muito desgastado já com isso.” Eles andaram então ao encontro de Njáll e o chamaram para uma conversa; ele imediatamente saiu ao encontro de Gunnarr; eles conversaram, e num primeiro momento não havia outro homem presente além de Kolskeggr. “Tenho duras novas para te contar,” diz Gunnarr, “o homicídio de Þórðr Filho-do-Alforriado; desejo oferecer-te juízo próprio pelo homicídio.” Njáll permaneceu calado por algum tempo, e depois falou: “Fazes uma boa oferta,” diz ele, “e eu a aceito. Todavia, é de se esperar que eu seja admoestado por minha mulher ou meus filhos por conta disso, pois eles ficarão muito descontentes. Mas hei de arriscar, pois sei que estou tratando com um camarada valoroso. Tampouco desejo que de mim surjam ressalvas em nossa amizade.” “Desejarias acaso que teus filhos estivessem presentes?” diz Gunnarr. “De modo algum,” diz Njáll, “pois eles não quebrarão o acordo que eu tiver feito, mas, se estiverem presentes agora, não concordarão com o veredicto.” “Assim seja,” diz Gunnarr, “vê e decide tu só.” Eles então apertaram as mãos e acordaram rapidamente e bem. Então falou Njáll: “Estabeleço duzentas onças de prata, e parecer-te-á muito.” “Isso não me parece demais,” diz Gunnarr, e retornou para sua tenda.

Os filhos de Njáll retornaram à tenda e Skarpheðinn perguntou de onde vinha toda aquela boa quantia de dinheiro que seu pai segurava. Njáll falou: “Anuncio-vos o homicídio de Þórðr, vosso pai de criação, e eu e Gunnarr já entramos em termos quanto ao caso, e ele pagou duas vezes o valor de um homem.” “Que homens o mataram?” diz Skarpheðinn. “Sigmundur e Skjöldr, mas Þráinn esteve presente no momento,” diz Njáll. “Eles julgaram que precisariam de muita força,” diz Skarpheðinn; mas até onde isso irá antes que levantemos nossas mãos?” “Isso está próximo,” diz Njáll, “e não serás impedido de fazê-lo, contudo eu julgo muito importante que não quebreis este acordo agora.” “Assim faremos então,” diz Skarpheðinn; “mas se algo ocorrer entre nós, haveremos de memorar essa antiga inimizade.” “Não pedirei nada então,” diz Njáll.

CAPÍTULO XLIV

Agora os homens partem da assembleia cavalgando de volta às suas casas. E, quando Gunnar chegou a casa, falou para Sigmundur: “Tu és um homem mais desafortunado do que eu julgava, e usas tuas habilidades para o mal. Mas eu entrei já em termos por ti, e não deverias mais envolver-te em nova briga. Tu não és parecido comigo no temperamento; tu és zombeteiro e debochado, e isso não é meu temperamento; tu te dás bem com Hallgerðr, assim, pois tendes mais em comum.” Admoestou-o por longo tempo; e ele lhe respondeu bem e disse que os seus conselhos seriam mais obedecidos dali em diante do que o quanto se fizera até então. Gunnarr lhe disse que assim bastaria então. O acordo entre eles foi mantido por algum tempo; frequentemente Gunnarr e Njáll e seus filhos conversavam bem, ainda que o restante das suas gentes não se falasse muito.

Aconteceu então que mulheres viandantes foram a Hlíðarendi vindas de Bergþórshváll. Elas eram faladeiras e bastante maldizentes. Hallgerðr tinha uma câmara de mulheres, e lá permanecia sentada frequentemente; lá estavam então sua filha Þorgerðr e Þráinn; Sigmundur também estava lá, e também muitas mulheres. Gunnarr não estava lá, nem Kolskeggr. Essas mulheres viandantes entraram na câmara; Hallgerðr saudou-as e ordenou que se lhes concedessem lugares para que se sentassem e perguntou quais eram as novas, e elas disseram que não havia notícias. Hallgerðr lhes perguntou onde elas haviam pernoitado. Elas disseram ter estado em Bergþórshváll. “Com que se ocupava Njáll?” disse ela. “Estava atarefado em sentar-se,” disseram elas. “O que faziam os filhos de Njáll?” disse ela; “eles se julgavam bem homens agora.” “Eles são de aspecto imponente, mas ainda são muito inexperientes,” disseram elas; “Skarpheðinn afiava um machado, Grímr enfaixava o cabo de uma lança, Helgi rebitava o cabo de uma espada, Hǫskuldr prendia o pegador de um escudo.” “Estarão eles se preparando para grandes planos,” diz Hallgerðr. “Não o sabemos,” disseram elas. “O que faziam os criados do lar de Njáll?” diz Hallgerðr. “Não ficamos sabendo o que alguns faziam,” dizem elas, “mas um deles transportava esterco para os outeiros.” “E para que isso?” diz Hallgerðr. “Ele disse,” responderam elas, “que lá o campo esterçado ficaria melhor do que em outros lugares.” “Njáll não é sábio igualmente em tudo,” diz Hallgerðr, “já que ele tem conselhos para tudo.” “Como assim?” disseram elas. “Hei de apontar algo que é verdade,” diz Hallgerðr, “que ele não espalhou esterco em sua barba, de modo que fosse como os demais homens, e chamemo-lo agora de velho imberbe, e seus filhos chamemo-los de barbas-de-esterco, e agora recita

algo sobre isso, Sigmundr, e faze-nos desfrutar do fato de que és um poeta.” Ele disse que estava pronto para isso, e recitou imediatamente três ou quatro versos, e eram todos maus. “Tu és um tesouro,” disse Hallgerðr, “do modo como fazes minhas vontades.” Então nisso chegou Gunnarr; ele estivera postado diante da câmara e ouvira cada palavra que se dissera. Todos sobressaltaram muito ao verem-no entrar; então todos se calaram, sendo que antes se faziam lá grandes gargalhadas. Gunnarr estava muito furioso e falou para Sigmundr: “Tu és um tolo e incapaz de seguir bons conselhos, querendo maldizer os filhos de Njáll e a ele próprio, o que é ainda pior, e sobretudo depois de tudo que já lhes fizeste, e isso será a tua morte. E se algum homem repetir essas palavras, será mandado embora e receberá a minha fúria.” E tamanho pavor eles todos lhe tiveram que ninguém ousou repetir essas palavras. Em seguida ele se foi dali.

As mulheres viandantes conversaram entre si que poderiam receber recompensas de Bergþóra se lhe dissessem essas palavras; foram-se em seguida até lá e contaram a Bergþóra, secretamente, sem que ela lhes tivesse perguntado. Bergþóra falou, quando os homens estavam à mesa: “Fostes agraciados, pai e filhos, com presentes, e sereis camarados de pouco valor a menos que os repagueis.” “Que presentes são esses?” diz Skarpheðinn. “Vós, filhos meus, compartilhais todos o mesmo presente: sois chamados de barbas-de-esterco, já meu marido é chamado de o velho imberbe.” “Não temos o temperamento de mulheres,” diz Skarpheðinn, “que com qualquer coisa se enfurecem.” “Contudo, Gunnarr se enfureceu por vossa causa,” diz ela, “e ele é considerado de bom temperamento; e se não vos vingardes disso, jamais haveis de vingar qualquer desonra.”

“A velha bem que se diverte, a nossa mãe,” diz Skarpheðinn, abrindo um sorriso, mas ao mesmo tempo o suor lhe brotava na testa, e surgiram pontos vermelhos em suas bochechas, e isso não era comum. Grímr permaneceu calado e mordeu o lábio. Helgi não se moveu. Høskuldr caminhou para fora com Bergþóra. Ela entrou novamente, e esbravejava muito. Njáll falou: “Tudo se ajeita, ainda que tarde, mulher. E em muitos casos, ainda que os homens sejam provados, acontece de haver consequências ambíguas no caso de uma vingança ser levada a cabo.”

Mas à noite, quando Njáll estava deitado na cama, ele ouviu um machado batendo contra a parede de sua câmara, e a lâmina cantou alto, e havia uma outra câmara, e em sua parede havia pendurados escudos, e ele vê que eles foram levados de lá. Ele falou: “Quem retirou dali os nossos escudos?” “Teus filhos saíram com eles,” diz Bergþóra. Njáll

meteu os pés em seus sapatos e saiu imediatamente e andou até o outro lado da casa e vê que eles já sobem a colina. Ele falou: “Aonde pretendes ir, Skarpheðinn?” “Vou buscar ovelhas de teu rebanho,” diz ele. Njáll falou: “Não haverías então de estar armados, caso tivésseis esse intento, e o vosso propósito há de ser outro.” “Vamos pescar salmões, pai, caso não encontremos as ovelhas,” diz ele. “Seria melhor, nesse caso, que a pesca então não escapasse,” diz Njáll. Eles seguiram seu caminho, e Njáll entrou novamente para seu repouso. Ele falou para Bergþóra: “Estavam lá fora teus filhos todos com armas, e tu deves tê-los incitado a algo.” “Mui bem hei de lhes agradecer se me anunciarem a morte de Sigmundr,” diz Bergþóra.

CAPÍTULO XLV

Agora há para se contar dos filhos de Njáll que eles subiram até Fljótshlíð e lá pernoitaram ao pé da colina, e aproximaram-se mais de Hlíðarendi quando começava a amanhecer. Naquela mesma manhã, Sigmundr e Skjöldr se levantaram e foram aonde estavam os ganhões; eles levavam consigo arreios e apanharam cavalos no cercado e partiram cavalgando. Procuram pelo ganhão em torno da colina e o encontram entre dois arroios, e conduzem o ganhão um longo trecho acima, em direção à trilha. Skarpheðinn os viu, pois Sigmundr trajava roupas coloridas. Skarpheðinn falou: “Vedes o elfo vermelho?” Eles observaram e disseram que o viam. Skarpheðinn falou: “Tu não farás nada, Høskuldr, pois serás frequentemente enviado de casa sozinho e vulnerável¹⁷⁷; eu quero Sigmundr para mim, isto me parece mais próprio para um homem. Já Grímr e Helgi matarão Skjöldr.” Høskuldr sentou-se, e os demais andaram até que chegaram diante daqueles. Skarpheðinn falou para Sigmundr: “Apanha tuas armas e defende-te. Isso te será mais necessário do que recitar versos de escárnio sobre nós.” Sigmundr apanhou suas armas, e entretantes Skarpheðinn esperou. Skjöldr se voltou contra Grímr e Helgi, e eles lutaram tenazmente. Sigmundr tinha um elmo na cabeça, e portava um escudo e tinha uma espada à cintura e segurava uma lança. Volta-se agora contra Skarpheðinn e golpeia-o com a lança imediatamente, e lhe atinge o escudo. Skarpheðinn parte ao meio o cabo da lança com seu machado, e brande o machado e golpeia contra Sigmundr, e atinge-lhe o escudo, partindo-o de cima abaixo até o pegador. Sigmundr brandiu a espada com a mão direita e golpeou contra Skarpheðinn, e atingiu-lhe o escudo,

¹⁷⁷ Skarpheðinn não quer que Høskuldr seja diretamente responsável pelas mortes, para não sofrer ataques de vingadores posteriores.

e a espada ficou cravada no escudo. Skarpheðinn girou o escudo tão abruptamente, que Sigmundr deixou escapar a espada. Skarpheðinn golpeia então com o machado contra Sigmundr; Sigmundr trajava um corselete; o machado acertou-lhe o ombro; ele partiu o osso do ombro e puxou para si o machado novamente, e Sigmundr caiu sobre ambos os joelhos e pôs-se de pé num salto imediatamente. “Tu te livraste de mim agora,” diz Skarpheðinn, “porém hás de tombar na estirpe materna¹⁷⁸ antes que nos separemos.” “Isso é ruim então,” diz Sigmundr. Skarpheðinn acertou-lhe o elmo e em seguida desferiu-lhe o golpe mortal. Grímr golpeou o pé de Sjkǫldr, e decepou-o na junta do tornozelo, e Helgi trespassou-o com a lança, e ele então teve a morte. Skarpheðinn viu um pastor de Hallgerðr; ele havia então decepado a cabeça de Sigmundr; entregou a cabeça nas mãos do pastor e ordenou-lhe que a levasse a Hallgerðr, e disse que ela reconheceria se essa cabeça havia recitado versos de maldizer sobre eles. O pastor jogou a cabeça no chão assim que eles haviam partido, pois não ousara fazê-lo enquanto eles estavam presentes. Os irmãos seguiram até que encontraram homens mais abaixo, à margem de Markarfljót, e lhes relataram o ocorrido; Skarpheðinn anunciou o homicídio de Sigmundr por si perpretado, e Grímr e Helgi o homicídio de Skjǫldr. Eles então retornaram para casa e contaram os feitos a Njáll. Ele diz assim: “Benditas sejam vossas mãos. Agora não haverá mais juízo próprio, conforme estão as coisas.”

Agora há para se contar que o pastor chega à casa em Hlíðarendi; ele relata as novas a Hallgerðr. “Skarpheðinn me deu em mãos a cabeça de Sigmundr e ordenou que eu ta trouxesse, mas não ousei fazê-lo,” diz ele, “que não sabia como reagiriam.” “Agiste mal em não o fazeres,” diz ela; “eu a teria levado a Gunnarr, e ele poderia então vingar seu parente ou ouvir calado as admoestações de todos os homens.” Em seguida ela foi ao encontro de Gunnarr e lhe falou: “Anuncio-te o homicídio de Sigmundr, teu parente. Foi Skarpheðinn quem o matou, e ele quis que me trouxessem a cabeça.” “Assim era de se esperar que lhe sucedesse,” diz Gunnarr, “pois em mal resultam maus conselhos, e tu e ele¹⁷⁹ frequentemente agistes de modo maldoso um para com o outro.” Foi-se então Gunnarr dali. Ele não preparou um caso pelo homicídio, sequer tomou qualquer atitude. Hallgerðr lembrava-o com frequência, e dizia que a morte de Sigmundr ainda não fora compensada; Gunnarr não dava atenção às incitações dela.

¹⁷⁸ O sentido da expressão deve ser “voltar à mãe terra”.

¹⁷⁹ Ele: Skarpheðinn.

E assim se passaram três assembleias, nas quais as pessoas esperavam que ele expusesse seu caso. Então Gunnarr se deparou com um problema que não sabia como deveria resolver; ele então cavalgou ao encontro de Njáll: “Venho pedir-te bons conselhos sobre um problema.” “Tu és merecedor deles,” diz Njáll, e deu-lhe seus conselhos. Gunnarr se pôs então de pé e lhe agradeceu. Njáll falou então e segurou Gunnarr: “Já há bastante tempo que teu parente Sigmundr não foi compensado.” “Há muito tempo ele foi compensado,” diz Gunnarr, “todavia, não desejo recusar minha própria honra.” Gunnarr jamais dissera nada ruim dos filhos de Njáll. Njáll não desejava outra coisa além de permitir que Gunnarr desse o veredicto; ele estabeleceu duzentas onças de prata, e deixou que Skjöldr permanecesse sem compensação; eles pagaram imediatamente todo o dinheiro. Gunnarr anunciou a conciliação entre eles na assembleia de Skálar, na ocasião em que lá havia o maior número de pessoas, e manifestou quão bem as coisas se deram entre eles, e falou sobre aquelas palavras más que acabaram levando Sigmundr à morte; essas palavras ninguém mais deveria proferir; do contrário, seria morto sem direito a compensação aquele que as pronunciasse. Ambos, Gunnarr e Njáll, falaram que nada haveria de lhes suceder que eles próprios não tratassem de resolver entre si. Assim fizeram desde então, e continuaram sempre amigos.

CAPÍTULO XLVI

Gizurr chamava-se um homem; ele era filho de Teitr, filho de Ketilbjörn, o Velho, de Mosfell. A mãe de Gizurr se chamava Álof e era filha do *hersir* Bǫðvarr, filho de Víkinga-Kári. Seu filho foi o bispo Ísleifr. A mãe de Teitr se chamava Helga e era filha de Þórðr Barba, filho de Hrappr, filho de Björn *Buna*. Gizurr, o Branco, morava em Mosfell e era um grande chefe.

Surge na história um homem de nome Geirr; ele era chamado Geirr Goði. Sua mãe se chamava Þorkatla e era filha de Ketilbjörn, o Velho, de Mosfell. Geirr morava em Hlíð. Ele e Gizurr apoiavam-se mutuamente em todos os casos legais.

Naquele tempo, Mǫrðr Valgarðsson morava em Hof, em Rangárvellir; ele era doloso e malevolente. Seu pai Valgarðr estava então no exterior, e sua mãe era morta. Ele invejava muito Gunnarr de Hlíðarendi. Era um homem bem abastado.

CAPÍTULO XLVII

Um homem chamava-se Otkell; ele era filho de Skarfr, filho de Hallkell; este lutou com Grímr em Grímsnes e matou-o num duelo; Hallkell e Ketilbjörn, o Velho, eram irmãos. Otkell morava em Kirkjubær. Sua mulher chamava-se Þorgerðr; ela era filha de Már, filho de Brøndólfr, filho de Naddaðr, o feroês. Otkell era rico em bens. Seu filho se chamava Þorgeirr; ele estava ainda na juventude e era um homem de muitas habilidades.

Um homem chamava-se Skammkell; ele morava em outro local, também chamado Hof; tinha bastantes bens. Ele era malevolente e mentiroso, arrogante e intratável. Era amigo de Otkell.

Hallkell chamava-se um irmão de Otkell; ele era um homem grande e forte, e morava lá com Otkell. O irmão deles se chamava Hallbjörn, o Branco. Ele trouxera à terra um escravo que se chamava Melkólfr; ele era irlandês e bastante malquisto. Hallbjörn foi passar um tempo com Otkell, e Melkólfr o acompanhou. O escravo costumava falar que ficaria alegre se Otkell o possuísse. Otkell tratou-o bem e deu-lhe uma faca e um cinto e vestes completas, e o escravo fazia tudo que ele desejasse. Otkell pediu para comprar o escravo de seu irmão; este respondeu que lhe daria o escravo, mas disse, entretanto, que se tratava de um presente pior do que ele supunha. E, tão logo Otkell obteve o escravo, este passou a fazer tudo pior. Otkell frequentemente falava para Hallbjörn, o Branco, que o escravo lhe parecia trabalhar pouco; ele lhe diz, porém, que há nele outros defeitos piores.

Naquele tempo houve uma estação ruim e grande fome, de modo que faltou feno e comida para as pessoas, e isso se deu em todos os distritos. Gunnarr distribuiu feno e comida para muitos homens, e todos que até ele fossem recebiam um pouco, enquanto ele tinha suprimentos. Até que também Gunnarr ficou desprovido de feno e comida. Então Gunnarr chamou Kolskeggr para partir consigo, e mais Þráinn Sigfússon e Lambi Sigurðarson. Eles foram até Kirkjubær e chamaram Otkell para fora; ele os saudou. Gunnarr recebeu bem seu cumprimento. “O que me traz até aqui,” diz Gunnarr, “é que desejo pedir para comprar de ti feno e comida, se houver disponível isso.” “Há aqui tanto um quanto outro,” diz Otkell, “mas não desejo vender nada disso a ti.” “Desejas dar-me então?” diz Gunnarr, “e arriscar para ver como te recompensarei?” “Não desejo fazê-lo,” diz Otkell. Skammkell era um mau conselheiro. Þráinn Sigfússon falou: “Seria cabido que nós pegássemos e estipulássemos um valor.” “Os homens de Mosfell devem estar completamente mortos,” diz Skammkell, “se vós, filhos de Sigfúss, pretendeis pilhá-los.” “Não desejo de modo algum pilhar,” diz

Gunnarr. “Desejas comprar de mim um escravo?” diz Otkell. “Não recusarei isso,” diz Gunnarr. Em seguida Gunnarr comprou o escravo e foi-se embora com isso feito.

Njáll tomou notícia disso e falou: “Foi uma má ação recusar a venda a Gunnarr; não há esperança de melhor sorte lá para os outros, se homens assim não sucederam.” “Por que tens de te preocupar tanto com isso?” diz Bergþóra, “e é uma ação muito mais garbosa compartilhar com ele comida e feno, já que a ti não falta nada disso.” Njáll falou: “Isso é a pura verdade, e hei de ajudá-lo com algo.” Subiu então sobre Þórólfsfell acompanhado de seus filhos, e eles carregaram quinze cavalos com feno e outros cinco com alimentos. Njáll chegou a Hlíðarendi e chamou Gunnarr para fora; Gunnarr cumprimentou-os bem. Njáll falou: “Aqui tens feno e comida que desejo dar-te. Desejo também que nunca vás pedir a outrem que não a mim, se precisares de algo.” “São bons os teus presentes,” diz Gunnarr, “mas de maior valor eu julgo ser a amizade tua e de teus filhos.” Em seguida, Njáll retornou para casa. Transcorre assim a primavera.

CAPÍTULO XLVIII

Gunnarr cavalga à assembleia no verão, mas em sua casa estivera hospedada muita gente vinda do leste, de Síða, e ele pediu a esses homens que lá ficassem hospedados quando cavalgassem embora da assembleia; eles disseram que assim fariam, e agora se vão cavalgando à assembleia. Njáll estava na assembleia junto com seus filhos. A assembleia transcorre tranquilamente. Agora há para se mencionar que Hallgerðr em Hlíðarendi dirige a palavra ao escravo Melkólfr: “Eu tenho uma missão para ti,” diz ela; “deverás ir a Kirkjubær.” “Que terei de fazer lá?” diz ele. “Roubarás de lá comida em dois cavalos e trarás manteiga e queijo, e deverás atear fogo ao galpão da despensa¹⁸⁰, e todos julgarão que o caso terá sido por descuido e ninguém pensará que houve um roubo.” O escravo falou: “Eu tenho sido mau, porém jamais fui um ladrão.” “Ora, não me digas!” diz ela, “tu te fazes de bom, sendo que já roubaste e já mataste, e não ousarás fazer mais nada senão ir lá, pois, do contrário, mandarei matar-te.” Ele julgou saber que ela assim faria caso ele não fosse; apanhou dois cavalos de noite e selou-os e foi a Kirkjubær. O cão não latiu para ele e o reconheceu e mostrou-se-lhe manso. Em seguida, ele foi até a despensa e abriu a porta e carregou os dois cavalos com alimentos, e

¹⁸⁰ *Útibúr*: trata-se de um galpão externo, adjacente à casa, onde se guardavam os mantimentos.

incendiou a despensa e matou o cão. Ele segue pela margem do rio Rangá, corrente acima; então o laço de seu calçado se solta, e ele apanha sua faca e faz os reparos; ele esquece no chão a faca e o cinto. Segue até que chega a Hlíðarendi; então se dá pela falta da faca e do cinto e não ousa retornar; leva agora os alimentos até Hallgerðr. Ela mostrou contentamento.

De manhã, quando as pessoas saíram de casa em Kirkjubær, viram o grande estrago; um homem então foi enviado até a assembleia para contar o ocorrido a Otkell, pois ele estava na assembleia. Ele reagiu bem à notícia do estrago, disse que a causa teria sido o fato de a cozinha ser anexa à despensa, e então todos julgaram que essa seria a causa.

Agora os homens partem da assembleia cavalgando, e muitos cavalgam até Hlíðarendi. Hallgerðr levou comida à mesa, e serviu também queijo e manteiga. Gunnarr sabia que não se poderia esperar por esses alimentos lá, e perguntou a Hallgerðr de onde vinha aquilo. “De onde tu podes bem comer,” diz ela, “afinal não é assunto para um homem preocupar-se com o preparo de alimentos.” Gunnarr enfureceu-se e falou: “A coisa vai mal se estou desfrutando de algo roubado,” – e dá-lhe um tapa no rosto. Ela disse que se lembraria daquele tapa e que o repagaria, se pudesse. Ela se retirou, e ele a acompanhou, e então tudo que estava na mesa foi recolhido e depois foi trazida carne, e todos julgaram que isso havia sido feito porque a carne fora obtida de maneira melhor. Partem agora os homens que vieram da assembleia.

CAPÍTULO XLIX

Agora há para se dizer sobre Skammkell que ele cavalga atrás de ovelhas subindo o curso do rio Rangá e vê algo reluzindo na trilha, e salta da montaria e recolhe aquilo, e era a faca e o cinto, e ele julga reconhecer ambos e leva-os consigo a Kirkjubær. Otkell está fora de casa e o cumprimenta bem. Skammkell falou: “Acaso reconheces estes pertences?” “Certamente os reconheço,” diz Otkell. “Quem os possui?” diz Skammkell. “O escravo Melkólfr,” diz Otkell. “Outros além de nós dois deverão reconhecer isto,” diz Skammkell, “pois hei ser-te um conselheiro fidedigno.” Eles mostraram os pertences a muitos, e todos os reconheceram. Então Skammkell falou: “Qual será teu plano agora?” Otkell respondeu: “Nós dois iremos agora ao encontro de Mǫrðr Valgarðsson e lhe exporemos isto.”

Em seguida vão-se até Hof e mostram os pertences a Mǫrðr e perguntam se ele os reconhece; Mǫrðr diz reconhecê-los, – “mas do que

se trata? Acaso julgais haver algo a reaver em Hlíðarendi?” “Parece-nos difícil levar isso adiante,” diz Skammkell, “uma vez que se tem de tratar com homens de tamanho poder.” “Certamente é o caso,” diz Mǫrðr, “contudo, pode ser que eu saiba algo do lar de Gunnarr que nenhum de vós dois saiba.” “Desejamos oferecer-te dinheiro,” dizem eles, “para que assumas este caso.” Mǫrðr falou: “Esse dinheiro será totalmente merecido, contudo pode ser que eu analise o caso.” Em seguida deram-lhe três marcos de prata para que ele lhes prestasse o auxílio. Ele decidiu que algumas mulheres deveriam partir levando consigo pequenos bens comerciáveis e que presentassem as senhoras das fazendas, para saber como elas foram recompensadas, – “porque todos têm a disposição de se livrar de algo que tenha sido roubado, caso o conservem consigo, e assim há de ser aqui, se o que se deu deve-se à ação de homens. Elas então deverão mostrar a mim tudo quanto lhes for dado em cada local. Desejo então estar liberado deste caso, se a coisa ficar esclarecida.” Tal foi o trato deles; retornaram então os dois para casa. E Mǫrðr enviou as mulheres pelo distrito, e elas permaneceram longe de casa por meio mês; então retornaram, e traziam consigo grandes fardos. Mǫrðr perguntou onde elas haviam recebido mais regalos. Elas disseram que foi em Hlíðarendi que receberam mais regalos, e que Hallgerðr se lhes portou do modo mais magnânimo. Ele pergunta o que lhes fora dado lá; elas disseram que lhes fora dado queijo lá. Ele pediu para vê-lo; elas lho mostraram, e eram muitas fatias; ele as tomou, e guardou-as. Pouco depois, foi-se ao encontro de Otkell; ordenou-lhe que pegasse a caixa de queijo de Þorgerðr, e assim foi feito; ele depositou dentro dela as fatias, e o queijo e a caixa combinaram¹⁸¹. Eles perceberam então que um queijo inteiro lhes fora regalado. Então falou Mǫrðr: “Agora podeis ver que Hallgerðr deve ter roubado o queijo.” Eles reuniram todas as provas; então Mǫrðr diz que se considera liberado do caso; separaram-se com isso.

Kolskeggr dirigiu a palavra a Gunnarr e falou: “Há algo ruim para contar: há rumores por toda parte de que Hallgerðr teria roubado e causado a eles aquele grande estrago que se deu em Kirkjubær.” Gunnarr disse que achava que assim teria sido, – “mas o que fazer agora?” Kolskeggr falou: “Tu serás tido como o mais próximo e obrigado a compensar por tua mulher, e julgo que o melhor que tens a fazer é ir ao encontro de Otkell e fazer-lhe uma boa oferta.” “Falaste bem,” diz Gunnarr, “e assim há de ser.” Pouco depois, Gunnarr mandou

¹⁸¹ A caixa se trata de uma espécie de molde, onde o queijo se talhara, e por isso o fato de as fatias combinarem com a caixa é a prova de que o queijo fora moldado naquela caixa.

que chamassem Þráinn Sigfússon e Lambi Sigurðarson, e eles vieram de imediato. Gunnarr lhes disse aonde pretendia ir; eles se manifestaram favoráveis a isso. Partem cavalgando, doze ao todo, e chegam a Kirkjubær e chamam para fora Otkell. Lá se encontrava Skammkell, e ele falou: “Irei para fora junto contigo, e é melhor ter a mente alerta; eu gostaria de estar do teu lado quando mais precisasses, tal qual será o caso agora. Parece-me aconselhável que te pronuncies de modo grandiloquente.” Em seguida eles saíram, Otkell e Skammkell, Hallkell e Hallbjörn; cumprimentaram Gunnarr; ele recebeu bem o cumprimento. Otkell pergunta-lhe aonde pretende ir. “Não além daqui,” diz Gunnarr, “e o propósito de minha vinda é dizer-te que aquela grande e horrível devastação que aqui se deu foi provocada por minha mulher e pelo escravo que comprei de ti.” “Isso era esperado,” diz Hallbjörn. Gunnarr falou: “Desejo agora oferecer-te bom reparo, e oferecer-te que os melhores homens neste distrito arbitrem.” Skammkell falou: “Essa oferta soa bem e é iníqua: tu és benquisto pelos fazendeiros, ao passo que Otkell não é bem-quisto.” “Oferecerei,” diz Gunnarr, “eu próprio dar o veredicto e encerrar o caso de imediato e oferecer minha amizade e pagar agora todo o dinheiro, e compensar-te-ei com o dobro.” Skammkell falou¹⁸²: “Essa oferta não aceitarás, e és ingênuo se pretendes conceder-lhe juízo próprio, sendo que tu deverias arbitrar.” Otkell falou: “Não desejo conceder-te juízo próprio, Gunnarr.” Gunnarr falou: “Percebo aqui o conselho de outro, que cedo ou tarde receberá sua paga, e então julga tu próprio.” Otkell olhou para Skammkell e falou: “O que hei de responder agora?” Skammkell falou: “Isso tu deverás dizer que é uma boa oferta, e confiar teu caso a Gizurr, o branco, e Geirr Goði; muitos dirão então que tu és igual a Hallkell, pai de teu pai, o qual foi o maior herói.” Otkell falou: “Essa é uma boa oferta, Gunnarr, mas desejo que me dês um prazo para que eu vá ao encontro de Gizurr, o branco, e Geirr Goði.” Gunnarr falou: “Faze agora conforme desejas. Mas alguns homes dirão que não foste capaz de ver tua honra, que não queres esta oferta que te fiz.” Gunnarr cavalga de volta para casa.

E, quando ele se fora, Hallbjörn tomou a palavra: “Vejo aqui a enorme diferença entre dois homens: Gunnarr te fez uma boa oferta, mas tu não desejaste aceitá-la. O que pretendes ganhar envolvendo-te numa rixa com Gunnarr, sendo que ninguém é páreo para ele? E, contudo, ele é tão grandioso que manterá de pé essa oferta, se tu

¹⁸² Para Otkell.

quiseres aceitá-la mais tarde. Parece-me aconselhável que te vás ao encontro de Gizurr, o branco, e Geirr Goði imediatamente.”

Otkell mandou que apanhassem seu cavalo e fez todos os preparativos. Otkell não enxergava com clareza. Skammkell acompanhou Otkell na partida. Ele falou para Otkell: “Espantou-me que teu irmão não tenha desejado assumir este afã por ti. Eu desejo oferecer-me para ir em teu lugar, que sei o quanto te será custosa a jornada.” “Aceito a oferta,” diz Otkell, “e mede as palavras da maneira mais correta.” “Assim será,” diz Skammkell. Tomou-lhe então o cavalo e as vestes¹⁸³, e Otkell caminha de volta para casa.

Hallbjørn estava do lado de fora e falou para Otkell: “É ruim ter num escravo o melhor amigo, e nós nos arrependemos por teres voltado para trás, e é uma ação estúpida enviar o maior mentiroso nessa missão da qual, bem se pode dizer, vidas dependem.” “Terias ficado com medo,” diz Otkell, “se Gunnarr tivesse brandido a alabarda, por isso estás assim.” “Não sei quem estará com mais medo então,” diz Hallbjørn, “mas terás para dizer que Gunnarr não perderá tempo em apontar sua alabarda se estiver enfurecido.” Otkell falou: “Todos vós sois covardes, menos Skammkell.” E então ambos se enfureceram.

CAPÍTULO L

Skammkell chegou a Mosfell e relatou toda a oferta a Gizurr. “Parece-me,” diz Gizurr, “que essa oferta foi muito boa. Mas por que ele não aceitou essa oferta?” “A principal razão,” diz Skammkell, “foi que todos desejavam buscar teu conselho, e ele pediu assim que tu decidisses, e isso será melhor para todos.” Skammkell passou lá a noite.

Gizurr enviou um homem para chamar Geirr Goði, e ele desceu¹⁸⁴ até lá cedo. Então Gizurr lhe diz: “Mas como queres agir agora?” “Conforme já terás aconselhado antes,” diz Geirr, “tratar deste caso do modo mais conveniente. Por ora peçamos a Skammkell que conte a história uma segunda vez para sabermos como ele a repetirá.” Assim fizeram. Gizurr falou: “Deves ter contado corretamente essa história, porém vi que és o mais vil dos homens, e a aparência não diz nada sobre o caráter, caso te proves bom.”

Skammkell retornou para casa e primeiro cavalga a Kirkjubær e chama Otkell para fora; ele cumprimenta bem Skammkell. Skammkell transmite-lhe os cumprimentos de Gizurr e Geirr; – mas quanto àquele caso, não é necessário falar baixo: é da vontade de Geirr Goði e Gizurr

¹⁸³ Trata-se do casaco de viagem.

¹⁸⁴ Desceu: veio de Hlið, local mais alto.

que não se faça conciliação nesse caso. Ele aconselhou que se realize uma jornada de intimação e que se intime Gunnarr pela fruição dos víveres e Hallgerðr pelo roubo.”¹⁸⁵ Otkell falou: “Será feito tudo exatamente como eles aconselharam.” “Pareceu-lhes mais importante nisso tudo,” diz Skammkell, “que te tenhas pronunciado de modo tão grandiloquente, e eu acabei por fazer de ti o maior homem em todos os aspectos.” E agora Otkell conta isso a seus irmãos. Hallbjörn falou: “Isso deve ser a maior mentira.”

Passa-se agora um tempo, até que chegam os últimos dias de intimação antes da assembleia geral¹⁸⁶. Otkell convocou seus irmãos e Skammkell para cavalgarem até Hlíðarendi numa jornada de intimação. Hallbjörn declarou que iria, mas disse que por essa jornada eles haveriam de se arrepender, – “depois que um tempo se passar.” Eles cavalgam agora, doze ao todo, rumo a Hlíðarendi. E, quando chegaram ao pasto, Gunnarr estava do lado de fora de casa e não se deu conta deles antes de chegarem bem junto à casa; ele então não caminha para dentro. Otkell imediatamente faz a intimação ressoar. E, depois que haviam pronunciado a intimação, Skammkell falou: “Está correto assim, fazendeiro?” “Vós o sabeis,” diz Gunnarr, “mas ainda hei de lembrar-te desta visita, Skammkell, em algum momento, e de teus conselhos.” “Isso não nos atingirá,” diz Skammkell, “conquanto a alabarda não seja alçada.” Gunnarr ficou furiosíssimo e caminhou para dentro de casa e relatou o que se dera a Kolskeggr. Kolskeggr falou: “Foi mau que não estávamos fora também: eles teriam levado daqui a maior desonra, se nós tivéssemos estado ao teu lado.” Gunnarr falou: “Tudo tem sua hora, mas esta vinda deles até aqui não lhes trará honra.”

Pouco mais tarde, Gunnarr partiu e relatou o sucedido a Njáll. Njáll falou: “Não te apoquentes, pois isso te trará a maior honra antes que esta assembleia se encerre. E nós todos estaremos do teu lado e te daremos auxílio e força.” Gunnarr lhe agradeceu e cavalgou de volta para casa.

Otkell cavalga para a assembleia, e junto dele vão seus irmãos e Skammkell.

CAPÍTULO LI

¹⁸⁵ A narrativa não fornece o juízo de Gizurr e Geirr sobre o caso, mas fica clara a posição destes (que já é facilmente inferível aqui) quando Geirr diz que se deve tratar o caso “do modo mais conveniente”, pois a oferta de Gunnarr havia sido excelente e irrecusável. Skammkell está claramente mentindo.

¹⁸⁶ Os últimos dias de intimação (*stefnudagar inir síðustu*) eram normalmente quatro semanas antes da assembleia.

Gunnarr cavalgou para a assembleia, e também todos os filhos de Sigfúss, Njáll e seus filhos; eles todos estiveram ao lado de Gunnarr, e foi dito que nenhum grupo lá seria tão irreduzível quanto eles.

Um dia Gunnarr caminhou até a tenda dos homens dos Vales. Hrútr estava junto à tenda, e também Høskuldr, e eles cumprimentaram bem Gunnarr. Gunnarr lhes relata toda a história sobre esse litígio. “Qual é o conselho de Njáll?” diz Hrútr. Gunnarr respondeu: “Ele me pediu que viesse ao encontro de vós, irmãos, e que vos dissesse que ele seria da mesma opinião que vós.” “Então ele deseja,” diz Hrútr, “que eu me pronuncie por conta dos laços de parentesco¹⁸⁷, e assim será. Tu desafiarás Gizurr, o Branco, a um duelo se eles não te oferecerem juízo próprio, e Kolskeggr desafiará Geirr Goði; e serão providenciados homens para enfrentarem Otkell e os seus, e nós temos um grupo tão numeroso juntos, de modo a poderes realizar o que bem desejares.” Gunnarr retorna à sua tenda e conta isso a Njáll.

Úlfr *aAurgóði* tomou conhecimento desses planos e relatou-os a Gizurr. Gizurr falou para Otkell: “Quem foi que te deu o conselho de que deverias intimar Gunnarr?” “Skammkell me disse que esse foi o plano que tu e Geirr Goði lhe destes,” diz Otkell. “Mas onde está esse patife,” diz Gizurr, “que contou essa mentira?” “Ele está deitado enfermo em nossa tenda,” diz Otkell. “E que nunca mais se levante de lá,” diz Gizurr; “mas agora nós todos caminharemos ao encontro de Gunnarr e lhe ofereceremos juízo próprio; e eu não sei se ele desejará aceitá-lo agora.”

Muita gente reprovou Skammkell, e ele permaneceu deitado durante toda a assembleia.

Gizurr e os seus foram até a tenda de Gunnarr. Sua visita foi anunciada, e isso foi dito a Gunnarr dentro da tenda; eles todos saíram e se puseram em formação. Gizurr, o Branco, avançou primeiro; em seguida ele falou: “Nossa oferta,” diz Gizurr, “é que tu próprio, Gunnarr, julgues este caso.” “Isso é bem diferente do teu conselho para que eu fosse intimado,” diz Gunnarr. “Eu não aconselhei isso,” diz Gizurr, “nem eu nem Geirr.” “Então desejarás convencer-me bem disso,” diz Gunnarr. “Que pedes?” diz Gizurr. “Peço que pronuncies um juramento,” diz Gunnarr. “Se eu estiver disposto a fazê-lo,” diz Gizurr, “estarás disposto a aceitar o juízo próprio?” “É isso que propus antes,” diz Gunnarr, “mas agora me parece haver mais para julgar.”¹⁸⁸ Njáll

¹⁸⁷ Hrútr é tio de Hallgerðr, cf. cap. I.

¹⁸⁸ Sveinsson observa: “O caso aqui é que a intimação se somou à situação desde que Gunnarr ofereceu juízo próprio a Otkell.”

falou: “Não se deve recusar o juízo próprio, que há mais honra para se obter porquanto o caso é maior.” Gunnarr falou: “Farei a vontade de meus amigos e julgarei o caso. Mas aconselho Otkell a não me perturbar mais doravante.” Então Hǫskuldr e Hrútr foram chamados, e eles compareceram ali. Gizurr então pronunciou o juramento, e também Geirr Goði, e Gunnarr estipulou a sentença e não se aconselhou com ninguém, e depois anunciou a sentença. “A minha sentença,” diz ele, “é que eu pague pelo valor da casa e dos mantimentos que havia dentro dela. Mas pelo escravo não desejo pagar-te nenhuma compensação, uma vez que me ocultaste o defeito dele, e dou-o em tuas mãos, pois as orelhas são mais dignas de ficar onde cresceram. Avalio que me intimastes para humilhar-me, e por conta disso estipulo para vós uma pena não menor do que o valor daqueles mantimentos, da casa e do que dentro dela queimou. Mas se vos parece melhor que permaneçamos sem conciliação, eu dou também essa alternativa, mas já me decidi quanto ao que fazer neste caso,” diz ele, “e hei de realizar isso então.” Gizurr responde: “Nós queremos que tu nada pagues, mas uma coisa pedimos: que tu sejas amigo de Otkell.” “Isso não acontecerá jamais,” diz Gunnarr, “enquanto eu viver, e ele pode ter a amizade de Skammkell; ele lhe vem dando ouvidos há tempos.” Gizurr responde: “Não obstante, desejamos agora encerrar o caso, ainda que decidas sozinho os termos.” Todos então entraram em termos e apertaram as mãos. Gunnarr falou para Otkell: “É mais aconselhável que vás para junto de teus parentes. Mas se desejas permanecer lá no distrito, não me causes perturbações.” Gizurr falou: “Isso é um bom conselho, e ele assim fará.” Gunnarr obteve muita honra deste caso. Depois, os homens partiram cavalgando da assembleia. Gunnarr permanece agora em sua fazenda, e as coisas ficam calmas por um tempo.

CAPÍTULO LII

Um homem se chamava Runólfr, filho de Úlfr *Aurgoði*; ele morava em Dalr, a leste de Markarfljót. Ele hospedou Otkell, quando este cavalgava da assembleia para casa. Otkell lhe deu um boi todo preto, de nove invernos de idade. Runólfr lhe agradeceu o presente e, quando ele desejou partir, convidou-o a visitá-lo, e esse convite permaneceu de pé por um tempo, sem que ele fosse lá. Runólfr enviava homens até ele com frequência e o lembrava de que viesse, e ele sempre prometia que iria. Otkell possuía dois cavalos pardos com faixas pretas no lombo; eram os melhores cavalos de montaria no distrito, e tão afeitos um ao outro que um corria atrás do outro.

Um homem do leste¹⁸⁹ estava hospedado com Otkell, de nome Auðólfir; ele se apaixonou por Signý, filha de Otkell. Auðólfir era um homem de grande estatura e forte.

CAPÍTULO LIII

Foi na primavera que Otkell falou que eles cavalgariam para leste até Dalr, atendendo ao convite, e todos se manifestaram favoráveis a isso. Skammkell partiu junto com Otkell e também seus dois irmãos, Auðólfir e mais três outros homens. Otkell ia montado em um dos cavalos pardos com faixa preta no lombo, e o outro corria solto ao seu lado. Eles se voltam para leste, em direção a Markarfljót; ele corre à frente de Otkell. Ambos os cavalos se excitam e correm além da via, subindo em direção a Fljótshlíð; Otkell avança agora mais do que desejava.

Gunnarr saía só de sua casa e levava um cesto com sementes de trigo em uma mão e um machadinho na outra. Ele caminha até seu campo de semeadura e semeia trigo lá, e pôs no chão ao seu lado seu manto de tecido nobre e o machadinho, e põe-se agora a semear o trigo.

Agora há para se contar acerca de Otkell que ele cavalga mais do que desejava. Ele tem esporas nos pés, e chega a galope sobre o campo de semeadura, e Gunnarr e ele não veem um ao outro. E, bem quando Gunnarr se põe de pé, Otkell passa cavalgando sobre ele e atinge a espora na orelha de Gunnarr, e um corte profundo se abre e sangra muito no ato. Então chegam lá cavalgando os companheiros de Otkell. “Todos vós podeis ver,” diz Gunnarr, “que tu me fizeste sangrar, e isso é aviltante: primeiro me intimaste, e agora vens pisotear-me atropelando-me com o cavalo.” Skammkell falou: “Foi bem feito, mas tu não estavas menos furioso na assembleia, quando tinhas em mãos a alabarda.” Gunnarr falou: “Quando nos encontrarmos da próxima vez, tu verás a alabarda.” Em seguida eles se separam. Skammkell deu um berro e falou: “Galopais com vigor, mancebos.”

Gunnarr caminhou de volta para casa e não mencionou o ocorrido a nenhuma pessoa, e ninguém julgou que aquilo teria sido causado por ação de gente. Certa vez aconteceu que ele contou para Kolskeggr, seu irmão. Kolskeggr falou: “Deves contar isso a mais homens, para que depois não seja dito que tu acusas homens mortos, pois poderás ser contradito caso não haja testemunhas que asseverem o que se deu entre vós.” Gunnarr relatou o incidente a seus vizinhos, e num primeiro momento houve poucos rumores a respeito disso.

¹⁸⁹ I.e., norueguês.

Otkell chega a Dalr, a leste, e é feita para eles boa recepção lá, e eles permanecem lá por uma semana. Otkell contou a Runólfr tudo quanto se dera entre ele e Gunnarr. Um homem perguntou como Gunnarr reagira. Skammkell falou: “Poder-se-ia dizer, caso o homem não fosse nobre, que ele chorou.” “É mau falar desse modo,” diz Runólfr, “e tu terás para dizer, da próxima vez que vos encontrardes, que ele não tem nada de chorão em seu temperamento; e estaria bem se homens melhores não tivessem que pagar por tua maldade. Parece-me agora mais aconselhável que eu vos acompanhe quando desejardes retornar para casa, pois Gunnarr não desejará fazer mal a mim.” “Não desejo assim,” diz Otkell, “e nós cavalgaremos mais para baixo, junto ao rio.” Runólfr lhe regalou bons presente e disse que não os veria mais. Otkell pediu-lhe que se lembrasse de seu filho, caso assim se desse.

CAPÍTULO LIV

Agora há para se contar que, em Hlíðarendi, Gunnarr está fora de casa e vê seu pastor correndo em direção ao cercado; o pastor cavalgava para casa no campo. Gunnarr perguntou: “Por que cavalgas tão apressadamente?” “Queria mostrar-me fiel a ti,” diz ele; “eu vi homens descendo junto ao rio Markarfljót, oito ao todo, e quatro estavam trajados com roupas coloridas.” Gunnarr falou: “Lá estará Otkell.” “Já ouvi com frequência,” diz o pastor, “muitas palavras de provocação deles, que Skammkell disse em Dalr, a leste, que tu choraste quando eles galoparam sobre ti, e eu te digo isso porque me parece ruim o que homens pérfidos dizem.” “Não temos de ser sensíveis às palavras,” diz Gunnarr, “mas doravante só terás de te ocupar com os trabalhos que te aprouverem.” “Devo ir dizer disso a teu irmão Kolskeggr?” diz o pastor. “Vai dormir,” diz Gunnarr, “eu direi a Kolskeggr.” O mancebo foi deitar-se para dormir imediatamente.

Gunnarr apanhou o cavalo do pastor e selou-o com sua sela; apanhou seu escudo e cingiu-se com a espada Presente-de-Ölvir¹⁹⁰, colocou o elmo na cabeça, apanhou a alabarda, e ela cantou alto, e Rannveig, sua mãe, ouviu-o. Ela se lhe achegou e falou: “Estás enfurecido agora, meu filho, e nunca te vi assim antes.” Gunnarr caminhou para fora e cravou no solo a alabarda e saltou sobre a sela e partiu galopando. Rannveig entrou na sala; havia lá grande clamor. “Falais alto,” diz ela, “contudo mais alto soou a alabarda, quando Gunnarr saiu.” Kolskeggr ouviu-a e disse: “Isso não significará pouca coisa.” “Está bem assim,” diz Hallgerðr; “agora eles averiguarão se ele

¹⁹⁰ Cf. Cap. XXX.

lhes fugirá chorando.” Kolskeggr apanha suas armas e procura por um cavalo e parte atrás dele cavalgando tão rápido quanto consegue.

Gunnarr cavalga através de Akratunga e então até Geilastofnar e de lá segue até o rio Rangá, e desce até o vau de Hof. Havia lá mulheres ordenhando. Gunnarr saltou de seu cavalo e o amarrou. Então vieram aqueles cavalgando em sua direção. Havia blocos de barro seco no caminho ao longo do vau. Gunnarr falou para eles: “Agora é hora de se defender: aqui está a alabarda. Podeis então todos vós averiguar se eu chorarei diante de vós.” Eles todos então saltaram das montarias e avançaram contra Gunnarr. Hallbjörn ia à frente. “Não me ataques tu,” diz Gunnarr; “a ti eu desejava menos lesar, mas não pouparei ninguém se tiver de defender-me.” “Não há nada a fazer,” diz Hallbjörn; “tu desejarás, não obstante, matar meu irmão, e será vergonhoso se eu quedar-me sentado a observar;” – e atirou contra Gunnarr com ambas as mãos uma grande lança. Gunnarr atirou o escudo à sua frente, e Hallbjörn acertou o escudo, trespassando-o. Gunnarr atirou tão abruptamente o escudo ao solo que ele se enterrou e ficou cravado na terra, e sacou sua espada tão rapidamente que não se poderia fixar nele o olho, e golpeou com a espada, e ela deu na mão de Hallbjörn acima do pulso, decepando-a. Skammkell saltou sobre as costas de Gunnarr e golpeou-o com um grande machado. Gunnarr virou-se rapidamente em sua direção e acertou com a alabarda a parte interna da curva do machado, e ele foi arremessado da sua mão ao rio Rangá. Gunnarr golpeia uma segunda vez com a alabarda e trespassa Skammkell e o mata, arremessando-o de cabeça sobre a trilha de lama. Auðólfir apanhou a lança e atirou-a contra Gunnarr; ele agarrou-a no ar e atirou-a de volta imediatamente, e ela voou através do escudo e do homem do leste e aterrissou no campo. Otkell golpeia com a espada contra Gunnarr, e almeja acertar-lhe as pernas abaixo do joelho; Gunnarr deu um salto, e ele errou o golpe. Gunnarr golpeia-o com a alabarda e o trespassa. Então chega ao local Kolskeggr e corre sobre Hallkell imediatamente e lhe desfere o golpe mortal com o espadim¹⁹¹. Eles matam lá os oito então.

Uma mulher que via correu para casa e fez o relato a Mjörðr e pediu-lhe que os separasse. “Eles ficarão a sós,” diz ele, “que não me importa caso sejam mortos.” “Não terás quisto dizer isso,” diz ela; “entre eles devem estar Gunnarr, teu parente, e Otkell, teu amigo.” “Tu estás sempre a tagarelar, miserável,” diz ele; e permaneceu dentro de casa enquanto aqueles lutavam.

¹⁹¹ Cf. Cap XXX, quando Kolskeggr obtém o espadim na batalha contra os viquingues.

Gunnarr cavalgou de volta para casa junto com Kolskeggr após este ato, e eles galopam vigorosamente ao longo da ribanceira, e Gunnarr salta da montaria e cai de pé no solo. Kolskeggr falou: “Galopas vigorosamente agora, irmão.” Gunnarr falou: “Skammkell usou essas palavras quando eu falei assim: ‘pisoteastes-me atropelando-me com o cavalo’.” “Já vingaste isso,” diz Kolskeggr. “Sei lá eu,” diz Gunnarr, “se acaso sou menos bravo do que outros homens, que a mim, mais que aos outros homens, parece-me pesado matar homens.”

CAPÍTULO LV

E agora essas notícias se espalharam, e muitos comentaram que isso não fora levado a cabo antes do que se esperaria. Gunnarr cavalgou até Bergþórshváll e contou a Njáll sobre esse ato. Njáll falou: “Praticaste um ato grave, sendo que havias sido muito provocado.” “Que acontecerá depois disso?” diz Gunnarr. “Desejas que eu te conte,” diz Njáll, “o que ainda não sucedeu? Tu cavalgarás para a assembleia e gozarás de meus conselhos e terás desta situação a maior honra. Aqui começa tua sequência de matanças.” “Dá-me algum bom conselho,” diz Gunnarr. “Fá-lo-ei,” diz Njáll; “nunca mates numa mesma estirpe mais do que uma vez e nunca quebres conciliações que bons homens fizeram entre ti e outros, e em especial neste caso.” Gunnarr falou: “Eu julgaria que haveria mais risco que outros o fizessem do que eu.” “Assim pode vir a ser,” diz Njáll, “não obstante, debes pensar em teu caso, se isso ocorrer, que então terás pouco tempo de vida pela frente, mas, do contrário, tu poderás tornar-te um homem velho.” Gunnarr falou: “Tu sabes o que causará a tua morte?” “Eu sei,” diz Njáll. “Que?” diz Gunnarr. “Algo pelo que todos menos esperam,” diz Njáll. Depois Gunnarr cavalgou de volta para casa.

Foi enviado um homem até Gizurr, o Branco, e Geirr Goði, pois a estes caberia conduzir o caso por Otkell. Eles então se encontraram e conversaram sobre como se haveria de proceder. Acabaram por concordar que se trataria do caso num litígio legal. Questionou-se então quem desejaria assumi-lo, mas nenhum estava pronto para isso. “Eu creio,” diz Gizurr, “que estamos diante de duas alternativas: ou um de nós conduz o caso, e nós dois então teríamos de tirar a sorte, ou, do contrário, a morte do homem ficará sem compensação. Podemos também estar certos de que esse caso será difícil de tratar: Gunnarr tem muitos parentes e amigos; mas aquele de nós dois que não for sorteado deverá cavalgar também junto e de modo

algun deixar de estar ao lado até que a contenda tenha seu desfecho.” Em seguida fizeram o sorteio, e coube a Geirr Goði conduzir o caso.

Pouco mais tarde, eles cavalgaram para o lado leste do rio e chegaram ao local onde ocorrera a batalha junto ao rio Rangá, e desenterraram os corpos e nomearam testemunhas para os ferimentos. Depois fizeram a descrição e convocaram nove fazendeiros como testemunhas. Foi-lhes dito que Gunnarr estava em casa com trinta homens. Geirr Goði perguntou então se Gizurr desejava cavalgar até lá com cem homens. “Não desejo fazê-lo,” diz ele, “a despeito da diferença de número.” Cavalgaram então de volta para casa. A preparação deste caso fez-se notícia em todos os distritos, e comentava-se que a assembleia haveria de ser muito tumultuada.

CAPÍTULO LVI

Um homem chamava-se Skapti; ele era filho de Þóroddr. A mãe de Þóroddr foi Þórvǫr; ela foi filha de Þormóðr *Skapti*, filho de Óleifr, o Largo, filho de Qlvir, o Homem-das-Crianças¹⁹². Skapti e seu pai eram grandes chefes e grandes juriconsultos. Þóroddr era tido como algo maldoso e ardiloso. Eles davam apoio a Gizurr, o Branco, em todos os casos.

As gentes de Fljótslíð e do rio Rangá agruparam-se em grande número para a assembleia. Gunnarr era tão popular que todos concordaram em segui-lo. Chegam todos agora à assembleia e montam suas tendas. Em aliança com Gizurr, o Branco, estavam estes chefes: Skapti e Þóroddr, Ásgrímr Elliða-Grímsson, Oddr de Kjaðaberg, Halldórr Qrnólfsson.

E assim, certo dia, os homens vão à rocha da lei. Pôs-se de pé então Geirr Goði e anunciou a acusação contra Gunnarr pelo homicídio de Hallbjörn, o Branco, então pelo homicídio de Auðólfr, então pelo homicídio de Skammkell. Então anunciou a acusação contra Kolskeggr pelo homicídio de Hallkell. E, depois que havia anunciado todas as acusações de homicídio, comentou-se que ele se pronunciara bem. Ele perguntou acerca da assembleia distrital e o local de morada. Depois os homens deixaram a rocha da lei.

E assim transcorre a assembleia até que chega o momento em que os tribunais se devem apresentar para o julgamento; então ambas as partes reúnem seus respectivos grupos. Geirr Goði e Gizurr, o Branco,

¹⁹² “Ele foi um grande viquingue; não deixava que se atrassem crianças nas pontas das lanças, como era então o costume entre os viquingues; por isso ele foi chamado de homem-das-crianças.” (Landnámabók, 41)

posicionaram-se ao sul do tribunal do rio Rangá; Gunnarr e Njáll posicionaram-se ao norte do tribunal. Geirr Goði solicitou que Gunnarr ouvisse seu juramento; em seguida proferiu o juramento; depois disso anunciou a acusação; então mandou que se lhe desse atestação ao anúncio; então mandou que convidassem os vizinhos a se abancarem; então pediu que se desafiasse o júri; então pediu que se pronunciasse o veredito. Então os fazendeiros que haviam sido escolhidos caminharam ao tribunal e nomearam testemunhas e declararam haver um obstáculo à acusação referente a Auðólfr, porquanto o defensor responsável deste encontrava-se na Noruega e eles não poderiam tratar do caso. Depois disso anunciaram o veredito do caso de Otkell, e anunciaram Gunnarr culpado da acusação. Depois disso, Geirr Goði pediu que Gunnarr procedesse com sua defesa e nomeou testemunhas para todos os procedimentos legais que se haviam feito.

Gunnarr, por sua vez, solicitou que Geirr Goði ouvisse seu juramento e a defesa que tinha para apresentar referente ao caso; então pronunciou o juramento. Gunnarr falou: “A defesa que apresento contra essa acusação é que nomeei testemunhas e dessagrei¹⁹³ Otkell diante de fazendeiros por conta daquela chaga sangrenta que Otkell me aplicou ao ferir-me com sua espada. Mas refuto tua acusação, Geirr Goði, e veto-te o direito a conduzir este caso e também aos jurados de julgá-lo, e desvalido com isso toda a tua acusação. Declaro o caso legalmente inválido, indubitavelmente inválido, total e absolutamente, de acordo com o direito que me é dado pela assembleia e pelas leis públicas. Dirte-ei, ademais, sobre meus próximos procedimentos,” diz Gunnarr. “Tu provavelmente agora,” diz Geirr, “me desafiarás a um duelo, conforme te é habitual, e não te submeterás às leis.” “Não o farei,” diz Gunnarr; “eu te intimarei na rocha da lei pelo fato de teres proferido o veredito referente ao homicídio de Auðólfr, que não poderia ter sido levantado neste caso, e declaro-te merecedor da pena de três anos de proscricção.” Njáll falou: “Isto não pode continuar deste modo, pois a disputa será muito acirrada; ambas as partes aqui têm muitos argumentos, como me parece. Há alguns homicídios pelos quais não te poderás esquivar de seres declarado culpado; e produziste uma acusação contra ele pela qual ele também será culpado. E tu, Geirr *Goði*, deves saber que ainda não foi lançada aquela acusação de proscricção que pende contra ti, e ela não permanecerá guardada se não estiveres disposto a fazer como eu disser.” O goði Þóroddr falou: “Parece-nos que será mais pacífico que se chegue a uma conciliação neste caso, mas por que tens tão pouco a

¹⁹³ Gunnarr rogara a si o direito de matar Otkell, sem que o homicídio lhe acarretasse pena.

dizer, Gizurr, o Branco?” “Parece-me,” diz Gizurr, “que obstáculos fortes se contraporão ao nosso caso; pode-se ver também que os amigos de Gunnarr o amparam de perto, e o melhor que temos a fazer no caso é permitir que homens bons arbitrem, se isso for da vontade de Gunnarr.” “Eu sempre fui ávido por conciliações,” diz Gunnarr, “e, ainda que tenhais muito a reivindicar, eu fui muito provocado.” Chegou-se então a um desfecho no caso com o conselho dos mais sábios homens, e o caso seria arbitrado; seis homens o arbitriariam. O caso então foi imediatamente arbitrado na assembleia. Sentenciou-se que Skammkell ficaria sem compensação, sendo seu valor de homem equiparado ao ferimento com a espada, mas os demais homicídios foram compensados conforme se julgou que valiam, e os amigos de Gunnarr deram dinheiro para tal, de modo que todos os homicídios foram imediatamente pagos na assembleia. Então Geirr *Goði* e Gizurr, o Branco, caminharam até Gunnarr e lhe concederam concórdia. Gunnarr cavalgou de volta para casa da assembleia e agradeceu aos homens pelo auxílio e a muitos deu presentes e obteve com o desfecho a maior honra. Permanece Gunnarr em casa gozando sua honra.

CAPÍTULO LVII

Um homem chamava-se Starkaðr; ele era filho de Þorkr Barba-do-dente-azul, filho de Þorkell Pé-amarrado, o qual tomara as terras em torno de Þríhyrningr. Era um homem casado e sua mulher se chamava Hallbera; ela era filha de Hróaldr o vermelho e de Hildigunnr, filha de Þorsteinn *tittlingr*; a mãe de Hildigunnr foi Unnr, filha de Eyvindr *karfi* e irmã de Móðólfr o previdente, de que descende a gente de Móðólfr. Filhos de Starkaðr e Hallbera foram Þorgeirr e Þorkr e Þorkell; Hildigunnr, a médica, era irmã deles. Eram homens muito arrogantes no temperamento, duros e intratáveis. Eles se apropriavam das posses das pessoas.

CAPÍTULO LVIII

Um homem chamava-se Egill; ele era filho de Kolr, filho de Óttarr bola, o qual tomara as terras entre Stotalækr e Reyðarvatn. Irmão de Egill era Önundr de Tröllaskógr, pai de Halli, o Forte, que participou do homicídio de Holta-Þórir junto com os filhos de Ketill Fala-Mansa. Egill morava em Sandagil. Seus filhos eram Kolr e Óttarr e Haukr; a mãe deles era Steinvör, irmã de Starkaðr. Os filhos de Egill eram homens grandes e impetuosos e agiam do modo mais injusto; estavam

sempre de acordo com os filhos de Starkaðr. A irmã deles era Guðrún Sol-da-Noite, a mais cortês das mulheres.

Egill acolhera dois homens do leste; um deles chamava-se Þórir, o outro Þorgrímr; era a primeira vez que eles vinham para cá¹⁹⁴, eram bem-quistos e abastados; eram bons lidadores e valentes em tudo.

Starkaðr possuía um bom cavalo, de cor vermelha, e parecia a eles que nenhum cavalo seria páreo para este na briga. Certa vez, quando os irmãos de Sandgil se encontravam em Þríhyrningr, acontecia de eles todos terem uma grande conversa sobre todos os fazendeiros de Fljótshlíð, até que, por fim, perguntaram-se se algum desejaria fazer uma luta de cavalos com eles, mas houve homens que lhes disseram, para exaltá-los e adulá-los, que não só ninguém ousaria fazer briga de cavalos contra eles, como, por isso mesmo, ninguém possuiria semelhante cavalo. Então Hildigunnr respondeu: “Eu sei de um homem que estará desejoso de travar uma briga de cavalos convosco.” “Dizem-nos o nome dele,” dizem eles. Ela diz: “Gunnarr de Hlíðarendi possui um cavalo marrom, e ele estará desejoso de fazer a briga convosco, e também com todos mais.” “Vós mulheres julgais,” dizem eles, “que ninguém há de ser páreo para ele, e conquanto Geirr Goði e Gizurr, o Branco, tenham sofrido grande avilte dele, isso não significa que o mesmo tenha de se dar conosco.” “Convosco dar-se-á ainda pior,” diz ela, e, a partir disso, surgiu entre eles a maior altercação. Starkaðr falou: “Gunnarr é o homem com quem eu menos desejaria que vós vos envolvêsseis, pois vos será difícil enfrentar a sua boa dita.” “Tu nos permitirás,” dizem eles, “desafiá-lo a uma briga de cavalos.” “Permitirei,” diz ele, “se não lhe fizerdes nenhuma trapaça.” Eles disseram que assim haveria de ser.

Cavalgam agora até Hlíðarendi. Gunnarr estava em casa e veio para fora; Kolskeggr saiu de casa junto com ele, e também Hjórttr, seu irmão, e os cumprimentaram bem e perguntaram-lhes aonde pretendiam ir. “Não além daqui,” dizem eles; “foi-nos dito que tu tens um bom cavalo, e desejamos desafiar-te a uma briga de cavalos.” Gunnarr responde: “Poucas histórias podem correr por aí acerca de meu cavalo; ele é novo e ainda em nada provado.” “Dar-lhe-ás a chance de brigar,” dizem eles, “e Hildigunnr achava que tu estivesses bem com este cavalo.” “Por que falastes disso?” diz Gunnarr. “Uns homens,” dizem eles, “falaram que ninguém ousaria incitar um cavalo à briga contra o nosso cavalo.” “Eu ousarei fazê-lo,” diz Gunnarr, “mas isso me parece

¹⁹⁴ út hingat: para cá fora, ou seja, para a Islândia (a enunciação do narrador é feita do ponto de vista de quem se encontra na Islândia).

que foi dito com más intenções.” “Havemos então aceitar isso como um sim?” dizem eles. “A vossa visita ser-vos-á melhor,” diz Gunnarr, “se isso se der conforme desejais; entretanto, desejo pedir-vos que tenhamos nossa briga de cavalos de modo a divertirmos aos outros, mas que nenhum problema causemos uns aos outros, e que vós não me causeis nenhuma vergonha. Caso façais comigo conforme aos demais, não haverá outra alternativa para mim senão voltar-me contra vós de tal modo que vos parecerá duro de suportar. Farei depois conforme tiverdes feito antes.”

Eles então cavalgam de volta para casa. Starkaðr perguntou como lhes sucedera. Eles disseram que Gunnarr fez com que sua jornada tivesse um bom desfecho; – “ele prometeu colocar seu cavalo para brigar, e nós estipulamos quando a briga de cavalos deverá realizar-se. Ficou em tudo claro que ele se sentiu em desvantagem com relação a nós, e ele se esquivava.” “Ver-se-á em breve,” diz Hildigunnr, “que Gunnarr custa a comprar problemas, mas é firme caso não possa evitá-los.”

Gunnarr cavalgou ao encontro de Njáll e contou-lhe sobre a briga de cavalos e como se dera entre eles – “mas o que tu julgas que será desta briga de cavalos?” “Tu te sairás por cima,” diz Njáll, “porém dela resultará a morte de muitos homens.” “Será que a minha morte resultará disso?” diz Gunnarr. “Não será disso,” diz Njáll, “porém eles se recordarão desta antiga inimizade e te trarão uma nova; e não poderás fazer nada senão reagir.” Gunnarr cavalgou para casa então.

CAPÍTULO LIX

Então Gunnarr tomou notícia da morte de Høskuldr, seu sogro. Poucas noites depois, Þorgerðr de Gjrótá, mulher de Þráinn, deu à luz, e nasceu um menino. Ela então enviou um homem até sua mãe e pediu que ela escolhesse se o nome haveria de ser Glúmr ou Høskuldr. Ela mandou que se lhe desse o nome de Høskuldr; e este nome foi então dado ao menino.

Gunnarr e Hallgerðr tinham dois filhos; um chamava-se Høgni, o outro Grani. Høgni era um homem habilidoso e taciturno, incrédulo e verdadeiro.

Cavalgam agora os homens para a briga de cavalos, e ajunta-se uma grande multidão lá; estavam lá Gunnarr e seus irmãos e os filhos de Sigfúss, Njáll e seus filhos todos. Compareceram lá Starkaðr e seus filhos, Egill e seus filhos; eles falaram para Gunnarr que conduziriam os cavalos um para junto do outro. Gunnarr respondeu que assim estaria

bem. Skarpheðinn falou: “Desejas que eu guie o teu cavalo, meu irmão¹⁹⁵ Gunnarr?” “Não desejo que o faças,” diz Gunnarr. “Assim melhor caberia,” diz Skarpheðinn; “tanto eu quanto eles somos impetuosos.” “Não falareis,” diz Gunnarr, “nem fareis muito antes que surja problema, mas comigo tardará mais, ainda que, no final, resulte no mesmo.” Em seguida os garanhões foram levados um para junto do outro; Gunnarr aprontou-se para guia-lo, ao passo que Skarpheðinn conduziu à frente o cavalo. Gunnarr trajava um casaco vermelho e estava cingido com um cinto de prata largo; segurava um bastão na mão. Em seguida os cavalos correm um sobre o outro e mordem um ao outro por um longo tempo sem que fosse preciso contê-los, e fez-se a maior diversão.

Então Þorgeirr e Kolr combinaram de empurrar seu cavalo da próxima vez que os cavalos investissem um contra o outro, para ver se Gunnarr cairia à frente. Agora os cavalos se atacam, e Þorgeirr e Kolr correm sobre a traseira do cavalo. Gunnarr empurra o seu cavalo na direção oposta, e acontece rapidamente de Þorgeirr e Kolr caírem ambos para trás, e o cavalo sobre eles. Então eles se põem de pé sobressaltados e investem contra Gunnarr; Gunnarr se esquiva para baixo e agarra Kolr e o lança ao solo, de modo que ele jaz desacordado. Þorgeirr Starkaðarson acertou o cavalo de Gunnarr de tal modo que um dos seus olhos saiu para fora da órbita. Gunnarr acertou Þorgeirr com o bastão; Þorgeirr tomba desacordado. Gunnarr foi até seu cavalo e falou para Kolskeggr: “Sacrifica o cavalo, ele não há de viver assim lesado.” Kolskeggr sacrificou o cavalo. Então Þorgeirr pôs-se de pé e apanhou suas armas e quis atacar Gunnarr, mas foi impedido de fazê-lo, e fez-se uma grande aglomeração. Skarpheðinn falou: “Essa balbúrdia me aborrece, e é muito mais digno de homens lutar com armas.” Gunnarr estava quieto, de modo que um homem o segurava, e não disse uma palavra que se pudesse condenar. Njáll buscou uma conciliação ou pacificação. Þorgeirr disse não estar disposto nem a conceder nem a receber pacificação, declarou que antes desejaria ver Gunnarr morto por conta do golpe. Kolskeggr falou: “Gunnarr sempre se manteve mais firme de modo a meras palavras não o derrubarem, e assim será agora.” Agora os homens partem cavalgando da briga de cavalos, cada um rumo à sua casa. Eles não travam nenhum ataque contra Gunnarr. Passam-se assim aquelas estações.

Na assembleia, na primavera, Gunnarr encontrou Óláfr Pavão, seu cunhado, e Óláfr Pavão convidou-o a visitá-lo em sua casa, mas

¹⁹⁵ Meu irmão (“parente”: frændi): Uso metafórico.

pediu-lhe que, não obstante, permanecesse alerta, – “pois eles nos farão todo o mal que puderem, e anda sempre na companhia de muitos homens.” Ele lhe deu muitos conselhos valiosos, e os dois declararam a maior amizade entre si.

CAPÍTULO LX

Ásgrímr Elliða-Grímsson tinha um caso a tratar na assembleia; era um caso referente a uma herança. Quem deveria responder à acusação era Úlfr Uggason. Ásgrímr procedeu de tal modo, como pouco soía, que seu caso deu margem para defesa; o ponto para a defesa era que ele nomeara cinco vizinhos, sendo que ele tinha nove; e agora eles tomam isso como defesa. Gunnarr falou: “Eu te desafiarei a um duelo, Úlfr Uggason, se os homens não receberem de ti o correto; e Njáll esperaria, e Helgi, meu amigo, que eu pronunciasse algo em defesa de teu caso, Ásgrímr, se eles aqui não se encontrassem.” “Este meu caso não te diz respeito,” diz Úlfr. “Dá no mesmo,” diz Gunnarr. O desfecho deste caso foi tal, que Úlfr teve de pagar todo o dinheiro. Então Ásgrímr falou para Gunnarr: “Desejo convidar-te à minha casa neste verão, e sempre estarei do teu lado nos teus casos legais, e nunca contra ti.” Gunnarr cavalgou de volta para casa da assembleia.

Pouco depois se encontrou com Njáll. Ele recomendou que Gunnarr se mantivesse alerta, contou-lhe que fora dito que os homens de Þríhyrningr pretendiam atacá-lo, e recomendou-lhe que jamais viajasse em companhia de poucos homens e que tivesse consigo sempre suas armas; Gunnarr declarou que assim haveria de ser. Ele disse que Ásgrímr o convidara à sua casa, – “e eu pretendo ir agora neste outono.” “Não deixes que ninguém saiba,” diz Njáll, “antes de tua partida nem de quanto tempo pretendes ausentar-te. E, contudo, ofereço-te meus filhos para cavalgarem junto contigo, e então não serás atacado.” Fizeram então este acordo entre si.

E assim passa-se o verão até que restam oito semanas para o inverno. Então Gunnarr disse a Kolskeggr: “Apronta-te para a jornada, que cavalgaremos até Tunga para fazermos uma visita.” “Devo mencionar isso aos filhos de Njáll?” disse Kolskeggr. “Não,” diz Gunnarr; “eles não deverão se envolver em problemas de minha parte.”

CAPÍTULO LXI

Eles cavalgaram em três, Gunnarr, Kolskeggr e Hjörtr. Gunnarr tinha consigo a alabarda e a espada Presente-de-Ólvir, e Kolskeggr tinha o espadim; Hjörtr também ia todo armado. Cavalgam agora até

Tunga. Ásgrímr recebeu-os bem, e permanecem eles lá por um tempo. Então manifestam que têm a intenção de retornarem para casa. Ásgrímr deu-lhes bons presentes e ofereceu-se para cavalgar junto com eles para o leste. Gunnarr disse que não havia nenhuma necessidade disso, e assim ele não foi.

Um homem chamava-se Sigurðr Cabeça-de-Porco. Ele foi até Þríhyrngr. Ele morava junto à margem do rio Þjórsá; havia prometido que ficaria de olho nas viagens de Gunnarr. Ele foi agora contar em Þríhyrngr sobre a jornada dele e disse que não haveria ocasião melhor, pois ele se encontrava na companhia de dois homens. “De quantos homens nós precisaremos,” diz Starkaðr, “para a emboscada?” “Homens quaisquer serão coisa pouca para ele,” diz ele, “e não é aconselhável termos menos do que trinta homens.” Starkaðr falou: “Onde armaremos a emboscada?” “Junto a Knafahólar,” diz Sigurðr; “lá não se pode ver antes que se chega bem em cima.” “Vai-te até Sandgil,” diz Starkaðr, “e conta a Egill que se arrumem de lá quinze homens, e nós daqui iremos em mais quinze até Knafahólar.” Þorgeirr falou para Hildigunnr: “Estas mãos hão de mostrar-te Gunnarr morto hoje à noite.” “Mas eu acho,” diz ela, “que tu retornarás deste encontro trazendo tanto a cabeça quanto as mãos abaixadas.” Eles partem de Þríhyrngr, Starkaðr com seus três filhos e mais onze homens; foram-se até Knafahólar e aguardaram lá.

Sigurðr chegou a Sandgil e falou: “Fui enviado até aqui por Starkaðr e seus filhos para dizer-te, Egill, que tu e teus filhos deveis ir até Knafahólar para uma emboscada contra Gunnarr.” “Em quantos deveríamos ir?” diz Egill. “Quinze contando comigo,” diz ele. Kolr falou: “Agora eu pretendo, neste dia, medir forças com Kolskeggr.” “Parece-me que muito tu pretendes,” diz Sigurðr.

Egill convidou seus homens do leste a irem também. Eles disseram que nada tinham contra Gunnarr, – “e, ademais, são necessários muitos reforços aqui,” diz Þórir, “uma vez que um grande bando atacará três homens.” Egill então se afastou, enfurecido. A senhora do lar então falou para o homem do leste: “A minha filha Guðrún destruiu pessimamente seu orgulho quando se deitou contigo, já que não ousará acompanhar teu sogro, e tu deves ser um homem frouxo,” diz ela. “Eu irei,” diz ele, “com o teu marido, e nenhum de nós retornará.” Em seguida ele andou até onde estava Þorgrímr, seu companheiro, e falou: “Toma as chaves do meu baú, pois eu não mais o abrirei. E te peço que tenhas o que te aprouver de nosso dinheiro; mas vai-te para o exterior e não tenhas em mente vingar-me. Mas se não te

fores, isso será a tua morte.” O homem do leste apanhou suas armas e juntou-se aos demais no bando.

CAPÍTULO LXII

Agora há que se mencionar que Gunnarr cavalga para leste do rio Þjórsá. E, quando havia avançado um pouco além do rio, sentiu muito sono, e ordenou-lhes que apeassem para repousar; eles assim fizeram. Ele dormiu profundamente e se agitava muito no sono. Kolskeggr falou: “Gunnarr sonha agora.” Hjörtr falou: “Eu queria acordá-lo.” “Não o farás,” diz Kolskeggr; “ele deve desfrutar de seu sonho.” Gunnarr permaneceu deitado por muito tempo, e então arrancou de si o casaco, e ele tinha muito calor. Kolskeggr falou: “Com que tu sonhaste, irmão?” “Eu sonhei,” diz Gunnarr, “que eu não teria partido de Tunga cavalgando com tão poucos homens, se eu tivesse tido este sonho então.” Kolskeggr falou: “Conta-nos teu sonho.” “Sonhei,” diz Gunnarr, “que eu cavalgava ao longo de Knafahólar. Lá eu vi muitos lobos, e eles todos me atacaram, mas eu recuei até o rio Rangá. Então parecia-me que eles atacavam de todos os lados, e nós nos defendíamos; eu atirei em todos aqueles que vinham à frente, até que chegaram tão próximos a mim que não pude mais fazer uso do arco. Saquei então a espada, e golpeava com uma mão, ao passo que com a outra mão eu feria com a alabarda; eu não me escudava, e parecia-me então que eu não sabia o que me escudava. Eu matei muitos daqueles lobos, e tu também comigo, Kolskeggr, mas Hjörtr parecia-me que eles dominaram e que lhe laceravam o peito, e um deles tinha na boca seu coração. Mas eu parecia estar tão furioso que parti o lobo ao meio com um golpe nas espáduas, e depois disso pareceu-me que os lobos correram. O meu conselho agora, irmão Hjörtr, é que tu cavalgues para oeste de volta a Tunga.” “Não desejo fazê-lo,” diz Hjörtr, “ainda que esteja certo de minha morte, desejo acompanhar-te.”

Em seguida cavalgam e chegam a leste, a Knafahólar. Kolskeggr falou: “Vês, irmão, as muitas lanças apontando para o alto, junto aos outeiros, e homens armados?” “Não surpreende,” diz Gunnarr, “que meu sonho se torne real.” “O que fazemos agora?” diz Kolskeggr; “suponho que não desejes fugir deles.” “Não terão isso para nos troçar,” diz Gunnarr; “mas nós cavalgaremos até o rio Rangá, para o cabo; há lá algo que servirá como abrigo.” Cavalgam assim até o cabo e quedam-se lá de prontidão. Kolr falou, quando eles cavalgaram: “Correrás agora, Gunnarr?” Kolskeggr responde: “Dize isso novamente mais tarde, quando o dia estiver completo.”

CAPÍTULO LXIII

Em seguida, Starkaðr exortou seus homens; eles então se lançam contra aqueles no cabo. Sigurðr Cabeça-de-Porco ia à frente e tinha um escudo circular maciço, e na outra mão uma lança de caçador. Gunnarr o vê e atira contra ele com o arco; ele levantou o escudo quando viu a flecha voando no alto, e a flecha atravessou o escudo e atingiu-lhe o olho, de modo a sair-lhe atrás pela nuca, e esta foi a primeira morte. Uma segunda flecha Gunnarr atirou em Úlfheðinn, supervisor de trabalhos de Starkaðr, e atingiu-o no tronco, e ele caiu nas pernas de um fazendeiro, e o fazendeiro caiu sobre ele. Kolskeggr atirou uma pedra e acertou a cabeça do fazendeiro, e isso foi a sua morte. Então Starkaðr falou: “Não nos será proveitoso que ele faça uso do arco, e avancemos bem e rapidamente.” Em seguida, todos se exortaram uns aos outros. Gunnarr se defendia com arco e flechas enquanto podia; em seguida, atirou-os ao chão; apanhou então a alabarda e a espada e passou a desferir golpes com ambas as mãos. A batalha é acirrada por um longo tempo; Gunnarr mata muitos homens, e assim também faz Kolskeggr. Então Þorgeirr Starkaðarson falou: “Eu prometi levar tua cabeça a Hildigunnr, Gunnarr.” “Isso não deve parecer grande coisa a ela,” diz Gunnarr, “porém tu terás de aproximar-te.” Þorgeirr falou com seus irmãos: “Avancemos contra ele todos ao mesmo tempo; ele não tem nenhum escudo, e nós teremos sua sorte nas mãos.” Eles correram à frente, Børkr e Þorkell, e foram mais rápidos do que Þorgeirr. Børkr golpeia contra Gunnarr; ele desfere um golpe tão duro com a alabarda que a espada cai da mão de Børkr. Vê, então, do seu outro lado, Þorkell postado ao alcance de seu ataque; Gunnarr estava um pouco desequilibrado; Gunnarr brande a espada e atinge o pescoço de Þorkell, e a cabeça voou. Kolr Egilsson falou: “Deixa-me avançar sobre Kolskeggr; eu já disse várias vezes que nós somos rivais iguais na luta.” “Podemos pôr isso à prova agora,” diz Kolskeggr. Kolr golpeia-o com a lança. Kolskeggr tinha então acabado de matar um homem e teve que se esforçar ao máximo e não ergueu diante de si o escudo, e o golpe o atingiu na parte externa da coxa, e atravessou-a. Kolskeggr virou-se rápido e coxeou até ele e golpeou-o com o espadim na coxa, decepando-lhe a perna, e falou: “Pegou-te ou não?” “Eu paguei agora,” diz Kolr, “por não ter-me escudado,” – e postou-se no outro pé por algum tempo, e olhou para o coto. Kolskeggr falou: “Não precisas olhar, pois é como te parece: perdeste a perna.” Kolr então tombou morto. Mas ao ver isso, Egill corre contra Gunnarr e o golpeia. Gunnarr desfere contra ele um

golpe com a alabarda, e acerta Egill na cintura. Gunnarr o ergue na ponta da alabarda e o atira dentro do rio Rangá. Então Starkaðr falou: “Como és miserável, Þórir do leste, sentado observando; Egill, senhor do teu lar e teu sogro, acaba de ser morto.” Então Þórir pôs-se de pé num pulo, e estava muito furioso. Hjörtr matara já dois homens. O homem do leste corre na direção dele e o golpeia no peito; Hjörtr tomba morto no ato. Gunnarr vê o que se passa e se lança rapidamente para golpear o homem do leste, e parte-o ao meio com um golpe na cintura. Um pouco depois, Gunnarr arremessa a alabarda contra Þorkr, e ela o atinge na cintura, trespassa-o e cai do outro lado, no campo. Então Kolskeggr decepa a cabeça de Haukr Egilsson, enquanto Gunnarr decepa o braço de Óttarr na altura do cotovelo. Então Starkaðr falou: “Retiremo-nos agora, não enfrentamos homens.” Gunnarr falou: “Tu e teu filho não tereis um relato convincente caso não se possa ver em vós que estivestes numa batalha.” Em seguida, Gunnarr se lançou contra pai e filho e impingiu-lhes ferimentos. Depois disso se apartaram, e Gunnarr e os seus haviam ferido muitos daqueles que se iam.

Na batalha morreram quatorze homens, quinze, contando Hjörtr. Gunnarr transportou Hjörtr para casa em seu escudo, sobre o cavalo, e ele foi lá sepultado. Muitos homens o lamentaram, pois ele tinha muitos amigos.

Starkaðr também chegou à sua casa, e Hildigunnr cuidou dos ferimentos de Þorgeirr e seus homens: “Ter-vos-ia sido muito mais proveitoso se não tivésseis tido problemas com Gunnarr.” “Assim teria sido,” diz Starkaðr.

CAPÍTULO LXIV

Steinvör, em Sandgil, pediu a Þorgrímr, o homem do leste, que assumisse a administração das posses e não partisse para o exterior, e que se lembrasse, outrossim, da morte de seu companheiro e parente. Ele respondeu: “Meu companheiro Þórir previu para mim que eu seria morto por Gunnarr se me quedasse nesta terra, e ele deve ter sabido disso antes, uma vez que sabia de sua própria morte.” Ela falou: “Dar-te-ei em troca a minha filha Guðrún, e mais todas as posses.” “Eu não sabia que tu ofereceria tamanha barganha,” diz ele. Em seguida, os dois acordam que ele a tomará como esposa, e a festa de núpcias acontece no verão.

Gunnarr cavalga até Bergþórshváll, acompanhado de Kolskeggr. Njáll se encontrava do lado de fora da casa, com seus filhos, e eles caminharam ao encontro daqueles e os saudaram bem. Em

seguida, puseram-se a conversar. Gunnarr falou: “Aqui venho com o propósito de pedir-te auxílio e são conselhos.” Njáll disse que isso lhe era devido. “Envolvi-me em grandes problemas e matei muitos homens, e desejo saber,” disse Gunnarr, “como queres que eu proceda.” “Muitos falarão,” diz Njáll, “que tu foste muito forçado a isso. Mas tu me darás um tempo para eu pensar num plano.”

Njáll caminhou para longe, sozinho, e ponderou o plano e retornou em seguida e falou: “Já pensei em algo, e parece-me que este caso exigirá um pouco de pulso firme e vigor. Þorgeirr engravidou Þorfinna, parenta minha, e eu outorgarei a ti a incumbência de proceder com a acusação de sedução. Outorgo-te outra acusação, esta de proscricção, contra Starkaðr, que cortou lenha de minha floresta em Þrihyrningsháls, e tu deverás proceder com ambas essas acusações. Tu deverás ir até o local onde vós travastes a batalha e desenterrar os mortos e nomear testemunhas para os ferimentos e dessagrar todos aqueles mortos porquanto eles lá foram com o intento de lutar e causar-te ferimentos e morte, a ti e teus irmãos. Mas, se isso for questionado na assembleia, e então for replicado que tu atingiste Þorgeirr antes e que não podes proceder com tua acusação nem de outrem, então eu me pronunciarei neste caso e direi que te autorizei a isso na assembleia de Þingskálar, de modo a estares apto a procederes tanto com tua acusação quanto dos demais, e assim tal réplica será objetada. Tu deverás, também, ir ao encontro de Tyrfingr, em Berjanes, e ele te outorgará a acusação contra Qnundr de Tröllaskógr, que tem um caso a tratar por conta de seu irmão Egill.” Então primeiramente Gunnarr cavalgou de volta para casa.

E, algumas noites depois, Gunnarr e os filhos de Njáll cavalgaram até o local onde estavam os corpos, e desenterraram todos que jaziam sob a terra; Gunnarr declarou-os todos dessagrados por conta do ataque e do conluio, e cavalgou de volta para casa depois disso.

CAPÍTULO LXV

Nesse mesmo outono, veio do exterior Valgarðr, o cinza, e foi para sua casa, em Hof. Þorgeirr foi então ao encontro de Mqrðr e Valgarðr e comentou quão abominável havia sido o fato de Gunnarr ter dessacrado todos aqueles que ele matara. Valgarðr disse que isso deveria ser conselho de Njáll e, contudo, não deveria ser só isso que ele lhe teria aconselhado. Þorgeirr pediu aos dois, pai e filho, proteção e amparo, mas eles se esquivaram por muito tempo e pediram muito

dinheiro. Ao final, acordou-se que Mǫrðr iria pedir Þorkatla, a filha de Gizurr, o Branco, e que Þorgeirr deveria cavalgar para o lado oeste do rio junto com Valgarðr e Mǫrðr.

No dia seguinte, eles cavalgam em doze e chegam a Mosfell; foram lá bem recebidos; pernoitaram lá. Falam então com Gizurr, o Branco, a respeito do pedido de casamento; encerra-se a questão entre eles de tal modo que o casamento haveria de realizar-se e que a festa se daria dentro de meio mês, em Mosfell. Cavalgam de volta para casa. Em seguida, cavalgam para a festa de núpcias; havia lá um grande número de convidados da vizinhança, e tudo se realizou bem. Þorkatla foi para casa junto com Mǫrðr e assumiu o lar, já Valgarðr viajou para o exterior no verão.

Mǫrðr exorta Þorgeirr a preparar o caso contra Gunnarr. Þorgeirr foi-se ao encontro de Qnundr, pede-lhe agora para preparar a acusação do homicídio de Egill, seu irmão, e seus filhos, – “e prepararei a acusação de homicídio de meus irmãos e de minhas chagas e das de meu pai.” Ele declarou que estava totalmente pronto para isso. Vão-se então e declaram os homicídios e convocam nove vizinhos das cercanias da batalha.

As notícias acerca da preparação desse caso chegaram a Hlíðarendi; Gunnarr então cavalgou para encontrar Njáll e relatou-lhe a situação e perguntou o que ele desejava que se fizesse. “Agora tu deves,” diz Njáll, “convocar os teus fazendeiros das cercanias da batalha e vizinhos e nomear testemunhas e escolher Kolr como homicida de teu irmão Hjǫrtr, que assim é correto; em seguida, deverás anunciar a acusação de homicídio contra Kolr, apesar de ele estar morto. Então deverás nomear testemunhas e convocar vizinhos para cavalgarem à assembleia, para confirmarem que ele estivera na emboscada e no ataque quando Hjǫrtr foi morto. Agora deverás também intimar Þorgeirr com a acusação de sedução, bem como Qnundr de Tröllaskógr com a acusação de Tyrfingr.” Gunnarr procede agora em tudo conforme os conselhos que lhe foram dados por Njáll. A preparação desse caso pareceu espantosa às pessoas. O caso chega agora à assembleia.

Gunnarr cavalgou para a assembleia, e também Njáll e seus filhos e os filhos de Sigfúss. Gunnarr enviara também um homem aos parentes de sua esposa, pedindo que cavalgassem para a assembleia com um grande séquito, e avisou-os de que seria uma situação que exigiria muito vigor; eles partiram do oeste em grande número. Mǫrðr

Valgarðsson cavalgou para a assembleia, e também Runólfr de Dalr e os homens de Þríhyrningr e Qnundr de Tröllaskógr.

CAPÍTULO LXVI

E, quando chegam à assembleia, juntam-se à companhia de Gizurr, o Branco, e Geirr Goði. Gunnarr e os filhos de Sigfúss e os filhos de Njáll andavam todos num grupo e marchavam tão rápido que os homens que se encontravam em sua passagem tinham de cuidar para não cair. E nada se comentava tanto por toda a assembleia quanto esse grande litígio. Gunnarr caminha ao encontro dos parentes de sua esposa, e Óláfr e os seus o saúdam bem; perguntam a Gunnarr sobre a batalha, e ele lhes narra tudo muito bem e lhes conta como agiu na sequência. Óláfr falou: “É de grande valia o quão firmemente Njáll se mantém junto a ti em todos os planos.” Gunnarr disse que jamais poderia repagá-lo, e então lhes pediu auxílio e amparo, e eles disseram que isso lhe era devido.

Agora os casos de ambas as partes vão à corte na assembleia; cada um expõe seu caso. Mǫrðr perguntou como este homem, que era Gunnarr, haveria de expor seu caso, uma vez que havia praticado atos contra Þorgeirr que o dessacraram. Njáll respondeu: “Estiveste na assembleia de Þingskálar este outono?” “Estive, certamente,” diz Mǫrðr. “Escutaste,” diz Njáll, “que Gunnarr lhes fez uma oferta por conciliação plena?” “Escutei, certamente,” diz Mǫrðr. “Eu imunizei Gunnarr então,” diz Njáll, “a todos os casos legais.” “Isso é correto,” diz Mǫrðr, “mas por que aconteceu de Gunnarr anunciar o homicídio de Hjǫrtr como perpetrado por Kolr, sendo que foi o homem do leste que o matou?” “Isso foi correto,” diz Njáll, “uma vez que ele o escolheu como homicida com testemunhas.” “Isso também estará correto, certamente,” diz Mǫrðr; “mas por que Gunnarr declarou-os todos dessacrados?” “Não tens necessidade de perguntá-lo,” diz Njáll, “posto que eles iam com intento de infligir ferimentos e matar.” “Isso não foi levado a cabo com Gunnarr,” diz Mǫrðr. “Kolskeggr e Hjǫrtr eram irmãos de Gunnarr,” diz Njáll, “e um recebeu a morte, enquanto o outro uma chaga.” “Falais dentro da lei,” diz Mǫrðr, “ainda que seja duro de suportar.”

Então Hjalti Skeggjason de Þjórsárdalr avançou e pronunciou-se: “Não tenho parte nesse vosso litígio, mas desejo agora saber o que tu desejas fazer, Gunnarr, por minhas palavras e amizade.” “O que tu pedes?” diz Gunnarr. “Eu peço,” diz ele, “que tu entregues todo o caso a um arbitramento e que bons homens o julguem.” Gunnarr falou:

“Então tu jamais te posicionarás contra mim, quaisquer que sejam meus oponentes.” “Assim desejo prometer-te,” diz ele. Depois disso, foi ele ter com os oponentes de Gunnarr e sucedeu-se que eles todos entraram em termos, e, depois disso, cada uma das partes ofereceu tréguas à outra. Pelos ferimentos de Þorgeirr foi apresentada a acusação de sedução, já a acusação de corte de lenha foi usada contra os ferimentos de Starkaðr; os irmãos de Þorgeirr foram compensados com meia compensação, sendo que meia foi abonada por conta do ataque contra Gunnarr, já a acusação de Tyrfingr e o homicídio de Egill de Sandgil seriam equivalentes; pelo homicídio de Hjǫrtr viriam os homicídios de Kolr e do homem do leste; então todos os demais foram compensados com meias compensações. Njáll participou desse arbitramento, e também Ásgrímur Elliða-Grímsson e Hjalti Skeggjason. Njáll tinha muito dinheiro a receber de Starkaðr e dos homens de Sandgil, e deu-o todo a Gunnarr para o pagamento dessas compensações. Tantos eram os amigos que Gunnarr tinha na assembleia, que pagou então por todos os homicídios imediatamente, e deu presentes àqueles chefes que lhe ofereceram auxílio, e obteve a partir disso tudo a maior honra, e todos estavam de acordo com uma coisa: ninguém era páreo para ele no Quarto Sul da terra. Gunnarr cavalgou da assembleia de volta para casa e permaneceu em paz; contudo, seus oponentes invejavam muito a sua honra.

CAPÍTULO LXVII

Agora há para se contar de Þorgeirr Otkelsson: ele se tornou um homem educado, grande e forte, fiel e franco, e um pouco crédulo; era bem quisto pelos melhores homens e amado por seus parentes.

Certa vez Þorgeirr Starkaðarson havia partido para encontrar Mǫrðr, seu parente¹⁹⁶. “Foi ruim para mim o desfecho,” diz ele, “daquele litígio entre mim e Gunnarr, mas, mas eu havia comprado o teu amparo pelo tempo em que estivermos os dois de pé. Eu desejo agora que tu penses num plano, e com afinco. Eu falo isso assim abertamente porque sei que tu és o maior inimigo de Gunnarr, assim como ele é de ti. Eu hei de fazer com que tua honra aumente muito se tu planejares bem.” “Costuma parecer,” diz Mǫrðr, “que sou ávido por dinheiro, e assim será também desta vez. E é difícil planejar algo de modo que tu não sejas um violador de pacto ou quebrador de paz e ainda assim consigas realizar teu intento. Mas me foi dito que

¹⁹⁶ Como observa Einar Ólafur Sveinsson (ÍF), “é desconhecido o parentesco entre Þorgeirr e Mǫrðr.”

Kolskeggr pretende fazer os trâmites para reaver um quarto da fazenda de Móeiðarhváll, que fora paga a teu pai como compensação pelo filho; ele assumiu esse caso da parte de sua mãe, e é o conselho de Gunnarr pagar com bens móveis e não abrir mão da terra. Nós dois devemos esperar até que isso seja levado a cabo, e declarar então que ele quebrou o acordo que fizera convosco. Ele recebeu também um campo de trigo de Þorgeirr Otkelsson e quebrou, assim, o acordo que fizeram com ele; tu deverás ir ao encontro de Þorgeirr Otkelsson e tomá-lo na tua parte neste caso e atacar Gunnarr. Mas, ainda que isso falhe um pouco e vós não puderdes apanhá-lo, deveis, não obstante, atacá-lo mais vezes. Dirte-ei, outrossim, que Njáll fez uma previsão para Gunnarr sobre sua vida, e predisse-lhe que se ele viesse a matar mais do que uma vez dentro da mesma família, isso o levaria rapidamente à morte, se acontecesse então também de ele quebrar o acordo que viesse a ser selado. Deves, pois, trazer Þorgeirr para esse caso, posto que Gunnarr já matou o pai dele, e se vós dois estiverdes numa batalha, deverás tu escudar-te e ele avançará bem, e Gunnarr o matará. Terá ele então matado duas vezes na mesma família, e tu deverás fugir da batalha. Mas se isso for para levá-lo à morte, ele terá de quebrar o acordo selado. Até então deve-se esperar.” Depois disso Þorgeirr retorna para casa e conta secretamente a seu pai o que se passou; combinaram que esse plano eles tratariam de levar a cabo às escondidas.

CAPÍTULO LXVIII

Um pouco mais tarde, Þorgeirr Starkaðarson foi a Kirkjubær ao encontro de seu homônimo, e eles se puseram a conversar e falaram durante o dia todo, em particular. E, por fim, Þorgeirr Starkaðarson deu uma lança adornada com ouro ao seu homônimo e cavalgou para casa depois disso. Firmaram entre si a mais cara amizade.

Na assembleia de Þingskálar, no outono, Kolskeggr demandou a terra de Móeiðarhváll, e Gunnarr nomeou testemunhas e ofereceu aos homens de Þríhyrningr bens móveis ou uma outra terra de valor legalmente equivalente. Þorgeirr nomeou para si testemunhas de que Gunnarr quebrava com eles o acordo selado. Depois disso, encerrou-se a assembleia.

Passam-se agora aquelas estações. Os dois homônimos se encontram com frequência, e há entre eles a maior afeição. Kolskeggr falou para Gunnarr: “Foi-me dito que é grande a amizade entre Þorgeirr Otkelsson e Þorgeirr Starkaðarson, e muitos homens dizem que eles podem vir a ser infiáveis, e eu gostaria que tu permanecesses alerta.”

“O meu fado me alcançará,” diz Gunnarr, “onde quer que eu me encontre, se é isso que me está destinado.” Terminaram então a conversa.

Gunnarr dissera antes, no outono, que se haveria de trabalhar uma semana em casa, e outra embaixo, nas Ilhas, e terminar lá a fenação; dissera também que todos os homens deveriam deixar a fazenda, exceto ele e as mulheres.

Þorgeirr de Þríhyrningr vai ao encontro de seu homônimo, e, quando eles se encontram, põem-se a conversar, como de costume. Þorgeirr Starkaðarson falou: “Eu gostaria que nos encorajássemos e fôssemos atacar Gunnarr.” “De um só modo resultaram as batalhas com Gunnarr,” disse Þorgeirr Otkelsson, “que poucos se saíram delas vitoriosos, e, ademais, parece-me ruim ser chamado de quebrador de pactos.” “Eles é que quebraram o acordo, não nós,” diz Þorgeirr Starkaðarson; “Gunnarr tomou de ti o campo de trigo, e de mim e meu pai a terra de Móeiðarhváll.” E eles combinam entre si que atacariam Gunnarr; Þorgeirr diz, então, que Gunnarr se encontraria só em casa dentro de algumas noites; – “tu deverás vir num grupo de doze homens ao meu encontro, e eu terei o mesmo número.” Em seguida Þorgeirr cavalgou para casa.

CAPÍTULO LXIX

Quando havia já três noites que os homens da casa e Kolskeggr estavam nas Ilhas, Þorgeirr Starkaðarson tomou conhecimento disso por um espião e transmitiu a notícia ao seu homônimo, dizendo-lhe que viesse ao seu encontro no monte de Þríhyrningr. Em seguida, Þorgeirr permaneceu de prontidão com mais onze homens em Þríhyrningr; ele sobe o monte a cavalo e aguarda lá seu homônimo. Gunnarr se encontra agora só na fazenda. Os dois homônimos cavalgam através de uma floresta; lá foram dominados por sono e cansaço e não puderam fazer mais nada senão dormir. Prenderam seus escudos em galhos, amarraram os cavalos e dispuseram suas armas ao seu lado.

Njáll estava em Þórólfsfell essa noite e não conseguia dormir, e entrava e saía de casa. Þórhildr perguntou a Njáll por que ele não podia dormir. “Muito se passa diante dos olhos agora,” disse ele; “eu vejo muitas companhias¹⁹⁷ terríveis de inimigos de Gunnarr, mas há algo de espantoso: elas estão enfuriadas, mas se vão tontas, a esmo.” Um pouco depois, chegou um homem cavalgando à porta e apeou-se e entrou, e era o pastor do lar de Þórhildr. Ela disse: “Encontraste as ovelhas?”

¹⁹⁷ fylgjiur

“Encontrei algo pelo que menos se poderia esperar,” diz ele. “O que foi?” diz Njáll. “Encontrei vinte e quatro homens,” diz ele, “lá em cima, na floresta; eles tinham seus cavalos amarrados e dormiam; tinham prendido seus escudos nos galhos.” E tão bem os observara que descreveu de todos eles os armamentos e as vestes. Njáll sabia bem quem era quem, e lhe falou: “Estaríamos bem de serventes se houvesse muitos assim, e tu terás teu proveito disso, porém agora desejo enviar-te a uma tarefa.” Ele concordou em ir. “Tu irás,” diz Njáll, “até Hlíðarendi e dirás a Gunnarr que ele deve ir até Grjótá e convocar homens, já eu irei ao encontro daqueles e tratarei de espantá-los. Está tudo dando certo, de modo que eles nada obterão com isso, mas sim perderão muito.” O pastor se foi e contou a Gunnarr sobre tudo quanto se dera; Gunnarr então cavalgou até Grjótá, e reúnem-se homens de lá.

Agora há para se contar de Njáll que ele cavalga ao encontro daqueles dois homônimos. “Estais deitados descuidados,” diz ele, “mas com que propósito foi realizada essa jornada? E Gunnarr não é bobo de cair nessa. Mas, para dizer a verdade, isso é o pior conluio. Deveis, outrossim, saber que Gunnarr já reuniu homens; e ele aqui virá em breve e vos matará, a não ser que cavalgueis embora de volta para vossas casas.” Eles se sobressaltaram, e estavam deveras apavorados, e apanharam suas armas e montaram em seus cavalos e galoparam de volta para Þríhryngr.

Njáll foi ao encontro de Gunnarr e pediu-lhe que não dispersasse os homens que reunira, – “já eu irei agora procurar por uma conciliação; eles devem estar agora com bastante medo. Mas, por esse conluio contra tua vida, não será devido menos (uma vez que diz respeito a todos eles) do que pelo homicídio de qualquer um daqueles dois homônimos, caso venha a se dar. Eu guardarei esse dinheiro e cuidarei para que ele esteja a teu dispor, caso venhas a precisar dele.”

CAPÍTULO LXX

Gunnarr agradeceu-lhe os conselhos. Njáll cavalgou até Þríhryngr e disse aos dois homônimos que Gunnarr não dispersaria seu bando antes que o assunto com eles se concluísse. Fizeram uma oferta por si e estavam apavorados e pediram que Njáll fosse transmitir a oferta de conciliação. Njáll declarou que somente transmitiria uma oferta que não fosse acompanhada de trapaça. Eles pediram a Njáll tomar parte no arbitramento e declararam que acatariam o seu veredito. Njáll disse que não arbitraria senão na assembleia, com a participação dos melhores homens. Eles aceitaram assim. Njáll então serviu de

intermediário entre as partes, de modo que todos acordaram tréguas e conciliação; Njáll deveria arbitrar e designar para o caso aqueles que desejasse.

Um pouco mais tarde, os dois homônimos se encontraram com Mǫrðr Valgarðsson. Mǫrðr os repreendeu muito por terem confiado o caso a Njáll, posto que este era grande amigo de Gunnarr, dizendo-lhes que isso lhes traria consequências ruins.

Os homens agora cavalgam para a assembleia como de costume; encontram-se agora ambas as partes na assembleia. Njáll pediu silêncio para pronunciar-se, perguntou a todos os melhores homens que lá haviam comparecido que reivindicações legais lhes parecia que Gunnarr tinha contra os dois homônimos, pelo conluio. Eles responderam que lhes parecia que este homem tinha muito direito a reivindicar. Njáll perguntou se ele tinha a reivindicar deles todos ou se apenas os cabeças do conluio teriam de responder pelo caso. Eles disseram que principalmente os cabeças teriam de fazê-lo, mas, não obstante, todos tinham grande responsabilidade naquilo. “Muitos poderão dizer,” diz Mǫrðr, “que não se fez o conluio sem motivo, posto que Gunnarr quebrou o acordo com os dois homônimos.” “Não se trata de quebra de acordo,” diz Njáll, “quando um age dentro da lei com o outro, pois é com a lei que nossa terra será composta, e com a ilegalidade será desfeita.” Njáll lhes disse então que Gunnarr oferecera uma terra em troca de Móeiðarhváll ou então outros bens de valor. Os dois homônimos então julgaram terem sido falseados por Mǫrðr e o repreenderam muito e declararam que ele lhes devia o pagamento dessa multa. Njáll nomeia doze homens para a corte desse litígio. Cada um que tomara parte na emboscada pagou uma centena de prata, e cada um dos dois homônimos pagou duas centenas; Njáll recebeu esse dinheiro e o conservou consigo, e cada uma das partes concedeu tréguas e paz à outra, com Njáll ditando os termos.

Gunnarr cavalgou então para oeste, deixando a assembleia, rumo a Hjarðarholt, nos Vales. Óláfr *pái* recebeu-o bem; ele permaneceu lá por meio mês. Cavalgou por toda parte nos Vales, e todos o recebiam de braços abertos. E, na despedida, Óláfr falou: “Desejo dar-te três tesouros: um bracelete de ouro e um manto, que foram do rei dos irlandeses Myrkjartan, e um cão, que me foi presenteado na Irlanda; ele é grande e não é pior como companhia do que um homem vigoroso. Além disso, tem a inteligência de um homem; latirá para qualquer homem que souber ser teu inimigo, mas jamais para teus amigos; ele também vê em todo homem se deseja o teu bem ou o

teu mal; dará a própria vida para te ser fiel. Esse cão se chama Sámr.” Em seguida, ele falou para o cão: “Doravante seguirás Gunnarr e lhe servirás tanto quanto puderes.” O cão andou imediatamente até Gunnarr e se deitou diante dos pés dele. Óláfr pediu que Gunnarr permanecesse alerta e disse-lhe que ele tinha muitos inimigos que o invejavam, – “agora que tu és tido como um homem excelentíssimo por toda a terra.” Gunnarr agradeceu-lhe os presentes e os bons conselhos e cavalgou de volta para casa. Gunnarr permanece em sua casa por um tempo, em paz.

CAPÍTULO LXXI

Pouco depois, os dois homônimos vão-se ao encontro de Mǫrðr; eles não estão de acordo. Julgam ter perdido muito dinheiro, por causa de Mǫrðr, sem nada terem ganhado em troca, e pedem-lhe que faça novos planos que possam prejudicar Gunnarr. Mǫrðr disse que assim haveria de ser; – “e o meu conselho agora é que Þorgeirr Otkelsson seduza Ormhildr, parenta de Gunnarr, e por conta disso Gunnarr terá sua inimizade para contigo aumentada. Eu espalharei boatos então de que Gunnarr não tolerará isso de ti. Devereis então, um pouco depois, atacar Gunnarr, porém não deveis visitá-lo em sua casa, pois ninguém poderá fazê-lo enquanto o cão estiver vivo.” Eles combinaram esse plano entre si, para que assim se realizasse.

E agora se passa o verão por completo. Þorgeirr torna um hábito ir visitar Ormhildr; isso desagradea deveras a Gunnarr, e cresce muito a inimizade entre eles. Assim seguiram as coisas no inverno. Agora chega o verão, e os encontros deles tornam-se ainda mais frequentes, às escondidas.

Þorgeirr de Þríhyrningr e Mǫrðr encontram-se com muita frequência, e planejam atacar Gunnarr quando ele cavalgar até as Ilhas, em baixo, para supervisionar o trabalho de seus domésticos. E aconteceu, certa vez, de Mǫrðr tomar notícia de que Gunnarr cavalgava para as Ilhas, e enviou um mensageiro a Þríhyrningr para contar o caso a Þorgeirr, que seria agora a melhor oportunidade para tentar atacar Gunnarr. Eles se aprontam rapidamente e descem de lá num bando de doze homens; e, quando chegam a Kirkjubær, já se encontram lá treze homens. Eles discutem sobre onde deveriam armar a emboscada para Gunnarr, e chegaram à conclusão de que deveriam ir até o rio Rangá e armar lá a emboscada para ele.

E, quando cavalgava desde as Ilhas, Gunnarr vinha acompanhado de Kolskeggr. Gunnarr tinha seu arco e flechas e a alabarda; Kolskeggr tinha o espadim e armamento completo.

CAPÍTULO LXXII

Aconteceu um fato, quando eles cavalgavam subindo o rio Rangá: surgiu muito sangue na alabarda. Kolskeggr perguntou o que aquilo significaria. Gunnarr responde que, quando um fato desses ocorria, dizia-se em outras terras que se tratava de chuva de sangue; – “e o fazendeiro Qlvir me disse que isso seria sinal de grandes batalhas.”

Em seguida, cavalgaram rio acima, até que viram homens junto à margem. Veem que estão sentados e têm os cavalos amarrados. Gunnarr falou: “Isso agora é uma emboscada.” Kolskeggr respondeu: “Eles já têm sido inconfiáveis há muito tempo,” diz ele, “mas o que faremos agora?” “Correremos para cima, para além de onde eles estão,” diz Gunnarr, “até o vau, e lá os aguardaremos de prontidão.” Aqueles veem isso e se voltam atrás deles. Gunnarr dobra o arco e apanha as flechas e as joga no chão à sua frente e põe-se imediatamente a atirar, tão logo eles chegaram ao alcance do arco; Gunnarr feriu assim muitos homens, e matou alguns.

Então Þorgeirr Otkelsson falou: “Assim não nos convém, avancemos contra eles o mais depressa.” Assim fizeram. À frente ia Qnundr, o belo, parente de Þorgeirr. Gunnarr atirou a alabarda contra ele, e atingiu-lhe o escudo, que se partiu em dois, enquanto a alabarda trespassou Qnundr. Qgmundr *flóki* correu até as costas de Gunnarr, mas Kolskeggr o viu e decepou-lhe ambas as pernas e atirou-o no rio Rangá, e ele se afogou lá imediatamente. Fez-se então uma dura batalha; Gunnarr cortava com uma mão, com a outra picava. Kolskeggr matava inúmeros homens, e feria outros muitos.

Þorgeirr Starkaðarson falou para seu homônimo: “Mal se pode ver em ti que tens teu pai por vingar.” Ele respondeu: “Certamente não avancei muito, porém tampouco seguiste-me tu os passos, e agora não ouvirei mais calado tuas admoestações,” – e corre em grande fúria contra Gunnarr e golpeia através do escudo, assim trespassando a mão de Gunnarr. Gunnarr girou o escudo tão abruptamente que a lança se partiu em duas na junção da lâmina. Gunnarr vê um outro homem ao alcance de seus golpes e desfere-lhe o golpe mortal, e agarra com ambas as mãos a alabarda; Þorgeirr Otkelsson havia chegado junto a ele então, brandindo a espada; Gunnarr se volta em sua direção rapidamente, em grande fúria, e crava nele a alabarda, trespassando-o, e ergue-o no ar e o atira no rio Rangá, e ele é arrastado pelo rio até o vau e se prende numa pedra, e o local se chama desde então Þorgeirsvað¹⁹⁸.

¹⁹⁸ Vau de Þorgeirr.

Þorgeirr Starkaðarson falou: “Fujamos agora; não nos sairemos vitoriosos conforme estão as coisas.” Todos eles então se voltaram para longe de lá. “Vamos atrás deles,” diz Kolskeggr, “e apanha teu arco e tuas flechas, e tu poderás chegar ao alcance de tiro de Þorgeirr.” Gunnarr diz: “Nossos sacos de dinheiro estarão já vazios quando tivermos pagado compensação por estes que aqui jazem já mortos.” “Não te faltará dinheiro,” disse Kolskeggr, “mas Þorgeirr não desistirá enquanto não tiver causado tua morte.” “Alguns como ele poderão cruzar meu caminho antes que eu lhes tenha medo,” diz Gunnarr.

Em seguida, eles cavalgam para casa e anunciam os eventos. Hallgerðr alegrou-se com essas notícias e louvou a façanha. Rannveig falou: “Pode ser que a façanha seja boa, mas eu pressinto que coisas piores se seguirão a isso.”

CAPÍTULO LXXIII

Essas notícias se espalham por toda parte, e Þorgeirr foi lamentado por muitos homens. Gizzurr, o branco, e Geirr Goði cavalgaram para anunciarem os homicídios e convocarem vizinhos para a assembleia; cavalgaram então de volta para o oeste.

Njáll e Gunnarr se encontraram e conversaram sobre a batalha. Então Njáll falou para Gunnarr: “Permanece agora alerta. Agora tu mataste duas vezes na mesma família, e pondera tua situação, que tua vida está em jogo se não te ativeres à conciliação que for feita.” “Não tenho nenhuma intenção,” diz Gunnarr, “de infringi-la, porém precisarei de vosso auxílio na assembleia.” Njáll respondeu: “Conservarei minha lealdade contigo até a morte.” Gunnarr então cavalgou de volta para casa.

Chega agora o tempo da assembleia, e cada uma das partes chega em grande número. Discute-se muitíssimo na assembleia sobre como esse litígio poderia concluir-se. Gizurr e Geirr Goði discutiam sobre qual deles haveria de anunciar a acusação de homicídio de Þorgeirr, e acabou com Gizurr assumindo a incumbência, e anunciou a acusação na rocha da lei e declarou, nestes termos, que – “eu anuncio a acusação de ataque pessoal legalmente punível contra Gunnarr Hámundarson, o qual praticou ataque pessoal legalmente punível contra Þorgeirr Otkelsson e causou-lhe um ferimento interno que se fez chaga mortal, a partir do qual Þorgeirr morreu. Declaro-o mercedor da pena de proscricção plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio. Declaro seus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal

de receber os bens confiscados. Faço este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deverá ser submetida à lei, faço este anúncio legal a todos que ouvem na rocha da lei, faço o anúncio agora para acusação e proscricção plena contra Gunnarr Hámundarson.” Gizurr nomeou suas testemunhas uma segunda vez e anunciou a acusação contra Gunnarr Hámundarson pelo fato de que ele causou em Þorgeirr Otkelsson um ferimento interno que se fez chaga mortal, a partir do qual Þorgeirr morreu no local da luta na qual Gunnarr praticara contra Þorgeirr ataque pessoal legalmente punível. Em seguida, ele fez esse anúncio como anteriormente. Então perguntou sobre a residência de assembleia e o local de domicílio; depois disso, os homens deixaram a rocha da lei, e todos comentavam que ele se pronunciara bem. Gunnarr permaneceu sereno e falou pouco.

Transcorre assim a assembleia, até que as cortes são montadas. Gunnarr estava posicionado a norte da corte da gente do rio Rangá, junto com seus homens; Gizurr, o Branco, estava ao sul, junto com seus homens, e nomeou testemunhas e pediu que Gunnarr ouvisse seu juramento e o pronunciamento da acusação e de todas as provas de acusação que ele pretendia apresentar. Depois disso, proferiu o juramento; então pronunciou a acusação tal qual formulada na corte, a qual anunciou; então mandou que se lhe desse atestação ao anúncio; então mandou que convidassem os vizinhos a se abancarem; então pediu que se desafiasse o júri¹⁹⁹.

CAPÍTULO LXXIV

Então falou Njáll: “Agora não se poderá mais fazer nada aqui sentados; vamos até onde estão sentados os vizinhos.” Eles caminharam até lá e desafiaram quatro vizinhos, desqualificando-os, e convocaram os outros cinco, que restaram, como jurados da defesa no caso de Gunnarr, – de que Þorgeirr Starkaðarson e Þorgeirr Otkelsson teriam ido com o intento de lutar para derrotar Gunnarr, se assim lograssem. E todos afirmaram rapidamente que assim se dera. Njáll declarou isso como defesa legal para o caso e disse que procederia com a defesa, a não ser que eles concordassem em proceder para um arbitramento. Favoráveis a isso se manifestaram muitos chefes, pedindo pelo arbitramento, e decidiu-se que doze homens dariam a sentença para o litígio; cada uma das duas partes caminha para dar as mãos selando esse acordo. Depois disso, deu-se o arbitramento do caso e anunciou-se a multa, e ela deveria ser paga imediatamente na assembleia, e Gunnarr

¹⁹⁹ Cf. Cap. 56.

deveria ir para o exterior junto com Kolskeggr e permanecer longe por três invernos. Mas, caso Gunnarr não partisse conquanto pudesse fazê-lo, então seria morto pelos parentes do assassinado. Gunnarr não deixou que se percebesse que a conciliação não lhe agradou. Gunnarr pediu a Njáll aquele dinheiro que lhe confiara para conservar; Njáll fizera o dinheiro aumentar, e pagou-o todo prontamente, e a quantia era a mesma que Gunnarr deveria pagar por si. Os homens agora cavalgam para suas casas.

Njáll e Gunnarr cavalgavam ambos juntos da assembleia. Então Njáll falou para Gunnarr: “Trata bem, companheiro, de respeitares os termos dessa conciliação, e lembra aquilo de que falamos,” diz ele. “E se a tua primeira viagem ao exterior te proporcionou muita honra, essa agora há de proporcionar-te muito mais honra; tu retornarás à Islândia com grande renome e te tornarás um homem velho, e nenhum homem aqui ousará afrontar-te. Mas, se tu não partires e quebrares esse teu acordo, serás morto nesta terra, e isso para grande pesar de quantos são teus amigos.” Gunnarr declarou que não tinha intenção de quebrar o acordo. Gunnarr cavalga para casa e anuncia a conciliação. Rannveig disse que seria bom que ele partisse, e que assim aqueles teriam de encrencar com outrem por um tempo.

CAPÍTULO LXXV

Práinn Sigfússon disse à sua mulher que pretendia viajar para o exterior naquele verão; ela disse que estaria bem. Ele conseguiu vaga no navio de Høgni, o branco. Gunnarr e Kolskeggr conseguiram vaga com Arnfinnr de Vík.

Grímr e Helgi, filhos de Njáll, pediram a seu pai permissão para viajar para o exterior. Njáll respondeu: “Ser-vos-á difícil a viagem ao exterior, de modo tal que é incerto o que dela resultará – se voltareis com vida – e, não obstante, obtereis honra de algum modo, e renome, mas não é improvável que dessa viagem resultem problemas aqui quando retornardes.” Eles seguiram pedindo para ir, e deu-se, por fim, que ele os deixou partir, como desejassem. Conseguiram então vaga no navio de Bárðr, o negro, e Óláfr, o filho de Ketill de Elda. E fala-se muito agora que o distrito perde muitos dos seus melhores homens, que se vão embora.

Os filhos de Gunnarr, Høgni e Grani, estavam já crescidos. Eram homens desiguais no temperamento: Grani tinha muito do temperamento de sua mãe, já Høgni era um bom homem.

Gunnarr mandou transportar sua carga e a de seu irmão ao navio. E, quando toda a bagagem de Gunnarr está a bordo e o navio está já bem pronto, Gunnarr cavalga até Berþórshváll e a outras fazendas para encontrar as pessoas e agradecer o auxílio de todos aqueles que o haviam amparado.

No dia seguinte, ele se apronta cedo para ir ao navio e diz a toda a gente que cavalgará embora de vez, e todos sentem muito por isso, mas fazem votos para que ele retorne no futuro. Gunnarr despediu-se de toda a gente, quando estava pronto, e todos caminharam ao seu lado na partida. Ele crava no solo a alabarda e põe-se montado sobre a sela, e cavalga para longe, junto com Kolskeggr. Eles cavalgam na direção de Markarfljót, e então o cavalo de Gunnarr tropeça, e ele salta da montaria. Ele olhava para o alto, na direção da colina e da fazenda de Hlíðarendi, e falou: “É bela a colina, tanto quanto jamais se me mostrou bela, os campos de trigo pálidos e o quintal mondado, e eu cavalgarei de volta para casa e não irei a lugar nenhum.” “Não dê tamanha alegria a teus inimigos,” diz Kolskeggr, “quebrando o teu acordo, pois que ninguém esperaria isso de ti. E podes acreditar que tudo se dará conforme disse Njáll.” “Não irei a lugar nenhum,” diz Gunnarr, “e assim eu gostaria que tu também fizesses.” “Não será assim,” diz Kolskeggr; “não hei de quebrar minha palavra nesse acordo, nem em qualquer outro que me seja confiado; e isso será a única coisa que nos separará, mas dize aos meus parentes e à minha mãe que não pretendo rever a Islândia, pois receberei a notícia da tua morte, irmão, e então nada haverá que me faça viajar para cá.” Separam-se aqui, e Gunnarr cavalga de volta para casa em Hlíðarendi, enquanto Kolskeggr segue para o navio e deixa a terra.

Hallgerðr alegrou-se com o retorno a casa de Gunnarr, mas a mãe dele ficou-se reticente. Gunnarr permanece agora em sua casa aquele outono e o inverno, e não tem muita gente à sua volta. E agora termina o inverno.

Óláfr *pái* enviou um homem até Gunnarr para convidá-lo a ir lá para o oeste junto com Hallgerðr, deixando a fazenda nas mãos de sua mãe e de seu filho Hǫgni. Gunnarr julgou isso desejável num primeiro momento, e respondeu que iria, mas, quando chegou o momento, não desejou ir.

E, na assembleia, no verão, Gizurr e os seus anunciam a proscrição dele na rocha da lei. E, antes da dissolução da assembleia, Gizurr convocou todos os inimigos de Gunnarr na Fenda Almannagjá: Starkaðr de Þríhyrngr e seu filho Þorgeirr; Mǫrðr e Valgarðr, o Cinza;

Geirr Goði e Hjalti Skeggjason; Þorbrandr e Ásbrandr, filhos de Þorleikr; Eilífr e seu filho Önundr; Önundr de Tröllaskógr; Þorgrímr de Sandgil. Gizurr falou: “Eu desejo convidá-los para atacarmos Gunnarr neste verão e o matarmos.” Hjalti falou: “Eu fiz a promessa a Gunnarr aqui na assembleia, quando ele fez o máximo por minha conta, de que eu jamais estaria contra ele, e assim será.” Em seguida Hjalti foi embora, enquanto os demais planejaram o ataque contra Gunnarr, e entraram em acordo com apertos de mão e estipularam uma multa para caso algum desertasse. Mørðr deveria espionar para saber quando seria a melhor oportunidade de atacar, e nessa coligação havia quarenta homens. Parecia-lhes agora algo fácil apanhar Gunnarr, posto que Kolskeggr e Þráinn e muitos outros dos amigos de Gunnarr estavam ausentes. Os homens cavalgam para casa, deixando assembleia.

Njáll foi ao encontro de Gunnarr e contou-lhe acerca de sua proscricção e do ataque planejado contra ele. “Parece-me que fazes bem,” diz Gunnarr, “ao me alertares.” “Eu desejo agora,” diz Njáll, “que Skarpheðinn te acompanhe, e também meu filho Høskuldr, e eles darão sua própria vida pela tua.” “Eu não desejo,” diz Gunnarr, “que teus filhos sejam mortos por minha causa, não mereces isso de mim.” “De nada isso adiantará,” diz Njáll; “os problemas se voltarão para outra parte, depois que tu morreres, para onde estão meus filhos.” “Não é improvável,” diz Gunnarr, “que assim se dê, mas eu não gostaria que isso fosse causado por mim. Mas há algo que desejo pedir: que observeis meu filho Høgni. Agora não falo de Grani, pois ele age muito em desacordo com o meu temperamento.” Njáll cavalgou para casa, assim prometendo fazer.

Conta-se que Gunnarr cavalgava para todos os encontros públicos e assembleias legais, e seus inimigos nunca ousaram atacá-lo. Assim continuaram as coisas por um tempo, com ele andando tal qual não estivesse proscrito.

CAPÍTULO LXXVI

No outono, Mørðr Valgarðsson enviou a mensagem de que Gunnarr estaria só em casa, com toda a gente de seu lar embaixo nas Ilhas concluindo a fenação. Gizurr, o Branco, e Geirr Goði cavalgaram para leste, cruzando os rios, tão logo tomaram notícia disso, e então foram para leste através dos areais rumo a Hof. Então enviaram uma mensagem para Starkaðr de Þríhyrningr; e todos aqueles que iriam atacar Gunnarr se encontraram e planejaram como haveriam de levar o ataque a cabo. Mørðr diz que eles não poderão pegar Gunnarr

desprevenido a não ser que peguem o fazendeiro lá da fazenda vizinha, de nome Þorkell, e o levem à força para apanhar o cão Sámr, e que ele vá sozinho à fazenda.

Foram-se então para leste rumo a Hlíðarendi, e enviaram um homem atrás de Þorkell, apanharam-no e deram-lhe duas alternativas: ou o matariam, ou então ele teria que ir pegar o cão. E ele acaba escolhendo salvar sua vida e os acompanha. Havia cercas acima do quintal de Hlíðarendi, e o bando todo se alojou lá. O fazendeiro Þorkell andou em direção à casa, e o cachorro estava deitado sobre a casa, e ele atrai o cão para si em direção a umas trilhas. Nisso o cão vê que há homens à frente, e salta sobre Þorkell e o morde na virilha; Qnundr de Tröllaskógr deu uma machadada na cabeça do cão, atingindo-lhe o miolo; o cão emitiu um grito alto, tal que lhes pareceu sem igual, e tombou morto no chão.

CAPÍTULO LXXVII

Gunnarr despertou na câmara e falou: “Foste ferido, Sámr meu filho, e é provável que esteja destinado que pouco tempo nos separe um do outro.” A câmara de Gunnarr era construída só com madeira, com pranchas entrecruzadas do lado externo e com janelas junto à cumeeira cobertas com adufas. Gunnarr dormia no andar superior do salão principal, e também Hallgerðr e sua mãe. Quando eles chegaram, não sabiam se Gunnarr estaria em casa, e ordenaram que um dentre eles fosse até a casa para averiguar como estavam as coisas, enquanto os demais aguardaram sentados no campo. Þorgrímr, o homem do leste, subiu até a câmara; Gunnarr vê um manto vermelho passando pela janela, e golpeia com a alabarda para fora, acertando-lhe a cintura. O homem do leste deixou escapar o escudo e seus pés fraquejaram, e ele despencou do topo da casa, e caminha em seguida até onde Gizurr e os demais estavam sentados no campo. Gizurr observou-o e falou: “Gunnarr está em casa?” Þorgrímr responde: “Ide vós para sabê-lo, mas uma coisa eu soube: que a sua alabarda estava em casa.” Em seguida, tombou morto.

Eles então avançaram contra a fazenda. Gunnarr pôs-se a atirar flechas contra eles e se defendia bem, e eles não conseguiam fazer o ataque. Então alguns correram contra a fazenda e tentaram fazer o ataque a partir da casa. Gunnarr alcançava-os lá com as flechas, e eles nada puderam fazer, e assim seguiram as coisas por um tempo. Eles fizeram uma pausa e então iniciaram a investida uma segunda vez; Gunnarr continuou atirando flechas, e eles novamente não sucederam

em levar o ataque a cabo e foram rechaçados uma segunda vez. Então Gizurr, o Branco, falou: “Ataquemos melhor, não estamos conseguindo nada.” Fizeram então a terceira investida, e insistiram por um longo tempo; depois disso, recuaram.

Gunnarr falou: “Há uma flecha lá fora na parede, e é uma das flechas deles, e eu atirarei neles com ela; ser-lhes-á vergonhoso se receberem ferimentos de suas próprias armas.” Sua mãe falou: “Não faças isso de aticá-los, agora que eles debandaram.” Gunnarr agarrou a flecha e atirou contra eles, e acertou Eilífr Qnundarson, e ele recebeu um ferimento grande; ele estava sozinho, e os demais não se aperceberam de que ele se feriu. “Um braço lá veio para fora,” diz Gizurr, “com um bracelete de ouro, e apanhou uma flecha que se quedava no telhado; e ele não teria procurado por munição fora se tivesse o suficiente dentro, e agora havemos de lançar o ataque.” Mǫrðr falou: “Ateemos fogo à casa e queimemo-lo dentro.” “Isso não se fará jamais,” diz Gizurr, “ainda que eu soubesse que minha vida dependesse disso. Tu bem poderias ter uma ideia que nos fosse de valia, tu que és um homem considerado tão ardiloso.” Havia cordas no campo, e elas tinham sido usadas para fixar as casas. Mǫrðr falou: “Apanhemos essas cordas e amarremos com uma ponta a cumeeira, e a outra ponta amarremos em pedras, e enrolemos a corda em sarilhos para fazer deslizar para o lado o teto da câmara.” Eles apanharam as cordas e realizaram toda essa operação, e Gunnarr não se deu conta antes que todo o teto havia sido arrancado da câmara. Gunnarr atira contra eles com o arco, de modo que eles nunca se lhe achegam. Então Mǫrðr falou uma segunda vez que deveriam queimar Gunnarr em sua casa. Gizurr responde: “Eu não sei por que tu desejas falar nisso, sendo que ninguém mais o deseja, e isso jamais se fará.”

Nesse momento, Þorbrandr Þorleiksson pula sobre a cobertura da casa e acerta um golpe que corta ao meio a corda do arco de Gunnarr. Gunnarr agarra com ambas as mãos a alabarda e se volta contra ele velozmente e o trespassa e o atira para longe do telhado. Então Ásbrandr, seu irmão, salta para lá; Gunnarr acerta-o com a alabarda, e ele se protege com o escudo; a alabarda atravessa o escudo e os braços; Gunnarr torce a alabarda, de modo que o escudo se despedaça e os braços se quebram, e ele cai do alto da casa.

Gunnarr até então já ferira oito homens, e matara dois; então Gunnarr recebeu dois ferimentos, e todos os homens contam que ele não estremeceu nem com os ferimentos nem com a morte. Ele falou para Hallgerðr: “Concede-me duas madeixas de tua cabeleira, que

minha mãe as trançará para fazer-me uma corda para o arco.” “Disso depende algo para ti?” diz ela. “Minha vida depende disso,” diz ele, “pois que eles jamais lograrão atacar-me enquanto eu puder fazer uso do arco.” “Então é agora,” diz ela, “que eu te recordarei daquele tapa, e pouco me importa se tu te poderás defender por mais ou menos tempo.” “Cada um tem algo para a sua excelência,” diz Gunnarr, “e não to pedirei novamente.” Rannveig falou: “Ages pessimamente, e tua infâmia será lembrada por muito tempo.”

Gunnarr defende-se bem e bravamente e fere agora outros oito homens com chagas tão grandes que em muitos deles infligiu a morte. Gunnarr se defende até que se lhe partem as forças. Eles lhe desferiram então muitas chagas grandes, mas mesmo assim ele se livrou das mãos deles e se defendeu ainda por muito tempo, até que, por fim, acabaram por matá-lo. A sua defesa foi celebrada pelo poeta Þorkell Elfaraskáld nestes versos:

3. *Ouvimos como, exausto na matança,
Gunnarr, o governante do corcel
da vereda da quilha, defendeu-se
brandindo sua alabarda ao sul de Kjǫlr;
rechaçando os ataques, impingiu
chagas em dezesseis dos duros troncos
da tormenta que alui do anel da terra
a lua; e a outros dois a morte deu.*²⁰⁰

Gizurr falou: “Acabamos de fazer tombar um grande campeão, e ele nos ofereceu muita resistência, e sua defesa será lembrada enquanto esta terra for habitada.” Em seguida, foi ao encontro de Rannveig e falou: “Desejarias oferecer a dois dos nossos homens que aqui morreram um terreno para que sejam sepultados?” “Mais do que a dois, eu ofereceria a todos vós,” diz ela. “És desculpada pelo que falas,” diz ele, “pois tu sofreste uma grande perda,” – e completou dizendo que ninguém deveria lá nem pilhar nem destruir nada. Foram-se embora em seguida.

Então Þorgeirr Starkaðarson falou: “Não podemos permanecer em nossas fazendas por conta dos filhos de Sigfúss, a não ser que tu, Gizurr, ou que Geirr permaneça aqui no sul por um tempo.” “Assim

²⁰⁰ Tomei conhecimento de como Gunnarr, o intrépido navegante, defendeu-se até perder as forças na batalha, com sua alabarda ao sul de Kjǫlr; rechaçando os ataques, ele impingiu ferimentos em dezesseis bravos guerreiros e matou dois.

será,” diz Gizurr, e eles sortearam para ver qual dos dois permaneceria, e Geirr acabou sendo sorteado para isso. Em seguida, foi até Oddi e se instalou lá. Ele tinha um filho, de nome Hróaldr; ele era ilegítimo, e sua mãe se chamava Bjartey e era irmã de Þorvaldr, o enfermo, que foi morto à margem de Hestlœkr, em Grímsnes. Ele se gabou muito por ter desferido em Gunnarr a chaga mortal. Hróaldr vivia com seu pai. Þorgeirr Starkaðarson gabou-se de uma outra chaga que ele desferiu em Gunnarr. Gizurr permaneceu em sua casa, em Mosfell.

A morte de Gunnarr foi recebida e comentada com pesar por todos os distritos, e foi por muitos homens lastimada.

CAPÍTULO LXXVIII

Njáll abalou-se ao receber a notícia da morte de Gunnarr, e também os filhos de Sigfúss. Eles perguntaram a Njáll se lhe parecia cabido declarar uma acusação pelo homicídio de Gunnarr e preparar um caso legal. Ele disse que não se poderia fazê-lo, posto que o homem estava proscrito, e declarou que antes se deveria macular a honra deles matando alguns, para vingá-lo.

Eles empilharam uma sepultura para Gunnarr, e o posicionaram sentado no túmulo. Rannveig não quis que a alabarda fosse posta na sepultura, e disse que apenas aquele que desejasse vingar Gunnarr haveria de tomá-la; e assim ninguém tomou a alabarda. Ela portava-se tão dura com Hallgerðr que por pouco não a matou, e acusou-a de ter causado a morte de seu filho; Hallgerðr então correu para Grjótá, com seu filho Grani. Realizaram uma troca de propriedades lá: Hogni receberia a terra em Hlíðarendi com a fazenda, e Grani teria as terras arrendadas.

Deu-se um evento em Hlíðarendi, quando um pastor e uma servente conduziam o rebanho junto ao túmulo de Gunnarr; pareceu-lhes que Gunnarr estava animado e recitava versos dentro da sepultura. Foram para casa e relataram o ocorrido a Rannveig, a mãe de Gunnarr, e ela lhes mandou que fossem contar para Njáll; os dois foram até Bergþórshváll e contaram para Njáll, e ele os fez contarem três vezes. Em seguida, ele conversou por um longo tempo em particular com Skarpheðinn; Skarpheðinn apanha seu machado e vai com os dois para Hlíðarendi. Hogni e Rannveig o receberam muito bem e se alegraram muito com a sua vinda; Rannveig convidou-o a permanecer lá por um tempo, e ele prometeu fazê-lo. Skarpheðinn e Hogni entravam e saíam de casa com frequência. Hogni era um homem de porte galante, bem

composto e incrédulo; aqueles dois não tinham ousado contar para ele acerca do evento.

Skarpheðinn e Høgni estavam fora uma noite, ao sul do túmulo de Gunnarr; o brilho da lua era claro, mas por vezes se encobria. Pareceu-lhes que o túmulo estava aberto e que Gunnarr se tinha virado no túmulo e olhava em direção à lua; eles julgaram ver quatro luzes ardendo no túmulo, e nenhuma sombra se lançava lá. Viram que Gunnarr estava alegre e exultante. Ele declamou um verso em tão alta voz que os dois puderam ouvir perfeitamente, apesar de estarem longe:

4. *De anéis repartidor, o bravo pai de Høgni, façanhoso invocou os numes sanguínários, de coração valente, reluzente disse: o espectro declarou que antes desejava, portador do convés da espada, envolto em elmo, morrer como bordão de Freyja da batalha a ceder – e morrer, bordão de Freyja da batalha.*

Em seguida, fechou-se novamente o túmulo. “Terias crido,” diz Skarpheðinn, “se outros te contassem isso?” “Teria crido se Njáll mo tivesse contado,” diz Høgni, “pois que é dito que ele jamais mente.” “Essa aparição tem um grande significado,” diz Skarpheðinn, “que ele próprio surgiu para nós, dizendo que preferia morrer a dobrar-se ante seus inimigos, e foi isso que veio para nos instruir.” “Não chegarei a lugar nenhum,” diz Høgni, “ao menos que estejas disposto a me dar amparo.” “Agora eu me recordarei de como agiu Gunnarr após o assassinio de Sigmundr, vosso parente. Dar-te-ei tanto amparo quanto eu puder; meu pai prometeu a Gunnarr dar seu amparo sempre que algo dissesse respeito a ti ou à mãe dele.” Caminharam, em seguida, de volta para casa em Hlíðarendi.

CAPÍTULO LXXIX

Skarpheðinn falou: “Nós devemos ir imediatamente nesta noite, pois se correr a notícia de que estou aqui, eles se porão muito mais alertas com tudo.” “Estou desposto a seguir o teu plano,” diz Høgni. Depois disso, apanharam suas armas, quando todas as pessoas estavam em suas camas. Høgni apanha a alabarda, e, ao ser despendurada, ela tilintou alto. Rannveig sobressaltou-se, muito furiosa, e perguntou: “Quem pega a alabarda, que eu proibi a todos de portarem?” “Eu pretendo,” diz Høgni, “levá-la a meu pai, para que a tenha em Valhöll e

a empunhe lá no congresso de armas.” “Antes disso, agora, tu a empunharás e vingarás teu pai,” diz ela, “pois a alabarda anuncia a morte de um homem, de um ou de mais.” Em seguida, Høgni caminhou para fora e contou a Skarpheðinn a conversa que teve com sua avó.

Em seguida, foram-se rumo a Oddi. Dois corvos seguiram-nos voando por todo o caminho. Chegaram a Oddi no meio da noite; conduziram os animais do rebanho para junto das casas. Então Hróaldr e Tjörvi correram para fora e conduziram os animais para as sendas, mais acima, e tinham consigo suas armas. Skarpheðinn se põe de pé num salto e fala: “Não precisas esquadrinhar: é bem o que te parece.” Em seguida Skarpheðinn desfere em Tjörvi o ferimento de morte. Hróaldr tinha na mão uma lança, e Høgni se lançou contra ele; Hróaldr golpeia contra ele; Høgni cortou pela metade a haste da lança com a alabarda, e então trespassa-o com a alabarda. Em seguida eles se afastaram dos mortos; voltam-se de lá e descem em direção a Prihyrningr. Skarpheðinn salta sobre a casa e põe-se a arrancar turfe, e aqueles que estavam dentro julgaram que se trataria de animais do rebanho. Starkaðr e Þorgeirr apanharam suas armas e roupas e saíram e correram sobre o quintal; mas, quando viu Skarpheðinn, Starkaðr temeu e quis voltar. Skarpheðinn golpeia-o junto à cerca. Então Høgni vai deparar-se com Þorgeirr e o mata com a alabarda.

De lá eles foram até Hof, e Mjörðr estava fora de casa, no campo, e pediu tréguas para si e ofereceu uma conciliação plena. Skarpheinn anunciou a Mjörðr a morte daqueles quatro e disse que ele teria o mesmo destino ou então concederia julgamento pleno, se Høgni desejasse aceitá-lo. Høgni declarou que preferiria não se conciliar com o matador de seu pai, e, não obstante, acabou, por fim, aceitando o julgamento pleno.

CAPÍTULO LXXX

Njáll contribuiu para convencer aqueles que tinham direito e dever de executar ação legal contra Starkaðr e Þorgeirr a aceitarem a conciliação, e um encontro distrital foi realizado e escolheram-se homens para o arbitramento, e todas as coisas foram ponderadas – o ataque contra Gunnarr, conquanto ele estivesse proscrito – e então Mjörðr pagou todo o valor da multa estipulada, pois eles não concluíram o estabelecimento da pena contra ele antes que se arbitrasse o outro caso, e determinaram, por fim, que um compensava o outro. Eles estavam então plenamente conciliados.

E na assembleia deu-se muita discussão, até que, por fim, Geirr Goði e Høgni se conciliaram, e essa conciliação foi depois mantida entre as partes. Geirr Goði morou em Hlíð até o dia de sua morte, e está fora desta história.

Njáll pediu para Høgni uma mulher, Álfeidr, filha do poeta Vetrliði, e ela lhe foi dada; filho deles foi Ari, o qual velejou para a Zetlândia e lá se casou. Dele descende Einarr o Zetlandês, o homem mais valente. Høgni conservou sua amizade com Njáll, e está fora desta história²⁰¹.

CAPÍTULO LXXXI

Agora, quanto a Kolskeggr, há para se contar que ele chega à Noruega e permanece no leste, em Vík, durante o inverno, mas, no verão seguinte, viaja a leste, até a Dinamarca, e entra na corte do rei Sveinn barba-de-forquilha e recebe lá muitas honras.

Certa noite, ele sonhou que um homem se lhe achegou; era luminoso; no sonho, parecia que ele o acordava. Este lhe disse: “Põe-te de pé e vem comigo.” “Que queres de mim?” diz ele. Ele falou: “Eu te arranjarei uma esposa, e tu serás meu cavaleiro.” Ele concordou no sonho; depois disso, despertou. Em seguida, foi até um sábio e lhe relatou o sonho, e ele o interpretou e disse-lhe que ele viajaria para as terras do sul e se tornaria um cavaleiro de Deus. Kolskeggr batizou-se na Dinamarca, mas não obteve lá satisfação e rumou para o leste, até Garðaríki²⁰², e passou lá um inverno. Então de lá partiu para Miklagarðr e assoldou-se²⁰³. Fizeram-se notícias a seu respeito, posteriormente, de que se casou lá e foi líder dos varangos e lá permaneceu até o dia de sua morte. E ele está fora desta história.

CAPÍTULO LXXXII

Agora há para se mencionar que Þráinn Sigfússon chegou à Noruega. Eles passaram por Hálugaland, ao norte, e seguiram para o sul, até Þrándheimr, e então para Hlaðir. E, quando o *jarl* Hákon tomou deles notícia, enviou homens até eles para descobrir que homens estariam a bordo, e eles retornaram e disseram a Hákon quem eram aqueles. O *jarl* então mandou chamarem Þráinn Sigfússon, e ele foi ao

²⁰¹ O narrador se contradiz neste ponto. Høgni terá mais duas aparições, ainda que brevíssimas, na saga.

²⁰² Trata-se do Principado de Kiev.

²⁰³ Miklagarðr é o nome nórdico antigo de Constantinopla; nos séculos IX e X muitos escandinavos serviam como guerreiros mercenários ao imperador de Bizâncio, no regimento dos varangos (*væringjalið*).

seu encontro. O *jarl* perguntou de que família ele era; ele disse que era um parente muito próximo de Gunnarr de Hlíðarendi. O *jarl* falou: “Tu te beneficiarás disso, pois já vi muitos homens islandeses, e nenhum páreo para ele.” Þráinn falou: “Senhor, gostaríeis que eu permanecesse convosco neste inverno?” O *jarl* o acolheu; Þráinn permaneceu lá durante o inverno, e foi tido em alta estima.

Um homem chamava-se Kolr; era um viquingue; era filho de Ásmundr flanco-de-cinza, do leste, de Smáloñd. Encontrava-se fundeado no rio Gautelfr, a leste, com cinco navios e um grande bando. De lá Kolr deixou o rio Gautelfr e seguiu em direção à Noruega, e subiu até Fold e apanhou Hallvarðr *sóti* desprevenido – e eles o encontraram num sótião. Ele se defendeu bem de lá, até que atearam fogo ao local; então ele se entregou, mas eles o mataram e apossaram-se de muitas riquezas no local e seguiram de lá rumo a Ljóðhús. Essas notícias chegaram ao *jarl* Hákon, e ele declarou Kolr fora-da-lei em todo o seu reino e estipulou um prêmio por sua cabeça.

Certa vez, o *jarl* tomou a palavra e disse assim: “Muito longe de nós se encontra Gunnarr de Hlíðarendi; ele mataria meus foras-da-lei, se aqui estivesse, mas agora islandeses o matarão, e é ruim que ele não tenha viajado até nós.” Þráinn Sigfússon respondeu: “Eu não sou Gunnarr, porém sou seu parente, e estou desejoso de assumir esta expedição.” O *jarl* falou: “Desejo muito que o faças. Cuidarei de todos os preparativos para tua jornada.” Então seu filho Eiríkr tomou a palavra: “Já prometeste boas coisas a muitos, mas nem sempre tudo pareceu cumprir-se. Essa expedição é a mais árdua, pois esse viquingue é duro e terrível de se enfrentar; tu precisarás preparar bem essa jornada, tanto com relação a tropas quanto a navios.” Þráinn falou: “Ainda assim irei, mesmo que a expedição não seja desejável.” Em seguida, o *jarl* concedeu-lhe cinco navios, todos bem tripulados. Junto com Þráinn estavam Gunnarr Lambason e Lambi Sigurðarson. Gunnarr era filho do irmão de Þráinn, e havia ido morar com ele ainda novo, e ambos nutriam grande afeto um pelo outro. Eiríkr Hákonarson ajudou-os e observou a tripulação e os armamentos e fez os implementos que lhe pareciam necessários. Em seguida, quando eles estavam prontos, Eiríkr arranjou-lhes um piloto.

Velejaram então para o sul, costeando; e, onde quer que aportassem, o *jarl* os provia de tudo quanto necessitassem. Eles seguiram para leste, rumo a Ljóðhús; lá tomaram conhecimento de que Kolr partira para leste, rumo à Dinamarca; eles então seguiram viagem para o sul, com esse destino. E, quando chegaram a sul de

Helsingarborg, encontraram um bote com alguns homens, e estes lhes disseram que Kolr estava adiante e que permaneceria por algum tempo ali. Naquele dia fazia tempo bom. Então Kolr viu a frota avançando em sua direção, e disse que sonhara na noite anterior com o *jarl* Hákon e que aqueles agora deveriam ser os homens dele, e ordenou a todos os seus homens que apanhassem suas armas. Em seguida eles se aprontam, e trava-se lá uma batalha. Eles lutaram por um longo tempo sem que uma parte sobrepujasse a outra. Em seguida, Kolr saltou a bordo do navio de Þráinn e malferiu à sua volta e matou muitos homens; ele tinha um elmo dourado. Agora Þráinn percebe que não será de valia permanecer como está, e incita seus homens, enquanto ele próprio avança à frente e depara-se com Kolr. Kolr desfere contra ele um golpe, e acerta o escudo de Þráinn, e despedaça-lhe o escudo. Então Kolr recebeu uma pedrada na mão; sua espada então caiu. Þráinn desferiu um golpe em Kolr, e acertou-lhe a perna, decepando-a; depois disso, eles mataram Kolr; Þráinn decepou dele a cabeça, e atirou o corpo no mar, mas conservou consigo a cabeça. Apossaram-se lá de muitas riquezas; seguiram viagem então para o norte, rumo a Þrándheimr, e foram ao encontro do *jarl*; ele acolheu bem Þráinn. Ele mostra ao *jarl* a cabeça de Kolr, e o *jarl* agradece-lhe o feito. Eiríkr disse que isso valia mais do que palavras apenas; o *jarl* respondeu que assim era, e pediu-lhes que o acompanhassem. Eles caminharam até um local onde o *jarl* mandara construir alguns bons navios. O *jarl* mandara construir lá um navio que não era feito como os navios longos²⁰⁴; nele havia a cabeça de um abutre, e muitos ornamentos na cabeça. O *jarl* falou: “Tu és um homem muito afeito ao luxo, Þráinn, e tu e Gunnarr sois ambos parentes; eu desejo agora presentear-te com este navio, e o navio se chama Abutre. Acompanha-lo-á a minha amizade. Eu desejo que permaneças em minha companhia pelo tempo que quiseres.” Ele agradeceu a benfeitoria ao *jarl* e declarou não desejar partir para a Islândia do modo como estavam as coisas.

O *jarl* teve de partir numa jornada para a fronteira leste, para encontrar-se com o rei dos suecos. Þráinn o acompanhou no verão, e era o comandante e governava o navio Abutre, e velejava tão velozmente que poucos podiam segui-lo, e foi muito invejado, mas era evidente sempre que o *jarl* tinha Gunnarr em muito alta estima, pois censurava duramente todos quantos perturbassem Þráinn. Þráinn permaneceu com o *jarl* durante todo aquele inverno. Mas, na primavera, o *jarl* perguntou se Þráinn desejava permanecer por lá ou viajar para a Islândia, e ele

²⁰⁴ Langskip: navio longo.

disse que ainda não se decidira e que desejava antes tomar conhecimento das notícias da Islândia. O *jarl* disse que se faria conforme melhor lhe conviesse. Þráinn permaneceu com o *jarl*. Então chegou da Islândia a notícia que abalou muitos, da morte de Gunnarr de Hlíðarendi. Então o *jarl* não desejou que Þráinn partisse, e ele permaneceu lá depois disso.

CAPÍTULO LXXXIII

Agora há para se mencionar que Grímr e Helgi, filhos de Njáll, partiram da Islândia no mesmo verão em que Þráinn com seus companheiros viajaram para fora, e eles navegaram no mesmo navio com Óláfr *elda*, filho de Ketill, e Bárðr. Apanharam um vento norte tão duro que os arrastou para o sul através do mar, e foram encobertos por escuridão tamanha, que não sabiam aonde rumavam, e permaneceram em mar aberto por um longo tempo. Chegaram então a uma parte onde a água era muito rasa, e compreenderam que se encontravam próximos a terra firme. Os filhos de Njáll perguntaram se Bárðr teria alguma ideia sobre que terras haveriam de estar mais próximas. “Podem ser muitas,” diz ele, “a julgar pelas condições de vento que nós tivemos, – as Ilhas²⁰⁵ ou a Escócia ou a Irlanda.”

Duas noites mais tarde, eles avistaram terra em ambos os bordos e uma forte ondulação no mar adentro do fiorde; deitaram âncora fora da rebentação. À noite o tempo começou a amainar-se, e, pela manhã, havia calmaria. Avistam então treze navios partindo da costa em sua direção. Então Bárðr falou: “Que fazemos agora? Aqueles homens nos atacam.” Em seguida, discutiram se deveriam defender-se ou entregar-se, e, antes que tivessem chegado a uma decisão, os viquingues se lhes achegaram. Então uns perguntaram aos outros o nome de seus líderes. Então os líderes dos mercadores disseram seus nomes e perguntaram quem comandava a frota daqueles. Um nomeou-se Grjótgarðr, e o outro Snækólfr, filhos de Moldan, de Dungalsboær, na Escócia, parentes de Melkólfr, rei dos escoceses, – “e de nossa parte são dadas duas alternativas,” diz Grjótgarðr, “uma é vós desembarcardes e nós tomarmos vossos bens de valor; a outra é nós vos assaltarmos e matarmos todos os homens que apanharmos.” Helgi respondeu: “Os mercadores desejam defender-se.” “Fala por ti, miserável. Que resistência podemos oferecer? E a vida vale mais que as riquezas.” Grímr decidiu berrar para os viquingues e não deixá-los ouvir o murmúrio ruim dos mercadores. Bárðr e Óláfr falaram: “Não achais

²⁰⁵ Refere-se, provavelmente, às Ilhas Orkney.

acaso que os islandeses poderão censurar-vos os modos? Apanhei, antes, vossas armas e defendei-vos.” Todos então apanharam suas armas e prometeram que jamais se entregariam, enquanto pudessem defender-se.

LXXXIV

Os viquingues atiram contra eles, e trava-se agora uma batalha; eles lutam por um tempo e os mercadores defendem-se bem. Snækólfr corre contra Óláfr e o trespassa com a lança. Grímr golpeia com sua lança na direção de Snækólfr tão fortemente, que este caiu ao mar. Helgi então se voltou para onde estava Grímr, e os dois rechaçaram todos os viquingues, e os filhos de Njáll sempre se encontravam onde mais era preciso. Os viquingues gritaram e ofereceram aos mercadores a opção de se entregarem; eles disseram que jamais se entregariam.

Nisso, olham para o mar: veem lá navios passando ao sul, diante do cabo, e não são menos do que dez; eles remam intensamente e dirigem-se até lá; há fileiras de escudos lado a lado nestes navios. E no navio que vinha à frente postava-se um homem de pé junto à vela; ele trajava uma túnica de seda e tinha um elmo dourado, e sua cabeleira era tanto farta quanto bela; este homem tinha na mão uma lança adornada com ouro. Ele perguntou: “Quem joga aqui esse jogo tão desigual?” Helgi nomeou-se e disse que do outro lado estavam Grjótgarðr e Snækólfr. “Mas quem são os timoneiros?” disse ele. Helgi responde: “Bárðr o negro chama-se um, que vive, e o outro foi morto, chamava-se Óláfr, já meu irmão, que está em minha companhia, chama-se Grímr.” “Sois homens islandeses?” diz ele. “Somos sim,” diz Helgi. Ele lhes perguntou filhos de quem eram; eles lho disseram. Então os reconheceu e falou: “O vosso nome e o de vosso pai são célebres.” “Quem és tu?” diz Helgi. “Chamo-me Kári, e sou filho de Sölmundr.” “De onde vens?” diz Helgi. “Das Ilhas do Sul,” diz Kári. “Então és bem-vindo,” diz Helgi, “se estás disposto a prestar-nos algum auxílio.” “Ofereço-vos tanto auxílio de quanto necessiteis,” diz Kári, “mas o que vós pedis?” “Abordá-los,” diz Helgi. Kári disse que assim seria.

Lançaram-se então contra eles, e travou-se uma batalha pela segunda vez. E, quando lutavam já havia algum tempo, Kári salta a bordo do navio de Snækólfr; este se volta contra aquele e golpeia imediatamente contra ele. Kári dá um salto para trás sobre uma trave que havia através do navio; Snækólfr acerta o golpe na trave, de modo que ambos os gumes da espada se enterram. Kári golpeia contra ele, e a espada lhe atinge o ombro, e o golpe foi tão forte que lhe decepou o

braço, e Snækólfr teve imediatamente sua morte. Grjótgarðr atirou uma lança contra Kári; Kári apercebeu-se e deu um salto no ar, e a lança passou de balde. Nisso Helgi e Grímr haviam vindo para junto de Kári; Helgi então se atira sobre Grjótgarðr e trespassa-o com a espada, e essa foi a morte dele. Eles então percorrem todos os navios; os homens pedem clemência. Eles concederam a todos clemência, mas apossaram-se de todas as riquezas. Depois disso, conduzem os navios todos até junto das ilhas.

CAPÍTULO LXXXV

Sigurðr era o nome do *jarl* que detinha o poder sobre as ilhas Orkney; ele era filho de Hlōðvir, filho de Þorfinnr racha-crânios, filho de Torf-Einarr, filho do *jarl* Rognvaldr de Mœrr, filho de Eysteinn *glumra*. Kári era um homem da corte do *jarl* Sigurðr e havia recolhido os impostos das ilhas do *jarl* Gilli. Kári os convida agora a irem até a ilha Hrossey e diz que o *jarl* Sigurðr os receberá bem. Eles aceitaram a proposta e foram com Kári e chegaram a Hrossey. Kári os acompanha ao encontro do *jarl* e conta que homens eles são. “Como eles vieram,” diz o *jarl*, “ao teu encontro?” Kári responde: “Encontrei-os nos fiordes da Escócia, e lutavam com os filhos de Moldan; e defendiam-se tão bem que corriam de um lado para o outro no convés e estavam sempre onde mais precisava. Desejo agora pedir acolhimento na corte para eles.” “Será como queres,” diz o *jarl*; “já assumiste tanta responsabilidade com eles antes.” Eles então permaneceram com o *jarl* durante o inverno e foram bem estimados.

Helgi permanecia taciturno com o passar do tempo. O *jarl* não compreendia qual era a causa, e perguntou por que ele estava calado, se acaso não lhe aprazia estar lá. “Apraz-me estar aqui,” diz Helgi. “Que tens em mente então?” diz o *jarl*. “Tende acaso algum reino para cuidar,” diz Helgi, “na Escócia?” “Parece-nos que sim,” diz o *jarl*, “mas qual é o caso?” Helgi responde: “Os escoceses devem ter tirado a vida de vosso bailio e capturado todos os mensageiros, impendendo-os de cruzar Pétlandsfjörðr.” O *jarl* falou: “És um vidente?” Helgi responde: “Isso ainda foi pouco posto à prova.” “Aumentarei tua honra,” diz o *jarl*, “se isso assim for; do contrário, terás de pagar.” “Ele não é homem dessa sorte,” diz Kári, “e terá dito a verdade, pois seu pai é vidente.”

Em seguida, o *jarl* enviou um homem para o sul, rumo a Straumsey, até seu bailio Arnljótr. Depois disso, Arnljótr enviou homens para o sul através de Pétlandsfjörðr, e informaram-se lá de que o *jarl* Hundi e o *jarl* Melsnati haviam tirado a vida de Hávarðr, cunhado

do *jarl* Sigurðr, em Þrasvík. Arnljótr então enviou mensagem ao *jarl* Sigurðr de que deveria vir para o sul com uma grande tropa para expulsar aqueles *jarlar* do reino, e, quando tomou notícia disso, o *jarl* reuniu um grande exército por todas as ilhas.

CAPÍTULO LXXXVI

Em seguida, o *jarl* partiu para o sul com o exército, e Kári estava na expedição junto com ele, e também os filhos de Njáll. Chegaram ao sul, junto a Katanes. O *jarl* tinha estes reinos na Escócia: Ros e Mýræfi, Syðri-lynd e Dalir. Chegaram lá ao encontro deles escoceses destes reinos, e contaram-lhe que os *jarlar* se encontravam a curta distância, com um grande exército. Então o *jarl* Sigurðr conduz até lá o exército, e o sítio localizado acima de onde ocorreu o embate chama-se Dungalsgnípa, e travou-se uma grande batalha entre eles. Os escoceses haviam separado algumas tropas, e elas apanharam os homens do *jarl* em seu flanco desguarnecido, e deu-se grande matança, até que os filhos de Njáll voltaram-se para lá e lutaram contra eles e os rechaçaram. E a batalha, não obstante, acirra-se. Helgi e Grímr voltam-se então até diante dos estandartes do *jarl* e lutam bem. Agora Kári se volta contra o *jarl* Melsnati. Melsnati atirou uma lança contra Kári; Kári atirou a lança de volta, trespassando o *jarl*. Então o *jarl* Hundi bateu em retirada, mas aqueles os perseguiram até que tomaram notícia de que Melkólfr reunira um grande exército em Dungalsbær. O *jarl* então deliberou com seus homens e pareceu a todos aconselhável retornar e não lutar contra tamanho exército. Retornaram então.

E, quando chegou a Straumsey, o *jarl* fez a partilha dos espólios de guerra; em seguida, foi para o norte, rumo a Hrossey. Os filhos de Njáll o seguiram, e também Kári. O *jarl* ofereceu um grande banquete, e nesse banquete o *jarl* deu para Kári uma boa espada e uma lança adornada com ouro, para Helgi um bracelete de ouro e um manto, e para Grímr um escudo e uma espada. Depois disso, fez de Grímr e Helgi membros de sua guarda real e agradeceu-lhes a boa coragem. Eles permaneceram com o *jarl* durante aquele inverno e o verão seguinte, até que Kári partiu para guerrear por espólios; eles partiram com ele. Travaram inúmeras batalhas atrás de espólios naquele verão, e em todas saíram-se vitoriosos; lutaram contra o rei Guðrøðr de Møn e o derrotaram, e retornaram com isso feito, e haviam obtido muitas riquezas. Permaneceram com o *jarl* durante o inverno, em alta estima.

Na primavera, os filhos de Njáll pediram para partir para a Noruega. O *jarl* falou-lhes que fossem aonde lhes aprouvesse e proviu-

lhes de um bom navio e homens valentes. Kári disse que iria, nesse verão, à Noruega levando os tributos ao *jarl* Hákon, e que eles haveriam de se encontrar lá, e acabaram combinar que fariam desse modo. Em seguida, os filhos de Njáll zarparam e velejaram rumo à Noruega, e chegaram ao norte, junto a Þrándheimr.

CAPÍTULO LXXXVII

Kolbeinn chamava-se um homem, e era filho de Arnljót; era um homem de Þrándheimr. Ele velejou para a Islândia no mesmo verão em que Kolskeggr e os filhos de Njáll partiram daqui; passou aquele inverno no leste, em Breiðdalr. E, no verão seguinte, aprontou seu navio em Gautavík. E quando estavam já bem prontos, achegou-se-lhes remando num bote um homem, e amarrou o bote no navio mercante e em seguida subiu a bordo para ir ter com Kolbeinn. Kolbeinn perguntou o nome a este homem. “Chamo-me Hrappr,” diz ele. “Que desejas de mim?” diz Kolbeinn. “Desejo pedir-te,” diz Hrappr, “que me transportes sobre o mar da Islândia.” Kolbeinn pergunta: “De quem és filho?” Ele responde: “Sou filho de Örgumleiði, filho de Geirólfr guerreiro.” Kolbeinn pergunta: “Que necessidades tens disso?” “Eu cometi um homicídio,” diz Hrappr. “Quem tu mataste,” diz Kolbeinn, “e quem levará adiante o caso legal contra ti?” Ele responde: “Eu matei Örylgr, filho de Ölvir, filho de Hróðgeirr o branco, e cabe à gente de Vápnafjörðr levar adiante o caso.” “Parece-me,” diz Kolbeinn, “que será pior para quem te transportar.” Hrappr falou: “Sou para meus amigos um amigo, mas retribuo o mal àqueles que me fizeram mal; e não pouparei no pagamento do frete, que tenho bastante dinheiro para tal.” Em seguida Kolbeinn o aceita.

Pouco mais tarde, soprou-lhes vento favorável e eles velejaram ao largo. Hrappr ficou sem mantimentos no mar; servia-se então das provisões dos que se encontravam mais próximos a ele; eles se sobressaltam com insultos, até que, por fim, brigam e Hrappr logo derruba dois homens. Isso foi comunicado então a Kolbeinn, e ele ofereceu a Hrappr dividir suas provisões, e ele o aceitou.

Eles se aproximam da terra e fundeiam ao largo de Agðanes. Então Kolbeinn perguntou: “Onde está aquele dinheiro que me ofereceste como pagamento por tua passagem?” Hrappr responde: “Está lá na Islândia.” Kolbeinn falou: “Tu deves ser trapaceiro com outros além de mim, mas, mesmo assim, estou disposto a abrir mão de todo o pagamento.” Hrappr agradeceu-lhe por isso, — “mas como tu me aconselhas a agir agora?” “Primeiramente,” diz Kolbeinn, “aconselho-te

a deixares o navio o mais rápido possível, pois todos os homens do leste²⁰⁶ falarão mal de ti, e, contudo, dou-te ainda mais um bom conselho: jamais traias o teu senhor.”

Em seguida, Hrappr desembarcou com suas armas; ele tinha na mão um grande machado de cabo enfaixado. Avança até que chega junto a Guðbrandr de Dalir. Ele era o maior amigo do *jarl* Hákon; os dois dividiam a posse de um templo, e ele nunca estava aberto, senão quando lá ia o *jarl*; era o segundo maior templo da Noruega, sendo o maior em Hlaðir. Þrándr chamava-se o filho de Guðbrandr, e Guðrún a filha. Hrappr apresentou-se diante de Guðbrandr e cumprimentou-o bem. Ele lhe perguntou de que gente ele era. Hrappr disse seu nome e que vinha desde a Islândia; em seguida, pede a Guðbrandr para acolhê-lo. Guðbrandr falou: “Não tenho a impressão de que tu sejas um homem afortunado.” “E a mim parece que muito se tem mentido a teu respeito,” diz Hrappr, “pois foi dito que tu acolhias todos quantos to pedissem, e que nenhum homem era tão magnânimo quanto tu. Eu assim contradirei isso, se tu não me acolheres.” Guðbrandr falou: “Aqui deverás permanecer, sendo assim.” “Que posto me indicas, para eu me sentar?” diz Hrappr. “O banco baixo,” diz Guðbrandr, “na parte oposta ao meu assento de honra.” Hrappr caminhou até seu assento. Ele sabia muitas coisas para contar. Num primeiro momento, ocorreu que isso pareceu divertido a Guðbrandr e a muitos outros, mas chegou um momento em que a muitos isso parecia excessiva petulância.

E, por fim, ele se pôs a conversar com Guðrún, de modo a muitos comentarem que ele a seduziria. Mas, ao tomar conhecimento disso, Guðbrandr repreendeu-a muito por estar a conversar com ele, e pediu-lhe que evitasse trocar palavras com ele sem que todos pudessem escutar. Ela o obedeceu bem primeiramente, porém logo tudo voltou a estar como antes com relação às suas conversas. Então Guðbrandr incumbiu a Ásvarðr, seu supervisor de trabalho, a função de acompanhá-la aonde quer que ela fosse.

Certa vez aconteceu de ela pedir para ir a uma floresta de castanheiras para entreter-se, e Ásvarðr a acompanhou. Hrappr segue-os e os encontra na floresta, e toma-a pela mão e condu-la até estar a sós com ela. Em seguida, Ásvarðr foi procurá-la e encontrou os dois numa moita deitados juntos. Ele se lança com o machado em punho e golpeia contra a perna de Hrappr, mas este se vira rapidamente, e o machado não o atinge. Hrappr saltou de pé velozmente e agarrou seu machado;

²⁰⁶ I.e. noruegueses.

em seguida Ásvarðr virou-se para fugir; Hrappr golpeia-o, partindo-lhe a espinha na metade.

Então Guðrún falou: “Acabas de praticar um feito pelo qual não poderás mais permanecer com meu pai. E, contudo, há ainda mais uma coisa que lhe parecerá ainda pior, que eu carrego uma criança.” Hrappr responde: “Ele não receberá essas notícias de outros, e eu retornarei para casa e lhe contarei ambas.” “Então não escaparás com vida,” diz ela. “Correrei esse risco,” diz ele. Depois disso, ele a acompanha até onde estão outras mulheres e vai para casa.

Guðbrandr estava sentado em seu assento de honra, e havia poucos homens no salão. Hrappr andou até diante dele, e segurava o machado em riste. Guðbrandr perguntou: “Por que está ensanguentado o teu machado?” “Eu tratei das dores nas costas de Ásvarðr,” diz ele. “Não há de ter sido por bem,” diz Guðbrandr; “deves tê-lo matado.” “Assim é, certamente,” diz Hrappr. “Qual foi o motivo?” diz Guðbrandr. “Parecer-te-ia coisa pouca,” diz Hrappr; “ele quis decepar-me a perna.” “Que havias feito antes?” diz Guðbrandr. “Algo que em nada lhe dizia respeito,” diz Hrappr. “Contudo, podes dizer o que foi,” diz Guðbrandr. Hrappr falou: “Se desejas sabê-lo, eu estava deitado com tua filha, e isso lhe desaprouve.” Guðbrandr falou: “Homens, ponde-vos de pé para apanhá-lo, matai-o.” “São muito poucos os privilégios de genro que me dás,” diz Hrappr, “mas não tens homens o suficiente para lebares isso a cabo rapidamente.” Eles se põem de pé, mas ele recua e sai da casa; eles correm em seu encalço, mas ele foge para uma floresta, e eles não o apanham. Guðbrandr reúne um bando e ordena que se façam buscas pela floresta, e eles não o encontram, porque a floresta era grande e cerrada.

Hrappr segue floresta adentro até que se depara com uma clareira; lá encontra uma casa, e, do lado de fora dela, um homem, e ele cortava lenha. Perguntou o nome a esse homem, e ele se nomeou Tófi. Tófi perguntou-lhe o nome, e Hrappr disse como se chamava. Hrappr perguntou por que o senhor da terra morava tão longe das outras pessoas. “Porque,” diz ele, “aqui eu não preciso me incomodar muito com os outros homens.” “Nós dois agimos estranhamente nessa questão,” diz Hrappr, “e eu te direi antes quem sou: eu estive com Guðbrandr de Dalir e fugi de lá porque matei seu supervisor de trabalho. Mas eu sei que somos ambos, eu e tu, malfeitores, pois não terias vindo para cá, longe das demais pessoas, se não fosses um forada-lei em algum lugar; e dou-te duas alternativas: ou te denunciarei, ou desfrutaremos ambos igualmente disso que há aqui.” O fazendeiro

falou: “Dá-se conforme tu dizes: eu tomei esta mulher que se encontra aqui junto a mim, e muitos homens têm procurado por mim.” Em seguida, ele conduziu Hrappr para dentro de casa consigo; a habitação lá era pequena e bem-feita. O fazendeiro disse a sua mulher que havia empregado Hrappr. “Muitos virão a receber o mal deste homem,” diz ela, “contudo, desejarás fazer como decidiste.”

Em seguida, Hrappr permaneceu lá. Ele passava muito tempo em andanças e nunca estava em casa; conseguiu manter seus encontros com Guðrún sempre. Guðbrandr e seu filho Þrándr mantinham-se de prontidão para o capturarem, mas nunca sucediam em apanhá-lo; e assim continuaram as coisas por um ano.

Guðbrandr mandou comunicar ao *jarl* Hákon sobre os problemas que teve com Hrappr. O *jarl* mandou declarar Hrappr forada-lei e estipulou um prêmio por sua cabeça, e prometeu ir ele próprio para fazer buscas por ele, mas isso foi em vão, e o *jarl* julgava que seria fácil pegá-lo, uma vez que ele andava tão despreocupado.

CAPÍTULO LXXXVIII

Agora há para se contar que, no verão, os filhos de Njáll partiram das ilhas Orkney rumo à Noruega, e estiveram lá numa feira no verão. Þráinn Sigfússon então aprontou seu navio para retornar à Islândia, e estava então já completamente pronto.

Então o *jarl* Hákon foi para um banquete oferecido por Guðbrandr. Durante a noite, Hrappr matador foi até o templo do *jarl* e de Guðbrandr, e entrou nele. Viu Þorgerðr hǫldabruði sentada²⁰⁷, e ela era tão grande quanto um homem forte; tinha um bracelete de ouro no braço e uma touca sobre a cabeça. Ele toma dela a touca e retira-lhe o bracelete de ouro. Então vê o carro de Þórr, e deste retira um segundo bracelete. Tomou o terceiro de Irpa, e carregou os três deuses para fora e retirou-lhes todas as vestes; em seguida ateou fogo ao templo e incendiou-o. Depois disso, vai embora; começou então a amanhecer.

Ele caminha sobre um campo arável; então seis homens armados surgem e imediatamente o atacam, mas ele se defende bem. Ao final, ele mata três, fere mortalmente Þrándr, e persegue dois até a floresta, a fim de que estes não levem a notícia ao *jarl*. Ele andou então até Þrándr e falou: “Eu tenho agora a opção de te matar, e não desejo fazê-lo: respeitarei mais meus laços de cunhado contigo do que vós mo respeitastes.” Hrappr tem em mente agora retornar para a floresta. Vê que entre ele e a floresta haviam vindo homens, e não ousa buscar

²⁰⁷ Trata-se do ídolo de uma divindade.

abrigo lá; deita-se então no meio de uma moita e permanece lá por um tempo.

O *jarl* Hákon e Guðbrandr caminham, cedo naquela manhã, até o templo, e o encontram completamente queimado e os três deuses do lado de fora, despojados de todos os adornos. Então Guðbrandr tomou a palavra: “Grande poder foi dado aos nossos deuses, que eles andaram sozinhos para fora do fogo.” “Isso não deve ter sido ação dos deuses,” diz o *jarl*; “um homem deve ter incendiado o templo e retirado de lá os deuses. Mas os deuses não se vingam na mesma hora, e o homem que fez isso será expulso de Valhøll e jamais irá lá.”

Nesse momento, chegaram lá correndo quatro homens do *jarl* e lhes contaram as más notícias, disseram ter encontrado três homens mortos no campo, e Þrándr mortalmente ferido. “Quem teria causado isso?” diz o *jarl*. “Hrappr matador,” disseram eles. “Então ele deve ter incendiado o templo,” diz o *jarl*. Parecia-lhes que este muito provavelmente fizera isso. “Onde ele estará agora?” disse o *jarl*. Eles disseram que Þrándr disse que ele se deitara numa moita. O *jarl* vai até lá para procurá-lo, e Hrappr já havia ido para bem longe. O *jarl* então deu ordens para que se fizessem buscas por ele, e eles não o encontraram. O próprio *jarl* tomou parte nas buscas, e ordenou que descansassem antes.

O *jarl* se afastou, sozinho, dos outros homens, e ordenou que ninguém o acompanhasse, e ficou lá por um tempo. Ele se ajoelhou e pôs a mão diante dos olhos. Em seguida retornou para junto dos demais. Ele lhes falou: “Acompanhai-me.” Eles o acompanharam, e ele se desvia abruptamente do caminho que tinham antes trilhado, e chegaram a um pequeno vale. Lá surgiu diante deles Hrappr, e era lá que ele havia antes se escondido. O *jarl* exorta então seus homens para correrem em seu encalço, mas Hrappr tinha pernas tão ágeis que eles não chegaram sequer perto dele.

Hrappr dirige-se para Hlaðir. Lá se encontravam então prontos para zarpar tanto Þráinn Sigfússon quanto os filhos de Njáll. Hrappr corre até o local onde os filhos de Njáll estão, em terra. Ele fala: “Acudi-me, bons camaradas, pois o *jarl* deseja matar-me.” Helgi o observou e falou: “Dás-me a impressão de seres um homem desafortunado, e estará melhor o homem que não te acolher.” “Eu desejaria,” diz Hrappr, “que vós dois recebêsseis de mim o maior mal.” “Eu sou homem capaz,” diz Helgi, “de vingar-me disso em ti, quando o tempo vier.”

Hrappr voltou-se então e dirigiu-se na direção de Þráinn Sigfússon e pediu-lhe proteção. “Que delito cometeste?” diz Þráinn. Hrappr falou: “Incendiei o templo do *jarl* e matei uns homens, e ele chegará aqui em breve, pois ele próprio está atrás de mim.” “Isso é descabido para mim,” diz Þráinn, “depois de todo o bem que o *jarl* me fez.” Então Hrappr mostrou a Þráinn os tesouros que carregou do templo, e ofereceu dar-lhe aqueles bens de valor; ele disse que não aceitaria, ao menos que outros bens fossem dados no lugar. Hrappr falou: “Eu ficarei aqui, e eles me matarão aqui diante de teus olhos, e então serás reprovado por todos os homens.” Então eles veem o *jarl* e seus homens vindo. Então Þráinn o acolheu, mandou que deitassem o bote ao mar e o transportou a bordo do navio. Þráinn falou: “Agora o melhor esconderijo é quebrar o fundo de dois barris e tu entras neles.” Isso foi feito, e ele entrou nos barris, e eles foram amarrados juntos, em seguida, e pendurados no bordo.

Então o *jarl* chega ao local com seu bando; ele vai ter com os filhos de Njáll e pergunta se Hrappr veio até aí; eles disseram que ele havia vindo. O *jarl* perguntou aonde ele foi de lá; eles disseram que não haviam reparado. O *jarl* falou: “Aquele que me entregasse Hrappr receberia grande honra de minha parte.” Grímr falou baixo com Helgi: “Por que não havemos de dizer? Não sei se Þráinn nos repagará com algum bem.” “Melhor não dizermos nada,” diz Helgi, “uma vez que sua vida está em jogo.” Grímr falou: “Pode ser que o *jarl* volte sua vingança contra nós, pois está agora tão furioso que precisará achar alguém.” “Nós não faremos isso,” diz Helgi, “porém levaremos nosso navio ao largo da costa e zarparemos quando soprar vento favorável.” Eles navegam até uma ilha e aguardam lá bons ventos.

O *jarl* foi até os marinheiros e investigou entre eles todos, mas todos negaram saber do paradeiro de Hrappr. Então o *jarl* falou: “Agora procuraremos junto a meu companheiro Þráinn, e ele entregará o homem se souber algo dele.” Depois disso, tomaram um navio longo e foram até o navio mercante. Þráinn reconhece o *jarl* vindo ao seu encontro e põe-se de pé e o saúda amistosamente. O *jarl* recebeu isso bem e assim falou: “Estamos atrás de um homem de nome Hrappr, um islandês; ele nos causou males em toda parte. Desejamos agora pedir-vos que no-lo entregueis ou que nos conteis algo sobre seu paradeiro.” Þráinn falou: “É de vosso conhecimento que matei vosso fora-da-lei, senhor, e que para tal pus em risco minha vida, e que por conta disso recebi de vossa parte grande honra.”²⁰⁸ “Mais honra ainda terá agora,”

²⁰⁸ Cf. cap. LXXXII.

diz o *jarl*. Þráinn ponderou, e não sabia ao certo o que o *jarl* mais prezaria; todavia, nega agora que aquele lá esteja, e pede que o *jarl* faça buscas e averigue. O *jarl* ocupou-se pouco com isso, e voltou a terra; ele se afastou dos outros homens, e estava muito furioso, tanto que ninguém ousava dirigir-lhe a palavra. O *jarl* falou então: “Dizei-me onde estão os filhos de Njáll, e eu os forçarei a me contarem a verdade.” Foi-lhe dito então que eles zarparam. “Então isso não é possível,” diz o *jarl*, “mas havia dois toneis de água pendurados junto ao navio de Þráinn, e um homem bem poderia ter-se escondido dentro deles. E se Þráinn o escondeu, é lá que ele deve ter estado, e nós agora iremos uma segunda vez ao encontro de Þráinn.”

Þráinn vê que o *jarl* prepara-se para vir mais uma vez até junto de seu navio, e fala: “Furioso como o *jarl* estava há pouco, ele deverá estar furioso em dobro agora, e está em jogo agora a vida de todos os homens a bordo.” Eles todos prometeram que o ocultariam, pois cada um deles tinha muito medo. Pegaram alguns sacos da carga e puseram Hrappr lá no lugar deles; outros sacos agora foram depositados sobre ele, que eram leves. Chega agora o *jarl*, depois que haviam terminado de escondê-lo. Þráinn saudou bem o *jarl*; o *jarl* respondeu sua saudação nada prontamente, e eles viram que ele estava muito furioso. O *jarl* falou para Þráinn: “Entrega Hrappr, pois eu estou certo de que tu o escondeste.” “Onde eu poderia tê-lo escondido, senhor?” “Vós o sabeis,” diz o *jarl*, “mas se eu tiver de adivinhar, suponho que tu o escondeste antes nos barris de água.” “Eu não gostaria, senhor,” diz Þráinn, “que me acusásseis de mentir, mas preferiria que o procurásseis a bordo.” Então o *jarl* subiu a bordo e procurou e não o encontrou. “Dispensas-me agora?” diz Þráinn. “Longe disso,” diz o *jarl*, “mas nós não o encontramos, e eu não sei como isso se dá. Parece que eu vejo tudo com clareza quando chego a terra, mas não quando aqui venho.” Ele manda agora que remem para terra consigo. Ele estava tão furioso, que não se podia dirigir-lhe a palavra. Sveinn, seu filho, estava com ele. Ele falou: “É inusitado fazer com que homens inocentes paguem por sua raiva.” O *jarl* se afastou mais uma vez dos outros homens. Em seguida retornou para onde eles estavam; falou: “Rememos novamente até eles.” Assim eles fizeram. “Onde será que ele estava escondido?” diz Sveinn. “Pouco importa sabê-lo agora,” diz o *jarl*, “porque agora ele já deve estar longe de onde estava, mas havia dois sacos desgarrados da pilha de carga, e ele deve ter estado no lugar desses dois sacos, no meio da carga.”

Þráinn tomou a palavra: “O *jarl* e seus homens novamente deitam o navio no mar e devem ter a intenção de vir aqui até nós. Devemos agora tirá-lo do meio da carga e colocar outra coisa lá no lugar dele, mas os sacos devem continuar desgarrados fora da pilha.” Eles assim fizeram. Então Þráinn falou: “Coloquemos agora Hrappr na vela; ela está enrolada na verga.” Eles assim fazem. O *jarl* chega agora junto ao navio deles; ele está muito furioso e fala: “Desejas entregar o homem agora, Þráinn? A situação agora é pior do que antes.” Þráinn diz: “Há muito tempo tê-lo-ia entregado se ele estivesse em meu poder, mas onde ele poderia ter estado?” “No meio da carga,” diz o *jarl*. “Por que não o procurastes lá?” diz Þráinn. “Não nos ocorreu fazê-lo,” diz o *jarl*. Em seguida procuraram-no por todo o navio e não o acharam. Então Þráinn falou: “Dispensai-me agora, senhor?” “Certamente não,” diz o *jarl*, “porque eu sei que tu escondeste o homem, apesar de eu não o encontrar; mas prefiro que tu ajas de maneira ultrajante para comigo do que eu para contigo,” diz o *jarl*. Ele foi a terra então. “Agora eu posso ver,” diz o *jarl*, “que ele escondeu Hrappr na vela.” Então soprou bom vento e Þráinn se fez ao largo. Ele pronunciou então isto, que desde então tem sido lembrado:

5. *Infle-se a fúria do Abutre,
Þráinn não há de dobrar-se.*

Mas, quando tomou conhecimento do que Þráinn pronunciara, o *jarl* assim disse: “Isso não se deu por tolice minha, mas antes pela aliança deles, que os conduzirá ambos à morte.”

Þráinn permaneceu um breve tempo em mar aberto e chegou à Islândia e retornou para sua fazenda. Hrappr ficou com ele aquele ano, mas no verão seguinte Þráinn arranhou-lhe uma fazenda, Hrappstaðir, e lá foi morar Hrappr; ele permanecia, contudo, mais tempo em Grjótá. Danava tudo lá. Alguns diziam que entre ele e Hallgerðr havia boa amizade e que ele a seduziu, mas outros contradisseram isso. Þráinn deu o navio a Mørðr o descuidado, um parente seu; este Mørðr matou Oddr Halldórsson no leste, em Gautavík, em Berufjörðr. Todos os parentes de Þráinn o tinham como chefe.

CAPÍTULO LXXXIX

Agora há para se contar que o *jarl*, quando perdeu Þráinn, falou com seu filho Sveinn: “Peguemos agora quatro navios longos e rememos no encaço daqueles filhos de Njáll e matemo-los, porque eles

devem ter compactuado com Þráinn.” “Não é uma boa decisão,” diz Sveinn, “dirigir a punição a inocentes e deixar o culpado escapar.” “Eu decido quanto a isso,” diz o *jarl*.

O *jarl* agora segue atrás dos filhos de Njáll e os procura e os encontra junto a uma ilha. Grímr vê primeiro os navios do *jarl*. “Navios de guerra dirigem-se para cá,” diz ele, “e eu reconheço que lá vem o *jarl*, e ele não há de nos oferecer nenhuma paz.” “Diz-se,” diz Helgi, “que é considerado bravo todo aquele que se defende não importa contra quem se depare. Devemos também nós defender-nos.” Todos pediram que ele decidisse o que se faria; apanharam então suas armas.

O *jarl* chega agora junto a eles e grita e lhes pede que se entreguem. Helgi responde que eles se defenderão enquanto puderem. O *jarl* ofereceu paz a todos que não quisessem defendê-lo, mas tamanha era a popularidade de Helgi que todos preferiam morrer com ele. O *jarl* e seus homens fazem a investida, mas aqueles se defendem bem, e os filhos de Njáll estão sempre onde mais coragem é exigida. O *jarl* frequentemente oferecia paz, mas aqueles davam a mesma resposta e diziam que jamais se entregariam. Então Áslákr de Langey fez uma dura investida contra eles, e chegou ao alto do navio três vezes. Então Grímr falou: “Atacas duramente, e seria bom se tivesses êxito.” Grímr brandiu a lança e atirou-a embaixo do queixo dele, e Áslákr teve imediatamente sua morte. Pouco depois, Helgi matou Egill, porta-estandarte do *jarl*. Então Sveinn Hákonarson investiu contra eles e conseguiu que eles fossem encurralados entre escudos, e eles foram capturados.

O *jarl* quis que eles fossem executados imediatamente, mas Sveinn declarou que não haveria de ser assim e disse que já era noite. O *jarl* então falou: “Que eles sejam mortos amanhã então, mas que permaneçam bem amarrados esta noite.” “Assim será,” diz Sveinn, “mas eu ainda não encontrei homens mais bravos do que estes, e é o maior desperdício tirar-lhes as vidas.” O *jarl* falou: “Eles mataram dois de nossos mais bravos homens, e devemos assim matá-los.” “Estes se mostraram mais bravos que aqueles,” diz Sveinn, “contudo será feito conforme tu desejas.” Eles foram então amarrados e agrilhoados. Depois disso, o *jarl* dormiu.

Mas, quando ele havia adormecido, Grímr falou para Helgi: “Eu gostaria de escapar daqui, se pudesse.” “Pensemos então num estratagema,” diz Helgi. Grímr diz que há lá no chão um machado com a lâmina apontada para cima. Grímr rasteja até lá; ele consegue cortar no machado a corda que o tem amarrado, mas acaba ganhando grandes

ferimentos nas mãos; então soltou Helgi. Depois disso, eles deixaram o navio rastejando e chegaram a terra, sem que o *jarl* e seus homens se apercebessem; eles quebraram os grilhões que tinham presos a si e foram para o outro lado da ilha. Começou então a amanhecer. Eles encontraram lá um navio e compreenderam que lá chegara Kári Sölmundarson, foram imediatamente ao encontro dele e lhe relataram os maus tratos que sofreram e lhe mostraram seus ferimentos e disseram que o *jarl* estaria dormindo. Kári falou: “É algo ruim que haveis de sofrer maus tratos no lugar de homens ruins, mas o que tendes em mente fazer agora?” “Atacar o *jarl* e matá-lo,” dizem eles. “Isso não será possível,” diz Kári, “ainda que não vos falte disposição. Todavia, devemos averiguar se ele ainda está lá.” Em seguida foram até lá, e o *jarl* havia então deixado o local.

Então Kári foi até Hlaðir ao encontro do *jarl* e levou-lhe os tributos. O *jarl* falou: “Acolheste os filhos de Njáll?” “Acolhi-os, sim,” diz Kári. “Desejas entregar-me os filhos de Njáll?” diz o *jarl*. “Não desejo fazê-lo,” disse Kári. “Desejas jurar,” diz o *jarl*, “que não quererás atacar-me posteriormente?” Então Eiríkr, o filho do *jarl*, falou: “Não se deve pedir tal coisa; Kári sempre foi nosso amigo. E isso não teria acontecido do modo como aconteceu se eu houvesse lá estado: os filhos de Njáll deveriam ter sido poupados de tudo isso, e aqueles outros deveriam ter sido punidos, que eram os culpados. Eu julgaria agora mais honroso dar bons presentes aos filhos de Njáll por conta dos maus tratos que eles sofreram, e também por suas chagas.” O *jarl* falou: “Assim se poderia fazer, sim, mas eu não sei se eles desejariam aceitar uma conciliação.” Então o *jarl* falou que Kári deveria consultar os filhos de Njáll sobre a conciliação. Em seguida, Kári conversou com Helgi, perguntando-lhe se ele acaso desejaria receber honras do *jarl*. Helgi respondeu: “Estou desejoso de recebê-las de seu filho Eiríkr, mas de nada desejo tratar com o *jarl*.” Então Kári transmitiu-lhes a resposta da parte deles. “Assim será,” diz Eiríkr, “ele receberá de mim honras, se isso lhe parece melhor, e dize-lhes que os convido a virem até mim, e que meu pai nenhum mal lhes fará.” Eles aceitaram essa proposta e foram para junto de Eiríkr e permaneceram com ele até que Kári estava pronto para velejar para o oeste. Então Eiríkr ofereceu um banquete a Kári e deu presentes a ele e também aos filhos de Njáll.

Em seguida eles foram com Kári para oeste no mar ao encontro do *jarl* Sigurðr, e este os recebeu muito bem, e eles permaneceram com o *jarl* durante o inverno. Na primavera Kári convidou os filhos de Njáll a partirem consigo para guerrear em busca de espólios, e Grímr

declarou que o fariam se ele desejasse viajar com eles para a Islândia. Kári prometeu que o faria. Eles partiram então com ele para saques. Guerrearam no sul, por todas as ilhas Qngulseyjar e todas as Ilhas do Sul. Então seguiram para Saltíris e desembarcaram lá e lutaram com homens locais e apossaram-se lá de muitas riquezas e retornaram aos navios. Então foram para o sul, até Bretland, e guerrearam lá; de lá seguiram para Møn. Lá se depararam com o rei Guðrøðr de Møn, e lutaram contra ele; saíram-se vitoriosos e mataram Dungal, filho do rei; lá se apossaram de muitas riquezas. Então seguiram para o norte, até Kola, e lá encontraram o *jarl* Gilli, e este os recebeu bem, e eles permaneceram com ele por um tempo. O *jarl* os acompanhou até as ilhas Orkney ao encontro do *jarl* Sigurðr. E na primavera o *jarl* Sigurðr casou sua irmã Nereiðr com o *jarl* Gilli. Ele então foi para as Ilhas do Sul.

CAPÍTULO XC

Naquele verão, Kári e os filhos de Njáll se aprontaram para viajar para a Islândia. E, quando estavam já bem prontos, foram ao encontro do *jarl*; o *jarl* deu-lhes bons presentes, e eles se separaram em grande amizade. Fazem-se agora ao largo. Permanecem pouco tempo em mar aberto, e encontram bons ventos e aportam em Eyra. Obtêm cavalos e cavalgam do navio rumo à sua casa em Bergþórshváll. E, quando chegaram a casa, toda a gente se alegrou ao vê-los. Eles transportaram seus bens de valor para casa e trataram de pôr o navio no estaleiro. Kári permaneceu aquele inverno lá com Njáll.

E na primavera Kári pediu Helga, a filha de Njáll, e Grímr e Helgi pronunciaram junto com ele o pedido, e, por fim, ela foi prometida a Kári, e foi convocada a reunião de núpcias, e a festa se deu meio mês antes do meio do verão, e eles permaneceram por mais aquele inverno com Njáll. Então Kári comprou terras em Dýrhólmar, a leste em Mýdalr, e fez lá sua fazenda. O casal encarregou supervisores lá, e permanecia sempre com Njáll.

CAPÍTULO XCI

Hrappr tinha sua fazenda em Hrappsstaðir, porém permanecia sempre em Grjótá, e tudo lá danava. Þráinn o tratava bem.

Certa vez, quando Ketill de Mørk está em Bergþórshváll, os filhos de Njáll contam dos maus tratos sofridos e declaram que muito terão a receber de Þráinn Sigfússon, quando quer que lhe façam menção a isso. Njáll diz que seria melhor que Ketill fosse conversar com seu

irmão Þráinn; ele prometeu que o faria; deixaram a seu critério escolher a hora de ir falar com Þráinn.

Um pouco depois, mencionaram isso a Ketill, mas ele disse que transmitiria pouco das palavras deles, – “pois ficou claro que Þráinn julgou que eu dou valor demais ao fato de ser vosso cunhado.” Em seguida, encerraram a conversa, e eles perceberam que o caso seria penoso, e pediram conselho ao pai sobre como proceder, declarando-se insatisfeitos com as coisas do modo como estavam. Njáll respondeu: “Não é assim tão simples. Pareceria sem motivo se eles fossem mortos, e o meu conselho é enviar o maior número de homens para ir ter com eles, afim de que o maior número de homens tome conhecimento de primeira mão se eles responderem de modo ruim. Então Kári deverá ir falar, pois ele é de temperamento controlado. Pode ser que assim aumente a inimizade entre vós dois e eles, pois eles dirão insultos e mais insultos quando outros homens tomarem parte na discussão: eles são homens tolos. Pode vir a ocorrer também que se fale que meus filhos são indolentes para agir, e vós devereis suportar isso por um tempo, pois tudo age em dois sentidos depois que está feito. Mas levei vossa palavra adiante somente na medida em que tiverdes a intenção de fazer algo se fordes duramente provocados. Mas se vos tivésseis aconselhado junto a mim de início, não teríeis nunca pronunciado qualquer palavra, e não seríeis de modo algum desonrados, mas agora tendes de enfrentar a maior provação, e pode ser que sejais cada vez mais desonrados de modo a não poderdes nada fazer para impedir que vos acometam problemas tais que tenheis de brandir armas, e deve-se, assim, lançar uma longa rede.” Depois disso, encerraram a conversa, e a situação era por muita gente comentada.

Certa vez eles se decidiram que Kári havia de ir. Kári disse que lhe parecia melhor fazer outra jornada, mas disse que iria, pois era o conselho de Njáll. Em seguida Kári parte ao encontro de Þráinn; eles discutem a questão, e não chegam a um consenso. Kári retorna para casa, e os filhos de Njáll perguntam a Kári como se deram as coisas entre eles. Kári disse que não repetiria as palavras daqueles, – “e é de se esperar que as mesmas coisas sejam ditas quando vós puderdes escutar.”

Þráinn tinha forças de quinze homens em sua fazenda, e aonde quer que fosse oito homens cavalgavam em sua companhia. Þráinn era muito afeito ao luxo e sempre cavalgava vestido com um casaco negro e tinha um elmo dourado e a lança presente-do-*jarl* e um belo escudo, e ia cingido de uma espada. Acompanhavam-no sempre em suas andanças

Gunnarr Lambason e Lambi Sigurðarson e Grani Gunnarsson de Hlíðarendi. Hrappr matador, porém, era quem sempre mais próximo lhe estava. Loðinn chamava-se um de seus domésticos; ele também estava sempre junto nas jornadas de Þráinn. Tjǫrvi chamava-se o irmão de Loðinn, o qual também participava das jornadas de Þráinn. Hrappr matador e Grani eram os que mais maldiziam os filhos de Njáll e foram os maiores responsáveis por não ter sido feita a eles uma oferta de conciliação.

Os filhos de Njáll perguntavam com frequência a Kári se ele desejava acompanhá-los até Grjótá, até que, por fim, ele aceitou e disse que seria bom que eles ouvissem a resposta de Þráinn. Aprontaram-se então os quatro filhos de Njáll, sendo Kári o quinto do grupo; vão a Grjótá. Havia lá um largo pórtico, e muitos homens podiam postar-se juntos lado a lado nele. Uma mulher estava fora de casa e viu a chegada dos filhos de Njáll e foi relatá-la a Þráinn; ele mandou que os homens caminhassem ao pórtico e apanhassem suas armas; eles assim fizeram. Þráinn postou-se no meio da porta, e, de cada um de seus lados, postaram-se Hrappr matador e Grani Gunnarsson, em seguida Gunnarr Lambason, então Loðinn e Tjǫrvi, então Lambi Sigurðarson, e então os demais, um ao lado do outro, pois os homens todos se encontravam em casa. Skarpheðinn e os demais descem em direção àqueles, e vai ele à frente, em seguida Kári, depois Hǫskuldr e Grímr e Helgi. Mas, quando chegam junto à casa, não foram de modo algum cumprimentados por aqueles que se postavam lá. Skarpheðinn falou: “Sejamos todos nós bem-vindos.” Hallgerðr estava parada junto ao pórtico e falara baixo com Hrappr. Ela falou: “Ninguém aqui dirá que sois bem-vindos.” Skarpheðinn falou: “Tuas palavras nada podem, pois deves ser ou uma velha acabada ou uma vadia.” “Pagarás por essas palavras,” diz ela, “antes de retornares à tua casa.” Helgi falou: “É a ti que venho encontrar, Þráinn, caso desejes oferecer-me alguma honra pelos maus tratos que sofri na Noruega por tua causa.” Þráinn falou: “Jamais imaginei que tu e teus irmãos pediríeis dinheiro por vossa hombridade, mas quanto tempo mais durará essa mendicância?” “Muitos dirão,” diz Helgi, “que tu deverias oferecer honrarias, uma vez que tua vida esteve em jogo.” Então falou Hrappr: “O que houve foi uma diferença de boa sorte, pois que recebeu o golpe aquele que devia, e essa diferença de sorte levou-vos aos maus tratos enquanto nós escapávamos.” “Foi pouca boa sorte,” diz Helgi, “perder a confiança do *jarl* para ficar contigo.” “Não consideras que tens a receber compensação de minha parte?” diz Hrappr; “compensar-te-ei conforme julgo apropriado.” “O

único negócio de que trataremos,” diz Helgi, “é um que não te será proveitoso.” Skarpheðinn falou: “Não alterquemos com Hrappr, mas antes repaguemo-lhe o pelego cinza com um vermelho.” Hrappr falou: “Cala-te, Skarpheðinn; não hesitarei em descer meu machado em tua cabeça.” “Podemos experimentar para ver,” diz Skarpheðinn, “quem terminará empilhando pedras sobre a cabeça de quem.” “Ide para casa, barbas-de-estrume,” diz Hallgerðr, “e é assim que nós vos chamaremos doravante, já a vosso pai, ‘o velho imberbe’”. Eles não partiram antes que todos quantos os deparavam fizeram-se culpados dessas palavras, exceto Þráinn; ele tentava impedir que os homens dissessem essas palavras.

Os filhos de Njáll partiram de lá e chegaram a casa; relataram a seu pai o que se passou. “Nomeastes alguma testemunha para as palavras?” diz Njáll. “Nenhuma,” diz Skarpheðinn; “não temos intenção de tratar desse caso senão no consílio de armas.” “Ninguém esperará agora,” diz Bergþóra, “que ousareis levantar armas.” “Contém-te, senhora,” diz Kári, “em exortar teus filhos, pois eles estão já bastante ávidos para agir.” Depois disso, Njáll e seus filhos todos e Kári conversam baixo por um longo tempo.

CAPÍTULO XCII

Faz-se agora um grande rumor sobre a disputa entre eles, e todos tinham por certo que, do modo como estavam as coisas, a situação não se acalmaria.

Runólfr, filho de Úlfr aurgoði de Dalr, do leste, era amigo de Þráinn e convidara Þráinn à sua casa, e fora combinado que ele iria para o leste na terceira ou quarta semana do inverno. Þráinn convidou para acompanhá-lo nessa jornada Hrappr Matador e Grani Gunnarsson, Gunnarr Lambason, Lambi Sigurðarson, Loðinn e Tjörvi; eram oito. Iriam também Þorgerðr e Hallgerðr. Þráinn anunciou também que tinha intenção de permanecer em Mörk com seu irmão Ketill, e determinou quantas noites pretendia permanecer longe de casa. Eles portavam consigo armamento completo. Cavalgaram agora para o leste cruzando o rio Markarfljót e encontraram lá mulheres mendicantes, e elas lhes pediram para serem transportadas para a margem oeste do rio. Eles as transportaram.

Então chegaram cavalgando a Dalr e foram lá bem recebidos; à frente lá estava Ketill de Mörk; quedaram-se lá duas noites. Runólfr e Ketill pediram a Þráinn que entrasse em acordo com os filhos de Njáll, mas ele declarou que jamais lhes daria dinheiro, e respondeu de modo

brusco, e declarou que nunca estava despreparado para deparar-se com os filhos de Njáll, onde quer que se deparassem. “É possível que assim seja,” diz Runólfr, “mas eu entendo de outro modo, que ninguém lhes seja páreo, desde que morreu Gunnarr de Hlíðarendi, e é mais provável que isso leve uma das partes à morte.” Þráinn disse que não teria medo.

Então Þráinn subiu até Mørk e lá permaneceu duas noites. Em seguida, desceu a cavalo até Dalr, e em ambos os lugares ganhou na despedida presentes honrosos. O rio Markarfljót fluía por entre duas banquisas de gelo que avançavam de ambas as margens, e havia aqui e ali pequenos blocos no leito. Þráinn diz que pretende cavalgar de volta para casa à noite. Runólfr pediu-lhe que não cavalgasse para casa, disse que seria mais prudente não agir conforme havia dito. Þráinn responde: “Isso é medo, e não desejo isso.”

Aquelas mulheres que eles transportaram sobre o rio chegaram a Bergþórshváll, e Bergþóra perguntou-lhes de onde vinham, e elas disseram ser do leste, de Eyjafjöll. “Quem vos transportou sobre o rio Markarfljót?” diz Bergþóra. “Os maiores fanfarrões,” dizem elas. “Quem eram eles?” diz Bergþóra. “Þráinn Sigfússon e seu séquito,” disseram elas; “e pareceu-nos que eles eram tão faladeiros e desbocados com relação ao teu marido aqui e teus filhos.” “Muitos não escolhem bem suas palavras,” diz Bergþóra. Em seguida elas se foram embora, e ela lhes deu bons presentes e perguntou-lhes por quanto tempo Þráinn ficaria longe de casa, e elas disseram que ele ficaria longe por quatro ou cinco noites. Em seguida, ela relatou o caso a seus filhos e seu genro Kári, e conversaram por um longo tempo às escondidas.

Mas, na mesma manhã em que Þráinn e os seus cavalgavam do leste, Njáll despertou cedo e ouviu o machado de Skarpheðinn raspando a parede. Põe-se de pé então Njáll e caminha para fora de casa; ele vê que seus filhos todos estão armados, bem como seu genro Kári. Skarpheðinn ia à frente e vestia um casaco negro e tinha um escudo redondo e seu machado apoiado no ombro. Depois dele estava Kári, seu cunhado; ele trajava uma camisa de seda e um elmo dourado, e segurava um escudo com um leão desenhado. Próximo a ele ia Helgi. Ele trajava uma túnica vermelha e um elmo e tinha um escudo com o desenho de um cervo. Todos eles trajavam roupas coloridas. Njáll gritou para Skarpheðinn: “Aonde vais, filho?” “Procurar ovelhas desgarradas,” disse ele. “Assim já aconteceu antes uma vez,” diz Njáll, “e caçaste então homens.” Skarpheðinn riu-se e falou: “Escutai o que diz o velho. Ele não é ingênuo.” “Quando falastes isto antes?” diz Kári. “Quando eu matei Sigmundur, o branco, parente de Gunnarr,” diz

Skarpheðinn. “Por quê?” diz Kári. “Ele havia matado Þórðr Filho-do-Alforriado, meu pai de criação,” diz Skarpheðinn. Njáll entrou em casa, enquanto eles subiram até Rauðaskriður e aguardaram lá; de lá podiam enxergar quando aqueles outros cavalgassem do leste, vindos de Dalr. O sol brilhava aquele dia e o céu estava limpo.

Agora Þráinn cavalga de Dalr ao longo dos bancos de areia. Lambi Sigurðarson falou: “Escudos reluzem em Rauðaskriður, refletindo os raios do sol, e lá deve haver alguns homens em emboscada.” “Então nós devemos,” diz Þráinn, “virar e descer margeando o rio, e eles então virão ao nosso encontro, caso tenham algo a tratar conosco.” Voltaram-se então e desceram margeando o rio.

Skarpheðinn falou: “Agora eles nos viram, porque estão mudando o curso, e não nos resta mais a fazer senão correr até eles.” Kári falou: “Muitos montam emboscadas sem essa desvantagem numérica como nós: eles são oito, ao passo que nós, cinco.” Descem agora margeando o rio e veem abaixo um bloco de gelo unindo uma banquisa à outra, e Kári e os demais pretendem cruzar o rio lá.

Þráinn e os seus estacaram sobre a banquisa, acima daquele bloco sobre o leito. Þráinn falou: “Que desejarão esses homens? Eles são cinco, e nós somos oito.” Lambi Sigurðarson falou: “Eu suponho que, não obstante, eles se aventurariam, ainda que diante deles houvesse mais.” Þráinn despe-se do manto e retira de si o elmo.

Aconteceu então com Skarpheðinn, quando eles corriam margeando o rio, de romper-se o cordão de seu sapato, e ele ficou para trás. “Por que te demoras assim, Skarpheðinn?” diz Grímr. “Amarro meu sapato,” diz Skarpheðinn. “Sigamos nós em frente,” diz Kári, “eu creio que ele não chegará depois de nós.” Voltam-se para a banquisa e avançam muito. Skarpheðinn pôs-se de pé num salto tão logo terminara de amarrar seu sapato, e empunhava alto seu machado; ele corre até diante da beira do rio, mas o rio era tão fundo que não havia por perto qualquer trecho que fosse vadeável. Uma extensa capa de gelo estendia-se do outro lado do rio, e era tão lisa quanto vidro, e Þráinn e seus homens postavam-se no meio da capa de gelo. Skarpheðinn salta no ar e pula através do rio entre os blocos de gelo e cai apoiado de pé, e, no ímpeto, avança patinando. A capa de gelo era muito lisa, e ele avançou tão rápido quanto um pássaro no voo. Þráinn pretendia então colocar o elmo em si. Skarpheðinn o atinge antes, e golpeia Þráinn com o machado, e acerta-lhe a cabeça, quebrando-lhe a mandíbula, de modo que ela caiu no gelo. Isso tudo se deu num instante tão breve que ninguém logrou acertar-lhe um golpe; ele correu imediatamente de lá

com incrível velocidade. Tjörvi atirou diante dele um broquel, e ele saltou sobre ele e, contudo, não se desequilibrou, e segue correndo até o fim da capa de gelo. Então chegaram Kári e os demais ao seu encontro. “É assim que um homem faz,” diz Kári. “Ainda sobrou a vossa parte,” diz Skarpheðinn. Eles então se voltam contra aqueles. Grímr e Helgi veem onde está Hrappr e dirigem-se imediatamente contra ele. Hrappr golpeia com o machado contra Grímr. Helgi o vê e acerta um golpe na mão de Hrappr, decependo-lha, e o machado caiu. Hrappr falou: “Prestaste agora um serviço muito necessário, pois esta mão já fez males a muitos homens e matou muitos.” “Aqui isso terá seu fim,” diz Grímr, e trespassa-o com a espada. Tombou Hrappr morto então. Tjörvi volta-se contra Kári e atira nele a lança; Kári salta no ar, e a lança voa por baixo de seus pés. Kári lança-se contra ele e golpeia-o com a espada, e o golpe atinge-lhe o peito e entra fundo imediatamente, e ele tem sua morte no ato. Skarpheðinn então agarra ao mesmo tempo Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson e fala: “Peguei dois lobinhos, o que farei agora?” “Terias a alternativa,” diz Helgi, “de matá-los ambos, se desejassem dar cabo de suas vidas.” “Não estou disposto,” diz Skarpheðinn, “a simultaneamente amparar Högni e matar seu irmão.” “Chegará um momento,” diz Helgi, “em que desejarás tê-lo matado, pois ele jamais te será fiel, nem qualquer um destes que aqui estão agora.” Skarpheðinn falou: “Não os temerei então.” Em seguida, concederam misericórdia a Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambason e Lambi Sigurðarson e Loðinn.

Depois disso, retornaram para casa, e Njáll perguntou quais eram as notícias; eles lhe contam tudo quanto se passou. Njáll falou: “Essas notícias são grandes, e é mais provável que daqui decorra a morte de um filho meu, se é que não mais.”

Gunnarr Lambason chegou à sua casa e transportou o corpo de Þráinn consigo até Grjótá, e ele foi lá sepultado.

CAPÍTULO XCIII

Ketill de Mørk tinha como esposa Þorgerðr, filha de Njáll, mas era irmão de Þráinn, e sentiu que se encontrava numa difícil situação, e cavalgou até Njáll e perguntou-lhe se ele desejaria pagar alguma compensação pelo homicídio de Þráinn. Njáll responde: “Desejo pagar uma compensação para que tudo esteja bem. E desejo também que tu peças a teus irmãos, os quais têm direito a parte da compensação, que aceitem a conciliação.” Ketill declarou estar bem disposto a fazê-lo. O combinado entre eles foi, então, que Ketill deveria ir ao encontro de

todos aqueles que teriam por receber parte da compensação e chegar a um acordo de paz. Em seguida, Ketill cavalgou para casa. Ele vai agora ao encontro de seus irmãos e convoca-os a irem todos juntos até Hlíðarendi, delibera agora com eles, e Hǫgni esteve do seu lado por toda a discussão, até que, por fim, foram escolhidos homens para o arbitramento; depois disso, foi convocado um encontro e foram estipuladas multas pelo homicídio de Þráinn, e todos eles receberam as compensações de acordo com o que estabeleciam as leis. Depois disso, foram discutidos os termos de um acordo de paz e tudo se arranhou para que ele fosse respeitado; Njáll pagou todo o dinheiro bem prontamente. E as coisas permanecem calmas por um tempo.

Certa vez, Njáll cavalgou até Mǫrk e lá se encontrou com Ketill, e eles conversaram o dia inteiro. Njáll cavalgou de volta para casa de noite, e ninguém sabia quais foram as suas resoluções. Ketill vai até Grjótá. Ele falou para Þorgerðr: “Eu sempre tive muito afeto por meu irmão Þráinn; agora o demonstrarei, pois desejo oferecer-me para criar Hǫskuldr, o filho de Þráinn.” “Dar-te-ei a opção de fazê-lo,” diz ela; “tu deverás amparar este menino, depois que ele estiver crescido, tanto quanto puderes, e vingá-lo, caso ele seja morto por armas, e dar dinheiro para o seu dote, e deverás jurar que assim agirás.” Ele aceitou esses termos todos. Hǫskuldr agora o acompanha até sua casa. Passa-se assim um tempo, com Hǫskuldr junto a Ketill.

CAPÍTULO XCIV

Certa vez Njáll cavalga até Mǫrk, e é lá bem recebido; lá pernoita. De noite, o menino caminhou até onde ele estava, e Njáll o chamou. Njáll tinha um anel de ouro na mão e mostrou-o ao menino; o menino pegou o anel e observou-o e levou-o ao seu dedo. Njáll falou: “Queres aceitar o anel de ouro como presente?” “Eu quero,” diz o menino. “Tu sabes,” diz Njáll, “o que causou a morte de teu pai?” O menino responde: “Eu sei que Skarpheðinn o matou, e tu não precisas recordar isso, agora que já se deu a conciliação e plenas compensações foram pagas.” “Tu respondeste melhor,” diz Njáll, “do que eu perguntei, e serás um bom homem.” “Parecem-me boas as tuas estimações, tal qual prevês para mim,” diz o menino, “pois eu sei que tu és vidente e não mentes.” Njáll falou: “Agora desejo oferecer-me para tomar-te comigo e criar-te, se desejas aceitar.” Ele disse que aceitaria tanto esse bem quanto outro que ele lhe fizesse. E, ao final, Hǫskuldr partiu com Njáll para casa, e Njáll assumiu sua criação. Ele não desagradava em nada o menino e foi muito afetuoso com ele. Os filhos

de Njáll o tinham sempre em sua companhia e faziam tudo em seu favor.

E assim transcorreu o tempo até que Høskuldr estava bem crescido. Ele era grande e forte, o mais belo homem na aparência, de belos cabelos, com fala branda, generoso, de temperamento controlado, o melhor na luta, com boas palavras para todos os homens; era um homem de muitos amigos. Ele jamais discordava dos filhos de Njáll em coisa alguma.

CAPÍTULO XCV

Um homem tem o nome Flosi; ele era filho de Þórðr Freysgoði, filho de Qzurr, filho de Ásbjörn, filho de Helgi, filho de Björn *buna*. A mãe de Flosi chamava-se Ingunn, filha de Þórir de Espihól, filho de Hámundr pele-escuro, filho de Hjørr, filho de Hálfr, o que liderava os Guerreiros de Hálfr, filho de Hjørleifr, o mulhengo. A mãe de Þórir foi Ingunn, filha de Helgi, o magro, que tomou as terras em Eyjafjörðr. Flosi tinha como esposa Steinvör, filha de Hallr de Síða; ela era filha ilegítima, e sua mãe se chamava Sölvör, filha de Herjólf, o branco. Flosi morava em Svínafell e era um grande chefe; era grande na estatura e forte, o homem mais intrépido.

Seu irmão chamava-se Starkaðr; era irmão de Flosi por parte de pai. A mãe de Starkaðr chamava-se Þraslaug e era filha de Þorsteinn pardal, filho de Geirleifr, já a mãe de Þraslaug se chamava Uðr e era filha de Eyvindr *karfi*, o tomador de terras, e irmã de Móðólf, o sábio. Os irmãos de Flosi eram Þorgeirr e Steinn, Kolbeinn e Egill. Hildiguðr chamava-se a filha de Starkaðr, o irmão de Flosi; ela tinha uma personalidade forte e era a mulher mais bela. Tão habilidosa era ela que poucas mulheres havia mais habilidosas que ela. Era de todas as mulheres a mais implacável e de temperamento duro, e muito camarada quando havia necessidade que assim fosse.

CAPÍTULO XCVI

Um homem chamava-se Hallr, o qual era denominado Hallr de Síða; ele era filho de Þorsteinn, filho de Bøðvarr. A mãe de Hallr chamava-se Þórdís e era filha de Qzurr, filho de Hröðlaugr, filho de Rognvaldr, *jarl* de Mørr, filho de Eysteinn *glumra*. Hallr tinha como esposa Jóreiðr, filha de Þiðrandi o sábio, filho de Ketill *þrymr*, filho de Þórir *Þiðrandi* de Verardalr. Irmãos de Jóreiðr foram Ketill *þrymr*, de Njarðvík, e Þrovarðr, pai de Helgi Droplaugarson; Hallkatla, a mãe de Þorkell Geitisson e dos Þiðrandi, era irmã de Jóreiðr. Þorsteinn

chamava-se o irmão de Hallr, e ele era alcunhado Pança-Larga; seu filho foi Kolr, que Kári mata em Bretland. Os filhos de Hallr de Síða eram Þorsteinn e Egill, Þorvarðr e Ljótr e Þiðrandi, aquele que dizem ter sido morto pelas *dísir*.

Um homem chamava-se Þórir, conhecido como Holta-Þórir. Seu filho era Skorar-Geirr. Seus irmãos eram Þorleifr Corvo, do qual descende a gente de Skógar, e Þorgrímr, o Grande.

CAPÍTULO XCVII

Agora há para se mencionar que Njáll conversava com Høskuldr: “Eu gostaria de procurar para ti um partido, meu filho de criação, e arranjar-te uma esposa.” Høskuldr disse-lhe que fizesse como planejava, e perguntou-lhe onde tinha em mente procurar. Njáll responde: “A mulher se chama Hildigunnr e é filha de Starkaðr, filho de Þórðr Freysgoði; pelo que sei, esse é o melhor partido.” Høskuldr falou: “Vê tu como é melhor, meu pai de criação. Decidirei conforme desejares que se faça.” “É lá que buscaremos,” diz Njáll.

Depois disso, Njáll convoca homens para o acompanharem na jornada; partiram com ele os filhos de Sigfús e os filhos de Njáll todos e Kári Sölmundarson. Cavalgaram para leste, rumo a Svínafell, e foram lá bem recebidos.

No dia seguinte, Njáll e Flosi põem-se a conversar. Njáll chega ao ponto e diz assim: “O propósito desta minha vinda é discutirmos contigo, Flosi, um pedido de casamento, para que tenhas vínculos matrimoniais conosco, pois viemos pedir Hildigunnr, filha de teu irmão.” “Para quem tu a pedes?” diz Flosi. “Para Høskuldr Þráinsson, meu filho de criação,” diz Njáll. “É uma boa proposta,” diz Flosi, “todavia, tu e ele tendes muito a temer um do outro, mas o que tens para dizer acerca de Høskuldr?” “Tenho coisas boas para dizer acerca dele,” diz Njáll, “e desembolsarei tanto dinheiro quanto vos pareça honroso, se desejares levar esta questão em consideração.” “Chamá-la-emos,” diz Flosi, “para sabermos como lhe parecerá o homem.” Ela foi então chamada e lá compareceu.

Flosi conta-lhe do pedido de casamento. Ela declarou ser uma mulher orgulhosa, – “e eu não sei se esse casamento me é apropriado, deparando-me com homens tais, e, ademais, esse homem não detém autoridade; e tu já me disseste que não me casarias com um homem sem *godord*.” “Basta tu me dizeres,” diz Flosi, “que não desejas casar-te, que não aceitarei o pedido.” “Eu não digo,” diz ela, “que não desejo casar-me com Høskuldr, se eles lhe arranjam uma autoridade. Mas, do

contrário, não aceitarei o pedido.” “Então eu gostaria de pedir que me deis,” diz Njáll, “três invernos para que eu trate disso.” Flosi respondeu que assim haveria de ser. “Uma coisa eu gostaria de estipular,” diz Hildigunnr, “caso essa união se concretize: que nós habitemos aqui no leste.” Njáll declarou que desejava deixar essa decisão com Høskuldr, mas Høskuldr disse ter confiança em muitos, mas em ninguém tanta quanta em seu pai de criação. Agora eles cavalgam do leste.

Njáll procurava uma autoridade para Høskuldr, e ninguém desejava vender seu *godorð*. Transcorre assim o verão, até a assembleia. Nesse verão ocorreram muitas disputas legais na assembleia; muitos então foram ao encontro de Njáll, como era de costume, e ele aconselhava coisas que não pareciam óbvias para os casos dos homens, de modo que se desfaziam as acusações, bem como as defesas, e decorreu disso grande cizânia, uma vez que os casos não se podiam encerrar, e os homens cavalgaram da assembleia sem conciliações.

Transcorre o tempo assim até que chega a próxima assembleia. Njáll parte para a assembleia. E a assembleia permaneceu calma até que Njáll falou que os homens deveriam expor suas acusações. Muitos disseram que isso resultaria em pouco, pois ninguém avançava em seu caso, apesar de terem sido feitas as convocações para a assembleia, – “e preferimos,” dizem eles, “fazer justiça com o fio da espada.” “Assim não se pode fazer,” diz Njáll, “e não prestará não ter leis na terra. Não obstante, tendes bastante razão nisso, e isso diz respeito a nós que conhecemos as leis e devemos regulá-las. Parece-me aconselhável agora convocarmos todos os chefes para uma reunião e deliberarmos sobre a questão.”

Foram-se todos então ao tribunal. Então Njáll pronunciou-se: “Convoco-te a ti, Skapti Þóroddson, e a vós, demais chefes, pois me parece que nossos casos legais perderam a validade, se eles têm de ser levados adiante nas cortes dos quartos e se complicam tanto a ponto de não poderem ser encerrados nem continuados. Parece-me mais aconselhável que tivéssemos uma quinta corte e levássemos adiante na quinta corte esses casos que não se puderam encerrar nas cortes dos quartos.” “Como tu nomearás,” diz Skapti, “a quinta corte, uma vez que a corte do quarto é nomeada de acordo com os antigos *godorð*, com três dúzias de cada quarto?” “Eu verei uma solução para isso,” diz Njáll, “para que os mais aptos para tal, em cada quarto, adquiram novos *godorð*, e que se lhes declarem aliados na assembleia quantos desejarem fazê-lo.” “Desejamos aceitar essa solução,” diz Skapti, “mas que casos complicados devem colocar-se ou apresentar-se lá?” “Devem-se

apresentar lá os casos,” diz Njáll, “referentes a toda violação de corte da assembleia; se os homens apresentarem testemunhas mentirosas ou júris mentirosos; lá se devem apresentar casos de discórdia que os homens tenham nas cortes dos quartos: estes também deverão ser convocados para a quinta corte; bem como se os homens oferecerem ou recebem dinheiro para auxílio em litígios legais, ou nos casos de acolhimento de escravos ou devedores. Nessa corte deverão fazer-se os mais firmes juramentos, e dois homens deverão acompanhar cada juramento, comprometendo-se com sua própria honra com aquilo por que os outros jurarem. Lá também deverá ser assim: se uns realizarem os procedimentos corretamente e outros erradamente, dever-se-á julgar em prol daqueles que procederam corretamente com a acusação. Lá deverão também ser conduzidos todos os casos como na corte do quarto – exceto que, quando forem nomeadas quatro dúzias na quinta corte, o acusador deverá nomear seis homens para deixarem a corte, e o defendente outros seis; mas se ele não desejar nomeá-los, então o acusador deverá nomear aqueles bem como os outros que o defensor tinha de nomear; mas se o acusador não nomear, então o caso será invalidado, porque três dúzias deverão julgar. Nós devemos também ordenar o tribunal de tal modo que aqueles sentados nos bancos do meio deverão deliberar com retidão perante absolvição e punição, e deverão ser escolhidos para tal aqueles que forem mais sábios e melhores homens. Lá também deverá estar a quinta corte. Mas se aqueles que estiverem sentados no tribunal não entrarem em acordo sobre o que desejam absolver e punir, o voto da maioria deverá decidir. Mas se houver alguém que esteja fora do tribunal que não obtiver acesso para adentrá-lo, ou considerar que tenha tido seu caso refutado por força, deverá este então pedir anulação, de modo que todo o tribunal o escute, e tenha então anulados diante deles todas as absolvições e tudo que eles declararam legalmente determinado.”

Depois disso, Skapti Þóroddson legitimou a quinta corte, e tudo quanto agora se disse foi legitimado. Depois disso, os homens deixam a rocha da lei; os homens então assumiram novos goðorð. No quarto norte foram estes os novos goðorð: Melmannagoðorð, em Miðfjörðr, e Laufæsingagoðorð em Eyjafjörðr. Então Njáll pediu silêncio e pronunciou-se: “É do conhecimento de muitos homens o que se deu entre meus filhos e os homens de Grjótá, quando eles mataram Þráinn Sigfússon, e, contudo, nós entramos em termos quanto ao caso, e depois eu acolhi Hoðskuldr e arranjei-lhe uma esposa, na condição de ele obter algum goðorð, mas ninguém deseja vender-lhe seu goðorð. Eu desejo

agora pedir-vos que me deixeis assumir o novo goðorð de Hvítanes para Høskuldr.” Ele obteve aprovação de todos; em seguida, assumiu o goðorð para Høskuldr, e ele passou a ser chamado desde então Hvítanessgoði. Depois disso, os homens cavalgam de volta para suas casas da assembleia.

Njáll permanece um breve tempo em casa, até que cavalga para leste, rumo a Svínafell, junto com seus filhos, e apresenta novamente o pedido de casamento a Flosi, e Flosi disse que cumpriria o trato com eles. Hildigunnr é então prometida como noiva a Høskuldr e a cerimônia de núpcias marcada, e assim se encerram as coisas entre eles. Eles então cavalgam de volta para casa.

E novamente cavalgam, agora para a cerimônia de casamento. Flosi desembolsou todo o dinheiro de Hildigunnr após a festa e pagou tudo prontamente. O casal se foi para Berþórshváll e lá permaneceu por aquele ano, e deu-se tudo bem entre Hildigunnr e Bergþóra. Mas, no verão seguinte, Njáll compra terras em Ossabær e as dá a Høskuldr, e ele se muda para lá. Njáll o proveu de todos os servos. E tão boa era a relação entre eles que nenhum julgava uma decisão como tomada a não ser que eles todos decidissem juntos. Høskuldr morou em Ossabær por um longo tempo, de modo que ele e os filhos de Njáll dignificavam uns aos outros, e os filhos de Njáll o acompanhavam em suas jornadas. Sua amizade era tão forte que uns convidavam aos outros para sua casa todo outono, e trocavam grandes presentes. As coisas seguem assim por muito tempo.

CAPÍTULO XCVIII

Um homem de nome Lýtingr morava em Sámstaðir. Ele tinha uma mulher que se chamava Steinvör; ela era filha de Sigfúss, irmã de Þráinn. Lýtingr era um homem grande na estatura e forte, rico em bens e de trato difícil. Certa vez, Lýtingr ofereceu uma festa em Sámstaðir. Ele havia convidado Høskuldr e os filhos de Sigfúss, e eles todos compareceram; lá estavam presentes também Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambason e Lambi Sigurðarson.

Høskuldr Njálsson e sua mãe Hróðný tinham uma fazenda em Holt, e Høskuldr sempre ia para sua fazenda cavalgando de Berþórshváll, e seu caminho passava junto ao cercado de Sámstaðir. Høskuldr tinha um filho de nome Ámundi; ele nascera cego; tinha, contudo, grande estatura e força.

Lýtingr tinha dois irmãos; um chamava-se Hallsteinn, o outro Hallgrím; eles eram os maiores encenqueiros, e estavam sempre junto a seu irmão, pois os outros não os toleravam.

Lýtingr passava o dia fora de casa, mas frequentemente entrava. Senta-se agora em seu assento. Então entra em casa uma mulher que estivera lá fora. Ela falou: “Estivestes longe demais para ver o exibido cavalgando diante da fazenda.” “Quem é esse exibido,” diz Lýtingr, “de que falas?” “Höskuldr Njálsson,” diz ela, “cavalgava aqui diante da fazenda.” Lýtingr falou: “Ele cavalga aqui na fazenda com frequência, e isso não se dá sem parecer-me provocação, e ofereço-me para ir contigo, Höskuldr²⁰⁹, se desejas vingar teu pai e matar Höskuldr Njálsson.” “Não desejo isso,” diz Höskuldr, “e repagar pior do que deveria meu pai de criação, e que te danes por esta tua festa,” – e levantou-se da mesa num sobressalto e mandou apanhar seu cavalo e cavalgou para casa. Lýtingr falou então para Grani Gunnarsson: “Tu estiveste presente quando Þráinn foi morto, e tens isso na memória, e tu também, Gunnarr Lambason, e tu, Lambi Sigurðarson. Eu desejo agora que cavalguemos contra ele e o matemos hoje à noite, quando estiver cavalgando de volta para casa.” “Não,” diz Grani; “eu não atacarei os filhos de Njáll, quebrando assim aquele acordo de paz que bons homens selaram.” Palavras tais pronunciou cada um deles, bem como os filhos de Sigfúss, e decidiram-se por cavalgar embora.

Então, quando eles já se haviam ido, Lýtingr falou: “Todos nós sabemos que eu não recebi compensação nenhuma pela morte de meu cunhado Þráinn; eu jamais me contentarei enquanto ele não for vingado com a morte de um homem.” Em seguida, convocou para partirem consigo seus dois irmãos e três domésticos. Foram-se pelo caminho de Höskuldr, adiantando-se a ele, e aguardaram-no em emboscada ao norte, junto à cerca, num buraco, e aguardaram lá até as seis da tarde. Então se lhes achega Höskuldr cavalgando. Eles todos então se lançam de pé com suas armas e o atacam; Höskuldr defende-se tão duramente que eles levam muito tempo para conseguir atingi-lo. Mas, ao final, ele feriu Lýtingr no braço e matou dois de seus caseiros e tombou em seguida; eles impingiram em Höskuldr dezesseis chagas, e não lhe deceparam a cabeça. Foram para dentro da floresta, do lado leste do rio Rangá, e esconderam-se lá.

Nesta mesma noite, um pastor de Hróðný encontrou Höskuldr morto e foi para casa e comunicou a ela a morte do filho. Ela falou: “Ele não estará morto, mas acaso a cabeça foi decepada?” “Não foi,”

²⁰⁹ Trata-se aqui de Höskuldr Þráinsson.

diz ele. “Eu saberei se o vir,” diz ela, “e apanha meu cavalo e o carro.” Ele assim fez e aprontou tudo, e em seguida os dois partiram para onde aquele jazia. Ela observou as chagas e falou: “É tal qual me ocorrera, que ele não está de todo morto, e Njáll pode sarar chagas piores.”

Em seguida apanharam o corpo e o puseram no carro e guiaram até Bergþórshváll e o arrastaram para dentro do redil de ovelhas e o põem sentado, apoiado na parede. Em seguida, caminharam ambos até a casa e bateram na porta, e um doméstico andou até a porta. Ela entra rápido, desviando-se dele, e avança até o leito de Njáll; pergunta se Njáll está acordado. Ele diz que estava dormindo até aquele instante, mas que acordou agora, – “mas por que vieste aqui assim cedo?” Hróðný falou: “Levanta-te do leito da minha coesposa e vem comigo até lá fora, e que ela também e também teus filhos nos acompanhem.” Eles se levantaram e saíram. Skarpheðinn falou: “Apanhemos nossas armas e tenhamos-as conosco.” Njáll nada falou com relação a isso, e eles correram para dentro e saíram armados. Ela agora avança à frente, até que eles todos chegam ao redil.

Ela entrou primeiro e pediu-lhes que a seguissem. Acendeu uma lâmpada e falou: “Aqui está teu filho Hǫskuldr, Njáll, e ele recebeu muitas chagas, e precisará agora de cuidados médicos.” Njáll falou: “Eu vejo nele sinais de morte, e não sinais de vida, mas por que tu não lhe prestaste os últimos serviços, que as narinas estão abertas?” “Eu queria que Skarpheðinn o fizesse,” diz ela. Skarpheðinn achegou-se-lhe e prestou-lhe os últimos serviços. Skarpheðinn falou então com seu pai: “Quem tu achas que o matou?” Njáll responde: “Lýtingr de Sámstaðir deve tê-lo matado, junto com seus irmãos.” Hróðný falou: “Deixo em tuas mãos, Skarpheðinn, vingar teu irmão, e, ainda que ele não seja legítimo, espero que tu ajas bem e que te esforces ao máximo.” Bergþóra falou: “Agis de modo espantoso: praticais homicídios quando pouco vos compele, mas coisas tais vós ruminais, e hesitais, de modo que nada acontece; e neste caso, quando se fizerem notícias disso, Hǫskuldr Hvítanessgoði virá para vos pedir uma conciliação, e vós lha concedereis – e é agora que se deve deliberar sobre o que fazer, se desejeis.” Skarpheðinn falou: “Nossa mãe agora incita-nos usando a lei.” Em seguida, eles correram para fora. Hróðný entrou na casa com Njáll e lá passou aquela noite.

CAPÍTULO XCIX

Agora há para se dizer de Skarpheðinn e seus irmãos que eles sobem margeando o rio Rangá. Então Skarpheðinn falou: “Estaquemos

agora e escutemos.” Em seguida ele falou: “Vamos em silêncio, pois eu ouço vozes lá em cima junto ao rio. Mas vós preferis lidar só com Lýtingr ou com os seus dois irmãos?” Eles disseram preferir lidar só com Lýtingr. “Ele, porém, dará mais trabalho para ser pego,” diz Skarpheðinn, “e me desagradaria caso escapasse, mas eu tenho mais confiança em mim para que ele não se saia dessa.” “Nós dois agiremos de tal modo,” diz Helgi, “que ele não escape, se vier ao nosso alcance.”

Em seguida, caminharam para o local de onde Skarpheðinn havia ouvido as vozes e viram Lýtingr e os demais junto à margem de um arroio. Skarpheðinn cruza imediatamente o arroio correndo e sobe a ribeira coberta de musgo do outro lado; lá em cima postavam-se Hallgrím e os outros irmãos. Skarpheðinn desfere na coxa de Hallgrím um golpe tal que imediatamente decepa-lhe a perna, e agarra Hallkell com a outra mão. Lýtingr golpeou contra Skarpheðinn; Helgi chegou então e levantou seu escudo, e o golpe acertou aí. Lýtingr ajuntou uma pedra com a outra mão e atingiu Skarpheðinn, e então Hallkell se desvencilhou. Hallkell corre agora para cima do barranco, e, no topo, não consegue chegar ao outro lado senão caindo de joelhos; Skarpheðinn acerta-lhe com o machado, partindo-lhe ao meio a espinha. Lýtingr põe-se em fuga agora, mas Grím e Helgi o perseguem e cada um deles consegue impingir em Lýtingr uma chaga. Ele escapa deles pelo rio e então vai até onde estão os cavalos e parte a galope até que chega a Ossabœr. Høskuldr estava em casa, e ele o encontra imediatamente. Lýtingr lhe narra os feitos. “Isso era de se esperar de ti,” diz Høskuldr, “tu te precipitaste muito. É bem verdade aqui o dito: ‘por pouco tempo alegra-se a mão com o golpe’. E agora me parece que tu estás preocupado se conseguirás proteger-te ou não.” “Assim é, certamente,” diz Lýtingr, “pois eu escapei por pouco; porém, eu gostaria agora que tu me conciliasses com Njáll e seus filhos, para que eu seguisse vivendo em minha fazenda.” “Assim há de ser,” diz Høskuldr.

Mais tarde, Høskuldr mandou selar seu cavalo e cavalgou até Bergþórshváll num grupo de seis homens. Então já haviam chegado a casa os filhos de Njáll, e se deitaram para dormir. Høskuldr foi de imediato ao encontro de Njáll, e os dois se puseram a conversar. Høskuldr falou para Njáll: “Venho aqui para fazer um pedido por Lýtingr, o tio de minha mulher. Ele cometeu uma grande infração contra vós, rompeu o acordo de paz e matou teu filho.” Njáll falou: “Lýtingr deve agora estar considerando ter pago um alto preço com a morte de seus irmãos. Mas, se dou alguma alternativa de conciliação, é

por ti que o faço, e, não obstante, farei o acordo com a condição de que se considere que os irmãos de Lýtingr morreram dessagrados; e Lýtingr nada receberá por suas chagas, mas pagará por Høskuldr uma compensação plena.” Høskuldr diz: “O meu desejo é que só tu julgues.” Njáll diz: “Farei assim como desejas.” “Tu gostarias,” diz Høskuldr, “que teus filhos estejam presentes?” Njáll diz: “Não haveria conciliação então, mas eles aceitarão o acordo que eu fizer.” Então falou Høskuldr: “Encerremos o caso nós dois agora, e concede tu a ele tréguas pelos teus filhos.” “Assim há de ser,” diz Njáll. “Eu desejo,” diz Njáll, “que ele pague duas centenas de prata pelo homicídio de Høskuldr, e que siga morando em Sámstaðir, e, todavia, parece-me mais aconselhável que ele venda as terras e parta para longe; mas não é por isto: eu não rompirei este acordo de paz com ele, nem meus filhos o farão; é que me parece poder haver alguém lá no distrito que ele deveria evitar. Mas se vos parecer que eu estou a bani-lo do distrito, então eu permito que ele siga morando aqui, mas é dele a maior responsabilidade assim.” Em seguida, Høskuldr retornou para sua casa.

Os filhos de Njáll despertaram e perguntaram ao pai o que se passara, e ele lhes disse que seu filho de criação Høskuldr lá estivera. “Ele deve ter feito pedidos por Lýtingr,” diz Skarpheðinn. “Assim se deu,” diz Njáll. “Høskuldr não teria podido,” diz Njáll, “escudá-lo, se tu o tivesses matado, quando foste para fazê-lo.” “Não repreendamos nosso pai,” diz Skarpheðinn. Agora há para se dizer que essa conciliação é respeitada entre as partes.

CAPÍTULO C

Ocorreu uma mudança de poder na Noruega. Os dias do *jarl* Hákon haviam-se encerrado, e em seu lugar veio Óláfr Tryggvason. O fim da vida do *jarl* Hákon deu-se com o escravo Karkr cortando-lhe a garganta em Rimul, em Gaulardalr. Junto com essas notícias, chegaram as de que ocorria uma mudança de religião na Noruega, e eles haviam abandonado a antiga crença, e o rei cristianizou as terras do oeste: Zetlândia, as ilhas Orkney e as ilhas Faroe.

Então muitos falaram, de modo a Njáll escutá-los, que abandonar a antiga religião era coisa muito abominável. Njáll disse então: “Eu tenho a impressão de que a nova religião será muito melhor, e que será bem-aventurado quem a preferir. E se vierem até esta terra homens pregando esta religião, eu me pronunciarei bem sobre ela.” Ele falava assim com frequência. Ia com frequência para longe das outras pessoas e murmurava só consigo.

Nesse mesmo outono, aportou um navio nos fiordes do leste, em Berufjörðr, lá onde se chama Gautavík; o capitão chamava-se Þangbrandr; ele era filho do conde Vilbaldús da Saxônia. Þangbrandr foi enviado para cá pelo rei Óláfr Tryggvason para pregar a fé. Junto com ele estava um homem islandês, que se chamava Guðleifr; este era filho de Ari, filho de Már, filho de Atli, filho de Úlfr olhos-atentos, filho de Hogni o branco, filho de Ótryggr, filho de Óblauðr, filho de Hjörleifr o mulherengo, rei de Hørðaland. Guðleifr era um grande guerreiro e o mais bravo dos homens, e duro em todos os aspectos.

Moravam em Berunes dois irmãos; um chamava-se Þorleifr e o outro Ketill; eram filhos de Hólmsteinn, filho de Qzurr de Breiðdalir. Eles realizaram uma reunião e proibiram as pessoas de fazerem comércio com aqueles.

Hallr de Síða toma notícia disso; ele morava em Þvátta, em Álptafjörðr. Cavalga até o navio com trinta homens; ele vai ao encontro de Þangbrandr e lhe fala: “Vai mal o comércio com os homens?” Ele disse que assim ocorria. “Agora desejo contar-te o motivo de minha vinda,” diz Hallr, “que desejo convidar todos vós para minha casa, e tentarei arranjar comércio convosco.” Þangbrandr agradeceu-lhe e foi até lá.

No outono, aconteceu de Þangbrandr estar fora de casa cedo uma manhã; ele mandou armar uma tenda e cantou a missa na tenda, e fazia-o com grande ardor, pois era um grande dia de guarda. Hallr falou para Þangbrandr: “Tu celebras à memória de quem neste dia?” “Do anjo Miguel,” diz ele. “Que poderes acompanham esse anjo?” diz Hallr. “Muitos,” diz Þangbrandr; “ele avaliará tudo quanto fazes, tanto as coisas boas quanto as más, e é tão misericordioso que avalia mais tudo de bem que se tenha feito.” Hallr falou: “Eu gostaria de tê-lo como amigo.” “E isso tu podes,” diz Þangbrandr; “e entrega-te a ele então hoje, com Deus.” “Então eu faço a condição,” diz Hallr, “de que tu prometas por ele que ele será meu anjo guardião.” “Assim prometerei,” diz Þangbrandr. Então Hallr recebeu o batismo, e mais toda a gente do seu lar.

CAPÍTULO CI

Na primavera seguinte, Þangbrandr partiu para pregar a fé, e Hallr o acompanhou. E, ao passarem por Lónsheiðr, indo para oeste rumo a Stafafell, lá morava então em sua fazenda Þorkell. Ele se pronunciava muitíssimo contrário a fé e desafiou Þangbrandr a um duelo; então Þangbrandr portou um crucifixo ao invés de um escudo, e,

mesmo assim, as coisas entre eles terminaram com Þangbrandr saindo-se vitorioso e matando Þorkell.

De lá foram até Hornafjörðr e hospedaram-se em Borgarhöfn, a oeste de Heinabergssand; lá morava Hildir, o velho; seu filho era Glúmr – o qual participou do incêndio com Flosi²¹⁰. Lá Hildir e toda a gente de seu lar adotaram a fé.

De lá foram até Fellshverfi e hospedaram-se em Kálfafell. Lá morava Kolr Þorsteinsson, parente de Hallr, e ele e toda a gente de seu lar adotaram a fé.

De lá foram até Breiðá, e lá morava Qzurr Hróaldsson, parente de Hallr. Ele recebeu o sinal da cruz.

De lá foram até Svínafell, e Flosi recebeu o sinal da cruz, e prometeu que os acompanharia na assembleia.

De lá foram para oeste, até Skógahverfi, e hospedaram-se em Kirkjubær. Lá morava Surtr, filho de Ásbjörn, filho de Þorsteinn, filho de Ketill, o tolo; todos esses homens da linhagem já eram cristãos.

Depois disso, eles partiram de Skógarhverfi rumo a Höfðabrekka; notícias de sua vinda já haviam lá chegado muito antes deles. Um homem chamado Heðinn Feiticeiro morava em Kerlingardalr. Os homens pagãos lá pagaram a ele para que causasse a morte de Þangbrandr e seus companheiros de jornada, e ele subiu até Arnarstakksheiðr e fez lá um grande sacrifício. Quando Þangbrandr vinha cavalgando do leste, fendeu-se a terra sob o seu cavalo, e ele saltou do cavalo e escapou sobre o barranco, enquanto a terra engoliu o cavalo com todo o arreamento, e eles jamais tornaram a vê-lo. Então Þangbrandr louvou Deus.

CAPÍTULO CII

Guðleifr parte à procura de Heðinn Feiticeiro e o encontra na charneca e o persegue até embaixo, junto ao rio Kerlingardalsá; aproximou-se-lhe o quanto bastava para tê-lo ao alcance da lança, e disparou contra ele e o trespassou.

De lá eles foram até Dyrhólmar e fizeram ali uma reunião, e ele pregou ali a fé, e Ingjaldr, filho de Þorkell Háeyjartyrðill, foi ali cristianizado.

De lá foram até Fljótshlíð e ali pregaram a fé. Lá se lhes contrapuseram mais o poeta Vetrliði e seu filho Ari, e por isso eles mataram Vetrliði, e sobre isso foram recitados estes versos:

²¹⁰ O narrador antecipa o incêndio no lar de Njáll.

6. *O provador de escudos para o sul
levou seus apetrechos de vitória
para ferir na frágua de lamentos
Baldr das armas.
O corajoso lidador da fé
fez descer ribombando seu machado
da morte portador sobre a bigorna
da tez de Vetrliði, o poeta.*

De lá Þangbrandr foi até Bergþórshváll, e Njáll e toda a gente de seu lar aceitaram a fé. Mas Mjörðr e Valgarðr se opuseram muito à fé. Partiram de lá, cruzando o rio para o lado oeste. Foram até Haukadalr e batizaram Hallr, ele tinha então três invernos de idade.

De lá foram até Grímsnes. Lá Þorvaldr o enfermo arregimentou um bando contra eles e mandou mensagem a Úlfr Uggason para que atacasse Þangbrandr e o matasse, e recitou assim estes versos:

7. *Eu, Yggr de armadura, faço preito
a Úlfr Uggason – lhe hei grã cuidado –
o timoneiro de aço
por que aniquile o insolente vil,
que torpe avilta os deuses,
por que à alçada morada vá de Geitir
– e eu buscarei o outro.*

Úlfr Uggason respondeu-lhe com outros versos:

8. *Conquanto preito faça o caro sócio
da bebida do alto paço de Óðinn,
néscio a isca que mandas não engulo,
tampouco (que fermentam as desgraças)
ó governante de corcéis do mar
(pois que de um mal assim eu me resguardo)
cairei na armadilha que me envias.*

“E não pretendo,” diz ele, “deixar que ele me faça de bobo, mas que ele cuide para sua língua não se enrolar em sua cabeça.” E, depois disso, o mensageiro retornou para junto de Þorvaldr, o enfermo, e transmitiu-lhe o recado de Úlfr. Þorvaldr tinha em seu lado muitos homens, e anunciou que fariam contra aqueles uma emboscada em Bláskógaheiðr.

Þangbrandr e Guðleifr cavalgaram de Haukadalsr. Encontraram um homem que veio cavalgando na direção oposta; este perguntou por Guðleifr, e, quando o encontrou, falou: “Tu te vales de teu irmão Þorgils, de Reykjahólar, que venho trazer-te informações de que eles prepararam muitas emboscadas, e, além disso, que Þorvaldr o enfermo encontra-se com seu bando junto à margem do arroio Hestlœkr, em Grímsnes.” “Não deixaremos de cavalgar,” diz Guðleifr, “de encontro a ele.” Voltaram o curso, em seguida, para Hestlœkr. Þorvaldr então atravessara o arroio. Guðleifr falou para Þangbrandr: “Ali está Þorvaldr agora, e atacemo-lo.” Þangbrandr atirou a lança, trespassando Þorvaldr, e Guðleifr desferiu-lhe um golpe no ombro, decependo-lhe o braço, e isso foi a morte dele.

Depois disso, cavalgam até a assembleia, e por muito pouco os parentes de Þorvaldr não lograram atacá-los; Njáll e a gente de Austfirðir deram-lhes auxílio e proteção. Hjalti Skeggjason recitou estes versos de escárnio:

9. *Não poupo latir aos deuses:
Julgo Freyja uma cadela;
Porém, é de duas uma:
Óðinn é um cãozinho, ou ela.*

Hjalti partiu para o exterior no verão, e também Gizurr, o Branco. Mas o navio de Þangbrandr quebrou-se a leste, junto a Búlandsnes, e o navio chamava-se Bisonte. Þangbrandr percorreu os distritos bem a oeste.

Steinun, a mãe de Refr poeta, foi ao encontro dele; ela pregou o paganismo a Þangbrandr, e pronunciou-se diante dele por um longo tempo. Þangbrandr quedou-se calado enquanto ela falava, mas falou por um longo tempo depois, e fez tudo quanto ela dissera mudar-se em erro. “Tu já ouviste,” disse ela, “que Þórr desafiou Cristo a um duelo, e ele não ousou lutar com Þórr?” “Eu já ouvi,” diz Þangbrandr, “que Þórr não seria mais que terra e cinzas, tão logo Deus não desejasse que ele vivesse.” “Tu sabes,” diz ela, “quem quebrou teu navio?” “Que me dizes a esse respeito?” diz ele. “Tenho para te dizer isto,” diz ela:

10. *O matador da prole da gigante
partiu a nau do guardião de sinos,
quebrantou-lhe o Bisonte;
Os deuses arrastaram para a costa*

*o corcel do poleiro da gaivota.
Cristo não amparou, quando quebrou,
a nave; e Deus, eu creio, não guardava
tão bem de Gylfi a rena.*

E ela recitou outros versos:

*11. De Þangbrandr, ao largo Þórr levou
de seu sítio, de Þvinill o veado;
a árvore fez estremecer da proa
à costa quebrantou-a;
nunca mais poderá esse carvalho
do campo de Atall velejar de novo;
a tormenta enviada por aquele
espedaçou-o em cacos.*

Depois disso, Steinunn e Þangbrandr separaram-se, e eles partiram para oeste, até Barðaströnd.

CAPÍTULO CIII

Em Hagi, em Barðaströnd, morava Gestr Oddleifsson; ele era o mais sábio dos homens, tanto que via o destino dos homens. Ele recebeu Þangbrandr e seus companheiros com um banquete. Eles chegaram a Hagi com sessenta homens. Foi então dito que havia lá já duzentos homens pagãos, e que era esperado lá o *berserkr* de nome Ótryggr, e estavam todos com medo dele; sobre ele dissera-se tanta coisa, que ele não temia nem fogo nem lâmina, e estavam muito medrosos os pagãos. Então Þangbrandr perguntou se os homens desejavam aceitar a fé, mas todos os pagãos se contrapuseram muito. “Farei uma proposta a vós,” diz Þangbrandr, “para que experimenteis qual é a melhor fé. Nós acenderemos três fogueiras; vós, os homens pagãos, consagrareis uma delas, eu outra, e a terceira restará não consagrada. Mas se o *berserkr* tiver medo daquela que eu consagrar e caminhar através da vossa fogueira, então vós receberéis a fé.” “Isso foi bem falado,” diz Gestr, “e anuirei a isso, falando de minha parte e da gente de meu lar.” E quando Gestr havia pronunciado isso, muitos outros anuíram, e fez-se aclamação.

Contou-se então que o *berserkr* chegou à fazenda, e então foram feitas as fogueiras e elas ardiam; os homens apanharam então suas armas e correram para os bancos e assim aguardaram. O *berserkr*

precipita-se portas adentro, armado; chega ao interior do salão e de imediato caminha através da fogueira que os pagãos consagraram, e depara-se com a fogueira que Þangbrandr tinha consagrado, e não ousou cruzar esta fogueira e disse que se queimava todo. Ele golpeia na direção do banco com a espada, e atinge a viga, tão alto a brandiu. Þangbrandr atingiu-lhe o braço com o crucifixo, e ocorreu uma revelação tão grandiosa, que a espada caiu da mão do berserkr. Então Þangbrandr golpeia com sua espada contra o peito daquele, enquanto Guðleifr fere-lhe o braço, decepando-o. Então muitos se aglomeraram sobre o berserkr e o mataram. Depois disso, Þangbrandr perguntou se eles desejavam receber a fé. Gestr declarou que prometera uma só coisa e que tinha intenção de cumpri-la. Þangbrandr então batizou Gestr e toda a gente de seu lar e muitos outros.

Þangbrandr então se aconselhou com Gestr se deveria ir até os fiordes do oeste, mas ele o dissuadiu disso e declarou que lá havia homens duros e de trato ruim, – “mas se esta fé está destinada a firmar-se, haverá então de firmar-se na assembleia geral, e deverão estar lá presentes todos os chefes, de todos os distritos.” “Pronunciei-me já na assembleia,” diz Þangbrandr, “e lá me deparei com a maior dificuldade.” “Já cumpriste, porém, a maior parte da missão,” diz Gestr, “ainda que a outros seja dado fazer dela lei. Mas dá-se conforme o dito, que ‘não tomba a árvore ao primeiro golpe’.” Em seguida, Gestr deu a Þangbrandr bons presentes, e ele retornou para o sul.

Þangbrandr foi então até o Quarto Sul e, de lá, até os Fiordes do Leste. Ele passou um tempo hospedado em Bergþórshváll, e Njáll deu-lhe presentes. Então cavalgou para o leste, até Álptafjörðr, ao lar de Hallr. Ele mandou reparar seu navio, que os homens pagãos chamaram de Arca de Ferro. Neste navio, Þangbrandr partiu da terra, e Guðleifr com ele.

CAPÍTULO CIV

Então, no verão, Hjalti Skeggjason foi proscrito na assembleia por escarnecer os deuses.

Þangbrandr contou ao rei Óláfr sobre os feitos maus que os Islandeses praticaram contra ele, diz que eles são tão adeptos da magia que a terra lá se partiu sob seu cavalo e tomou-lhe o cavalo. Então o rei Óláfr enfureceu-se tanto que mandou prenderem todos os homens islandeses²¹¹ e metê-los numa masmorra, e pretendia então pô-los à morte. Então Gizurr, o Branco, e Hjalti ofereceram-se como penhores

²¹¹ Obviamente, o rei se refere aos islandeses que estavam em sua corte.

por esses homens, e propuseram ir eles até a Islândia e pregar lá a fé; o rei recebeu bem isso, e aqueles todos foram libertados.

Então Gizurr e Hjalti aprontaram seu navio para partirem rumo à Islândia, e não tardou até que estavam prontos; chegaram, aportando em Eyrar, quando dez semanas de verão se haviam passado. Obtiveram imediatamente cavalos para si, e conseguiram homens para descarregarem o navio. Eles cavalgam então, trinta homens ao todo, rumo à assembleia, e enviaram uma mensagem aos homens cristãos para que estivessem prontos. Hjalti ficou para trás em Reyðarmúli, pois tomara conhecimento de que havia sido proscrito por blasfêmia. Mas, quando eles chegaram a Vellandkatla, acima de Gjábakki, veio novamente para junto deles Hjalti, e ele dizia que não desejava demonstrar para os homens pagãos que lhes tivesse medo. Chegaram então cavalgando ao encontro deles muitos homens cristãos, e eles cavalgaram para a assembleia com uma grande tropa. Os homens pagãos haviam também arregimentado tropas, e houve a iminência de que toda a gente na assembleia travasse uma batalha, entretanto isso não se deu.

CAPÍTULO CV

Morava em Ljósavatn um homem de nome Þorgeirr; ele era filho de Tjörvi, filho de Þorkell o longo. Sua mãe chamava-se Þórunn e era filha de Þorsteinn, filho de Sigmundur, filho de Gnúpa-Bárðr. Sua mulher chamava-se Guðríðr; ela era filha de Þorkell, o negro, de Hleiðrargarðr; seu irmão era Ormr costas-de-arca, pai de Hlenni, o velho, de Saurbær. Þorkell e Ormr eram filhos de Þórir *snepill*, filho de Ketill *brimill*, filho de Qrnólfr, filho de Björnólfr, filho de Grímr bochechas-peludas, filho de Ketill *hæingr*, filho de Hallbjörn meio-tröll de Hrafnista.

Os homens cristãos armaram suas tendas, e Gizurr e Hjalti estavam na tenda dos homens de Mosfell. No dia seguinte, ambas as partes andaram até a rocha da lei, e tanto os homens cristãos quanto os pagãos nomearam para si testemunhas, e declararam-se uns desobrigados das leis dos outros, e fez-se tamanho alarido na rocha da lei que ninguém ouvia a fala de ninguém. Em seguida, os homens foram embora, e todos julgavam que a situação se mostrava difícil. Os homens cristãos tomaram como recitador da lei Hallr de Síða, e Hallr foi ao encontro de Þorgeirr, goði de Ljósavatn, e deu-lhe três marcos de prata para que proclamasse as leis, e isso foi, todavia, uma decisão arriscada, pois ele era pagão.

Porgeirr quedou-se deitado assim o dia todo, com um casaco estendido sobre sua cabeça, e falou para ninguém ir ter com ele. E, no dia seguinte, os homens caminharam à rocha da lei; então Porgeirr pediu silêncio e pronunciou-se: “Parece-me que a nossa questão tenha atingido um impasse, se todos não puderem ter as mesmas leis, mas se as leis estiverem divididas ao meio, então também a paz estará dividida, e não será possível viver com isso. Agora desejo perguntar aos homens cristãos e pagãos se desejam compartilhar as leis que eu proclamar.” Todos anuíram a isso. Ele declarou que desejava receber juramentos deles, e garantias de que os guardariam. Eles anuíram a isso, e ele recebeu deles garantias. “O princípio de nossas leis é,” disse ele, “que todos os homens deverão ser cristãos nesta terra e crer em um deus, pai e filho e espírito santo, e abandonar toda adoração aos falsos ídolos, não expor crianças e não comer carne de cavalo; haverá pena de proscrição mínima caso isso se descumpra à vista, mas, se for feito às escondidas, então não será passível de punição.” Mas esses paganismos foram todos abolidos alguns invernos mais tarde, de modo que não mais se os podia praticar às escondidas mais do que abertamente. Ele então falou da guarda do dia do Senhor e dos dias de jejum, dias de Natal e Páscoa e todos os maiores dias santos. Os homens pagãos julgavam que haviam sofrido uma grande traição, contudo a fé foi feita lei e todos os homens tornados cristãos nesta terra. E os homens retornam às suas casas da assembleia com isso.

CAPÍTULO CVI

Ocorreu, três invernos mais tarde em Þingskálaping, que Ámundi, o cego, filho de Hǫskuldr Njálsson, estava na assembleia. Ele era guiado pelas pessoas entre as tendas. Chegou à tenda em que se encontrava Lýtingr de Sámssstaðir; ele é guiado para o interior da tenda e até diante do local onde estava sentado Lýtingr. Ele falou: “Está aqui Lýtingr de Sámssstaðir?” “Que desejas de mim?” diz Lýtingr. “Desejo saber,” diz Ámundi, “com que queres compensar-me por meu pai. Eu sou ilegítimo, e de ninguém recebi compensação.” “Eu já paguei compensações plenas por teu pai,” diz Lýtingr, “e o pai e os irmãos de teu pai receberam, ao passo que meus irmãos foram declarados sem preço. E conquanto eu tenha feito mal, sofri uma dura queda.” “Não pergunto sobre isto,” diz Ámundi, “sobre a compensação que lhes pagaste; eu sei que vós entrastes em acordo. Eu pergunto, sim, com que queres compensar a mim.” “Com absolutamente nada,” diz Lýtingr. “Não me parece,” diz Ámundi, “que isso esteja correto perante Deus, do

modo como tu me atingiste próximo ao coração; e eu tenho para te dizer que, se meus dois olhos fossem sãos, eu ou receberia uma compensação em dinheiro por meu pai ou faria uma vingança de sangue, mas que Deus decida quanto a nós dois.” Depois disso, ele caminhou para fora, mas, quando chegou à porta da tenda, voltou-se novamente para dentro da tenda; então seus olhos se abriram. Então ele falou: “Louvado seja Deus, meu Senhor. Agora se vê o que Ele deseja.” Depois disso, corre para dentro da tenda até que chega diante de Lýtingr e golpeia-lhe a cabeça com o machado, de tal modo que só a parte de trás da lâmina ficou para fora, e puxa de volta o machado; Lýtingr tombou para frente, e havia morrido no ato. Ámundi caminha novamente para a porta da tenda e, quando chega ao mesmo local onde seus olhos se abriram, eles tornaram a se fechar, e ele foi cego por toda a sua vida doravante.

Depois disso, ele pede que o guiem até Njáll e seus filhos; anuncia-lhes o homicídio de Lýtingr. “Não se pode culpar-te por isso,” diz Njáll, “pois algo assim é muito predestinado, e é um alerta, se acontecimentos assim se dão, para não se furtrar aos deveres dos laços de sangue estreitos.” Mais tarde, Njáll ofereceu uma conciliação aos parentes de Lýtingr. Høskuldr Hvítanessgoði participou em convencê-los a aceitar a compensação, e o caso foi entregue a uma arbitragem; metade do valor da compensação foi anulada por conta das circunstâncias de culpa que ele pareceu ter tido. Depois disso, os homens selaram acordo de paz, e os parentes de Lýtingr concederam paz a Ámundi. Os homens cavalgaram de volta para suas casas da assembleia, e as coisas permanecem agora em paz por muito tempo.

CAPÍTULO CVII

Valgarðr, o cinza, retornou do exterior; ele era então pagão. Foi até Hof, para junto de seu filho Mørðr, e lá passou o inverno. Ele falou para Mørðr: “Eu cavaleguei por muitos locais em toda a povoação aqui, e mal posso reconhecê-la como sendo a mesma. Eu fui até Hvítanes e vi lá as paredes de muitas tendas e uma grande reviravolta. Fui até a assembleia de Þingskálar e vi lá toda quebrada a nossa tenda, mas de onde vem esse absurdo?” Mørðr diz: “Assumiram-se aqui novos *goðorð* e foi criada uma quinta corte, e os homens desquitaram-se de minha autoridade na assembleia e aderiram à liderança de Høskuldr.” Valgarðr falou: “Retribuíste-me mal pelo *goðorð* que deixei em tuas mãos, administrando-o assim covardemente. Desejo agora que tu lhes repagues de modo tal que sejam todos eles levados à morte. E deves, para isso, jogar um lado contra o outro com calúnias, até que os filhos

de Njáll matem Høskuldr. E existem muitos que levarão adiante o caso pela morte dele, e os filhos de Njáll então, por tal causa, acabarão sendo mortos.” “Não lograrei fazê-lo.” “Eu te darei um plano para isso,” diz Valgarðr; “deverás convidar à tua casa os filhos de Njáll e despedir-te deles, quando partirem, dando-lhes presentes. Mas só deverás dar início às calúnias depois que houver surgido uma grande amizade entre vós, e eles confiarem em ti não menos do que em si. Podes, assim, vingar-te de Skarpheðinn, por haverem eles tomado de ti o dinheiro após a morte de Gunnarr. Retomarás, assim, por fim, o posto de chefe, quando estes todos estiverem mortos.” E eles combinaram que levariam a cabo este plano.

“Eu gostaria, pai, que tu recebesses a fé,” diz Mørðr; “és um homem velho.” “Não desejo fazê-lo,” diz Valgarðr, “mas gostaria, antes, que tu abandonasses a fé para ver então no que dá.” Mørðr declarou que não o faria. Valgarðr quebrou as cruces e todos os amuletos santos de Mørðr. Então Valgarðr adoeceu e morreu, e foi sepultado.²¹²

CAPÍTULO CVIII

Um pouco depois, Mørðr cavalgou até Bergþórshváll e encontrou lá Skarpheðinn. Pôs-se a conversar muito agradavelmente com eles, e falou o dia todo e disse que desejava ter muito com eles. Skarpheðinn recebeu isso tudo muito bem, mas comentou que ele jamais os procurara antes. Até que, finalmente, ele chegou a tamanha amizade com eles a ponto de uma parte não tomar decisões sem que se aconselhasse com a outra. Njáll sempre desgostava de que lá vinha Mørðr, e sempre mostrava sua desaprovação.

Certa vez, quando Mørðr foi a Bergþórshváll, aconteceu de ele assim falar aos filhos de Njáll: “Eu planejei dar uma festa para beber à memória de meu pai, e, para esta festa, desejo convidar-vos, filhos de Njáll, e também Kári, e prometo com isso que de lá não partireis sem receberdes presentes.” Eles prometeram ir. Ele vai agora para casa e prepara a festa; convidou muitos fazendeiros, e a esta festa compareceu muita gente. Chegam lá os filhos de Njáll e Kári. Ele deu a Skarpheðinn uma fivela de ouro para o cinto, para Kári um cinto de prata, e para Grímr e Helgi bons presentes. Eles retornam para casa e gabam-se desses presentes e os mostram a Njáll; ele diz que eles terão pago o valor pleno destes presentes, – “e cuidei para que não lhe pagueis como ele desejar.”

²¹² O restolho do paganismo semeia o ápice da tragédia que acometerá Njáll e seus filhos.

CAPÍTULO CIX

Um pouco depois, Høskuldr e os filhos de Njáll convidaram uns aos outros para suas casas, e primeiro eles convidaram Høskuldr. Skarpheðinn tinha um cavalo marrom, de quatro invernos, grande e garboso; era um garanhão e ainda não fora incitado à briga; Skarpheðinn deu este cavalo a Høskuldr, e mais duas éguas. Todos deram presentes a Høskuldr, e trocaram votos de amizade.

Em seguida, Høskuldr convidou-os à sua casa em Ossabær; tinha já lá muitos convidados das vizinhanças, e havia muita gente. Ele havia mandado trazer para baixo o seu salão, e tinha três galpões externos, e foram arrumados para que se dormisse neles. Todos quantos ele convidara comparecem à festa; a festa transcorria muitíssimo bem. E, quando os homens retornariam às suas casas, Høskuldr escolheu bons presentes para os homens e acompanhou os filhos de Njáll por um trecho à partida; falaram então todos que ninguém haveria de se intrometer em sua amizade.

Um pouco mais tarde, Mørðr foi até Ossabær e chamou Høskuldr para uma conversa; eles puseram-se a conversar. Mørðr falou: “Sois homens muito diferentes, tu e os filhos de Njáll. Tu lhes deste bons presentes, mas eles te deram presentes com grande escárnio.” “O que tens a apresentar com relação a isso?” diz Høskuldr. “Eles te deram um cavalo marrom, que chamaram de potro não testado, e assim fizeram para escarnecer-te, pois lhes parecia que também tu és não testado. Eu tenho para te dizer também que eles te invejam muito pelo goðorð; Skarpheðinn o assumiu na assembleia, quando tu não compareceste à assembleia no encontro da quinta corte; e Skarpheðinn não pretende jamais abrir mão do goðorð.” “Não é assim,” diz Høskuldr, “tomei-o de volta no encontro de arrecadação no outono.” “Foi Njáll o responsável por isso ter-se dado assim então,” diz Mørðr. “Eles também quebraram,” diz Mørðr, “o acordo de conciliação com Lýtingr.” “Não pretendo responsabilizá-los por isso,” diz Høskuldr. “Tu não negarás,” diz Mørðr, “que, quando foste com Skarpheðinn para o lado leste de Markarfljót, um machado escorregou de sob o seu cinto, e ele tinha a intenção de matar-te.” “Aquilo era,” diz Høskuldr, “o machado que ele usa para cortar lenha, e eu o vi colocando-o sob seu cinto. E há para dizer brevemente,” diz Høskuldr, “quanto a mim, que nada me dirás de ruim acerca dos filhos de Njáll em que eu vá acreditar. E ainda que aconteça de tu dizeres algo verdadeiro, de modo que eles me matem ou eu a eles, eu preferiria duas vezes suportar a morte das

mãos deles do que fazer-lhes algum mal. E tu és um homem péssimo por teres dito isso.” Em seguida, Mǫrðr foi para casa.

Um pouco depois, Mǫrðr parte para encontrar os filhos de Njáll; conversa muito com os irmãos e Kári. “Foi-me dito,” diz Mǫrðr, “que Hǫskuldr falou que tu, Skarpheðinn, quebraste o acordo de conciliação com Lýtingr, e eu percebi com certeza que ele julgava que tu havias atentado contra a vida dele quando fostes ambos para leste até Markarfljót. Mas isso não me parece menos um atentado contra a vida do que quando ele te convidou para a festa e te alojou lá no galpão externo, que era longe da casa, e por toda a noite foi levada lenha até lá, e ele pretendia queimar-vos vivos lá dentro. Mas aconteceu que Hǫgni andou até fora no meio da noite, e então eles acabaram não avançando mais, pois o temeram. Em seguida, ele te acompanhou por um trecho, e levou um grande bando de homens; ele pretendia então fazer um novo atentado contra ti, e determinaram a Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambason matarem-te, mas eles fraquejaram e não ousaram atacar-te.” E, depois que ele havia assim falado, eles primeiro refutaram essas coisas. Mas, por fim, eles creram, passaram a tratar Hǫskuldr com muita frieza e quase não lhe dirigiam mais a palavra, onde quer que eles se encontrassem. Mas Hǫskuldr dava-lhes pouca atenção, e assim continuaram as coisas por um tempo.

Hǫskuldr foi para leste, até Svínafell, para uma festa no outono, e Flosi o recebeu bem. Hildigunnr estava lá também. Flosi falou para Hǫskuldr: “Hildigunnr me conta que há frieza entre ti e os filhos de Njáll, e isso me parece ruim, e desejo oferecer-te que não cavalgues para o oeste, que eu te arranjarei uma fazenda em Skaptafell, e enviarei meu irmão Þorgeirr para ir morar em Ossabær.” “Então alguns falarão,” diz Hǫskuldr, “que eu estou fugindo de lá por medo, e não desejo isso.” “Então é mais provável,” diz Flosi, “que disso surjam grandes problemas.” “Isso é ruim,” diz Hǫskuldr, “pois eu preferiria ser morto sem valor de compensação a que de mim muitos sofressem o mal.” Hǫskuldr aprontou-se para retornar à sua casa poucas noites depois, e Flosi deu-lhe uma túnica escarlate, e havia laços nas mangas. Hǫskuldr cavalgou de volta para casa em Ossabær. As coisas permanecem agora calmas por um tempo. Hǫskuldr era tão bem quisto pela gente que poucos eram seus inimigos. Aquela indisposição continua a mesma entre eles por todo o inverno.

Njáll havia tomado para criar o filho de Kári, o qual se chamava Þórðr. Ele havia criado também Þórhallr, filho de Ásgrímr Elliða-Grímsson. Þórhallr era um homem vigoroso e duro em todos os

aspectos. Ele aprendera jurisprudência junto a Njáll de tal modo que foi um dos três maiores jurisprudentes na Islândia.

Agora a primavera chega cedo, e os homens colheram seu trigo cedo.

CAPÍTULO CX

Certo dia, Mørðr foi até Bergþórshváll. Eles se puseram a conversar, os filhos de Njáll e Kári. Mørðr calunia Høskuldr como de costume, e tem então muitas novas histórias, e não para de incitar Skarpheðinn e os outros a matarem Høskuldr, e diz que aquele seria mais rápido, caso não o atacassem imediatamente. “Dar-te-ei uma alternativa nisso,” diz Skarpheðinn, “se tu quiseres acompanhar-nos e tomar alguma parte no ataque.” “Eu estou desejoso de participar,” diz Mørðr. E combinam assim dando garantias, e ele deveria vir encontrá-los de noite.

Bergþóra perguntou a Njáll: “O que eles discutem lá fora?” “Eu não tenho nenhuma participação nos planos deles,” diz Njáll; “poucas vezes eu fui chamado quando coisas boas foram combinadas.”

Skarpheðinn não se deitou para dormir à noite, tampouco seus irmãos e Kári. Nesta mesma noite, chegou Mørðr Valgarðsson, e então os filhos de Njáll e Kári apanharam suas armas e em seguida todos cavalgaram embora. Seguiram jornada até chegarem a Ossabær, e aguardaram lá, junto a uma cerca. O tempo estava bom e o sol já nascera.

CAPÍTULO XCI

Naquela hora despertava Høskuldr Hvítanessgoði; ele se vestiu e se cobriu com seu casaco, o presente de Flosi; apanhou seu cesto de trigo e a espada na outra mão, e vai ao seu campo cercado e põe-se a semear o trigo.

Skarpheðinn e os demais haviam combinado que todos haveriam de lhe desferir golpes. Skarpheðinn se lança de trás da cerca. Ao vê-lo, Høskuldr quis recuar; então Skarpheðinn correu até ele e falou: “Não queiras bater em retirada, Hvítanessgoði,” – e desferiu-lhe um golpe, atingindo-lhe a cabeça, e Høskuldr caiu de joelhos. Ele pronunciou isto: “Deus me ajude e vos perdoe.” Lançaram-se eles todos então sobre ele e desferiram-lhe golpes. Depois disso, Mørðr falou: “Ocorre-me um plano.” “Que plano?” diz Skarpheðinn. “Primeiro eu irei para casa, e, em seguida, subirei até Grjóta para relatar-lhes as notícias e censurar este feito. E eu bem sei que Þorgerðr me pedirá para

fazer o anúncio do homicídio, e eu assim farei, pois isso seria a maior falha na condução do caso da parte deles. Eu também enviarei um homem até Ossabœr para descobrir quão rápido eles tomarão medidas lá, e este homem trará de lá as notícias e eu fingirei que foi deles que tomei conhecimento deste evento.” “Faze assim, certamente,” diz Skarpheðinn.

Os irmãos voltaram para casa, junto com Kári. E, quando chegaram a casa, contaram as notícias a Njáll. “Notícias nefastas,” diz Njáll, “e é horrível ouvir tais coisas, pois, para dizer a verdade, tanto me entristece isso que eu acharia melhor ter perdido dois de meus filhos e que Høskuldr estivesse com vida.” “Podes ser desculpado por isso,” diz Skarpheðinn; “és um homem velho e era de se esperar que isto te tocara fundo.” “Não é tanto,” diz Njáll, “pela velhice, quanto por saber eu muito melhor que tu o que acontecerá depois disso.” “O que acontecerá depois?” diz Skarpheðinn. “Minha morte,” diz Njáll, “e de minha mulher, e de todos os meus filhos.” “O que tu prevês para mim?” diz Kári. “Será difícil para eles irem contra a tua boa sorte,” diz Njáll, “pois tu superarás a todos eles.” E apenas este fato tocou Njáll tão profundamente de modo a ele jamais poder mencioná-lo sem irromper em pranto.

CAPÍTULO CXII

Hildigunnr despertou e percebeu que Høskuldr havia deixado a cama. Ela falou: “Foram duros os sonhos, e nada bons, e ide atrás de Høskuldr.” Eles o procuraram pela fazenda e não o encontraram. Ela então já se vestira; parte ela então, acompanhada por dois homens, em direção ao campo cercado; encontram lá Høskuldr morto. Então chega lá também o pastor de Mørðr e diz a ela que Skarpheðinn e seus irmãos haviam passado por ele vindo dali, – “e Skarpheðinn me chamou e fez o anúncio do homicídio como por si perpetrado.” “Este teria sido um feito valente,” diz ela, “se um o tivesse atacado.” Ela apanhou o casaco e enxugou com ele todo o sangue e enrolou nele todos os coágulos e enrolou então o casaco e guardou-o em sua arca.

Ela agora envia um homem até Grjóta para anunciar lá as notícias. Mørðr já se encontrava lá, como dito antes; lá havia vindo também Ketill de Mørk. Þorgerðr falou para Ketill: “Agora Høskuldr está morto, como ambos sabemos. E lembra-te agora do que tu juraste quando o tomaste para criá-lo.” “É possível,” diz ele, “que eu tenha então prometido demais, pois eu não esperava que estes dias que ora se fazem chegassem; e, ademais, meti-me num problema, pois ‘é próximo

do olho o nariz’, uma vez que eu sou casado com a filha de Njáll.” “Tu desejas, acaso,” diz Þorgerðr, “que Mǫrðr faça o anúncio do homicídio?” “Eu não estou certo disso,” diz Ketill, “pois me parece que dele advenha mais mal do que bem.” Mas tão logo Mǫrðr conversou com Ketill, deu-se com ele conforme com os demais, que pareceu-lhe que Mǫrðr ser-lhe-ia fiel, e a decisão deles foi que Mǫrðr haveria de fazer o anúncio do homicídio e preparar o caso em tudo para a assembleia.

Mǫrðr desceu até Ossabœr. Lá compareceram nove vizinhos das cercanias do local do homicídio. Mǫrðr tinha consigo dez homens. Ele mostra os ferimentos de Hǫskuldr aos vizinhos e nomeia testemunhas para as chagas e nomeia um homem para cada chaga, exceto uma; ele fingiu que não sabia quem havia impingido este ferimento, mas fora ele próprio que o impingira. Ele anunciou o homicídio como pelas mãos de Skarpheðinn, e as chagas como pelas mãos dos irmãos deste e de Kári; em seguida, convocou nove vizinhos do local do homicídio para a assembleia. Depois disso, cavalejou de volta para casa.

Ele quase nunca encontrava os filhos de Njáll, e, contudo, tratavam-se com secura quando se encontravam, e era este o plano que haviam combinado.

A notícia da morte de Hǫskuldr espalhou-se por todos os distritos e foi mal comentada. Os filhos de Njáll foram ao encontro de Ásgrímr Elliða-Grímsson e pediram-lhe auxílio. “Podeis esperar isso de mim,” diz ele, “que hei de vos auxiliar em todos os grandes casos; entretanto, tenho uma sensação ruim com relação a este caso, pois há muitos levando adiante a acusação, e este homicídio é pessimamente comentado por todos os distritos.” Foram-se agora para casa os filhos de Njáll.

CAPÍTULO CXIII

Um homem de nome Guðmundr, o poderoso, morava em Mǫðruvellir, em Eyjafjörðr; ele era filho de Eyjólftr, filho de Einarr, filho de Auðunn, o padre, filho de Þórólfr manteiga, filho de Þorsteinn *skrofi*, filho de Grímr *kamban*. A mãe de Guðmundr chamava-se Hallbera, filha de Þóroddr elmo, e a mãe de Hallbera foi Reginleif, filha de Sæmundr das Ilhas do Sul; a este é associada a colina Sæmundarhlíð, em Skagafjörðr. A mãe de Eyjólftr, o pai de Guðmundr, foi Valgerðr Runólfsdóttir; a mãe de Valgerðr chamava-se Valborg; a mãe desta foi Jórunn, a não-parida, filha do rei Ósvaldr, o santo. A mãe de Jórunn foi

Bera, filha do rei Játmundr, o santo. A mãe de Einarr, o pai de Eyjólf, foi Helga, filha de Helgi, o magro, que tomou as terras em Eyjafjörð; Helgi foi filho de Eyvindr, o homem-do-leste; a mãe de Helgi foi Rafarta, filha de Kjarvalr, rei dos irlandeses. A mãe de Helga, filha de Helgi, foi Þórunn ponta-de-machado, filha de Ketill nariz-chato, filho de Björn *buna*, filho do rei guerreiro Grímr; a mãe de Grímr foi Hervör, e a mãe de Hervör chamava-se Þorgerðr, filha de Háleygr, rei de Hálogaland.

Þorlaug chamava-se a mulher de Guðmundr, o poderoso, e era filha de Atli, o robusto, filho de Eilífr águia, filho de Bárðr de Ál, filho de Ketill raposa, filho de Skíði, o velho. Herdís chamava-se a mãe de Þorlaug, e era filha de Þórðr de Høfði, filho de Björn tina-de-manteiga, filho de Hróaldr espinha, filho de Björn flanco-de-ferro, filho de Ragnarr calças-peludas, filho de Sigurðr anel, filho de Randvér, filho de Ráðbárðr. A mãe de Herdís, a filha de Þórðr, foi Þorgerðr Skíðadóttir; a mãe desta foi Friðgerðr, filha de Kjarvalr, rei dos irlandeses.

Guðmundr era um grande chefe, e rico; possuía cem servos. Ele oprimia todos os chefes a norte de Øxnadalsheiðr, tanto que alguns abandonaram suas fazendas, sendo que de uns ele tirou as vidas, enquanto outros entregaram-lhe seus goðorð. E dele descendem os mais seletos homens da Islândia: a gente de Oddi e a estirpe dos Sturlungar e a gente de Hvammr e os homens de Fljót e o bispo Ketill e muitos dos maiores homens. Guðmundr era amigo de Ásgrímr Elliða-Grímsson, e Ásgrímr pretendia ir lá para pedir-lhe auxílio.

CAPÍTULO CXIV

Um homem chamava-se Snorri, que era denominado o goði. Ele morava em Helgafell, antes que Guðrún Ósvífrsdóttir comprou dele as terras e passou a morar lá depois, e Snorri mudou-se então para Hvammsfjörðr e passou a morar em Sælingsdalstunga. O pai de Snorri chamava-se Þorgrímr, e era filho de Þorsteinn morde-bacalhau, filho de Þórólfr barba-de-musgo, filho de Qrnólfr arrasta-peixes; mas Ari, o douto, diz que ele foi filho de Þorgils flanco-de-rorqual. Þórólfr barba-de-musgo foi casado com Ósk, filha de Þorsteinn o vermelho. A mãe de Þorgrímr chamava-se Þóra, e era filha de Óleifr *feilan*, filho de Þorsteinn, o vermelho, filho de Óleifr, o branco, filho de Ingjaldr, filho de Helgi; a mãe de Ingjaldr chamava-se Þóra, filha de Sigurðr serpente-no-olho, filho de Ragnarr calças-peludas. Já a mãe de Snorri, o goði, era Þórdís Súrsdóttir, irmã de Gísli. Snorri era um grande amigo de Ásgrímr Elliða-Grímsson, e este pensava em ir lá para pedir auxílio. Snorri era

também considerado o homem mais sábio da Islândia, de quantos não eram previdentes; ele era bom para seus amigos, mas implacável com seus inimigos.

Naquele momento, os homens de todos os quartos cavalgaram em grande número para a assembleia, e tinham muitos casos legais preparados.

CAPÍTULO CXV

Flosi toma conhecimento do homicídio de Høskuldr, e isso lhe causa grande aflição e raiva, e, contudo, manteve-se sereno. Foi-lhe relatada a preparação do caso a que se dera início, pelo homicídio de Høskuldr, e ele não teve muito o que acrescentar a essa preparação. Enviou mensagens a Hallr de Síða, seu sogro, e Ljótr, o filho deste, para que fossem à assembleia levando um grande séquito. Ljótr era tido como a maior promessa de um futuro chefe lá no leste; fora predito a ele que, caso cavalgasse três verões para a assembleia e retornasse são a casa, tornar-se-ia então o maior chefe de sua família, e o mais longevo; ele já havia até então cavalgado um verão para a assembleia, e agora pretendia ir pela segunda vez. Flosi enviou recados a Kolr Þorsteinsson e Glúmr (filho de Hildir, o velho, filho de Geirleifr, filho de Qunndr costas-de-arca), e a Móðólfr Ketilsson, e estes todos cavalgaram ao encontro de Flosi. Hallr também prometeu que iria à assembleia levando muitos homens.

Flosi cavalgou até chegar à casa de Surtr Ásbjarnarson, em Kirkjubær. Mandou então que buscassem Kolbeinn Egilsson, filho de seu irmão, e ele lá veio.

De lá, cavalgou rumo a Høfðabrekka, onde morava Þorgrímur exibido, filho de Þorkell, o belo; Flosi pediu-lhe que o acompanhasse até a assembleia geral, e ele concordou em fazer a jornada e falou: “Costumavas ser mais alegre que agora, fazendeiro, mas se pode compreender que assim estejas.” Flosi falou: “Certamente eu teria dado as minhas posses para que isto não tivesse ocorrido; e a semente ruim já está plantada, e a partir dela medrará o mal.”

De lá ele cavalgou sobre Arnarstakksheiðr e seguiu rumo a Sólheimar, à noite; lá morava Løðmundr Úlfsson, um grande amigo de Flosi, e ele passou lá a noite. Já pela manhã, Løðmundr cavalgou com ele até Dalr, e eles passaram lá a noite; lá morava Runólfr, filho de Úlfr argoði. Flosi falou para Runólfr: “Aqui nós encontraremos relatos verdadeiros sobre o homicídio de Høskuldr Hvítanessgoði. Tu és um homem de palavra e estiveste próximo aos eventos, e eu assim crei em

tudo quanto me contares acerca das causas do que se deu entre eles.” Runólfr falou: “Não há necessidade de embelezar as palavras: ele era mais do que inocente quando foi morto, e é por todos os homens lamentado, e ninguém sente por ele mais do que Njáll, seu pai de criação.” “Então ser-lhes-á penoso conseguir homens que os auxiliem,” diz Flosi. “Assim há de ser,” diz Runólfr, “se nada novo surgir.” “O que foi feito até agora?” diz Flosi. “Já foram convocados os vizinhos,” diz Runólfr, “e o homicídio foi anunciado.” “Quem fez isso?” diz Flosi. “Mǫrðr Valgarðsson,” diz Runólfr. “Quão confiável é ele?” diz Flosi. “Ele é parente meu,” diz Runólfr; “todavia, para dizer a verdade, mais homens recebem dele o mal do que o bem. Desejo agora pedir-te,” diz Runólfr, “que amaines tua raiva e ajas da maneira que venha a causar o mínimo de problemas, pois Njáll oferecerá uma boa oferta de conciliação, junto com outros dos melhores homens.” Flosi falou: “Cavalga para a assembleia, Runólfr, e tuas palavras ser-me-ão de grande valia, a não ser que as coisas fiquem ainda piores do que deveriam.” Em seguida, eles terminam a conversa, e Runólfr promete ir. Runólfr enviou um recado a Hafþr, o sábio, um parente seu; este cavalcou até ele imediatamente. Flosi cavalcou de lá para Ossabær.

CAPÍTULO CXVI

Hildigunnr estava do lado de fora de casa e falou: “Agora todos os homens de minha casa deverão postar-se do lado de fora quando Flosi chegar cavalgando ao cercado, e as mulheres devem limpar a casa e estender as tapeçarias e ajeitar o assento de honra para Flosi.” Em seguida, chegou Flosi cavalgando ao quintal. Hildigunnr voltou-se para ele e falou: “Sê bem-vindo, meu parente, e meu coração está alegre com tua vinda.” Flosi falou: “Aqui almoçaremos²¹³ e, em seguida, seguiremos jornada.” Então os cavalos foram amarrados.

Flosi entrou no salão e sentou-se, e tirou do local onde se sentara o assento de honra²¹⁴ e o atirou sobre o banco, e falou: “Eu não sou nem rei nem *jarl*, e não há necessidade de colocar-me num assento de honra, e não há necessidade de escarnecer-me.” Hildigunnr estava próxima a ele e falou assim: “É ruim se isso te desapraz, pois fizemos isso com boa intenção.” Flosi falou: “Se tens boas intenções comigo, o que fizeres de bom será por si só louvado; e o que fizeres de mal, por si só será condenado.” Hildigunnr riu uma risada fria e falou: “Isto ainda

²¹³ Trata-se da “refeição do dia”, a principal, que se dava pela manhã. Ver usos do termos “almoço” em português mais antigo.

²¹⁴ Neste caso, o assento de honra deve ser uma espécie de coxim, alojado sobre o banco.

não é nada; nós nos encararemos mais de perto antes do fim.” Ela se sentou ao lado de Flosi, e os dois conversaram em particular por um longo tempo.

Em seguida, as mesas foram trazidas e Flosi e seus homens se lavaram. Flosi observou a toalha de mão, e ela estava em frangalhos e uma de suas extremidades fora rasgada; ele a atirou sobre o banco e não quis enxugar-se com ela, e rasgou um pedaço da toalha da mesa e com ele se enxugou, e então o atirou para seus homens. Em seguida, Flosi sentou-se à mesa e mandou que seus homens comessem.

Então Hildigunnr veio à sala e andou até diante de Flosi e ajeitou os cabelos que lhe cobriam os olhos, e chorava. Flosi falou: “Pesa-te o espírito agora, parenta, que choras, entretanto está bem assim, que choras por um bom homem.” “Que ações poderei esperar de tua parte agora, ou que auxílio?” diz ela. Flosi falou: “Levarei teu caso adiante com tanto zelo quanto permitirem as leis, ou selarei com eles um acordo de conciliação, sob os auspícios de bons homens, com que sejamos honrados em todos os aspectos.” Ela falou: “Hǫskuldr te vingaria, se fosse ele quem tivesse de tomar ações por tua morte.” Flosi respondeu: “Não careces de dureza, e vê-se o que tu queres.” Hildigunnr falou: “Arnór Ǫrnólfsson de Forsárskógar havia feito menos contra Þórðr Freysgoði, teu pai, e teus irmão Kolbeinn e Egill o mataram na assembleia de Skaptafell.” Hildigunnr caminhou então até a câmara e abriu sua arca; apanhou então o casaco que Flosi havia dado a Hǫskuldr, e vestido nele Hǫskuldr foi morto, e ela o havia conservado nele todo o sangue. Ela então caminhou para o interior do salão trazendo o casaco. Caminhou, calada, até Flosi. Flosi havia então terminado de comer e a mesa já havia sido retirada. Hildigunnr colocou então o casaco sobre Flosi; caíram então coágulos sobre ele todo. Ela falou então: “Este casaco, Flosi, tu que o deste a Hǫskuldr, e eu agora to devolvo. E vestindo-o ele foi morto. Invoco assim Deus e os bons homens como testemunhas de que te conjuro por todo o poder de teu Cristo e por tua hombridade e coragem, para que vingues cada chaga que ele recebeu ao morrer, ou, do contrário, que sejas motivo de escárnio para todos os homens.” Flosi retirou de cima de si o casaco e jogou-o, e segurou o pulso dela e falou: “Tu és a pior mostra, e gostarias que nós tomássemos as providências que nos serviriam da pior maneira possível, e ‘são frios os desígnios da mulher’.” Tanto se agitara Flosi, que estava no rosto ora vermelho como o sangue, ora pálido como relva, ora lívido como Hel. Flosi e seus homens foram até seus

cavalos e cavalgaram embora. Ele cavalgou até Holtsvað e aguardou lá os filhos de Sigfúss e outros amigos seus.

Em Keldur morava Ingjaldr, irmão de Hróðný, a mãe de Høskuldr Njálsson. O pai de Ingjaldr e Hróðný foi Høskuldr, o branco, filho de Ingjaldr, o forte, filho de Geirfinnr, o vermelho, filho de Sølvi, filho de Gunnsteinn matador-de-berserkir. Ingjaldr era casado com Þraslaug, filha de Egill, filho de Þórðr Freysgoði; a mãe de Egill foi Þraslaug, filha de Þorsteinn *tittlingr*; a mãe de Þraslaug foi Unnr, filha de Eyvindr *karfi*, e irmã de Móðólfr, o sábio.

Flosi enviou uma mensagem a Ingjaldr para que viesse aonde ele estava. Ingjaldr foi imediatamente, em um grupo de quinze homens; eles eram todos servos domésticos seus. Ingjaldr era um homem grande e forte; falava sempre pouco em casa, e era o homem mais vigoroso, e generoso com seus amigos. Flosi cumprimentou bem Ingjaldr e falou-lhe: “Grandes problemas acometem-nos, parente, e é-nos difícil tomar alguma decisão. Eu te peço que não abandones o meu caso antes que estes problemas acabem.” Ingjaldr falou: “Vejo-me numa situação difícil por conta dos meus laços com Njáll e seus filhos, e outros grandes fatores que ora se mostram no caminho.” Flosi falou: “Eu esperava, quando casei a filha de meu irmão contigo, que tivesses prometido prestar-me auxílio em qualquer grande caso.” “E é mais provável,” diz Ingjaldr, “que assim eu faça; contudo, desejo antes cavalgar para casa e de lá para a assembleia.”

CAPÍTULO CXVII

Os filhos de Sigfúss tomaram conhecimento de que Flosi estava em Holtsvað e cavalgaram até lá ao seu encontro, e lá estavam Ketill de Mørk e seu irmão Lambi, Þorkell e Mørðr e Sigmundur – estes os filhos de Sigfúss – e mais Lambi Sigurðarson e Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson, além de Vébrandr Hámundarson. Flosi pôs-se de pé para recebê-los e saudou-os alegremente.

Eles caminharam margeando o rio. Flosi obteve deles relatos verdadeiros, e eles não diferiam do que dissera Runólfr de Dalr. Flosi falou para Ketill de Mørk: “Desejo saber uma coisa de ti: quão obstinado tu estás neste caso, ou os demais filhos de Sigfúss?” Ketill falou: “A minha vontade é que seja atingida uma conciliação entre nós. Todavia, eu fiz um juramento de que não abandonarei este caso antes que ele chegue a uma conclusão de algum modo, e que colocarei minha vida em jogo para tal.” Flosi falou: “Tu és um camarada muito valente, e é excelente estar com homens assim.” Grani Gunnarsson e Gunnarr

Lambason tomaram a palavra ambos ao mesmo tempo: “Desejamos proscições e vingança de sangue.” Flosi falou: “Não estamos em condições de fazer tudo conforme queremos.” Grani falou: “Eu tive em mente, quando eles mataram Þráinn às margens do Markarfljót, e depois seu filho Høskuldr, que eu jamais viria a selar uma conciliação plena com eles, pois eu desejaria avidamente estar presente quando eles todos forem mortos.” Flosi falou: “Tu já estiveste próximo a ponto de ter podido vingar isso, se tivesses tido ousadia e hombridade para tanto. Parece-me que tu e muitos dos outros demandais uma coisa que, quando um tempo tiver decorrido, tu darias muito dinheiro para não ter tomado parte nela. Eu vejo claramente que, se matarmos Njáll ou seus filhos, eles são homens tão importantes e de tão grande família que as ações tomadas por seus defensores serão tamanhas a ponto de nós nos obrigarmos a cair de joelhos diante de muitos homens para pedir auxílio, antes que nos vejamos desquitados desses problemas. Podeis, também, esperar que muitos serão aqueles que hoje possuem muitas riquezas e se tornarão pobres, mas alguns perderão tanto as riquezas quanto a vida.”

Mørðr Valgarðsson cavalgou ao encontro de Flosi e declarou estar deseioso de cavalgar com ele para a assembleia levando consigo todos os seus seguidores. Flosi recebeu isso bem e fez uma proposta de casamento a ele, pedindo para ele casar sua filha Rannveig com Starkaðr, filho do irmão de Flosi, o qual morava em Stafafell; Flosi assim fez pois parecia-lhe que com isso conquistava a aliança dele e de seus seguidores. Mørðr recebeu favoravelmente a oferta e deixou a decisão para Gizurr, o Branco, e pediu-lhe que falasse sobre isso com este na assembleia. Mørðr era casado com Þorkatla, filha de Gizurr, o Branco. Mørðr e Flosi cavalgaram juntos para a assembleia, e conversaram o dia todo.

CAPÍTULO CXVIII

Njáll falou para Skarpheðinn: “Que planos tendes para vós, irmãos e cunhado?” Skarpheðinn responde: “Nós levamos pouco em consideração sonhos proféticos para a maioria das coisas. Mas se for o caso de contar-te, então cavalgaremos até Tunga, para tratarmos com Ásgrímr Elliða-Grímsson, e de lá iremos à assembleia. Mas quais são os teus planos para a tua jornada, pai?” Njáll diz: “Cavalgarei para a assembleia, pois é questão de honra eu não abandonar o vosso caso enquanto eu viver. Espero que muitos lá me dirigirão boas palavras, e minha presença há de ser proveitosa a vós, e nada custosa.”

Lá estava Þórhallr Ásgrímsson, filho de criação de Njáll. Os filhos de Njáll riram-se dele, porque ele trajava um casaco marrom grosseiro, e perguntaram-lhe por quanto tempo ele pretendia tê-lo. Þórhallr respondeu: “Despojar-me-ei dele quando eu tiver de tomar ações pela morte de meu pai de criação.” Njáll falou: “Tu te provarás melhor quando a situação mais exigir.”

Eles prepararam-se agora para partir de casa, e eram quase trinta homens, e cavalgaram até que chegaram ao rio Þjórsá. Então vieram para encontrá-los os parentes de Njáll Þorleifr corvo e Þorgrímr, o grande; eles eram filhos de Holta-Þórir e ofereceram seu auxílio e sua força aos filhos de Njáll, e estes aceitaram isso. Cavalgam então todos juntos cruzando o rio Þjórsá e seguem até que chegam a Laxárbakki, e apeiam-se lá para descansar. Lá veio ao seu encontro Hjalti Skeggjason, e ele e Njáll tiveram uma conversa, e falaram em particular por um longo tempo. Hjalti falou: “Deixarei tudo sempre claro, pois não tenho caráter obscuro. Njáll pediu-me auxílio; eu concordei e prometi-lhe meu auxílio. Ele já me deu o pagamento, a mim e a muitos outros, com seus sábios conselhos.” Hjalti conta a Njáll tudo sobre as andanças de Flosi.

Eles enviaram Þórhallr à frente para Tunga, para dizerem que eles pretendiam lá chegar à noite. Ásgrímr aprontou-se de imediato, e estava do lado de fora de casa quando Njáll chegou cavalgando ao seu quintal. Njáll trajava uma capa negra e tinha na cabeça uma touca de feltro e na mão trazia uma machadinha²¹⁵. Ásgrímr apeou Njáll do cavalo e conduziu-o para dentro e fê-lo sentar-se no assento de honra. Em seguida entraram todos os filhos de Njáll e Kári. Ásgrímr então foi para fora; Hjalti queria ir embora, e julgava haver lá muita gente. Ásgrímr segurou os arreios e disse que ele não conseguiria cavalgar embora, e mandou que apanhassem os cavalos deles e acompanhou Hjalti para dentro de casa e fê-lo sentar-se ao lado de Njáll, enquanto Þorleifr e Þorgrímr sentaram-se no outro banco, junto com seus homens. Ásgrímr sentou-se numa cadeira em frente a Njáll e perguntou: “Quais são vossos presságios sobre esse caso?” Njáll responde: “São bem pesados, pois eu temo que nele não haja homens de grande sorte.” Njáll falou: “Manda reunir todos os teus seguidores de assembleia e cavalga para a assembleia comigo.” “Assim eu pretendia fazer,” diz Ásgrímr, “e prometerei com isso a ti que não abandonarei vosso caso enquanto eu tiver homens comigo.” E todos quantos se encontravam dentro da casa agradeceram-lhe, e disseram que isso fora bravamente pronunciado.

²¹⁵ É o primeiro momento na saga em que Njáll porta uma arma.

Lá eles pernoitaram e, no dia seguinte, chegou lá todo o séquito de Ásgrímr. Em seguida eles cavalgam todos juntos até que chegam à assembleia, e as suas tendas já haviam antes sido montadas.

CAPÍTULO CXIX

Flosi havia então chegado à assembleia e organizou toda a sua tenda. Runólfr assumiu a tenda dos homens de Dalr, e Mǫrðr a tenda dos homens de Rangá. Hallr de Síða era o homem que viera mais do leste, e quase mais ninguém viera de lá. Hallr tinha, não obstante, um grande séquito de seu distrito, e imediatamente juntou-se ao grupo de Flosi e pediu que ele aceitasse conciliação e paz; Hallr era um homem sábio e benevolente. Flosi respondeu bem e disse que ainda não se decidira sobre isso. Hallr perguntou-lhe que homens lhe prometeram auxílio. Flosi nomeou Mǫrðr Valgarðsson e declarou ter pedido a filha dele para Starkaðr, seu sobrinho. Hallr disse que a mulher era um bom partido, mas diz que é péssimo tratar com Mǫrðr, – “e tu provarás isso antes do fim desta assembleia.” Em seguida, encerraram a conversa.

Um dia, quando Njáll e Ásgrímr conversavam um longo tempo em particular, Ásgrímr sobressaltou-se e falou para os filhos de Njáll: “Nós iremos agora procurar amigos para nós, para que não nos quedemos em grande desvantagem numérica, pois este caso será decidido com furor.” Ásgrímr então caminhou para fora, e atrás dele Helgi Njálsson, então Kári Sǫlmundarson, então Grímr Njálsson, então Skarpheðinn, então Þórhallr Ásgrímsson, então Þorgrímr, o grande, então Þorleifr corvo. Eles caminharam até a tenda de Gizurr, o Branco, e entraram na tenda; Gizurr pôs-se de pé para recebê-los e pediu-lhes que se sentassem para beber. Ásgrímr diz: “As coisas não estão para isso, e eu não direi isto com floreios: que auxílio poderei esperar de tua parte, que és meu parente?” Gizurr responde: “A minha irmã Jórunn esperaria que eu não me esquivasse de prestar-te auxílio; e assim há de ser sempre, que uma só coisa nos sucederá a ambos.” Ásgrímr agradeceu-lhe e partiu dali em seguida.

Então Skarpheðinn perguntou: “Aonde ir agora?” Ásgrímr responde: “À tenda dos homens de Ǫlfuss.” Em seguida eles caminham até lá. Ásgrímr perguntou se Skapti Þóroddsson estava na tenda; foi-lhe dito que ele lá estava; eles então entram na tenda. Skapti estava sentado no banco e cumprimentou Ásgrímr; este recebeu bem seu cumprimento. Skapti pediu-lhe que se sentasse ao seu lado. Ásgrímr disse que ficaria só um breve tempo, – “e, não obstante, é para falar contigo que aqui vim.” “Deixa-me ouvir-te,” diz Skapti. “Desejo pedir-te ajuda,” diz

Ásgrímr, “para que dê auxílio a mim e meus parentes.” “Por outra coisa eu esperava,” diz Skapti, “que os vossos problemas não chegassem ao meu lar.” Ásgrímr responde: “Isso é pessimamente pronunciado, agora que há mais coisas em jogo tu te mostras menos prestativo.” “Quem é esse homem,” diz Skapti, “atrás daqueles quatro, o homem grande e pálido e desafortunado, de aparência rude e monstruosa?” “Chamo-me Skarpheðinn e tu já me viste muitas vezes na assembleia, mas é provável que eu seja mais esperto do que tu, pois não preciso perguntar-te como te chamas. Tu te chamas Skapti Þóroddsson, mas antes te denominaste Cabeça-de-Escova quando tu mataste Ketill de Elda; tu então raspaste a cabeça e a besuntaste com piche. Em seguida pagaste para uns escravos cortarem um pedaço de relva, e tu rastejaste embaixo dela de noite. Depois disso foste até Eyrar, onde estava Þórólfr Loptsson, e ele te acolheu e te transportou para fora da terra dentro de seus sacos de farinha.” Depois disso Ásgrímr e os demais saíram.

Skarpheðinn falou: “Aonde nós iremos agora?” “À tenda de Snorri, o goði,” diz Ásgrímr. Em seguida eles caminharam rumo à tenda de Snorri. Havia lá um homem de pé diante da porta da tenda. Ásgrímr perguntou se Snorri estava na tenda; aquele disse que ele lá estava. Ásgrímr entrou na tenda, seguido por todos os demais. Snorri estava sentado no banco. Ásgrímr andou até diante dele e saudou-o bem; Snorri recebeu-o afetuosamente e pediu-lhe que se sentasse. Ásgrímr declarou que ficaria ali por um breve tempo, – “e, não obstante, é para falar contigo que aqui vim.” Snorri pediu-lhe que dissesse o que era. Ásgrímr falou: “Eu gostaria que tu me acompanhasses até a corte e me prestasses auxílio, pois tu és um homem sábio e muito intrépido.” “Os nossos casos legais mostram-se ora difíceis,” diz Snorri, “e muitos se nos opõem tenazmente, e estamos, por isso, relutantes para assumir problemas de homens de outros quartos.” “Isso é justificável,” diz Ásgrímr, “pois tu não tens nenhum débito conosco.” “Eu sei que tu és um bom camarada,” diz Snorri, “e desejo assim prometer-te que não oferecerei tampouco auxílio a teus inimigos.” Ásgrímr agradeceu-lhe. Snorri falou: “Quem é esse homem, atrás daqueles quatro, pálido e de feições rudes e sorrindo com os dentes para fora da boca e o machado no ombro?” “Chamo-me Heðinn, mas alguns me chamam pelo nome inteiro, Skarpheðinn, mas o que mais desejas dizer-me?” Snorri falou: “Tu me pareces duro e imponente, entretanto, eu sinto que se esvaiu a maior parte de tua boa sorte, e creio que te reste pouco por viver.” “Está bem assim,” diz Skarpheðinn, “pois esse débito todos têm por pagar.

Contudo, há para ti maior necessidade de vingar teu pai do que de fazer para mim tais previsões” “Muitos já falaram isso antes,” diz Snorri, “e não me enfurecerei com isso.” Depois disso, eles saíram e não obtiveram lá nenhum auxílio.

De lá foram até a tenda dos homens de Skagafjörðr. Essa tenda pertencia a Hafr, o rico; ele era filho de Þorkell, filho de Eiríkr de Goðdalir, filho de Geirmundr, filho de Hróaldr, filho de Eiríkr barbaempinada, o qual matou Grjótgarðr em Sóknardalr, na Noruega. A mãe de Hafr chamava-se Þórunn e era filha de Ásbjörn careca-de-Myrká, filho de Hrossbjörn. Ásgrímr e seus companheiros entraram na tenda. Hafr estava sentado no meio da tenda e conversava com um homem. Ásgrímr andou até ele e o cumprimentou. Ele o recebeu bem e pediu-lhe que se sentasse. Ásgrímr falou: “Na verdade, eu antes gostaria de pedir que tu desses auxílio a mim e meus parentes.” Hafr responde rapidamente, e ele declarou que não assumiria os problemas deles, – “contudo, eu desejo perguntar quem é aquele homem pálido, atrás dos outros quatro, e ele é tão hediondo que parece ter saído de um penedo do mar.” Skarphéðinn falou: “Não te incomodes com isso, leiteira²¹⁶, e eu ousaria cruzar qualquer local onde tu me emboscasses, e não sentiria qualquer pavor se moleques assim se deparassem comigo na estrada. Mas tens mais é que buscar tua irmã Svanlaug, que Eydís mandíbula-de-ferro e o Cabeça-de-Bigorna tomaram de teu lar.” Ásgrímr falou: “Saíamos; não há esperança de auxílio aqui.”

Em seguida, eles caminharam até a tenda dos homens de Mjǫðruvellir e perguntaram se Guðmundr, o poderoso, estava na tenda, e foi-lhes dito que ele lá estava. Ásgrímr entrou na tenda. O assento de honra ficava no meio da tenda, e nele estava sentado Guðmundr. Ásgrímr andou até diante dele e cumprimentou-o. Guðmundr recebeu-o bem e pediu-lhe que se sentasse. Ásgrímr falou: “Não desejo sentar-me, mas desejo pedir-te auxílio, pois tu és impetuoso e um grande chefe.” Guðmundr falou: “E não hei de me opor a ti. Mas se eu decidir prestar-te auxílio, poderemos bem conversar sobre isso futuramente,” – e recebeu bem tudo que Ásgrímr lhe disse. Ásgrímr agradeceu-lhe pelas palavras. Guðmundr falou: “Há um homem entre teus companheiros que eu observei por um tempo, e que me parece diferente da maioria dos homens que eu já vi.” “Qual é este?” diz Ásgrímr. “Ele está atrás de outros quatro homens,” diz Guðmundr, “tem cabelos castanhos e semblante pálido, é grande na estatura e enérgico e tão pronto para

²¹⁶ O nome Hafr significa “bode”, por isso a ofensa de Skarphéðinn, brincando com a sexualidade de Hafr.

mostrar sua hombridade que eu preferiria ter a ele como seguidor a outros dez. E, contudo, o homem aparenta falta de sorte.” Skarpheðinn falou: “Eu sei que tu te referes a mim, e que a minha falta de sorte e a tua não vêm da mesma via. Eu sou censurado pelo homicídio de Høskuldr Hvítanessgoði, o que é justificável. Mas Þorkell *hákr* e Þórir Helgason te caluniaram, e tu és por isso censurável.” Eles então saíram.

Então Skarpheðinn falou: “Aonde temos de ir agora?” “À tenda dos homens de Ljósavatn,” diz Ásgrímr. Essa tenda fora montada por Þorkell *hákr*. Ele era filho do goði Þorgeirr, filho de Tjörvi, filho de Þorkell longo, e a mãe de Þorgeirr era Þórunn, filha de Þorsteinn, filho de Sigmundur, filho de Gnúpa-Bárðr. A mãe de Þorkell *hákr* chamava-se Guðríðr; era filha de Þorkell, o negro, de Hleiðrargarðr, filho de Þórir *snepill*, filho de Ketill *brimill*, filho de Qrnólfr, filho de Björnólfr, filho de Grímr bochechas-peludas, filho de Ketill *hæingr*, filho de Hallbjörn meio-tróll. Þorkell *hákr* havia viajado para o exterior e distinguiu-se em outras terras. Ele havia matado salteadores no leste, na floresta Jamtaskógr; em seguida foi para leste, até a Suécia, e entrou na companhia de Søkvir homem-velho, e guerrearam por butins desde lá pela Rota Leste. E, para leste de Bálagarðssíða, Þorkell teve de buscar água para eles uma noite; então deparou-se com um *finngálkn*²¹⁷ e lutou contra ele por um longo tempo, até que, por fim, a luta acabou com Þorkell matando o *finngálkn*. De lá ele seguiu para leste rumo a Aðalsýsla; lá matou um dragão alado. Em seguida, retornou para a Suécia e de lá para a Noruega, e então zarpou para a Islândia, e ele mandou talhar essas suas façanhas heroicas sobre a cabine de seu leito e na cadeira diante de seu assento de honra. Ele lutou também no caminho de Ljósavatn com Guðmundr, o poderoso, em companhia de seus irmãos, e os homens de Ljósavatn obtiveram a vitória; foi então que Þórir Helgason e Þorkell *hákr* fizeram as calúnias sobre Guðmundr. Þorkell falou que não havia ninguém na Islândia com quem ele não aceitaria duelar ou de quem ele fugiria. Foi, assim, chamado de Þorkell *hákr*, porque não poupava, seja com palavras ou feitos, qualquer um com quem ele se deparasse.

CAPÍTULO CXX

Ásgrímr Elliða-Grímsson e os demais companheiros caminharam até a tenda de Þorkell. Ásgrímr falou para seus companheiros: “Esta tenda pertence a Þorkell *hákr*, um grande herói, e

²¹⁷ O significado da palavra é incerto, mas trata-se de uma criatura fabulosa, metade homem, metade animal.

ser-nos-ia importante obter seu auxílio. Devemos aqui ser cuidadosos em todos os pontos, pois ele é teimoso e temperamental. Desejo agora pedir-te, Skarpheðinn, que não intervenhas na nossa conversa.” Skarpheðinn abriu um sorriso, e ele estava assim vestido: trajava uma túnica negra e calças com listras azuis e botas altas negras; tinha cingido um cinto de prata e trazia à mão o machado com o qual havia matado Þráinn, e que ele chamava de OGRE-da-Guerra, e um broquel, e uma faixa de seda em volta da cabeça, e o cabelo penteado para trás das orelhas. Ele era de todos os homens o de aspecto mais marcial, e todos o reconheciam sem tê-lo antes visto. Caminhava como lhe era comandado, nem mais à frente, nem mais atrás.

Eles entraram na tenda e caminharam até o fundo dela. Þorkell estava sentado no meio do banco e seus homens, de ambos os lados, ocupavam toda a extensão do banco. Ásgrímur o cumprimentou; Þorkell recebeu bem o cumprimento. Ásgrímur falou: “Nós aqui viemos para pedir-te auxílio, para que caminhes à corte conosco.” Þorkell falou: “Por que haveríeis de precisar de meu auxílio, uma vez que foste até Guðmundr? E ele teria prometido prestar-vos auxílio.” Ásgrímur responde: “Não obtivemos dele auxílio.” “Então Guðmundr considerou o caso impopular, e assim deve ser, pois foi praticado o pior feito. E eu sei o que te compeliu a vir aqui: tu julgavas que eu seria menos comprometido com a retidão que Guðmundr e poderia acompanhar-vos num caso errado.” Ásgrímur calou-se então, e as coisas pareceram pesadas. Þorkell falou: “Quem é o grandalhão horrendo, atrás dos quatro, pálido e de feições rudes, de aspecto desafortunado e desumano?” Skarpheðinn falou: “Eu me chamo Skarpheðinn, e não tens de dirigir-me palavras de afronta, sem motivo algum contra mim. Jamais me sucedeu de ter ameaçado meu pai e lutado com ele, como fizeste com teu pai. Tu, além do mais, tens cavalgado pouco à assembleia e pouco te tens ocupado dos processos legais da assembleia, e é mais fácil para ti quedares-te em tua fazendola no Øxará ocupado com laticínios. É mais próprio que tu tires de entre os dentes os restos do cu da égua que comeste antes de cavalgares para a assembleia, e até mesmo o teu pastor se espantou com tamanha nojeira que tu fizeste.” Þorkell lançou-se de pé em grande fúria e apanhou seu espadim e falou: “Este espadim eu obtive na Suécia, e para tal matei o maior herói, e, depois dele, matei muitos homens. E assim que eu te pegar, meterei o espadim através de ti, e é isso que terás em troca de tua boca suja.” Skarpheðinn postava-se com o machado em riste, sorrindo, e falou: “Este machado eu empunhei quando saltei doze varas sobre o

Markarfljót e matei Þráinn Sigfússon, e havia lá ao lado dele oito homens, e nenhum deles logrou apanhar-me. E eu jamais brandi uma arma contra um homem sem acertá-lo.” Em seguida ele correu à frente de seus irmãos e também de Kári e caminhou em direção a Þorkell. Skarpheðinn falou então: “De duas uma, Þorkell *hákr*: ou tu embainhas teu espadim e te sentas, ou eu meto este machado em tua cabeça e parto-a até a altura dos ombros.” Þorkell embainhou o espadim e sentou-se imediatamente, e jamais sucedeu assim com ele nem antes nem depois disso. Ásgrímr e seus companheiros saíram. Skarpheðinn falou: “Aonde havemos de ir agora?” Ásgrímr responde: “De volta à nossa tenda.” “Então vamos de volta à tenda após muito mendigar,” diz Skarpheðinn. Ásgrímr voltou-se para ele e falou: “Em muitos lugares tu pronunciaste palavras secas em demasia, mas aqui, no caso de Þorkell, parece-me que tu lhe disseste apenas o que ele merecia.” Caminharam então de volta à sua tenda e contaram a Njáll tudo quanto se dera. Ele falou: “Que as coisas tomem o curso que o destino quer.”

Guðmundr, o poderoso, tomou conhecimento do que se passara entre Skarpheðinn e Þorkell, e falou assim: “Deve ser de vosso conhecimento o que se passou entre nós e os homens de Ljósavatn, e eu jamais recebi tamanho avilte da parte daqueles quanto este que ora recebeu Þorkell de Skarpheðinn, e isso foi bem feito.” Em seguida Guðmundr falou para Einarr de Þverá, seu irmão: “Tu irás com todos os meus seguidores e oferecerás auxílio aos filhos de Njáll quando as cortes forem montadas, e, caso eles precisem de auxílio no próximo verão, então eu próprio hei de prestar-lhes auxílio.” Einarr acatou isso e mandou comunicar Ásgrímr. Ásgrímr falou: “Guðmundr é diferente da maioria dos chefes.” E em seguida, Ásgrímr conta a Njáll.

CAPÍTULO CXXI

No dia seguinte, Ásgrímr, Gizurr, o Branco, Hjalti Skeggjason e Einarr de Þverá encontraram-se. Estava lá então também Mjörðr Valgarðsson; ele então abandonara a função de acusador e outorgara-a às mãos dos filhos de Sigfúss. Então Ásgrímr falou: “Convoco-te primeiro, Gizurr, o Branco, e também a vós, Hjalti e Einarr, para dizer-vos em que situação encontra-se o caso. É de vosso conhecimento que Mjörðr levantou a acusação, mas acontece também que Mjörðr participou do homicídio de Hǫskuldr e impingiu nele uma chaga pela qual ninguém foi nomeado; parece-me que este caso possa ser desvalidado pela lei.” “Então desejamos anunciar isso,” diz Hjalti. Þórhallr Ásgrímsson pronunciou-se e declarou que não era aconselhável que isso

não fosse mantido em segredo até o momento em que as cortes fossem montadas. “Que diferença faz manter segredo?” diz Hjalti. Þórhallr falou: “Se eles souberem desde já que o caso foi erradamente preparado, poderão salvar a acusação enviando imediatamente um homem para casa da assembleia para fazer intimações para a assembleia e convocar vizinhos na assembleia, e a acusação do caso estará então correta.” “És um homem sábio, Þórhallr,” dizem eles, “e teu conselho será seguido.” Depois disso, cada um foi para sua tenda.

Os filhos de Sigfúss fizeram o anúncio da acusação na rocha da lei e perguntaram sobre o distrito de assembleia e residência, e as cortes deveriam ser montadas na noite de sexta-feira para a acusação. A assembleia agora permanece quieta até então. Muitos homens buscaram conciliações entre eles, e Flosi foi inflexível, os demais, porém, foram muito mais veementes, e a situação não se mostrava promissora.

Chega agora o momento em que as cortes deveriam reunir-se na noite de sexta-feira; todos os homens da assembleia então caminham para as cortes. Flosi postava-se ao sul da corte dos homens de Rangá, junto com seus seguidores; com ele estavam Hallr de Síða e Runólfr Úlfsson e outros três que haviam prometido auxílio a Flosi. A norte da corte dos homens de Rangá postavam-se Ásgrímr e Gizurr, o Branco, Hjalti e Einarr de Þverá, ao passo que os filhos de Njáll estavam em sua tenda, e também Kári e Þorleifr corvo e Þorgrímr, o grande, e eles estavam sentados com suas armas, e eram um bando nada fácil de ser batido.

Njáll havia pedido aos judicantes que andassem à corte. Os filhos de Sigfúss apresentam a acusação para o caso; eles nomearam testemunhas e pediram aos filhos de Njáll que ouvissem seus juramentos; em seguida, proferiram o juramento. Então anunciaram a acusação; então mandaram trazer testemunhas à notificação do homicídio; então pediram que os vizinhos se abancassem; então pediram que se desafiasse o júri.

Þórhallr Ásgrímsson nomeou testemunhas e iniciou a defesa, declarando inválido o veredito dos vizinhos, e encontrou para tal o fato de que aquele que fizera o anúncio da acusação era passível de verdadeiras penas legais e ele próprio estava na condição de fora-da-lei. “A quem tu te referes falando isso?” diz Flosi. Þórhallr responde: “Mǫrðr Valgarðsson esteve junto com os filhos de Njáll no homicídio de Hǫskuldr e impingiu neste a chaga para a qual ninguém foi nomeado, quando as testemunhas foram nomeadas para os ferimentos. Vós não podereis contradizer que o caso está desvalidado.”

CAPÍTULO CXXII

Njáll pôs-se de pé e falou: “Eu peço a Hallr de Síða e Flosi e todos os filhos de Sigfúss, e a todos os nossos homens: não ide ainda e escutai meu pronunciamento.” Eles assim fizeram. Ele falou: “Parece-me que este caso chegou a um impasse, e isso era de se esperar, pois ele brotou de raízes ruins. Eu desejo comunicar-vos que eu amava Høskuldr mais do que a meus filhos e que, quando tomei conhecimento de que ele fora morto, senti apagar-se a mais doce luz dos meus olhos, e eu preferia ter perdido todos os meus filhos e que ele tivesse vivido. Agora eu peço a Hallr de Síða e Runólfr de Dalr, Gizurr, o Branco, e Einarr de Þverá e Hafr, o sábio, para eu obter meios de fazer uma conciliação por meus filhos neste caso do homicídio de Høskuldr, e eu desejo que façam a arbitração aqueles que forem mais aptos para tal.” Gizurr e Einarr e Hafr falaram por um longo tempo, cada um por sua vez, e pediram a Flosi que se conciliasse e prometeram-lhe suas amizades em troca. Flosi respondeu bem, então, em todos os aspectos, porém não se comprometeu.

Hallr de Síða falou para Flosi: “Desejas agora conceder-me este pedido e cumprir a promessa que fizeste a mim, quando eu transportei para o exterior Þorgrímr Digr-Ketilsson, teu parente, depois que ele matou Halli, o vermelho?” Flosi falou: “Desejo conceder-te o pedido, sogro, pois tu só me pedirás algo que aumentará a minha honra.” Hallr falou: “Então eu desejo que tu te concilies rapidamente e deixes bons homens fazerem a arbitração, e barganha assim a amizade dos melhores homens.” Flosi falou: “Desejo comunicar-vos que eu estou disposto a seguir o conselho de meu sogro Hallr e de outros dos melhores homens, para que aqui arbitrem o caso seis homens de cada uma das partes, nomeados de acordo com a lei. Julgo que Njáll merece este crédito de minha parte.” Njáll e todos os demais que estavam ao seu lado agradeceram a eles todos, e dizem que Flosi agiu bem.

Flosi falou: “Agora nomearei os meus arbitradores. Nomeio primeiro Hallr e Qzurr de Breiða, Surtr Ásbjarnarson de Kirkjubær, Móðólfr Ketilsson,” – este então morava em Ásar – “Hafr e Runólfr de Dalr, e há de ser unanimidade que estes são os mais aptos dentre todos os meus homens.” Ele então pediu que Njáll nomeasse os seus arbitradores. Njáll pôs-se de pé e pronunciou: “Para este caso eu nomeio primeiro Ásgrímr Elliða-Grímsson e Hjalti Skeggjason, Gizurr, o Branco, e Einarr de Þverá, Snorri, o goði, Guðmundr, o poderoso.” Em seguida, Njáll e Flosi e os filhos de Sigfúss deram as mãos, e Njáll

apertou-lhes as mãos por seus filhos todos e por Kári, e esses doze homens haveriam de julgar, e podia-se dizer que todos os homens na assembleia estavam alegres com isso. Foram então enviados homens atrás de Snorri e Guðmundr, pois estes se encontravam em suas tendas. Foi pronunciado então que os judicantes deveriam sentar-se novamente no tribunal, e todos os demais deveriam deixar o local.

CAPÍTULO CXXIII

Snorri, o goði, falou assim: “Aqui estamos nós agora, os doze arbitradores aos quais foi confiado esse caso. Desejo pedir a todos vós que não criemos qualquer impedimento neste caso que possa dificultar a conciliação entre as partes.” Guðmundr falou: “Desejais sentenciar algum tipo de proscrição distrital ou exílio para o exterior?” “Nada disso,” diz Snorri, “pois tais penas têm sido, com frequência, mal cumpridas, e, por conta disso, homens se têm matado e desconciliado. Mas eu desejo sentenciar uma multa em dinheiro tamanha que nunca tenha havido homem mais caro na terra do que Høskuldr.” Suas palavras foram bem comentadas. Em seguida, eles discutiram a questão e não entraram em acordo sobre quem haveria de pronunciar primeiro quão grande deveria ser a multa, e, por fim, decidiram fazer um sorteio, e Snorri acabou sorteado para propor a multa. Snorri falou: “Não hei de me alongar nisso. Direi agora qual é a minha decisão: desejo fazer com que Høskuldr seja compensado com o valor de três homens, e isso são seis centenas de prata. Cabe a vós agora avaliar se vos parece um valor demasiadamente grande ou pequeno.” Eles responderam que não desejavam alterar em nada essa sentença. “E, além disso, a sentença completa-se com a obrigação de pagar todo o dinheiro na assembleia.” Então Gizurr falou: “Parece-me que isso dificilmente poderá fazer-se, pois eles devem ter em mãos só uma pequena parte para pagar sua pena.” Guðmundr falou: “Eu sei o que Snorri deseja. Ele deseja que cada um nós, todos os arbitradores, lhes dê o quanto permitir sua generosidade e bravura, e muitos lá depois assim farão também.” Hallr de Síða agradeceu-lhe e declarou que estava ávido por dar tanto quanto aquele que mais desse; a isso anuíram então todos os arbitradores. Depois disso, deixaram o local e combinaram que Hallr deveria fazer o anúncio da sentença na rocha da lei.

Depois disso, soou o sino e todos os homens caminharam para a rocha da lei. Hallr pôs-se de pé e pronunciou: “Com relação a este caso que nós arbitramos chegamos de comum acordo à sentença de seis centenas de prata. Nós, os arbitradores, pagaremos a metade, e o valor

total deverá ser pago aqui na assembleia. E eu rogo a toda a gente que dê uma parte, em nome de Deus.” E todos responderam bem. Hallr então nomeou testemunhas para a decisão, a fim de que ninguém pudesse descumpri-la. Njáll agradeceu-lhes pelo arbitramento. Skarpheðinn postava-se ao seu lado, e permanecia quieto, com um sorriso. Os homens então deixaram a rocha da lei e caminharam para suas tendas.

Os arbitradores levaram ao adro da igreja dos fazendeiros o dinheiro que haviam prometido dar. Os filhos de Njáll desembolsaram o dinheiro que possuíam, e assim também fez Kári, e o total era uma centena de prata. Njáll apanhou então o dinheiro que possuía, e este era uma outra centena de prata. Em seguida todo esse dinheiro foi levado ao tribunal, e os homens contribuíram com tanto que não faltou uma moeda sequer. Njáll tomou uma toga de seda e um par de botas e colocou-as sobre a pilha de dinheiro.

Em seguida Hallr falou que Njáll deveria ir atrás de seus filhos, – “enquanto eu irei atrás de Flosi, para que ambas as partes concedam agora paz uma à outra.” Njáll então caminhou até sua tenda e falou para seus filhos: “Agora o nosso caso foi bem resolvido. Nós somos homens conciliados e o dinheiro foi todo reunido; devemos agora, tanto nós quanto aqueles, ir e conceder uns aos outros tréguas e paz. Eu desejo agora pedir-vos que não estragueis de modo algum isto.” Skarpheðinn levou a mão à frente e respondeu com um sorriso. Eles todos então caminham para o tribunal.

Hallr foi ao encontro de Flosi e falou: “Vai agora para o tribunal, e o dinheiro todo foi prontamente pago e reunido lá.” Flosi pediu que os filhos de Sigfúss o acompanhassem até lá; todos eles então saíram e caminharam dali do lado leste em direção ao tribunal; Njáll caminhou do lado oeste, acompanhado por seus filhos, para o tribunal. Skarpheðinn andou até o banco medial e postou-se lá.

Flosi caminhou até o tribunal para observar o dinheiro e falou: “Este dinheiro é muito e bom e foi prontamente pago, como era de se esperar.” Em seguida ele apanhou a toga e perguntou quem a dera, mas ninguém lhe respondeu. Uma segunda vez ele acenou com a toga e perguntou quem a dera, e riu-se, e ninguém respondeu. Flosi falou: “Acaso nenhum de vós sabe quem era o dono desta veste, ou não ousais dizer-mo?” Skarpheðinn falou: “Quem tu supões que a deu?” Flosi falou: “Se tu desejas sabê-lo, então hei de te dizer o que eu suponho: a minha suposição é que o teu pai a tenha dado, o velho imberbe – pois muitos, ao vê-lo, não sabem se ele é um homem ou uma mulher.”

Skarpheðinn falou: “Ages pessimamente ao escarnecê-lo, um homem velho, e nenhum homem de valor jamais fez assim antes. Podeis agora saber que ele é um homem, pois concebeu filhos com sua mulher. Poucos dos nossos familiares quedaram-se sem compensação junto ao nosso lar sem que os tenhamos vingado.” Em seguida, Skarpheðinn apanhou a toga para si, e atirou para Flosi um par de calças negras, e disse que ele precisaria mais delas. Flosi falou: “Por que terei de precisar mais delas?” Skarpheðinn falou: “Por que, se tu és a donzela do ogro de Svínafell, conforme se diz, a cada nove noites ele te faz mulher.” Flosi derrubou então o dinheiro e declarou que não receberia uma moeda sequer e disse que deveria dar-se de duas uma: ou Høskuldr quedar-se-ia morto sem que fosse paga compensação, ou então eles haveriam de vingá-lo. Flosi então não quis conceder qualquer acordo de paz nem nada receber e falou para os filhos de Sigfúss: “Vamos agora de volta à nossa tenda. Uma coisa só deverá suceder a todos nós.” Em seguida eles retornaram para sua tenda. Hallr falou: “Homens de tremenda má sorte tomaram parte neste caso.”

Njáll e seus filhos retornaram para sua tenda. Njáll falou: “Agora se concretizou aquilo que há muito tempo eu pressentia: que este caso nos seria pesado.” “Não é assim,” diz Skarpheðinn; “eles jamais poderão levar adiante ações contra nós com as leis da terra.” “Então se realizará aquilo,” diz Njáll, “que será a todos de menor valia.”

Aqueles homens que haviam contribuído com dinheiro discutiam se deveriam tomá-lo de volta. Guðmundr falou: “Eu não opto por tal vergonha para mim, tomando de volta aquilo que eu dei, nem aqui nem alhures.” “Isso foi bem dito,” disseram eles. Então ninguém mais quis tomar de volta o dinheiro. Snorri, o goði, falou: “O meu conselho é que Gizurr, o Branco, e Hjalti Skeggjason conservem este dinheiro até a próxima assembleia geral. Pressinto que não tardará muito antes que se tenha necessidade de recorrer a este dinheiro.” Hjalti tomou e guardou metade do dinheiro, e Gizurr o outro tanto. Os homens então caminharam para suas tendas.

CAPÍTULO CXXIV

Flosi convocou todos os seus homens para reunirem-se sobre a Fenda Almannagjá, e foi até lá ele próprio. Havia lá chegado então todos os seus homens, e lá estavam trinta homens. Flosi falou para os filhos de Sigfúss: “O que poderei conceder-vos neste caso que vos seja de mais agrado?” Gunnarr Lambason falou: “Não nos contentaremos antes que aqueles irmãos, os filhos de Njáll, tenham sido todos mortos.”

Flosi falou: “Eu quero prometer aos filhos de Sigfúss não abandonar este caso antes que uma das duas partes sucumba perante a outra. Eu desejo também saber se há alguém aqui que não deseja oferecer-nos auxílio neste caso.” Todos declararam estar desejosos de auxiliá-los. Flosi falou: “Que todos caminhem até mim e pronunciem um juramento de que ninguém abandonará este caso.” Todos então caminharam até Flosi e pronunciaram-lhe juramentos. Flosi falou: “Nós devemos também apertar as mãos acordando que aquele que abandonar este caso perderá seus bens e sua vida.” Estes eram os chefes com Flosi: Kolr, filho de Þorsteinn barriga-larga e sobrinho de Hallr de Síða; Hróaldr Qzurason de Breiðá, Qzurr, filho de Qnundr costas-de-arca, Þorsteinn, o belo, filho de Geirleifr, Glúmr Hildisson, Móðólfr Ketilsson, Þórir, filho de Þórðr *illugi* de Mǫrtunga; os parentes de Flosi, Kolbeinn e Egill; Ketill Sigfússon e seu irmão Mǫrðr, Þorkell e Lambi, Grani Gunnarsson, Gunnarr Lambason e seu irmão Sigurðr, Ingjaldr de Keldur, Hróarr Hámundarson. Flosi falou para os filhos de Sigfúss: “Escolhei um líder para vós que vos pareça mais apto, pois é necessário que alguém comande as ações.” Ketill respondeu: “Se cabe a nós irmãos a escolha, então nós todos escolheremos que tu comandes. Muitas coisas levam a isso: tu és de boa estirpe e um grande chefe, firme nas ações e sábio. E nós cremos que tu defenderás nossas necessidades no caso.” Flosi falou: “É mais cabido que eu anua ao que vós rogastes. Eu agora então decidirei quais ações nós devemos tomar. E o meu conselho é que cada homem cavalgue da assembleia para casa e cuide de sua fazenda neste verão, enquanto estiver sendo feita a fenação; eu também cavalgarei para casa e permanecerei lá no verão. Mas no dia do Senhor quando faltarem oito semanas para o inverno, eu mandarei celebrar-me a missa em casa e em seguida cavalgarei para oeste, cruzando Lómagnúpsand. Cada um de nós deverá ter dois cavalos. Eu não aumentarei o grupo que agora proferiu os juramentos, pois já temos homens bastantes, se todos se conservarem fiéis. Eu cavalgarei durante o dia do Senhor e durante a noite também. E no segundo dia da semana chegarei a Þríhyrningsháls, antes do anoitecer. Deveis então todos vós que sois juramentados ter chegado lá, mas se algum de quantos entraram neste caso não tiver lá chegado, então este não perderá nada além da vida, se nós pudermos decidir.” Ketill falou: “Como será possível que tu cavalgues de casa no dia do Senhor e chegues no segundo dia da semana a Þríhyrningsháls?” Flosi falou: “Eu cavalgarei para cima até Skaptártunga e seguirei ao norte de Eyjafjallajökull e descerei até Goðaland, e chegarei ao destino se eu for

a todo galope. Dir-vos-ei agora todo o meu plano: quando nós estivermos lá reunidos, cavalgaremos rumo a Bergþórshváll com toda a tropa e atacaremos os filhos de Njáll com ferro e fogo, e não partiremos antes que eles estejam todos mortos. Vós deveis também manter este plano em segredo, pois as vidas de nós todos dependem disso. Mandaremos agora apanhar nossos cavalos e cavalgaremos para nossas casas.” Eles então andaram para suas tendas. Em seguida, Flosi mandou selar seus cavalos e, depois disso, cavalgaram para casa e não esperaram por nenhum homem. Flosi não quis encontrar Hallr, seu sogro, pois sabia que ele tentaria dissuadi-lo de toda ação extrema.

Njáll cavalgou para casa da assembleia, junto com seus filhos, e eles permaneceram em casa todos durante o verão. Njáll perguntou a Kári se ele acaso não cavalaria para leste, para a sua fazenda em Dýrhólmur. Kári respondeu: “Não hei de cavalgar para leste, pois uma só coisa acontecerá comigo e com teus filhos.” Njáll agradeceu-lhe e disse que isso era de se esperar da parte dele. Havia lá sempre quase trinta homens aptos para a luta, incluindo os servos domésticos.

Aconteceu, certa vez, que Hróðný Høskuldsdóttir foi a Keldur. Ingjaldr, irmão dela, cumprimentou-a bem. Ela não retribuiu aos cumprimentos, mas pediu-lhe que caminhasse para fora de casa consigo. Ele assim fez, e saiu com ela; os dois caminharam para fora do quintal juntos. Em seguida, ela o segurou, e os dois se sentaram no chão. Ela falou: “É verdade que tu pronunciaste um juramento para atacar Njáll e seus filhos e matá-los?” Ele respondeu: “É verdade.” “Como és sórdido,” diz ela, “Njáll já te salvou da pena de proscrição por três vezes.” “Todavia, as coisas agora são tais,” diz ele, “que a minha vida estará em jogo se eu não levar isso a cabo.” “Não será assim,” diz ela; “tu viverás e serás chamado de um bom homem, se não traíres aquele a quem tu mais deves.” Ela então retirou de sua bolsa um gorro de linho, todo ensanguentado e perfurado, e falou: “Este gorro Høskuldr Njálsson usava em sua cabeça quando eles o mataram. Parece-me péssimo para ti auxiliar aqueles que têm parte nisto.” Ele responde: “Bem pode ser que eu não aja contra Njáll, aconteça o que for depois. Todavia, eu sei que eles voltarão os problemas contra mim.” Ela falou: “Tu podes agora prestar grande auxílio a Njáll e contar-lhes dos planos daqueles.” “Isso eu não posso fazer,” diz Ingjaldr, “pois assim eu serei traidor de todos os homens, revelando o segredo que eles me confiaram. Mas é mais próprio de um homem abandonar este caso, quando se sabe que eles levarão a vingança a cabo. Mas vai tu dizer a Njáll e seus filhos que estejam alertas este verão, e que tenham bom

número de homens, que isto é para ele um são conselho.” Em seguida ela foi até Bergþórshváll e relatou a Njáll toda essa conversa. Njáll agradeceu-lhe e disse que ela agiu bem, – “pois de todos os homens ele cometeria o maior malfeito a agir contra mim.” Ela então retornou para casa, e Njáll relatou a situação a seus filhos.

Havia em Bergþórshváll uma velha que se chamava Sæunn; ela era douta em muitas coisas e previdente, mas era já muito velha, e os filhos de Njáll a chamavam de velha doida, pois falava muito, e, não obstante, muito do que ela predizia realizava-se. Certo dia ela apanhou um bordão e subiu no alto das casas, até uma folhagem de esparguta. Ela bateu na esparguta e amaldiçoou-a para que jamais prosperasse, por ser assim desgraçada. Skarpheðinn riu-se e perguntou por que ela se importunava com a esparguta. A velha falou: “Esta esparguta será apanhada e com ela será ateado o fogo, quando Njáll será queimado vivo dentro de casa junto com Bergþóra, minha filha de criação, – “e encharcai-a com água,” diz ela, “ou ateai nela fogo o quanto antes.” “Nós não faremos isso,” diz Skarpheðinn, “pois alguma outra coisa será pega para atear o fogo, ainda que não haja a esparguta, se é isso que o destino reserva.” A velha seguiu com sua ladainha sobre a esparguta durante o verão inteiro, dizendo que ela deveria ser trazida para dentro, mas, não obstante, ela continuou lá como estava.

CAPÍTULO CXXV

Em Reykir, em Skeið, morava Runólfr Þorsteinsson. Seu filho chamava-se Hildiglúmr. Ele saiu de casa no dia do Senhor, quando faltavam doze semanas para o inverno. Ouviu um forte estrondear, e pareceu-lhe que tanto o céu quanto a terra abalavam-se. Em seguida, olhou para o ocidente e teve a impressão de ver um anel, e ele era cor de fogo, e no anel um homem montado num cavalo cinza. Ele chegou depressa, e vinha a todo galope; tinha uma tocha em chamas na mão. Chegou tão próximo dele cavalgando que ele mal pôde vê-lo; pareceu-lhe que era negro como piche, e ouviu-o recitando versos em grande vozaria:

12. *Eu cavalgo num corcel
que tem crina de geadas,
tem madeixas que são gelo,
porta o mal.
Chamas na ponta, e no meio
é veneno;*

*tais os desígnios de Flosi:
como dardos chamejantes,
e tais os desígnios de Flosi:
como dardos chamejantes.*

Então ele o viu arremessar a tocha para o leste, contra as montanhas, e pareceu-lhe que se elevou então um fogo tamanho que não mais conseguia enxergar as montanhas adiante. Pareceu-lhe que este homem cavalgou para leste, para o meio do fogo, e lá desapareceu. Em seguida, entrou em casa e foi para seu leito e ficou-se inconsciente por um longo tempo, e então se recompôs. Lembrava-se de tudo quanto se mostrara diante dele, e contou o caso a seu pai, e este lhe pediu que fosse contar para Hjalti Skeggjason; ele foi e contou-lhe. Hjalti falou: “Tu viste a cavalgada assombrada, e ela se dá sempre antes de eventos grandiosos.”

CAPÍTULO CXXVI

Flosi aprontou-se para partir do leste quando faltavam três meses para o inverno, e convocou para junto de si todos os seus homens que haviam prometido acompanhá-lo na jornada. Cada um deles tinha dois cavalos e boas armas; eles chegaram todos a Svínafell e lá pernoitaram. Flosi mandou que fizessem para ele a liturgia cedo no dia do Senhor; em seguida, foi à mesa. Ele disse a todos os homens de seu lar qual deveria ser o trabalho de cada um enquanto ele se ausentasse; em seguida, andou até seus cavalos. Flosi e seus homens cavalgaram para oeste sobre o areal. Flosi ordenou-lhes que não cavalgassem a todo galope de início, declarou, porém, que diferentemente fariam no fim da jornada. Ele falou que todos deveriam aguardar se alguém precisasse demorar-se. Eles cavalgaram para oeste até Skógahverfi e chegaram a Kirkjubær, e Flosi ordenou que todos os homens fossem à igreja e fizessem suas preces; os homens assim fizeram.

Em seguida, montaram em seus cavalos e cavalgaram subindo a montanha e então rumo aos lagos Fiskivötn, e cavalgaram um pouco para leste dos lagos e então se dirigiram para oeste, para o areal (eles mantinham Eyjafjallajökull à sua esquerda) e então desceram até Goðaland e seguiram até o rio Markarfljót e chegaram por volta das três da tarde do dia seguinte a Þríhyrningsháls e aguardaram lá até às seis da tarde. Chegaram lá então todos menos Ingjaldr de Keldur, e os filhos de Sigfúss o censuraram muito, mas Flosi disse-lhes que não criticassem

Ingjaldr enquanto ele não estivesse presente, – “e, não obstante, nós lhe retribuiremos mais tarde.”

CAPÍTULO CXXVII

Agora há para se falar de quanto se passa em Bergþórshváll, que Grímr e Helgi foram até Hólar (lá eles tinham filhos sendo criados) e contaram a seu pai que não retornariam a casa de noite. Eles estiveram em Hólar o dia todo. Lá chegaram mulheres pedintes e disseram que vinham de longe. Eles perguntaram a elas as notícias; elas declararam que não tinham nenhuma notícia para contar, mas dizem, todavia, que sabiam uma coisa estranha. Eles perguntaram que coisa estranha era essa de que falavam, e pediram-lhes que não ocultassem o caso. Elas disseram que assim haveria de ser. “Nós duas descíamos de Fljótshlíð e vimos os filhos de Sigfúss todos cavalgando com todas as armas, e eles dirigiam-se para cima de Þrihyrningsháls, e era um bando de quinze. Vimos também Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambason, e estes iam em cinco ao todo, e todos cavalgavam para o mesmo local. E pode-se dizer que as coisas estão todas muito agitadas por aí.” Helgi Njálsson falou: “Então Flosi deve ter vindo do leste, e estes todos devem ter vindo ao seu encontro, e nós dois devemos, Grímr, estar lá onde Skarpheðinn está.” Grímr diz que assim deve ser; eles então vão para casa.

Agora há para se falar do que se passa em Bergþórshváll, que Bergþóra fala para os seus servos domésticos: “Agora deveis escolher a comida para vós esta noite, de tal modo que cada um tenha aquilo que mais anseia, pois esta noite será a última em que darei de comer a meus domésticos.” “Não há de ser assim,” dizem aqueles lá presentes. “Isso assim se dará,” diz ela, “e poderei ainda dizer de muito mais, se eu quiser, e um sinal disso será que Grímr e Helgi voltarão para casa esta noite, antes que a gente esteja saciada. E se isto ocorrer deste modo, então as demais coisas que digo também ocorrerão.” Em seguida, ela levou a comida à mesa. Njáll falou: “Maravilhas se me afiguram agora. Eu julgo que vejo através de todo o salão, e parece-me que ambas as paredes empenas jazem no chão, e está ensanguentada a mesa toda e a comida.” Isso pareceu uma grande coisa a todos, exceto a Skarpheðinn; este mandou que os demais não se lamuriassem nem proferissem outras palavras miseráveis, de modo tal que os homens pudessem vir a comentar; – “ser-nos-á mais normal do que aos demais portar-nos bem, e isso é de se esperar.”

Grímr e Helgi chegaram de volta a casa antes que as mesas tivessem sido retiradas, e todos se espantaram muito. Njáll perguntou

por que eles haviam ido tão rapidamente, e eles contaram tudo quanto haviam ouvido. Njáll ordenou que nenhum homem se deitasse à noite.

CAPÍTULO CXXVIII

Agora se deve retornar para onde está Flosi. Ele falou: “Agora cavalgaremos para Bergþórhváll e chegaremos lá antes das nove da noite.” Eles assim fazem agora. Havia em Bergþórshváll um val na colina, e eles cavalgaram até lá e amarraram seus cavalos e quedaram-se lá até que a noite já se avançara bastante.

Flosi falou: “Agora nós devemos caminhar até a fazenda, e caminharemos compactados e iremos devagar para ver o que eles farão.” Njáll postava-se do lado de fora da casa, junto com seus filhos e Kári e todos os homens da casa, e eles permaneciam junto às paredes, e havia lá perto de trinta homens. Flosi estacou e falou: “Agora devemos observar como eles agirão, pois me parece que, enquanto eles estiverem a postos fora de casa, jamais lograremos atacá-los.” “Então nossa jornada terá um desfecho ruim,” diz Grani, “se não ousarmos atacá-los.” “Tampouco há de ser assim,” diz Flosi, “e nós avançaremos contra eles ainda que permaneçam postados fora. Mas pagaremos o preço, pois muitos não sobrarão para contar qual foi a parte vitoriosa.”

Njáll falou para seus homens: “O que me dizeis, quão grande é o bando deles?” “Eles têm um bando duro de ser batido,” diz Skarpheðinn, “e também grande, mas eles estacam o passo agora, pois lhes parece que dificilmente lograrão derrotar-nos.” “Não há de ser isso,” diz Njáll, “e eu desejo que os homens entrem em casa, pois eles tiveram dificuldade para sobrepujar Gunnarr em Hlíðarendi, sendo que ele estava sozinho a defender-se. Nossa casa aqui é forte, como era aquela, e eles não lograrão assaltar-nos.” “Não é deste modo que se deve entender,” diz Skarpheðinn; “Gunnarr foi atacado em casa por chefes que eram tão grandiosos que prefeririam ir embora a queimá-lo vivo dentro de casa. Mas estes aqui nos atacam com fogo se não puderem fazê-lo de outro modo, pois farão tudo que puderem para nos liquidarem. Eles devem considerar (o que não é improvável) que terão sua morte caso nós nos safemos. E, outrossim, não estou ávido por deixar que me sufoquem como a uma raposa em sua toca.” Njáll falou: “Dar-se-á agora como de costume, que desobedecereis meus conselhos, filhos meus, e não mostrareis respeito a mim. Mas quando éreis mais jovens, não fazíeis assim, e isso vos servia mais.” Helgi falou: “Façamos conforme nosso pai deseja; ser-nos-á de maior valia.” “Eu não estou certo disso,” diz Skarpheðinn, “pois ele é já um homem

fadado. Não obstante, eu posso fazer isso para agradá-lo, e morrer queimado em casa junto com ele, pois eu não tenho medo de minha morte.” Ele falou com Kári: “Fiquemos bem próximos uns aos outros, cunhado, de modo que nenhum de nós se separe do outro.” “Assim tenho em mente que devamos fazer,” diz Kári, “mas se o destino reservar algo diferente, deverá ser assim também, e nada se poderá fazer.” “Vinga-nos,” diz Skarpheðinn, “e nós te vingaremos, caso sobrevivamos.” Kári diz que assim haveria de ser. Eles caminharam então todos para dentro e se posicionaram nas portas.

Flosi falou: “Agora estão fadados, pois entraram em casa. Devemos agora andar até a casa o mais rápido possível e nos posicionarmos o mais compactados diante das portas e cuidar para que ninguém escape de lá, nem Kári nem os filhos de Njáll; do contrário, isso será nossa morte.” Flosi e seus homens chegaram à casa e posicionaram-se ao redor das paredes, para o caso de haver alguma saída secreta. Flosi andou até diante da casa, junto com seus homens. Hróaldr Qzurarson correu sobre o local onde se encontrava Skarpheðinn, e meteu a lança para acertá-lo; Skarpheðinn golpeou-a, cortando fora a ponta da haste e lançou-se sobre ele e golpeou-o, e acertou-lhe o escudo com o machado, empurrando contra ele o escudo todo, e a ponta do machado acertou-lhe o rosto, e ele tombou de costas e morreu no ato. Kári falou: “Como sempre, não se escapa de ti, Skarpheðinn; és de todos nós o mais bravo.” “Não sei disso,” diz Skarpheðinn; podia-se ver que ele abriu os lábios e sorriu. Kári e Grímr e Helgi atiraram para fora muitas lanças e feriram muitos homens, e Flosi e os demais não conseguiam atacá-los.

Flosi falou: “Sofremos grandes danos em nossos homens; muitos estão feridos, e aquele que menos gostaríamos está morto. Agora está visto que não conseguimos derrotá-los com armas. Há muitos aqui que não avançam contra eles com tanta bravura quanto julgavam que fariam. Todavia, deveremos agora pensar num outro plano para nós. Temos agora duas alternativas, e nenhuma delas é boa: uma é batermos em retirada, e isso será a nossa morte, e a outra é atear fogo à casa e queimá-los dentro, e isso é, contudo, uma grande responsabilidade perante Deus, pois nós próprios somos cristãos. Todavia, é isto que nós faremos.”

CAPÍTULO CXXIX

Em seguida, acenderam um fogo e fizeram uma grande fogueira diante da porta. Então Skarpheðinn falou: “Acendeis agora

uma fogueira, meninos? O que pretendeis cozinhar?” Grani responde: “Será de tal modo que tu não precisarás de mais calor para assar.” Skarpheðinn falou: “Assim tu me retribuis – e és um homem de tal sorte mesmo – por ter eu vingado teu pai, e tu consideras mais importante o dever que te é menor.” Então as mulheres despejaram soro de coalho na fogueira e a apagaram. Kolr Þorsteinsson falou para Flosi: “Ocorre-me uma ideia. Eu vi acima do salão um sótão sobre as travessas, e nós devemos atear fogo nele, e o acenderemos com a esparguta que há aqui sobre a casa.” Em seguida, apanharam a esparguta e atearam lá o fogo, e os que estavam dentro de casa não perceberam antes que todo o salão chamejava no teto; Flosi e os seus então fizeram grandes fogueiras diante de todas as portas. Então as mulheres dentro de casa desesperaram-se. Njáll falou-lhes: “Portai-vos bem e não pronuncieis palavras de pavor, pois será só uma tormenta, porém tardará muito até outra assim. Tende fé que Deus é misericordioso e não nos deixará queimar tanto neste mundo quanto no outro.” Tais as palavras de persuasão que ele lhes pronunciou, e outras mais, ainda mais bravas.

E agora todos os cômodos da fazenda ardem em chamas. Então Njáll caminhou até a porta e falou: “Flosi encontra-se próximo o bastante para ouvir minha fala?” Flosi declarou que ouvia. Njáll falou: “Estás disposto a acordar uma conciliação com meus filhos ou deixar alguns homens saírem de casa?” Flosi responde: “Não desejo conciliação com teus filhos, e as coisas agora não terminarão entre nós e não partiremos antes que eles estejam todos mortos. Contudo, desejo permitir a saída às mulheres e às crianças e aos servos da casa.” Njáll então caminhou para dentro e falou com a gente: “Devem agora sair de casa todos quantos têm permissão para fazê-lo. E vai para fora tu, Þórhalla Ásgrímsdóttir, e contigo toda a gente que tem a permissão para sair. Þórhalla falou: “Dá-se agora a minha separação de Helgi de um modo diferente do que eu esperava por um tempo; porém, eu incitarei meu pai e meus irmãos a vingarem as mortes desses homens todos que ora se dão.” Njáll falou: “Tu farás bem, pois és uma boa mulher.” Em seguida ela saiu de casa, e com ela um grande séquito.

Ástríðr de Djúpárbakki falou para Helgi: “Caminha para fora junto comigo, e eu te cobrirei com um manto de mulher e colocarei em ti um gorro.” Ele recusou primeiro, mas acabou por aceitar fazê-lo, cedendo aos seus rogos. Ástríðr enrolou o gorro na cabeça dele, e Þórhildr cobriu-o com o manto, e ele andou para fora de casa entre elas. Então Þorgerðr Njálisdóttir saiu de casa, e também sua irmã Helga, e muitas outras pessoas. Mas quando Helgi saiu, Flosi falou: “Mas que

mulher de ombros mais largos; apanhai-la e predeei-la.” Mas ao ouvir isso, Helgi atirou de sobre si o manto; ele carregava uma espada sob o braço, e golpeou contra um homem, e acertou-lhe o escudo, cortando fora ponta do escudo e decepando junto a sua perna. Então Flosi achegou-se-lhe e desferiu um golpe no pescoço de Helgi, de tal modo que imediatamente decepou-lhe a cabeça.

Flosi então caminhou até junto à porta e falou que Njáll deveria vir conversar com ele, e também Bergþóra; os dois assim fizeram. Flosi falou: “Desejo oferecer-te a possibilidade de saíres, pois tu não mereces ser queimado dentro de casa.” Njáll falou: “Eu não desejo sair, pois sou um homem velho e pouco preparado para vingar meus filhos, e não desejo viver com a vergonha.” Flosi falou para Bergþóra: “Vem tu para fora, senhora do lar, pois eu não desejo de modo algum que tu queimes aí dentro.” Bergþóra falou: “Eu era jovem quando fui dada em núpcias a Njáll, e prometi a ele que uma só coisa haveria de suceder a ambos nós.” Em seguida, ambos caminharam para dentro. Bergþóra falou: “O que nós dois faremos agora?” Njáll responde: “Andaremos para a nossa câmara e deitaremos em nosso leito.” Em seguida, ela falou com o menino Þórðr Kárason: “Tu serás levado lá para fora, que não hás de queimar aqui dentro.” “Outra coisa tu me havias prometido, vó,” diz o menino, “que nós dois jamais nos separaríamos, e assim há de ser, pois me parece muito melhor morrer junto contigo e Njáll.” Em seguida ela levou o menino para a câmara. Njáll falou para seu supervisor de trabalho: “Agora tu deves ver onde nós nos deitaremos e como eu faço os nossos preparativos, pois não pretendo mais sair daqui para parte alguma, por mais que a fumaça ou as chamas me assolem; tu então poderás adivinhar onde procurar pelos nossos ossos.” Ele disse que assim haveria de ser. Um boi havia sido abatido e o seu couro estava lá estirado. Njáll falou para o supervisor que estendesse o couro sobre ambos; ele prometeu fazê-lo. Os dois se deitam no leito, e colocam entre si o menino. Então ambos fizeram o sinal da cruz em si e no menino e entregaram seu suspiro nas mãos de Deus, e pronunciaram isso por último, para que os homens ouvissem. Então o supervisor apanhou o couro do boi e estendeu-o sobre eles e saiu de casa em seguida. Ketill de Mork recebeu-o e puxou-o consigo para longe dos demais e perguntou tudo sobre seu sogro Njáll; ele contou toda a verdade. Ketill falou: “Uma grande desgraça atinge-nos, por compartilharmos todos tamanho infortúnio.”

Skarphedinn havia visto que seu pai se deitara e o modo como se arrumara, e falou então: “Nosso pai vai deitar cedo, e isso é de se

esperar: ele é um homem velho.” Então Skarpheðinn e Kári e Grímr passaram a apanhar os pedaços de madeira em chamas tão logo despencavam do teto, e os arremessavam contra aqueles, e assim fizeram por um tempo. Então aqueles atiraram lanças de fora contra eles, e eles todos as agarravam no ar e as lançavam para fora de volta. Flosi ordenou-lhes que parassem de atirar, – “pois qualquer confronto de armas com eles ser-nos-á pesado. Podeis bem aguardar até que o fogo os derroque.” Eles assim fizeram. Então grandes vigas despencaram do teto.

Skarpheðinn falou: “Agora meu pai deve estar morto, e não se escutou dele nem gemido nem tosse.” Em seguida, caminharam até a extremidade do salão; lá havia despencado a travessa, e ela estava muito queimada no meio. Kári falou para Skarpheðinn: “Corre para fora por aqui, e eu te darei cobertura, e correrei atrás de ti logo em seguida, e nós dois escaparemos se agirmos assim, pois a fumaça evola-se toda por aqui.” Skarpheðinn falou: “Tu deves correr antes, e eu te seguirei.” “Isso não é o melhor a fazer,” diz Kári, “pois eu escaparei em outra parte, ainda que não consiga sair aqui.” “Não desejo assim,” diz Skarpheðinn; “corre tu primeiro para fora, e eu seguirei imediatamente em teu encalço.” Kári falou: “Todo homem aceita uma oferta por sua vida, e assim farei eu. Porém, isto há de ser nossa separação derradeira, que não tornaremos jamais a nos ver; se eu correr para fora do fogo, não estarei disposto a correr para dentro novamente até ti, e então cada um de nós seguirá seu rumo.” Skarpheðinn falou: “Eu rio que escaparás, cunhado, que tu nos vingarás.”

Então Kári agarrou uma tora em chamas em sua mão e corre ao longo da travessa, arremessa a tora do alto da casa, e ela cai sobre aqueles que estavam fora diante dele; eles então correram dali. Então chamejaram todas as vestes de Kári bem como seu cabelo. Ele salta do alto da cobertura da casa e cai em meio à fumaça. Então um homem que estava fora falou: “Acaso um homem saltou lá do alto da casa?” “Longe disso,” diz um outro, “foi Skarpheðinn que arremessou uma tora em chamas contra nós.” Em seguida não suspeitavam de nada. Kári correu até que chegou a um arroio, e atirou-se ali e apagou as chamas de si. De lá correu esfumaçando para dentro de um buraco e repousou, e o local lá passou a ser chamado de Káragróf²¹⁸.

CAPÍTULO CXXX

²¹⁸ “Buraco de Kári”.

Agora deve contar-se, sobre Skarpheðinn, que ele correu para fora sobre a travessa imediatamente após Kári, mas, quando chegou ao ponto onde a travessa estava mais queimada, ela se partiu debaixo dele. Skarpheðinn caiu de pé e tentou uma segunda vez e correu sobre a parede; então despencou sobre ele o pau de cumeeira, e ele caiu para dentro novamente. Skarpheðinn falou então: “É claro agora o que está destinado.” Ele então caminhou ao longo da parede lateral.

Gunnarr Lambason saltou sobre a parede e viu Skarpheðinn e falou: “Acaso choras agora, Skarpheðinn?” “Não é isso,” diz ele, “é que, na verdade, a fumaça me irrita os olhos. Mas parece-me que tu ris, ou o que há então?” “Assim é, certamente,” diz Gunnarr, “e eu jamais ri antes, desde que tu mataste Práinn.” Skarpheðinn falou: “Então aqui está tua lembrança.” Ele então retirou de seu bolsilho a mandíbula que havia arrancado de Práinn, e atirou-a contra o olho de Gunnarr, de modo que ele saiu e ficou pendurado em sua bochecha; Gunnarr então caiu do alto da cobertura da casa.

Skarpheðinn andou então até onde estava seu irmão Grímr; eles deram as mãos e puseram-se a pisotear o fogo. Mas quando chegaram ao meio do salão, Grímr tombou morto. Skarpheðinn caminhou até o fundo da casa; então ocorreu um grande estrondo; despencou todo o teto. Ele se encontrou então entre este e a parede empena; não podia de lá mover-se a parte alguma.

Flosi e seus homens permaneceram junto ao fogo até que já havia amanhecido bem. Então chegou aonde eles estavam um homem cavalgando. Flosi perguntou-lhe o nome; ele nomeou-se Geirmundr e disse ser parente dos filhos de Sigfúss e falou: “Vós praticastes um grande feito.” Flosi responde: “Os homens chamarão isto tanto de grande feito quanto de malfeito. Contudo, nada mais se pode fazer agora.” Geirmundr falou: “Quantos homens notáveis morreram aqui?” Flosi responde: “Aqui morreram Njáll e Bergþóra, os filhos de Njáll, Skerpheðinn, Helgi e Grímr; Þórðr Káráson e Kári Sölmundarson, Þórðr, o alforriado. Porém, não sabemos ao certo acerca de mais homens, que nos são mais desconhecidos.” Geirmundr falou: “Dizes estar morto um homem que nós sabemos ter escapado, e eu falei com ele esta manhã.” “Quem é este?” diz Flosi. “Eu e Bárðr, meu vizinho, encontramos Kári Sölmundarson,” diz Geirmundr, “e Bárðr concedeu-lhe seu cavalo, e ele tinha o cabelo queimado, bem como suas roupas.” “Ele tinha alguma arma?” diz Flosi. “Ele tinha a espada Adormenta-a-Vida,” diz Geirmundr, “e um dos cortes estava azulado, e nós dissemos que ela deveria ter perdido a têmpera, mas ele respondeu que temperaria

a espada no sangue dos filhos de Sigfúss ou de outros incendiários.” Flosi falou: “O que ele falou sobre Skarpheðinn ou Grímr?” “Disse que ambos estavam com vida quando se separaram,” diz Geirmundr, “todavia, disse que ambos deveriam estar mortos agora.” Flosi falou: “Tu vieste contar-nos aquelas coisas que não nos trarão paz, pois escapou o homem que mais se aproxima de Gunnarr de Hlíðarendi em todos os aspectos. Deveis agora pensar, filhos de Sigfúss, e demais de nossos homens, que serão tomadas ações tão fortes com relação a este incêndio que farão muitos homens perderem as cabeças, e alguns perderão todas as posses. Suspeito agora que nenhum de vós, filhos de Sigfúss, ouse permanecer em sua fazenda, e isso é, contudo, muito compreensível. Desejo agora convidar-vos todos a virem para junto de mim a leste, e deixemos que uma só coisa acometa a nós todos.” Eles lhe agradeceram.

Então Móðólfr Ketilsson declamou estes versos:

13. *Um ramo vive ainda da morada
de Njáll, u chamas inflamaram lenhos,
ateou-as de Sigfúss brava a prole.
Pelo assassínio do valente Hǫskuldr
Teve a paga de Gollnir ora o filho:
a casa consumiu-se em fogo ardente.*

“De outras coisas nos gabaremos,” diz Flosi, “e não de Njáll ter morrido queimado em casa, pois isto não foi nenhuma valentia.”

Flosi então subiu na parede empena, e acompanharam-no Glúmr Hildisson e alguns outros homens. Então Glúmr falou: “Estará Skarpheðinn morto agora?” E os outros disseram que ele já deveria ter morrido havia bastante tempo. Por vezes ainda erguiam-se labaredas lá, e então se esvaíam de novo. Então eles escutaram, vindo de baixo, do meio do fogo, versos sendo recitados:

14. *Frente ao choque de lanças do guerreiro
sobre a ponte da prole da gigante
não pôde segurar do cílio a chuva
Gunnr d’ ouro,
Quando os varões fizeram mortandade.
Eu entoo este canto com bravura,
troaram lanças em ferir versadas.*

Grani Gunnarsson falou: “Skarpheðinn declamou esses versos vivo ou morto?” “Eu não me arrisco a adivinhar,” diz Flosi. “Desejamos procurar,” diz Grani, “por Skarpheðinn e os demais homens que queimaram aqui.” “Não se fará isso,” diz Flosi, “e tu és tolo de pensar em fazê-lo agora que os homens reunirão tropas por todo o distrito. Estará totalmente sozinho aquele que agora se tardar, e ficará tão apavorado que sequer saberá para que lado deverá correr, e o meu conselho é que cavalguemos embora todos o mais rapidamente.”

Flosi andou apressado até seus cavalos e assim fizeram também seus homens. Flosi falou para Geirmundr: “Acaso estará Ingjaldr em sua casa em Keldur?” Geirmundr disse que julgava que ele estivesse em casa. “Este é o homem,” diz Flosi, “que quebrou o juramento e rompeu todo o pacto conosco.” Flosi falou para os filhos de Sigfúss: “O que pretendeis fazer quanto a ele agora? Desejais deixá-lo ou devemos ir atacá-lo e matá-lo agora?” Eles todos responderam que desejavam atacá-lo agora. Então Flosi saltou sobre seu cavalo, e também todos os demais assim fizeram, e eles cavalgaram dali.

Flosi cavalga à frente e sobe até o rio Rangá e avança rio acima. Então ele viu um homem descendo, do outro lado do rio; reconheceu-o, que era Ingjaldr de Keldur. Flosi gritou para ele. Ingjaldr estacou e virou-se e avançou até junto da margem do rio. Flosi falou para ele: “Tu quebraste o nosso pacto, e abandonaste os bens e a vida. Aqui estão agora os filhos de Sigfúss e estão ávidos por matar-te. Mas parece-me que tu te viste numa situação complicada, e conceder-te-ei a vida, se desejares oferecer-me juízo próprio. Ingjaldr diz: “Prefiro cavalgar antes ao encontro de Kári a conceder-te juízo próprio. Mas tenho para dizer aos filhos de Sigfúss que não tenho medo deles mais do que eles têm de mim.” “Espera então,” diz Flosi, “se não és um frouxo, que te mandarei uma mensagem.” “Esperarei, certamente,” diz Ingjaldr. Þorsteinn Kolbeinsson, sobrinho de Flosi, cavalgou para junto deste e trouxe na mão uma lança; era um dos mais bravos homens da companhia de Flosi e tido em alta estima. Flosi tomou-lhe a lança e atirou-a contra Ingjaldr, e ela acertou-lhe o flanco esquerdo, atingindo o escudo, abaixo do pegador, e partiu-o ao meio; a lança atingiu então a sua perna, acima do joelho, e então a árvore da sela, e lá parou. Flosi falou para Ingjaldr. “Acaso chegou a ti?” “Chegou a mim, certamente,” diz Ingjaldr, “e isso eu chamo de arranhão, e não de ferimento.” Ingjaldr arrancou a lança da perna e falou para Flosi: “Espera tu agora, se não és um fresco;” – e arremessou então a lança de volta sobre o rio. Flosi vê que a lança vem na direção de seu tronco; esporeia então o cavalo; a

lança passa voando ao largo do peito de Flosi e não o atinge e para no meio de Þorsteinn, e ele tomba morto do cavalo. Ingjaldr correu então para dentro da floresta, e eles não o apanharam.

Flosi falou para seus homens: “Agora sofremos uma grande perda. Podemos agora saber também, diante disso que se deu, quanta má sorte nós temos. É meu conselho agora cavalgarmos até Þríhyrningsháls; de lá podemos ver os homens cavalgando no distrito, pois agora eles já devem ter reunido a maior tropa, e devem julgar que nós cavalgamos para leste, rumo a Fljótshlíð, deixando Þríhyrningsháls, e devem julgar que nós cavalgaremos para norte para a montanha e então para os distritos do leste. A maior parte de sua tropa cavalgará para lá, enquanto alguns cavalgarão ainda mais para leste, rumo a Seljalandsmúli, e eles julgarão menos provável encontrar-nos lá. Mas agora eu dou o conselho que cavalguemos para o alto da montanha de Þríhyrningr e aguardemos lá até que o terceiro sol deixe o céu.” Eles fazem assim.

CAPÍTULO CXXXI

Agora se deve voltar para onde Kári está. Ele saiu do buraco e seguiu adiante até que encontrou Bárðr, e as palavras que trocaram foram conforme Geirmundr disse. Kári cavalgou de lá até Mǫrðr Valgarðsson e contou-lhe sobre os eventos, e ele sentiu grande pesar. Kári disse que havia coisas mais dignas de homens do que chorar por aqueles mortos, e pediu-lhe que convocasse uma tropa e fosse até Holtsvað.

Em seguida, ele cavalga até Þjórsárdalr, rumo a Hjalti Skeggjason. E, quando subia ao longo do rio Þjórsá, viu um homem galopando velozmente atrás, e Kári espera pelo homem; reconhece-o, que era Ingjaldr de Keldr, e estava ensanguentado na coxa. Ele perguntou a Ingjaldr quem o havia ferido, e ele lhe contou. “Onde se deu vosso encontro?” diz Kári. “Às margens do Rangá,” diz Ingjaldr, “e ele arremessou por sobre o rio contra mim.” “Tu não lhe retribuístes o assalto?” diz Kári. “Atirei a lança de volta,” diz Ingjaldr, “e eles disseram que um homem se encontrou diante dela, e que ele foi morto.” “Tu não sabes,” diz Kári, “quem foi atingido?” “Tive a impressão de que ele se parecia com Þorsteinn, sobrinho de Flosi,” diz Ingjaldr. “Bem-aventurado sê tu,” diz Kári.

Em seguida os dois cavalgaram juntos ao encontro de Hjalti Skeggjason e relataram-lhe os eventos. Ele recebeu mal a notícia desses feitos e declarou que havia urgência de cavalgar atrás daqueles e matá-

los todos. Em seguida, reuniu uma tropa e convocou todos os homens, e então Kári cavalga com eles todos imediatamente ao encontro de Mǫrðr Valgarðsson, e eles se encontraram em Holtsvað; Mǫrðr já se encontrava lá, e tinha consigo uma tropa muito numerosa. Então eles se dividiram para fazer buscas. Alguns cavalgaram ainda mais para leste, rumo a Seljalandsmúli, outros subiram até Fljótshlíð, outros, por sua vez, foram mais ao norte, para Þríhyrningsháls, e então desceram até Goðaland. Então eles cavalgaram bem para o norte até o areal, já outros foram a Fiskivötn e então retornaram; alguns foram para leste até Holt e relataram os eventos a Þorgeirr e perguntaram-lhe se aqueles não teriam cavalgado por lá. Þorgeirr falou: “Ainda que eu não seja um grande chefe, as coisas estão de tal modo que Flosi decidirá qualquer coisa menos cavalgar diante de meus olhos, uma vez que matou meu tio paterno Njáll e meus primos. E não tendes mais nada a fazer senão retornar, pois já é provável que tendeis feito buscas por uma área vasta demais. Mas dissei a Kári que cavalgue para cá e permaneça comigo, se desejar; e, ainda que ele não queira vir aqui para o leste, eu então cuidarei de sua fazenda em Dýrhólmar, se ele desejar. Mas dissei-lhe que lhe prestarei auxílio e cavalgarei para a assembleia geral. Ele deve saber também que eu e meus irmãos somos os responsáveis por levar adiante as ações legais; desejamos proceder de modo tal que sejam impostas proscricções neste caso, se pudermos decidir, e então, depois disso, vinganças de sangue. Mas não vou agora convosco porque sei que de nada adiantará, e aqueles agora estarão muito alertas.”

Em seguida, cavalgaram de volta e se encontraram todos em Hof e comentaram que haviam recebido desonra por não terem encontrado aqueles. Mǫrðr disse que não era nada disso. Então muitos fizeram exortações para que se fosse a Fljótshlíð para tomar as fazendas de todos aqueles que participaram destes feitos, mas coube a Mǫrðr pronunciar a decisão. Ele disse que isso seria o mais desaconselhável a fazer. Eles perguntaram por que ele disse isso. Ele responde: “Se as fazendas deles estiverem lá, eles irão visitar lá suas mulheres, e poder-se-á então apanhá-los lá, decorrido um tempo. Agora não deveis de modo algum duvidar de que serei fiel a Kári em todos os desígnios, pois eu tenho que responder por mim próprio.” Hjalti disse-lhe que fizesse conforme prometia. Então Hjalti convidou Kári para junto de si; ele disse que a primeira coisa que faria seria cavalgar para lá. Eles transmitiram também o convite que Þorgeirr lhe havia feito, mas ele declarou que haveria de usufruir desse convite mais tarde, e disse que

estaria de bom ânimo se tais homens houvesse muitos. Dispersaram então todo o bando.

Flosi e seus homens viam todos os eventos do local onde se encontravam na montanha. Flosi falou: “Agora devemos apanhar nossos cavalos e cavalgar embora, pois agora já poderemos bem assim fazer.” Os filhos de Sigfúss perguntaram se acaso lhes seria proveitoso ir até suas fazendas e dar os comandos lá. “Mǫrðr provavelmente julga,” diz Flosi, “que vós visitareis vossas mulheres, e eu creio que é ordem dele que vossas fazendas permaneçam sem ser pilhadas. E o meu conselho é que nenhum de nós se separe dos demais e que todos cavalguem para leste comigo.” Eles todos então aceitaram este plano. Eles então cavalgaram embora e seguiram a norte da geleira e então rumo a leste, até Svínafell. Flosi enviou um homem imediatamente para reunir provisões, de modo que nada viesse a faltar. Flosi jamais se gabou do feito, e nenhum homem detectou medo nele. E ele permaneceu em casa por todo o inverno até o Natal.

CAPÍTULO CXXXII

Kári pediu a Hjalti para ir procurar os ossos de Njáll, – “pois todos creirão naquilo que tu contas e que tu vês.” Hjalti declarou estar ávido por transportar os ossos de Njáll para a igreja. Em seguida eles cavalgaram de lá, quinze homens ao todo. Cavalgaram atravessando o rio Þjórsá para leste e convocaram lá homens para juntarem-se a eles, até que tinham uma centena de homens com os vizinhos de Njáll. Chegaram a Bergþórshváll ao meio-dia.

Hjalti perguntou a Kári embaixo de onde Njáll jazeria, e Kári indicou-lhes o local, e muita cinza acumulada teve de ser removida. Lá embaixo eles acharam o couro de boi, e ele estava como que enrugado pelo fogo. Retiraram-no, e embaixo dele estava o casal, não queimado. Todos louvaram Deus por isso, e parecia um grande milagre. Em seguida, foi retirado o menino que se deitara entre os dois, e dele queimara-se o dedo que ele estendera para fora do couro. Njáll foi levado para fora, e assim também Bergþóra. Em seguida, todos os homens se aproximaram para ver seus corpos. Hjalti falou: “Como vos parecem estes corpos?” Eles responderam: “Desejamos esperar por teu pronunciamento.” Hjalti falou: “Não me acanharei em dizer o que penso disso. O corpo de Bergþóra parece-me estar como se esperaria, e, não obstante, está bem. Mas o semblante de Njáll e seu corpo parecem-me tão brilhantes que jamais vi corpo de homem morto tão brilhante antes.” Todos disseram que assim era.

Então procuraram por Skarpheðinn. Então os servos da casa indicaram o local de onde Flosi e seus homens haviam escutado os versos sendo recitados, e lá estavam a cobertura da casa e a parede empena caídas, e lá falou Hjalti que deveriam cavar. Em seguida fizeram isso e encontraram lá o corpo de Skarpheðinn, e ele havia permanecido de pé apoiado na parede empena, e suas pernas haviam sido muito consumidas pelo fogo, inteiras dos pés aos joelhos, mas tudo mais nele não queimado. Ele havia mordido o lábio superior. Seus olhos estavam abertos e não se tinham intumescido. Ele metera o machado com tanta força na parede empena que a lâmina se cravara até a metade, e não perdeu a têmpera. Em seguida ele foi levado para fora, e também o machado; Hjalti apanhou o machado e falou: “Esta é uma arma rara, e poucos poderão empunhá-la.” Kári falou: “Eu sei de um homem que portará o machado.” “Quem é ele?” diz Hjalti. “Þorgeirr *skorangeir*,” diz Kári, “que eu considero agora ser o maior homem nessa família.” Então Skarpheðinn foi despido, pois suas vestes não se tinham queimado. Ele havia cruzado os braços, tendo o direito por cima, e encontraram nele dois sinais, um entre os ombros e outro no peito, e em ambos fora queimada uma cruz, e os homens julgaram que ele teria queimado a si próprio. Todos os homens comentaram que parecia melhor estar junto a Skarpheðinn morto do que eles esperavam que seria, pois nenhum homem o temia.

Eles procuraram por Grímr e encontraram seus ossos no meio do salão; encontraram também, diante dele, Þórðr, o alforriado, sob a parede lateral, e no quarto do tear encontraram a velha Sæunn e mais três pessoas. Ao todo, encontraram lá os ossos de onze pessoas. Em seguida, transportaram esses corpos para a igreja.

Então Hjalti cavou para casa, e Kári com ele. Surgiu uma inflamação na perna de Ingjaldr; ele então foi até Hjalti, e ele curou Ingjaldr, e, não obstante, ele desde então foi manco.

Kári cavou até Tunga, ao encontro de Ásgrím. Então Þórhalla havia chegado a casa, e já havia antes contado acerca dos eventos. Ásgrím recebeu Kári de braços abertos e disse-lhe que deveria lá permanecer aquele ano todo; Kári declarou que assim haveria de ser. Ásgrím convidou para junto de si toda a gente que havia morado em Bergþórshváll. Kári diz que era uma boa oferta, – “e eu aceitarei, por conta deles.” Toda a gente mudou-se então para lá.

Þórhallr Ásgrímsson abalou-se tanto quando lhe foi dito que seu pai de criação Njáll estava morto e fora queimado dentro de casa, que ele inchou inteiro e um fluxo de sangue verteu de ambos os seus

ouvidos, e não pode ser estancado, e ele caiu inconsciente, e então o sangramento parou. Depois disso, ele se pôs de pé e declarou que o que lhe ocorrera foi pouco próprio de um homem, – “e eu desejaria vingarme disso que me sucedeu naqueles que o queimaram dentro de casa.” Eles disseram que ninguém lhe estimariam isso como vergonhoso, mas ele disse que não poderia impedir que as pessoas comentassem.

Ásgrímr perguntou a Kári que auxílio ele poderia ter daqueles do lado leste do rio. Kári diz que Mǫrðr Valgarðsson e Hjalti Skeggjason lhes forneceriam tanto apoio quanto pudessem, e assim também Þorgeirr *skorangeirr* e todos os irmãos. Ásgrímr disse que era uma grande força. “Que apoio teremos de ti?” diz Kári. “Todo o apoio que eu puder oferecer,” diz Ásgrímr, “e porei minha vida em jogo.” “Faze assim,” diz Kári. “Eu também,” diz Ásgrímr, “levei o caso a Gizurr, o Branco, e perguntei-lhe como se deveria proceder.” “Fizeste bem,” diz Kári, “mas o que ele aconselhou?” Ásgrímr responde: “Ele aconselhou que conservemos tudo calmo até a primavera, e então cavalguemos para leste e preparemos o caso contra Flosi pelo homicídio de Helgi e convoquemos os vizinhos de casa e façamos o anúncio do caso do incêndio na assembleia e convoquemos lá os mesmos vizinhos para a corte. Eu perguntei a Gizurr também quem deveria proceder com a acusação de homicídio, e ele disse que Mǫrðr deveria fazê-lo, ainda que isso lhe desaprouvesse, – ‘assim lhe caberá a parte mais pesada, que ele se portou da pior maneira neste caso todo. Kári deverá mostrar-se sempre enfurecido quando encontrá-lo, e isso há de ganhá-lo, e também minhas dicas em relação a outras coisas,’ disse Gizurr.” Kári falou então: “Procederemos conforme teus conselhos, enquanto tivermos essa opção e tu desejares estar à nossa frente.”

Deve-se dizer acerca de Kári que ele não conseguia dormir de noite. Uma noite, Ásgrímr acordou e escutou que Kári estava desperto. Ásgrímr falou: “Acaso não tens sono de noite?” Kári pronunciou então estes versos:

*15. Não chega, pela noite inteira, o sono
– Ullr da corda d’ olmo – aos meus olhos,
o pleiteador de escudos eu memoro.
Desde que os lenhos
da chama da morada da batalha
queimaram Njáll no outono em sua casa
não me deixa a lembrança este malfeito.*

Kári não mencionava nenhum homem com tanta frequência quanto Njáll e Skarpheðinn. Ele jamais maldizia seus inimigos, e jamais os ameaçava.

CAPÍTULO CXXXIII

Agora há para se contar que, em Svínafell, Flosi dormia um sono agitado. Glúmr Hildisson acordou-o, e demorou um longo tempo para ele despertar. Flosi mandou que ele chamasse Ketill de Mork. Ketill foi até lá. Flosi falou: “Desejo contar-te meu sonho.” “Bem podes fazê-lo,” diz Ketill. “Eu sonhei,” diz Flosi, “que estava no pico Lómagnúpr caminhando fora de casa e que olhei para o alto do pico. E ele se abriu e de dentro do pico saiu um homem andando e ele trajava um casaco de couro de cabra e trazia na mão um bordão de ferro. Ele andava gritando e convocava meus homens, uns antes, um depois, e chamava-os pelos nomes. Chamou primeiro Grímr, o vermelho, e Árni Kolsson. Então me pareceu dar-se algo espantoso: pareceu-me que ele chamou Eyjólfur Þólverksson e Ljótr, filho de Hallr de Síða, e uns seis homens. Então ele quedou-se calado alguns instantes. Em seguida, chamou cinco homens de nossa companhia, e entre eles os filhos de Sigfúss, teus irmãos. Então ele chamou outros cinco homens, e entre eles estava Lambi e Móðólfr e Glúmr. Então chamou três homens. Por fim, ele chamou Gunnarr Lambason e Kolr Þorsteinsson. Depois disso, caminhou até mim; eu perguntei-lhe quais eram as novas. Ele disse que contaria quais as novas. E eu lhe perguntei o nome; ele se nomeou Grímr-de-Ferro. Eu perguntei aonde ele iria; ele disse que iria à assembleia geral. “O que farás lá?” disse eu. Ele respondeu: “Primeiro desafiarei o júri, e então a corte, e então o campo de batalha para os matadores.” Em seguida ele declamou isto:

*16. Þundr duro da víbora de aço
se erguerá nesta terra;
verão os homens muitas fortalezas
de miolos na lama.
O assovio do prélio das espadas
em meio aos cômoros rressonará;
em pernas de homens há de condensar-se
sanguino orvalho em cópia.*

Então ele deixou cair o bordão, e fez-se um grande estrondo; caminhou então para dentro da montanha, e isso me causou pavor. Eu

desejo agora que digas o que julgas que meu sonho é.” “O meu pressentimento,” diz Ketill, “e de que todos quantos foram chamados estejam fadados. Parece-me aconselhável que nós dois não mencionemos este sonho a ninguém, conforme estão as coisas.” Flosi disse que assim haveria de ser.

Agora o inverno avança até que termina o Natal. Flosi falou para seus homens: “Agora eu creio que devemos partir de casa; parece-me que dificilmente teremos paz, e devemos agora partir para rogar auxílio. Mostrar-se-á verdade agora o que eu vos disse, que nós precisaríamos cair de joelhos diante de muitos antes que este caso terminasse.”

CAPÍTULO CXXXIV

Em seguida, aprontaram-se todos para partir de casa. Flosi trajava calças e meias numa só peça pois pretendia ir a pé, e ele sabia que então os outros se importariam menos em ir a pé. Eles partiram de casa para Knappavöllr, e, na noite seguinte, foram até o rio Breiðá, e de Breiðá até Kálfafell, de lá até Bjarnanes em Hornafjörðr, de lá seguiram até Stafafell em Lón, e então foram ao rio Þvátta, para junto de Hallr de Síða. Flosi era casado com a filha de Hallr, Steinvör. Hallr recebeu-os muito bem. Flosi falou para Hallr: “Desejo pedir-te, sogro, que cavalgues junto comigo para a assembleia, com todos os teus vassalos.” Hallr falou “Dá-se agora conforme se diz, que por pouco tempo a mão permanece alegre com o golpe. Os mesmos homens de tua companhia que ora andam com a cabeça baixa antes almejavam o pior. Mas eu tenho a obrigação de dar-te meu auxílio, tanto quanto eu posso.” Flosi falou: “Que conselho tu me dás agora, conforme a situação se mostra?” Ele responde: “Tu deves ir bem para norte, até Vápnafjörðr, e pedir auxílio a todos os chefes, e, não obstante, terás necessidade deles todos antes que a assembleia se encerre.”

Flosi quedou-se lá por três noites e repousou e de lá partiu para leste rumo a Geitahellur e então seguiu até Berufjörðr, e eles pernoveram lá. De lá seguiram para leste até Breiðdalr, em Heydalr; lá morava Hallbjörn, o forte; ele era casado com Oddný, irmã de Sörli Brodd-Helgason, e Flosi obteve lá uma boa recepção. Hallbjörn perguntou muito acerca do incêndio, e Flosi contou-lhe tudo em detalhes. Hallbjörn perguntou quão ao norte Flosi pretendia seguir pelos fiordes; ele disse que pretendia ir até Vápnafjörðr. Flosi apanhou então o saco de dinheiro de seu cinto e disse desejar dá-lo a Hallbjörn; ele aceitou o saco de dinheiro, mas disse não ter presentes para Flosi, –

“contudo, desejo saber como queres que eu to repague.” “Não tenho necessidade de bens de valor,” diz Flosi, “mas eu gostaria que tu cavalgasses para a assembleia comigo e prestasses-me auxílio em meu caso. Todavia, não tenho contigo parentesco, nem o tem minha mulher.” Hallbjörn falou: “Eu prometerei cavalgar para a assembleia e prestar-te auxílio como se tu fosses meu irmão.” Flosi agradeceu-lhe.

De lá Flosi cavalgou através de Breiðdalsheiðr, e então chegou a Hrafnkelsstaðir. Lá morava Hrafnkell, filho de Þórir, filho de Hrafnkell, filho de Hrafn. Flosi obteve lá uma boa recepção, e pediu a Hrafnkell que cavalgasse para a assembleia e lhe desse auxílio. Hrafnkell esquिवou-se por um longo tempo, até que, por fim, acabou prometendo que seu filho Þórir cavalgaria com todos os vassallos deles e que lhe seria de tanto auxílio quanto os demais *goðar* de seu distrito. Flosi agradeceu-lhe e partiu de lá para Bersastaðir; lá morava Hólmsteinn, filho de Spak-Bersi, e ele recebeu Flosi muito bem e ofereceu a Flosi auxílio. Hólmsteinn disse-lhe que já recebera dele havia muito tempo o pagamento pelo auxílio.

De lá foram para Valþjófsstaðir. Lá morava Sqrli Brodd-Helgason, irmão de Bjarni; ele era casado com Þórdís, filha de Guðmundr, o poderoso, de Møðruvellir. Obtiveram lá boa recepção. E pela manhã Flosi fez menção à possibilidade de Sqrli cavalgar para a assembleia junto com ele, e ofereceu-lhe dinheiro para isso. “Eu não sei,” diz ele, “enquanto não souber qual a posição de Guðmundr, o poderoso, meu sogro, nesta questão, pois eu desejo estar do lado dele, esteja ele do lado que estiver.” Flosi falou: “Percebo em tua resposta que tu és governado pela mulher.” Em seguida, Flosi pôs-se de pé e mandou que seus homens apanhassem suas roupas e armas; eles então partiram de lá e não obtiveram lá nenhum auxílio.

Seguiram então abaixo do rio Lagarfljót e através da charneca, até Njarðvík. Lá moravam dois irmãos, Þorkell todo-sábio e Þorvaldr; eram filhos de Ketill þrymr, filho de Þiðrandi, o sábio, filho de Þórir þiðrandi. A mãe de Þorkell todo-sábio e Þorvaldr chamava-se Yngvildr, filha de Þorkell todo-sábio. Flosi obteve lá boa recepção. Contou-lhes tudo que o trouxera lá e pediu-lhes auxílio, mas eles recusaram, até que ele lhes deu três marcos de prata em troca do auxílio; então concordaram em prestar ajuda a Flosi. Yngvildr, a mãe deles, estava presente; ela chorou quando ouviu que eles prometeram cavalgar para a assembleia. Þorkell falou: “Por que choras, mãe?” Ela responde: “Eu sonhei que teu irmão Þorvaldr trajava uma túnica vermelha, e ela era tão justa que parecia costurada nele; pareceu-me também que ele trajava

meias vermelhas por baixo e mal atadas. Pareceu-me ruim de ver o quão desconfortável ele estava, mas eu não pude fazer nada.” Eles riram-se e disseram que era bobagem, e falaram que a tolice dela não os impediria de cavalgar para a assembleia. Flosi agradeceu-lhes bem e foi de lá para Vápnafjörðr, e eles chegaram a Hof. Lá morava Bjarni, filho de Brodd-Helgi, filho de Þorgils, filho de Þorsteinn, o branco, filho de Qlvir, filho de Eyvaldr, filho de Øxna-Þórir. A mãe de Bjarni era Halla Lýtingsdóttir; a mãe de Brodd-Helgi era Ásvör, filha de Þórir Graut-Atli, filho de Þórir Þiðrandi. Bjarni Brodd-Helgason era casado com Rannveig, filha de Þorgeirr, filho de Eiríkr de Goðdalir, filho de Geirmundr, filho de Hróaldr, filho de Eiríkr barba-empinada. Bjarni recebeu Flosi de braços abertos. Flosi ofereceu a Bjarni dinheiro em troca de auxílio. Bjarni falou: “Eu jamais barganhei minha hombridade por dinheiro, nem meu auxílio. Mas agora que tens necessidade de auxílio, far-te-ei uma oferta de amizade para cavalgar para a assembleia e prestar-te tanto auxílio quanto eu prestaria a um irmão meu.” “Então tu me fazes totalmente em débito contigo,” diz Flosi, “e, não obstante, isso era de se esperar de tua parte.”

Em seguida, Flosi foi a Krossavík; Þorkell Geitisson era já antes um grande amigo de Flosi. Flosi conta-lhe sobre o que o trazia lá. Þorkell declarou que tinha o dever de prestar-lhe tanto auxílio quanto fosse capaz de oferecer, e de não abandonar o caso dele. Þorkell deu a Flosi bons presentes na partida.

Então Flosi partiu do norte, deixando Vápnafjörðr, e subiu até o distrito de Fljótsdalr e hospedou-se junto a Hólmsteinn Spak-Bersason e contou-lhe que todos se haviam portado bem diante de sua necessidade, exceto Sqrli Brodd-Helgason. Hólmsteinn declarou que o que o levava a isso é o fato de que ele não é um homem arrogante. Hólmsteinn deu bons presentes a Flosi. Flosi subiu por Fljótsdalr e de lá foi para o sul sobre a montanha e cruzou Øxarhraun e desceu por Sviðinhornadalr e foi ao longo de Álptafjörðr pelo oeste, e Flosi não parou antes de chegar a Þvátta, junto a seu sogro Hallr. Lá Flosi permaneceu por meio mês, e também seus homens, e eles descansaram.

Flosi perguntou a Hallr como ele lhe aconselhava agir e que arranjos fazer. Hallr falou: “Eu aconselho que tu permaneças em casa na tua fazenda e também os filhos de Sigfúss, e que eles enviem homens para supervisionarem o trabalho em suas fazendas, e que vós cavalgueis de volta para casa por hora; mas quando cavalgardes para a assembleia, cavalgai todos juntos e não disperseis vosso bando; que os filhos de Sigfúss vão então para encontrar suas mulheres. Eu também

cavalgarei para a assembleia, junto com Ljótr, meu filho, e com todos os nossos vassalos, e prestar-te-ei tanto auxílio quanto eu puder oferecer.” Flosi agradeceu-lhe, e Hallr deu-lhe bons presentes na partida. Flosi deixou então Þvátta, e não há nada para se dizer acerca de sua jornada antes que ele chegou a sua casa em Svínafell. Ele agora permaneceu em casa pelo que restou do inverno, e por todo o verão, até o tempo da assembleia.

CAPÍTULO CXXXV

Agora há para se mencionar que Kári Sölmundarson e Þórhallr Ásgrímsson cavalgaram um dia para encontrarem Gizurr, o Branco; ele recebeu ambos de braços abertos, e os dois lá se quedaram por um tempo bastante longo.

Aconteceu, certa vez, quando eles conversavam sobre o incêndio de Njáll, de Gizurr comentar que foi uma grande sorte Kári ter escapado de lá. Então saíram da boca de Kári estes versos:

17. *O afiador de ograds de elmos fui,
furioso lidador,
contra a minha vontade, da fumaça
da casa de Njáll,
enquanto dentro ardiam furiosos
troncos das labaredas das valquírias.
Saibam os homens que lamento os males.*

Então Gizurr falou: “É compreensível que isso te traga memórias, e nós dois não mais falaremos disso por ora.” Kári disse que tinha intenção então de cavalgar para casa. Gizurr falou: “Dar-te-ei agora conselhos úteis. Tu não cavalgarás de volta para casa, mas cavalgarás embora, se desejas; cavalgarás bem para o leste, até Holt, junto aos montes Eyjaföll, para encontrar então Þorgeirr *skorangeirr* e Þorleifr corvo. Eles cavalgarão junto contigo do leste, pois são responsáveis por levar adiante a acusação deste caso. Junto com eles cavalgará também seu irmão Þorgrím, o grande. Vós cavalgareis até Mörðr Valgarðsson. Deverás transmitir-lhe minhas palavras, para que assuma o caso do homicídio de Helgi contra Flosi. Mas se ele disser algo contra isso, deverás então portar-te do modo mais enfurecido, e faze parecer que tu poderias deitar um machado na cabeça dele; deverás dizer, outrossim, que eu estou furioso, se ele deseja dificultar muito as coisas. Além disso, deverás dizer que eu irei buscar minha filha

Þorkatla e tratarei para que ela volte a morar comigo, e isso ele não há de tolerar, pois a ama como aos olhos de sua face.” Kári agradeceu-lhe os conselhos. Kári não conversou sobre auxílio com ele, pois julgava que ele haveria de portar-se amigavelmente neste aspecto como nas demais questões.

Kári cavalgou de lá para leste cruzando os rios e então chegou a Fljótshlíð e seguiu para leste, cruzando o rio Markarfljót, e então até Seljalandsmúli. Eles cavalgam para leste até Holt. Þorgeirr recebeu-os com a maior afeição. Ele lhes contou sobre as andanças de Flosi e quantos homens lhe prometeram auxílio nos Fiordes do Leste. Kári disse que era bastante compreensível que ele pedisse auxílio para si, tamanha a gravidade do caso em que ele deveria prestar contas. Þorgeirr falou: “Tanto melhor será quanto pior eles se saírem.” Kári conta a Þorgeirr os conselhos de Gizurr.

Em seguida, cavalgaram do leste para Rangárvellir, para junto de Mǫrðr Valgarðsson; ele os recebeu bem. Kári transmite-lhe a mensagem de Gizurr, o Branco, seu sogro. Ele mostrou-se bastante difícil; disse que seria mais árduo levar adiante a acusação contra Flosi do que contra outros dez. Kári falou: “Tu ages bem conforme ele julgava que agirias, pois és de todo malévolos, que és medroso e covarde. E terás o que mereces, que Þorkatla retornará para a casa de seu pai.” Ela se aprontou imediatamente e declarou que já estava pronta havia muito tempo para separar-se dele. Mǫrðr então mudou sua disposição rapidamente bem como seu discurso e pediu-lhes que não lhe tivessem raiva e assumiu o caso imediatamente. Kári falou então: “Agora tu assumiste o caso, e procede destemido com a acusação, pois tua vida está em jogo.” Mǫrðr declarou que haveria de empregar toda a sua coragem para fazê-lo bem e bravamente.

Depois disso, Mǫrðr convocou para si nove vizinhos; eram todos vizinhos do local do incêndio. Mǫrðr então tomou a mão de Þorgeirr e nomeou duas testemunhas, – “em testemunho de que Þorgeirr Þórisson outorga-me o caso de homicídio contra Flosi Þórðarson, para eu proceder com a acusação referente ao homicídio de Helgi Njálsson com todas as provas de acusação que tenham de acompanhar a acusação. Outorgas-me a incumbência de proceder com esta acusação para que eu leve adiante as ações de acusação e chegue a uma conciliação, e que utilize todas as provas, como se fosse eu o legítimo querelante; outorgas-me o caso com a lei, e eu o recebo com a lei.”

Uma segunda vez Mǫrðr nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” diz ele, “de que faço o anúncio de ataque pessoal

legalmente punível contra Flosi Þórðarson, que ele impingiu em Helgi Njálsson um ferimento no cérebro ou na carne ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi obteve sua morte. Faço o anúncio perante cinco vizinhos,” – e nomeou-os todos – “faço o anúncio legal; faço o anúncio de que a incumbência de proceder com a acusação foi-me outorgada por Þorgeirr Þórisson.” Novamente ele nomeou testemunhas, – “em testemunho de que faço o anúncio de ferimento no cérebro ou na carne ou na medula contra Flosi Þórðarson, ferimento este que fez-se chaga mortal e do qual Helgi recebeu sua morte, no local onde Flosi Þórðarson levou a cabo por primeiro ataque pessoal legalmente punível contra Helgi Njálsson. Faço o anúncio diante de cinco vizinhos,” – em seguida, nomeou-os todos, – faço o anúncio legal; faço o anúncio de que a incumbência de proceder com a acusação foi-me outorgada por Þorgeirr Þórisson.” Então Mqrðr nomeou para si testemunhas pela terceira vez, – “em testemunho,” diz ele, “de que convoco estes nove vizinhos do local do incêndio,” – e nomeou-os todos com seus nomes – “para cavalgarem à assembleia e desafiarem o júri e asseverarem o fato de que Flosi Þórðarson levou a cabo ataque pessoal legalmente punível contra Helgi Njálsson naquele local onde Flosi Þórðarson desferiu em Helgi Njálsson ferimento no cérebro ou na carne ou na medula, o qual fez-se chaga mortal e do qual Helgi recebeu sua morte. Eu vos convoco com todas as palavras que a lei vos exige e que vos peço que façais diante da corte e que tenham de acompanhar este caso. Eu vos convoco em convocação legal, de modo tal que vós próprios escuteis. Eu vos convoco na incumbência de proceder com a acusação que me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson.” Mqrðr nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” diz ele, “de que convoco estes nove vizinhos do local do incêndio para cavalgarem para a assembleia e desafiarem o júri e asseverarem o fato de que Flosi Þórðarson desferiu em Helgi Njálsson um ferimento no cérebro ou na carne ou na medula, o qual se fez chaga mortal e do qual Helgi obteve sua morte naquele local onde Flosi levou a cabo primeiro ataque pessoal legalmente punível contra Helgi Njálsson. Eu vos convoco com todas as palavras que a lei vos exige e que vos peço que façais diante da corte e que tenham de acompanhar este caso. Eu vos convoco em convocação legal; eu vos convoco de modo tal que vós próprios escuteis. Eu vos convoco na incumbência de proceder com a acusação que me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson.”

Então Mqrðr falou: “Aqui está o caso preparado conforme pedistes, e eu agora desejo pedir-te, Þorgeirr, para vires até mim quando

cavalgares para a assembleia, para que nós dois cavalguemos juntos com nossas companhias então e que nos conservemos bem unidos, pois meus seguidores estarão prontos logo para o início da assembleia, e eu vos serei fiel em tudo.” Eles receberam esse pedido muito bem, e isso foi combinado através de juramentos, para que ninguém abandonasse o outro antes que Kári assim desejasse, e cada um deles deveria arriscar sua própria vida pela vida dos demais. Em seguida separaram-se com amizade e combinaram o encontro na assembleia.

Dorgeirr então cavalcou de volta para o leste, e Kári cavalcou para oeste, cruzando os rios, até que chegou a Tunga, junto a Ásgrímr; ele os recebeu magnificamente bem. Kári contou a Ásgrímr todo o plano de Gizurr, o Branco, e a preparação do caso. “Isso é o que eu esperava dele,” diz Ásgrímr, “que ele agiria bem, e provou que eu estava certo.” Ásgrímr falou: “Que notícias tens vindas do leste, de Flosi?” Kári responde: “Ele foi bem a leste, até Vápnafjörðr, e quase todos os chefes prometeram dar-lhe auxílio e cavalgar para a assembleia. Eles esperam também ter o auxílio dos homens de Reykjardalr e Ljósavatn e Øxarfjörðr.” Eles discutiram muito sobre a situação. E agora se passa o tempo até que se aproxima a assembleia.

Þórhallr Ásgrímsson apanhou uma inflamação tamanha em sua perna que acima do tornozelo sua perna estava tão grossa e inchada quanto a coxa de uma mulher, e ele não podia caminhar senão com um bordão. Ele era um homem de grande estatura e vigoroso e forte, cabelos escuros e também assim era sua pele, bastante comedido com as palavras, porém destemperava-se rapidamente. Ele era um dos três maiores jurisprudentes na Islândia.

E agora chega o momento em que os homens devem cavalgar de casa para a assembleia. Ásgrímr falou com Kári: “Tu deverás cavalgar para chegar logo no início da assembleia e erguer nossas tendas, e meu filho Þórhallr te acompanhará; pois tu serás o melhor e mais brando para acompanhá-lo, uma vez que ele tem a perna enferma, e nós precisaremos dele ao máximo nesta assembleia. Convosco cavalgarão também outros vinte homens.” Depois disso, sua jornada foi aprontada, e eles cavalgaram depois para a assembleia e ergueram as tendas e fizeram bem todos os preparativos.

CAPÍTULO CXXXVI

Flosi cavalcou do leste, e também os cem homens que com ele participaram do incêndio. Eles cavalgaram até que chegaram a Fljótshlíð. Os filhos de Sigfúss então inspecionaram as coisas e deram

ordens para as tarefas em suas fazendas, e quedaram-se lá durante o dia, mas de noite cavalgaram para oeste, cruzando o rio Þjórsá, e dormiram lá aquela noite. E, de manhã cedo, apanharam seus cavalos e seguiram jornada. Flosi falou para seus homens: “Agora cavalgaremos para Tunga, para irmos ter com Ásgrímr e o intimidarmos.” Eles disseram que era uma boa ideia. Cavalgam agora até que estão a uma curta distância de Tunga.

Ásgrímr estava postado do lado de fora de casa e alguns homens com ele; eles veem o bando tão logo se os pode ver. Os homens da casa de Ásgrímr falaram: “Deve ser lá Þorgeirr skorargeirr.” Ásgrímr falou: “Eu acho que não é ele; aqueles homens vêm às risadas e com gritos alegres, e os parentes de Njáll, tal qual é Þorgeirr, não darão risadas antes que ele seja vingado. E eu suspeito de outra coisa; pode ser que isso vos pareça improvável. Eu creio que possa ser Flosi e os incendiários junto com ele, e eles terão a intenção de vir aqui para intimidar-nos. Devemos todos agora entrar em casa.” Eles assim fizeram. Ásgrímr mandou varrer a casa e estender as tapeçarias, pôr a mesa e servir comida; mandou colocar assentos frontais diante dos bancos, ao longo de todo o salão.

Flosi chegou cavalgando ao quintal e ordenou que seus homens se apeassem dos cavalos e entrassem; eles assim fizeram. Flosi e os seus entraram no salão, e Ásgrímr estava sentado no banco. Flosi observou os bancos e viu que tudo havia sido arrumado para suprir as necessidades dos homens. Ásgrímr não os saudou, mas falou para Flosi: “As mesas estão postas de modo que há comida à disposição daqueles que dela precisem.” Flosi sentou-se à mesa, e também todos os seus homens, e apoiaram suas armas na parede. Aqueles que não puderam sentar-se nos bancos sentaram-se nos assentos frontais, e quatro homens permaneciam de pé, armados, à frente do local onde estava sentado Flosi, enquanto eles comiam. Ásgrímr permaneceu quieto durante a refeição e estava tão vermelho de se ver como sangue. E, quando eles se saciaram de comer, as mulheres retiraram as mesas, e algumas trouxeram banhos. Flosi não agia em nada mais ansioso do que se estivesse em sua casa. Uma machadinha de cortar lenha jazia no canto do banco. Ásgrímr apanhou-a com ambas as mãos e correu sobre o tronco do banco e desferiu um golpe contra a cabeça de Flosi. Glúmr Hildisson logrou ver o assalto, saltou imediatamente sobre o banco e agarrou o machado diante das mãos de Ásgrímr e virou imediatamente o fio do machado contra Ásgrímr, pois Glúmr era um homem vigoroso e forte. Então muitos mais homens pularam e quiseram atacar Ásgrímr.

Flosi declarou que nenhum homem haveria de fazer-lhe mal, – “pois nós lhe impusemos uma grande provocação, e ele fez aquilo que tinha de fazer, e demonstrou ser destemido.” Flosi falou para Ásgrímr: “Nós nos separaremos agora sãos e nos encontraremos na assembleia e tiraremos todo este caso a limpo lá.” “Assim será,” diz Ásgrímr, “e eu desejaria que, quando a assembleia se tiver encerrado, vós caminheis mais cabisbaixos.” Flosi não disse nada em resposta. Eles então caminharam para fora e montaram em seus cavalos e cavalgaram embora.

Eles cavalgaram até que chegaram a Laugarvatn, e lá pernoitaram. E, pela manhã, cavalgaram até Beitivellir e deram lá descanso e pasto aos cavalos; então cavalgaram ao encontro deles lá muitos bandos; foi lá Hallr de Síða e todos os homens dos Fiordes do Leste. Flosi recebeu-os muitíssimo bem e contou-lhes acerca de suas jornadas e do que se passara entre ele e Ásgrímr. Muitos louvaram Flosi e disseram que ele agiu muito bravamente. Hallr falou: “E tenho outra opinião sobre isso, pois isso me parece ter sido um gesto néscio. Eles já se recordariam dos malfeitos que sofreram, ainda que não fossem lembrados, e homens que intimidam os outros assim pesadamente encontram muitos problemas.” Hallr demonstrava claramente que considerava isso uma ação muito descabida.

Eles cavalgaram de lá todos juntos até que chegaram aos Campos de cima, e ordenaram lá toda a sua tropa e cavalgaram então para baixo até a assembleia. Flosi mandara montar a tenda de Byrgi antes que cavalgou para a assembleia, e os homens dos Fiordes do Leste cavalgaram para suas tendas.

CAPÍTULO CXXXVII

Agora há para se contar que Þorgeirr *Skorargeirr* cavalgou do leste com grande bando. Com ele estavam seus irmãos Þorleifr corvo e Þorgrímr o grande. Eles cavalgaram até que chegaram a Hof, junto a Mjörðr Valgarðsson, e aguardaram lá até que ele estivesse pronto. Mjörðr havia convocado todo homem que fosse apto a portar armas, e eles o encontraram muito firme e decidido em todos os aspectos. Cavalgaram em seguida até que chegaram a oeste cruzando os rios, e lá aguardaram Hjalti Skeggjason. Ele chegou depois que eles estavam lá a aguardá-lo havia um breve tempo; cumprimentaram-no bem, e todos juntos cavalgaram até que chegaram a Reykir, em Biskupstunga, e aguardaram lá Ásgrímr; ele veio lá ao encontro deles.

Cavalgaram então para oeste cruzando o rio Brúará, e Ásgrímr conta-lhes de tudo quanto se passara entre si e Flosi. Þorgeirr falou: “Eu gostaria que puséssemos à prova a hombridade deles antes que a assembleia se encerrasse.” Eles cavalgaram, em seguida, até que chegaram a Beitivellir. Veio lá Gizurr, o Branco, com um séquito muitíssimo grande. Eles então conversaram um longo tempo. Cavalgaram então até os Campos superiores e puseram em formação toda a sua tropa e cavalgaram então até a assembleia. Flosi e seus homens correram todos para suas armas, e parecia claro que eles lutariam, mas Ásgrímr e seus seguidores não fizeram nenhum movimento para lutar e cavalgaram até suas tendas. As coisas permaneceram agora em paz aquele dia, de modo que eles não foram ter uns com os outros. Havia então chegado chefes de todos os quartos da terra, e nenhuma assembleia antes esteve tão povoada, conforme o que os homens recordavam.

CAPÍTULO CXXXVIII

Um homem chamava-se Eyjólfur; ele era filho de Þolverkr, filho de Eyjólfur, o cinza, de Otradalr, filho de Þórðr gritador, filho de Óleifr *feilan*; a mãe de Eyjólfur era Hróðný, filha de Miðfjarðar-Skeggi, filho de Skinna-Björn, filho de Skútaðar-Skeggi. Eyjólfur era um homem muito honrado e de todos os homens o mais hábil com as leis, de modo que era um dos três maiores jurisprudentes na Islândia. Era de todos os homens o mais belo na aparência, grande e forte e tinha tudo para tornar-se o melhor chefe; era ávido por dinheiro, como seus demais parentes.

Flosi andou, certo dia, até a tenda de Bjarni Brodd-Helgason. Bjarni recebeu-o de braços abertos, e Flosi sentou-se ao lado de Bjarni. Eles conversaram muito. Flosi falou para Bjarni: “O que deverá ser feito agora?” Bjarni respondeu: “Pretendo agora dar conselhos para resolver as dificuldades, mas parece-me mais aconselhável pedir auxílio, pois aqueles reúnem forças contra vós. Eu desejo também perguntar-te, Flosi, se há em vossa companhia algum homem que seja realmente um grande jurisprudente, pois vós tendes duas alternativas: uma é pedir conciliação, e esta é muito boa, a outra é defender o caso com a lei, se isso puder ser feito e houver possibilidade de defesa, conquanto isso me pareça uma ação obstinada. Parece-me, pois, ser esta a alternativa mais aconselhável, que já agistes de modo arrogante até este momento, e não cabe agora que vos rebaixeis.” Flosi falou: “Agora que me perguntaste sobre homens jurisprudentes, dir-te-ei rapidamente

que não há nenhum em nossa companhia e não tenho esperança que haja nenhum nos Fiordes do Leste, exceto Þorkell Geitisson, teu parente.” Bjarni falou: “Não contaremos com ele; ainda que ele seja sábio nas leis, é, não obstante, muito prudente. Nenhum homem deve julgar que poderá usá-lo como escudo, mas ele te acompanhará como aquele que melhor acompanha, pois é destemido. Mas te direi que o homem que conduzir a defesa no caso do incêndio receberá a morte, e eu não desejo isso para Þorkell, meu parente. Deveremos buscar alguém em outra parte.” Flosi disse que não fazia ideia de quais seriam os maiores jurisprudentes. Bjarni falou: “Um homem chama-se Eyjólfur e é filho de Þolhverkr; ele é o maior jurisprudente no quarto dos Fiordes do Oeste, e será preciso oferecer-lhe muito dinheiro, se havemos de trazê-lo para o caso, e, não obstante, não será o caso de agirmos por conta disso. Devemos caminhar armados para todos os procedimentos legais e permanecer alertas ao máximo, mas não atacá-los a não ser que tenhamos de defender nossas vidas. Acompanhar-te-ei agora para pedir auxílio, pois me parece que não se deva permanecer quieto.”

Em seguida, saíram de sua tenda e caminharam até a dos homens de Øxarfjörðr. Bjarni falou então com Lýtingr e Blæingr e Hrói Arnsteinsson, e obteve deles rapidamente tudo que desejava.

Então foram ao encontro de Kolr, o filho de Víga-Skúta, e Eyvindr, filho de Þorkell, filho do *goði* Áskell, para pedir-lhes auxílio, mas eles relutaram muito e recusaram, até que, por fim, receberam três marcos de prata e aderiram ao caso deles.

Então caminharam até a tenda dos homens de Ljósavatn e lá permaneceram por um tempo. Flosi pediu auxílio aos homens de Ljósavatn, mas eles se mostraram difíceis e inflexíveis. Flosi então falou com muita raiva: “Fazeis mal. Sois impetuosos em casa, em vosso distrito, e injustos, mas não desejais prestar auxílio aos homens nas assembleias, mesmo quando eles vos rogam. Sereis, outrossim, muito reprovados, e sereis motivo de escárnio nas assembleias, se não vos lembrardes do escárnio que Skarpheðinn impôs a vós, homens de Ljósavatn.” Numa outra ocasião, Flosi falou a sós com eles e ofereceu-lhes dinheiro para que lhe dessem auxílio, e assim ganhou-os com adulações. E, por fim, eles lhe prometeram auxílio, e mostraram-se tão determinados que se declararam dispostos a lutar ao lado de Flosi, caso isso viesse a ser necessário. Bjarni falou para Flosi: “Agiste bem. És um grande chefe e um homem vigoroso e resoluto, e não te dobras facilmente.”

Em seguida, foram-se dali e cruzaram o rio Øxará para oeste, e foram à tenda Hlaðbúð. Viram que havia muitos homens postados diante da tenda. Havia lá um homem que tinha sobre os ombros um casaco escarlate, uma faixa de ouro em torno da cabeça e um machado adornado com prata na mão. Bjarni falou: “Dá-se tudo muito bem; ali está Eyjólfur Þólverksson.” Em seguida, caminharam ao encontro de Eyjólfur e o cumprimentaram. Eyjólfur reconheceu Bjarni imediatamente e recebeu-o bem. Bjarni tomou Eyjólfur pela mão e levou-o para cima da Fenda Almannagjá. Bjarni pediu que Flosi os seguisse, junto com seus homens; os homens de Eyjólfur também caminharam com ele. Eles lhes pediram que ficassem sobre a borda da Fenda e observassem as coisas de lá.

Eles caminharam até que chegaram a um local onde havia uma trilha que descia da parte mais alta da Fenda. Flosi disse que lá era bom de sentar-se e que se podia ter uma ampla vista. Eles se sentaram lá; eles eram lá quatro homens ao todo, e não mais. Bjarni então falou para Eyjólfur: “Foi para encontrar-te que viemos, amigo,” diz ele, “pois precisamos muito de teu auxílio em todas as coisas.” Eyjólfur falou: “Há agora aqui na assembleia uma boa seleção de homens, e tereis pouca dificuldade para encontrar homens que vos serão de muito mais força e valia do que aqui onde estou eu.” Bjarni falou: “Não é assim, pois tu tens muitos atributos que fazem com que não haja homens melhores que tu aqui na assembleia. Primeiro, acontece de seres de tão boa família, como o são os outros descendentes de Ragnarr Loðbrók. Teus antepassados sempre estiveram presentes nos grandes casos tanto nas assembleias quanto em casa, no distrito, e eles sempre receberam o maior quinhão; parece-nos, pois, provável que tu te saias vitorioso nos casos legais, conforme teus parentes.” Eyjólfur responde: “Tu falas bem, mas eu creio que corresponderei pouco a isso.” Flosi falou: “Não é preciso revolver a questão que temos em mente: desejamos pedir-te auxílio neste nosso caso, e que venhas à corte conosco e faças a defesa, se ela for possível, e procures pontos que possam servir à nossa defesa e os explores, e que nos prestes auxílio em todas as coisas que possam surgir nesta assembleia.” Eyjólfur sobressaltou-se furioso e disse então que nenhum homem deveria esperar que poderia fazê-lo de bobo ou usá-lo como escudo, num caso que em nada lhe dizia respeito. “E eu vejo agora,” diz ele, “para que vos serviram todas as adulações que me fizestes.” Hallbjörn, o Forte, segurou-o e fê-lo sentar-se entre si e Bjarni e falou: “A árvore não tomba no primeiro golpe, amigo,” diz ele, “e senta-te aqui conosco primeiro.” Flosi retirou de seu braço um bracelete

de ouro e falou: “Desejo dar-te este bracelete, Eyjólf, em troca de tua amizade e auxílio, e para mostrar-te que não desejo fazer-te de bobo. O melhor que tens a fazer é aceitar o bracelete, que não há na assembleia homem ao qual eu tenha dado tamanho presente.” O bracelete era tão grande e tão bem feito, que valia doze centenas de varas de tecido de fio cru. Hallbjörn colocou o bracelete no braço dele. Eyjólf falou: “É mais provável que eu aceite agora o bracelete, assim bem conforme te portas. Poderás também esperar que eu assuma a defesa e faça tudo quanto for necessário.” Bjarni falou: “Agora cada um de vós dois age bem. Há aqui também homens bem apropriados para serem testemunhas, eu e Hallbjörn, para que tu assumas o caso.” Eyjólf então se pôs de pé, e assim também fez Flosi; eles apertaram as mãos então; Eyjólf então recebeu a defesa de Flosi e quaisquer outras ações que dela pudessem decorrer, pois uma defesa pode tornar-se uma acusação; ele então recebeu todas as provas de acusação que haveriam de acompanhar aquela acusação, fosse na corte do quarto ou na quinta corte que se tivesse de proceder com a acusação; Flosi outorgou o caso com a lei, e Eyjólf recebeu-o com a lei. Ele então falou para Flosi e Bjarni: “Agora eu assumi o caso, conforme vós me pedistes. Desejo agora, porém, que conserveis isto em segredo num primeiro momento. Mas, se o caso for à quinta corte, deveis então evitar ao máximo contar que me destes dinheiro em troca do auxílio.”

Flosi então se pôs de pé, e também Bjarni e todos os demais; Flosi e Bjarni caminharam cada um para sua tenda, e Eyjólf caminhou até a tenda de Snorri, o goði, e sentou-se ao lado deste. Eles conversaram muito. Snorri, o goði, segurou o braço de Eyjólf e puxou-lhe a manga e viu que ele tinha um grande bracelete. Então Snorri falou: “Este bracelete foi comprado ou dado?” Eyjólf ficou-se reticente e não teve nada o que dizer. Snorri falou: “Compreendo bem que tu o aceitaste como presente, e que este bracelete não venha a ser a causa de tua morte.” Eyjólf sobressaltou-se e caminhou para longe dali e não quis falar sobre a questão. Snorri falou, ao ver que Eyjólf se pôs de pé: “É mais provável que, quando as cortes forem encerradas, tu saibas o que é que tu aceitaste.” Eyjólf caminhou então para sua tenda.

CAPÍTULO CXXXIX

Agora há para se mencionar, com relação a Ásgrím Elliða-Grímsson e Kári Sölmundarson e seus homens, que eles todos se reuniram com Gizurr, o Branco, Hjalti Skeggjason e Þorgeirr skorageirr, e mais Mörðr Valgarðsson. Ásgrím tomou então a palavra:

“Não é necessário falar em segredo, pois aqui se encontram apenas homens que sabem que podem confiar uns nos outros. Desejo agora perguntar-vos se conheceis algo dos planos de Flosi e seus seguidores. Parece-me que precisaremos refazer nossos planos.” Gizurr, o Branco, responde: “Snorri, o goði, enviou um homem para dizer-me que Flosi recebeu muitos apoiadores entre os homens do norte da terra, e que seu parente Eyjólfur Þólværksson recebeu um bracelete de ouro de alguém e tentou escondê-lo, e Snorri disse que supunha que Eyjólfur Þólværksson tenha sido tomado com o objetivo de proceder com a defesa legal do caso e que o bracelete teria sido dado em troca disso.” Eles todos concordaram que assim seria. Gizurr falou para eles: “Agora o meu genro Mörðr assumiu este caso, o qual a todos parecerá o mais árduo: a acusação de Flosi. Desejo agora que vós dividais entre vós as incumbências de acusadores, pois em breve deveremos fazer os anúncios das acusações na rocha da lei. Precisaremos agora também pedir auxílio para nós.” Ásgrímr responde: “Assim haverá de ser também, mas desejamos pedir que tu nos acompanhes quando formos rogar auxílios.” Gizurr diz que assim fará.

Em seguida, Gizurr escolheu todos os mais sábios homens dentre seu bando para acompanhá-lo; lá estavam Hjalti e Ásgrímr e Kári e Þorgeirr skorargeirr. Então Gizurr falou: “Agora iremos primeiramente à tenda de Skapti Þóroddson.” Em seguida, caminharam até a tenda dos homens de Qlfuss. Gizurr andava à frente, em seguida Hjalti, então Kári, então Ásgrímr, então Þorgeirr, então os irmãos deste; entraram na tenda. Skapti estava sentado no banco. E, quando viu Gizurr, pôs-se de pé para recebê-lo e cumprimentou-o bem, e também aos demais todos, e pediu que Gizurr se sentasse ao seu lado; ele se sentou então. Gizurr falou para Ásgrímr: “Agora deverás fazer menção a Skapti sobre o pedido de auxílio, e eu acrescentarei tudo quanto me parecer necessário.” Ásgrímr falou: “Nós aqui viemos para obter de ti, Skapti, auxílio e força.” Skapti falou: “Eu me mostrei inflexível convosco da última vez, quando não desejei assumir vossos problemas.” Gizurr falou: “Agora a situação é diferente. Trata-se agora de proceder com as ações pela morte do fazendeiro Njáll e da senhora do lar Bergþóra, os quais foram ambos queimados dentro de casa sem causa, e pelos três filhos de Njáll e muitos outros bons homens. E tu jamais estarás desejoso de não prestar auxílio aos homens e não ajudar aos teus parentes e aos de tua esposa.” Skapti responde: “Eu tinha isso em mente então, quando Skarphedinn falou comigo que eu havia besuntado minha cabeça com piche e cobri-me com um pedaço de relva cortada, e ele me

disse que eu havia estado tão assustado que Þórólfr Loptsson levou-me a bordo de seu navio em sacos de farinha e me transportou assim para a Islândia, e decidi que não assumiria ações por ele.”²¹⁹ Gizurr falou: “Não se deve recordar isso agora, pois aquele que falou isso está agora morto. Tu hás de querer prestar a mim auxílio, ainda que não queiras fazê-lo por conta de outros homens.” Skapti responde: “Este caso não te diz respeito, a não ser que tu estejas desejoso de envolver-te com eles.” Gizurr enfureceu-se muito então e falou: “Tu és diferente de teu pai, conquanto ele parecesse um pouco controverso; ele sempre mostrou-se pronto a auxiliar os homens quando mais lhe tinham necessidade.” Skapti falou: “Nós temos temperamentos diferentes. Vós julgais ter tomado ações em grandes casos: tu, Gizurr, o Branco, quando atacaste Gunnarr em Hlíðarendi, e Ásgrímr pelo fato de ter matado Gaukr, seu irmão de criação.” Ásgrímr responde: “*Poucos memoram o melhor quando conhecem o pior.* Mas muitos dirão que eu não matei Gaukr antes que me houvesse necessidade de fazê-lo. Tens alguma desculpa por não nos prestares auxílio, mas, por outro lado, é injustificável que nos lances ofensas. Eu gostaria que, antes que se encerre a assembleia, tu recebas a maior desonra deste caso e que ninguém te compense por tua vergonha.”

Gizurr e os demais então se puseram de pé e foram-se dali até a tenda de Snorri, o goði, e entraram na tenda. Ele de imediato reconheceu os homens e pôs-se de pé para recebê-los e deu-lhes as boas vindas a todos e concedeu-lhes espaços para sentarem-se ao seu lado. Em seguida, perguntaram uns aos outros quais as novas. Ásgrímr falou para Snorri: “Eu e meu parente Gizurr viemos aqui para pedir-te auxílio.” Snorri responde: “Tu te pronuncias sobre algo justificável, que levas adiante ações pelas mortes dos parentes de tua esposa, tendo em vista que homens eles foram. Nós já recebemos muitos bons conselhos de Njáll, ainda que poucos se lembrem disso agora. Mas eu não sei de que auxílio julgais mais precisar.” Ásgrímr responde: “Julgamos precisar mais caso venhamos a lutar na assembleia.” Snorri falou: “Dá-se também,” diz ele, “de arriscardes muito com isso. É mais provável que procedeis com a acusação com bravura, e eles também assim hão de defender-se; e nenhuma das partes cederá à outra. Vós então não os suportareis e desejareis atacá-los, e isso será então o que restará a ser feito, pois eles desejarão repagar-vos com vergonha pelas perdas de homens e com desonra pelas mortes de parentes.” Parecia bem claro que ele os incitava. Gizurr falou então: “Pronuncias-te bem, Snorri,” diz

²¹⁹ Cf. cap. CIX.

ele, “ages sempre da melhor forma e do modo mais condigno de um chefe quando há mais em jogo.” Ásgrímr falou: “Eu desejo saber o que tu desejais fazer para auxiliar-nos, se assim se derem as coisas, conforme tu dizes.” Snorri falou: “Far-te-ei um gesto de amizade, o qual há de honrar-vos a todos. Mas não irei à corte, mas se vós lutardes na assembleia, então deveis atacá-los somente se fordes firmissimos, pois tendes do outro lado grandes guerreiros. E se fordes rechaçados, vinde aqui a meu encontro, pois eu terei meus homens em formação e estarei de prontidão para prestar-vos auxílio. Mas, caso aconteça de outro modo, caso eles recuem, eu suponho que tentarão correr para a Fenda *Almannagjá* e usá-la como trincheira, e, se chegarem lá, vós jamais lograreis assaltá-los. Eu então me incumbirei de levar minha tropa até lá diante deles e impedi-los de chegarem à trincheira, mas nós não os perseguiremos caso eles batam em retirada ao longo do rio, seja pelo norte ou pelo sul. E, quando tiverdes matado do bando deles tantos homens quantos eu julgar que podereis compensar com dinheiro de modo a poderdes conservar vossos *goðorð* e habitações em vossos distritos, eu correrei com meus homens para separar-vos; deveis agora seguir minhas palavras, se eu fizer isto por vós.” Gizurr agradeceu-lhe bem e disse que essa proposta satisfazia todas as suas necessidades. Eles todos então saíram. Gizurr falou: “Aonde ir agora?” Ásgrímr falou: “À tenda dos homens de *Mjǫðruvellir*,” diz ele. Foram então lá.

CAPÍTULO CXL

E, quando chegaram à tenda, viram *Guðmundr* sentado a conversar com *Einarr Konalsson*, seu filho de criação; ele era um homem sábio. Entraram então na tenda e caminharam até diante de *Guðmundr*; ele os recebeu bem e mandou darem espaços para que eles pudessem sentar-se; perguntaram então uns aos outros quais as novas. Ásgrímr falou: “Não há necessidade de dizer isto cochichando: nós viemos aqui para pedir-te auxílio firme.” *Guðmundr* responde: “Já encontrastes chefes antes de mim?” Eles responderam que haviam encontrado *Skapti* e *Snorri*, o *goði*, e contaram-lhe, falando baixo, tudo quanto se dera com cada um deles. Então *Guðmundr* falou: “Da última vez portei-me convosco com pouca hombridade, que me mostrei difícil. Agirei agora convosco tão prontamente quanto eu fui então inflexível. Acompanhar-vos-ei à corte com todos os meus vassalos e prestar-vos-ei tanto auxílio quando eu puder, e lutarei ao vosso lado caso seja necessário, e arriscarei minha vida por vossas vidas. Eu também recompensarei *Skapti* de modo que seu filho *Þorsteinn holmuðr* esteja

na batalha conosco, pois ele não ousará agir de modo contrário à minha vontade, uma vez que tem como esposa minha filha Jódís. Skapti então desejará separar-nos.” Eles lhe agradeceram, e conversaram por um longo tempo, em seguida, de modo a nenhum homem ouvi-los. Guðmundr pediu-lhes que não se ajoelhassem diante de mais chefes, disse que isso era pouco próprio de homens; – “arriscaremos agora com esta força que temos agora. Deveis também andar armados para todos os procedimentos legais, mas não luteis conforme estão as coisas.” Eles então saíram todos e retornaram à sua tenda; num primeiro momento, isso deu-se no conhecimento de poucos homens. Transcorre assim a assembleia.

CAPÍTULO CXLI

Deu-se um dia, quando os homens caminhavam para a rocha da lei, que os chefes estavam de tal modo ordenados que Ásgrímr Elliða-Grímsson e Gizurr, o Branco, Guðmundr, o poderoso, e Snorri, o goði, estavam sobre a rocha da lei, enquanto os homens dos Fiordes do Leste postavam-se embaixo, diante dela. Mjǫrðr Valgarðsson estava de pé ao lado de seu sogro, Gizurr, o Branco; Mjǫrðr era de todos os homens o mais eloquente. Gizurr falou então que ele deveria fazer o anúncio da acusação de homicídio e pediu-lhe que se pronunciasse alto o bastante para que fosse possível escutá-lo bem.

Mjǫrðr nomeou para si testemunhas; – “nomeio em testemunho,” diz ele, “de que faço o anúncio de ataque pessoal legalmente punível contra Flosi Þórðarson, que atacou Helgi Njálsson no local onde Flosi Þórðarson atacou Helgi Njálsson e impingiu nele um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi teve sua morte. Declaro-o merecedor da pena de proscrição plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio; declaro seus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Faço este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deverá ser submetida à lei, faço este anúncio legal a todos que ouvem na rocha da lei, faço o anúncio agora para acusação neste verão e proscrição plena contra Flosi Þórðarson. Faço o anúncio de que a função de proceder com a acusação do caso me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson.” Com isto feito, deu-se um grande clamor na rocha da lei, que Mjǫrðr se pronunciara bem e bravamente. Mjǫrðr tomou a palavra uma segunda vez; – “nomeio-vos em testemunho,” diz ele, “de que faço o anúncio da acusação contra Flosi Þórðarson por ter ele

desferido em Helgi Njálsson um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, ferimento este que se fez chaga mortal, e do qual Helgi obteve sua morte, no local onde Flosi Þórðarson impingiu primeiro em Helgi Njálsson ataque pessoal legalmente punível. Declaro-te, Flosi, que te cabe a pena de proscricção plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio; declaro teus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber após ele os bens confiscados. Faço este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deverá ser submetida à lei, faço este anúncio legal a todos que ouvem na rocha da lei, faço o anúncio agora para acusação neste verão e proscricção plena contra Flosi Þórðarson. Faço o anúncio de que a função de proceder com a acusação do caso me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson.” Em seguida, Mǫrðr sentou-se. Flosi ouviu com boa atenção e não pronunciou qualquer palavra enquanto ouvia.

Þorgeirr skorargeirr pôs-se de pé e nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que faço o anúncio da acusação contra Glúmr Hildisson por ter ele tomado fogo e ateado chamas à casa de Bergþórshváll, quando eles queimaram dentro de casa Njáll Þorgeirsson e Bergþóra Skarpheðinsdóttir e todos aqueles homens que lá morreram. Declaro-o merecedor da pena de proscricção plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio; declaro seus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Faço este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deverá ser submetida à lei; faço este anúncio legal a todos que ouvem na rocha da lei; faço o anúncio agora para acusação neste verão e proscricção plena contra Glúmr Hildisson.”

Kári Sǫlmundarson fez a acusação contra Kolr Þorsteinsson e Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson, e foi comentado pelos homens que ele se pronunciou maravilhosamente bem. Þorleifr corvo fez a acusação contra todos os filhos de Sigfúss, e Þorgrímr, o grande, irmão dele, fez a acusação contra Móðólfr Ketilsson e Lambi Sigurðarson e Hróarr Hámundarson, irmão de Leiðólfr, o forte. Ásgrímr Elliða-Grímsson fez a acusação contra Leiðólfr e Þorsteinn Geirleifsson, contra Árni Kolsson e Grímr o vermelho, e todos eles pronunciaram-se bem. Em seguida, os demais fizeram os anúncios de suas acusações, e todo o processo durou grande parte do dia. Os homens então retornaram para suas tendas.

Eyjólfur Þólverksson caminhou para sua tenda com Flosi; eles caminharam para leste, nas cercanias da tenda, e Flosi perguntou se ele via alguma defesa neste caso. “Nenhuma,” diz Eyjólfur. “O que fazer agora?” diz Flosi. “Agora a situação está complicada,” diz Eyjólfur, “mas eu darei, não obstante, um conselho para vós. Tu deves agora abdicar do teu goðorð e concedê-lo às mãos de teu irmão Þorgeirr, e declara-te seguidor na assembleia do *goði* Áskell Þorketilsson, do norte, de Reykjardalr. E se eles não souberem disso, pode ser que se prejudiquem com isso; eles farão a acusação na corte do Quarto dos Fiordes do Leste, quando deveriam fazer a acusação na corte do Quarto Norte, e isso poderá lhes passar despercebido. E haverá um caso de Quinta Corte contra eles, se eles fizerem a acusação numa corte diferente daquela em que devem. Nós então levaremos adiante esta acusação; porém, somente o faremos em último caso.” Flosi falou: “Pode ser que nos seja repagado o bracelete.” “Não sei disso,” diz Eyjólfur, “mas vos prestarei auxílio legal de tal modo que as pessoas comentem que nada mais se poderá fazer. Tu agora deverás mandar vir Áskell, e Þorgeirr deverá vir até ti imediatamente, acompanhado de um só homem.” Pouco mais tarde, Þorgeirr chegou lá; ele assumiu então a autoridade. Então lá chegou também Áskell. Flosi declarou seu seguidor na assembleia. Isso não se deu com o conhecimento de outros homens além deles.

CAPÍTULO CXLII

As coisas permanecem calmas até que chega a hora de as cortes serem montadas. Então ambas as partes aprontaram-se e armaram-se; ambas as partes haviam também feito sinais de guerra em seus elmos. Þórhallr falou: “Não vos porteis de modo algum ensoberbados, e agi agora do modo mais reto. Mas se surgir algum problema diante de vós, deixai-me a par do que se passa o mais rápido, que eu hei de dar-vos meus conselhos.” Ásgrímr e seus homens observaram-no e viram que seu rosto estava vermelho como sangue, já seus olhos saraivavam; ele mandou que lhe trouxessem sua lança; ela lhe fora dada por Skarpheðinn e era o maior tesouro. Ásgrímr falou, quando haviam partido: “Meu parente Þórhallr não tinha coisas boas em mente quando ficou para trás na tenda, e eu não sei que medidas ele tomará. Agora devemos caminhar até nos encontrarmos com Mjörðr Valgarðsson,” disse Ásgrímr, “e agir como se nada mais houvesse, pois é algo maior apanhar Flosi do que muitos outros.”

Ásgrímr enviou um homem para chamar Gizurr, o Branco, e Hjalti e Guðmundr, o poderoso, e eles todos vieram juntos e

caminharam imediatamente até a Corte dos Fiordes do Leste; chegaram à corte pelo sul. Flosi e seus homens, e com eles todos os homens dos Fiordes do Leste, chegaram à corte pelo norte; lá estavam também os homens de Reykjardalr e de Øxarfjörðr e de Ljósavatn junto com Flosi. Lá estava também Eyjólfur Þolverksson. Flosi curvou-se na direção dele e falou: “As coisas, parece que vão bem aqui; pode ser que não aconteça diferentemente do que tu supuseste.” “Guarda silêncio sobre isso,” diz ele; “poderá surgir a ocasião em que precisaremos lançar mão disso.”

Mjörðr Valgarðsson nomeou para si testemunhas e mandou que sorteiassem os homens que haveriam de proferir a acusação de proscricção plena na corte, para decidir qual deles deveria fazer o pronunciamento da sentença por primeiro, qual em seguida e qual por último; proferiu o chamado legal na corte, de modo a escutarem os judicantes. Então foi feito o sorteio para o pronunciamento, e ele acabou sendo sorteado para ser o primeiro a proferir sua acusação. Mjörðr nomeou para si testemunhas uma segunda vez, – “nomeio em testemunho para que eu elimine toda alegação falha de meu caso, e que eu não pronuncie nada em excesso nem de modo errado. Desejo poder corrigir todas as minhas palavras até que eu conduza meu caso às leis corretas. Nomeio para mim essas testemunhas, ou para os demais que precisarem utilizar-se ou usufruir desse testemunho.” Mjörðr falou: “Nomeio em testemunho de que solicito a Flosi Þórðarson, ou a outro homem que tenha assumido dele a função de executar a defesa legal, que ouça meu juramento e o pronunciamento de minha acusação e de todas as demais provas de acusação, as quais tenho em mente apresentar contra ele; faço a solicitação legal na corte, de modo que os judicantes escutem através da corte.” Mjörðr falou: “Nomeio em testemunho,” disse ele, “que pronuncio o juramento sobre o Livro, juramento legal, e digo a Deus que levarei adiante esta acusação do modo que eu sei mais verdadeiro e reto e no máximo da legalidade e que farei tudo dentro dos requisitos da lei enquanto eu estiver nesta assembleia.” Em seguida, proferiu nestas palavras: “Nomeei Þóroddr em testemunho, em segundo nomeei Þorbjörn em testemunho de que fiz o anúncio de ataque pessoal legalmente punível contra Flosi Þórðarson, que atacou Helgi Njálsson no local onde Flosi Þórðarson atacou Helgi Njálsson e impingiu nele um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi teve sua morte. Declarei-o mercedor da pena de proscricção plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio; declarei seus bens confiscados, metade

para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Fiz este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deve ser submetida à lei; fiz este anúncio legal; fiz o anúncio a todos que ouvem na rocha da lei; fiz o anúncio agora para acusação neste verão e proscrição plena contra Flosi Þórðarson. Fiz o anúncio de que a função de proceder com a acusação do caso me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson. Usei essas palavras todas em meu anúncio, que agora uso na apresentação de minha acusação. Declaro assim preparada essa acusação de proscrição plena na Corte dos Fiordes do Leste, na presença de Jón, que eu proferi quando fiz o anúncio.” Mǫrðr falou: “Nomeei Þóroddr em testemunho, em segundo nomeei Þorbjǫrn em testemunho de que fiz o anúncio de ataque pessoal legalmente punível contra Flosi Þórðarson, que atacou Helgi Njálsson no local onde Flosi Þórðarson atacou Helgi Njálsson e impingiu nele um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi teve sua morte. Declarei-o merecedor da pena de proscrição plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem qualquer conselho nem auxílio; declarei seus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Fiz este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deve ser submetida à lei; fiz este anúncio legal; fiz o anúncio a todos que ouvem na rocha da lei; fiz o anúncio agora para acusação neste verão e proscrição plena contra Flosi Þórðarson. Fiz o anúncio de que a função de proceder com a acusação do caso me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson. Usei essas palavras todas em meu anúncio, que agora uso na apresentação de minha acusação. Declaro assim preparada essa acusação de proscrição plena na Corte dos Fiordes do Leste, na presença de Jón, que eu proferi quando fiz o anúncio.”²²⁰

As testemunhas da apresentação de Mǫrðr então caminharam à corte e pronunciaram, nestas palavras (enquanto um proferia o testemunho, e ambos davam o consentimento), que – “Mǫrðr nomeou Þóroddr em testemunho, e em segundo a mim, que me chamo Þorbjǫrn,” – em seguida disse o nome de seu pai, – “Mǫrðr nomeou a nós dois em testemunho de que fez o anúncio de ataque pessoal legalmente punível contra Flosi Þórðarson, que atacou Helgi Njálsson no local onde Flosi Þórðarson atacou Helgi Njálsson e impingiu nele um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi teve sua morte. Declarou-o merecedor da pena de proscrição plena, sem direito a receber alimentos, transporte nem

²²⁰ Mǫrðr repete *ipsis verbis* o discurso.

qualquer conselho nem auxílio; declarou seus bens confiscados, metade para ele e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Fez este anúncio à Corte do Quarto em que a acusação deve ser submetida à lei; ele fez este anúncio legal; fez o anúncio a todos que ouvem na rocha da lei; fez o anúncio agora para acusação neste verão e proscricção plena contra Flosi Þórðarson. Fez o anúncio de que a função de proceder com a acusação do caso me foi outorgada por Þorgeirr Þórisson. Ele usou essas palavras todas em seu anúncio, que agora usa na apresentação de sua acusação e temos em nosso testemunho. Acabamos agora de apresentar nosso testemunho correto e estamos ambos de acordo; damos assim o testemunho deste anúncio na Corte dos Fiordes do Leste, na presença de Jón, tal qual Mjörðr proferiu quando fez o anúncio.” Eles proferiram o anúncio do testemunho uma segunda vez na corte, e mencionaram o ferimento primeiro e o ataque depois, e usaram todas as outras palavras conforme fizeram antes, e deram assim o testemunho deste anúncio na Corte dos Fiordes do Leste, tal qual Mjörðr proferiu quando fez o anúncio.

As testemunhas de que Mjörðr assumiu o caso andaram então à corte então e pronunciaram, nestas palavras (enquanto um proferia o testemunho, e ambos davam o consentimento), que Mjörðr Valgarðsson e Þorgeirr Þórisson os nomearam em testemunho de que Þorgeirr Þórisson outorgou a Mjörðr Valgarðsson a incumbência de proceder com a acusação de homicídio contra Flosi Þórðarson sobre o homicídio de Helgi Njálsson; – “ele lhe outorgou a incumbência de proceder com a acusação junto com todas as provas de acusação que haveriam de acompanhar a acusação. Outorgou-lhe a função de acusar e de conciliar-se e assim de fazer uso de todas as provas, como se fosse ele o legítimo querelante. Þorgeirr outorgou com a lei, e Mjörðr recebeu com a lei.” Deram assim este testemunho de recebimento do caso na Corte do Quarto dos Fiordes do Leste, na presença de Jón, de que Þorgeirr e Mjörðr os nomearam testemunhas para tal. Eles mandaram todas as suas testemunhas pronunciarem juramentos antes de prestarem o testemunho, e também os judicantes.

Mjörðr Valgarðsson nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” disse ele, “de que convido aqueles nove vizinhos que convoquei para esta acusação que apresentei contra Flosi Þórðarson a abancarem-se na margem oeste do rio, e que se desafie este júri; faço a solicitação legal na corte, de modo que os judicantes escutem.” Mjörðr nomeou para si testemunhas uma segunda vez, – “em testemunho de que convido Flosi Þórðarson ou o outro homem que tenha recebido dele

a incumbência de proceder com a defesa legal, para desafiar este júri que eu montei abancado na margem oeste do rio; faço a solicitação legal na corte, de modo que os judicantes escutem.” Novamente nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” disse ele, “de que agora estão apresentados todos os principais procedimentos que devem acompanhar a acusação: foi feito o convite para ouvir o juramento, foi proferido o juramento, foi pronunciada a acusação, foram dados os testemunhos de anúncio, dados os testemunhos de recebimento do caso, os vizinhos foram convidados a abancar-se, foi feito o convite para desafiar-se o júri. Nomeio para mim para confirmarem os procedimentos que foram agora tomados, e também para confirmarem que não desejo partir do caso, ainda que eu caminhe para longe da corte para buscar provas ou por outras razões.”

Flosi e seus seguidores caminharam até o local onde os vizinhos estavam abancados. Flosi falou para eles: “Os filhos de Sigfúss não de conhecer o quão legítimos são estes vizinhos do local das mortes, os quais foram aqui convocados.” Ketill de Mǫrk responde: “Há aqui um vizinho,” diz ele, “o qual segurou Mǫrðr Valgarðsson em seu batismo, e um outro é seu primo segundo em parentesco.” Eles declararam então o parentesco e atestaram com um juramento. Eyjólfur nomeia para si testemunhas, para que o júri permaneça primeiro, até que seja desvalidado. Uma segunda vez Eyjólfur nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” diz ele, “de que eu contesto ambos estes homens do júri,” e nomeou-os ambos e disse os nomes de seus pais, – “por conta do fato,” diz ele, “de que um é primo segundo de Mǫrðr em parentesco, e o outro tem relações religiosas tais que o desautorizam a estar no júri. Sois os dois por causa da lei desautorizados a estar no júri, pois agora sois objeto de uma contestação legal legítima; solicito vossa retirada do júri dentro das regras da assembleia geral e das leis da terra; desautorizo-vos no caso outorgado de Flosi Þórðarson.” Então todo o público comentou e os homens declararam desvalidado o caso para Mǫrðr; todos então concordaram que a defesa levava vantagem sobre a acusação.

Ásgrímr falou com Mǫrðr: “Eles ainda não têm tudo, ainda que lhes pareça terem feito um avanço impetuoso; devemos antes encontrar meu filho Þórhallr e saber o que ele aconselha.” Então um homem de confiança foi enviado até Þórhallr e contou-lhe detalhadamente tudo sobre o estado a que chegara o caso, que Flosi e seus homens julgavam ter desvalidado o júri. Þórhallr falou: “Encontrarei uma maneira de fazer com que isso não estrague a vossa acusação, e dize-lhes que não

acreditem em nada disso, ainda que tenham cometido falhas legais, pois o douto Eyjólfur foi agora desatento. Deves agora caminhar até eles o mais rápido, e dize que Mjörður Valgarðsson caminhe à corte e nomeie para si testemunhas para que a contestação legal lhes seja desvalidada,” – e contou-lhe em detalhes tudo conforme eles deveriam proceder. O mensageiro retornou e contou-lhes os conselhos de Þórhallr.

Mjörður Valgarðsson andou então à corte e nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” diz ele, “de que desvalido a contestação legal de Eyjólfur Þólværksson. O motivo que encontro para tal é que ele não contestou com o querelante da acusação original, mas sim com aquele que procedia com a acusação; nomeio essas testemunhas para mim ou para aqueles que vierem a precisar usufruir deste testemunho.” Em seguida, prestou o testemunho à corte. Agora ele caminhou até o local onde os vizinhos encontravam-se abancados e disse que aqueles que se tinham posto de pé deveriam sentar-se, e declarou-os legítimos no júri. Todos então comentaram que Þórhallr havia procedido grandemente; pareceu a todos então que a acusação levava vantagem sobre a defesa.

Flosi falou com Eyjólfur: “Consideras que isso esteja dentro da lei?” “Considero, sim,” diz ele, “e fomos certamente desatentos.” Eyjólfur nomeou para si então testemunhas, – “em testemunho,” disse ele, “de que desautorizo esses dois homens do júri,” – e nomeou-os ambos – “por conta do fato de que sois cabaneiros e não fazendeiros vizinhos. Não tolero que vós permaneçais sentados no júri, pois agora sois objeto de legítima contestação legal; desautorizo-vos a participar do júri dentro das regras da assembleia geral e das leis da terra.” Eyjólfur declarou agora que seria tomado muito desprevenido se isso pudesse ser refutado. Todos então comentaram que a defesa levava vantagem sobre a acusação; todos agora louvaram muito Eyjólfur e clamaram que ninguém precisaria medir-se com ele em jurisprudência.

Mjörður Valgarðsson e Ásgrímur enviaram agora um homem até Þórhallr para contar-lhe aonde as coisas chegaram. E, ao ouvir isso, Þórhallr perguntou se eles possuíam bens ou eram indigentes. Ele diz, o mensageiro, que um daqueles vivia de laticínios e tinha tanto vacas quanto ovelhas como propriedade, e o outro possui um terço da terra em que eles habitam, e que ele próprio se alimenta; eles possuem junto com o proprietário da terra uma lareira, e um pastor. Þórhallr falou: “Dar-se-á novamente como antes, que eles devem ter sido desatentos, e eu lhes refutarei isso prontamente, apesar de Eyjólfur ter aqui argumentos fortíssimos de que isso estaria certo.” Ele disse agora ao mensageiro do

modo mais exato tudo conforme eles deveriam proceder. O mensageiro retorna e conta a Mǫrðr e Ásgrímr os planos que Þórhallr recomendara.

Mǫrðr andou à corte e nomeou para si testemunhas, – “em testemunho de que desvalido a contestação legal de Eyjólftr Bólverksson, pelo fato de que ele desafiou a legitimidade de homens no júri, os quais deveriam lá estar corretamente. Cada um que possua três centenas ou mais em terras está legitimamente no júri de vizinhos, mesmo que não possua gado leiteiro; cada um que viva de gado leiteiro também está legitimamente no júri de vizinhos, ainda que não possua terras.” Ele então fez com que se prestasse testemunho à corte. Caminhou agora até o local onde os vizinhos estavam abancados, e pediu a eles que se sentassem e declarou-os legítimos no júri de vizinhos. Fez-se então grande vozaria e clamor, e todos então comentaram que o caso de Flosi fora muito abalado, e estavam agora de acordo que a acusação levava vantagem sobre a defesa.

Flosi falou para Eyjólftr: “Estará correto assim?” Eyjólftr declarou não ter sabedoria para saber isso ao certo. Enviaram então um homem até Skapti, o recitador da lei, para perguntar-lhe se assim estaria correto; ele lhes respondeu com o recado de que assim era a lei, certamente, ainda que poucos o conhecessem; isso foi então dito a Flosi e seus homens.

Eyjólftr perguntou então aos filhos de Sigfúss sobre os demais vizinhos que haviam sido convocados; eles disseram que quatro deles haviam sido incorretamente convocados, – “pois aqueles que moram mais próximos quedam-se em casa.” Eyjólftr nomeia então testemunhas para si de que destitui todos esses quatro homens do júri, e pronunciou dentro das regras corretas de destituição. Em seguida, falou para os vizinhos: “Vós sois obrigados a agir dentro da lei com ambas as partes. Agora deveis andar à corte, quando fordes convocados, e nomear para vós testemunhas de que vosso pronunciamento do veredito é impedido pelo fato de que sois um júri de cinco vizinhos, enquanto deveríeis ser nove. Þórhallr há de ser apto a ganhar todos os casos, se achar uma salvação para este.” Estava completamente óbvio que Flosi e Eyjólftr gabavam-se agora muito. Fez-se um grande rumor de que o caso do incêndio estaria arruinado e que agora a defesa levava vantagem sobre a acusação. Ásgrímr falou para Mǫrðr: “Eles ainda não sabem do que se gabam antes de se consultar Þórhallr. Njáll disse que instruiu Þórhallr tão bem nas leis que ele viria a ser o maior jurisprudente na Islândia, apesar de que isso precisaria ser posto à prova.”

Então foi enviado um homem até Þórhallr para lhe contar aonde as coisas haviam chegado, e sobre o orgulho daqueles e os rumores do público de que o caso do incêndio teria sido arruinado. “Isso está bem,” diz Þórhallr, “mas eles novamente não receberão honra disso. Deves agora retornar e dizer a Mǫrðr que ele nomeie para si testemunhas e pronuncie um juramento de que a maior parte foi legitimamente convocada. Ele deverá então mandar que se preste testemunho à corte, e então salvará a acusação original, mas será multado em três marcos por cada um daqueles que foi ilegitimamente convocado, e essa pena não poderá ser processada nesta assembleia,” diz ele; “deves agora retornar.” E em seguida o mensageiro se foi e contou a todos eles tudo nos maiores detalhes das palavras de Þórhallr.

Mǫrðr andou à corte e nomeou para si testemunhas e proferiu um juramento de que a maior parte dos vizinhos havia sido legitimamente convocada. Declarou que salvou assim a acusação original; – “nossos inimigos deverão gabar-se de outra coisa que não de que tenhamos aqui procedido em grande ilegitimidade.” Fez-se um grande rumor, com isso dito, de que Mǫrðr conduzia bem o caso, e considerou-se que Flosi e seus homens procediam só de modo fraudulento e doloso. Flosi pergunta a Eyjólfur se isso estará correto, e ele declara não saber ao certo e diz que o recitador da lei resolverá a questão. Þorkell Ketilsson então foi para contar ao recitador da lei, da parte deles, aonde as coisas haviam chegado, e perguntou se haveria alguma legitimidade no que Mǫrðr pronunciara. Skapti responde: “Há agora mais jurisprudentes grandiosos do que eu julgava. E para dizer-te a esse respeito, isso está tão correto em todos os pontos que não se pode contestar isso em nada. Contudo, eu achava que somente eu teria agora conhecimento deste quesito legal, agora que Njáll está morto, pois ele era o único que eu sabia que o conhecia.” Þorkell retornou para junto de Flosi e Eyjólfur e contou-lhes que isso estava de acordo com a lei.

Mǫrðr Valgarðsson andou à corte e nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” disse ele, “de que convido aqueles vizinhos que convoquei para a acusação que movi contra Flosi Þórðarson a pronunciarem o veredito, pronunciando seja para ele ou contra ele. Faça a solicitação legal na corte, de modo que os judicantes escutem através da corte.”

Os vizinhos de Mǫrðr andaram à corte; um pronunciou o veredito e os outros deram consentimento, e ele pronunciou nestas palavras: “Mǫrðr Valgarðsson convocou-nos, nove homens livres para o júri, mas apresentamo-nos aqui agora em cinco, e quatro foram

desqualificados; foi feito testemunho contra os quatro que deveriam pronunciar-se conosco; a lei agora exige que pronunciemos o veredito. Nós fomos convocados para testemunhar se Flosi Þórðarson lançou ataque pessoal legalmente punível contra Helgi Njálsson no local onde Flosi Þórðarson impingiu em Helgi Njálsson um ferimento na carne ou no cérebro ou na medula, o qual se fez chaga mortal, e do qual Helgi teve a morte. Ele nos convocou com todas as palavras que a lei nos exige que se façam e que ele desejava que fossem apresentadas à corte e que deveriam acompanhar este caso; ele convocou com convocação legal, convocou de modo que nós escutássemos; ele convocou para o caso outorgado por Þorgeirr Þórisson. Todos nós já pronunciamos juramentos e nosso legítimo veredito e estamos todos de acordo: declaramos o veredito contra Flosi e declaramos que a acusação contra ele é verdadeira. Declaramos assim o veredito de júri de nove vizinhos na Corte do Quarto dos Fiordes do Leste, na presença de Jón, conforme Mjörðr convocou-nos para fazermos. É este veredito de todos nós,” disseram eles. Eles anunciaram o veredito uma segunda vez, e anunciaram primeiro o ferimento, e depois o ataque pessoal, e todas as demais palavras conforme anteriormente; Declararam o veredito contra Flosi e declararam que a acusação contra ele era verdadeira.

Mjörðr Valgarðsson andou à corte e nomeou para si testemunhas de que os vizinhos que ele havia convocado para a acusação que ele movera contra Flosi Þórðarson haviam pronunciado o veredito e haviam declarado que a acusação contra ele era verdadeira; ele nomeou essas testemunhas para si ou para aquele, – “que venha a precisar utilizar-se ou usufruir desse testemunho.” Uma segunda vez Mjörðr nomeou para si testemunhas; – “nomeio em testemunho de que convidado Flosi Þórðarson, ou o homem que tenha recebido dele a incumbência de proceder com a defesa legal, a dar início à defesa referente à acusação que eu movi contra ele, pois agora todas as provas de acusação que deveriam acompanhar a acusação pela lei foram apresentadas: foram prestados todos os testemunhos e o veredito do júri de vizinhos e nomeadas testemunhas para o veredito do júri e todas as provas que foram apresentadas. Mas se alguma coisa fizer-se na defesa legal deles que eu precise utilizar para a acusação, eu então opto por ter a acusação sob mim. Faço agora a demanda legal na corte, de modo que os judicantes escutem.” “Faz-me rir agora, Eyjólfri,” diz Flosi, “pensar em quão atônitos e pasmos eles ficarão quando tu apresentares a defesa.”

CAPÍTULO CXLIII

Eyjólfr Bqlverksson andou então à corte e nomeou para si testemunhas, – “em testemunho,” disse ele, “de que a defesa legal para a acusação do caso é que apresentastes o caso na Corte do Quarto dos Fiordes do Leste, quando deveríeis tê-lo feito na Corte do Quarto Norte, pois Flosi declarou-se seguidor na assembleia do goði Áskell. Aqui estão agora as testemunhas de ambos, as quais presenciaram e atestarão que Flosi antes outorgou seu goðorð a seu irmão Þorgeirr e, em seguida, declarou-se seguidor na assembleia de Áskell. Nomeio essas testemunhas para mim ou aquele que venha a precisar utilizar-se ou usufruir desse testemunho.” Uma segunda vez Eyjólfr nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que convido Mjorðr, o qual tem a incumbência de fazer a acusação, ou o querelante, a dar ouvidos a meu juramento e à exposição da defesa que eu apresentarei; faço a demanda legal na corte, de modo que os judicantes escutem.” Eyjólfr mais uma vez nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que pronuncio o juramento sobre o Livro, juramento legal, e digo a Deus que defenderei este caso do modo que eu sei mais verdadeiro e reto e no máximo da legalidade e que farei tudo dentro dos requisitos da lei enquanto eu estiver nesta assembleia.” Eyjólfr falou: “Nomeio estes dois homens em testemunho de que apresento a defesa legal, que a acusação deste caso foi feita na corte de um quarto diferente do que deveria. Declaro diante disso desvalidada a acusação deles. Apresento, assim formulada, esta defesa na Corte do Quarto dos Fiordes do Leste.” Em seguida, mandou que se apresentassem todos os testemunhos que deveriam acompanhar a defesa; em seguida, nomeou testemunhas para todas as provas da defesa, de que elas tinham sido todas apresentadas agora. Eyjólfr nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que proíbo os judicantes de julgarem a acusação de Mjorðr, pois agora a defesa legal foi apresentada à corte. Declaro o julgamento legalmente inválido, indubitavelmente inválido, total e absolutamente, de acordo com o direito que me é dado pela assembleia e pelas leis públicas.” Em seguida, ele mandou julgarem a defesa. Ásgrímr mandou proceder com a acusação do caso do incêndio, e o processo avançou.

CAPÍTULO CXLIV

Agora há para se mencionar que Ásgrímr e os seus enviaram um homem até Þórhallr para lhe contar aonde as coisas haviam chegado. “Eu estava longe demais agora,” disse Þórhallr, “pois este caso não tomaria este curso se eu tivesse estado presente. Vejo agora

qual é o procedimento deles, que pretenderão intimar-vos à Quinta Corte por transgressão das normas da assembleia. Pretenderão também cindir a corte no caso do incêndio e fazer com que não se possa julgá-lo, pois agora o procedimento deles é tal que não hesitarão diante de nenhum mal. Deves agora retornar para junto deles o mais rápido para dizer-lhes que Mǫrðr intime a ambos, Flosi e Eyjólf, pelo fato de terem levado dinheiro à corte, e demande a pena de proscricção mínima. Então ele deverá intimá-los com uma segunda intimação, pelo fato de que eles apresentaram testemunhos que não diziam respeito ao caso, e cometeram, com isso, transgressão das regras da assembleia²²¹. Dize-lhes que eu digo que se duas acusações de proscricção mínima recaírem sobre o mesmo homem, deverá ser dada a ele a pena de proscricção plena. Deveis assim preparar vosso caso antes, para que então procedais com a acusação antes e eles sejam julgados.”

Agora o mensageiro partiu dali e relatou tudo a Mǫrðr e Ásgrímr. Em seguida, eles andaram à rocha da lei. Mǫrðr Valgarðsson nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que intimo Flosi Þórðarson pelo fato de que ele deu dinheiro para obter auxílio de Eyjólf Þólverksson aqui na assembleia. Declaro-o merecedor da pena de proscricção mínima por esta acusação, sem direito a ajuda de transporte nem asilo, a não ser que o dinheiro da vida seja pago na corte de confisco, ou, do contrário, será um proscrito pleno. Declaro seus bens confiscados, metade para mim e metade para os habitantes do Quarto que têm o direito legal de receber os bens confiscados. Faço a intimação deste caso à Quinta Corte, em que a acusação deve ser submetida à lei; faço agora a intimação para a acusação e para pena plena; faço a intimação legal; faço a intimação para todos que ouvem na rocha da lei.” Ele fez uma intimação assim a Eyjólf Þólverksson pelo fato de que ele recebeu o dinheiro; fez esta intimação também para a Quinta Corte. Uma segunda vez intimou Flosi e Eyjólf, com a acusação de que eles apresentaram na assembleia testemunhos que não diziam respeito aos homens envolvidos no caso e que cometeram, assim, transgressão das regras da assembleia; solicitou que essa acusação também lhes resultasse em pena de proscricção mínima. Caminharam então dali rumo ao tribunal; a Quinta Corte estava então lá montada.

²²¹ Com relação ao primeiro ponto mencionado por Þórhallr, de que eles “levaram dinheiro à corte”, sendo a referência ao pagamento de Eyjólf com o bracelete (isso fica claro algumas linhas abaixo), isso não está de acordo com as leis islandesas antigas. No caso dos testemunhos, não está claro quais foram eles.

Quando Ásgrímr e Mǫrðr haviam deixado o local, os judicantes não entraram em acordo sobre como deveriam julgar, pois alguns deles desejavam julgar em favor de Flosi, outros em favor de Mǫrðr e Ásgrímr; cindia-se assim a corte; Flosi e Eyjólfur permaneceram lá enquanto deram-se as intimações. Um pouco mais tarde, foi relatado a Flosi e Eyjólfur que eles haviam sido intimados na rocha da lei para a Quinta Corte, com duas intimações cada um deles. Eyjólfur falou: “Maldita a hora em que permanecemos aqui, pois eles se adiantaram e nos intimaram antes que nós os intimássemos; o que se deu aqui foi a astúcia de Þórhallr, e nenhum homem é seu igual em sagacidade. Agora eles podem apresentar seu caso à corte primeiro; isto era tudo para eles; não obstante, nós agora andaremos à rocha da lei e prepararemos nosso caso contra eles, ainda que isso nos resulte em pouco.” Eles então foram à rocha da lei, e Eyjólfur os intimou por transgressão das regras da assembleia; em seguida, andaram à Quinta Corte.

Agora há para se mencionar, retornando aonde está Mǫrðr, que quando Ásgrímr e os seus chegaram à Quinta Corte, Mǫrðr nomeou para si testemunhas e pediu que se escutasse seu juramento e a apresentação de sua acusação e todas as provas da acusação que ele tinha em mente expor contra Flosi e Eyjólfur; fez a solicitação legal na corte, de modo que os judicantes escutassem através da corte. Na Quinta Corte, atestadores deveriam também acompanhar o juramento, e eles também deviam pronunciar juramentos. Mǫrðr nomeou então testemunhas para si, – “nomeio em testemunho,” disse ele, “de que pronuncio o juramento da Quinta Corte. Peço assim que Deus me ajude neste mundo e no outro, para que eu possa assim proceder com minha acusação do modo que eu sei mais verdadeiro e reto e no máximo da legalidade. E eu considero verdadeira esta acusação contra Flosi, se há nisto substância, e eu não ofereci dinheiro a esta corte para obter auxílio nesta acusação e não oferecerei; eu não ganhei dinheiro e não ganharei, nem para fins legais nem ilegais.”

Os dois atestadores de Mǫrðr andaram então à corte e nomearam para si testemunhas, – “em testemunho de que fazemos o juramento sobre o livro, juramento legal. Pedimos ambos que Deus nos ajude neste mundo e no outro, e juramos por nosso valor de homens livres que consideramos que Mǫrðr pode assim proceder com sua acusação do modo que sabe mais verdadeiro e reto e no máximo da legalidade e que ele não ofereceu dinheiro nesta corte para obter auxílio nesta acusação e não oferecerá e que ele não ganhou dinheiro e não ganhará, nem para fins legais nem ilegais.”

Mǫrðr havia convocado nove vizinhos de Þingvöllr para a acusação. Em seguida, Mǫrðr nomeou para si testemunhas e expôs as quatro acusações que havia preparado contra Flosi e Eyjólfur, e Mǫrðr pronunciou na exposição das acusações todas aquelas palavras que havia pronunciado em suas intimações; disse essas acusações de proscrição mínima na Quinta Corte, formuladas conforme quando as proferiu quando fez a intimação.

Mǫrðr nomeou testemunhas e convidou os vizinhos a abancarem-se na margem oeste do rio. Mǫrðr nomeou para si testemunhas e convidou Flosi e Eyjólfur a desafiarem o júri. Eles caminharam para desafiar o júri e ponderaram e não lograram rejeitar nada, retornaram então com isso feito e estavam muitíssimo descontentes. Mǫrðr nomeou para si testemunhas e solicitou aos nove vizinhos que pronunciassem o veredito que ele havia apresentado, para que eles se pronunciassem favoráveis ou contrários. Os vizinhos de Mǫrðr andaram à corte, e um pronunciou o veredito, e os outros deram atestação; eles todos haviam pronunciado o juramento da Quinta Corte e declararam que a acusação contra Flosi era verdadeira e pronunciaram o veredito contrário a ele; pronunciaram o veredito na Quinta Corte tal qual formulado, na presença do homem presente quando Mǫrðr apresentara a sua acusação. Em seguida, expuseram todos os vereditos que deveriam expor, para todas as acusações, e isso foi realizado legalmente. Eyjólfur Þólværsson e Flosi tentaram encontrar um meio para refutar isso, e não conseguiram fazer nada.

Mǫrðr nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que os nove vizinhos que convoquei para estas acusações que apresentei contra Flosi Þórðarson e Eyjólfur Þólværsson já pronunciaram o veredito e declararam que as acusações contra eles são verdadeiras.” Ele nomeou para si estas testemunhas. Uma segunda vez ele nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho,” disse ele, “que convido Flosi Þórðarson, ou o homem que tenha dele recebido a incumbência de levar adiante a defesa legal, a dar início à defesa, pois agora já foram apresentadas todas as provas da acusação: foi feito o pedido para o juramento, foi pronunciado o juramento, foi exposta a acusação, foram apresentados os testemunhos de intimação, os vizinhos foram convidados a abancar-se, foi feito o convite para desafiar-se o júri, foi pronunciado o veredito, foram nomeadas testemunhas para o pronunciamento do veredito.” Ele nomeou para si essas testemunhas para os procedimentos que estavam agora realizados.

Então aquele em cuja presença a acusação havia sido apresentada pôs-se de pé e sumariou o caso. Sumariou primeiro que Mǫrðr solicitara que se desse ouvidos a seu juramento e à exposição da acusação e a todas as provas da acusação; então sumariou que, na sequência, Mǫrðr proferiu o juramento, e também o fizeram seus atestadores; então sumariou que Mǫrðr expôs a acusação, e pronunciou-se repetindo em seu sumário todas as palavras que Mǫrðr pronunciara na sua exposição da acusação e na sua intimação, – “e ele narrou a acusação assim formulada à Quinta Corte conforme proferira quando fizera a intimação.” Então sumariou que eles apresentaram testemunho de intimação, e pronunciou aquelas palavras que ele havia pronunciado na intimação e eles pronunciaram na sua prestação de testemunho, – “e agora eu pronuncio,” disse ele, “em meu sumário. E eles apresentaram o veredito à Quinta Corte formulado assim como ele pronunciou quando fez a intimação.” Em seguida, sumariou que ele convidou os vizinhos a se abancarem; então sumariou que, na sequência, ele convidou Flosi ou o homem que tinha a incumbência de proceder com a defesa legal por ele a desafiar o júri. Então sumariou que os vizinhos andaram à corte e pronunciaram o veredito e pronunciaram que a acusação contra Flosi era verdadeira, – “expuseram assim formulado o veredito de nove vizinhos à Quinta Corte.” Então sumariou que Mǫrðr nomeou testemunhas para os procedimentos e pediu que se procedesse com a defesa.

Mǫrðr nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho,” disse ele, “de que proíbo Flosi Þórðarson, ou o homem que tenha a incumbência de proceder com a defesa legal por ele, de executar a defesa, pois agora as provas da acusação que devem acompanhar a acusação foram todas apresentadas, com o caso sumariado e os procedimentos apresentados.” Em seguida, o sumariador sumariou este testemunho. Mǫrðr nomeou para si testemunhas e pediu que os judicantes julgassem o caso. Então Gizurr, o Branco diz: “Tu deverás fazer mais, Mǫrðr, pois quatro dúzias²²² não poderão julgar.”

Flosi falou com Eyjólfur: “O que fazer agora?” Eyjólfur responde: “Temos agora um problema para solucionar, e devemos agora aguardar, pois eu creio que eles cometerão um erro na acusação, pois Mǫrðr pediu imediatamente o julgamento do caso, mas eles têm de nomear seis homens para deixarem a corte; depois, eles têm de convidar-nos a nomearmos outros seis com testemunhas, e isso nós não faremos; eles então terão de nomear esses seis para deixarem a corte, e isso poderá

²²² I.e., 48 homens.

passar-lhes despercebido. Todo o caso deles então estará desvalidado se não fizerem isso, pois o caso deve ser julgado por três dúzias.” Flosi falou: “Tu és um homem sábio, Eyjólf, tanto que poucos homens poderão medir-se contigo em pé de igualdade.”

Mǫrðr Valgarðsson nomeou para si testemunhas, – “nomeio em testemunho de que nomeio estes seis homens para deixarem a corte,” – e indicou-os todos pelo nome, – “veto vosso direito de permanecerdes abancados na corte; nomeio-vos para vos retirardes de acordo com as regras da assembleia geral e as leis públicas.” Depois disso, ele pediu a Flosi e Eyjólf que nomeassem com testemunhas outros seis homens para retirarem-se da corte, mas os dois não quiseram nomear ninguém; Mǫrðr mandou então que julgassem o caso. E, quando o caso havia sido julgado, Eyjólf nomeou para si testemunhas e declarou inválido o julgamento deles e todos os demais procedimentos que eles tomaram, apontando para tal o fato de que três dúzias e meia haviam julgado, enquanto três dúzias deveriam tê-lo feito, – “nós agora procederemos com a nossa acusação de Quinta Corte contra eles e faremos com que sejam declarados proscritos.” Gizurr, o Branco, falou com Mǫrðr: “Tu deixaste muito passar despercebido,” diz ele, “e procedeste com isso de modo errado, e isso é um grande infortúnio, mas o que fazer agora, parente Ásgrím?” diz Gizurr. Ásgrím falou: “Agora enviaremos um homem até meu filho Þórhallr para saber que planos ele deseja aconselhar-nos a seguirmos.”

CAPÍTULO CXLV

Snorri, o goði, toma conhecimento agora sobre aonde chegou o caso; decide então colocar seus homens em formação abaixo da Fenda Almannagjá, entre ela e a tenda Hlaðbúð, e disse antes a seus homens como eles deveriam agir.

Agora há para se contar que o mensageiro chega a Þórhallr e conta-lhe aonde o caso chegara, que eles todos seriam declarados proscritos e que todo o caso do incêndio fora arruinado. E, ao ouvir isso, ele ficou tão atônito que não pôde pronunciar qualquer palavra. Lançou-se da cama num sobressalto e apanhou a lança Presente-de-Skarpheðinn com ambas as mãos e trespassou sua própria perna com ela. Ficou na lança sua carne e o núcleo do furúnculo, porque ele puxou para fora da perna a lança abrindo um corte, e jorrou um fluxo de sangue e pus, formando um lago no chão. Ele caminhou para fora da tenda, sem coxear mais, e seguiu tão rápido que o mensageiro não logrou acompanhá-lo; ele continuou até que chegou à Quinta Corte. Lá

se deparou com Grímr, o vermelho, parente de Flosi, e, tão logo os dois se encontraram, Þórhallr golpeou contra ele com a lança, e acertou-lhe o escudo, que se partiu ao meio, e a lança trespassou-o, de modo a sair-lhe por entre os ombros às costas. Þórhallr então o atirou morto da lança.

Kári Sölmundarson conseguiu ver isso e falou com Ásgrímr: “Cá chegou Þórhallr, teu filho, e acaba de praticar uma morte, e será uma grande vergonha se ele for o único a ter coragem de vingar o incêndio.” “Não será assim,” diz Ásgrímr, “vamos agora contra eles.” Toda a tropa então foi convocada e, em seguida, soou o brado de guerra. Flosi e seus homens então se viraram contra eles, e incitavam tenazmente uns aos outros.

Agora há para se contar de Kári Sölmundarson que ele se volta na direção de onde estavam Árni Kolsson e Hallbjörn, o forte. E, assim que viu Kári, Hallbjörn meteu a lança contra ele, e ela lhe acertaria a perna, mas Kári saltou aos ares, e Hallbjörn não o acertou. Kári virou-se contra Árni Kolsson e golpeou contra ele, e acertou-lhe o ombro, separando o osso do ombro do osso do colo, e quebrou-o inteiro até o peito; Árni tombou morto imediatamente. Em seguida ele golpeou contra Hallbjörn, e acertou-lhe o escudo, atravessando-o, e decepou os dedões de Hallbjörn. Hómsteinn atirou a lança contra Kári, mas ele a apanhou no ar e atirou-a de volta, e ela causou a morte de um homem na tropa de Flosi.

Þorgeirr skorargeirr chegou ao local onde se encontrava Hallbjörn o forte. Þorgeirr golpeou contra ele com tamanho vigor, com uma só mão, que Hallbjörn caiu e mal pôde pôr-se de pé, e imediatamente deu meia volta e fugiu. Então Þorgeirr deparou-se com Þorvaldr Þrum-Ketilsson, e imediatamente golpeou contra ele com o machado Ogre-da-Batalha, que pertencera a Skarpheðinn; ele ergueu diante de si o escudo. Þorgeirr golpeou o escudo e despedaçou-o inteiro, e a ponta do machado atingiu-lhe o peito e entrou na carne, e Þorvaldr tombou imediatamente e estava morto.

Agora há que se contar que Ásgrímr e seu filho Þórhallr, e Hjalti e Gizurr, o Branco, lançaram ataque lá onde se encontravam Flosi e os filhos de Sigfúss e os demais incendiários. Fez-se lá uma duríssima batalha; finalmente, Ásgrímr e seus companheiros lançaram-se com tanto ímpeto que Flosi e os demais cederam e recuaram. Guðmundr, o poderoso, e Mjörðr Valgarðsson e Þorgeirr skorargeirr lançaram seu ataque lá onde estavam postados os homens de Øxarfjörðr e os homens dos Fiordes do Leste e os homens de Reykjardalr; fez-se lá uma

duríssima batalha. Kári Sǫlmundarson chegou aonde estava Bjarni Brodd-Helgason. Kári apanhou uma lança e golpeou contra ele, e atingiu-lhe o escudo; Bjarni guinou o escudo para seu lado, do contrário a lança o teria trespassado. Ele então golpeou contra Kári, em direção à sua perna; Kári recolhe sua perna e esquiva-se, girando sobre o calcanhar, e Bjarni não o atinge. Kári então o golpeia imediatamente. Então um homem correu à frente e atirou seu escudo diante de Bjarni. Kári despedaçou o escudo inteiro, e a ponta da espada acertou-lhe a coxa, rasgando-lhe a perna inteira; este homem tombou no ato e jamais deixou de ser aleijado, pelo tempo que viveu. Kári então agarrou com ambas as mãos a lança e virou-se contra Bjarni com ela e golpeou-o, e ele não viu outra alternativa senão atirar-se ao solo, por baixo da lançada, e, tão logo pôs-se de pé, bateu em retirada. Þorgeirr skorargeirr lançou seu ataque então onde Hólmsteinn Spak Bersason e Þorkell Geitisson estavam postados; seu embate terminou com Hólmsteinn e Þorkell partindo em fuga. Fez-se então para eles uma grande zombaria, vinda dos homens de Guðmundr. Þorvarðr Tjǫrvason de Ljósavatn recebeu um grande ferimento; fora atingido por uma lança no braço, e os homens supunham que o arremesso fora feito por Halldórr, filho de Guðmundr, o poderoso, e ele passou toda a sua vida sem receber compensação por esse ferimento. A batalha então se acirrou em grande chusma. E ainda que aqui sejam narrados alguns eventos, há ainda muitos mais, dos quais os homens não têm nenhum relato.

Flosi havia dito a seus homens que deveriam buscar para si uma trincheira na Fenda Almannagjá, caso fossem sobrepujados, pois naquele local só seria possível atacar de um lado.

Mas a tropa que Hallr de Síða e seu filho Ljótr tinham havia batido em retirada diante do ataque dos homens de Ásgrímr; voltaram-se para baixo, a leste do rio Øxará. Hallr falou então: “Ocorre aqui uma grande ignomínia, que todo o mundo da assembleia luta. Eu gostaria, meu filho Ljótr, que nós fôssemos pedir auxílio para separar os homens, ainda que sejamos reprovados por conta disso por alguns homens. Tu deverás esperar por mim junto ao fim da ponte, e eu irei às tendas atrás de auxílio.” Ljótr falou: “Se eu vir que Flosi e seus homens precisarem de auxílio de nossos homens, correrei imediatamente para junto deles.” “Tu podes fazer,” diz Hallr, “conforme te apraz, mas eu desejo pedir que tu esperes por mim.”

Agora há para se mencionar que os homens da tropa de Flosi correram em fuga, e todos eles fugiram para oeste do rio Øxará, enquanto Ásgrímr e Gizurr, o Branco, os perseguiram com toda a sua

tropa. Flosi e seus homens recuaram para entre as tendas Virkisbúð e Hlaðbúð. Snorri, o goði, havia posicionado sua tropa lá adiante tão compactada, que aqueles não conseguiram passar por lá. Snorri, o goði, gritou para Flosi: “Por que ides assim afoitos?” diz ele, “quem será que vos persegue?” Flosi responde: “Tu não fazes essa pergunta por não o saberes. Mas acaso és tu o responsável por não podermos encontrar abrigo e entrincheirar-nos na Fenda *Almannagjá*?” “Não sou eu o responsável por isso,” diz ele, “mas eu sei quais são os responsáveis, e dir-to-ei sem perguntas, que são Þorvaldr *kroppinskeggi* e Kolr.” Estes estavam então ambos mortos, e haviam sido os maiores malfeitores. Em outro momento, Snorri, o goði, falou para seus homens: “Agora atacai-os tanto com golpes quanto com estocadas, e afastai-os daqui; eles haverão de quedar-se aqui por um breve tempo, que os demais os atacam vindo lá de baixo. Então não os perseguireis, e deixai-os que eles próprios se encarem.”

O filho de Skapti Þóroddson era Þorsteinn lábio-leporino; ele estava na batalha ao lado de Guðmundr, o poderoso, seu sogro; e, quando tomou conhecimento disso, Skapti caminhou até a tenda de Snorri, o goði, com a intenção de pedir a Snorri que fosse consigo para separá-los. Mas ele ainda não havia chegado bem diante da porta da tenda de Snorri, quando a batalha acirrou-se ao máximo. Ásgrímr e seus homens avançaram para lá vindos de baixo. Þórhallr falou: “Lá está Skapti Þóroddson agora, pai,” diz ele. Ásgrímr falou: “Eu vejo, filho,” – e atirou imediatamente a lança contra Skapti, e atingiu-o na perna, logo abaixo do ponto onde as panturrilhas são mais grossas, e a lança atravessou ambas as pernas e permaneceu cravada; Skapti tombou com a lançada e não conseguiu levantar-se; aqueles que estavam ao seu lado tiveram apenas uma coisa a fazer, e arrastaram-no estirado no chão para dentro da tenda de um amolador de espadas.

Ásgrímr e sua tropa avançaram então com tanto ímpeto que Flosi e seus homens recuaram para o sul, margeando o rio, em direção à tenda dos homens de Mjóðruvellir. Um homem estava do lado de fora de uma tenda lá, de nome Sólvi; ele cozinhava carne num grande caldeirão, e já havia retirado do caldeirão a carne, mas a fervura borbulhava ao máximo. Sólvi pôde avistar os homens dos Fiordes do Leste em fuga, e eles haviam vindo já bem diante de onde ele estava. Sólvi falou: “Aonde pretendem ir todos esses maricas dos Fiordes do Leste, que fogem por aqui?” diz ele, “e até Þorkell Geitisson vem correndo, e muito se mentiu sobre ele, que muitos já disseram que ele é um valentão, mas agora ninguém corre tão afoitamente quanto ele.”

Hallbjörn, o forte, estava de pé ali perto e falou: “Tu não terás para contar que todos são maricas;” – agarrou-o então e ergueu-o no ar e atirou-o de ponta-cabeça dentro do caldeirão. Sólvi morreu no ato. Então atacaram Hallbjörn, e tiveram de persegui-lo, que ele se pôs em fuga. Flosi atirou uma lança contra Brúni Hafliðarson e acertou-o no meio, e isso foi sua morte; ele estava entre os homens de Guðmundr, o poderoso. Þorsteinn Hlennason retirou a lança da chaga e atirou-a de volta contra Flosi, e acertou-lhe a perna; Flosi recebeu um grande ferimento na perna e tombou com a lançada, e pôs-se imediatamente de pé. Eles então recuaram até a tenda dos homens de Vatnsfjörðr.

Ljótr e Hallr cruzaram então o rio para a margem oeste, com todo o seu bando. E, quando haviam chegado ao campo de lava, uma lança foi arremessada do bando de Guðmundr, o poderoso, e atingiu Ljótr no meio; ele tombou morto imediatamente, e jamais foi descoberto quem praticou este homicídio.

Flosi e seus homens recuaram para cima, além da tenda dos homens de Vatnsfjörðr. Þorgeirr skorargeirr falou: “Lá está Eyjólfur Bólverksson agora, Kári,” diz ele; “dá a ele agora o pagamento pelo bracelete.” Então Kári apanhou a lança de um homem e arremessou-a contra Eyjólfur, e acertou-o no meio, trespassando-o; Eyjólfur tombou morto no ato.

Então a batalha arrefeceu um pouco. Snorri, o goði, achegou-se então com sua tropa, e Skapti estava entre seus homens, e eles correram imediatamente entre aqueles que lutavam; não puderam então seguir travando o combate. Hallr então se juntou ao seu bando e desejou separá-los. Declarou-se então que se fariam tréguas durante a assembleia. Cuidou-se então dos corpos, que foram levados à igreja, e ataram-se os ferimentos dos homens que estavam feridos.

No dia seguinte, os homens andaram à rocha da lei. Hallr de Síða pôs-se de pé e pediu silêncio para pronunciar-se, e obteve-o imediatamente. Ele falou: “Deram-se aqui duros eventos, com perdas de homens e disputas legais. Mostrarei agora que sou um homem insignificante: desejo pedir a Ásgrímr, e àqueles demais homens que disputam este caso, que nos concedam um acordo em termos iguais.” Ele então discursou com muitas belas palavras. Kári falou: “Ainda que todos os outros entrem em acordo em seus casos, eu jamais aceitarei uma conciliação, pois vós desejareis avaliar estes homicídios frente ao incêndio, e nós não o toleraremos.” A mesma coisa falou Þorgeirr skorargeirr. Então Skapti Þóroddson pôs-se de pé e falou: “Teria sido melhor para ti, Kári, se não tivesses corrido para longe da família de tua

esposa, e não te esquivarias agora de uma conciliação.” Kári então declamou estes versos:

18. *Por que, árvore da víbora do escudo,
hás de me censurar porque fugi?
Sobre as nuvens de Skogul, por mim feita,
caiu dura tormenta de granizo
– ó tronco lorigado,
covarde com tua barba ruiva foste
para tua tenda enquanto ressonavam
as lâminas na lide.*

Kári declamou então outros versos:

19. *Quando os deuses da lide careciam
de empenho por cessar a mortandade
do escudo à frente pouco se mostrava
– muito deteve Skapti –
o poeta houve grã dificuldade
quando arrastaram Móði da batalha
os cozinheiros, estirado, à tenda
do bufão – e foi tudo covardia.*

Kári declamou versos uma terceira vez:

20. *Os navegantes do alce do mar riram
do incêndio de Njáll, de Grímr, Helgi;
os varões não agiram bem assim.
Ora após a assembleia
aos pródigos de anel sobre as colinas
cobertas de urze em Svínafell parece
tudo mui diferente.*

Fez-se então grande gargalhada. Snorri, o goði, sorriu e declamou isto em baixa voz, mas de tal modo que muitos ouviram:

21. *Skapti bem pode apartar,
Ásgrímr jogou a lança;
Hólmsteinn não quer retirar-se;
Þorkell lida e mata à força.*

Os homens riam-se agora muitíssimo.

Hallr de Síða falou: “Todos os homens sabem da tristeza que ganhei, que meu filho Ljótr está morto. Muitos devem esperar que por ele seja estipulado o preço mais caro dentre todos os homens que aqui morreram. Mas eu desejo acordar, para uma conciliação, que meu filho não seja compensado, e que eu ofereça, não obstante, tréguas e paz àqueles que são meus oponentes. Peço a ti, Snorri, o goði, e aos demais dos melhores homens, que intervenhais para que se faça entre nós uma conciliação.” Em seguida ele se sentou, e fez-se um grande e bom rumor ao seu discurso, e todos louvaram muito a sua benevolência.

Snorri, o goði, pôs-se de pé então e pronunciou um longo e eloquente discurso e pediu a Ásgrímr e Gizurr e aos demais homens que defendiam o seu caso que se conciliassem com aqueles. Ásgrímr falou: “Eu tinha a intenção, desde que Flosi cavalgou à minha casa, de jamais conciliar-me com ele, porém, desejo agora fazê-lo por conta do que dizes, Snorri, o goði, e também do que dizem meus outros amigos, e não me esquivarei da conciliação.” Iguamente pronunciaram-se Þorleifr, o corvo, e Þorgrímr, o grande, que se conciliariam, e compeliram ao máximo seu irmão Þorgeirr skorargeirr a conciliar-se, mas ele se esquivou e declarou que jamais haveria de abandonar Kári. Então Gizurr, o Branco, falou: “Agora Flosi pode ver a alternativa que tem, se deseja aceitar a conciliação com alguns de fora dela.” Flosi declarou estar desejoso de conciliar-se; – “tanto melhor me parece,” diz ele, “quanto menos forem os bons homens contra mim.” Guðmundr, o poderoso, falou: “Desejo oferecer meu aperto de mão em garantia pelos homicídios que aqui ocorreram na assembleia, de minha parte, para que o caso do incêndio não seja anulado.” Da mesma maneira pronunciaram-se Gizurr, o Branco, e Ásgrímr e Hjalti, e com isso a conciliação avançou.

Foi então acordado que se teria uma corte de doze homens; a Snorri, o goði, coube a incumbência de arbitrar, e outros bons homens com ele. Foi feita então uma equiparação dos homicídios, e por aqueles que excediam foram pagas compensações. Eles arbitraram também o caso do incêndio. Por Njáll seriam pagos três valores de homem, e por Bergþóra dois; o homicídio de Skarpheðinn seria equilibrado pelo homicídio de Hǫskuldr Hvítanessgoði; três valores de homem seriam pagos para compensar cada um dos irmãos Grímr e Helgi. Então um valor de homem seria pago por cada um dos demais. Com relação ao homicídio de Þórðr Kárason não foi acordada uma conciliação. Flosi foi

declarado exilado, e também todos os incendiários, e eles não precisariam partir no mesmo verão, a não ser que desejassem fazê-lo, mas se eles não partissem antes que três invernos tivessem decorrido, ele e todos os incendiários seriam declarados plenamente proscritos, e foi estipulado que a proscricção deles poderia ser anunciada onde se desejasse, fosse na assembleia da primavera ou na assembleia outonal. Flosi, porém, deveria permanecer fora da terra por três invernos. Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson, Glúmr Hildisson, Kolr Þorsteinsson, estes todos jamais poderiam retornar à terra. Perguntou-se então a Flosi se ele desejava que se julgasse seu ferimento, mas Flosi declarou não estar desejoso de receber suborno por si. Eyjólfur foi declarado morto sem valor de compensação por conta de sua iniquidade e suas falhas. Essa conciliação foi agora selada com apertos de mãos e cumpriu-se integralmente.

Ásgrímur e os seus deram bons presentes a Snorri, o goði; ele obteve grande honra deste caso. Skapti não recebeu nenhuma compensação por suas lesões. Gizurr, o Branco, e Hjalti e Ásgrímur convidaram Guðmundr, o poderoso, a ir visitá-los; ele aceitou o convite, e cada um deles deu-lhe seu bracelete de ouro. Guðmundr cavalga para o norte, rumo à sua casa, e obteve o louvor de todos os homens pelo modo como se saiu desse caso.

Þorgeirr skorargeirr convidou Kári a acompanhá-lo, contudo eles cavalgaram primeiro com Guðmundr bem ao norte até sobre a montanha. Kári deu um broche de ouro a Guðmundr, e Þorgeirr um cinto de prata, e tanto um quanto o outro eram os melhores tesouros, e eles se separaram com a maior amizade. Guðmundr então cavalga para casa, a norte, e está agora fora da história. Kári e Þorgeirr cavalgaram para sul, deixando a montanha, e desceram até Hreppar e seguiram então até o rio Þjórsá.

Agora há que se contar de Flosi, que ele e todos os incendiários cavalgaram para leste, rumo a Fljótshlíð. Flosi mandou então os filhos de Sigfúss irem cuidar de suas fazendas. Então Flosi tomou notícia de que Þorgeirr e Kári haviam cavalgado para o norte com Guðmundr e as pessoas supunham que eles estariam agora ao norte. Então os filhos de Sigfúss pediram para ir a leste, até o pé das montanhas Eyjafjöll, para reaver o dinheiro que tinham com seus credores lá, pois tinham credores a leste, em Höfðabrekka; Flosi permitiu-lhes que assim fizessem e, contudo, pediu-lhes que se demorassem lá o mínimo. Flosi então cavalgou acima, até Goðaland, e então sobre a montanha, e seguiu a

norte de Eyjafjallajökull, e não parou antes que chegou a sua casa, em Svínafell.

Agora há para se mencionar, sobre Hallr de Síða, que ele havia declarado seu filho morto sem valor de compensação e assim fizera por conta da conciliação, e então todo o mundo da assembleia pagou-lhe compensação, e isso não foi menos dinheiro do que oito centenas de prata, e isto era quatro valores de homem. Mas nenhum dentre todos os demais que haviam estado ao lado de Flosi recebeu qualquer compensação pelos danos sofridos, e estavam com isso muitíssimo insatisfeitos.

Os filhos de Sigfúss quedaram-se em casa duas noites, e, no terceiro dia cavalgaram para leste, rumo a Raufarfell, e lá pernотaram; eles estavam num grupo de quinze ao todo, e não temiam absolutamente por si. Cavalgaram de lá no fim do dia e pretendiam ir para leste, até Hqfðabrekka, à noite. Fizeram uma parada no vale Kerlingardalr e caíram lá num forte sono.

CAPÍTULO CXLVI

Agora há para se mencionar, com relação a Kári e Þorgeirr, que eles cavalgaram naquele dia para leste, cruzando o rio Markarfljót, e então seguiram para leste rumo a Seljalandsmúli; lá encontraram algumas mulheres. Elas os reconheceram imediatamente e lhes falaram: “Estais menos alegres do que os filhos de Sigfúss, e, não obstante, viajais ambos despreocupados.” Þorgeirr falou: “Por que mencionais os filhos de Sigfúss? Que sabeis sobre eles?” Elas respondem: “Eles passaram esta noite em Raufarfell, e pretendiam chegar hoje à noite a Mýdalr. Mas pareceu-nos bom que eles tinham medo de vós e perguntaram quando ambos vós chegaríeis a casa.” Então elas seguiram seu caminho, enquanto os dois guiaram seus cavalos.

Þorgeirr falou: “O que tens em mente? Desejas que cavalguemos atrás deles?” Kári responde: “Não hei de dissuadir-te disso.” Þorgeirr falou: “Como devemos agir?” “Eu não sei,” diz Kári, “pois é possível, como se dá com frequência, que homens matados só com palavras vivam uma longa vida. Mas eu sei o que tu pretenderás fazer: tens em mente embater-te com oito homens, e isso é, não obstante, menos do que quando mataste os sete no desfiladeiro, quando desceste até eles pendurado numa corda. Mas tu e os homens de tua família são tais que desejais praticar tudo para vossa distinção. Agora não farei menos do que estar do teu lado para contar as histórias.

Devemos agora cavalgar só nós dois atrás deles, pois vejo que é assim que decidiste que agirás.”

Em seguida, cavalgaram para leste, pela via de cima, e não foram a Holt, pois Þorgeirr não queria que seus irmãos pudessem perceber o que se passava. Cavalgaram então para leste até Mýdalr. Lá se depararam com um homem, e ele tinha cestos de turfe em seu cavalo. Ele tomou a palavra: “Sois muito poucos agora, companheiro Þorgeirr.” “Por que dizes isso agora?” disse Þorgeirr. “É que,” disse aquele, “há logo adiante homens para se apanhar. Cavalgaram por aqui os filhos de Sigfúss, e eles provavelmente dormem a leste, em Kerlingardalr, pelo dia todo, pois não pretendem ir além de Höfðabrekka esta noite.” Em seguida, cada um seguiu seu caminho.

Þorgeirr e Kári cavalgaram para leste, por Arnarstakksheiðr. Não há agora o que se contar acerca da jornada deles, antes que chegam ao rio de Kerlingardalr; o rio era largo. Cavalgaram rio acima, margeando-o, pois viram lá alguns cavalos selados. Cavalgaram até lá e viram homens dormindo numa depressão, e as suas lanças estavam de pé no solo, mais para cima de onde eles estavam; pegaram as lanças e as atiraram no rio. Em seguida, Þorgeirr falou: “Acaso queres que os acordemos?” Kári responde: “Tu não fazes essa pergunta agora por nunca ter antes decidido que não matarias homens deitados, praticando assim um homicídio vergonhoso.” Em seguida, gritaram para eles; eles então despertaram e puseram-se de pé num salto todos e sacaram suas armas. Þorgeirr skorargeirr lançou-se para onde estava Þorkell Sigfússon. Então um homem lançou-se contra as suas costas, e, antes que o lograsse ferir, Þorgeirr brandiu o machado Ogre-da-Batalha, segurando-o com ambas as mãos, tão rapidamente e com tanto ímpeto que, ao erguer o machado para trás, acertou com o martelo do machado na cabeça daquele que se encontrava às suas costas, de modo a partir-lhe o crânio em pequenos pedaços; ele tombou morto no ato. E, quando brandiu o machado para frente, acertou um golpe no ombro de Þorkell, decepando-lhe o braço inteiro. Contra Kári investiram Mjörðr Sigfússon e Sigurðr Lambason e Lambi Sigurðarson. Este correu às costas dele e desferiu-lhe uma estocada com a lança. Kári conseguiu vê-lo e deu um salto, dobrando as pernas no ar, quando ele o golpeou; a lançada atingiu o solo, e Kári pulou sobre a haste da lança e partiu-a ao meio. Ele tinha numa mão uma lança, e na outra uma espada, mas nenhum escudo; com a mão direita desferiu uma estocada contra Sigurðr Lambason; a lançada acertou-lhe o peito, saindo-lhe por entre os ombros às costas; ele tombou morto no ato. Com a mão esquerda golpeou contra Mjörðr

Sigfússon, e atingiu-lhe o quadril, abrindo-o ao meio até a espinha; ele tombou à frente, morto no ato. Depois disso, voltou-se sobre os calcanhares como um pião contra Lambi Sigurðarson, e este tomou a única alternativa de partir em fuga. Agora Þorgeirr voltou-se contra Leiðólfr o forte, e um golpeou contra o outro ao mesmo tempo, e o golpe de Leiðólfr foi tão potente que arrancou o pedaço do escudo onde o atingiu. Þorgeirr havia desferido uma machadada com ambas as mãos, e a ponta de baixo acertou o escudo, partindo-o ao meio, enquanto a ponta de cima atingiu-lhe o osso do colar e partiu-o e abriu um talho pelo peito abaixo, fundo na carne. Kári chegou neste instante e decepou-lhe a perna, na metade da coxa; Leiðólfr tombou morto então. Ketill de Mork falou: “Corramos até nossos cavalos; não podemos embater-nos com esses homens tão poderosos.” Eles correram até seus cavalos então e montaram. Þorgeirr falou: “Desejas que os persigamos? Nós ainda conseguiremos matar alguns.” Kári responde: “Aquele que cavalga mais atrás é quem eu menos desejo matar, e ele é Ketill de Mork, porque eu e ele somos casados com duas irmãs, e ele, ademais, foi quem melhor portou-se antes em nossa disputa legal.”

Montaram então em seus cavalos e cavalgaram até que chegaram à sua casa em Holt. Þorgeirr então mandou seus irmãos irem para leste, até Skógar (eles possuíam lá uma outra fazenda) porque Þorgeirr não queria que seus irmãos fossem chamados de aviltadores de pacto. Eles tinham lá consigo muitos homens, de modo que jamais estavam lá menos homens aptos a portar armas do que trinta. Fez-se lá então grande alegria. As pessoas consideravam que Þorgeirr se distinguira muito com isso, tanto ele quanto Kári. As pessoas recordaram muito a perseguição deles, que cavalgaram em apenas dois contra quinze homens, e mataram cinco, e puseram em fuga os demais que escaparam.

Agora há que se contar de Ketill e os demais que eles cavalgaram o mais rápido que podiam até que chegaram a Svínafell e relataram que suas andanças não haviam sido agradáveis. Flosi declarou que isso era de se esperar, – “e isso vos serve de aviso,” diz ele; “não deveis jamais viajar assim doravante.” Flosi era o mais alegre dos homens, e o melhor de se visitar, e é dito que ele era, na maioria das coisas, dotado dos atributos dignos do maior chefe. Ele permaneceu em casa no verão e também durante o inverno.

Mas, após o Natal, no inverno, chegou Hallr de Síða, vindo do leste, com seu filho Kolr. Flosi alegrou-se com sua vinda, e eles frequentemente conversavam sobre o caso judicial; Flosi diz que eles

havia acabado de pagar um grande preço. Hallr disse que era fácil de adivinhar o que se faria do caso deles. Flosi pediu-lhe então um conselho sobre o que lhe parecia mais razoável. Hallr responde: “Eu aconselho a fazer uma conciliação com Þorgeirr, se houver esta possibilidade, e ele será, não obstante, difícil em toda conciliação.” “Supões que então terão fim as matanças?” diz Flosi. “Não suponho isso,” diz Hallr, “mas se terá de tratar com menos, caso sobre apenas Kári. Mas se tu não te conciliares com Þorgeirr, então isso será para ti tua morte.” “Que tipo de conciliação havemos de oferecer-lhe?” diz Flosi. “Somente uma que vos parecerá dura,” diz Hallr, “ele aceitará. Porque ele só desejará conciliar-se se não tiver de pagar por nada do que praticou, e, ainda assim, receba seu terço das compensações por Njáll e os filhos dele.” “É uma compensação dura essa,” diz Flosi. “Esta compensação não é dura para ti,” diz Hallr, “por que tu não tens nenhum caso de homicídio para levar adiante pela morte dos filhos de Sigfúss – os irmãos deles é que têm esse caso a tratar – e Hámundr *halti* pela morte de seu filho. Mas tu podes agora atingir uma conciliação com Þorgeirr, pois eu cavalgarei para isso contigo, e Þorgeirr há de receber-me bem, de algum modo. Mas nenhum de quantos têm parte neste caso deverá ousar permanecer em sua fazenda em Fljótshlíð, caso esteja fora da conciliação, pois isso será para eles a morte, e isso é de se esperar, dado o temperamento de Þorgeirr.”

Agora os filhos de Sigfúss foram chamados; expuseram este caso para eles, e sua conversa terminou, conforme os conselhos de Hallr, com eles acatando tudo quanto ele lhes propusera, e estavam ávidos por conciliar-se. Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambason falaram: “É óbvio para nós que se Kári for o último a restar, que ele não esteja menos temeroso de nós do que nós dele.” “Não se deve falar assim,” diz Hallr, “que os negócios que tratardes com ele ser-vos-ão dolorosos, e pagareis um grande preço antes que tudo se encerre entre vós.” Em seguida, encerraram a conversa.

CAPÍTULO CXLVII

Hallr de Síða e seu filho Kolr e os demais, seis ao todo, cavalgaram para leste cruzando Lómagnúpsand, e então seguiram para leste através de Arnarstakksheiðr, e não pararam antes que chegaram a Mýdalr. Eles perguntaram lá se Þorgeirr estaria em casa em Holt, e eles lhes responderam que ele estava em casa, e perguntaram aonde Hallr cavalgaria. “Até Holt,” diz ele. Eles disseram que ele deveria ir com bons propósitos. Hallr quedou-se lá por algum tempo, e deu pasto aos

cavalos. Depois disso, apanharam seus cavalos e cavalgaram até Sólheimar, à noite, e lá pernoitaram.

No dia seguinte, cavalgaram a Holt. Þorgeirr estava do lado de fora de casa, e também Kári e os homens deles, e reconheceram Hallr; ele vinha cavalgando num casaco negro e tinha um machadinho banhado a prata na mão. E, quando chegaram ao quintal, Þorgeirr andou ao encontro deles e ajudou Hallr a desmontar, e tanto Kári quanto Þorgeirr beijaram Hallr e o conduziram, entre os dois, até o câmara e deram-lhe o assento de honra no banco e perguntaram-lhe muitas coisas. Ele lá pernoitou.

Na manhã seguinte, Hallr falou com Þorgeirr sobre a questão e buscou uma conciliação, e conta que conciliação aqueles lhe ofereciam, e falou a esse respeito com muitas palavras belas e benevolentes. Þorgeirr responde: “Deve ser de teu conhecimento que eu não desejei aceitar nenhuma conciliação com os incendiários.” “Era tudo muito diferente,” diz Hallr; “estáveis tomados por fúria de matar então; já praticastes agora muitas mortes desde então.” “Assim é,” diz Þorgeirr, “mas que conciliação ofereceis a Kári?” Hallr responde: “Ser-lhe-á oferecida uma conciliação honrosa, se ele deseja conciliar-se.” Kári falou então: “Desejo pedir-te, amigo Þorgeirr, que tu te concilies, pois teu quinhão não poderá ser melhor do que bom.” Ele responde: “Parece-me ruim conciliar-me e abandonar-te, a não ser que tu aceites a mesma conciliação que eu aceitar.” “Não desejo,” diz Kári, “conciliar-me. Todavia, eu considero que nós agora já vingamos o incêndio, mas meu filho eu considero que ainda não foi vingado, e eu pretendo fazê-lo só, seja o que eu consiga fazer disso.” Þorgeirr não queria conciliar-se, até que Kári disse que, se ele não se conciliasse, ficaria muito insatisfeito. Þorgeirr então acertou tréguas de Flosi e seus homens, com um aperto de mãos, para que se fizesse o encontro conciliatório, e Hallr concedeu, por sua vez, tréguas, conforme recebeu da parte de Flosi e dos filhos de Sigfúss. E, antes de se separarem, Þorgeirr deu um bracelete de ouro e uma túnica escarlate a Hallr, e Kári um colar de prata, e nele havia três crucifixos; Hallr agradeceu-lhes bem os presentes e cavalgou embora com a maior honra, e não parou antes que chegou a Svínafell; Flosi recebeu-o bem.

Hallr contou a Flosi tudo quanto se dera em sua jornada e também a conversa que tivera com Þorgeirr, e disse que Þorgeirr não estava desejoso de conciliar-se antes que Kári interveio e pediu-lhe, manifestando seu descontentamento caso ele não se conciliasse, mas

Kári não desejou entrar na conciliação. Flosi falou: “Kári parece-se com poucos homens, e eu gostaria muito de ter a índole que ele tem.”

Hallr e seus companheiros permaneceram lá por um tempo. Em seguida, eles cavalgaram para oeste, no momento decidido, para o encontro conciliatório, e encontraram-se em Höfðabrekka, conforme fora acordado entre eles. Þorgeirr então chegou ao encontro deles, vindo do oeste. Eles discutiram então sua conciliação; deu-se tudo conforme Hallr havia dito. Þorgeirr diz-lhes que, para a conciliação, Kári deveria poder permanecer consigo sempre que desejasse; – “e vós e ele não podereis fazer nenhum mal uma parte à outra em meu lar. Mas eu não desejo ir buscar o pagamento junto a cada um de vós, desejo que tu, Flosi, assumas a responsabilidade perante mim, e reúnas o pagamento entre teus seguidores, e desejo que o arbitramento feito na assembleia sobre o incêndio seja respeitado na íntegra. Desejo que tu me pagues minha terça parte.” Flosi aderiu rapidamente a isso tudo. Þorgeirr não os eximiu da pena de exílio nem de proscricção distrital.

Flosi e Hallr então cavalgaram para o leste. Hallr falou para Flosi: “Cumpre bem, genro, esta conciliação, tanto o exílio fora da terra quanto a caminhada ao sul²²³ e o pagamento da multa. Tu serás então considerado um homem bravo, apesar de teres participado destes terríveis eventos, se tu agires bravamente em todas as coisas.” Flosi declarou que assim haveria de fazer. Hallr cavalgou para casa, a leste, e Flosi cavalgou para sua casa em Svínafell. Flosi agora permaneceu em casa por um tempo.

CAPÍTULO CXLVIII

Agora há para se mencionar que Þorgeirr cavalgou para casa após a decisão de conciliação. Kári perguntou como se dera a conciliação. Þorgeirr diz que eles estão plenamente conciliados. Kári quis então apanhar seu cavalo e cavalgar embora. Þorgeirr falou: “Tu não precisas cavalgar embora, porque foi determinado na nossa conciliação que tu poderias quedar-te aqui sempre que desejasses.” Kári falou: “Não há de dar-se assim, parente, pois se eu praticar algum homicídio, eles imediatamente falarão que tu participeste do plano comigo, e eu não desejo isso. Mas eu desejo que tu recebas a custódia de meus bens de valor e os conserves contigo, e também Helga Njálsdóttir, minha esposa, e minhas filhas; assim nada disso será tomado pelos meus adversários.” Þorgeirr anuiu ao que Kári desejava; Þorgeirr então recebeu a custódia dos bens de Kári.

²²³ Peregrinação a Roma.

Em seguida, Kári cavalgou embora, e ele tinha dois cavalos e suas armas e vestes e um pouco de dinheiro em ouro e prata. Kári cavalgou agora para oeste, diante de Seljalandsmúli, e subiu ao longo do rio Markarfljót e então até Þórsmörk. Há lá três fazendas que se chamam todas Mörk. Na fazenda do meio morava um homem de nome Björn Bjálfason; seu pai Bjálfi havia sido alforriado de Ásgerðr, mãe de Njáll e Holta-Þórir. Björn era casado com uma mulher de nome Valgerðr; ela era filha de Þangbrandr, filho de Ásbrandr; sua mãe chamava-se Guðlaug; ela era irmã de Hámundr, o pai de Gunnarr de Hlíðarendi. Ela fora dada em casamento a Björn por dinheiro, e não o amava muito, porém os dois tinham filhos. Eles tinham abundância na fazenda. Björn era um homem vaidoso, e isso parecia ruim à sua esposa; Björn era um homem de vista aguçada e pés velozes. Kári lá chegou para pedir hospedagem, e os dois o receberam de braços abertos; ele lá pernoitou.

Pela manhã, conversaram. Kári falou para Björn: “Eu gostaria que tu me acolheesses. Sinto-me bem-vindo aqui contigo. Eu gostaria que tu me acompanhasses em minhas jornadas, que és um homem de vista aguçada e veloz, e, ademais, creio que sejas bom em coragem.” Björn responde: “Não ponho em dúvida nem minha vista aguçada nem minha coragem nem meus demais atributos viris. Mas tu deves ter vindo até aqui porque agora *já estão todos os abrigos para ti soterrados de neve*. Mas quanto ao teu pedido, Kári,” diz Björn, “não hei de tratar-te como aos homens corriqueiros; eu certamente prestar-te-ei todo o tipo de auxílio que pedes.” A sua esposa ouviu o que ele disse e falou: “Que um tröll leve tuas falácias e fanfarrônicas,” disse ela; “tu não devias enganar a ti e a Kári com esse falatório e promessas falsas. Mas mui prontamente desejo oferecer a Kári alimentos e outras benesses que eu saiba que lhe podem ser de valia. Mas na valentia de Björn tu não deves confiar, pois eu temo que ele possa vir a não se mostrar tão resoluto quanto afirma.” Björn responde: “Tu já me admoestaste com frequência, mas tenho em mim tanta confiança que não correrei diante de ninguém. E a prova disso aqui é que poucos procuram encrenca comigo, pois ninguém ousa fazê-lo.”

Kári permaneceu lá um tempo escondido, e isso se deu com o conhecimento de poucos homens; as pessoas supunham agora que ele haveria cavalgado para o norte, ao encontro de Guðmundr, o poderoso, pois Kári mandou Björn dizer a seus vizinhos que encontrara Kári em jornada e que cavalgava de lá para Goðaland, e então para Guðmundr, o poderoso. Esse relato então foi espalhado por todos os distritos.

CAPÍTULO CXLIX

Agora há que se voltar para onde está Flosi. Ele falou para os incendiários, seus companheiros: “Não nos servirá mais ficarmos quietos. Precisaremos pensar em nossa viagem para fora da terra e no pagamento, e em como cumprirmos nossa conciliação da maneira mais valente, e que cada um de nós obtenha passagem para viajar como melhor parecer.” Eles pediram-lhe que se encarregasse de ver isso. Flosi falou: “Nós cavalgaremos para leste, até Hornarfjörðr, pois se encontra lá varado um navio de propriedade de Eyjólfur nariz, um homem de Brándheimr, e ele deseja pedir para si uma mulher, e não conseguirá um partido a não ser que se estabeleça aqui. Nós poderemos comprar dele o navio, pois teremos pouco dinheiro, mas muitos homens; aquele navio é grande, e comportará todos nós.” Eles então encerraram sua conversa.

E, um pouco mais tarde, cavalgaram para leste, e não pararam antes que chegaram a Bjarnanes, em Hornafjörð. Encontraram lá Eyjólfur, pois ele havia permanecido alojado lá durante o inverno. Flosi foi bem recebido lá; eles lá pernoitaram. E, na manhã seguinte, Flosi fez uma oferta de compra do navio ao capitão; ele declarou que não seria contrário a vender o navio se obtivesse em troca dele o que desejava. Flosi perguntou-lhe que tipo de dinheiro ou bens ele gostaria de receber como pagamento. O homem do leste declarou que desejava receber terras, mas que fossem próximas ao local onde estava; o homem do leste lhe contou tudo que se dera com relação aos seus negócios com o senhor da fazenda. Flosi disse que lhe daria um auxílio para que o acordo de casamento se realizasse e que compraria em seguida o navio dele. O homem do leste alegrou-se com isso. Flosi ofereceu-lhe terras em Borgarhófn. Em seguida, o homem do leste foi ter com o fazendeiro para tratar de sua questão, com Flosi ao seu lado. Flosi participou da conversa de modo que o acordo de casamento foi concretizado; Flosi concedeu as terras em Borgarhófn ao homem do leste, e os dois apertaram as mãos, completando a barganha, e Flosi recebeu o navio mercante. Flosi obteve do homem do leste vinte centenas em carga de mercadoria, e isso fazia parte de sua barganha.

Flosi então cavalgou de volta. Ele era tão bem quisto por sua gente que recebeu como presente e empréstimo tanta carga de mercadorias quanto desejasse. Cavalgou então para sua casa em Svínafell e permaneceu então em casa por um tempo. Flosi então enviou Kolr Þorsteinsson e Gunnarr Lambason para leste, até Hornarfjörðr; eles deveriam permanecer lá junto ao navio e fazer os

preparativos e montar as tendas e ensacar as mercadorias e reunir provisões.

Agora há para se contar dos filhos de Sigfúss que eles dizem a Flosi que cavalgarão para oeste, até Fljótshlíð, para supervisionar as tarefas em suas fazendas e trazer de lá mercadorias e tudo mais de que possa precisar; – “agora não há motivo para nos precavermos com relação a Kári, que ele se encontra ao norte.” Flosi responde: “Eu não sei, com relação a esses boatos, o que há de verdadeiro no que se diz das andanças de Kári. Eu acho que frequentemente notícias mais fiáveis do que essas desmentem-se. E o meu conselho é que viajeis em muitos e que vos separeis pouco, e permaneci o mais alertas. Tu te lembrarás agora também, Ketill, daquele sonho que te contei e que tu pediste que guardássemos em segredo, pois agora muitos daqueles que foram chamados partirão contigo nesta jornada.” Ketill falou: “Tudo se realizará na vida dos homens conforme está destinado, mas fazes bem em alertares.” Não falaram mais sobre isso. Em seguida, os filhos de Sigfúss aprontaram-se, e também os homens que os acompanhariam; eles eram dezoito ao todo. Cavalgaram então embora. E, antes de partirem, trocaram beijos com Flosi; ele disse que alguns daqueles que cavalgavam embora não se veriam mais, mas eles não se deixaram dissuadir; cavalgaram agora seguindo seu caminho. Flosi havia falado que eles deveriam apanhar as cargas dele em Meðalland para transportá-las para o leste, e também em Landbrot e em Skógarhverfi.

Em seguida, eles cavalgaram até Skaptártunga e então subiram pela montanha, a norte de Eyjafjallajökull, e desceram até Goðaland e então passaram pelas florestas em Þórsmörk. Björn de Mörk conseguiu ver a cavalgada dos homens e foi imediatamente ao encontro deles, e eles se saudaram bem. Os filhos de Sigfúss perguntaram sobre Kári Sölmundarson. Björn responde: “Eu encontrei Kári,” diz ele; “isso se deu já há bastante tempo. Ele cavalgava de lá para o norte, para Gásasand, e pretendia ir até Guðmundr, o poderoso, e pareceu-me que ele vos temia e se julgava muito sozinho.” Grani Gunnarsson responde: “Mais ainda ele nos temerá em breve. Ele saberá quando se deparar conosco. Nós não o tememos absolutamente, agora que está solitário.” Ketill pediu-lhe que se calasse e que não fanfarronasse. Björn perguntou-lhes quando retornariam. “Nós nos quedaremos por uma semana em Fljótshlíð,” disseram eles, e então lhe disseram o dia em que cavalgariam sobre a montanha; separaram-se com isso. Os filhos de Sigfúss cavalgaram para suas fazendas, e as pessoas de seus lares alegraram-se com sua chegada. Permaneceram lá por uma semana.

Agora Bjørn chega a sua casa e encontra Kári e conta-lhe tudo sobre a jornada dos filhos de Sigfúss e seus planos. Kári disse que ele lhe demonstrou com isso grande amizade e fidelidade. Bjørn responde: “Eu suponha que, se eu promettesse meus auspícios a algum homem, isso lhe faria a diferença.” A senhora do lar diz: “Seria ainda pior se tu fosses um traidor.” Kári ficou-se lá por seis noites depois disso.

CAPÍTULO CL

Kári falou com Bjørn: “Agora devemos cavalgar para leste sobre a montanha e descer até Skaptártunga, e passar escondidos pelo distrito dos seguidores de Flosi, pois eu pretendo partir da terra em Álptafjörðr, no leste.” Børn falou: “Essa é uma jornada muito perigosa, e poucos teriam coragem de realizá-la, exceto tu e eu.” A senhora do lar falou: “Se tu fores uma má companhia para Kári, debes saber que jamais te deitarás em meu leito novamente; meus parentes farão a nossa partilha de bens.” Bjørn responde: “É mais provável, senhora,” diz ele, “que tu precisas fazer outros planos para nossa separação, pois trarei testemunhos para ti de quão valente e destemido eu sou em batalha.”

Eles cavalgaram então durante o dia para leste sobre a montanha, a norte da geleira, e não cavalgavam nunca pela via de costume dos homens, e então desceram até Skaptártunga e passaram mais acima de todas as fazendas, seguindo até o rio Skaptá, e guiaram seus cavalos até uma depressão, e eles se mantinham atentos observando e cuidando para que não fosse possível vê-los. Kári falou então com Bjørn: “Como nós devemos agir se eles vierem cavalgando de encontro a nós, descendo da montanha?” “Não haverá duas alternativas?” diz Bjørn, “ou fugir cavalgando para o norte junto às colinas e deixar que eles cavalguem deixando-nos para trás, ou então aguardarmos, se alguns deles ficarem para trás, e atacá-los então?” Eles conversaram muito sobre isso, e Bjørn ora deixava entender que desejava fugir o mais depressa, ora que desejava aguardar e enfrentá-los, e isso pareceu a Kári muitíssimo divertido.

Agora há para se contar dos filhos de Sigfúss que eles cavalgaram de casa naquele dia que haviam dito a Bjørn. Chegaram a Mørk e bateram na porta e queriam encontrar Bjørn, e a senhora do lar foi à porta e os cumprimentou. Eles perguntaram imediatamente sobre Bjørn. Ela diz que ele desceu cavalgando até Eyjafjöll e foi para leste, por Seljalandsmúli, e então para leste até Holt, – “porque tem dinheiro a reaver com credores lá.” Eles acreditaram nisso e sabiam que ele tinha credores lá, cavalgaram em seguida para leste sobre a montanha e não

pararam antes que chegaram a Skaptártunga, e desceram cavalgando ao longo do rio Skaptá e deram pasto aos cavalos onde Kári e Björn supunham que eles fariam.

Lá dividiram seu bando. Ketill de Mork cavalgou para leste, rumo a Meðalland, acompanhado de oito homens, e os demais se deitaram para dormir, e não se deram conta de nada antes que Kári e Björn chegaram a eles. Um pequeno cabo avançava rio adentro lá. Kári avançou por ele, e pediu que Björn permanecesse às suas costas e que não se expusesse muito à dianteira, mas que lhe desse todo o auxílio que pudesse. Björn responde: “Eu tinha pensado em algo diferente para mim,” diz ele, “em não usar nenhum homem como escudo à minha frente, mas agora as coisas se mostram de tal modo que tu decidirás do teu jeito. Não obstante, com a minha grande astúcia e agilidade eu não deixarei de causar um estrago em nossos inimigos.”

Todos aqueles então se puseram de pé e correram contra eles, e o mais rápido foi Móðólf Ketilsson, e ele golpeou com sua lança contra Kári. Kári tinha um escudo diante de si e a lança atingiu o escudo e ficou presa no escudo. Kári deu uma guinada no escudo, de modo tal que partiu a lança; ele havia sacado a espada e desferiu um golpe contra Móðólf. Este desferiu outro golpe de volta. A espada de Kári atingiu a guarda e rebateu-se e atingiu o pulso de Móðólf, decepando-lhe a mão, e ela caiu no chão com a espada, e a espada de Kári então dirigiu-se contra o flanco de Móðólf e entre suas costelas; Móðólf tombou então e estava morto no ato. Grani Gunnarsson apanhou uma lança e arremessou-a contra Kári, mas ele atirou seu escudo para baixo com tanto ímpeto que fê-lo cravar-se no solo, e agarrou com a mão esquerda a lança no ar e arremessou-a de volta contra Grani, e imediatamente ajuntou o escudo com a mão esquerda. Grani tinha um escudo diante de si. A lança atingiu-lhe o escudo e atravessou-o no ato e acertou a coxa de Grani, logo abaixo dos intestinos, e atravessou-a e cravou-se no solo, e ele não saiu da lança antes de seus companheiros o arrastarem e o protegerem com escudos numa depressão. Um homem se lançou contra Kári e quis decepá-lo a perna e achegou-se-lhe pelo flanco. Björn desferiu nele um golpe e decepou-lhe a mão, e novamente correu para a retaguarda de Kári; eles não conseguiram fazer-lhe nenhum mal. Kári desferiu uma espadada contra este homem e cortou-o ao meio, na cintura. Então Lambi Sigurðarson correu contra Kári e golpeou-o com a espada. Kári ergueu seu escudo aparando o golpe, e a espada não mordeu. Kári deu-lhe uma estocada com a espada diante do peito, de modo que a lâmina saiu atrás, entre os ombros; isto foi a sua morte.

Então Þorsteinn Geirleifsson correu contra Kári e tentou acertar-lhe o flanco. Ele conseguiu ver Þorsteinn e desferiu-lhe uma espadada através dos ombros, partindo o homem em dois. Um pouco depois, acertou em Gunnarr de Skál, um bom fazendeiro, o golpe mortal. Björn havia ferido três homens que tentaram atingir Kári, e, não obstante, jamais se expôs suficientemente à frente de modo a correr riscos; ele tampouco recebeu ferimentos, nem ele nem seu companheiro, neste embate, mas todos quantos deles escaparam estavam feridos. Eles correram até seus cavalos e galoparam adentro do rio Skaptá o mais rápido que podiam, e estavam tão amedrontados que não foram a nenhuma das fazendas, e não ousaram em parte alguma relatar os eventos. Kári e Björn gritaram para eles, enquanto eles fugiam. Eles cavalgaram para leste até Skógahverfi e não pararam antes de chegarem a Svínafell. Flosi não estava em casa quando eles lá chegaram, e assim de lá não partiram buscas. A todos essa jornada pareceu a mais humilhante.

Kári cavalgou até Skál e fez lá o anúncio desses homicídios como por si perpetrados, comunicou lá a morte do senhor da fazenda e daqueles cinco e o ferimento de Grani, e disse que seria melhor levá-lo para casa, se fosse para ele sobreviver. Björn disse que não esteve disposto a matá-lo, mas disse que, não obstante, era isso que ele merecia, mas aqueles que lhe responderam disseram que poucos haviam perecido diante dele. Björn disse que agora tinha a opção de fazer com que tantos homens de Síða quanto ele desejasse pusessem. Eles disseram que isso seria muito ruim. Ele e Kári cavalgaram então embora.

CAPÍTULO CLI

Kári perguntou a Björn: “Que medidas devemos tomar agora? Porei agora à prova tua grande astúcia.” Björn respondeu: “Julgas assim tão importante que nós dois sejamos astuciosíssimos?” “Sim,” disse Kári, “certamente.” “Então devemos tomar uma atitude rapidamente,” diz Björn; “devemos enganá-los todos como a gigantes; devemos fazer parecer que cavalgaremos para o norte sobre a montanha, e, tão logo houver uma colina entre nós e aqueles, devemos dar meia volta e descer ao longo do rio Skaptá e nos esconder lá onde nos parecer mais propício, enquanto as buscas estiverem mais acirradas, se eles cavalgarem atrás de nós.” Kári responde: “Assim nós faremos, pois eu já tinha planejado assim antes.” “Ser-te-á provado,” disse Björn, “que eu não careço de sagacidade, assim como não careço de bravura.”

Kári e Björn cavalgaram, como haviam planejado, descendo à margem do rio Skaptá. Então o rio se divide, uma parte flui para leste, outra para sudeste. Eles se voltaram então para baixo, seguindo pelo braço principal do rio, e não pararam antes de chegarem a Meðalland e ao pântano chamado Kringlumýrr. Por toda a volta lá é um campo de lava. Kári falou com Björn que cuidasse de seus cavalos e permanecesse em vigia, – “eu sinto um forte sono.” Björn cuidou dos cavalos, enquanto Kári deitou-se e dormiu por um brevíssimo tempo, até que Björn o despertou. Ele havia então conduzido os cavalos para perto de onde estavam. Björn falou: “Tu precisas muitíssimo de mim. Se aqui estivesse algum homem que não fosse tão corajoso quanto eu, ele teria agora corrido embora, deixando-te para trás, pois agora cavalgam para cá teus inimigos; tu deves agora aprontar-te.” Kári andou então até junto de um rochedo. Björn falou: “Onde devo postar-me agora?” Kári responde: “Tu tens agora duas alternativas diante de ti. Uma é tu te posicionares na minha retaguarda e segurares um escudo para te protegeres, se ele te for de alguma serventia. A outra é tu montares em teu cavalo e cavalgares em fuga, o mais rápido que puderes.” “Eu não desejo fazer assim,” disse Björn; “e por muitos motivos. Primeiro, pode ser que algumas pessoas com más línguas espalhem boatos de que eu corri para longe de ti por covardia, caso eu cavalgue embora. Além disso, eu sei o quanto eles me consideram duro de apanhar; dois ou três cavalgarão em meu encalço, e eu não te serei de nenhuma utilidade nem auxílio. Prefiro assim postar-me ao teu lado e defender-me, enquanto assim me for dado fazer.”

Então não foi preciso esperar muito, e cavalos de carga foram trazidos sobre o pântano, e três homens os guiavam. Kári falou: “Eles não nos veem.” “Deixemos que passem cavalgando,” diz Björn. Em seguida, eles passaram cavalgando, mas outros seis homens então cavalgaram até lá e imediatamente saltaram das montarias todos ao mesmo tempo e lançaram ataque contra Kári e seu companheiro. O primeiro que correu contra ele era Glúmr Hildisson, e golpeou contra ele com a lança. Kári esquivou-se apoiado sobre os calcanhares, e Glúmr não o acertou, e a lança atingiu o rochedo. Björn vê isso e desfere imediatamente uma espadada na lança, decepando a ponta da haste. Kári golpeou contra Glúmr, ainda com as pernas dobradas, e acertou a espadada na coxa dele, e decepou-lhe a perna na altura da coxa; Glúmr morreu no ato. Então avançaram contra ele Vébrandr e Ásbrandr, os filhos de Þorfinnr. Kári lançou-se sobre Vébrandr e trespassou-o com a espada, e depois disso decepou ambas as pernas de

Ásbrandr. Durante esta luta, tanto Kári quanto Björn foram feridos. Então Ketill de Mork lançou-se contra Kári e desferiu-lhe uma lança. Kári pulou, dobrando as pernas, e a lança acertou o solo; Kári pulou sobre a haste da lança e partiu-a ao meio. Kári agarrou Ketill com as mãos. Björn lançou-se ali imediatamente e quis matar Ketill. Kári falou: “Deixa-o em paz. Eu darei misericórdia a Ketill, e ainda que venha a ocorrer de eu ter novamente poder sobre a tua vida, jamais te matarei, Ketill.” Ketill diz pouco em resposta e cavalga embora atrás de seus companheiros e relata o ocorrido àqueles que ainda não sabem do que se deu. Eles relataram os eventos aos homens do distrito, e os homens do distrito imediatamente reuniram uma grande tropa armada e percorreram todos os rios em direção ao norte até a montanha, de modo que fizeram buscas por três dias, mas então retornaram e cada um foi para sua casa, enquanto Ketill e seus companheiros cavalgaram para leste, até Svínafell, e relataram lá os eventos. Flosi reagiu pouco às notícias do que lhes sucedera, e disse que, não obstante, não era certo ainda que isso estaria acabado; – “Kári não é igual a nenhum homem que esteja em nossa terra.”

CAPÍTULO CLII

Agora há que se contar de Kári que ele cavalgou até o areal e conduziu os cavalos até uma ribanceira coberta de limo, e cortaram limo para eles, para que não morressem de fome. Kári era tão preciso em suas estimativas que cavalgou embora tão logo aqueles encerraram as buscas. Ele cavalgou durante a noite, subindo ao longo do distrito, e, em seguida, sobre a montanha, e então por todo o mesmo caminho que eles haviam percorrido quando vieram para o leste; não pararam antes que chegaram a Mork. Björn falou então com Kári: “Agora tu te mostrarás meu grande amigo diante de minha esposa, pois ela não crerá em nenhuma palavra que eu disser, e tudo para mim depende disto agora. Repaga-me agora o bom acompanhamento que te prestei.” “Assim será,” diz Kári. Em seguida, eles cavalgaram de volta para a fazenda. A senhora do lar perguntou então sobre o que se dera e alegrou-se bem com a chegada deles. Björn respondeu: “Os problemas aumentaram bastante, mulher.” Ela diz pouco em resposta e sorri. Então fala: “Como Björn se saiu contigo?” Kári responde: “Todos têm a retaguarda desprotegida, se não têm consigo um irmão: Björn se saiu muitíssimo bem comigo. Ele feriu três homens, e ele próprio foi ferido. Ele se mostrou para mim o mais prestativo em tudo que podia.”

Eles permaneceram lá três noites. Em seguida, cavalgaram até Holt, para ter com Þorgeirr, e contaram-lhe, a sós, as notícias, que elas ainda não haviam chegado lá. Þorgeirr agradeceu a Kári, e estava claro que ele se alegrou com o ocorrido. Porém, ele perguntou a Kári o que restava ainda por praticar de quanto ele pretendia praticar. Kári responde: “Pretendo matar Gunnarr Lambason e Kolr Þorsteinsson, se me for dada a chance. Eu e tu já matamos quinze homens, com aqueles cinco que matamos juntos. Desejo pedir-te ainda um favor.” Þorgeirr declarou que lhe concederia o que ele pedisse. Kári falou: “Eu desejo que tu acolhas este homem, que se chama Björn e participou dessa matança comigo, e que troques de fazenda com ele e concedas a ele uma fazenda completa aqui junto de ti, e conserva-o sob tua proteção, de modo que nenhuma vingança seja voltada contra ele. Isso é fácil para ti, por conta de tua posição de chefe.” “Assim há de ser,” diz Þorgeirr. Em seguida, ele arranhou uma fazenda completa para Björn em Ásólfskáli, e em troca tomou a fazenda em Mörk. Þorgeirr fez, ele próprio, a mudança da gente do lar de Björn e de todos os seus animais e posses para Ásólfskáli. Ele tratou de uma conciliação para Björn neste caso todo, e fê-lo plenamente conciliado com aqueles. E Björn era considerado agora um homem muito maior e respeitado do que antes.

Kári cavalgou embora e não parou antes que chegou junto a Ásgrímr Elliða-Grímsson; ele recebeu Kári excepcionalmente bem. Kári relatou-lhe todos os eventos que se deram nas matanças. Ásgrímr manifestou aprovação a isso. Perguntou quais eram os planos de Kári para a sequência. Ele diz que pretende viajar para fora da terra no encalço daqueles e permanecer de prontidão para matá-los, se conseguir. Ásgrímr disse que ele não era igual a nenhum homem em destemor. Ele ficou-se lá por algumas noites.

Em seguida, cavalgou até Gizurr, o Branco; Gizurr recebeu Kári de braços abertos. Kári permaneceu lá por algum tempo. Contou a Gizurr que cavalgaria até Eyrar. Gizurr deu a Kári uma boa espada na partida. Em seguida, ele desceu cavalcando até Eyrar. Obteve lá passagem no navio de Kolbeinn, o negro; ele era um homem das Ilhas Orkney, um velho amigo de Kári, e era o homem mais valente. Acolheu Kári de braços abertos e declarou que uma só coisa sucederia a ambos.

CAPÍTULO CLIII

Agora há que se voltar para onde está Flosi, que eles cavalgam para leste até Hornarfjörðr. A maioria de seus seguidores de assembleia acompanharam Flosi. Eles transportaram para leste suas mercadorias e

demais cargas e bagagens que levariam junto consigo. Em seguida, aprontaram seu navio. Flosi permaneceu junto ao navio até que estava tudo pronto. E, quando soprou vento favorável, eles se fizeram ao largo. Permaneceram um longo tempo em alto mar, em meio a mau tempo; iam perdidos à deriva.

Uma vez aconteceu de eles serem atingidos por uns três grandes vagalhões, e Flosi disse então que eles deveriam estar próximos a terra firme e que os vagalhões deveriam ser rebentação em águas rasas. Havia muita neblina e o tempo piorou, de modo que uma forte tempestade os atingiu. Eles não se deram conta antes que haviam sido arrastados para junto da costa durante a noite, e isso foi a salvação das vidas dos homens, mas o navio se quebrou em pedaços e os bens de valor eles não puderam salvar. Tiveram então de procurar por abrigo quente.

E, no dia seguinte, subiram ao topo de uma colina. O tempo estava bom então. Flosi perguntou se os homens que já haviam viajado antes reconheciam esta terra. Dois foram os homens que reconheceram a terra e disseram que eles chegaram a Hrossey, nas Ilhas Orkney. “Nós poderíamos ter chegado a uma terra melhor,” diz Flosi, “porque Helgi Njálsson, que eu matei, era um homem da corte do *jarl* Sigurðr Hlǫðvisson.” Eles procuraram por um local para esconder-se e cobriram-se com musgo e permaneceram deitados por um tempo, e não demorou até que Flosi disse: “Não permaneceremos mais deitados aqui, de modo que os homens da terra possam tomar notícia de nós.” Eles se puseram de pé em seguida e planejaram que ações tomariam. Flosi falou: “Devemos caminhar para o poder do *jarl*; nada mais nos serve, pois, de um jeito ou de outro, o *jarl* terá nossas vidas em suas mãos se desejar fazer buscas.” Eles todos então deixam aquele local. Flosi falou que eles não deveriam relatar qualquer notícia nem dizer nada sobre sua jornada a nenhum homem antes que ele contasse ao *jarl*.

Eles se foram então até que encontraram pessoas que lhes indicaram o caminho até o *jarl*; caminharam então até diante do *jarl*, e Flosi e todos os demais o saudaram. O *jarl* perguntou-lhes de que gente eram. Flosi nomeou-se e disse de que distrito vinha da Islândia. O *jarl* já havia tomado conhecimento sobre o incêndio, e reconheceu os homens imediatamente. Perguntou a Flosi: “O que tu me dizes de Helgi Njálsson, o membro de minha corte?” “Eu digo,” responde Flosi, “que decepei a cabeça dele.” O *jarl* mandou que os apanhassem todos, e assim foi feito. Nisso chegou Þorsteinn, filho de Hallr de Síða; Flosi era casado com Steinvǫr, irmã de Þorsteinn. Este era um homem da corte

do *jarl* Sigurðr. E, quando viu Flosi capturado, Þorsteinn ofereceu em troca de Flosi todos os bens que possuía. O *jarl* mostrou-se o mais enfurecido e difícil por muito tempo. Por fim, todavia, com a intervenção de bons homens junto com Þorsteinn (que ele era bem cercado de amigos, e muitos se pronunciaram em favor dele) o *jarl* aceitou conciliar-se com eles e concedeu misericórdia a Flosi e a todos os demais deles. O *jarl* agiu de acordo com o costume dos homens poderosos e Flosi assumiu o posto que fora de Helgi Njálsson. Flosi tornou-se então um homem da corte do *jarl* Sigurðr, e logo ganhou dele grande afeição.

CAPÍTULO CLIV

Agora há para se contar que Kári e seus companheiros zarparam de Eyraar meio mês depois que Flosi havia zarpado de Hornarfjörðr. Soprou-lhes vento favorável e eles permaneceram pouco tempo em alto mar. Chegaram a Friðarey; esta ilha fica entre a Zetlândia e as ilhas Orkney. Kári foi acolhido por um homem que se chamava Dávið, o branco. Ele conta a Kári tudo de quanto tomara conhecimento acerca da jornada de Flosi e seus companheiros. Ele era o maior amigo de Kári, e Kári permaneceu com ele durante o inverno. Receberam então notícias vindas do oeste, de Hrossey, sobre tudo que se passou lá.

Agora há para se mencionar que o *jarl* Sigurðr convidou para vir visitá-lo o *jarl* Gilli, seu cunhado; ele era casado com Hvarfloð, irmã do *jarl* Sigurðr. Lá veio também um rei de nome Sigtryggr, da Irlanda. Ele era filho de Óláfr kváran; sua mãe chamava-se Kormlöð. Ela era de todas as mulheres a mais bela e era melhor em tudo que não dependia de sua vontade, mas é dito pelas pessoas que ela era malevolente em tudo que dependia de sua vontade. Brjálln chamava-se o rei que havia sido casado com ela, e eles estavam então separados. Ele era de todos os reis o mais respeitável; morava em Kantaraborg. Seu irmão era Úlfr hræða, o maior herói e guerreiro. Um filho de criação do rei Brjálln chamava-se Kerþjálfaðr. Ele era filho do rei Kylfir, o qual travou muitas batalhas com o rei Brjálln e fugiu da terra por conta dele e estabeleceu-se num mosteiro. Mas, quando o rei Brjálln caminhou para o sul²²⁴, encontrou o rei Kylfir; eles então se conciliaram; o rei Brjálln então acolheu o filho dele Kerþjálfaðr, e amou-o mais do que a seus próprios filhos. Ele já estava crescido neste ponto da história, e era de todos os homens o mais destemido. Dungaðr chamava-se um dos filhos do rei

²²⁴ I.e. peregrinou até Roma.

Brjánn, o segundo Margaðr, o terceiro Taðkr (a este nós chamamos Tannr), e era o mais jovem deles. Os mais velhos dos filhos do rei Brjánn estavam bem crescidos e eram os mais bravos dos homens. Kormloð não era a mãe dos filhos de Brjánn. Mas ela passou a odiar tanto o rei Brjánn, depois de sua separação, que estava ávida por tê-lo fadado à morte. O rei Brjánn perdoava três vezes seus foras-da-lei pela mesma acusação, mas, se eles malfizessem mais vezes, então mandava condená-los pela lei, e pode-se com base nisso exemplificar que tipo de rei ele era. Kormloð incitava muito seu filho Sigtryggr a matar o rei Brjánn. Ela o enviou assim até o *jarl* Sigurðr para pedir-lhe auxílio. Sigtryggr chegou às ilhas Orkney antes do Natal. Lá chegou então também o *jarl* Gilli, conforme foi escrito antes.

A corte estava arranjada de tal modo que o rei ocupava o assento de honra no meio, e de cada um de seus lados estava cada um dos *jarlar*. Os homens de Sigtryggr e Gilli ocupavam os assentos mais no interior, e mais para o exterior, a partir do *jarl* Sigurðr, estavam sentados Flosi e Þorsteinn Hallsson; assim estava arranjado todo o salão. O rei Sigtryggr e o *jarl* Gilli queriam ouvir sobre os eventos que se deram quando ocorreu o incêndio e também o que aconteceu depois dele. Então Gunnarr Lambason foi tomado para contar a história e foi-lhe dada uma cadeira para que se sentasse.

CAPÍTULO CLV

Agora há para se contar sobre Kári e Davíð e Kolbeinn que eles chegaram a Hrossey sem que ninguém tomasse notícia deles e desembarcaram imediatamente, enquanto alguns homens permaneceram vigiando o navio. Kári e seus companheiros subiram até a vila do *jarl* e chegaram ao salão durante o banquete. Coincidiu de eles chegarem enquanto Gunnarr contava a história, e Kári e os seus postaram-se do lado de fora e deram ouvidos. Era o próprio dia de Natal. O rei Sigtryggr perguntou: “Como Skarpheðinn aguentou no incêndio?” “Bem no início,” diz Gunnarr, “mas ele acabou chorando no fim.” Ele distorcia muito todos os relatos e contava mentiras com relação a tudo. Kári não suportou isso; ele então se lançou para dentro com a espada em riste e declamou estes versos:

22. *Vangloriam-se os ávidos por lide
do incêndio de Njáll,
mas acaso os varões ouviram como
os perseguimos, nós os navegantes?*

*Não foram brandamente repagados
os deuses que do mar o fogo servem:
lanhar puderam corvos carne crua.*

Precipitou-se então para o interior do salão e desferiu um golpe no pescoço de Gunnarr Lambason; cortou-lhe fora a cabeça tão rápido que ela voou sobre a mesa diante do rei e dos *jarlar*. O *jarl* Sigurðr reconheceu o homem que praticou o homicídio e falou: “Capturai Kári e matai-o.” Kári havia sido um homem da corte do *jarl* e era muitíssimo bem quisto por todos os homens; ninguém se levantou para apanhá-lo, conquanto o *jarl* gritasse para que isso fosse feito. Kári falou: “Muitos falarão, senhor, que eu pratiquei este feito por vós, para vingar vosso cortejo.” Flosi falou: “Kári não fez isto sem causa; ele não está em termos conosco; ele fez o que tinha de fazer.” Kári foi embora de lá e ninguém o perseguiu; Kári foi até seu navio junto com seus companheiros. O tempo então estava bom. Eles velejaram para sul até Katanes, e desembarcaram em Þrasvík, e foram até um homem honrado, de nome Skeggi, e permaneceram com ele um longo tempo.

Agora há para se mencionar que aqueles nas ilhas limpavam as mesas e levaram o morto para fora. Foi dito ao *jarl* que aqueles haviam velejado para o sul, rumo à Escócia. O rei Sigtryggr falou: “Aquele homem é durão, o que lançou o ataque tão impetuoso e não se preocupou com as consequências.” O *jarl* Sigurðr respondeu: “Kári não é igual a nenhum homem em destemor.” Flosi tomou a palavra e contou a história do incêndio, e referiu-se bem a todos os homens e assim acreditou-se em seu relato.

O rei Sigtryggr então mencionou o assunto que o levava lá ao *jarl* Sigurðr e pediu-lhe que o acompanhasse na batalha contra o rei Brjánn. O *jarl* mostrou-se primeiramente inflexível por um longo tempo, mas, por fim, acabou por dar-lhe uma alternativa. Falou que, para tal, teria de ganhar em casamento a mãe dele e tornar-se em seguida rei na Irlanda, se matassem Brjánn. Mas todos tentaram dissuadir o *jarl* Sigurðr de entrar nisto, e de nada adiantou. Separaram-se com o *jarl* Sigurðr prometendo a jornada, e o rei Sigtryggr prometendo a ele sua mãe e o reino. Foi estipulado que o *jarl* Sigurðr deveria chegar com todo o seu exército a Dublin, no domingo de ramos.

Sigtryggr então foi para o sul, rumo à Irlanda, e contou à sua mãe que o *jarl* havia entrado na aliança e também o que ele havia feito para lhe retribuir. Ela manifestou aprovação, mas declarou que precisariam, não obstante, reunir ainda muito mais forças. Sigtryggr

perguntou onde se poderia esperar encontrar isso. Ela responde: “Dois viquingues têm suas frotas fundeadas ao largo de Møn, e eles têm trinta navios e são tão terríveis que ninguém é páreo para eles. Um se chama Óspakr, o outro Bróðir. Tu deves ir ao encontro deles e fazes tudo que for possível para ganhá-los para teu lado, não importa o que eles digam.” Sigtryggr partiu para encontrar os viquingues e achou-os ao largo de Møn. Sigtryggr comunica-lhes imediatamente o propósito de sua vinda, e Bróðir esquivou-se por completo até que o rei Sigtryggr prometeu-lhe o reino e sua mãe em casamento. E isso deveria ser feito em segredo, de modo que o *jarl* Sigurðr não descobrisse nada; ele também deveria chegar antes do domingo de ramos a Dublin. Sigtryggr retornou à sua casa e relatou a jornada à sua mãe.

Depois disso, Bróðir e Óspakr deliberaram; Bróðir contou então a Óspakr toda a conversa que tivera com Sigtryggr e pediu-lhe que fosse à batalha ao seu lado contra o rei Brjánn, disse que havia muito em jogo. Óspakr declarou que não desejava lutar contra um rei tão bom. Ambos então se enfureceram, e eles dividiram sua frota; Óspakr conservou consigo dez navios, e Bróðir vinte. Óspakr era pagão e de todos os homens o mais sábio. Ele fundeou seus navios no estreito, e Bróðir ficou-se mais ao largo. Bróðir havia sido um homem cristão e fora ordenado diácono, mas abandonou sua fé e fez-se um blasfemo e passou a sacrificar às divindades pagãs e era de todos os homens o mais versado na magia. Ele possuía uma armadura que ferro não mordida; era tanto grande quanto forte e tinha cabelos tão fartos que os metia sob o cinto; seus cabelos eram negros.

CAPÍTULO CLVI

Aconteceu, uma noite, que um forte estrondo soou sobre Bróðir e seus homens, de modo que eles todos despertaram e se lançaram de pé e se vestiram; com isso, choveu sobre eles sangue fervente. Eles se protegeram sob os escudos, e, não obstante, muitos se queimaram. Este portento durou até o dia. Um homem de cada navio morreu. Eles então dormiram durante o dia.

Na segunda noite fez-se novamente o estrondo, e então novamente todos se levantaram sobressaltados. Todas as espadas então correram para fora das bainhas, e machados e lanças voaram aos ares e puseram-se a lutar. As armas os acoassaram com tanta violência, que eles tiveram de se escudar, e, mesmo assim, muitos foram feridos, e morreu um homem de cada navio; este portento durou até o dia. Eles dormiram então durante todo o dia que se seguiu.

Na terceira noite fez-se o estrondo do mesmo modo. Então voaram sobre eles corvos, e parecia-lhes que os bicos e as garras eram de ferro; os corvos os acossaram com tanto ímpeto que eles se defenderam com espadas, enquanto se protegiam com escudos; isso durou até o dia. Então novamente um homem de cada navio havia morrido. Eles então dormiram primeiro.

Mas ao despertar Bróðir lançava suspiros extenuados, e mandou que pegassem um bote e declarou que desejava ir encontrar Óspakr, seu irmão de criação. Entrou então no bote, e alguns homens com ele. E, quando encontrou Óspakr, relatou-lhe todos aqueles portentos que se lhe revelaram, e pediu-lhe que lhe dissesse o que eles haveriam de indicar. Óspakr não quis dizer-lhe antes que ele lhe concedesse tréguas. Bróðir prometeu-lhe tréguas, mas Óspakr esquivava-se de falar por todo o dia, até a noite, pois Bróðir nunca praticava mortes durante a noite²²⁵. Óspakr falou então: “Quando choveu sangue sobre vós, foi sinal de que derramareis o sangue de muitos homens, tanto vosso quanto de outros. E quando ouvistes o grande estrondo, revelou-se para vós o colapso do mundo: vós todos morrereis em breve. E quando as armas vos acossaram, isso deve ser um sinal de batalha. E quando os corvos vos acossaram, isso se trata de vossos inimigos, nos quais vós confiastes e que vos levarão aos tormentos do inferno.” Bróðir enfureceu-se tanto que nada pôde dizer em resposta, e foi-se imediatamente para junto de seus homens e mandou cobrir todo o estreito com navios e amarrá-los com cordas à costa, e pretendia matar aqueles todos pela manhã. Óspakr viu todo o plano deles. Então prometeu que abraçaria a fê e iria até o rei Brjánn para acompanhá-lo até o dia da morte. Ordenou então a seus homens que cobrissem todos os seus navios e os conduzissem vareando à costa, e cortaram as cordas da frota de Bróðir, e os navios deste então flutuaram uns para perto dos outros, e eles estavam adormecidos. Óspakr e seus homens saíram então do fiorde e dirigiram-se então para oeste, rumo à Irlanda, e não pararam antes que haviam chegado a Kantaraborg, e Óspakr contou ao rei Brjánn tudo quanto ele sabia que se dera, e foi por ele batizado e confiou-se às suas mãos. Em seguida, o rei Brjánn mandou que se reunissem tropas por todo o reino, e todo o exército se deveria apresentar agrupado em Dublin na semana anterior à do domingo de ramos.

²²⁵ Óspakr sabe que sua resposta provocará tamanha fúria em Bróðir a ponto de inspirar-lhe instinto assassino, conforme se verá a seguir.

CAPÍTULO CLVII

O *jarl* Sigurðr Hlǫðvisson aprontou-se para partir das ilhas Orkney. Flosi ofereceu-se para acompanhá-lo; o *jarl* não quis que ele o fizesse, uma vez que precisava ainda realizar sua caminhada ao sul. Flosi ofereceu quinze homens de seu bando para acompanhá-lo na jornada, e o *jarl* aceitou isso, e Flosi partiu com o *jarl* Gilli para as Ilhas do Sul. Þorsteinn Hallsson partiu com o *jarl* Sigurðr, e também Hrafn, o vermelho, e Erlingr de Straumey. O *jarl* não quis que Hárekr fosse, e disse que transmitiria as novas por primeiro a ele.

O *jarl* chegou a Dublin com todo o seu exército no dia de ramos; havia já lá chegado também Bróðir com seu bando. Bróðir tentou descobrir com feitiçaria como seria a batalha, mas os presságios informavam que se o combate fosse travado na sexta-feira, o rei Brjánn tombaria mas teria a vitória, e, se fosse travado antes, então todos quantos se lhe opunham tombariam mortos. Bróðir disse então que não se deveria lutar antes de sexta-feira.

Na quinta-feira chegou a eles um homem cavalgando um cavalo cinza malhado que trazia na mão um dardo; ele conversou um longo tempo com Bróðir e Kormlǫð.

O rei Brjánn chegara com todo o seu exército à cidade. Na sexta-feira o exército saiu da cidade, e as tropas de ambas as partes foram postas em formação. Bróðir estava numa ala da formação, e na outra o rei Sigtryggr. O *jarl* Sigurðr estava no centro do exército. Agora há que se dizer sobre o rei Brjánn que ele não desejava travar a batalha na sexta-feira, e uma parede de escudos foi erguida à sua volta e seu exército posto em formação diante dela. Úlfr hræða estava posicionado na ala que defrontava Bróðir, e na outra ala, a qual defrontava Sigtryggr, estavam Óspakr e os filhos do rei Brjánn, enquanto no meio do exército estava Kerþjálfaðr, e, à frente dele, eram portados os estandartes.

Lançam-se então as tropas umas sobre as outras. Fez-se então uma batalha duríssima. Bróðir atravessou as hostes inimigas e matou todos quantos se encontravam à frente, e ferro não o mordida. Úlfr hræða voltou-se então contra ele e desferiu contra ele três estocadas tão violentas que Bróðir tombou à frente com cada uma delas e mal podia pôr-se de pé, e, quando conseguiu levantar-se, partiu em fuga e adentrou a floresta. O *jarl* Sigurðr travava um duro combate com Kerþjálfaðr. Kerþjálfaðr avançava com tanto ímpeto que fazia tombarem mortos tantos quantos se encontrassem à frente; destroçou as hostes do *jarl* Sigurðr abrindo caminho até o estandarte e matou o

porta-estandarte. O *jarl* então arranjou um outro homem para segurar o estandarte. A batalha continuava duríssima. Kerþjálfaðr desferiu neste imediatamente um golpe mortal, e em todos à volta, um depois do outro. O *jarl* Sigurðr pediu que Þorsteinn Hallsson segurasse o estandarte. Þorsteinn estava prestes a erguer o estandarte. Então Ámundi, o branco, falou: “Tu não portarás o estandarte,” diz ele, “pois todos que o portaram estão mortos.” “Hrafn o vermelho,” disse o *jarl*, “porta tu o estandarte.” Hrafn respondeu: “Porta tu próprio esse teu demônio.” O *jarl* diz: “Será mais cabido mesmo que se vá tudo junto, o velho e sua trouxa.” Ele tomou, em seguida, o estandarte da haste e ajeitou-o entre suas vestes. Um pouco depois, Ámundi, o branco, foi morto. Então também o *jarl* foi trespassado por uma lança.

Óspakr havia percorrido toda aquela ala do exército; estava já muito ferido, mas matara ambos os filhos de Brjánn. O rei Sigtryggr bateu em retirada diante dele. Toda a tropa então se dispersou em fuga. Þorsteinn Hallsson estacou, enquanto todos fugiam, e amarrou os seus cadarços. Então Kerþjálfaðr perguntou por que ele não corria. “Porque,” disse Þorsteinn, “eu não chegarei ao meu lar esta noite, uma vez que minha casa é lá na Islândia.” Kerþjálfaðr concedeu-lhe misericórdia então.

Hrafn o vermelho foi acochado até diante de um rio, e pareceu-lhe que via lá embaixo o inferno, e que dois diabos queriam arrastá-lo lá para dentro. Ele falou então: “O teu cão correu, apóstolo Pedro, duas vezes para Roma, e correria pela terceira vez, se tu deixasses.” Então os diabos o soltaram, e ele conseguiu atravessar o rio.

Bróðir viu agora que o exército do rei Brjánn batia em retirada e que eram poucos os homens postados junto à parede de escudos. Ele correu então para fora da floresta e destróçou toda a parede de escudos e golpeou contra o rei. O menino Taðkr ergueu sua mão, e o golpe decepou dele a mão e do rei a cabeça, e o sangue do rei cobriu o coto do menino, e o coto curou-se imediatamente. Bróðir gritou então alto: “Que um homem diga a outro que Bróðir matou Brjánn.” Então se partiu em perseguição daqueles que batiam em retirada, e foi-lhes relatada a morte do rei Brjánn. Imediatamente então Úlfr hræða e Kerþjálfaðr deram meia volta e fizeram uma matança à sua volta contra Bróðir e seus homens, e trucidaram muitos deles; Bróðir então foi capturado. Úlfr hræða abriu-lhe um corte na barriga e o levou até junto de um carvalho e puxou para fora dele assim as tripas; ele não morreu antes que todas elas haviam sido puxadas para fora. Os homens de Bróðir foram todos mortos. Em seguida, apanharam o corpo do rei

Brjánn e o arrumaram; a cabeça do rei se grudara novamente no tronco. Quinze homens dos incendiários tombaram mortos na batalha de Brjánn; nela também tombaram Halldórr Guðmundarson e Erlingr de Straumey.

Na manhã da sexta-feira havia ocorrido em Katanes um fato que um homem de nome Dørruðr viu ao sair de casa. Ele viu doze cavaleiros galopando juntos para dentro de uma câmara de mulheres, e eles todos desapareceram lá dentro. Ele caminhou até a câmara e olhou através de uma janela que lá havia e viu que havia lá dentro mulheres e elas tinham um tear montado. No lugar dos contrapesos havia cabeças de homens, e intestinos de homens no lugar da trama e da urdidura, uma espada no lugar do pente, e uma flecha no lugar da agulha. Elas declamaram então uns versos:

1. *Largo é armado o tear,
pela morte de varões,
e a trama em seu alto é nuvem,
chove sangue;
Urde-se a teia da guerra
tramada com lanças de aço
que as sócias de Óðinn marchetam
com rubros fios.*
2. *A tecedura é composta
com entranhas de guerreiros
e sustentam-na cabeças
como pesos;
lanças sanguinas qual rocas,
qual pente tem uma espada,
em lugar de agulhas, flechas;
açoitaremos com lâminas
teia lúgubre.*
3. *Hildir enceta o tear,
Hjorþrimul, Sanngríðr, Svipul
todas, co' espadas alçadas;
empunhaduras quebrantem-se,
escudos em cacos façam-se,
o gume de aço na lide
passe escudos.*

4. *Vamos tecendo, tecendo
a teia sangrenta das lanças
que o jovem rei já portou.
Devemos ora avançar
e em meio à gente marchar,
lá onde os nossos amigos
ferem co' armas.*

5. *Vamos tecendo, tecendo
a teia sangrenta das lanças
e em seguida ao rei excelso
vamos perto.
Lá veem Guôr e Gõndul
ensanguentados escudos
de varões que seu monarca
amparavam.*

6. *Vamos tecendo, tecendo
a teia sangrenta das lanças
onde investem estandartes
de homens bravos.
Não o deixemos sem vida,
das valquírias é o poder
de escolhê-lo.*

7. *Serão senhores das terras
os homens que antes moravam
nas penínsulas.
Declaro o rei poderoso
sentenciado à morte.
O líder ora a lanças
sucumbiu.*

8. *E os irlandeses sofrerão
mal que não se há de esquecer.
É tecida a teia agora
e o prado é avermelhado,
pelas terras correrão
notícias sobre a chacina.*

9. *Agora é horripilante
de observar ao redor,
que nuvens sanguinolentas
no céu juntam-se.
Os ares se tingirão
com o sangue de varões,
que as donzelas da chacina
cantar sabem.*
10. *Bem pronunciamos nós
muitos versos de vitória
ao rei jovem,
cantemos de mente sã.
Aquele que escuta, aprenda
os cantares das valquírias,
conte aos homens.*
11. *Cavalguemos os cavalos,
depressa, desselados
tendo alçadas as espadas,
para longe.*

Elas então retiraram o tecido e o rasgaram em pedaços, e cada uma segurou a parte que tinha na mão. Ele então se afastou da janela voltou para casa, e elas montaram em seus cavalos, e seis cavalgaram para o sul, seis para o norte.

Um fato como este revelou-se a Brandr Gneistason, nas ilhas Féroe.

Na Islândia, em Svínafell, apareceu sangue na casula do padre na sexta-feira santa, e ele teve de despi-la.

No rio Þvátta, na sexta-feira santa, apareceu para um padre um mar profundo junto ao altar, e ele viu lá dentro muitos horrores e ficou um longo tempo sem poder cantar a missa.

Deu-se um fato nas ilhas Orkney, que Hárekr julgou ver o *jarl* Sigurðr e alguns homens com ele. Hárekr apanhou seu cavalo e cavalgou em direção ao *jarl*, e as pessoas os viram encontrando-se e cavalgando para trás de uma colina. Eles jamais foram vistos novamente, e de Hárekr sequer sinal achou-se.

O *jarl* Gilli nas Ilhas do Sul sonhou que um homem se lhe a chegava e dizia chamar-se Herfiðr e declarava ter vindo da Irlanda. O *jarl* perguntou sobre as notícias. Ele declamou isto:

23. *Estive lá quando os varões lidavam;
na Irlanda a lâmina vociferou;
muitas, onde os escudos se chocaram,
armas quebraram-se na lide entre elmos;
soube que seu ataque foi intrépido;
caiu em meio à mortandade Sigurðr;
Brjánn caiu, mas tomou aquela terra.*

Flosi e o *jarl* discutiram muito sobre este sonho.

Uma semana depois, chegou Hrafn, o vermelho, e relatou-lhes todos os eventos da batalha de Brjánn: a morte do rei e do *jarl* Sigurðr e de Bróðir e de todos os viquingues. Flosi falou: “Que me contas de meus homens?” “Todos eles lá tombaram,” diz Hrafn, “mas teu cunhado Þorsteinn recebeu misericórdia de Kerþjálfaðr e está agora com ele. Halldórr Guðmundsson morreu lá.” Flosi diz ao *jarl* que partirá; – “temos agora uma caminhada para o sul para executar.” O *jarl* disse-lhe que fosse conforme desejasse e proveu-o de um navio e de tudo que lhes fosse necessário, e de muita prata. Eles velejaram, em seguida, para a Britânia e quedaram-se lá por um tempo.

CAPÍTULO CLVIII

Agora há para se dizer de Kári que ele contou a Skeggi que desejava que este o provesse de um navio. Skeggi arranjou-lhe um navio longo totalmente tripulado. Eles subiram a bordo do navio, em seguida, Kári e Dávið e Kolbeinn. Velejaram para sul ao longo dos fiordes da Escócia. Lá encontraram homens das Ilhas do Sul; eles relatam a Kári as notícias da Irlanda, e também que Flosi havia partido para a Britânia com seus homens. E, ao tomar conhecimento disso, Kári disse a seus companheiros que desejava rumar para sul rumo à Britânia ao encontro daqueles. Ofereceu a possibilidade de deixá-los a todos os seus companheiros de viagem que desejassem; declarou que não enganaria nenhum homem com relação ao fato de que ainda sentia que tinha por vingar suas tristezas. Todos escolheram acompanhá-lo. Ele então velejou para o sul, rumo à Britânia, e atracaram lá numa enseada oculta.

Naquela manhã, Kolr Þorsteinsson andou até a cidade para comprar prata; dentre todos os incendiários era ele o que mais proferia palavras de escárnio a respeito do incêndio. Kolr havia conversado muito com uma senhora rica, e estava tudo bem arranjado para que ele a tomasse em casamento e se estabelecesse lá.

Naquela manhã, Kári andou até a cidade. Ele chegou ao local onde Kolr contava a prata; Kári o reconheceu. Em seguida, Kári lançou-se contra ele com a espada em riste e desferiu-lhe um golpe no pescoço, e ele contava a prata, e a cabeça pronunciou dez quando voou do tronco. Kári falou: “Ide contar a Flosi que Kári Sǫlmundarson acaba de matar Kolr Þorsteinsson; eu faço o anúncio deste homicídio por mim perpetrado.” Kári então andou até seu navio; então Kári relatou o homicídio à sua tripulação. Eles velejaram então para norte, até Beruvík, e vararam o navio e subiram até Hvítsborg, na Escócia, e quedaram-se lá com o *jarl* Melkólfr aquele ano.

Agora há para se contar de Flosi que ele sobe à cidade para buscar o corpo de Kolr e o arruma e dá muito dinheiro para seu funeral. De Flosi jamais se ouviram maledicências contra Kári. Flosi partiu de lá para o sul através do mar e começou então sua peregrinação e caminhou para o sul e não parou antes que chegou à cidade de Roma. Lá recebeu tantas honrarias que obteve absolvição do próprio papa, e para tal deu muito dinheiro. Ele retornou então pela rota leste e permaneceu em muitas cidades e caminhou diante de homens poderosos e deles recebeu honras. Passou o inverno que se seguiu na Noruega e recebeu um navio do *jarl* Eiríkr para viajar à Islândia, e ele lhe forneceu também muita farinha, e muitos outros se portaram de maneira honorável para com ele. Ele velejou, depois, para a Islândia e chegou a Hornarfjörðr; de lá foi à sua casa em Svínafell. Ele havia então cumprido tudo que mandava seu acordo conciliatório, tanto com relação às viagens para o exterior quanto com relação aos pagamentos em dinheiro.

CAPÍTULO CLIX

Agora há para se falar com relação a Kári que, no verão seguinte, ele foi até seu navio e velejou para o sul através do mar e deu início à sua peregrinação na Normandia, e caminhou para o sul e obteve absolvição e retornou pela rota oeste e apanhou seu navio na Normandia e velejou para o norte sobre o mar até Dofrar, na Inglaterra. De lá, velejou para oeste contornando a Britânia e então seguiu para o norte ao longo da costa da Britânia e mais ao norte contornando os fiordes da Escócia, e não parou antes que chegou ao norte, a Þrasvík, em Katanes,

junto a Skeggi. Entregou então o navio de carga a Kolbeinn e Dávið. Kolbeinn velejou com este navio para a Noruega, e Dávið permaneceu em Friðarey. Kári permaneceu aquele inverno em Katanes. Neste inverno, sua esposa morreu na Islândia.

No verão que se seguiu, Kári aprontou-se para partir para a Islândia; Skeggi forneceu-lhe um navio de carga; ele estava num grupo de dezoito. Estavam prontos já bastante cedo; velejaram no mar. Permaneceram um longo tempo em alto mar, mas, por fim, atingiram Ingólfshöfði²²⁶, e o navio se destroçou inteiro lá, mas os homens lograram salvar-se. Caía uma tempestade de neve. Eles perguntam a Kári o que deveriam fazer agora, e ele diz que seu plano é ir até Svínafell e pôr à prova a magnanimidade de Flosi. Caminharam então até Svínafell na tempestade. Flosi estava no salão. Reconheceu de imediato Kári e lançou-se de pé para recebê-lo e beijou-o e fê-lo sentar-se no assento de honra ao seu lado. Convidou Kári a permanecer lá durante o inverno; Kári aceitou o convite. Conciliaram-se então com uma conciliação plena. Flosi então deu em casamento a Kári sua sobrinha Hildigunnr, a qual havia sido esposa de Hǫrskuldr Hvítanessgoði. Os dois moraram num primeiro momento em Breiðá.

As pessoas contam que o fim da vida de Flosi deu-se quando ele viajou para o exterior, quando estava já velho, para obter para si madeira de construção, e que permaneceu aquele inverno na Noruega. E no verão estava cedo pronto para retornar. Os homens comentaram então que o navio era ruim. Flosi disse que era bom o bastante para um homem velho e fadado à morte, e subiu a bordo do navio e zarpou, e jamais se tomou notícia deste navio depois.

Estes foram os filhos de Kári e Helga Njálsdóttir: Þorgerðr e Ragnheiðr, Valgerðr e Þórðr, que morreu queimado no incêndio. Já os filhos de Hildigunnr e Kári foram Starkaðr e Þórðr e Flosi. Filho de Flosi foi Kolbeinn, que foi, de toda aquela estirpe, o mais excelente homem. E encerro aqui a história de Njáll do incêndio.

²²⁶ Na Islândia.

3. PROJETO TRADUTÓRIO E COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

No primeiro capítulo, foi apresentada uma introdução geral à *saga de Njáll* e seu contexto histórico e literário. Nele foi feita também uma leitura crítica da obra, em que se salientaram alguns aspectos importantes da recepção moderna de seu universo cultural.

O presente capítulo, por sua vez, trata das questões especificamente relacionadas à tradução da saga e está assim estruturado: (3.1) justificativas e questões de base; (3.2) pressupostos teóricos; (3.3) descrição do objeto (a letra) e descrição do processo; (3.4) outras questões.

O item 3.1 trata dos horizontes de expectativa de um potencial público receptor de sagas no Brasil e as razões pelas quais proponho um deslocamento na apreciação desse universo literário. Aqui justifico a escolha da *Saga de Njáll* e da abordagem tradutória.

Em 3.2, traçam-se os horizontes teóricos que embasam o projeto tradutório: aqui justifico meu olhar diacrônico sobre o texto e seus elementos linguísticos e sintetizo questões basilares, especialmente em vista das teorias de Berman e Venuti.

Em 3.3, forneço uma análise do texto-fonte, atentando para aspectos formais, linguísticos e estilísticos, com ênfase em algumas de suas peculiaridades enquanto texto. Neste terceiro item, delinea-se uma leitura comparativa da *Saga de Njáll* e de outras obras vernáculas medievais, com ênfase no poema grego *Digenis Akritis* e exemplos de prosa portuguesa medieval. O item 3.3 trata do processo a que o texto original foi submetido durante a tradução. É neste item que analiso minha tradução da *Saga de Njáll*, com atenção para questões de língua e estilo.

Por fim, 3.4 trata do processo de tradução dos versos citados no corpo da saga e que estão submetidos a problemas de tradução de ordem diferente do corpo narrativo prosaico. Este 3.4 é uma espécie de *paraleipomena* da tese, que considero relevante por dizer respeito a elementos fundamentais da tessitura da obra.

3.1. Por que a *Saga de Njáll* e por que estrangeirizar a tradução?

3.1.1. O tradutor e a recepção

Jauss, em seu consagrado trabalho (1994 [1967]), sublinhou a importância de se levar em consideração a recepção para a compreensão da historicidade de uma obra literária e seu valor artístico²²⁷. O modo como uma obra se insere no que ele chama de *horizonte de expectativa*, ora conformando-se a ele, ora desafiando-o, constituiria um dos critérios de valoração. Analisar e avaliar uma obra literária envolve, para Jauss, um estudo sobre o horizonte de expectativa em que ela se insere e que logra alterar, ou seja, seu efeito na recepção²²⁸. Ele identifica três agentes no percurso histórico da literatura vista como processo de criação, recepção e canonização:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. (Jauss, 1994 [1967]: 25)

Nesta tese, coloco em questão o papel do tradutor dentro dessa ótica. O reconhecimento da importância da literatura traduzida num

²²⁷ Compartilho da opinião de Martindale (2006:5-6): “My own view is that reception, on a Jaussian model, provides one intellectually coherent way of avoiding both crude presentism (...) and crude historicism. Antiquity and modernity, present and past, are always implicated in each other, always in dialogue – to understand either one, you need to think in terms of the other.” Além disso, justifico minha opção pela abordagem de Jauss devido a uma identidade de objeto: o teórico formulou sua noção de horizonte de expectativa justamente em vista de textos vernáculos medievais e da constatação da distância que os separa dos leitores modernos (cf. Jauss, 2001: 17).

²²⁸ Sob essa ótica, as apropriações e valorações ideológicas da literatura islandesa medieval demonstram, por um lado, o poder e a qualidade retórica de muitas de suas obras, mas também o tipo de interpretações que elas podem suscitar. Se pensarmos no ato de leitura como definem os pós-estruturalistas mais radicais (por exemplo, Fish; ou, no contexto brasileiro, Arrojo) como sendo puramente uma construção de significado projetada sobre o texto, somos forçados a admitir que o valor estético intrínseco é nulo, pois é projetado pelo leitor ou pela comunidade interpretativa. Se admitirmos que há um valor estético intrínseco, somos forçados a admitir que o significado não é um puro construto do leitor interpretante. Sou adepto de uma visão pós-estruturalista comedida: considero que o texto possui *prompts* de interpretação que são imanentes a ele, sua letra é um sistema coeso e internamente coerente, e ler esse texto varia grandemente na medida em que uma abertura e um treino para reconhecer esse jogo interno de significantes permite leituras condizentes com a retórica inscrita no objeto “texto”. O texto, a meu ver, existe: ele é o outro a ser decifrado. E decifrar o “outro” envolve humildade e vontade – estamos, talvez, na noção de ética.

cânone literário doméstico²²⁹, ou polissistema, e, por conseguinte, a função do tradutor nesse processo complexo que chamamos recepção tem sido salientada nas últimas décadas, e sua relevância enquanto mediador na recepção doméstica de obras estrangeiras parece consensual. Jauss, naturalmente, não inseriu o tradutor em sua problematização, pois décadas atrás, como ainda hoje grandemente, os estudos literários não situavam a literatura traduzida no centro das problematizações sobre construção de cânones. A noção de polissistemas formulada por Even-Zohar²³⁰ nos convida a pensar no cânone doméstico incluindo nele a literatura traduzida: as representações das literaturas estrangeiras que coexistem com o sistema literário doméstico no polissistema literário. Se utilizarmos a noção formulada por Jauss inserindo nela a literatura traduzida, veremos que o tradutor, muitas vezes, compartilha da natureza do leitor que recebe, do escritor que se faz produtor e do crítico que reflete sobre eles e sobre si mesmo. Assim, o tradutor tem, potencialmente, a dimensão tripla: leitor-crítico-criador.

Enxergo o fenômeno da recepção como um caleidoscópio, pois é assim que o tradutor pode enxergá-lo. Temos vários processos que concorrem, e todos eles só podem ser denominados recepção. Proponho aqui enxergarmos cinco níveis de recepção (há outros), que não podem ser isolados na prática, mas que se diferenciam seja pelo receptor, seja pelo que se recebe:

Num nível mais geral, estou falando da relação entre culturas: na tradução literária, dá-se a recepção de uma cultura estrangeira no contexto doméstico, e a criação e recepção do texto-alvo são submetidas a um contexto mais amplo de recepção de uma cultura estrangeira. Chamemos aqui este processo que envolve as diversas representações da cultura-fonte na cultura-alvo de recepção da cultura-fonte. Esse processo diz respeito ao modo como, em geral, se enxerga a cultura islandesa medieval no Brasil.

Além da recepção da cultura-fonte, à qual todo o processo está submetido, temos a recepção da literatura islandesa medieval, que se dá por meio de citações, menções, adaptações e traduções. Num segundo nível, assim, falamos da recepção da literatura-fonte.

²²⁹ Esse cânone literário doméstico é composto por obras originalmente criadas em língua portuguesa e por conjuntos de cânones estrangeiros traduzidos representados por meio de seleções de obras, juízos críticos formulados sobre elas e adaptações e releituras.

²³⁰ Para uma síntese da noção de polissistema, ver Even-Zohar, 2000.

Num nível mais específico, estou falando da recepção de uma obra estrangeira no contexto doméstico. Essa obra é recebida sob um simulacro retextualizado: a tradução. Isso se dá devido à concepção generalizada de que a tradução mais ou menos “contém” a obra original. Não se enxerga comumente a tradução como outro texto, outra obra, mas sim como “a obra” meio imperfeitamente reproduzida. Chamemos este processo de recepção da obra. O que significará “termos a *Saga de Njáll*” no Brasil? Significará recebermos a *Saga de Njáll* em nosso sistema literário.

Há, igualmente, um contexto de recepção que age de maneira sub-reptícia, mas que é, efetivamente, o centro da minha problematização: o texto-alvo, na medida em que é novo, é engendrado pelo tradutor e submete-se a uma recepção específica, que ocorre paralelamente à recepção da obra original que o público doméstico crê entrever na tradução²³¹. Essa recepção específica da tradução pode ser chamada de recepção do texto-alvo. Essa recepção distingue-se da recepção da obra a despeito da concepção generalizada sobre a natureza da tradução: é a invisibilidade do tradutor de que fala Venuti, é a “natureza oculta e ancilar” de que fala Berman (2002).

Se pensarmos que o tradutor é um crítico literário que avaliou o texto-fonte, podemos incluir nesse caleidoscópio de recepções toda a história do texto-fonte e seu ambiente literário original e o modo como sua recepção prévia construiu o valor canônico da obra traduzida. Essa recepção prévia é múltipla e, dependendo do texto, pode envolver apropriações ou intervenções de culturas mediadoras, não se limitando a uma história linear de recepção dentro do contexto cultural original da obra.

Falar em recepção, quando estamos diante da experiência de traduzir uma obra literária antiga ou medieval, é algo complexo. Podemos pensar na tradução como um fenômeno textual que tem uma recepção potencializada, o ato de tradução sendo uma espécie de receptáculo de recepções que se perdem no espaço-tempo. O texto-alvo é o embaixador da obra; a recepção do texto-alvo opera em prol da recepção da obra original; essas duas recepções aparentemente gêmeas (mas que se devem distinguir no âmbito das discussões teóricas sobre

²³¹ Sobre a questão ontológica da tradução enquanto equivalente do original em vista de nosso contexto cultural contemporâneo, ver Hermans (2007). Note-se que, em minha argumentação, sugiro que esta invisibilidade pode ser utilizada como um recurso de intervenção crítica mais ampla no contexto de recepção.

tradução) ocorrem na recepção da cultura-fonte no contexto cultural doméstico.

O tradutor, consciente da sua leitura pessoal e atento à história de recepções da obra e à recepção da cultura-fonte e da literatura-fonte no contexto doméstico, poderá buscar meios de intervir na recepção da obra (da qual é um mediador) por meio de ações criativas na recepção do texto-alvo²³². Assim, poderá agir na recepção da obra, da literatura-fonte e mesmo na recepção da cultura-fonte, dependendo do impacto e dos resultados de seu texto-alvo. Sua intervenção na recepção do texto-alvo depende de uma atenção voltada à recepção da cultura-fonte e da literatura-fonte, que constitui parte do horizonte de expectativa do público do texto-alvo. Esta etapa só pode ser compreendida em função da dimensão criativa que a tradução comporta: como compreender o horizonte de expectativa? Olhando criticamente para o contexto cultural receptor e agindo de maneira criativa *em função* de sua compreensão crítica.

3.1.2. O tradutor como crítico e criador na recepção da obra

Retextualizar uma obra em outro idioma é um processo de criação literária e isso tem sido salientado por estudiosos da tradução e tradutores²³³. No entanto, a tendência dominante hoje é considerar que ao tradutor cabe exercer um papel de mediador que deve levar em consideração duas partes, o contexto cultural do texto-fonte e o contexto cultural que receberá a tradução, donde a noção de negociação proposta por Umberto Eco (2007). O problema se amplifica na medida em que o tradutor resolve contemplar a história da recepção e da valoração da obra traduzida. No caso de uma saga, a negociação é difícil: temos alguns contextos críticos e alguns interessados negociando, sendo, muitas vezes, o contexto original de produção e recepção (Islândia do séc. XIII) algo de difícil acesso sem intermediários.

Normalmente, é sugerida a necessidade de ênfase no contexto receptor nessa negociação, ou na comunidade interpretativa a que se destina o texto-alvo, pois uma tradução funciona, primeiramente, dentro dos códigos culturais e linguísticos do contexto receptor. Não estou

²³² É exatamente o que Álvarez & Vidal (1996: 2) constata: “The translator can artificially create the reception context of a given text. He can be the authority who manipulates the culture, politics, literature, and their acceptance (or lack thereof) in the target culture.”

²³³ Nelson & Maher (2013: 1): There is now a much stronger sense of the translator as a creative artist (...).

refutando a visão de que uma tradução deva funcionar nos códigos domésticos, mas sugiro a importância de o tradutor ter consciência e responsabilidade sobre esses códigos, e, assim como um criador literário, contemplar o horizonte de expectativa em que inscreve sua tradução para que ela opere de maneira “ética, poética e pensante” (cf. Berman, 2007: 26).

Considero a crítica feita por Venuti (1998) à invisibilidade do tradutor uma reflexão importante. Encaro-a como uma reflexão que merece ser repensada em função de novos contextos. Busco, nesta tese, formular uma crítica inspirada por aquela reflexão, mas comprometida com um contexto cultural receptor diferente e com um universo literário a ser recebido que traz consigo aspectos estéticos e ideológicos peculiares. Toda teoria de tradução ganha ao ser pensada em função do contexto em que se traduz e do que se traduz.

Normalmente, pensa-se num tradutor como uma figura que opera em prol do leitor doméstico, sendo ele, em última instância, um leitor doméstico capaz de trazer a seus conterrâneos um texto antes inacessível. Proponho que se veja o tradutor como uma figura tridimensional que, num dado instante, opera como autor, leitor e crítico.

Em primeiro lugar, o tradutor é um leitor que, antes de traduzir uma obra, precisa lê-la, vivê-la como receptor²³⁴. Deste modo, o tradutor é um indivíduo dotado de sua idiossincrasia humana, com sua experiência de vida singular e sua formação literária. É um leitor imbuído da responsabilidade de uma fruição ética²³⁵.

²³⁴ Conforme observa Peter Bush (2013: 37-38), “ler e reler um romance para traduzi-lo em outra língua é claramente uma leitura não-corriqueira: é uma forma profissional de leitura em constante interação com um processo de rascunho e novo rascunho. No entanto, ela continua sendo uma leitura individual que retém a excitação e a emoção que faz os tradutores quererem perseguir uma narrativa como leitores, ouvintes ou espectadores não-profissionais”. (Reading and rereading a novel in order to translate it into another language is clearly no ordinary reading: it is a professional form of reading in constant interaction with a process of drafting and redrafting. However, it remains an individual reading that retains the excitement and emotion that make translators want to pursue a narrative as nonprofessional readers or listeners or viewers.)

²³⁵ Sobre essa fruição ética, Peter Cole considera-a uma espécie de “compaixão”: Sympathy of the sort I’m trying to describe, complex sympathy grounded in sense, involves the preparation of the self for the reception and registration of an actual other, and as such its ethic is technical, and its technique is ethical. Though it does not initially involve a rendering into another visible or audible language, this preparation-for-reception and the reception itself comprise, as I see it, the most important stage of the translation process, and the quality of that reception will to a large extent determine the quality and even the content of what one represents. And as the translation itself unfolds, it is crucial that the translator (and the translation itself) continue to listen to, and sense, not only the sounds of the original work

Em segundo lugar, o tradutor deve encarar o fenômeno literário como um crítico, capaz de analisar e avaliar o texto-fonte e o processo de recepção da obra que traduz. E essa recepção diz respeito tanto aos horizontes de expectativa originais dessa obra quanto sua história de recepção. Por isso, no cap. 1, enfatizei a importância de levar em consideração o contexto cristão de produção e recepção original das sagas, por um lado, e alguns aspectos ideológicos de sua recepção em tempos mais recentes, por outro.

Por fim, enquanto retextualizador, o tradutor não é mais um crítico, mas sim um autor que deve medir o horizonte de expectativa de seu público doméstico para oferecer-lhe o texto-alvo. Deve ser invisível e preencher o horizonte de expectativa doméstico ou pode fazer-se visível e, assim, perturbar esse horizonte doméstico?

Pode perguntar-se: quem se interessará por este texto? Que tipo de efeitos o texto causará e que usos terá? Quais as expectativas prévias do público dessa tradução em função 1) da obra especificamente traduzida e 2) do contexto cultural e histórico dessa obra tal qual conhecido e representado no contexto doméstico?

3.1.3. Da escolha do texto a ser traduzido

O papel do receptor é essencial para a condição ontológica de uma obra literária. Como observam Julie Rikvin e Michael Ryan,

(...) a literatura depende de ser lida de algum modo para ser efetiva e sucedida. Ela é escrita para uma audiência, e essa audiência está implícita no texto. Recepção, resposta e interpretação são, de certa maneira, predeterminadas pela retórica da obra literária, mas a audiência também desempenha seu papel ao formar o modo como a obra será compreendida e que significados ela terá. Cada nova geração e cada novo grupo de leitores num novo contexto traz à obra códigos diferentes para compreendê-la.²³⁶ (Rikvin & Ryan, 2004: 128)

being registered but also the shape, pitch, and timbre of what is produced. An economy of pleasure, in other words, is part and parcel of this literary justice. (Cole, 2013: 9-10)

²³⁶ (...) literature depends on being read in a certain way in order to be effective and successful. It is written for an audience, and that audience is implied in the text. Reception, response, and interpretation are in a sense preordained by the rhetoric of the literary work, but the audience also plays a role in shaping how the work will be understood and what meanings it will have.

Essa visão acerca do fenômeno “literatura” condiz com a ideia pós-estruturalista de que o significado de um texto não é imanente a esse texto, sendo antes construído por seu receptor. Não obstante, justamente a retórica da obra literária, conforme colocado por Rikvin e Ryan, é o que guia o processo de construção de significados. E essa retórica se encontra *no texto* e, por vezes, é necessário recorrer a estudos extratextuais para compreendê-la. Se as recepções não são absolutas, não havendo uma única leitura correta ou uma única interpretação possível para um texto, no extremo oposto também não se pode aceitar que haja infinitas leituras, todas elas válidas. Há leituras que não respeitam a retórica do texto, que se produzem de modo parcial ou excessivamente arbitrário. A fronteira, em muitos casos, é vaga. Tenho em mente aqui o que Umberto Eco diz sobre a intenção do texto, ao definir sua noção de fidelidade em tradução:

Mas o conceito de fidelidade tem a ver com a persuasão de que a tradução é uma das formas da interpretação e que deve sempre visar, embora partindo da sensibilidade e da cultura do leitor, reencontrar não digo a intenção do autor, mas a *intenção do texto*, aquilo que o texto diz ou sugere em relação à língua em que é expresso e ao contexto cultural em que nasceu. (Eco, 2007: 17)

Esse princípio de fidelidade pode ser pensado em função da recepção: tanto na tradução quanto na recepção estamos falando do mesmo processo de base, uma construção de significado que permite a um texto sua existência. Quando o texto está muito distanciado do receptor, seja espacial ou temporalmente, eis a importância da reconstrução do horizonte de expectativa original (Jauss, 1994: 35).

O problema é como se define essa intenção do texto. A minha abordagem no presente trabalho é esta: um processo hermenêutico, uma investigação histórica e filológica precedida por uma fruição estética e uma avaliação da história do texto e de seu contexto literário em termos mais amplos²³⁷. E, além disso, há em minha abordagem a parcela de

Each new generation and each new group of readers in a new setting brings to a work different codes for understanding it.

²³⁷ “A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, i.e. na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito,

instabilidade que qualquer processo interpretativo comporta: minha interpretação pode diferir de interpretações feitas por outros, mas ela quer ser fiel ao texto tanto quanto um processo analítico e minha experiência de leitor e pesquisador de literatura islandesa medieval permitirem. Como enunciam Machor & Goldstein sobre a visão jaussiana da recepção, “a hermenêutica literária abriga um interminável diálogo entre o eu e o outro” (2001: 1)²³⁸. O texto é o outro.

Conforme salientei na Introdução, o objetivo da crítica sugerida à recepção é levantar um questionamento. Há uma ideologia subentendida em certas preferências com relação à literatura nórdica antiga? Há concepções e valores relacionados a idealizações cuja origem pode ser traçada num nacionalismo romântico? Esses valores são explorados pela produção midiática de algum contexto cultural dominante em relação ao nosso contexto receptor no Brasil? Essa recepção tem implicações, direta ou indiretamente, no sentido de reforçar valores? Responder a essas perguntas não é algo simples, e elas podem ser assunto de novas pesquisas: aqui interessa a *Saga de Njáll* e sua tradução. Minha resposta, no que compete a esta tese, está na tradução ora proposta.

Constata-se que os aspectos que apontam para um mundo viking e uma realidade pré-cristã têm um apelo popular maior do que os aspectos cristãos dessa literatura. E, não obstante, essa literatura só pode ser caracterizada como cristã, produzida dentro de uma ótica cristã e num contexto letrado medieval. O elemento pré-cristão dessa literatura passa por uma recepção medieval na Islândia de séculos após a cristianização. E a *Saga de Njáll* só é a obra que é se vista nesse contexto: ela, enquanto obra de valor estético, é produto desse contexto. Chegamos, enfim, à estrangeirização.

O principal ponto em que se baseia a estratégia de estrangeirização, cujo objetivo é perturbar os horizontes de expectativa acerca do universo cultural escandinavo medieval como se afigura em representações populares (“desviquinguizar” as sagas, como coloquei em 1.1.2), é a escolha do texto a ser traduzido. A literatura islandesa

não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado. Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos.” (Jauss, 1979: 46)

²³⁸ “literary hermeneutics fosters na unending dialogue of self na other.” Para uma síntese da teoria de Jauss, ver Jauss, 2001. Para um panorama mais aprofundado sobre a noção de hermenêutica literária e experiência estética, ver sua obra clássica (Jauss, 1982 [1978]).

medieval tem pouquíssimas traduções no Brasil. Quando traduzi as sagas que narram a descoberta da América (2007), a seleção foi feita em função da ideia de que elas preencheriam alguma expectativa no contexto de recepção, notadamente a celebridade e os ecos da “descoberta viking da América”. Do mesmo modo, a escolha da *Saga dos Volsungos* (2009) foi feita em função da importância intertextual dessa obra com criações populares e familiares a muitos no contexto de recepção (Tolkien, Wagner). Ambas essas traduções, no que diz respeito à escolha dos textos, realizaram-se com a intenção de corresponder a uma expectativa prévia sobre a literatura-fonte.

Antes de optar pela *Saga de Njáll*, eu havia considerado traduzir as *Eddas*. Tanto a *Edda poética* quanto a *Edda* de Snorri certamente preencheriam as expectativas de um público interessado em vikings e mitologia nórdica. Traduzi-las de maneira estrangeirizante é possível, mas uma intervenção mais profunda nos horizontes de expectativa do público receptor seria possível com a tradução da complexa e subversiva obra intitulada *Saga de Njáll*.

A *Saga de Njáll*, por si só, é um texto que pode desmentir algumas concepções sobre “vikings” pelo que a obra tem a apresentar, ainda que, efetivamente, ela tenha servido no romantismo a reforçar essa imagem (como ocorreu com Dasent). Naturalmente, a *Saga de Njáll* apresenta farto material para interessados no “mundo viking”. Mas é uma obra em que heroísmo e religião são problematizados, em que a cristianização tem importância no enredo, em que o conceito de virilidade é explorado de modo subversivo e em diversas passagens a violência não é enaltecida como em obras mais “vikings” (*Volsungos*, *Saga de Egill*). Trata-se de uma obra com potencial para deslocar preconcepções prevalentes no ambiente receptor sobre o “mundo viking”, muito mais do que as *Eddas* ou a *Saga de Egill*.

Ademais, minha escolha pela *Saga de Njáll* também se fundamenta em duas questões: uma diz respeito a uma preferência pessoal pelo texto; a outra, exposta na introdução, é que se trata de uma obra capital para a tradição islandesa.

O fato de ser a *Saga de Njáll* uma obra capital no cânone islandês traz-nos de volta ao trecho de Venuti citado na Introdução: as traduções são responsáveis por criar cânones domésticos de literaturas estrangeiras, que são, muitas vezes, desviantes dos cânones dessas literaturas no seu contexto original. Para a história literária islandesa, para o contexto de recepção islandês, nem a *Saga dos Volsungos* nem as sagas do descobrimento da América são obras capitais. No entanto, é

notável o quanto elas têm atraído um público fora da Islândia, inclusive no Brasil. As duas sagas sobre a viagem à América inauguraram, em 2014, uma terceira etapa de vida em nosso país com a adaptação romanceada de Helena Gomes. Se podemos falar de um cânone brasileiro de literatura islandesa medieval, pensemos nas obras que foram traduzidas e adaptadas no Brasil e nas menções que se fazem à literatura em manuais (Carpeaux, Spina). No cânone brasileiro de literatura islandesa, além das Eddas e das sagas sobre a viagem à América, a *Saga dos Volsungos* ocupa uma posição de destaque²³⁹. Qualquer brasileiro que viajar à Islândia e entrar numa livraria em Reykjavík terá dificuldade para encontrar algum exemplar da *Saga dos Volsungos*, uma obra menos considerada lá (enquanto “literatura nacional”) do que esta *Saga de Njáll* e a maioria das sagas de islandeses.

Estrangeirizo, assim, tentando intervir na constituição deste nosso cânone. Mas também estrangeirizo no modo como executo a tradução. Busco, com o texto-alvo, manifestar aspectos importantes do texto-fonte. Mas antes disso, resta uma questão: o que se ganha “perturbando” o horizonte de expectativa?

3.1.4. Estrangeirização como ampliação de horizontes na recepção da obra

Existem várias maneiras de intuir o horizonte de expectativa em que se inscreve o texto-alvo, mas nenhuma pode ser quantificada ou explicada em termos absolutos. O máximo de exatidão que se poderia buscar é um mapeamento de perfis de leitores. Mas o que proponho aqui é uma compreensão do ambiente receptor, e essa compreensão é, em última análise, fruto da sensibilidade e do conhecimento de mundo do tradutor. Ela contempla dados que transcendem um mero panorama estatístico e dizem respeito a questões como identidade cultural, ideologias e valores estéticos.

Não se trata aqui de fazer um mapeamento ideológico e de perfis de toda a sociedade falante de língua portuguesa que lê livros. Proponho um exercício de empatia com o ambiente de leitura, e esse exercício parte necessariamente da experiência de vida do tradutor – do

²³⁹ Spina, uma das maiores autoridades em literatura medieval no Brasil, dá enorme destaque à *Saga dos Volsungos* em seu manual (1997 [1973]). Deve-se aqui apontar que sua apresentação sobre literatura escandinava medieval contém informações imprecisas.

tradutor em sua dimensão tripla, conforme defini acima. Sugiro um exercício de compreensão dos valores e das concepções que podem estar presentes num potencial ambiente receptor do texto-alvo, e que isso seja refletido em função de um posicionamento do indivíduo tradutor.

Neste ponto é importante a dimensão criador que a figura do tradutor contém: um criador literário, quando dá a lume uma nova obra, parte de intuições gerais sobre o potencial público, leva em conta um contexto geral literário preexistente em que seu novo texto se inserirá, e arremessa sua palavra escrita ao futuro de incerta recepção, em vista de uma comunidade que ele pretende atingir ou que supõe que seu texto atingirá. O elemento da intuição, presente em todo processo criativo, é considerado incompatível com uma pesquisa acadêmica e é aqui tratado enquanto objeto de descrição, não como método.²⁴⁰

Quando proponho uma tradução estrangeirizante²⁴¹, tenho em mente salientar o estrangeiro que seja desviante de representações predominantes daquele estrangeiro no contexto receptor. Sobre isso, aspectos abordados na Introdução e no cap. 1 trazem as questões centrais.

Por estrangeirizar entendo agir de maneira crítica na recepção enquanto criador de um texto que operará na representação de uma obra estrangeira, tendo em vista potenciais significados que a experiência crítica e a intuição criativa do tradutor permitem que se possam antever como mais prováveis de serem buscados e projetados na obra traduzida.

Com a tradução de uma obra literária estrangeira, é fornecido ao público doméstico um universo linguístico e conceitual que ganhará significado justamente ao ser recebido por esse público. O tradutor é parte de um processo mais amplo a que se encontra submetido (a

²⁴⁰ Cf. Nelson & Maher (2013: 2): The choices made by the translator are the result of careful analysis, informed by varying degrees of intuitive understanding, of the work being translated.

²⁴¹ Considero minha tradução-adaptação da *Saga de Gunnlaug Língua-de-Serpente* (Moosburger, 2014) uma tradução domesticadora. Ela foi realizada em vista de um público doméstico determinado, dentro de uma linha editorial definida e explícita, inclusive seguindo algumas diretrizes editoriais. Ao propor, nesta tese, uma tradução estrangeirizante, não estou de forma alguma sugerindo que traduções domesticadoras não sejam produtivas no complexo processo de recepção da cultura islandesa medieval no Brasil. No entanto, uma tradução domesticadora me parece mais restrita em seu alcance linguístico: pode, circunstancialmente, lograr uma recepção mais fácil, mas pode, igualmente, ficar datada mais rapidamente. A tradução estrangeirizante pode ser mais versátil e nela é possível refletir mais sobre questões relacionadas a cânone, história de recepção, relações interculturais, diacronicidade da língua, entre outras questões essenciais para a apreciação e criação literárias. Retomo essa questão no próximo item.

recepção da cultura-fonte e da literatura-fonte). O tradutor, problematizando a recepção, pode assumir parte *ativa* nesse complexo processo, não se limitando a um observador neutro. No caso da tradução literária vista como ação na recepção, parece pertinente a provocação de William Batstone:

a teoria da recepção, parece-me, abre a discussão política. Ela levanta questões importantes sobre texto, leitura, significado e compreensão, questões que eu penso que precisam ser consideradas nos termos do ponto da recepção: o que Heidegger chamou *Dasein*. Mas a teoria da recepção não pode por si só fornecer respostas normativas quanto à recepção, porque o passado é sempre imperfeito, sempre à espera do amanhã para tornar-se o que teria sido. A finalidade da teoria da recepção, então, é retornar a recepção e o ponto da recepção à sua importante tarefa de autocompreensão e construção de mundo, à importante tarefa de mudar o ponto da recepção.²⁴² (Batstone, 2006: 20)

Inevitavelmente, uma nova tradução abre questões que dizem respeito a representações de uma cultura estrangeira no contexto doméstico. A *Saga de Njáll* não é apenas uma narrativa a ser retextualizada. Esse texto tem reentrâncias e adereços. Ele gera narrativas, está repleto de *prompts* que podem desencadear inúmeras interpretações. O tradutor pode tentar provocar narrativas, frustrar narrativas, atrair novos narradores. Essa faceta criadora do tradutor literário deve ser enfatizada, para não cairmos em métodos de tradução mecanizados²⁴³, despojados do fundamental elemento crítico.

Uma tradução estrangeirizante pode ampliar as possibilidades de representação de uma cultura estrangeira na medida em que amplia o conjunto de representações conceituais dessa cultura e pode convidar novos construtores de significado domésticos a inscrever a obra no cânone doméstico.

²⁴² reception theory, it seems to me, opens up the political discussion. It raises important questions about text, reading, meaning, and understanding, questions that I think need to be considered in terms of the point of reception: what Heidegger called *Dasein*. But reception theory cannot itself provide normative answers regarding reception because the past is always imperfect, always awaiting tomorrow to become what it will have been. The point of reception theory, then, is to return reception and the point of reception to its important work of selfunderstanding and world construction, to the important work of changing the point of reception.

²⁴³ Nelson & Maher (2013: 2): Literary translation is anything but a mechanical task.

Se, num plano mais imediato, uma tradução estrangeirizante nos moldes que proponho pode parecer desvantajosa, pois almeja ser um texto que vibra numa frequência destoante da frequência receptora dominante, por outro lado, na medida em que deliberadamente perturba a superfície mais visível da língua-alvo, pode enraizar-se mais profundamente na existência da língua, amarrando-se a conjuntos mais variados de representações e realizações linguísticas: pode ser uma tradução que se sustente por mais tempo. O que num primeiro momento choca, por atingir o oculto da língua, pode, na medida em que revolve a língua, ser visto mais às claras posteriormente.

A presente tradução da *Saga de Njáll* realiza-se em vista da ideia de que começa a formar-se um “cânone doméstico de uma literatura islandesa medieval”; proponho que essa literatura ganhe no Brasil significados diferentes dos significados que por vezes ganhou na história mais recente.

Se a recepção é um processo multifacetado, existe um ponto em que o tradutor se vê como um para-raios: ele recebe em seu âmago um texto que está energizado por um discurso acumulado na história de sua recepção. Esse texto traz consigo uma carga de valorações. Como catalisar isso e, consciente de aspectos ideológicos, oferecer um texto literariamente rico e, em termos de tradução – acolhimento do Outro – fiel ao texto, à obra?

Uma maneira radical de frustrar a recepção seria promover deslocamentos profundos: Adotar estratégias textuais que abrissem e até regionalizem o texto poderiam ser proficuas. O resultado literário pode ser alto, e o valor de reflexão sobre formas literárias domésticas também. Estratégias assim provavelmente seriam desviantes e chocariam expectativas. Mas podem fazê-lo em detrimento de questões ideológicas ora postas em foco, pois isso provavelmente não seria recebido como “tradução”, dadas as expectativas correntes sobre a natureza de uma tradução, sobretudo em vista do potencial público de uma saga islandesa no Brasil.

Seguindo aqui a linha de raciocínio autocrítico proposta na introdução, cabe a pergunta: evitar o confronto com a *letra* (a forma original), no caso específico que nos ocupa, é a melhor maneira para refletir sobre o problema? Desviar o texto-alvo com estratégias de adaptação talvez não gere a fricção necessária para promover algumas reflexões. Proponho uma tradução que almeje fidelidade. O almejar fidelidade é a fidelidade, e não o resultado textual propriamente dito. Os deslocamentos que proponho se dão em função da crença do tradutor no

valor do texto-fonte e de seu contexto literário original. A preocupação está centrada na ideia de acolhimento (o “albergue do longínquo”, de que falou Berman).

De onde vem essa preocupação? Da constatação de que nós estamos preocupados com o modo como nossa cultura é recebida e apropriada fora do Brasil²⁴⁴. A recíproca pode ser válida. Essa preocupação norteou este projeto tradutório. E quem ganha acolhendo o estrangeiro é o anfitrião, mais do que o hóspede. Não nos esqueçamos: a despeito de apropriações modernas, a *Saga de Njáll* é uma obra islandesa, e é com a Islândia, em primeiro lugar, que estamos dialogando.

Como se viu, essa obra só pode ser acessada e ganhar significado seguindo vias retroativas em seu percurso histórico. Há apenas uma via? A solução pode estar na história da recepção e numa avaliação crítica dela.

Entramos, enfim, na grande questão: como manifestar a obra original por meio da tradução. Proporei uma via possível.

3.2. A tradução como manifestação do original

Uma tentativa de definição teórica da tradução literária seria descabida caso essa definição se arrogasse a condição de universal e fosse prescritiva. Como assinala Theo Hermans,

A busca por uma definição de tradução literária não leva a lugar nenhum. Para estudiosos de literatura, isso não é surpresa. Eles desistiram de tentar definir literatura há algum tempo. Hoje, definições de literatura tendem a ser funcionais e contingentes mais do que formais ou ontológicas.²⁴⁵ (Hermans, 2007: 78-79)

²⁴⁴ Iniciativas tradutórias na Europa que tratam a literatura brasileira não como algo exótico, mas como “representação e como objeto verbal” (Costa, 2008: 203) são elogiadas e louváveis. A tradução tem sido vista como uma prática de diplomacia cultural. Conforme observam Nelson & Maher (2013: 8): “The expansion of knowledge brought about by translation is beneficial not only to the receiving culture but also to the culture that produced the original text. For this reason, translation is seen today as one of the tools of cultural diplomacy and intercultural understanding (...). Este aspecto da tradução é abordado por Rita Wilson (2013), que faz um estudo sobre a recepção da imagem cultural australiana na Itália através de algumas traduções.

²⁴⁵ The search for a definition of literary translation leads nowhere. To students of literature this will not come as a surprise. They gave up trying to define literature some time ago. Today definitions of literature tend to be functional and contingent rather than formal or ontological.

Assim, formulo aqui um discurso teórico sobre a tradução da *Saga de Njáll* em função do que busquei explicitar dessa obra no cap. 1.

O processo de tradução de uma obra literária não é simplesmente a decodificação de mensagens de um código linguístico de partida e subsequente recodificação num novo código linguístico, mas, sobretudo, um desenvolvimento textual complexo e, em muitos aspectos, criativo, subordinado a uma interpretação do texto-fonte e que se dá no âmbito de uma relação entre línguas, culturas e tradições. Como enfatiza Berman (2002: 13), tradução “é relação, ou não é *nada*.”

Este processo é promovido por um sujeito dotado de sua idiossincrasia humana, valores e concepções de mundo, e que age submetido a diversas forças contextuais sobre as quais nem sempre tem controle. A tradução enquanto produto deste processo não é senão um texto literário que possui uma relação estreita com o original, o texto-fonte, e que tem maior ou menor valor literário, dependendo da competência do tradutor, do contexto de recepção do texto-alvo e da concepção corrente acerca de tradução prevalente no público desse texto-alvo. Mas o texto-alvo não detém a condição ontológica do texto-fonte: a obra original permanece sendo outro texto, do qual podem gerar-se novas leituras e, conseqüentemente, novas traduções em novos contextos.

Tanto podem variar aspectos do processo tradutório quanto variar a natureza da obra original, quanto variarem as línguas e as culturas envolvidas na relação. As línguas podem ser próximas ou distantes em termos tipológicos ou cronológicos, as culturas podem ser mais ou menos aparentadas, podem ocupar posições distintas numa relação de dominação, podem mesmo relacionar-se submetidas a contextos culturais mediadores. O tradutor pode ter maior ou menor controle sobre uma revisão estilística do texto quando publicado por um editor ou uma equipe editorial, por exemplo.

Não estou afirmando, com isso, que a tradução de uma obra literária seja algo livre a ponto de não poder ser definida racionalmente ou que não possa ser submetida a algum tipo de normatização. Ao contrário: creio que ela deva ser submetida à racionalização.

Enxergando o fenômeno “tradução” sob essa ótica, faço adesão a alguns pressupostos pós-estruturalistas (Fish; Arrojo): de fato, um texto passa a existir quando um leitor humano ou uma comunidade humana constroem sobre esse texto significados. Essa definição é condizente com minha posição: explicar o fenômeno é algo diferente de

propor uma análise crítica e uma intervenção criativa no fenômeno. Tomo como base, assim, que um texto depende do leitor para ganhar significado, mas considero que seja possível também conferir ao texto (conjunto de significantes) uma condição ontológica mais estável do que circunstanciais projeções de significados sobre ele sugerem. Isso pode ser explicado em dois níveis. Fundamentalmente, pode-se constatar uma soma de significados historicamente projetados sobre esse texto, e, principalmente, pode-se *tentar* inferir algumas circunstâncias básicas do contexto de produção e recepção originais desse texto.

Em segundo lugar, um texto é composto por um conjunto de signos. Não proponho aqui entrar na discussão filosófica sobre a natureza da língua, mas aponto para um dado que pode ser tomado como pressuposto: um texto encerra em si uma convenção que pode ser apreendida, não em vista de uma suposta “gramática universal”, mas mediante um processo dialógico entre objeto texto e sujeito receptor. Pensemos em como a escrita linear B ou a pedra de Roseta puderam ser decifradas, exemplos extremos de como a convenção encerrada no texto (o “seu espaço de jogo” – Berman, 2007: 26) pode ser acessada.

Um conhecimento histórico sobre o texto-fonte permite-nos também atribuir a esse texto significados menos arbitrários. Olhar para um texto, assim como olhar para um outro ser humano, é almejar compreender-lhe a intenção, respeitar-lhe a idiossincrasia. E o tradutor, em sua dimensão leitor-crítico-criador, possui a responsabilidade de mergulhar nesse sistema de signos em vista de um conhecimento sobre sua natureza material e sobre seu contexto original e sua vida ulterior, e consciente do contexto cultural em que age enquanto retextualizador.

Uma obra literária é composta por enunciados, sua existência física, por assim dizer, é um emaranhado de orações, até mesmo de textos; mas, para além disso, ela é, por si só, uma entidade maior, que não se limita a uma concatenação ou soma de significados.

Numa obra literária, onde os enunciados e as mensagens se interpenetram (há conexões internas, redes de significados e significantes, padrões discursivos) e muitas vezes transcendem o próprio texto (com relações intertextuais ou pragmáticas), a abordagem tradutória não pode ser outra senão a de uma experiência plena da obra: um processo hermenêutico de decodificação de frases e recodificação numa nova língua é precedido e permeado por uma experiência de fruição, análise e criação estéticas, em função de uma série de questões ideológicas e culturais.

Se assumíssemos que traduzir sentenças isoladas num texto literário fosse transmitir mensagens entre línguas, traduzi-lo seria um processo passível de normatização e sistematização exata. No entanto, o processo de tradução de um texto literário não se reduz a isso, pois, mesmo composto por sentenças cujas traduções isoladas possam ser analisadas em termos de decodificação e recodificação de mensagens, em seu todo tal texto constitui um objeto cuja significação transcende a simples soma daquelas mensagens ou um conjunto finito de mensagens. Tanto as suas “mensagens” muitas vezes são ambíguas ou funcionalmente obscuras, quanto em seu conjunto elas compõem um todo indissolúvel e particular. Podemos pensar no que diz Walter Benjamin acerca da natureza de uma obra poética em função da comunicação:

O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é a comunicação, não é o enunciado. E no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo de inessencial. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado (e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial), não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? (Benjamin, 2001: 189-191)

Cada obra é uma pluralidade de mensagens em que significantes e significados encontram-se em simbiose, sendo a obra, enquanto construto linguístico, por isso, única. Por conseguinte, assim como a leitura de uma obra literária é uma experiência plena e particular, sua tradução, em função do contexto em que se realiza (época, língua, indivíduo tradutor) será também uma experiência plena e particular:

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo *saber*, um saber *sui generis*. (Berman, 2007: 18)

Em busca de uma compreensão da natureza da tradução de uma obra literária, é necessário perguntar-se acerca da natureza de uma obra literária, de sua condição existencial *per se* e em relação com um conjunto maior de obras e com o leitor. O que se quer com a tradução? Em última instância, *o que se traduz?* Para quem se produz a tradução? Ou, em outras palavras: que significados o tradutor construiu em sua leitura e considera que seja desejável que o público doméstico construa? E, igualmente, que significados o tradutor *não* construiu no texto-fonte e considera que não seja desejável que se construam na recepção da obra dentro do contexto doméstico? Respostas a essas perguntas podem ser encontradas ao longo da introdução, do capítulo 1 e dos itens anteriores do cap. 3.

Alguns parágrafos acima, salientei que tradução é relação. Este dado permeia diversas instâncias: relação do tradutor-leitor com o texto-fonte, relação do tradutor-criador e do texto-alvo com o contexto doméstico de recepção, relação da cultura-fonte com a cultura-alvo. Mais concretamente, a presente tradução devém no âmbito da relação entre a língua islandesa do séc. XIII e a língua portuguesa do Brasil do séc. XXI; traduzindo-se a *Saga de Njáll* para o português brasileiro contemporâneo, confrontam-se, de certo modo, as literaturas islandesa e brasileira (ou, em sentido mais amplo, conforme prefiro ver, as *literaturas de língua portuguesa*); confronta-se o século XIII (e a memória dos séculos X e XI preservada no texto) da Islândia com a realidade cultural e literária do Brasil de hoje.

Em vista dessas considerações, faço menção ao dilema de Schleiermacher que me serviu de ponto de partida para a reflexão que sustenta meu projeto tradutório: deve o tradutor levar o seu leitor ao texto original, ou deve trazer ao seu leitor o texto original? Schleiermacher, em *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, refere-se às entidades leitor e autor; levar o autor ao leitor seria despojar o estrangeiro da estranheza para torná-lo familiar, ao passo que levar o leitor ao autor seria fornecer na tradução uma imagem menos aclimatada do estrangeiro, oferecendo ao leitor o estrangeiro com suas feições de estrangeiro. Por tratar aqui de uma obra anônima, tomei a liberdade de trocar o termo *autor* pelo termo *obra*.

Weissbort e Eysteinnsson apontam dois aspectos importantes da teoria de Schleiermacher: um deles, que me parece o mais importante na argumentação de Schleiermacher, é que ele “dramatiza a

relação entre o autor, o tradutor e o leitor de um modo instigante”²⁴⁶ (Weissbort & Eysteinnsson, 2006: 205). O outro aspecto que Weissbort e Eysteinnsson apontam é a mirada romântica de Schleiermacher, que anelava uma língua alemã ampliada ao máximo com possibilidades expressivas e formas literárias importadas. Naturalmente, não faço adesão à ideologia de Schleiermacher, e considero sua teoria válida na medida em que a enxerguemos como formulação arquetípica da dualidade implícita na relação estabelecida necessariamente com qualquer tradução e no papel de mediador do tradutor. A meta e as justificativas que adoto aqui são diferentes daquelas que se depreendem do movimento tradutório romântico alemão. Mas não posso deixar de fazer uma observação: se, por um lado, o romantismo alemão foi construído grandemente por um movimento tradutório (cf. Berman, 2002), além do exercício estrangeirizante de ampliação de modos expressivos, constata-se um movimento etnocêntrico, que desembocou em uma faceta diametralmente oposta ao universalismo preconizado pelos românticos mais classicistas. Pensemos no que foi a construção antropofágica do ideário germanista nas óperas de Wagner. É esse movimento axípeto que desejo questionar com minha abordagem de tradução das sagas. Parece-me que o próprio romantismo alemão produziu ao mesmo tempo o veneno e o antídoto.

Ainda que não haja somente duas respostas unívocas ao questionamento, o dilema aponta para duas *posturas* possíveis que o tradutor pode adotar ante sua tarefa, independentemente de eventuais táticas tradutórias não necessariamente irredutíveis e fíeis a uma ou outra: não se trata de encarar a estrangeirização como *receita* ou *norma*, mas como atitude ética, como “persecução de um sujeito que almeja constituir-se através de sua atividade”²⁴⁷ (Meschonnic, 2011: 35).

Em última análise, aqui se encontra a meta do traduzir.

Conforme vejo a teoria de Schleiermacher, “trazer a obra ao leitor da tradução” significa encontrar meios para, com a tradução, aproximar não apenas linguística e estilisticamente a obra da experiência literária que seu público supostamente tem; subjaz a isso, também, a noção de que é possível captar a “essência”, as “ideias”, as “mensagens” da obra original e encontrar, dentro do referencial lógico e da mentalidade do leitor da tradução, maneiras de retextualizar o conteúdo narrado na obra original sob uma forma familiar e o menos

²⁴⁶ dramatizes the relationship between the author, translator and reader in a thought-provoking way

²⁴⁷ the pursuit of a subject striving to constitute itself through its activity

estrangeira possível para o público de chegada. Note-se que quando me refiro a “universo familiar” penso no conjunto de representações familiares acerca do universo cultural do texto-fonte.

Por outro lado, levar o leitor da tradução à obra original força o tradutor a experimentar com a tradução modos de deixar transparecer, através da língua de chegada, o caráter estrangeiro da obra; isso significa que o tradutor, munido do meio expressivo de que dispõe, isto é, a língua de chegada, buscará modos de recriar não meramente uma mensagem original ideal dentro de uma nova forma, mas sim recompor algo da forma da obra original, atento ao conjunto de significantes que a constituem. Conforme vejo, práticas tradutórias como tradução da letra (Berman) e tradução estrangeirizante (Venuti) são apenas formas desviantes de domesticar um universo conceitual e formal estrangeiro. Traduzir, por essência, é domesticar (trazer ao contexto doméstico). Estrangeirizar é domesticar *com a atenção voltada para o estrangeiro*. Mas esse estrangeiro só existe em vista de uma apreciação estética e ética.

Se, por um lado, trazer a obra ao leitor significa privilegiar a atitude mental, os padrões discursivos e uma estilística padrão da língua-alvo, com o intuito de tornar a obra algo não-estrangeiro, por outro lado, levar o leitor à obra significa submeter o estabelecido e o padrão da língua de chegada à influência do texto estrangeiro.

Com esse dilema, percebe-se que há duas premissas diametralmente opostas, uma imanente a cada uma das duas posturas que se poderiam adotar. Trazer a obra ao leitor pressupõe um olhar tradutório que privilegia a transmissão de uma ideia, de um conteúdo, em detrimento da forma. Ao contrário, levar o leitor à obra pressupõe um olhar tradutório em que a forma é problematizada e colocada como função principal na relação estabelecida, isto é, na noção de tradução enquanto relação da língua de chegada com um Outro linguístico e literário.

Indiretamente, conclui-se daí que há dois objetivos também diametralmente opostos por trás de cada uma das vias: levar o leitor à obra é, ao mesmo tempo, trazer para a língua materna o outro, é forçar o padrão e o neutro mediante um confronto com o diferente; é, em última análise, *descentralizar*. Já trazer a obra ao leitor da tradução significaria submeter o outro aos valores próprios. O grande questionamento que faço nesta tese é este: esses valores “próprios” são de quem? Se pensarmos na recepção como construção de significado, corremos o risco de nos vermos numa sala entre dois espelhos paralelos, e não

saberemos mais de que lado algo se encontra. Assim, em vista do que salientei nos itens anteriores sobre o horizonte de expectativa, formulo o problema nos seguintes termos: o “doméstico” é o horizonte de expectativa. Pouco importa se é autóctone ou importado. É prevalente. É o poder. É central. Forçar esse central é estrangeirizar.

Pensando especificamente na *Saga de Njáll*, o que seria trazer a obra ao leitor da tradução? Em primeiro lugar, isso dependeria de quais referências esse leitor vislumbrado pelo tradutor no curso da tradução supostamente tem acerca das sagas em geral, da Islândia, do mundo escandinavo medieval, da literatura islandesa, de obras medievais ou antigas em geral. Um historiador especializado em Idade Média, um indivíduo familiarizado com a literatura clássica grega e latina e um indivíduo cuja experiência literária é basicamente moderna receberiam de formas diferentes uma tradução da saga, e o tradutor, caso quisesse trazer a obra ao leitor, teria de fazê-lo de maneiras diferentes tendo ora um, ora outro tipo de leitor em mente: uns gostariam de muitas notas de rodapé, outros gostariam de poucas; uns prefeririam uma linguagem mais simples, outros prefeririam um estilo mais elaborado e um vocabulário menos corrente. A noção de *comunidades interpretativas* proposta por Stanley Fish (2004) é, para esta indagação, bastante útil, conforme sugere Arrojo (2005).

É claro que toda e qualquer tradução é produzida com a finalidade de ser lida por um público. Mas uma preocupação com o leitor no sentido de *submissão aos valores do leito*, é justamente o que proponho questionar. A metáfora de *levar o leitor à obra original* talvez não seja, imageticamente, adequada. Pois também se poderia questionar, aqui, se não depende de um “leitor ideal” que se queira conduzir à “essência original” do texto; se assim fosse, a presente argumentação estaria num círculo vicioso.

Basicamente, a questão se centra na ideia de que levar o leitor à obra significa *forçá-lo a dispender esforços durante a leitura*. O leitor não permanece parado. Ele se depara com um texto que o provoca; um texto que não se conforma totalmente à sua vivência literária e, o mais importante, suas expectativas prévias com relação à obra que lerá.

Minha postura durante a tradução da *Saga de Njáll* foi, basicamente, a de buscar, em português, maneiras de forjar alguns aspectos textuais que experienciei na leitura do texto-fonte, forçando algumas normas e tendências estilísticas do português contemporâneo culto.

Em última análise, trata-se da tradução de uma forma estrangeira. Trata-se do desafio de inocular em português um gênero literário não cultivado em nossa língua. Para Berman, a tradução “é *transmissão de formas*”. (2002: 31) Mas a tradução não comporta a noção de transmissão de ideias entre línguas? Ela é apenas uma transmissão de formas? Os dois dados nem são independentes ou mutuamente excludentes, sequer são absolutos. Por mais que se possa fazer a distinção entre forma e conteúdo, ao tratarmos de um texto literário, essas duas dimensões estão entrelaçadas e interdependentes. A forma é a manifestação de um conteúdo, e não pode ser abstraída senão com fins didáticos ou teóricos. Mas a tradução, enquanto prática, enquanto experiência, contempla a obra em sua existência plena, na qual forma e conteúdo constituem um todo indissolúvel.

Antoine Berman identificou a concepção historicamente dominante de tradução literária no ocidente como permeada pela noção de anexação de significado. Ele definiu as três dimensões próprias dessa noção de tradução: platônica, etnocêntrica e hipertextual. Contrapondo-se a essas dimensões tradicionalmente estabelecidas da tradução literária, Berman defende que “a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*.” Sua teoria é, em alguns aspectos, herdeira da noção expressa por Schleiermacher (deve o tradutor levar seu leitor ao autor original).

Se a tradução da letra é a tradução do texto enquanto conjunto de significantes, e não de um significado depurado e desprendido de sua existência sob a forma de signos linguísticos, qual é, então, a noção de tradução da letra? Trata-se aqui de uma concepção central, que se deve distinguir da corrente noção de “tradução literal”. Tradução da letra não significa reprodução literal (decalque) do texto original. Com a locução “tradução da letra”, Berman se refere à postura tradutória sobre o conjunto de significantes que compõem a obra e lhe permitem sua existência material, e não a uma suposta ideia de que seja possível recompor a obra original em sua literalidade numa nova língua. Traduzir um texto enquanto letra significa levar em consideração a existência do texto enquanto forma.

Tradicionalmente, é a postura diante do texto original e a meta do traduzir, para Berman, que fazem a tradução uma prática platônica, etnocêntrica e hipertextual, na medida em que o tradutor busca apreender o significado (platônico) para inoculá-lo num texto redigido dentro dos padrões estilísticos e discursivos correntes na língua-alvo e adequados ao modelo vigente no contexto cultural de chegada

(etnocêntrico), gerando, assim, uma obra secundária com relação à obra original (hipertextual). O autor não nega que esse procedimento seja, em maior ou menor medida, inescapável:

Colocar em discussão esses dois modos [i.e. hipertextual e etnocêntrico] de tradução não significa afirmar que a tradução não comporta nenhum elemento etnocêntrico ou hipertextual. (Berman, 2007: 37)

Berman propõe, em oposição ao simples transplante de ideias de uma língua para outra, de uma cultura para outra, a tradução como reflexão sobre a letra. Com ela, o tradutor buscará meios para recompor algo da materialidade linguística e discursiva do texto-fonte, utilizando o meio expressivo de que dispõe: a língua de chegada. Terá, assim, como meta não a anexação das ideias e do conteúdo da obra estrangeira e a negação da forma, mas antes a promoção do acolhimento de uma textualidade estrangeira no texto-alvo. Isso não é possível sem que se cause alguma comoção no modelo discursivo e estilístico vigente na língua de chegada. Essa seria a meta ética da tradução, com a qual se pode negar a natureza etnocêntrica do ato de traduzir. O teórico francês identifica e enuncia uma série de tendências deformadoras que servem ao que ele denomina analítica da tradução (2007: 45-62).

Berman fala da tradução como “manifestação da origem do original” (2007 [1985: 88]). Seria a tradução um texto em que se forcem alguns limites da língua de chegada para deixar entrever um mundo estrangeiro e acolhê-lo. Na tradução da *Saga de Njáll*, sob essa ótica, busquei deixar transparecer alguns dados centrais e característicos do original: a idade do texto, sua medievalidade; marcas de oralidade; aspectos estilísticos próprios da dicção narrativa das sagas islandesas; evitei alguns traços estilísticos que apontem para uma tradição clássica em língua portuguesa.

Com relação à dimensão etnocêntrica, deve-se observar algo fundamental: uma tradução domesticadora poderia ser feita com táticas de abasileiramento do texto, mas não é essa dimensão que estou buscando rejeitar. Em vista do tipo de expectativas prévias que se têm com relação a uma saga islandesa, abasileirar a tradução seria, em primeiro lugar, um modo de frustrar expectativas, mas poderia ser simplesmente visto como adaptação, provavelmente não seria recebido como tradução (sobre isso, tezi comentários em 3.3).

Proponho uma estrangeirização como desvio de expectativas que se têm sobre a cultura nórdica antiga, sem rejeitar a origem

medieval islandesa. É aqui que está o ponto central do meu projeto: se constatado que há um universo cultural construído modernamente e bastante presente no contexto receptor do texto-alvo, isso não é visto pelo tradutor como a cultura-fonte, mas como um dado prevalente na cultura-alvo. Para negar essas representações e frustrar algumas expectativas sobre a cultura-fonte, escolhi um texto determinado (como justificado em 3.2) e enxergo-o como pertencente a um contexto cultural obscurecido pelas apropriações e pelas frequentes representações de vikings na cultura popular. Trata-se da Islândia do séc. XIII, que simplesmente não pode ser caracterizada como “mundo viking”, à revelia de inúmeras representações encontradas na cultura popular, e mesmo contrariando parte considerável da literatura crítica, que prefere ver as sagas como reflexo direto do mundo viking. Em vista de um contexto receptor determinado, produzir um texto-alvo que fira esse dado é um movimento tradutório descentralizador e até mesmo subversivo.

O que se faz com uma tradução de uma obra literária estrangeira é, entre outras coisas, a construção de um canal de comunicação entre o mundo de lá e o mundo de cá, pelo qual se pode vislumbrar aquele à imagem e semelhança deste. Lefevere (2007 [1992]: 18) diz sobre o trabalho de tradutores: “No passado, assim como no presente, reescretores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura.”

Uma tradução de uma saga islandesa para o português é, mais que a tradução de um texto de uma língua para outra, a tradução de uma parte da literatura islandesa para a literatura de língua portuguesa, um momento em que a nossa cultura literária é posta à prova diante da cultura literária islandesa. Pensemos nessas culturas literárias como sendo as memórias dessas duas línguas, na medida em que se autodeterminam enquanto corpos cujas estaturas abarcam extensões fixadas na linha do tempo. Falamos em literatura islandesa e pensamos em algo que se desenvolve desde os tempos dos poetas de corte (os *skáld*) até os nossos dias.

Se consideramos a possibilidade de recriar, em português, a sensação de medievalidade que a leitura da *Saga de Njáll* proporciona em islandês, obviamente pensamos na sensação que um leitor islandês de hoje experiênciaria, e não na sensação de um leitor ou audiente original do séc. XIII²⁴⁸. Pensamos em quão “antiga” parece a *Saga de Njáll*

²⁴⁸ Ted Goossen nota a respeito da impossibilidade de reproduzir o efeito original de uma obra produzida e recebida em tempos passados: “Translation radically decontextualizes a foreign

dentro do *corpus* literário islandês, o quão antiga ela se afigura contraposta a um romance de Halldór Laxness, por exemplo.

Na tradução para o português, contrapondo a imagem feita da literatura islandesa à literatura de língua portuguesa, podem-se buscar elementos de língua e estilo que deixem transparecer, no texto-alvo, um *quid* de “antiguidade”. Naturalmente, esse emparelhamento de duas literaturas é arbitrário e subjetivo. Pode ser desejável ou não; produtivo ou não. Poderíamos identificá-lo à noção de *alternidade* desenvolvida por George Steiner:

Semelhante à multiplicidade das línguas, semelhante ao fato de que línguas diferentes não evoluíram de modo sincronizado, o tratamento do tempo na tradução como uma variável estratégica reflete aquele estímulo fundamental para a invenção livre, para a *alternidade* que impulsiona a linguagem humana. O tradutor importa novas e alternativas opções de ser. (Steiner, 2005: 372-373)

Assim, pode-se questionar se a antiguidade do texto estrangeiro corresponde a alguma hipotética antiguidade que engendramos com a tradução (alguma antiguidade nossa). Pode-se perguntar se o texto em questão está inserido numa tradição e tem uma vida longa e contínua, de tal sorte que sua existência esteja entrelaçada à existência de textos produzidos na mesma língua em tempos ulteriores. Um texto não pode existir sem outros textos com os quais estabelece conexões, e o valor de um texto literário é firmado e reafirmado pela sua sobrevivência e pelo seu tônus conservado ao longo dos tempos. Conforme sugeriu Jauss,

(...) a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e

text by uprooting it from the literary traditions and practices that not only give rise to it, but make it meaningful to foreign readers who have read widely in the foreign language and literature. This context of production and reception can never be restored so as to provide the reader of the translation with a response that is equivalent to the informed foreign-language reader's response to the foreign text (I dissent from the widely held notion of “equivalent effect,” particularly as formulated by Nida). For foreign traditions and practices, their cultural meanings and historical weight, can rarely (if ever) be signified in the translation itself, at any textual level, whether linguistic or stylistic, discursive or thematic, prosodic or generic.” (Goossen, 2013: 187-188)

de sua fama junto à posteridade (...). (Jauss, 1994 [1967]: 7-8)

Nesse sentido, olhar para a *Saga de Njáll* como uma “saga nórdica” carregada de um universo imagético “viking” ou defini-la como uma “saga islandesa”, com historicidade dentro do cânone islandês tem implicações no momento em que se busca manifestar sua temporalidade no texto-alvo. Ao invés de algo perdido nos confins do tempo e desvinculado de uma tradição que lhe garantiu subsistência, olho para a saga como um dos textos fundadores da tradição literária islandesa propriamente dita. E, na medida em que traduzir uma parte dessa literatura ao português é confrontar a historicidade da nossa tradição com a historicidade da tradição islandesa, tal perspectiva abre algumas possibilidades para manifestar a saga não como uma expressão anacrônica de um mundo de antanho e sim como a manifestação de um universo concreto e datado: um universo medieval, um universo islandês. Com isso, paralelamente, evita-se a associação do texto-alvo com um ideal clássico, tão apregoado pelos românticos vitorianos e escandinavos e alemães, os quais se apropriaram do imaginário nórdico e utilizaram-se da literatura islandesa medieval imbuídos da ideia de uma “cultura clássica da raça europeia do norte”. A expressão não é minha. Veja-se a introdução de Dasent ao dicionário de Cleasby & Vigfusson:

Este é um dicionário da língua islandesa antiga, ou (como pode ser chamada) a língua clássica da raça escandinava.²⁴⁹
(in: Cleasby & Vigfusson, 1874: iii)

Tal visão, numa tradução, pode ser tacitamente reforçada por um texto redigido com uma estilística clássica. Quero oferecer ao leitor um texto-alvo que deliberadamente seja desviante desse tipo de associações. A prosa islandesa medieval é repleta de elementos de língua e estilo que podem ser caracterizados como bárbaros (usando aqui o termo que às vezes se aplica a textos medievais portugueses²⁵⁰). Na humilde opinião deste tradutor, o estilo das sagas islandesas é hipervalorizado por discursos acadêmicos gerados na modernidade: esses textos apresentam uma série de elementos de língua e estilo que, numa análise comparativa rápida e superficial, podem-se constatar em

²⁴⁹ This work is a Dictionary of the Old Icelandic Language, or (as it may be called) the Classical Language of the Scandinavian race.

²⁵⁰ Lapa sobre Crônicas Breves (1976: 53).

diversas obras literárias vernáculas de outras línguas medievais, as quais, por sua vez, não gozam do mesmo prestígio.

Como se pode ver, a recepção das sagas dentro da Islândia, ainda que frequentemente marcada por um sentimento nacionalista²⁵¹, não é tanto um *construtor* daquele ideal romântico quanto o *objeto* de admiração desse ideal. Pode-se dizer que a Islândia sofreu uma espécie de saque cultural, por essa literatura ser muitas vezes vista mais como um legado ancestral dos escandinavos do que propriamente uma criação islandesa²⁵².

Salientar com a tradução uma poética específica é uma maneira de buscar exprimir, no texto-alvo, uma medievalidade e, por conseguinte, uma islandicidade. Donde a estrangeirização. Se na dimensão “crítico”, o tradutor não pode desprezar um acúmulo de discursos críticos que foram gerados na modernidade, tendo o dever de pôr-se a par deles e sintetizá-los de maneira coerente, por outro lado, em sua dimensão “criador”, o tradutor pode rebelar-se e simplesmente optar por olhar para a saga islandesa como se algumas recepções dela

²⁵¹ Jesse Byock (1994) faz uma crítica bastante dura à teoria da prosa literária e seus proponentes islandeses (a chamada “escola islandesa”), cujo iniciador foi o renomado filólogo Sigurður Nordal. A conclusão de Byock: “In many ways the world of the Icelandic school is a process of integrating Icelandic aspirations into a European context, while filtering out the influence of the Danes and the claims of other Scandinavians. In the process social and historical aspects of the literature were denied, a development that explains the prominence of the fact-fiction dichotomy in bookprose writings. Since the effects of bookprose are still very much with us today, the least that can be said is that much remains open to reconsideration.” Em grande medida, concordo com a posição de Byock, mas não concordo com alguns pressupostos de sua crítica. Em minha tese, faço uma crítica ampla às apropriações do imaginário nórdico, especificamente em vista do contexto cultural anglófono (ao qual pertence Byock). No contexto cultural anglófono, o imaginário “viking” serviu a agendas imperialistas condenáveis e o emblema dessas agendas (os vikings) também (tomando emprestada a formulação do próprio Byock) permanece aberto a muitas reconsiderações, conforme procurei mostrar no cap. 1. Especificamente em vista da problematização aqui proposta com relação à *imagem* que o tradutor faz da obra traduzida, faço adesão à escola islandesa em um aspecto ideológico central: a negação e a filtragem (nos termos colocados por Byock) da influência do contexto escandinavo que se apropriava da literatura islandesa medieval.

²⁵² Não devemos nos esquecer de que a Islândia, até a II Guerra Mundial, era uma colônia dinamarquesa, e assim os ideais nacionalistas da escola islandesa, naturalmente sujeitos a críticas, são para os fins desta problematização acerca da *elaboração criativa do texto-alvo* a ideologia de resistência. Sobre a posição da Islândia enquanto colônia cultural, ver o trabalho de Ann-Sofie Nielsen Gremaud (2010). Um texto da autora tratando da noção de *criptocolonialismo* está disponível em: <http://annsofiegremaud.wordpress.com/cripto-colonial-iceland/> (acessado em 22 de julho de 2014). Como procurei deixar claro no cap. 1, adoto uma visão cautelosa sobre o fenômeno literário “sagas”, principalmente em vista do trabalho maduro de Gísli Sigurðsson, que salienta a importância da tradição oral mas admite a quase impossibilidade de detectar e definir a contribuição dessa tradição na constituição das sagas enquanto textos.

fora da Islândia não tivessem existido: o texto-alvo quer ser uma representação de uma obra islandesa desclassificada. O texto-alvo é um espaço para pulverizar alguns conceitos que se acumularam sobre a obra em apropriações e releituras modernas, em vista do posicionamento declarado do tradutor. O texto-alvo enquanto objeto artístico pode permitir-se encerrar um mundo possível, um “se o nordicismo não tivesse ocorrido”...

O texto-alvo, além de conter o que se espera de uma tradução, é articulado e refletido em função de uma intenção poética e ideológica, na qual o tradutor resolve assumir um poder criativo e engendrar sua própria saga, com a manifestação de uma temporalidade meditada.

No próximo item, buscarei mostrar que a tradução não está calcada numa tentativa de encontrar um estilo doméstico equivalente, mas, em primeiro lugar, de forçar uma dicção em português que seja produto de uma relação estabelecida com o original, visto enquanto obra dotada de historicidade.

Proponho inocular algumas marcas de tempo no texto-alvo. Esse artifício é subjetivo e diz respeito a uma das inúmeras escolhas que tomei diante do texto a ser traduzido: trata-se de um dos elementos artísticos do ato de traduzir. Mas esse elemento artístico pode estar a serviço de valores éticos fixados pelo tradutor, pois, naturalmente, ao vestir uma obra estrangeira numa roupagem doméstica historicamente marcada, o que se faz é sugerir a incorporação da obra em questão no cânone da literatura da língua de chegada. É fornecer ao leitor da tradução uma imagem de algo familiar, é conduzir o seu juízo acerca da obra estrangeira, é mostrar que aquela obra, se tivesse sido criada em português, *poderia* ser assim. E o efeito tende a ser o oposto do almejado (de salientar o Outro, de acolhimento do *longínquo*), caso o tradutor leve às últimas consequências a criação do seu texto num idioma que tente representar um estágio linguístico mais antigo da língua de chegada.

George Steiner (2005: 353-373) detém-se numa apreciação de alguns casos notáveis de traduções que se propuseram a tarefa de recriar um estágio cronológico específico da língua de chegada, para gerar a sensação de que a tradução se enquadra num tempo passado determinado da tradição literária da língua de chegada. Levada ao extremo, conforme Steiner observa, essa estratégia tradutória acaba por ser excessivamente domesticadora.

De fato, essa estratégia nem sequer me parece realizável em todos os casos. Para a *Saga de Njáll*, seria preciso escrever a tradução

no português da *Demanda do Santo Graal* ou das crônicas portuguesas medievais. Caso o tradutor tivesse competência para isso, o resultado, por mais realizado que fosse do ponto de vista estético e linguístico, correria o risco de ser pouco legível e de apagar muitas marcas do original.

Dentro da proposta de acolhimento da textualidade estrangeira, o texto-alvo comporta marcas de um português mais antigo, mas não de um português de um tempo estipulado. Para sugerir no texto-alvo a sensação de medievalidade, lancei mão de elementos estilísticos e lexicais que remetem, de forma controlada e indireta, a uma medievalidade da língua de chegada. Esses elementos não servem para gerar uma ilusão de incorporação do texto ao cânone literário da língua de chegada. Traços linguísticos arcaicos coexistem com uma língua compreensível e familiar ao leitor. A tradução quer ser legível e relativamente fluente. A estranheza é contingente: o central é a exploração de recursos expressivos.

Com relação a isso, a estratégia postulada por Venuti parece-me muito profícua. Almejei incorporar na tradução alguns modos expressivos de estágios cronológicos passados da língua de chegada, incluindo parte de seu léxico, para gerar uma sensação de que o texto pertence a outro tempo, mas sem uma preocupação de coerência linguística. Na mesma medida, para que o texto se sustente literariamente e possa ser fruído, uma série de outros elementos linguísticos contemporâneos do idioma de chegada são necessários. Comentando o uso de arcaísmos em seu projeto minorizante, especificamente na tradução do escritor italiano Tarchetti, do século XIX, para o inglês, o teórico americano diz:

Desde o início, determinei que o arcaísmo seria útil para indicar a distância temporal dos textos italianos, sua emergência numa situação cultural diferente num momento histórico diferente. Contudo, qualquer arcaísmo logicamente teria de ser extraído da história do inglês, teria de significar numa situação corrente da língua inglesa, e, portanto, liberaria um resíduo literário distinto. (Venuti, 2002: 33)

E, a seguir, conclui:

Esse excesso de arcaísmos funcionou para historicizar a tradução, sinalizando as origens do texto italiano no séc. 19. (p. 38)

Venuti observa, no entanto, que não tratou de recriar um estágio cronológico passado do inglês (sua língua de chegada), pois, para lograr efeitos literários necessários, lançou mão de elementos linguísticos heterogêneos da língua padrão atual.

Para Venuti, a via tradutória da estrangeirização consiste em salientar marcas, gerar algumas estranhezas. Venuti trata mais especificamente do contexto anglófono, e toda a sua teoria deve ser lida com ressalvas quando o propósito é refletir sobre o contexto brasileiro. Creio, no entanto, que uma série de pontos por ele abordados são relevantes para o contexto de produção e recepção de traduções literárias no Brasil, ainda que constituam ponto de partida para problematização, e não receitas ou postulados a serem seguidos.

O uso controlado de arcaísmos é um dentre outros recursos de que o tradutor dispõe para chocar o leitor e apontar-lhe o fato de que o que lê não é um texto originalmente escrito na sua língua, forçando-o, assim, a *dispende esforços na leitura*. Não estou aqui muito longe do que o poeta José Paulo Paes propõe como ideal de tradução poética:

“(…) Louvável (…) há de ser a tradução que, sem desfígar *por imperícia* as normas correntes da vernaculidade, deixe transparecer um certo quid de estranheza capaz de refletir, em grau necessariamente reduzido, as diferenças de visão de mundo entre a língua-fonte e a língua-alvo.” (Paes, 1990: 106)

Para gerar uma sensação de medievalidade, lancei mão de algum vocabulário arcaico e algumas estruturas sintáticas próprias da saga e que são também constatadas na prosa portuguesa medieval, sem, todavia, levar isso ao extremo. Basicamente o fraseamento paratático da narrativa, em detrimento de uma dicção mais hipotática, foi algo explorado. É um dado próprio da sintaxe islandesa medieval, que se verifica, em grande medida, na prosa portuguesa medieval. Simultaneamente, lancei mão de algumas marcas de oralidade em pontos estratégicos de discursos diretos.

Em síntese: inspirado nas ideias de Berman de que a tradução é tradução do texto enquanto *letra*, sendo uma prática cultural que, em sua dimensão ética e pensante, visa o acolhimento na língua de chegada do texto estrangeiro, ou seja, não é apenas um transplante de ideias, mas também um exercício de forma, e levando em conta a noção de estrangeirização proposta por Venuti, com minha tradução desejo mostrar a saga em sua peculiaridade narrativa, salientando traços

estilísticos próprios da época e do gênero em que se enquadra e negando conscientemente uma associação da literatura islandesa medieval com algumas representações e apropriações mais recentes (aspectos abordados na Introdução e no capítulo 1). Para tal, a explicitação da historicidade do texto foi um recurso adotado, privilegiando aspectos textuais medievais em oposição à estilística clássica (escrita mais neutra e não-marcada).

Com isso, defino este projeto tradutório como a busca da manifestação em língua portuguesa de um universo literário islandês medieval, selecionando uma obra capital daquela literatura, que, por si só, pode ser desviante de algumas concepções acerca da cultura-fonte, e apontando para traços específicos dessa obra que talvez não se conformem a algumas concepções correntes acerca de seu contexto.

Nos itens subsequentes deste capítulo, faço um estudo mais detido de alguns traços formais relevantes da *Saga de Njáll* e uma exposição do processo tradutório, com análise de algumas passagens.

3.3. A letra medieval da *Saga de Njáll*

No item anterior, busquei expressar em termos teóricos a noção de tradução que permeia o presente projeto tradutório. Este item centra-se numa análise mais concreta da retextualização da *Saga de Njáll* em vista de sua *letra*. De modo algum utilizo a teoria de Berman como uma cartilha de tradução ou encaro-a como regimento: são os princípios de reflexão, hermenêutica enquanto via de acesso ao Outro e autoanálise, aspectos salientados pelo teórico francês, que me servem na formulação e na enunciação de meu discurso metatradutório.

Como observa o próprio Berman (2007: 63), “é somente delimitando o *objetivo do traduzir* que as “receitas” antideformadoras podem fazer sentido, a partir da definição de princípios reguladores *não-metodológicos*.” Não pretendo utilizar as “receitas” antideformadoras tal qual formuladas por Berman: apontarei aspectos textuais marcantes da narrativa da saga que considero centrais na proposta de manifestação de sua peculiaridade e temporalidade. Em vista disso, farei uma comparação com alguns textos portugueses medievais²⁵³.

²⁵³ A semente deste projeto tradutório, ainda pouco refletida em termos teóricos e pouco consciente de problemas ideológicos, pode ser constatada na nota à tradução que acompanha as minhas traduções de sagas de 2007 (especialmente pp. 8-10).

A partir de agora, centro-me em questões puramente textuais. Refiro-me tanto às peculiaridades textuais da *Saga de Njáll* (vista enquanto objeto delimitado constituído por um sistema interno de signos) e uma série de elementos narrativos, sintáticos e estilísticos que a caracterizam como o que ela é literariamente, quanto a peculiaridades das sagas islandesas em geral e até a traços que se verificam na literatura vernácula medieval em termos mais abrangentes.

Tudo que se segue, naturalmente, está subordinado à reflexão expressa nos itens anteriores.

Definir a letra, conforme compreendo, é identificar, na tessitura da obra original, características lexicais e sintáticas que, sendo condicionadas ou não pela língua-fonte, compõem o texto literário enquanto tal e são seus traços indelévels. Não pretendo definir o campo de ação de uma análise estilística, delimitando-a em oposição ao que seria uma análise linguística; busco identificar pontos em que a própria natureza linguística constitui formalmente (literariamente) a *Saga de Njáll*.

Wellek e Warren fornecem uma metáfora que me servirá como ponto de partida:

A linguagem é, literalmente, a matéria-prima do artista literário. Poder-se-ia afirmar que toda a obra literária é meramente uma seleção feita numa dada linguagem, tal como as obras de escultura já têm sido descritas como blocos de mármore a que se desbastaram alguns pedaços. (Wellek & Warren: 213)

Pensemos no estilo como sendo o modo particular como esses blocos de mármore são desbastados para formar a obra: a direção, a força e a forma dos entalhes. O estilo é o modo particular como se realizam enunciações e se tomam escolhas lexicais, em função de um conjunto maior (e não-infinito) de possibilidades que a língua (a matéria-prima) oferece: pode-se dizer a mesma coisa de muitas maneiras numa língua, mas o modo específico como uma ideia é expressa, em vista de objetivos estéticos, conotativos, intertextuais, é o que caracteriza o estilo de um texto. Azeredo dá-nos uma útil e precisa definição de estilo:

(...) podemos conceituar o estilo como *o conjunto dos traços de linguagem que conferem uma expressão distintiva e peculiar aos textos de um autor, de uma época, de uma*

tendência estética ou de um dado gênero de composição. É nesse sentido que se pode falar no estilo de José de Alencar, no estilo medieval, no estilo impressionista ou no estilo narrativo. (Azeredo, 2008: 478 – destaque do autor)

Atentar para o estilo de uma obra como a *Saga de Njáll* não é unicamente buscar identificar os traços estilísticos peculiares de um suposto autor (coisa frequentemente impossível nas obras vernáculas medievais) ou de uma obra particular, mas antes compreender feições textuais que caracterizam o gênero em que ela se enquadra e até mesmo todo um período literário.

No entanto, no trabalho tradutório sobre a letra, não se objetiva compreender apenas aquilo que caracteriza a obra enquanto realização linguística peculiar contraposta à norma ou ao conjunto de potencialidades da língua-fonte (o que seria a análise estilística), mas, também e para além disso, contemplar a própria natureza dessa língua nos pontos em que essa natureza linguística compõe a obra enquanto tal. Retomando a metáfora de Welles & Warren, trata-se também de conhecer a constituição geológica do bloco desbastado e talhado e, talvez, o modo como a granulação e a densidade desse bloco contribuem funcionalmente para a natureza da obra enquanto obra. Por isso, prefiro referir-me a características textuais ao invés de características estilísticas.

Em alguns aspectos, não estou muito distante do que propôs Enrique Bernardez (1988) em sua elogiada tradução da *Saga de Egil* para o espanhol. Em sua introdução, Bernardez faz uma apreciação do estilo seco do texto islandês e propõe recriar em espanhol esse estilo. Sua tradução, de fato, reproduz de maneira ousada as alternâncias presente/pretérito e seu texto reproduz o aspecto brutal da narrativa em islandês. Acredito que, por existir em espanhol um referencial estilístico como o encontrado no *Cantar de Mio Cid*, em que alternâncias de tempo verbal ocorrem de modo similar ao que se constata na prosa islandesa medieval, as fronteiras entre língua e estilo passam mais despercebidas. O ponto que saliento, e que Bernardez não problematiza, é que *estilo* é um conceito que está necessariamente subordinado a *uma* língua, e, se na tradução propomos reproduzir um estilo, esbarramos necessariamente no dilema: almejamos encontrar um estilo *equivalente* ou almejamos submeter a língua-alvo à *natureza* da língua-fonte? Esse dilema é muitas vezes contornado de maneira tácita. Ele é central nesta tese.

As sagas de islandeses apresentam algumas características textuais que saltam aos olhos: sendo textos narrativos em prosa vernácula, cultivados e elaborados numa tradição letrada, por um lado, mas com traços que podem apontar para uma tradição oral, por outro, elas apresentam uma série de elementos formais que, a princípio, tendemos a rejeitar na língua de chegada.

Orações curtas, com predomínio de coordenadas:

Hrútr helt aprt of haustit ok hefir fengit of fjár ok fôr þegar á fund konungs ok hafði af honum góðar viðtökur. (in: Sveinsson, 1954: 19)

(Hrútr retornou no outono e obtivera muitas riquezas e foi imediatamente ao encontro do rei e obteve dele boa recepção.)

Uma oração como essa pode ser retextualizada de modo a soar mais natural em português: *Retornando no outono após obter muitas riquezas, Hrútr foi imediatamente ao encontro do rei, que o recebeu bem.* Pode-se muito bem argumentar que a língua islandesa permite menos a hipotaxe, pois orações participiais (reduzidas de gerúndio) não são comuns na gramática islandesa medieval²⁵⁴ (e nem na moderna) e o pronome relativo *er* não é declinável (não existe, como em português, um pronome relativo declinável como *o qual, a qual, os quais*). A língua islandesa é, por natureza, mais paratática do que o português, e isso pode ser constatado mesmo em grandes estilistas modernos, como Halldór Laxness. Estamos aqui numa região limítrofe entre o que pode ser considerado um traço estilístico e o que é a natureza da língua-fonte. Mas é aqui que considero fundamental uma observação de Berman; sobre a tradução da *Eneida* de Klossowski, ele assim coloca:

A literalidade (...) opera no nível do sistema da língua e do texto, a ponto de os dois sistemas se unirem. (Berman, 2007: 131)

²⁵⁴ “In most instances, participles or phrases headed by a participle have the syntactic function of adjectives or Aps [orações adjetivas]” (Faarlund, 2004 :122) Participípios presentes como *farandi, hafandi* não são normalmente usados em orações reduzidas nas sagas de islandeses, sendo constatados, por exemplo, na *Tristrams saga*, obra traduzida do anglo-normando e que aparentemente são uma submissão do islandês à *letra* do original. Como observa Vésteinn Ólason (1987: 6) no prefácio à sua edição da saga, o estilo deste texto é muito diferente dos textos islandeses medievais em geral.

Justamente os elementos peculiares da tessitura original *que dão à obra sua feição*, ainda que condicionados pela natureza linguística original, são aqueles que recebem atenção especial no presente discurso sobre o processo tradutório, pois me forçaram, às vezes, a procurar soluções estilísticas pouco ortodoxas. O objetivo não é ferir as normas do português, mas sim, mediante o contato com o texto estrangeiro, buscar recursos da língua-alvo que possam servir à manifestação daquela dicção, daquela *textualidade*. No caso deste projeto tradutório, isso serve também para uma manifestação da historicidade do texto.

A experiência de uma leitura fruidora das sagas em islandês revela que essa constante parataxe compõe um ritmo peculiar e confere uma dinâmica à sucessão de eventos. Em especial, a fruição auditiva da saga confirma essa dinâmica. Ela é apenas uma manifestação em nível microestrutural de uma feição macroestrutural da obra (ver 1.4).

Auerbach (2004: 100) em sua análise da *Canção de Rolando* fala de “cenas isoladas” e de um “instante cênico” “de uma energia das mais marcantes”. O épico francês é narrado em *laissez* (estrofes), nas quais Auerbach enxerga quadros autônomos; o desenvolvimento da narrativa, segundo Auerbach, é estacado, quebrado, mas essa justaposição de eventos com uma energia contida em si gera uma potencialidade dramática em cada um desses quadros. A narrativa em prosa da saga é bastante diferente, mas identifico nessa sucessão de pequenas unidades sintáticas, muitas vezes desvinculadas umas das outras por estarem em sequências polissindéticas e enunciadas em tempos verbais diferentes, um ritmo estacado em que cada gesto possui uma intensidade potencializada.

Um outro elemento constante que contribui para esse efeito de concatenação de ideias como em pequenos blocos autônomos é o tempo verbal da narrativa, que frequentemente é alternado de maneira abrupta entre o presente e o pretérito, tanto em frases diferentes dentro de uma mesma sequência quanto na mesma frase:

Hallgerðr varð fegin Gunnari, er hann kom heim, en móðir hans lagði fátt til. Gunnarr sitr nú heima þetta haust ok vetrinn ok hafði ekki mart manna um sik. Líðr nú vetr ór garði. (in: Sveinsson, 1954: 183)

(Hallgerðr alegrou-se ao ver Gunnarr retornando à casa, mas a mãe dele permaneceu reticente. Gunnarr permanece agora em casa neste verão e inverno e não tinha muitos homens à sua volta. Passa agora o inverno.)

Se pensarmos no ritmo da narrativa e na tensão peculiar que as constantes alternâncias de tempo verbal geram, podemos ver que, a despeito de ser este traço, a princípio, subordinado à natureza da língua-fonte, ele é literariamente funcional.

A minha interpretação para as alternâncias de tempo verbal é esta: existem dois tempos concorrentes no texto, o tempo de ação referido como algo passado e o tempo da enunciação. A alternância entre esses dois tempos gera no receptor uma fusão entre esses dois tempos. Isso deve ser pensado em função da ideia de um texto originalmente vocalizado.

Vésteinn Ólason (1998: 112) observa que, nas sagas de islandeses, “por regra a ordem das palavras e a sintaxe são relativamente descomplicadas e lembram a fala cotidiana.” Sobre a oscilação entre presente e pretérito, Ólason observa que “os autores exploram o presente dramático e o modo histórico”, sendo “ainda uma característica comum na narrativa islandesa moderna.”²⁵⁵

Outros aspectos que, a princípio, contrariam as normas mais correntes de escrita não-marcada na língua-alvo são as orações iniciadas por conjunções e as repetições, em espaços curtos do texto, da mesma palavra.

Várias orações são iniciadas por conjunção:

Ok þá er váraði, átti Hrútr fõr í Vestfjõrðu (...). (in: Sveinsson, 1954: 22)

E quando chegou a primavera, Hrútr teve de ir a Vestfirðir (...)

En á því skipi, er fyrst fõr, stóð maðr við siglu (...). (p. 203)

Mas no navio que ia à frente, postava-se um homem junto ao mastro (...)

Dentro de um espaço curto de texto, a mesma palavra é repetida. Aqui, a palavra *búð* (tenda) é reiterada quatro vezes:

Mõrðr gígja mælti lõgskil at vanða sínum ok gekk heim til búðar sinnar. Hõskuldr stóð upp ok Hrútr ok gengu til búðar

²⁵⁵ As a rule word order and syntax are relatively uncomplicated and resemble everyday speech. (...) We may note also the frequent oscilation between present and past tenses, with authors eager to exploit the historical and dramatic present mode: this is still a common feature in modern Icelandic narrative.

Marðar ok inn í búðina; Mǫrðr sat í innanverðri búðinni; þeir kvǫddu hann. (in: Sveinsson, 1954: 8)

Mǫrðr Rabeca pronunciou os procedimentos legais como sempre fazia e retornou à sua tenda. Hǫskuldr se levantou, seguido de Hrútr, e os dois foram até a tenda de Mǫrðr, e entraram na tenda; Mǫrðr estava sentado no fundo da tenda; eles o cumprimentaram.

A tendência, nesses casos, é suavizar essas repetições num processo de retextualização seguindo o padrão estabelecido de redação em português contemporâneo. Busquei reproduzi-las, na medida do possível, nesta tradução.

Os exemplos acima, que retirei da *Saga de Njáll*, são comuns nas sagas em geral. No entanto, alguns textos islandeses medievais de cunho mais erudito, notadamente traduções ou adaptações de romances, como a *Alexandreis*, que foi traduzida para o islandês na Idade Média como *Alexanders saga*²⁵⁶ e, particularmente, a *Saga af Tristram og Ísönd*²⁵⁷, versão islandesa de *Tristan et Iseut*, apresentam um fraseamento menos paratático e menos repetições de palavras e alternâncias de tempo verbal.

Em geral, as sagas islandesas, e todas as sagas de islandeses (*Íslendingasögur*), são elaboradas dentro de uma tradição letrada. Porém, essa tradição letrada é vernácula (em oposição ao letramento latino, submetido a outras normas de redação), em que a língua escrita ainda está em processo de fixação e traços de oralidade invadem o texto escrito. Alguns aspectos mais gerais do contexto literário vernáculo medieval podem ser levados em consideração se pensarmos que havia uma língua culta em que se escrevia dentro de regras clássicas, e as línguas vernáculas eram espaços em que gêneros de origem oral eram experimentados; textos em vernáculo não eram submetidos às mesmas normas de dicção e ao mesmo regramento retórico.

A florescência, desde os séculos XII e XIII, das línguas vulgares de modo algum significa o estancamento ou retrocesso da literatura latina. Os séculos XII e XIII até valem como ponto culminante na poesia e na ciência latinas. (...) O homem comum sabe, como o instruído, que há duas línguas: a do povo e a dos letrados (*clerici, litterati*). A língua dos letrados, o latim, chamava-se também

²⁵⁶ Para o texto islandês, ver Ingólfsson.

²⁵⁷ Ver edição islandesa de Ólason (1987).

grammatica e passava no conceito de Dante – como já para o romano Varrão – como língua artificial, imutável, inventada por sábios. (Curtius: 27)

Não podemos desconsiderar que um escritor de saga provavelmente tinha também uma educação latina, mas aqueles traços textuais que apontei acima são nitidamente vernáculos e contrariam as normas da *grammatica*. Se pensarmos em casos mais extremos, que nem sempre se aplicam à prosa das sagas, mas são uma tendência geral de textos vernáculos medievais²⁵⁸, as observações de Fleischmann são pertinentes:

Documentos vernáculos medievais confrontam o leitor moderno com idiosincrasias e incoerências, com lacunas no texto, com anomalias de gramática, uso de escrita e estrutura de texto. No *corpus* francês antigo, por exemplo, fronteiras de palavras e ortografia são inconsistentes; marcação de casos é idiosincrática e obviamente não mais funcional; usos de tempo parecem desafiar a lógica gramatical, com alternâncias discordantes entre passado e presente; sentenças frequentemente são apenas enfileiradas, com pouco ou nenhum tecido conectivo (subordinadores e coordenadores) para articular as junções; a cronologia narrativa pode ser ilógica, exibindo grandes lacunas temporais em prolepses bem como repetições conspicuas do mesmo evento.²⁵⁹ (Fleischmann, 1990: 21)

²⁵⁸ Minha experiência com literatura grega medieval vernácula permitiu que eu constatasse fenômeno análogo em obras como o poema épico de *Digenis Akritis* (especialmente em sua versão Escorial – ver Alexiou, 1985), romances vernáculos do séc. XIV, como a *Afigisis Livistrou kai Rodamnis* (ver Agapitos, 2006), a crônica cipriota de Leontios Machairas, do séc. XV (ver Kechayoglou, 1999), entre outros textos. No contexto grego medieval, deve-se observar que a cisão entre “gramática” e vernáculo deve ser vista em relação ao grego clássico e ao neogrego (para uma introdução histórica ao grego pós-antiguidade, ver Browning, 1983). Sobre a literatura bizantina vernácula, a obra de Hans-Georg Beck (1971) constitui referência muito útil, a despeito de estar defasada. Além da literatura grega vernácula, pode-se observar que muitas das tendências mencionadas nesta análise sobre as sagas podem ser encontradas na literatura vernácula românica medieval.

²⁵⁹ Medieval vernacular documents confront the modern reader with idiosyncrasies and incoherences, with gaps in the text, with anomalies of grammar, script usage, and text structure. In the Old French corpus, for example, word boundaries and orthography are inconsistent; case marking is idiosyncratic and obviously no longer functional; tense usage seems to defy grammatical logic, with jarring alternations between the past and the present; clauses are often simply strung together, with little or no formal “connective tissue” (subordinators and coordinators) to articulate the junctures; narrative chronology can be illogical, showing major temporal gaps and prolepses as well as conspicuous repetitions of the same events.

Se observarmos textos portugueses medievais, encontraremos exemplos de uso linguístico que podem servir como inspiração na elaboração do texto-alvo: em vista do que sugeri em 3.1, podem-se utilizar alguns elementos textuais encontrados em obras portuguesas medievais para verter algo da letra da saga.

As *Crônicas Breves de Santa Cruz*²⁶⁰, preservadas em manuscrito do séc. XV, mas cuja redação original deve ser do séc. XIII²⁶¹, contêm uma dicção que lembra o fraseamento das sagas islandesas. Segundo Rodrigues Lapa (1976: 53), nessas crônicas “as personagens desenham-se em ditos e feitos, numa luz crua, tipicamente bárbara e medieval”:

Morreo o conde Dom Enrique e guissaram todos sas fazendas como ho levassem; e dis y perguntou Affonso Enriques os vassalos se hiria com seu pay ou se fiquaria. E eles disserom que fosse com seu padre e o honrasse e nom se temesse nada da terra. E Affonso Enriquez foi soterrar o padre a Bragaa. E termentre com' el foi soterrar o padre, filharom-lhe aquá toda a terra de Leon, que el tiinha por sua, mais nom lhe filharom Galiza, qua nom poderom. Depois desto o mandou desafiar ho emperador e tornou-lhe seu amor. Estonces foi-sse ele pera Portugal, e nom achou hu se colher, ca toda a terra se lhe levantou co a madre. E a madre cassou-sse co o conde Dom Fernando de Trastâmara, que era em aquella sazom o melhor homem d'Espanha que rey nom fosse. Affonso Enriquez tomou dous castelos a sa madre, e huum foi Nevha, e o outro ho castello da Feira, que he em terra de Santa Maria. E com aquelles dous quastelos guerreou ele mui rijamente seu padraсто. (in: Lapa, 1976: 53)

Além da dificuldade óbvia que temos para ler um texto como esse, devido, principalmente, ao vocabulário, nota-se de imediato como o discurso é concatenado com orações coordenadas. A conjunção *e* introduz nove orações.

Essas crônicas não são consideradas grandes obras literárias, mas elas me parecem não desprovidas de valor. Se tomarmos um expoente da prosa portuguesa medieval, como a *Demanda do Santo*

²⁶⁰ Ver PORTVGALIAE MONVMENTA HISTORICA, Scriptoros 1 (1856), pp. 23-32.

²⁶¹ Lapa, 1976: 53.

Graal, poderemos identificar alguns traços textuais comparáveis. Vejamos o Cap. 77:

E entam se foi a Galaaz e dei-lhe o maior golpe que pôde, mas o elmo era bõõ e non lhe fez mal a Galaaz. E Galaaz, que se nam podia assi partir dele, alçou a espada, que era bõã, e feri-o tam esquivadamente que lhe fendeo o elmo e o escudo por meeo. E Dalides, que nom pôde sofrer, caio em terra esmorido e quebrou-lhe o sangue polos narizes e pola boca ca foi mal quebrantado do golpe e da queda. (In: Nunes, 2005: 73)

Vejamos o mesmo trecho na versão de Heitor Megale (1988) em português moderno:

E então foi a Galaaz e deu-lhe o maior golpe que pôde, mas o elmo era bom e não lhe fez mal; e Galaaz, que não podia assim afastar-se dele, alçou a espada, que era boa, e feriu-o tão violentamente que lhe fendeu o elmo e o escudo pelo meio, e Dalides que o não pôde suportar, caiu em terra desmaiado e saiu-lhe o sangue pelas narinas e pela boca, porque ficou quebrantado do golpe e da queda.

A apresentação desses breves trechos visa demonstrar que a língua portuguesa, contemplada em sua historicidade, contém possibilidades, hoje desusadas, de realização de estruturas sintáticas e de um estilo que mais se aproxima da *letra* de muitas obras vernáculas medievais escritas em outras línguas. Lançar mão de alguns desses recursos não significa empreender uma imitação do português medieval.

Apresentarei aqui um trecho da *Saga de Njáll*, com a finalidade de melhor analisar algumas escolhas tomadas no processo de tradução da obra.

Þat varð Skarpheðni, þá er þeir hljópu ofan með fljótinu, at stókk í sundr skóþvengr hans, ok dvalðisk hann eptir. „Hví hvikask þér svá, Skarpheðinn?“ segir Grímr. „Bind ek skó minn,“ segir Skarpheðinn. „Föru vér fyrir,“ segir Kári, „svá lízk mér sem eigi muni hann verða seinni en vér.“ Snúa þeir ofan til spangarinnar ok fara mikinn. Skarpheðinn spratt upp þegar, er hann hafði bundit skóinn, ok hafði uppi øxina; hann hleypr at fram at fljótinu, en fljótit var svá djúpt, at langt var um ófært. Mikit svell var hlaupit upp öðrum megin fljótsins ok svá hált sem gler, ok stóðu þeir Þráinn á miðju svellinu.

Skarpheðinn hefr sik á lopt ok hleypr yfir fljótít meðal hofuðisa ok stöðvar sik ok rennir þegar af fram fótskriðu. Svellit var hált mjök, ok fór hann svá hart sem fogl flygi. Þráinn ætlaði þá at setja á sik hjálminn. Skarpheðinn berr nú at fyrri, ok hæggr til Þráins með øxinni, ok kom í hofuðit ok klauf ofan í jaxlana, svá at þeir fellu niðr á ísinn. Þessi atburðr varð með svá skjótri svipan, at engi fekk hoggvi á hann komit; hann renndi þegar frá ofan óðfluga. Tjörvi renndi fyrir hann torgu, ok steðjaði hann yfir upp ok stózk þó ok rennir á enda svellsins. Þá kómu þeir Kári í móti honum. „Karlmannliga er at farit,“ segir Kári. „Eptir er enn yðvarr hluti,“ segir Skarpheðinn. Snúa þeir þá upp at þeim. Þeir Grímr ok Helgi sjá, hvar Hrappr var, ok sneru þegar at honum. Hrappr hæggr með øxinni til Gríms. Helgi sér þat ok hæggr á höndina Hrappi, svá at af tók, en niðr fell øxin. Hrappr mælti: „Þetta hefir þú mikit nauðsynjaverk unnit, því at þessi hönd hefir mörpum manni mein gort ok bana.“ „Hér skal nú endir á verða,“ segir Grímr ok leggr spjóti í gegnum hann. Fell Hrappr þá dauðr niðr. Tjörvi snýr í móti Kára ok skýtr at honum spjóti; Kári hljóp í lopt upp, ok fló spjótít fyrir neðan fœtrna. Kári hleypr at honum ok hæggr til hans með sverðinu, ok kom á brjósti ok þegar á hol, ok hafði hann þegar bana. Skarpheðinn grípr þá báða, Gunnar Lambason ok Grana Gunnarsson, ok mælti: „Tekit hefi ek hvelpa tvá, eða hvat skal við gera?“ „Kost ættir þú,“ segir Helgi, „at drepa hvárntveggja, ef þú vildir þá feiga.“ „Eigi nenni ek,“ segir Skarpheðinn, „at hafa þat saman at veita Högna, en drepa bróður hans.“ „Koma mun þar einu hverju sinni,“ segir Helgi, „at þú mundir vilja hafa drepit hann, því at hann mun aldri þér trúr verða ok engi þeira, er hér eru nú.“ Skarpheðinn mælti: „Ekki mun ek hræðask þá.“ Síðan gáfu þeir grið Grana Gunnarsyni ok Gunnari Lambasyni ok Lamba Sigurðarsyni ok Loðni. (in Sveinsson, 1954: 233-234)

Esta célebre cena da saga contém a descrição brutal da morte de Þráinn Sigfússon. A sequência é dramática e a narrativa muito viva. Aqui, aqueles aspectos que apontei acima podem ser vistos em pleno vigor: cada movimento contém em si uma energia potencializada na medida em que esses movimentos se pronunciam numa sequência estacada. *Skarpheðinn hefr sik á lopt ok hleypr yfir fljótít meðal hofuðisa ok stöðvar sik ok rennir þegar af fram fótskriðu*. Temos quatro orações coordenadas numa sequência polissindética: *Skarpheðinn salta no ar e corre sobre o rio entre blocos de gelo e se apoia e avança imediatamente com o deslizar do pé*. O ritmo cortado e estilizado que

esse tipo de frase confere deve ser pensado em função de uma enunciação dramatizada: a sequência de eventos é trazida ao presente e transcorre de maneira tão rápida quanto o seu objeto de *mimesis*. Em seguida, o narrador nos coloca no pretérito novamente: *Svellit var hált mjök, ok fór hann svá hart sem fogl flygi. Þráinn ætlaði þá at setja á sik hjálminn*. A dramatização tem uma pausa, e retornamos ao passado que é descrito e explicado: *A capa de gelo era muito lisa, e ele ia tão velozmente quanto um pássaro a voar. Þráinn pretendia colocar em si o elmo*. Percebe-se como a mudança de tempo narrativo obedece a um critério dramático. A nossa dificuldade, enquanto leitores de um texto impresso, está em compreender o efeito disso em função do que Zumthor salienta em seu estudo sobre a voz na literatura medieval (1993). Se enunciarmos o texto, essa alternância de tempo verbal não apenas deixa de perturbar os olhos como age de modo teatral. Note-se que, passada a “digressão” cronológica, o narrador nos recoloca no presente: estamos novamente enxergando a corrida de Skarpheðinn em tempo real, como num filme: *Skarpheðinn berr nú at fyrri, ok høggr til Þráins með øxinni, ok kom í hofuðit ok klauf ofan í jaxlana, svá at þeir fellu niðr á ísinn. Skarpheðinn o atinge antes e golpeia Þráinn com o machado, e o golpe acertou a cabeça e quebrou(-a) até embaixo na mandíbula, de modo que os molares caíram no gelo*. Enquanto a corrida e o golpe de Skarpheðinn são narrados no presente, teatralmente, ao se descrever o efeito do golpe retornamos ao pretérito, distanciando-nos novamente. Cada movimento é independente, e esses movimentos são desprendidos uns dos outros por enunciações entrecortadas, ligadas em estruturas polissindéticas e desvinculadas cronologicamente, com o jogo entre presente e pretérito.

Para melhor exemplificar essa questão, elaborei a tradução mesmo trecho supracitado, diferente da que se apresenta no Capítulo 2. Tentei adequar o discurso a um ideal de escrita literária, buscando gerar poucos estranhamentos e tornar a narrativa mais conforme ao modelo de “boa redação” vigente em português. Trata-se, acredito, de uma versão que perturba menos do ponto de vista estilístico:

Aconteceu então, quando corriam margeando o rio, de romper-se o cordão do sapato de Skarpheðinn, ficando ele para trás. “Por que você se demora assim, Skarpheðinn?” perguntou Grímr. “Estou amarrando meu sapato,” respondeu Skarpheðinn. “Vamos nós em frente,” disse Kári, “creio que ele não chegará depois de nós.” Dirigiram-se para a banquisa e avançaram muito. Skarpheðinn pulou de pé assim que

terminou de amarrar seu sapato, e, empunhando alto seu machado, correu até diante da beira do rio. Mas o rio era tão fundo que não havia por perto qualquer trecho que fosse vadeável. Uma vasta capa de gelo estendia-se na outra margem, tão lisa quanto vidro, no meio da qual Þráinn e seus homens postavam-se. Skarpheðinn saltou no ar, cruzando o rio entre os blocos de gelo, caiu apoiado nos pés, e, no ímpeto, avançou patinando. A capa de gelo era muito lisa, e ele avançava tão rápido quanto um pássaro voando. Þráinn pretendia então colocar o elmo em si, mas, antes que o fizesse, Skarpheðinn o atingiu, acertando-lhe a cabeça com o machado. O golpe quebrou-lhe a mandíbula, fazendo-a cair no gelo. Isso tudo se deu num instante tão breve que ninguém logrou atingi-lo; ele correu imediatamente de lá com incrível velocidade. Tjǫrvi atirou diante dele um broquel, mas Skarpheðinn saltou sobre ele e, sem perder o equilíbrio, seguiu correndo até o fim da capa de gelo. Então Kári e os demais chegaram ao seu encontro. “É assim que um homem faz,” disse Kári. “Ainda sobrou a parte de vocês,” disse Skarpheðinn. Eles então se voltaram contra os demais. Grímr e Helgi viram onde estava Hrappr e dirigiram-se imediatamente na direção dele. Hrappr desferiu uma machadada em Grímr. Helgi o viu e acertou um golpe na mão de Hrappr, decependo-a, e o machado caiu. Hrappr falou: “Você prestou agora um serviço muito necessário, pois esta mão já fez males a muitos homens e matou muitos.” “Aqui isso terá seu fim,” disse Grímr, e trespassou-o com a espada. Hrappr tombou morto então. Tjǫrvi voltou-se contra Kári e atirou nele a lança; Kári saltou no ar, e a espada passou voando por baixo de seus pés. Kári lançou-se contra ele e desferiu contra ele uma espadada, que o atingiu no peito e entrou fundo imediatamente, causando a sua morte no ato. Skarpheðinn então, agarrando Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson ao mesmo tempo, falou: “Peguei dois lobinhos, o que farei agora?” “Você teria a alternativa,” diz Helgi, “de matá-los ambos, se desejasse acabar com suas vidas.” “Não estou disposto,” disse Skarpheðinn, “a matar o irmão de Högni depois de tê-lo já amparado.” “Chegará um momento,” disse Helgi, “em que você desejará tê-lo matado, pois ele jamais será fiel a você, nem ele nem qualquer um destes que aqui estão agora.” Skarpheðinn falou: “Não os temerei.” Em seguida, concederam misericórdia a Grani Gunnarsson, Gunnarr Lambarson, Lambi Sigurðarson e Loðinn.

Há inúmeros aspectos dignos de nota nessa tradução. Num plano mais superficial, evitei a utilização de um vocabulário difícil; lancei mão de um sistema pronominal mais familiar ao leitor brasileiro contemporâneo; evitei o polissíndeto, gerando orações subordinadas, reduzidas de gerúndio, relativas; evitei algumas repetições de palavras. Não me parece adequado analisar uma tradução de obra medieval com as tendências deformadoras que Berman enuncia (2007: 48-62), em vista do que o próprio teórico afirma (p. 46): “A analítica esboçada aqui só concerne às forças deformadoras que se exercem no domínio da “prosa literária” (romance, ensaio, cartas etc).” As tendências deformadoras visam à análise de textos literários modernos, em que Berman constata a “polilogia informe”, ou seja (p. 46): “A prosa literária se caracteriza, em primeiro lugar, pelo fato de captar, condensar e mesclar todo o espaço polilingüístico de uma comunidade.” Não podemos dizer isso de narrativas vernáculas medievais: nelas há aquilo que Zumthor (1970) identificou como *tipos*; esse aspecto já foi abordado neste item, mas é necessário ter isto em mente ao comparar a literatura medieval vernácula com a prosa moderna: “A literatura medieval pode ser mais adequadamente comparada com o folclore, como definido por Jakobson, do que com as literaturas modernas” (Zumthor, 1970: 817)²⁶². Isso não significa que as obras medievais não sejam produto de mentes pensantes, mas sim que as mentes pensantes que elaboraram obras literárias medievais estavam submetidas a uma tradição. Zumthor explica:

As obras medievais são, na maioria, anônimas. Quando podemos detectar algo da personalidade de um autor, nossa informação raramente alcança mais do que seu nome, sua posição cronológica aproximada e suposto ambiente cultural. Este fato não é totalmente acidental nem desprovido de significação geral. Nós dificilmente distinguimos a parte desempenhada pelo indivíduo na formação da obra literária; provavelmente essa parte tinha pouco valor na opinião das pessoas medievais. A obra é inteiramente “objetificada”; seu “sujeito” (a subjetividade) dissolveu-se no curso do tempo, não apenas porque o tempo passou, mas porque, de alguma maneira, a individualidade do autor não foi um fator essencial da obra.²⁶³ (Zumthor, 1970: 817)

²⁶² Medieval literature can be more aptly compared with folklore as defined by Jakobson than with modern literatures.

²⁶³ Most medieval works are anonymous. When we are able to detect something of an author's personality, our information seldom reaches further than his name, roughly his chronological

Conforme busquei salientar na minha leitura da saga, o papel do autor da *Saga de Njáll* pode ser entendido pelo modo como ele manipula uma tradição e também pelo modo como arquiteta o enredo, servindo-se de modos narrativos e expressivos que não são individuais, mas que pertencem ao gênero “sagas de islandeses”. As sagas são obras arquitetadas por indivíduos com consciência literária, mas é impossível projetarmos nesses autores medievais a noção de “autor” que existe em nosso contexto contemporâneo.

Em meu trabalho com o *Digenis Akritis*, formulei a mesma opinião (Moosburger, 2008: 39): “Sendo criações de tom coletivo, esses textos na maioria das vezes respondem de modo direto a expectativas estéticas e linguísticas do público; eles não inovam, não têm como característica proeminente o rompimento de padrões estabelecidos ou a ação consciente sobre a língua com seus modos expressivos a fim de testar seus limites e, digamos, propor-lhes revoluções, (como é o caso da literatura moderna), mas, ao contrário, vêm a reforçá-la por meio da criação de lugares comuns que consolidem a identidade cultural dos grupos linguística e historicamente constituídos.”

Por tudo isso, uma pequena amostra de uma saga pode ser tomada para uma análise generalizante, que se aplica em grande medida ao *corpus* da literatura prosaica islandesa medieval e pode ser pensada em função de outras literaturas vernáculas medievais. A dramaticidade daquela dicção é melhor compreendida considerando suas normas, que diferem das normas poéticas e retóricas clássicas e, conseqüentemente, das normas mais neutras e não-marcadas da criação verbal contemporânea. Há realismo nas sagas, mas esse realismo lembra mais o expressionismo do que o naturalismo.

Em função dessas premissas, construo minha tradução num diálogo com a dicção do texto islandês e também utilizo elementos textuais portugueses medievais, na medida em que eles servem para marcar historicamente o texto-alvo e inserem o texto-alvo numa tradição textual da língua-alvo. Trata-se de estrangeirização, na medida em que frustra concepções correntes no contexto receptor doméstico salientando aspectos peculiares do texto-fonte, mas também se trata de

position, and supposed cultural environment. This fact is not totally accidental or without general significance. We hardly distinguish the part played by the individual in the formation of the literary work; probably it had little value in the opinion of medieval people. The work is entirely “objectified”; its “subject” (the author’s subjectivity) has dissolved in the course of time, not only because time has slipped away, but because in some way the author’s individuality was not an essential factor of the work.

domesticação, pois se serve de recursos expressivos do contexto literário doméstico. Mais do que estrangeirização, chamo essa tática tradutória de “tradução desviante”: ela contempla um público potencial, mede as possíveis expectativas desse público e provoca-o com elementos discursivos não condizentes com essas expectativas. O mesmo trecho, conforme apresentado no cap. 2:

Aconteceu então com Skarpheðinn, quando eles corriam margeando o rio, de romper-se o cordão de seu sapato, e ele ficou para trás. “Por que te demoras assim, Skarpheðinn?” diz Grímr. “Amarro meu sapato,” diz Skarpheðinn. “Sigamos nós em frente,” diz Kári, “eu creio que ele não chegará depois de nós.” Voltam-se para a banquisa e avançam muito. Skarpheðinn pôs-se de pé num salto tão logo terminara de amarrar seu sapato, e empunhava alto seu machado; ele corre até diante da beira do rio, mas o rio era tão fundo que não havia por perto qualquer trecho que fosse vadeável. Uma extensa capa de gelo estendia-se do outro lado do rio, e era tão lisa quanto vidro, e Þráinn e seus homens postavam-se no meio da capa de gelo. Skarpheðinn salta no ar e pula através do rio entre os blocos de gelo e cai apoiado de pé, e, no ímpeto, avança patinando. A capa de gelo era muito lisa, e ele avançou tão rápido quanto um pássaro no voo. Þráinn pretendia então colocar o elmo em si. Skarpheðinn o atinge antes, e golpeia Þráinn com o machado, e acerta-lhe a cabeça, quebrando-lhe a mandíbula, de modo que os molares caíram no gelo. Isso tudo se deu num instante tão breve que ninguém logrou acertar-lhe um golpe; ele correu imediatamente de lá com incrível velocidade. Tjörvi atirou diante dele um broquel, e ele saltou sobre ele e, contudo, não se desequilibrou, e segue correndo até o fim da capa de gelo. Então chegaram Kári e os demais ao seu encontro. “É assim que um homem faz,” diz Kári. “Ainda sobrou a vossa parte,” diz Skarpheðinn. Eles então se voltam contra aqueles. Grímr e Helgi veem onde está Hrappr e dirigem-se imediatamente contra ele. Hrappr golpeia com o machado contra Grímr. Helgi o vê e acerta um golpe na mão de Hrappr, decependo-lha, e o machado caiu. Hrappr falou: “Prestaste agora um serviço muito necessário, que esta mão já fez mal a muitos homens e matou muitos.” “Aqui isso terá seu fim,” diz Grímr, e trespassa-o com a espada. Tombou Hrappr morto então. Tjörvi volta-se contra Kári e atira nele a lança; Kári salta no ar, e a lança voa por baixo de seus pés. Kári lança-se contra ele e golpeia-o com a espada, e o golpe

atinge-lhe o peito e entra fundo imediatamente, e ele tem sua morte no ato. Skarpheðinn então agarra ao mesmo tempo Gunnarr Lambason e Grani Gunnarsson e fala: “Peguei dois lobinhos, o que farei agora?” “Terias a alternativa,” diz Helgi, “de matá-los ambos, se desejassem dar cabo de suas vidas.” “Não estou disposto,” diz Skarpheðinn, “a simultaneamente amparar Högni e matar seu irmão.” “Chegará um momento,” diz Helgi, “em que desejarás tê-lo matado, que ele jamais te será fiel, nem qualquer um destes que aqui estão agora.” Skarpheðinn falou: “Não os temerei então.” Em seguida, concederam misericórdia a Grani Gunnarsson e Gunnarr Lambarson e Lambi Sigurðarson e Loðinn.

Quando proponho abusar de orações coordenadas, iniciar frases com conjunção *e*, repetir palavras dentro de espaços curtos do texto ou gerar no texto-alvo, à imagem do texto-fonte, alguns lapsos lógicos, estou, por um lado, inoculando no discurso tradutório modos expressivos encontrados no original e, por outro lado, na medida em que muitos desses modos expressivos também existem na língua portuguesa em seu espectro diacrônico, estou liberando esse resíduo linguístico (nos termos de Venuti – cf. 3.1). Em vista da recorrência em textos vernáculos medievais desses traços peculiares, o presente trabalho com a *Saga de Njáll*, somado à experiência com o poema grego de *Digenis Akritis*, sugere a importância de se problematizarem dois aspectos centrais em projetos tradutórios que envolvem obras dessa natureza: a função estética dessas peculiaridades textuais medievais dentro do que se pode definir como *letra* do texto em questão e o quanto a elaboração de um texto-alvo com marcas diacrônicas pode operar no sentido de melhor acomodar a *letra* do texto-fonte.

Acredito ser difícil encontrar justificativas para levar a cabo uma tradução que se proponha reconstruir o português contemporâneo da obra. Em primeiro lugar, os textos portugueses são tardios comparados a outros *corpora* literários medievais, o que nos impediria de buscar um português anterior ao séc. XIII – é neste século que o português surge documentado (cf. Matos e Silva, 2008: 15). Mas, sobretudo, o português medieval está demasiado distante do português contemporâneo para que possa ser utilizado numa tradução que almeje um mínimo de legibilidade.

Quando me refiro a elementos de língua e estilo que apontem para uma “medievalidade” em português, tenho em mente, em primeiro lugar, a dicção e muito da sintaxe encontrada em textos portugueses dos

séculos XIII-XV; em segundo lugar, alguns elementos lexicais utilizados em pontos estratégicos do texto-alvo servem para chamar a atenção do leitor da tradução: palavras como *lida* no lugar de *batalha*; *chaga* no lugar de *ferimento*; o feminino *cortesa* para *cortês* (cf. Nunes 1970 [1906]: 432). Ademais, nesta tradução, as táticas de estrangeirização não se restringem à elaboração de um estilo inspirado pela prosa portuguesa medieval: enquanto esta é um referencial, o principal modelo é o texto islandês da saga concretamente falando.

Em alguns quesitos, a problematização da tradução das sagas pode servir para a tradução de outros textos medievais, tanto no que diz respeito a soluções formais quanto ao modo pelo qual se queira expressar a medievalidade. Obviamente, não proponho que as estratégias de tradução do *Digenis Akritis* (2008) e das sagas islandesas sejam idênticas; tampouco proponho estender a proposta de modo indiscriminado às obras vernáculas medievais. Cada obra, cada língua-fonte, cada gênero literário são fatos particulares, assim como cada projeto tradutório tem suas peculiaridades em função do contexto em que é levado a cabo. Busquei salientar nesta pesquisa o papel fundamental que o posicionamento crítico do tradutor desempenha na tomada de escolhas e na elaboração do texto-alvo em função do contexto doméstico receptor.

Um aspecto a ser desenvolvido e investigado é se a tradução de uma dessas obras em forma de texto para ser editado como livro constituiria uma espécie de tradução intersemiótica. Estaríamos transformando um texto original, cuja natureza é *fluida e enunciada*, em um texto fixado e visto graficamente? A questão não é simples, e envolve uma compreensão acerca da cultura dos manuscritos, do acesso à leitura e do contexto de leitura. Para os fins desta tese, parti do pressuposto de que se há uma tradução intersemiótica envolvida no processo, ela já está implícita na relação do tradutor com o texto original, recebido aqui sob a forma de uma edição.

3.4. Os versos da *Saga de Njáll*

Em 1.2. apresentei a literatura islandesa e nórdica antiga. O objeto desta tese é uma saga, obra em prosa que contém, sob a forma de citações inseridas no enredo, alguns poemas. Na sua maioria, esses poemas podem ser enquadrados no gênero de poesia escáldica, conforme foi dito. No presente item, faço uma análise de alguns

aspectos formais desses versos e, sobretudo, de como eles foram tratados na tradução da *Saga de Njáll* apresentada no capítulo 2.

O tratamento que dei aos versos encontrados na *Saga de Njáll* difere do que sugeri como tradução estrangeirizante para a poesia aliterativa nórdica antiga (Moosburger, 2010). Isso se dá por algumas razões, e não necessariamente por eu ter abandonado a concepção expressa naquele artigo. Em primeiro lugar, no caso do *Rúnatal*, estamos diante de versos éddicos, que diferem muito dos versos escáldicos presentes na *Saga de Njáll*. Mas há também na *Saga de Njáll* versos assemelhados à poesia éddica (o *Darraðarljóð*, sobre o qual mais será dito ainda neste item) e, mesmo assim, optei por não aplicar à sua tradução os critérios de tradução estrangeirizante sugeridos na versão do *Rúnatal* em versos aliterativos.

Um dos motivos por essa opção foi o fato de, na medida em que não pude encontrar motivos e meios para aplicar à poesia escáldica (uma poesia mais descritiva e, às vezes, lírica do que narrativa) a noção que subjaz às tendências deformadoras, seria incongruente aplicá-las à tradução dos versos do *Darraðarljóð*: tanto aqueles quanto este coexistem inseridos na mesma obra, e, pertencendo ao mesmo “mundo possível” engendrado e plasmado no texto-alvo, devem conviver de modo coerente na narrativa. O trabalho sobre a letra, no caso dos versos, não chegou ao nível do esquema métrico, a despeito do que já propus em trabalhos anteriores com o *Digenis Akritis* (2008) e com o *Rúnatal* (2010).

Contudo, além da preocupação em manter a coerência, há uma razão mais forte. Acontece, na *Saga de Njáll*, de os versos não serem, por si só, o ponto a ser problematizado no processo de retextualização, mas, em primeiro lugar, o *contraste* gerado entre o texto prosaico e os versos nele inseridos estrategicamente é que deve ser levado em consideração. O trabalho de Heather O’Donoghue (2005) sobre a poética dos versos nas narrativas das sagas foi decisivo nessa opção. A autora faz uma análise aprofundada da função literária dos versos, dentro do que chama *narrativa prosimétrica*, em que a citação de poesia, mais do que mero registro e inserção de poemas preexistentes, serve a propósitos narrativos e gera efeitos variados no discurso das sagas:

Tanto nas histórias quanto nas sagas de famílias as qualidades estilísticas particulares da prosa da saga e verso escáldico podem também ser exploradas na forma mista. Nada poderia ser mais diferente do estilo coloquial, frugal e

restrito do escritor de uma saga de família que a qualidade estonteantemente ornada, críptica e por vezes até apaixonada do verso escáldico. A virtude do mero contraste entre meios assim diferentes leva à possibilidade de versos serem utilizados para compassar uma narrativa, criar clímaxes tensos ou interromper o inexorável fluxo de causa e efeito da narrativa com uma coleção de estrofes. A expressão de emoção pessoal profundamente sentida pode prover uma dimensão aos homens e mulheres numa narrativa de saga que a prosa da saga, funcionando tipicamente como narrativa focalizada externamente, não pode. O caráter críptico de um verso pode também ser usado como um quebra-cabeça na narrativa, por exemplo como uma confissão obscura de um homicídio que leva tempo narrativo para ser decodificado.²⁶⁴ (O'Donoghue, 2005: 6)

Na tradução dos versos, optei por utilizar formas métricas do repertório da língua portuguesa²⁶⁵, ao invés de propor a inoculação de um sistema métrico estrangeiro. Com isso, quis salientar o contraste entre prosa e verso, fundamental na constituição do discurso das sagas. Acredito que o contraste entre verso e prosa deve ser nítido no texto-alvo; daí minha opção por traduzir os poemas numa forma métrica capaz de gerar esse efeito. Neste quesito, a presente tradução da *Saga de Njáll* difere bastante das minhas traduções de sagas publicadas anteriormente (2007; 2009).

A métrica da poesia islandesa antiga é baseada na alternância de sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas) e também na quantidade (longa ou breve) das vogais. Desse modo, o número de sílabas total de um verso pode variar. Os esquemas métricos utilizados na poesia éddica

²⁶⁴ In both histories and family sagas, the particular stylistic qualities of saga prose and skaldic verse may also be exploited in the mixed form. Nothing could be more different from the colloquial, spare, restrained style of family saga writers than the dazzlingly ornate, cryptic, and sometimes even passionate quality of skaldic verse. The virtue of simple contrast between two such different media leads to the possibility of verses being used to pace a narrative, to create tense climaxes or halt the inexorable flow of narrative cause and effect with a collection of strophes. The expression of personal and deeply felt emotion in a skaldic strophe may provide a dimension to the men and women in a saga narrative which the saga prose, typically functioning as externally focalized narrative, does not. The crypticism of a verse may also be used as a puzzle in the narrative, for instance as an obscure confession to a killing which takes narrative time to be decoded.

²⁶⁵ Sobre métrica em língua portuguesa, ver Chociay (1974).

e na poesia escáldica são baseados em aliteraões em ictos determinados.²⁶⁶

Os versos citados na *Saga de Njáll* não são iguais. Para os versos escáldicos de tom mais heroico, optei por decassílabos e dodecassílabos, metros associados à poesia épica em português. Os versos de escárnio foram vertidos com heptassílabos, assim como o *Darraðarljóð*, no Capítulo CLVII da saga. Esses modelos métricos eram comuns na poesia portuguesa medieval (Spina, 2003). Contudo, na medida em que os poemas originais contém uma variação no número de sílabas por verso, optei por quebrar a métrica em alguns pontos, evitando assim gerar poemas em português com esquemas rítmicos muito regulares. Intercalei hexassílabos entre os decassílabos, e trissílabos entre os heptassílabos. O efeito almejado foi justamente a quebra do ritmo, mas sem desprezar o padrão acentual inerente aos decassílabos e heptassílabos.

O uso de aliteraões de modo sistêmico na poesia nórdica antiga pode ser, com bastantes limitações, reproduzido em português (ver Moosburger, 2010), mas, para tal, é necessário enxergá-los em função do esquema métrico, pois é nos ictos que as aliteraões cumprem seu papel – nas palavras de Stefán Einarsson (1961: 43), “rima de início” (upphafsríml). Busquei gerar efeitos de aliteração nas traduões dos versos, mas sem um comprometimento com a sua posição fixa nos versos, uma vez que os esquemas métricos utilizados diferem dos originais.

A minha preocupação na retextualização dos poemas está centrada em dois aspectos: 1) como já dito, produzir versos que pareçam versos em língua portuguesa, sem causar estranhamento pelo uso de um esquema métrico estrangeiro; 2) manifestar, no texto-alvo, outros aspectos desses poemas, que julguei fundamentais no trabalho sobre a letra. Esses outros aspectos são: uma linguagem nitidamente mais arcaica e obscura do que a encontrada na narrativa prosaica; o conteúdo narrado nos versos; seu universo de imagens e metáforas. E são essas imagens e metáforas que examinarei agora, pois elas constituem o que há de mais característico da poesia escáldica.

Os *skáld* esmeravam-se em designar seres e coisas por meio de vocábulos e locuões incomuns ou inexistentes na língua usual. A poesia escáldica é carregada de metáforas e essas metáforas estavam

²⁶⁶ O manual de Gordon (1956: 314-319) faz uma apresentação sucinta dos esquemas métricos e Poole (2005) oferece uma introdução à métrica islandesa antiga. Para informações mais detalhadas, remeto às obras de Margaret Clunies Ross (1987; 2005).

visceralmente emaranhadas no arcabouço imagético da mitologia nórdica, acabando por ser tipificadas. Assim, há modos de designação na poesia nórdica antiga que são próprios de uma língua cifrada, quase críptica, dos poetas. Essas metáforas são os *heiti* e as *kenningar*.

O vocábulo corrente para “cavalo” era *hest*, mas, na língua da poesia, a palavra *gláðr* é utilizada. Essas designações típicas da língua poética são chamadas de *heiti*, assim definidos no volume sobre literatura da *Alfræði Menningarsjóðs* (enciclopédia islandesa do Tesouro da Cultura):

Heiti. Palavra avulsa na língua dos *skáld*, rara ou até desconhecida na língua cotidiana e prosaica, especialmente uma palavra arcaica ou um neologismo; poesia é denominada *hróður*, céu *viðfedmir*, terra *hauður*, (...) Os *heiti* são comuns nos poemas (islandeses); muito utilizados na poesia nórdica antiga e nas *rímur*. (Pétursson, 1972: 45)²⁶⁷

Quando temos, ao invés de uma designação poética feita por meio de um vocábulo (*heiti*), uma locução, estamos diante de uma *kenning*.

Proponho um paralelo com nossa tradição poética, para iluminar a questão, antes de fornecer uma definição de *kenning*. Camões, nos *Lusíadas*, designa o mar de algumas maneiras: *salsa via*, *salso argento*, *de Netuno o reino*. Essas imagens parecem ser criações poéticas de Camões, e qualquer leitor que conheça um pouco de mitologia clássica pode inferir que, sendo Netuno o rei dos mares, “de Netuno o reino” é uma maneira de designar “mar”. Sabemos, também, que o mar é salgado e que, no épico sobre navegantes, ele é a via por onde transitam as naus. Desse modo, a *salsa via* é facilmente compreendida como sendo *o mar* e, igualmente, o *argento* (prata) salgado é também decodificado como designando o mar e carrega em si a ideia de que *através do mar* vão os portugueses buscar riquezas (prata). Essas metáforas parecem ser próprias da poesia de Camões, mas também dependem de conhecimentos de mundo para serem compreendidas: é necessário saber algo sobre os deuses da mitologia clássica, e também sobre a relação entre fenômenos naturais, objetos e

²⁶⁷ Einstakt orð í skáldamáli, sjaldgæft eða jafnvel óþekkt í daglegri ræðu og lausu máli, einkum fornyrði eða nýmyndun; skáldskapur er kallaður hróður, himinn viðfedmir, jörð hauður, sjór hlér, sól eygló, konungur mildingur, o. s. frv. H. eru algeng hvarvetna í ljóðum; mjög notuð í fornorr. kveðskap og rímum.

itens de valor com as pessoas do contexto de produção e recepção da obra.

Podemos imaginar que essas metáforas passassem a ser sempre utilizadas dentro de uma escola poética, e que *mar* não pudesse ser denominado *mar*, mas sempre devesse ser denominado *salsa via, de Netuno o reino*. É mais ou menos isso que temos na poesia escáldica: um conjunto de imagens poéticas estabelecidas e fixadas por uma tradição, e uma enorme possibilidade de combinação de designações (*heiti*) para formar locuções muitas vezes impenetráveis ao não-iniciado (as *kenningar*). Para compreender esse código poético, é necessário recorrer aos mitos e fazer inferências.

Uma *kenning* é composta de duas ou mais palavras. Numa *kenning* há um substantivo central (a raiz da *kenning*) e substantivos (no genitivo) que compõem um significado imagético: *Óðins mjöðr* (“hidromel de Óðinn”), i.e. “poesia”. Algumas *kenningar* são palavras compostas: *sverðbrjótr* (“quebrador de espadas”), i.e. “guerreiro” (Pétursson, 1972: 59)²⁶⁸.

As *kenningar* podem ser altamente complicadas: *troncos ferrenhos da tormenta da lua do lenho do anel da terra*. Anel da terra: o mar (que, na cosmologia nórdica antiga, circundava toda a terra); lenho do anel da terra: “navio” (é de madeira e transita sobre o mar); lua do lenho do mar: “escudo”; tormenta do escudo: “batalha”; troncos ferrenhos da tormenta do escudo: homens ferrenhos em batalha (a associação de “homem” com tronco é frequente na linguagem poética, e provavelmente está relacionada ao mito de criação do homem a partir de uma árvore). A expressão toda “troncos ferrenhos da tormenta da lua do lenho do anel da terra” pode ser compreendida como “guerreiros em batalha”. Ela se encontra no poema no. 3 da *Saga de Njáll* (Capítulo LXXVII). Para exemplificar o modo como os poemas foram traduzidos, faço agora uma análise mais detida destes versos:

Spurðu vér, hvé varðisk
vígadóðr kjalar slóða
gladóstyrandi geiri,
Gunnarr, fyrir Kjöl sunnan.

²⁶⁸ Umritun í skáldskap, mynduð úr tveimur orðum eða fleiri, svonefndum stofni og kenniorði, og stendur stofninn annaðhvort í nefnifalli og kenniorðið í eignarfalli, Óðins mjöður (þ.e. skáldskapur), eða k. er fastsamsett: sverðbrjótr (þ. e. hermaður). Í sumum k. hefur stofnorðið gerbreytta merkingu frá því, sem er í daglegu tali, fiskur t.d. (ásamt kenniorði) getur þá merkt ormur, lyngfiskur, dalfiskur, og kemur í sliikum k. fram líkingamáll, sem tíðum þarf að ráða eins og gáta væri, og fékk hugkvæmni skálda oft útrás í slíkri kenningasmíði.

Sóknrýrir vann sára
 sextán víðar mána
 hríðar herðimeiða
 hrauðrmens, en tvá dauða.
 (in: Sveinsson, 1954: 190)

Para decifrar uma estrofe como essa, recorri às notas das edições de Sveinsson e de Thorsson. Além da dificuldade imposta pelas *kenningar* e pelo vocabulário poético, este poema apresenta hipérbatos que tornam sua leitura um verdadeiro quebra-cabeças. As edições costumam fornecer, em nota, o texto contido no poema em sintaxe prosaica, para facilitar sua leitura, e inúmeras notas em que o vocabulário poético e as *kenningar* são praticamente traduzidos em islandês usual. Sveinsson dá-nos o mesmo texto do poema em sintaxe linear:

Spurðu vér, hvé vígmóðr kjalar slóða glaðstýrandi, Gunnarr,
 varðisk geiri fyrir sunnan Kjölr; sóknrýrir vann sextán
 hrauðrmens víðar mána hríðar herðimeiða sára, en tvá dauða.

Amparado por essa versão, procedi a uma análise cuidadosa das imagens, tendo como principal guia as notas de Sveinsson e de Thorsson, além dos dicionários de Cleasby & Vigfússon e o *Lexicon Poëticum Antiquæ Linguae Septentrionalis* (Léxico Poético da Antiga Língua Nórdica) de Sveinbjörn Egilsson. As traduções de Cook e de Bayerschmidt & Hollander me foram úteis nesse processo. Uma primeira tradução em prosa, feita a partir do texto supracitado, pode ser:

Nós tomamos conhecimento de como, cansado na batalha, o governante do corcel da via da quilha, Gunnarr, defendeu-se com lança a sul de Kjölr; rechaçador de ataque impingiu chagas em dezesseis troncos ferrenhos da tormenta da lua do lenho do anel da terra, e em dois a morte.

Governante do corcel da via da quilha: segundo Thorsson, *kjalar slóð*, “via da quilha”, designa “mar” (por onde a quilha do navio passa); *glaðstýrandi*, “governando corcel”: *glaðr* é um *heiti* que designa “cavalo” (donde o termo “corcel” que utilizei, por ser menos usual que *cavalo*), *stýrandi* é participio presente do verbo *stýra*, “governar (um navio)”; *kjalar slóða glaðstýrandi* seria “governando/governante de corcel das vias da quilha”, ou seja, governando um navio (corcel aqui designa navio) que singra os mares. No caso, o “governante do corcel

da via da quilha” significa “marujo”, “viajante”, e faz referência a Gunnar. O restante das *kenningar* foram brevemente explanados acima. Traduzindo as imagens poéticas em designações prosaicas, podemos ter a seguinte paráfrase do poema:

Tomei conhecimento de como Gunnarr, o intrépido navegante, defendeu-se até perder as forças na batalha, com sua alabarda ao sul de Kjølr; rechaçando os ataques, ele impingiu ferimentos em dezesseis bravos guerreiros e matou dois.

A partir de uma interpretação detida e cautelosa das imagens poéticas, tendo compreendido o poema no original e executado essas etapas (leitura do texto islandês; tradução em prosa; interpretação das imagens poéticas), procedi à metrificação em português, servindo-me dos esquemas métricos de nosso repertório. Este poema foi, finalmente, assim vertido em decassílabos brancos, com um verso hexassílabo:

Ouvimos como, exausto na matança,
Gunnarr, o governante do corcel
da vereda da quilha,
defendeu-se co' a lança, ao sul de Kjølr;
rechaçando os ataques, impingiu
chagas em dezesseis dos duros troncos
da tormenta que alui do anel da terra
a lua; e a outros dois a morte deu.

Procurei criar aliterações, mas sem uma preocupação com um sistema aliterativo. Houve alongamento e, naturalmente, uma regularização deliberada de padrões rítmicos, na medida em que me ative a formas fixas de verso do repertório doméstico²⁶⁹. Busquei reproduzir as *kenningar* e os *heiti* em português, mas isso só me foi possível tomando certas liberdades.

²⁶⁹ Ao analisar duas consagradas traduções de Shakespeare para o português, Paulo Henriques Britto conclui que existe a tendência geral, mesmo em grandes traduções, de ocorrer uma regularização e uma suavização de padrões rítmicos, de modo que o texto-alvo costuma apresentar uma norma mais uniforme: “Creio que essa atenuação não se deve à imperícia dos tradutores (...); trata-se de uma tendência, observada em muitas traduções, no sentido de normalizar, aparar arestas e aproximar-se de uma norma linguística ou estilística, mesmo nos casos em que as irregularidades do texto são na verdade funcionais. Todo tradutor literário terá sentido essa tendência em seu próprio trabalho; e nem sempre conseguimos resistir a ela.” (Britto, 2008: 141-142) No caso específico dos versos da *Saga de Njáll*, a regularização foi almejada.

A minha opção por trazer para o português imagens poéticas obscuras, ao invés de adaptá-las em vista de seu referencial denotativo²⁷⁰, condiz com a postura geral que adotei durante a tradução da obra, que é forçar o leitor a dispender esforços durante a leitura, para lhe mostrar um Outro possível. Naturalmente, as *kenningar* e os *heiti* traduzidos para o português não carregam em si a mesma carga imagética, mas, não obstante, introduzem na narrativa um discurso cifrado e carregado de imagens que geram um contraste com a narrativa prosaica do corpo da saga. É difícil sabermos quão acessíveis eram esses versos para um islandês não iniciado na poesia escáldica do séc. XIII. Certamente, eles soavam obscuros para muitos islandeses na época de sua composição. Para um islandês hoje, esses versos soam pesados e, muitas vezes, sua leitura só é possível com o amparo de paráfrases e notas. Desse modo, com minha versão deliberadamente obscura desses poemas, em que importo, na medida do possível, as designações poéticas, sua leitura em português deve ser acompanhada de notas. Faz parte da tradução dos versos um paratexto, e tal prática é comum nas traduções para o inglês que consultei (Cook; Bayerschmidt & Hollander) e nas traduções para o inglês de outras sagas também. Assim, a cada poema, no texto-alvo, em que uma designação poética foi importada, há uma nota com paráfrase em prosa dos versos e eventuais comentários.

Nem todos os poemas contidos na *Saga de Njáll* apresentam dificuldades formais, com abundância de *heiti* e *kenningar*. Há versos simples, que dispensam notas, como os poemas de número 1 e 2, encontrados, respectivamente, nos Capítulos XII e XXXIV da saga.

Por fim, uma palavra sobre o longo poema inserido no capítulo CLVII da saga, chamado *Darraðarljóð* (poema de Dǫrruðr). Na forma (métrica e vocabulário), este poema se assemelha aos poemas éddicos (já mencionados em 1.2). Como observa Margaret Clunies Ross (2005: 12, nota 11), este poema se enquadra na categoria dos poemas proféticos (a exemplo da *Vǫluspá*, o primeiro poema da *Edda poética*), e se encontra apenas em manuscritos da *Saga de Njáll*. Theodore Andersson (2006: 200) caracteriza o *Darraðarljóð* como o mais lúgubre dos poemas nórdicos (“the eeriest of the Norse poems”).

²⁷⁰ Diferentemente do que proponho aqui para a tradução da *Saga de Njáll*, ao traduzir e adaptar a *Gunnlaugs saga ormstungu* para um público infanto-juvenil (Moosburger, 2014), adotei a estratégia de engendrar versos no texto-alvo que fossem de fácil leitura sem o auxílio de notas de rodapé. No caso, as *kenningar* e os *heiti* foram adaptados em função de seu conteúdo referencial.

Diferentemente dos poemas escáldicos mais intrincados, para os quais busquei, em português, um registro deliberadamente obscuro e arcaico (tanto por escolhas vocabulares quanto por inversões sintáticas), as estrofes que compõem o *Darraðarljóð* foram vertidas numa sintaxe mais direta, refletindo assim a diferença de estilo entre os poemas originais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Falavas de coisas que não viam
e eles riam.*

*Contudo, remares no rio escuro
águas acima;
seguires no caminho ignoto
às cegas, teimoso
e buscares palavras enraizadas
como oliveira calejada –
deixa que riam.
E almejares que também o outro mundo habite
na solidão sufocante de hoje
neste presente extinto –
deixa-os.*

Giórgos Seféris

Pode-se perguntar: Serviu-se o tradutor de uma tradução para expor suas preferências teóricas e críticas sobre a obra traduzida? A resposta é categórica: não. Em primeiro lugar, passei alguns anos debruçado sobre a edição de Einar Ólafur Sveinsson, com os dicionários de Zoëga e de Cleasby & Vigfusson ao alcance das mãos, movido por uma afeição pela obra e com a esperança de que sua tradução pudesse contribuir para o conhecimento dela entre os leitores de língua portuguesa. Uma tradução, quando é uma experiência cultural, comporta um amor pela obra traduzida, um impulso a habitá-la. No caso da *Saga de Njáll*, confesso que traduzi-la foi uma experiência profundamente existencial. A experiência de traduzir uma obra das dimensões da *Saga de Njáll* me transformou, mas gostaria que esta tradução contribuísse também para transformar a percepção acerca da saga e de seu universo.

Naturalmente, prevalece, aqui, como em qualquer projeto tradutório, a *obra*: ela foi sua origem, ela é seu fim. A *Brennu-Njáls saga* continua a existir em islandês, e esta *Saga de Njáll* pretende manifestar aspectos essenciais daquele texto de partida. É um tributo a ele, e um convite a conhecê-lo.

Mas esta, como qualquer tradução de qualquer obra literária, esteve submetida a uma interpretação particular da obra traduzida, foi executada por um sujeito tradutor com sua idiossincrasia, circunscrita no tempo e no espaço, e foi realizada dentro de determinados horizontes.

Aquilo em que esta tradução da *Saga de Njáll* difere das traduções contempladas da mesma obra é o fato de que, neste projeto, no que podemos chamar *discurso metatradutório*, o tradutor buscou explicitar esse contexto de produção: é fornecido aqui um mapeamento do processo de retextualização.

Analisando qualquer tradução, pode-se tentar depreender o que seria a atitude do tradutor ante o texto, qual o contexto de recepção da tradução e quais os pressupostos estéticos, culturais e mesmo ideológicos que guiaram a ação de retextualização. Por exemplo, quando Dasent traduziu a *Saga de Njáll* e publicou-a, em 1861, com o subtítulo *Life in Iceland at the end of the tenth century (Vida na Islândia no final do séc. X)*, isso já sugere que um dos principais interesses do projeto tradutório era o aspecto pré-cristão do texto, ainda que quase a metade da obra, de fato, transcorra durante a cristianização (ano 1000) e nos anos seguintes. Salientar o séc. X significa salientar que a obra se localiza no período pagão. O subtítulo com a expressão “vida na Islândia”, igualmente, quer salientar que o seu período de ambientação, tal qual retratado, é uma espécie de etnografia da Era Viking, ignorando um dado crucial: a saga, escrita na segunda metade do século XIII, é, em primeiro lugar, uma recepção cristã, letrada, literária medieval de um passado mitificado – o que Vésteinn Ólason (1998) chamou “diálogos com a Era Viking”. Dasent, em sua introdução, enfatiza o quão fiel ao espírito da época de ação a narrativa se apresenta: ele encara a saga como o produto direto da Era Viking, e não como uma obra medieval cristã que interpreta a Era Viking.

Essa visão romântica é compatível com afirmações do tipo: “Os homens que colonizaram a Islândia ao final do século nono da era Cristã não eram de raça selvagem ou servil.”²⁷¹ (p. viii) Ou ainda, ao apresentar aquilo que ele chama “religião da raça” (“religion of the race”): “É inútil tentar traçar no credo que reverenciava Odin e os Æsir como deuses qualquer eco da doutrina hebraica do Deus Único e Verdadeiro. Nem tempo nem espaço permitiram aquela verdade semita

²⁷¹ “The men who colonized Iceland towards the end of the ninth century of the Christian æra, were of no savage or servile race.”

ressoar tão longe.”²⁷² (p. xiv) Ou ainda: “Acima de tudo, também, devemos ter em mente que essa fê era apropriada para a raça que a tinha como credo. Eles a fizeram para si mesmos - ela foi obra de suas próprias mãos. Pouco a pouco, gradativamente e passo a passo, ela brotou entre eles. Todo homem dentre eles nela acreditava, pois ela era parte deles, carne de sua carne, ossos dos seus ossos e alma de sua alma (...)”²⁷³ (p. xvii).

Criticar essa postura de Dasent, do ponto de vista acadêmico, é hoje fácil: essa visão parece ultrapassada, e sua postura romântica salta aos olhos. Mas, por trás do posicionamento declarado de Dasent, inúmeras escolhas conscientes e inconscientes guiaram seu processo de retextualização. Sua tradução (que possui muitos méritos) pertence, assim como esta que apresento, a um contexto de recepção, e o tradutor operou como *agente* nesse contexto²⁷⁴. Busquei, nesta tese, salientar que minha postura consciente de tradutor da *Saga de Njáll* foi a de negar essa visão romântica das sagas e da cultura nórdica antiga, ainda grandemente vigente no contexto da recepção popular do “universo viking” e da mitologia nórdica antiga, mesmo no Brasil.

Quando, há alguns anos, comecei a trabalhar nesta tese, o primeiro objetivo que eu havia estipulado era produzir uma tradução completa desta importante obra da literatura universal que pudesse manifestar algo do que eu, em minha experiência de leitor e estudioso de sagas, via nela e julgava que seria importante que leitores de língua portuguesa pudessem ver, ou, ao menos, entrever no texto-alvo.

A tradução foi concluída e preenche o capítulo 2. No âmbito da pesquisa, a principal meta era a de formular um discurso teórico sobre o projeto tradutório e analisar o processo de retextualização, expondo as razões que me fizeram escolher este texto, e explicitando meu método de tradução.

Se, por um lado, as discussões relacionadas à teoria de tradução ganharam respostas, sendo a principal delas a existência do texto-alvo ora apresentado, por outro lado, indiretamente, esta pesquisa me colocou diante de indagações que têm me ocupado há muitos anos, mas

²⁷² “It is idle to attempt to trace, in the creed which revered Odin and the Æsir as Gods, any echo of the Hebrew doctrine of the One True God. Neither time nor place allowed that Semitic verity to resound so far”.

²⁷³ Above all things, too, we must bear in mind that this faith was suited to the race that believed it. They had made it for themselves – it was their own handiwork. By slow degrees, little by little, and step by step, it had sprung up among them. Every man of them believed it, for it was part of themselves, flesh of their flesh, bone of their bone, and soul of their soul (...)

²⁷⁴ Andrew Wawn faz uma detida análise do trabalho de Dasent (Wawn, 2000: 142-182).

que nunca haviam sido conectadas a meu trabalho de tradutor: senti o peso da história da recepção.

O tradutor é um mediador de culturas e um autor de textos (os textos-alvo) que oferecem representações de culturas estrangeiras e de paratextos (introduções, prefácios, posfácios, notas de rodapé, títulos e subtítulos) que sugerem pistas para a percepção daquelas representações²⁷⁵. Ao longo dos últimos sete anos, durante os quais publiquei traduções de sagas (2007, 2009, 2014) e ministrei um curso de introdução ao nórdico antigo (2007-2009; 2014), fui percebendo o quanto uma tradução de uma obra islandesa medieval pode intervir no sentido de 1) reforçar concepções correntes acerca do discutível “universo cultural viking” ou 2) sugerir questionamentos dessas concepções. Assim, a ideia de Schleiermacher pareceu-me fazer sentido. Em alguns momentos, senti-me num dilema: explorar um universo em voga ou questioná-lo. Berman fala da *ética* da tradução, e conquanto tentativas de definição de ética sejam um exercício de filosofia, o termo também pode ser compreendido na sua simplicidade. Busquei ater-me à ideia de *ética*.

Tentei, nesta tese, seguir o que considero estrangeirização: desviar conscientemente o texto-alvo de concepções que o público receptor possa ter acerca do texto-fonte e do contexto cultural deste, frustrando, ainda que parcialmente, os horizontes de expectativa do contexto de recepção do texto-alvo.

Busquei indicar alguns dos motivos que me fizeram optar por essa via tradutória: essas concepções estão grandemente submetidas a um contexto cultural mediador (notadamente a produção de bens culturais midiáticos em língua inglesa) que cabe questionar em função do contexto pós-colonial e, também, indiretamente, podem estar atreladas a apropriações modernas da mitologia e história escandinavas medievais e da produção textual islandesa medieval por grupos muitas vezes comprometidos direta ou indiretamente com ideologias de supremacia cultural, nacional ou até racial do contexto escandinavo ou germânico. Trata-se de um contexto de recepção em que é frequente uma predisposição a encarar a literatura islandesa medieval sem respeitar aquilo que Umberto Eco chamou de *intenção do texto*.

A proposta de estrangeirização, na execução textual propriamente dita, serviu-se da noção bermaniana de tradução da letra:

²⁷⁵ Normalmente não cabe ao tradutor participar da escolha de imagens de capa, ilustrações, diagramação e eventuais recursos gráficos que, certamente, contribuem muito para a representação da obra e, por conseguinte, da cultura que ela veicula.

a tradução *da letra* desta *Saga de Njáll* quer levar o público receptor do texto-alvo a perceber que esse texto não pertence ao nosso contexto cultural, sendo ele o reflexo meditado de uma obra advinda de outro mundo possível. Pretende ser um texto que sinalize que se trata de uma obra medieval, uma obra islandesa gerada no séc. XIII, e não uma janela aberta diretamente para o mundo dos “vikings”. O trabalho sobre a letra, enfim, teve como meta uma importação de formas, foi submetida a um olhar sobre o texto islandês com atenção especial voltada a aspectos de sua estética, tal qual se afiguram na língua original.

Por fim, na medida em que toda tradução é domesticadora por natureza, já que se constrói apenas e tão somente com a língua-alvo e nela se inscreve, esta tradução quer manifestar aqueles traços do original por meio de uma exploração de recursos diacrônicos e não totalmente canônicos que a norma textual padrão do português brasileiro atual pressupõe: donde a sugestão de se contemplar o universo literário vernáculo medieval em sentido mais abrangente, e, especificamente em busca de recursos textuais, o universo literário português medieval. Na medida em que contemplei a saga em sua historicidade, respeitando muito o contexto de recepção islandês (diacronicidade da obra na cultura islandesa; trabalhos críticos feitos na Islândia), espero ter afastado a impressão de ter executado uma tradução quimérica, que ignorasse a importância da recepção para a valoração de um texto. Não proponho que esta tradução seja um simulacro da “saga original”. O que propus foi *intervir* na recepção por meio da tradução, atento a aspectos culturais e ideológicos envolvidos nessa recepção.

Ao final desta tese, abrem-se perspectivas. A mais imediata é o destino da *Saga de Njáll* no Brasil, o quanto esta tradução contribuirá para um conhecimento crítico sobre ela, especificamente, e sobre a literatura islandesa medieval, e, até mesmo, sobre o universo cultural escandinavo medieval. A esperança do tradutor é de que esta tradução sirva tanto a leitores e pesquisadores no âmbito dos estudos literários, gerando um interesse pela literatura islandesa medieval e pela produção vernácula medieval, quanto a pesquisadores na área de História, em que se percebe um crescente interesse pelo universo escandinavo medieval. Também, que possa inspirar, iluminar ou motivar mais traduções de obras medievais em que a temporalidade e a forma sejam postas em questão.

Sobretudo, no campo dos Estudos da Tradução, espera-se que este projeto tradutório possa enriquecer discussões sobre

estrangeirização, visibilidade do tradutor e ética na tradução. Deixo aberta esta pergunta: em que medida toda e qualquer forma de recepção popular de um universo literário e cultural estrangeiro é um fenômeno que deva ser respeitado pelo tradutor, ou tem o tradutor também o direito de questioná-la *com sua prática*?

REFERÊNCIAS

Para manter a coerência com o modelo internacional de citações, trato nesta tese os patronímicos islandeses (Sveinsson, Pálsson etc.) como se fossem sobrenomes, e com eles faço a entrada nas citações.

As edições da *Saga de Njáll* e das demais obras anônimas citadas nesta tese têm sua entrada com o nome do editor, organizador ou tradutor.

- ACHERAÏOY, Amar. *Rethinking Postcolonialism. Colonialist Discourse in Modern Literatures and the Legacy of Classical Writers*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.
- AGAPITOS, Panagiotis A. (edição crítica da versão A). *Βυζαντινή και Νεοελληνική Βιβλιοθήκη 9. Αφήγησις Λιβίστρου και Ροδάμνης*. Αθήνα: Μορφωτικό Ίδρυμα Εθνικής Τραπέζης, 2006.
- ALCONCHEL, J. L. G. & ESCRIBANO, M. V. P. (Introducción, notas) *Cantar de Mio Cid*. Madrid: Editorial Castalia, 1995.
- ALEXIOU, Stylianos (ed.). *Βασίλειος Διγενής Ακρίτης και το άσμα του Αρμούρη*. Αθήνα: Ερμής, 1985.
- ALLEN, Esther & BERNOFSKY, Susan (eds.). *In Translation. Translators on their work and what it means*. New York: Columbia University Press, 2013.
- ALLEN, Esther. *Footnotes sans Frontières. Translation and Textual Scholarship*. IN: NELSON & MAHER, 2013, pp. 210-220.
- ÁLVAREZ, Román & VIDAL, M. Carmen-África (eds.). *Translation, Power, Subversion*. Clevedon, Philadelphia, Adelaide: Multilingual Matters, 1996.
- ANDERSSON, Theodor M. *The growth of the medieval Icelandic sagas (1180-1280)*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2006.
- ANDRÉN, Anders (ed.), JENNBERT, Kristina (ed.), RAUDVERE, Catharina (ed.). *Old Norse Religion in Long Term Perspectives. Origins, Changes, and Interactions. An International Conference in Lund, Sweden, June 3-7, 2004. Vägar til Midgård 8*. Lund: Nordic Academic Press, 2006.

- ARISTÓTELES. *Poética. Tradução de Eudoro de Souza*. IN: *Metafísica (Livros I e II). Ética a Nicômaco. Poética. Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1984.
- ÁRNASON, Mördur (ed.). *Íslensk orðabók. Fjórða útgáfa byggð á 3. prentun frá 2005 með allnokkrum breytingum*. Reykjavík: Edda, 2007.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução. A teoria na prática (4ª edição)*. São Paulo: Ática, 2005.
- ARROJO, Rosemary (Org.) *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993
- ÁSDÍSARDÓTTIR, Ingunn. *Frigg og Freyja. Kvenleg goðmögñ í heiðnum sið*. Reykjavík: Hið íslenska bókmenntafélag, 2007.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis (vários tradutores)*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários. Trad. José Paulo Paes (do original: Introduction aux études de philologie romane)*. São Paulo : Cultrix, 1970.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARNES, M. *A New Introduction to Old Norse I. Grammar*. London: The Viking Society for Northern Research, 1999.
- BATSTONE, William W. *Provocation. The Point of Reception Theory*. IN: MARTINDALE & THOMAS, 2006, pp. 14-20.
- BAYERSCHMIDT, C. F. & HOLLANDER, L. M. (trad.). *Njal's Saga*. Hertfordshire: Wordsworth, 1998.
- BECK, H-G. *Geschichte der Byzantinischen Volksliteratur*. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1971 (Utilizei a tradução grega de Niki Eideneier: *Ιστορία της Βυζαντινής Δημόδους Λογοτεχνίας*. Αθήνα: Μορφωτικό Ίδρυμα Εθνικής Τραπέζης, 1999)
- BENEDIKTSSON, Jakob (ed.). *Íslenzk Fornrit I. Íslendingabók. Landnámabók*. Reykjavík: Hið Íslenzka Fornritafélag, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe des Übersetzers. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages*. IN: → HEIDERMAN, 2001, pp. 187-215.
- BENNHOLD, Katrin. *Exposição sobre vikings fascina britânicos*. IN: *Jornal Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 de abril de 2014, p. 8.

- BERMAN, Antoine. (Trad: Maria Emília Pereira Chanut) *A prova do estrangeiro*. Bauru: EDUSC, 2002.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- BERNARDEZ, Enrique (trad.). *Snorri Sturluson. Saga de Egil Skalla-Grimson*. Madrid: Miraguano, 1988.
- BIRRO, Renan Marques. *O problema da temporalidade para os estudos da Europa nórdica: a “Era Viking”*. IN: Revista Nearco. 1/2013, pp. 229-255.
- BJARNASON, Bjarki. *Njáluslóðir. Örnefni og staðfræði Njáls sögu*. [Reykjavík]: Mál og Mynd, 1999.
- BLOMMAERT, Jan & JIE, Dong. *Ethnographic Fieldwork. A Beginner's Guide*. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2010.
- BLÖNDAL, Sigfús & BENEDIKZ, Benedikt S. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978
- BLOOM, Harold. *The western canon*. New York / San Diego / London: Harcourt Brace & Company, 1994.
- BOISE-BEIER, Jean. *Translating repetition*. IN: Journal of European Studies, xxiv pp. 403-409. 1994.
- BORGES, Jorge L. & VAZQUEZ, Maria. *Literaturas germanicas medievales*. Buenos Aires: Falbo Librero, 1965.
- BOULHOSA, Patricia Pires. *A *mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade*. Brathair 6 (2), 2006, pp. 3-31.
- BOULHOSA, Patricia Pires. *Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval*. IN: Signum 7, 2005b, pp. 13-40.
- BOULHOSA, Patricia Pires. *Breves observações sobre a Edda em prosa*. IN: Brathair 4 (1), 2004, pp. 13-18.
- BOULHOSA, Patricia Pires. *Icelanders and the Kings of Norway. Mediaeval Sagas and Legal Texts*. Leiden / Boston: Brill, 2005a.
- BOWRA, C. M. *Heroic Poetry*. London: Macmillian, 1952.
- BOYER, Régis. *Les vikings. Histoire et civilization*. Paris: Plon, 1992.
- BOYER, Régis. *La Grande Déesse du Nord*. Paris: Berg International, 1995.

- BRINK, Stefan (ed.) & PRICE, Neil (ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008.
- BRITTO, Paulo Henriques. *Padrão e desvio no pentâmetro jâmbico inglês: um problema para a tradução*. IN: GUERINI, TORRES, COSTA (orgs.), 2008, pp. 133-142.
- BROWNING, R. *Medieval & Modern Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, (second edition) 1983.
- BRUNEL, P. et. al. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BUSH, Peter. *Memory, War and Translation. Mercè Rodoreda's In Diamond Square*. IN: NELSON & MAHER, 2013, pp. 31-46.
- BYOCK, J. *Medieval Iceland. Society, Sagas, and Power*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1988.
- BYOCK, J. *Viking Age Iceland*. London: Penguin Books, 2001.
- BYOCK, J. *Viking Language 1. Learn Old Norse, Runes, and Icelandic Sagas*. S/L: Jules William Press, 2013.
- BYOCK, J. *Modern nationalism and the medieval sagas*. IN: WAWN, Andrew (ed.). *Northern Antiquity: the Post-Medieval Reception of Edda and Saga*. London: Hisarlik Press, 1994, p. 163-187.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas. Introdução e notas: Zacarias do Nascimento*. Lisboa: Plátano, 1998.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental. Vol. 1. 2ª edição*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.
- CHOCIAY, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre: McGraw-Hill do Brasil, 1974.
- CHRISTIANSEN, Eric. *The Norsemen in the Viking Age*. Malden, Oxford, Carlton: Blacwell, 2002.
- CLARK, David & PHELPSTEAD, Carl (eds.) *Old Norse Made New. Essays on the Post-Medieval Reception of Old Norse Literature and Culture*. London: Viking Society for Northern Research, 2007.
- CLEASBY, R. & VIGFUSSON, G. *An Icelandic-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874.
- CLOVER, Carol J. (ed.) & LINDOW, John (ed.). *Old Norse-Icelandic Literature. A Critical Guide. With a New Preface by Theodore M. Andersson*. Toronto, Buffalo, London: Toronto University Press, 2005² (1985¹).

- CLUNIES ROSS, Margaret (org.). *Old Icelandic Literature and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CLUNIES ROSS, Margaret. *A History of Old Norse Poetry and Poetics*. Cambridge: D. S. Brewer, 2005.
- CLUNIES ROSS, Margaret. *The Cambridge Introduction to Old Norse-Icelandic Saga*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CLUNIES ROSS, Margaret. *The measures of Old Norse religion in long-term perspective*. IN: ANDRÉN et. al., 2006, pp. 412-416.
- CLUNIES ROSS, Margaret. *Skáldskaparmál. Snorri Sturluson's ars poetica and medieval theories of language*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- COLE, Peter. *Making Sense in Translation: Toward an Ethics of the Art*. IN: ALLEN & BERNOFSKY, 2013, pp. 3-16.
- COLISH, Marcia L. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition, 400-1400*. New Haven and London: Yale University Press, 1997.
- COOK, Robert (translated with Introduction and notes by). *Njal's saga*. London: Penguin, 2001.
- COSTA, Walter Carlos. *O Machado de Assis holandês de August Willemssen*. IN: GUERINI et al., 2008, pp. 195-203.
- CULLER, J. *Literary Theory: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- DASENT, George Webbe (trad). *The Story of Burnt Njal or Life in Iceland at the end of the Tenth Century*. Edinburgh: Edmonston and Douglas, 1861. 2 volumes.
- DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.). *Os tradutores na história. Trad. Sérgio Bath*. São Paulo: Ática, 2003 (Translators through history, 1995).
- DRONKE, Ursula. *The Role of Sexual Themes in Njáls Saga. The Dorothea Coke Memorial Lecture in Northern Studies delivered at University College London 27 May 1980*. London: Viking Society for Northern Research, 1981.
- DUPREE, Marvin L. *Medievalisms and Others. Exploring Vikings and Knights at the Movies. Research Master Thesis*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2014.

- DUSSE, Debora. *The Eddic Myth between Academic and Religious Interpretations*. IN: → JUNGINGER & ÅKERLUND, 2013, pp. 74-86.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa. (Trad. Eliana Aguiar)* Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- EGILSSON, Sveinbjörn. *Lexicon Poëticum Antiquæ Linguae Septentrionalis*. Copenhagen: Societas Regia Antiquariorum Septentrionalium, 1860.
- EINARSSON, Stefán. *Icelandic: grammar, texts, glossary*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1945.
- EINARSSON, Stefán. *Íslensk Bókmenntasaga 874-1960*. [Reykjavík:] Snæbjörn Jónsson & Co. H. F., 1961.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *The position of translated literature within the literary polysystem*. IN: → VENUTI (ed.), 2000, pp. 192-197.
- FAARLUND, Jan Terje. *The Syntax of Old Norse. With a survey of the inflectional morphology and a complete bibliography*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- FAULKES, Anthony (ed.). *A New Introduction to Old Norse. Part II. Reader. Fourth Edition*. London: Viking Society for Northern Research, 2007 (¹2001).
- FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983 (*Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*, 1981).
- FISH, Stanley. *Interpretive Communities*. IN: → RIKVIN & RYAN, 2004, pp. 217-221.
- FISH, Stanley. *Yet once more*. IN: MACHOR & GOLDSTEIN, 2001, pp.29-38.
- FLEISCHMAN, S. *Philology, Linguistics, and the Discourse of the Medieval Text*. IN: *Speculum*, Vol. 65, No. 1. (Jan., 1990), pp. 19-37.
- FLEMING, Katie. *The use and abuse of Antiquity. The politics and morality of appropriation*. IN: → MARTINDALE & THOMAS, 2006, pp. 127-137.
- FOLEY, John Miles. *Epic as Genre*. IN: FOWLER, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Homer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp. 171-187.

- FOOTE, Peter (edited with introduction and notes by) & QUIRK, R. (translated from the Icelandic). *Gunnlaugs Saga Ormstungu*. London: Thomas Nelson & Sons, 1957.
- MACHOR, James L. & GOLDSTEIN, Philip (eds.). *Reception Study. From Literary Theory to Cultural Studies*. New York and London: Routledge, 2001.
- GARDELL, Mattias. *Gods of the blood. The pagan revival and white separatism*. Durham and London: Duke University Press, 2003.
- GOMES, Helena. *Erik Vermelho. Os vikings na América*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2014.
- GOOSSEN, Ted. *Haruki Murakami and the culture of translation*. IN: ALLEN & BERNOFSKY, 2013, pp. 183-186.
- GORDON, E. V. *An Introduction to Old Norse. Second Edition revised by A. R. Taylor*. Oxford: Oxford University Press, 1956
- GREGORIUS, Fredrik. *The "Allgermanische Heidnische Front" and Old Norse Religion*. IN: → ANDRÉN et al., 2006, pp. 389-392.
- GRAY, Ann. *Research practice for cultural studies. Ethnographic methods and lived cultures*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 2003.
- GREMAUD, Ann-Sofie Nielsen. *The Vikings are coming ! A modern Icelandic self-image in the light of the economic crisis*. IN: NORDEUROPAforum 20 (2010:1-2), pp. 87-106.
- GUÐMUNDSSON, Guðmundur J. *Á hjara veraldar. Saga norrænna manna á Grænlandi*. Reykjavík: Sögufélag, 2005.
- GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter C. (orgs.) *Literatura traduzida & literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- GUNNELL, Terry. *Eddic poetry*. IN: → McTURK, 2005, pp. 82-100.
- GYLFASSON, Thorsteinn. *Introduction*. IN: → BAYERSCHMIDT & HOLLANDER, 1998, pp. xi-xxx.
- HALL, Alaric. *A Bestiary of Political Animals. Medievalists on Facebook*. The Public Medievalist, 2014. Texto on-line: <http://www.publicmedievalist.com/bestiary-facebook/> (acesso em agosto de 2014).
- HALLGRÍMSSON, Jónas. *Fegurstu ljóð Jónasar Hallgrímssonar*. Reykjavík: Bókafélagið, 2010.

- HAMER, Andrew. "It seemed to me that the sweetest light of my eyes had been extinguished." IN: → HINES & SLAY, 1992, pp. 93-101.
- HARRIS, Joseph. "Speak Useful Words or Say Nothing". *Old Norse Studies by Joseph Harris. Edited by Susan E. Deskis & Thomas D. Hill. Islandica LIII*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.
- HAUGEN, Einar. *Danish, Norwegian and Swedish*. COMRIE, Bernard (ed.). *The World Major Languages*. Oxford: Oxford University Press, 1990. Pp. 157-179.
- HAWKINS, John A. *Germanic Languages*. IN: COMRIE, Bernard (ed.). *The World Major Languages*. Oxford: Oxford University Press, 1990. Pp. 68-76.
- HEIDERMANN, Werner. (org.) *Clássicos da Teoria da Tradução. Volume 1 Alemão-Português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
- HELGASON, Jón Karl. *Hetjan og höfundurinn. Brot úr íslenskri menningarsögu*. Reykjavík: Heimskringla, 1998.
- HELGASON, Jón Karl. *Höfundar Njálu. Þræðir úr vestrænni bókmenntasögu*. Reykjavík: Heimskringla, 2001.
- HELGASON, Jón Karl. *The rewriting of Njál's saga*. Cleveland, Buffalo, Toronto, Sydney: Multilingual Matters, 1999.
- HELGASON, Jón Karl. *Continuity? The Icelandic Sagas in Post-Medieval Times*. IN: McTURK, 2005, pp. 64-81.
- HELLE, Knut (ed.). *The Cambridge History of Scandinavia. Vol. I Prehistory to 1520*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HERMAN, David (ed.). *The Cambridge Companion to Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- HERMANS, Theo. *Literary Translation*. IN: → KUHIWCZAK & LITTAU, 2007, pp. 77-91.
- HERMANS, Theo. *Translation, irritation and resonance*. IN: WOLF & FUKARI, 2007, pp. 57-75.
- HINES, John (ed.) & SLAY, Desmond (ed.). *Introductory Essays on Egils Saga and Njáls Saga*. London: Viking Society for Northern Research, 1992.
- INGÓLFSSON, Gunnlaugur (ed.). *Galterus de Castellione. Alexandreis. Það er Alexanders saga á íslensku*. Reykjavík: Steinholt Bókaförlag, 2002.

- Íslensk Fornrit I-XIV*. Reykjavík: Hið Íslenska Bókmenntafélag, 1933-1991.
- JAKOBSSON, Ármann. *Hvað er tröll? Galdrar, tröll og samfélagsóvinir*. IN: → TULINIUS, 2008, pp. 95-119.
- JAKOBSSON, Sverrir. *Galdur og forspá í ríkisvaldslausu samfélagi*. IN: → TULINIUS, 2008, pp. 73-84.
- JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982. (*Ästhetische Erfahrung un literarische Hermeneutik I*, Munique, 1977.)
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. et. al. *A literatura e o leitor. Textos de Estética da Recepção. Seleção, tradução e introdução (Vários autores): Luiz Costa Lima*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. *The identity of the poetic text in the changing horizon of experience*. IN: MACHOR & GOLDSTEIN, 2001, pp. 7-28.
- JESCH, Judith. "Good men" and peace in *Njáls saga*. IN: → HINES & SLAY, 1992, pp. 64-82.
- JESCH, Judith. *Ships and men in the late Viking Age. The vocabulary of runic inscriptions and skaldic verse*. Woodbridge: Boydell, 2001.
- JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995.
- JOHNSONIUS, Jón (trad.). *Nials-saga. Historia Niali et Filiorum*. Copenhagen, 1809.
- JONIN, P. (édition bilingue de). *La Chanson de Roland*. Paris: Gallimard, 1979.
- JÓNSSON, Baldur et. al. *Íslenskar bókmenntir til 1550. Saga þeirra í ágripi*. Reykjavík: Iðnú, 1997.
- JUNGINGER, Horst & ÅKERLUND, Andreas (eds.). *Nordic ideology between religion and scholarship*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2013.
- KAKRIDIS, Ioannis. *To μεταφραστικό πρόβλημα*. Αθήνα: Εστία, ¹⁹⁴⁸2008.
- KARLSSON, Gunnar. *Inngangur að miðöldum. Handbók í íslenski miðaldasögu I*. Reykjavík: Háskólaútgáfan, 2007.
- KARLSSON, Gunnar. *Íslandssaga í stuttu máli*. Reykjavík: Mál og menning, 2010.

- KARLSSON, Gunnar. *Lífsbjörg Íslendinga frá 10. öld til 16. aldar. Handbók í íslenskri miðaldasögu III*. Reykjavík: Háskólaútgáfan, 2009.
- KARLSSON, Gunnar. *The History of Iceland*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2000.
- KECHAYOGLU, G. (apresentação e seleção) *Λεόντιος Μαχαιράς*. IN: *H παλαιότερη πεζογραφία μας. Από τις αρχές της στον πρώτο παγκόσμιο πόλεμο. Τόμος Β'1: 15ος αιώνας – 1830*. Αθήνα: Σύκολης, 1999
- KELLOG, Robert. *Introduction*. IN: *The Sagas of Icelanders. A selection*. London: Penguin, 2000.
- KIRK, G. S. *Homer*. IN: EASTERLING, P. E. (ed.) & KNOX, B. (ed.). *The Cambridge History of Classical Literature I. Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, pp. 42-91.
- KRESS, Helga. *Máttugar meylar. Íslensk fornþókmennsaga*. Reykjavík: Háskólaútgáfan, 1993.
- KUHIWCZAK & LITTAU (ED.) *A Companion to Translations Studies*. Cleveland, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2007
- LANGER, Johnni. *História e sociedade nas sagas islandesas. Perspectivas metodológicas*. IN: *Alétheia - Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo*. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009.
- LANGER, Johnni. *Pagãos e Cristãos na Escandinávia da Era Viking: Uma análise do episódio da conversão da Njáls saga*. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.
- LAPA, R. (Seleção, prefácio e notas) *Crestomatia Arcaica*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1976.
- LAPA, M. Rodrigues. *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- LARRINGTON, Carolyne (trad.). *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: Edusc, 2007 (Translation, rewriting, and manipulation of literary fame, 1992).
- LEFFMAN, David & PROCTOR, James. *Rough Guide to Iceland*. London: Rough Guides, 2013.

- LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIANERI, Alexandra (ed.) & ZAJKO, Vanda (ed.). *Translation and the Classic. Identity as Change in the History of Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LINDOW, J. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LÖNNROTH, Lars. *Njál's Saga. A Critical Introduction*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1976.
- LORD, Albert B. *The Singer of Tales*. Harvard: Harvard University Press, 1960.
- LÖW, Luitgard. *The Great God's Oldest Runes*. IN: → JUNGINGER & ÅKERLUND, 2013, pp. 107-131.
- LOWE, N. J. *The Classical Plot and the Invention of Western Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LUND, Niels. *Scandinavia, c. 700-1066*. IN: → McKITTERICK, 1995: 202-227.
- MARTINET, H. *Les noms propres dans la traduction littéraire*. IN : Meta. Volume 27, Numéro 4, 1982, 392-400.
- MARTINDALE, Charles & THOMAS, Richard F. (eds.) *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell, 2006.
- MARTINDALE, Charles. *Introduction. Thinking Through Reception*. IN: MARTINDALE & THOMAS, 2006, pp. 1-13.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico. Uma Aproximação. Volume I. Léxico e morfologia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico. Uma Aproximação. Volume II. Sintaxe e fonologia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- McKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History. Vol. II c. 700 - c. 900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995
- McLEOD, John (ed.). *The Routledge Companion to Post-Colonial Studies*. London and New York: Routledge, 2007.
- McLEOD, Mindy & MEES, Bernard. *Runic Amulets and Magic Objects*. Woodbridge: The Boydell Press, 2006.
- McTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Oxford: Blackwell, 2005.

- McTURK, Rory. *The supernatural in Njáls saga: a narratological approach*. IN: → HINES & SLAY, 1992, pp. 102-124.
- MEES, Bernard. *Völkische Altnordistik: The Politics of Nordic Studies in the German-Speaking Countries, 1926-45*. IN: BARNES, G. & CLUNIES ROSS, M. (eds.) *Old Norse Myths, Literature and Society. Proceedings of the 11th International Saga Conference. 2-7 July 2000, University of Sydney*. Sydney: Centre for Medieval Studies, University of Sydney, 2000.
- MEGALE, Heitor. (texto sob os cuidados de) *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- MESCHONNIC, Henri. *Ethics and politics of translating. Translated and edited by Per-Pascal Boulanger*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2011.
- MILTON, John. *Tradução. Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MOOSBURGER, T. B. (Introdução, tradução e notas). *Saga dos Volsungos. Anônimo do séc. XIII*. São Paulo: Hedra, 2009.
- MOOSBURGER, T. B. (Tradução do islandês antigo e adaptação) *A Saga de Gunnlaug Língua-de-Serpente*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.
- MOOSBURGER, T. B. (Tradução, posfácio e notas). *Três sagas islandesas (anônimo do séc. XIII)*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- MOOSBURGER, T. B. *O verso aliterativo nórdico antigo: duas traduções do Rúnatal (Hávamál 138-145)*. In-Traduções Ed. 3, 2010/2.
- MOOSBURGER, T. B. *Tradução comentada dos versos 1-609 do épico bizantino Vasileios Digenis Akritis. Dissertação de mestrado. Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa*. Florianópolis: UFSC, 2008.
- MUCENIECKS, André Szczawlińska. *Virtude e Conselho na Pena de Saxo Grammaticus. Dissertação de mestrado*. Curitiba: UFPR, 2008.
- MUNDAY, Jeremy. *The Routledge Companion to Translation Studies. Revised Edition*. London and New York: Routledge, 2009.
- NECKEL, G (ed.). *Edda. Die Lieder des Codex Regius Nebst Verwandten Denkmälern. I. Text*. (5a. edição revisada por Kuhn, H.) Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag, 1983.

- NEJMANN, Daisy (ed.). *A History of Icelandic literature*. Lincoln & London: University of Nebraska Press, 2006.
- NEJMANN, Daisy L. *Colloquial Icelandic. A Complete Course for Beginners*. London / New York: Routledge, 2001.
- NELSON, Brian & MAHER, Brigid (eds.). *Perspectives on Literature and Translation. Creation, Circulation, Reception. Routledge Advances in Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2013.
- NORDAL, Sigurður. *Um íslenzkar fornsögur*. Reykjavík: Mál og Menning, 1968.
- NUNES, Irene Freire (ed.). *A Demanda do Santo Graal. 2ª edição revista*. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica. 7ª. edição*. Lisboa: Livraria Clássica, 1970. [1906¹].
- O'DONOGHUE, Heather. *Old Norse-Icelandic Literature: A Short Introduction*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell, 2004.
- O'DONOGHUE, Heather. *Skaldic Verse and the Poetics of Saga Narrative*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- O'DONOGHUE, Heather. *From Asgard to Valhalla. The Remarkable History of Norse Myths*. London and New York: I. B. Tauris, 2007a.
- O'DONOGHUE, Heather. *Women in Njáls saga*. IN: → HINES & SLAY, 1992, pp. 83-92.
- O'DONOGHUE, Heather. *From Runic Inscriptions to Runic Gymnastics*. IN: CLARK & PHELPSTEAD, 2007b, pp. 101-118.
- ÓLASON, Vésteinn (ed.). *Íslensk Bókmenntasaga I*. Reykjavík: Mál og Menning, 2006 (¹1992)
- ÓLASON, Vésteinn (ed.). *Íslensk Bókmenntasaga II*. Reykjavík: Mál og Menning, 2006 (¹1993)
- ÓLASON, Vésteinn. *Dialogues with the Viking Age. Narration and Representation in the Sagas of the Icelanders*. Reykjavík: Heimskringla, 1998.
- ÓLASON, Vésteinn. *Family sagas*. IN: → McTURK, 2005, pp. 101-118.
- ÓLASON, Vésteinn. *Old Icelandic Poetry*. IN: → NEJMANN, 2006, pp. 1-64.
- ÓLASON, Vésteinn (ed.). *Saga af Tristram og Ísönd*. Reykjavík: Mál og Menning, 1987.

- OLAVIUS, Olaus (ed.). *Sagan af Niali Þorgeirssyni ok sonum hans*. Kaupmannahaufn: Johann Rúdolph Thiele, 1772.
- ÓSKARSDÓTTIR, Svanhildur. *Um Brennu-Njáls sögu*. IN: → THORSSON (org), 1996, pp. vii-xxv.
- PAES, José Paulo. *Tradução: A ponte necessária - aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.
- PAGE, R. I. *Runes (Reading the Past)*. London: The British Museum Press, 1987.
- PÁLSSON, Heimir. *Lykill að Íslendingasögum*. Reykjavík: Mál og Menning, 1998.
- PÁLSSON, Hermann. *Sagnaskemmtun Íslendinga*. Reykjavík: Mál og Menning, 1962.
- PÁLSSON, Hermann. *Uppruni Njálu og hugmyndir*. Reykjavík: Bókaútgáfa Menningarsjóðs, 1984.
- PÉTURSSON, Hannes. *Bókmenntir. Alfræði Menningarsjóðs*. Reykjavík: Bókaútgáfa Menningarsjóðs og Þjóðvinafélagsins, 1972.
- POEWE, Karla. *New Religions and the Nazis*. London & New York: Routledge, 2006.
- POOLE, Russel. *Metre and metrics*. IN: → McTURK, 2005, pp. 265-284.
- PORTVGALIAE MONVMENTA HISTORICA. A saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum. Iussu Academiae Scientiarum Olisponensis Edita. Scriptores. Volumen I. Lisboa: (Typi Academici) Typis Academicis, 1856.
- PUSCHNER, Uwe. *The Notions Völkisch and Nordic: A Conceptual Approximation*. IN: JUNGINGER & ÅKERLUND, 2013, pp. 21-38.
- RAMALHO, Erick (tradução, introdução e notas). *Beowulf. Edição bílíngüe*. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.
- REID, Sian Lee & RABINOVITCH, Shelley Tsivia. Witches, Wiccans, and Neo-Pagans: A Review of Current Academic Treatments of Neo-Paganism. IN: LEWIS, James R. (ed.). *The Oxford Book of New Religious Movements. Online Publication, 2009 (2008)*.
- RICHARDS, Julian D. *Vikings. A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- RIKVIN, Julie & RYAN, Michael. *Introduction: Language and Action*. IN: RIKVIN & RYAN (eds.), 2004, pp. 127-130.

- RIKVIN, Julie (ed.) & RYAN, Michael (ed.). *Literary Theory: An Anthology. Second Edition*. Oxford: Blackwell, 2004.
- ROESDAHL, Else. *The Vikings. Second Edition. Translated [from the danish] by S. M. Margerson and K. Williams*. London: Penguin Books, 1998.
- RUUD, Jay. *Encyclopedia of Medieval Literature*. New York: Facts on File, 2006.
- SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. *Scandinavia enters Christian Europe*. IN: → HELLE, 2003. pp. 147-159.
- SEAVER, Kirsten A. *The Last Vikings. The Epic Story of the Great Norse Voyages*. London: I B Tauris, 2010.
- SEGANFREDO, Carmen & FRANCHINI, A. S. *Fúria Nórdica. Sagas Vikings*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2011.
- SCHLEIERMACHER, Friederich. *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll*. IN: → HEIDERMAN, 2001, pp. 25-87.
- SCHNURBEIN, Stefanie v. *The Use of Theories of Religion in Contemporary Asatru*. IN: → JUNGINGER & ÅKERLUND, 2013, pp. 225-244.
- SCHNURBEIN, Stefanie v. *Shamanism in the Old Norse tradition: a theory between ideological camps*. IN: History of Religions 43, no. 2 (Nov 2003): p. 116-138.
- SHAW, Philip Andrew. *Uses of Wodan. The Development of his Cult and of Medieval Literary Responses to it*. PhD thesis. Leeds: University of Leeds, 2002.
- SIGURÐSSON, Gísli. (Ed.) *Eddukvæði*. Reykjavik: Mál og Menning, 1999.
- SIGURÐSSON, Gísli. *The Medieval Icelandic Saga and Oral Tradition. A Discourse on Method*. Harvard: Harvard University Press, 2004.
- SIGURÐSSON, Gísli. *Orality and Literacy in the Sagas of Icelanders*. IN: → McTURK, 2005, pp. 285-301.
- SIMEK, Rudolf. *The Use and Abuse of Old Norse Religion. Its Beginnings in High Medieval Iceland*. IN: → ANDRÉN et. al., 2006, pp. 377-380.
- SMILEY, Jane. *Preface*. IN: *The Sagas of Icelanders. A selection*. London: Penguin, 2000.

- SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval* (2ª edição revisada). São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997 (1ª Edição: *Iniciação na Cultura Literária Medieval*, 1973.).
- SPINA, Segismundo. *Manual de Versificação Românica Medieval*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- STAECKER, Jörn. *Decoding Viking Art: The christian iconography of the Bamberg shrine* In: HÅRDH, B., JEENBERT, K. & OLAUSSON, D. (eds). *On the Road: Studies in Honour of Lars Larsson*. Acta Archaeologica Lundensia, 26. Stockholm: Stockholm University Press, 2007, p. 299-304.
- STEINER, George. *Depois de Babel* (Tradução: Carlos Alberto Faraco). Curitiba: Editora da UFPR, 2005.
- STRÖM, Folke. *Níð, Ergi, and Old Norse Moral Attitudes. The Dorothea Coke Memorial Lecture in Northern Studies delivered at University College London 10 May 1973*. London: Viking Society for Northern Research, 1974.
- STRÖMBÄCK, Dag. *The Conversion of Iceland. A Survey. Translated and Annotated by Peter Foote*. London: Viking Society for Northern Research, 1975.
- STURLUSON, Snorri. *Edda* (Translated and edited by Anthony Faulkes). London: Everyman, 1987.
- STURLUSON, Snorri. *Edda. Prologue and Gylfaginning* (Edited by Anthony Faulkes). *Second Edition*. London: Viking Society for Northern Research – University College London, 2005 (primeira edição: Oxford University Press, 1982).
- STURLUSON, Snorri. *Edda. Skáldskaparmál I. Introduction, Text, and Notes* (Edited by Anthony Faulkes). *Second Edition*. London: Viking Society for Northern Research – University College London, 2007a (reimpressão com correções da primeira edição: Viking Society for Northern Research, 1998).
- STURLUSON, Snorri. *Edda. Skáldskaparmál II. Glossary and Index of Names* (Edited by Anthony Faulkes). *Second Edition*. London: Viking Society for Northern Research – University College London, 2007b (reimpressão com correções da primeira edição: Viking Society for Northern Research, 1998).
- STURLUSON, Snorri. *Edda. Háttatal* (Edited by Anthony Faulkes). *Second Edition*. London: Viking Society for Northern Research – University College London, 2007c (primeira edição: Oxford University Press, 1991).

- STURLUSON, Snorri. *Heimskringla. Nóregs konunga sögur. Udgivet af Finnur Jónsson*. København: Gads Forlag, 1911.
- SVEINSSON, Einar Ólafur (ed.). *Íslensk Fornrit XII. Brennu-Njáls saga*. Reykjavík: Hið Íslenska Fornritafélag, 1954.
- SVEINSSON, Einar Ólafur. *Dating the Icelandic Sagas. An Essay in Method*. London: Viking Society for Northern Research, 1958.
- SWEET, H., M.A. *An Icelandic Primer*. Oxford: Clarendon Press, 1895.
- The Sagas of Icelanders. A selection*. London: Penguin, 2000.
- THORSSON, Örnólfur (org). *Brennu-Njáls saga*. Reykjavík: Mál og Menning, 1996 (¹1991)
- ÞORGILSSON, Ari. *Íslendingabók (Libellus Islandorum)*. IN : → BENEDIKTSSON, 1986, parte 1, pp. 1-28.
- TÓMASSON, Sverrir & THORSSON, Örnólfur. *Um Íslendinga sögur*. IN: → THORSSON (org), 1996, pp. 483-557.
- TÓMASSON, Sverrir. *Old Icelandic prose*. IN: → NEJMANN, 2006, pp. 64-163.
- TULINIUS, Torfi H. (org.). *Galdramenn. Galdrar og samfélag á miðöldum*. Reykjavík: Hugvísindastofnun Háskóla Íslands, 2008.
- VALFELLS, Sigrid & CATHEY, James E. *Old Icelandic. An Introductory Course*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- VENUTI, Lawrence. (Trad. Carolina Alfaro) *A invisibilidade do tradutor*. In: *Palavra 3*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução. Por uma ética da diferença*. Bauru: Edusc, 2002.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility*. London / New York: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. London / New York: Routledge, 2000.
- VENUTI, Lawrence. *Translation, Interpretation, Canon Formation*. IN : LIANERI & ZAJKO, 2008, pp. 27-51.
- WAWN, Andrew. *The Vikings and the Victorians. Inventing the Old North in 19th Century Britain*. London: D. S. Brewer, 2000.
- WAWN, Andrew. *The Post-Medieval Reception of Old Norse and Old Icelandic Literature*. IN: McTURK, 2005, pp. 320-337.
- WEISSBORT, Daniel (ed.) & EYSTEINSSON, Astradur (ed.). *Translation – Theory and Practice: A Historical Reader*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. 5^a ed. Tradução de José Palla e Carmo. Sintra: Europa-América, 1962.
- WHALEY, Diana. *Skaldik poetry*. IN: → McTURK, 2005, pp.: 479-502.
- WILSON, Rita. *Terra Australis Incognita Even Now? The Reception of Contemporary Australian Literature in Italian Translation*. IN: NELSON & MAHER, 2013, pp. 178-194.
- WOLF, Michaela. *Introduction. The emergence of a sociology of translation*. IN: WOLF & FUKARI, 2007, pp. 1-36.
- WOLF, Michaela & FUKARI, Alexandra (eds.). *Constructing a Sociology of Translation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- ZOËGA, G. T. *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Oxford: Clarendon Press, 1910.
- ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1972.
- ZUMTHOR, Paul. *From the Universal to the Particular in Medieval Poetry* IN: *MLN*, Vol. 85, No. 6, Comparative Literature. (Dec., 1970), pp. 815-823.
- ZUMTHOR, Paul. *Permanência da voz*. IN: *O Correio da Unesco* v. 13, n. 10. out. 1985, pp. 4-8.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.